

O Codex 632

José Rodrigues dos Santos

Gradiva — Publicações, Lda
1ª edição: Outubro de 2005
Portugal

À Florbela, à Catarina e à Inês, as minhas três mulheres.

Aviso

Todos os livros, manuscritos e documentos mencionados neste romance existem. Incluindo o Codex 632.

Prólogo

Quatro.

O velho historiador não sabia, não podia saber, que só lhe restavam quatro minutos de vida.

O elevador do hotel aguardava-o de portas escancaradas e o homem carregou no décimo-segundo botão. O ascensor iniciou a viagem e o seu ocupante admirou-se ao espelho. Achou-se acabado; viu-se calvo no topo da cabeça, apenas tinha cabelos por trás das orelhas e na nuca; e eram cabelos grisalhos, alvos como a neve, tão brancos quanto a barba rala que lhe escondia a cara magra e chupada, riscada por rugas profundas; arreganhou os lábios e analisou os dentes desalinhados, amarelos de tão



baços, com exceção dos falsos que lhe tinham sido implantados, eram esses os únicos que respiravam uma saúde nívea de marfim.

Três.

Um tim suave foi a forma encontrada pelo elevador para lhe anunciar que tinham chegado ao destino, era favor o ocupante sair e ir à sua morte porque ele, o elevador, tinha mais hóspedes para atender. O velho pisou o corredor, virou à esquerda, procurou com a mão direita a chave no bolso e encontrou-a; era uma ficha branca de plástico com o nome do hotel num lado e uma fita escura no outro; a fita continha o código da chave. O velho colocou a ficha na ranhura da porta, acendeu-se uma luz verde na fechadura, rodou a maçaneta e entrou no quarto.

Dois.

Foi recebido pelo bafo seco e gelado do ar condicionado, os pelos eriçaram-se-lhe com o frio gostoso, pensou em como era bom sentir aquela frescura depois de uma manhã inteira sujeito ao calor abrasador da rua. Curvou-se sobre o frigorífico rasteiro, abriu a porta, tirou o copo com o sumo e aproximou-se da larga janela. Com um suspiro tranquilo admirou os prédios altos e antiquados de Ipanema; mesmo em frente plantava-se um pequeno edifício branco de cinco andares, sob o sol quente do início de tarde cintilava no terraço uma piscina de água azul-turquesa, convidativa e refrescante; ao lado erguia-se um prédio escuro mais alto, com largas varandas peçadas de cadeiras e espreguiçadeiras; os morros, lá ao fundo, formavam uma barreira natural que cercava a floresta de betão com os seus curvos contornos verdes e cinza; o Cristo Redentor acenava de perfil no Corcovado, figurinha esguia e ebúrnea a abraçar a cidade lá do alto, frágil e minúscula, equilibrando-se sobre o abismo do maciço arbóreo do mais alto morro da cidade, pairando na crista do miradouro acima de um pequeno tufo esbranquiçado de nuvens que se colara ao topo do promontório.

Um.

O velho levou à boca o copo e sentiu o líquido alaranjado descer-lhe suavemente pela garganta, doce e fresco. O suco de manga era a sua bebida favorita, especialmente porque o açúcar fazia sobressair o travo meloso do fruto tropical; além do mais, as sucarias produziam um sumo puro, sem água, com a fruta descascada na hora, e o sumo de manga vinha compacto, os fios do fruto misturados no líquido espesso e

revigorante. O velho engoliu o sumo até ao fim, de pálpebras cerradas, saboreando a manga com vagarosa gula. Quando terminou, abriu os olhos e observou prazenteiramente o azul resplandecente da piscina no terraço do prédio à frente do quarto. Foi a derradeira imagem que registou.

Dor.

Rebentou-lhe nesse instante no peito uma dor lancinante; contorceu-se numa convulsão, dobrou-se sobre si, agitou-se num espasmo incontrollável; a dor tornou-se insuportável e o homem tombou no chão, fulminado, os olhos rolaram e ficaram fixos e vidrados no tecto do quarto, imóveis, o corpo deitado de barriga para cima, os braços abertos e as pernas esticadas, tremendo numa derradeira contracção.

O seu mundo chegara ao fim.

I

"O quê? Queres outra vez torradas com manteiga?"

"Que' o"

"Outra vez?"

Tomás suspirou pesadamente. Agastado, manteve o olhar fixo na filha, com ar de reprovação, como se a estivesse a intimar a mudar de ideias. Mas a rapariga fez que sim com a cabeça, ignorando olímpicamente a irritação do pai.

"Que'o."

Constança olhou desaprovadamente para o marido.

"Ó Tomás, deixa-a lá comer o que quiser."

"Eh, pá, mas é sempre a mesma coisa, já chateia", protestou. "É sempre torradas com manteiga, torradas com manteiga, todos os dias." Acentuou a palavra todos e fez uma careta de repulsa. "Já não lhe aguento o cheiro, dá-me vômitos."

"Mas ela é mesmo assim, o que queres?"

"Eu sei", resmungou Tomás. "Mas podia ao menos tentar mudar, não é?" Ergueu o indicador direito. "Pelo menos uma vez na vida. Uma. Não peço mais. Só uma."

Fez-se silêncio.

"Que'o to'adas co' manteiga", murmurou a filha, imperturbável.

Constança saiu do fogão, tirou do saco duas fatias de pão de forma sem cõeada e depositou-as na grelha da torradeira.

"Já vai, Margarida. A mãe já te dá as torradas, minha filha."

O marido encostou-se na cadeira e suspirou com desânimo.

"Além do mais, come que nem uma alarve." Fez um gesto agastado com a cabeça. "Olha para ela, a lambuzar-se toda, a comilona. Até saliva a olhar para a torradeira."

"Ela é mesmo assim."

"Mas não pode ser", exclamou Tomás, abanando a cabeça. "Dá-nos cabo do orçamento todo a comer desta maneira. Não ganhamos para isto."

A mãe aqueceu o leite no microondas, deitou-lhe duas colheres de chocolate em pó e duas colheres de açúcar, mexeu e colocou o copo na mesa. Instantes depois, a torradeira fez o tradicional dic, anunciando que as torradas estavam prontas. Constança retirou-as da torradeira, barrou-as com um pouco de margarina e entregou-as à filha, que logo as meteu na boca com a parte da margarina voltada para baixo, como era seu hábito.

"Hmm, ma'avilha!", gemeu Margarida, saboreando as torradas quentes. Pegou no copo e engoliu mais um pedaço de leite com chocolate; quando pousou o copo, tinha um bigode de chocolate pintado sobre os lábios. "Muita bom!"

Pai e filha saíram do apartamento dez minutos depois. A manhã despertara fria e ventosa, a brisa soprava de norte, desagradável, e agitava os choupos num farfalhar intranquilo, nervoso; gotas de água cobriam o automóvel, cristalinas e reluzentes, e o alcatrão apresentava-se com pequenos lençóis molhados; parecia que tinha chovido, mas eram, afinal, os vestígios do manto de humidade que tombara durante a noite, embaciando vidros e depositando-se aqui e ali, minúsculos lagos abertos um pouco por toda a vila de Oeiras.

Tomás levava a pasta numa mão e agarrava com a outra os dedinhos da menina; Margarida vinha com uma saia de ganga clara e um casaco azul-escuro, carregando com desenvoltura a mochila às costas. O pai abriu a porta do pequeno Peugeot branco, pôs Margarida no banco de trás, arrumou a mochila e a pasta nos pés dos assentos e sentou-se ao volante; ligou a ignição, fez marcha atrás e arrancou. Ia com pressa, a filha estava atrasada para a escola e ele tinha de vencer os engarrafamentos matinais para ir dar uma aula à faculdade, em pleno centro de Lisboa.

No primeiro semáforo espreitou pelo retrovisor. No banco de trás, Margarida devorava o mundo com os seus grandes olhos negros, vivos e esfomeados, contemplando as pessoas a cruzarem os passeios e a mergulharem no nervoso bulício da vida. Tomás procurou vê-la como um estranho a veria, os olhos rasgados e o cabelo fino e escuro, o ar de asiática gorduchinha. Chamar-lhe--iam anormal? Tinha a certeza de que sim. Não era isso, afinal, o que ele próprio antes lhes chamava, quando os via na rua ou no supermercado? Anormais. Imbecis. Atrasados mentais. Como eram irónicas as voltas que a vida dava.

Lembrava-se, como se tivesse sido ainda hoje, daquela manhã primaveril, nove anos antes, quando chegou à maternidade, efusivo e excitado, transbordando de alegria e entusiasmo, sabendo que era pai e querendo ver a filha que nascera naquela madrugada. Foi a correr para o quarto com um ramo de madressilvas na mão, abraçou a mulher e beijou a menina recém-nascida, beijou-a como a um tesouro, e comoveu-se ao vê-la assim, aconchegada no berço, as faces rosadinhas e o ar patusco, parecia um minúsculo e sonolento Buda, tão sábia e tranquila.

Não durou meia hora esse momento de felicidade plena, transcendente, celestial. Ao fim de vinte minutos, a médica entrou no quarto e, fazendo-lhe um sinal discreto, chamou-o ao seu gabinete. Com ar taciturno, começou por lhe perguntar se tinha antepassados asiáticos ou com características especiais nos olhos; Tomás não gostou da conversa e, de modo seco e directo, indicou--lhe que, se tinha alguma coisa para dizer, que o dissesse; foi então que a médica lhe explicou que antigamente se dizia que determinado tipo de pessoa era mongolóide, expressão caída em desuso, substituída por pessoa com síndrome de Down, ou então com trissomia 21.

Foi como se lhe tivessem dado um murro no estômago. O chão abriu-se-lhe sob os pés, o futuro mergulhou numa treva sem retorno. A

mãe reagiu com um mutismo profundo, ficou muito tempo sem querer falar no assunto, os planos para a filha tinham--se desmoronado com aquela terrível sentença. Ainda viveram uma semana de ténue esperança, enquanto o Instituto Ricardo Jorge efectuava o cariótipo, o teste genético que esclareceria todas as dúvidas; passaram esses dias a tentarem convencer-se de que tinha havido um equívoco, afinal parecia a Tomás que a pequena tinha expressões da avó paterna e Constança identificava sinais característicos de uma tia, com certeza que os médicos se tinham enganado, é lá possível que esta menina seja atrasada mental, francamente, é preciso ter lata para sugerir tal coisa! Mas um telefonema efectuado oito dias depois por uma técnica do instituto, com as fatídicas palavras "o teste deu positivo", tudo tornou definitivo.

O choque revelou-se brutal para o casal. Tinham ambos vivido meses a projectar esperanças naquela filha, a acalantar sonhos na menina que os prolongaria, que os projectaria para além da vida; esse castelo desfez-se com aquela meia dúzia de palavras secas. Apenas restou a incredulidade, a denegação, a sensação de injustiça, o turbilhão incontrollável da revolta. A culpa era do obstetra que nada percebera, era dos hospitais que não estavam preparados para aquelas situações, era dos políticos que não queriam saber dos verdadeiros problemas das pessoas, era, afinal, da merda do país que temos. Depois veio a sensação de perda, uma profunda dor e um inultrapassável sentimento de culpa. Porquê eu? Porquê a minha filha? Porquê? A pergunta foi mil vezes formulada e ainda agora Tomás dava consigo a repeti-la. Passaram noites em branco a interrogarem-se sobre o que tinham feito de mal, a questionarem-se sobre as suas responsabilidades, à procura de erros e de faltas, de responsáveis e de culpados, de razões, do sentido de tudo aquilo. Numa terceira fase, as preocupações deixaram de se centrar em si e passaram a voltar-se para a filha. Questionaram-se sobre o seu futuro. O que faria ela da vida? O que seria dela quando fosse mais velha e já não tivesse os pais para a ajudarem e protegerem? Quem trataria da filha? Como se sustentaria? Viveria bem? Seria autónoma?

Seria feliz?

Chegaram a desejar-lhe a morte. Um acto de caridade divina, sugeriram. Um acto de misericórdia. Seria talvez melhor para todos, melhor para ela própria, poupar-lhe-ia tanto sofrimento desnecessário! Não há, afinal, bens que vêm por mal?

Um sorriso da bebé, uma simples troca de olhares, uma gracinha inocente e tudo de repente se transformou. Como num passe de mágica, deixaram de ver em Margarida uma anormal e passaram a reconhecer nela a sua filha. Concentraram a partir daí todas as energias na menina, nada era bom de mais para a ajudar, viveram até na ilusão de que a haveriam de "curar". A sua vida tornou-se a partir daí um corrupio entre institutos, hospitais, clínicas e farmácias, com periódicas avaliações cardiológicas, oftalmológicas, audiológicas, da tiróide, da instabilidade atlanto-axial, um sem-número de exames e testes que a todos esgotaram. No meio daquela vida foi um verdadeiro milagre Tomás ter conseguido concluir o seu doutoramento em História, revelou-se incrivelmente difícil estudar criptanálise renascentista, com os seus complicados enigmas de Alberti, Porta e Vigenère, por entre tantas fadigas e correrias para médicos e analistas. O dinheiro faltava, o seu ordenado na faculdade e o que ela ganhava a leccionar Artes Visuais no secundário mal chegavam para as despesas diárias. Feitas as contas, tamanho esforço teve consequências inevitáveis na vida do casal; Tomás e Constança, absorvidos nos seus problemas, quase deixaram de se tocarem. Não havia tempo para isso.

"Ó pai, vamos canta'ola'?"

Tomás estremeceu, regressando ao presente. Voltou a olhar pelo retrovisor e sorriu.

"Estava a ver que te tinhas esquecido, filha. O que queres que eu cante?"

"Aquele do Ma'ga'ida olha po' mim." O pai pigarreou, afinando a voz:

Eu sou uma Margarida,

Flor do teu jardim.

Sou tua,

Meu pai.

Eu sei que olhas por mim.

"Boa! Boa!", exclamou ela, eufórica, batendo palmas. "Ago'a o Zé ape'ta o laço."

Estacionou na garagem da faculdade, ainda semideserta às nove e meia da manhã. Apanhou o elevador até ao sexto andar, foi verificar a

correspondência ao gabinete e buscar as chaves ao secretariado, desceu pelas escadas até ao terceiro, passando por entre as estudantes que se aglomeravam no átrio e tagarelavam ruidosamente entre si. A sua presença suscitava sussurros excitados entre as raparigas, para quem Tomás parecia um galã, um homem alto e vistoso, de trinta e cinco anos e olhos verdes cintilantes; eram esses olhos a herança mais marcante da sua bela bisavó francesa. Abriu a porta da sala T9, teve de premir uma série de interruptores para se acenderem todas as luzes e colocou a pasta sobre a mesa.

Os alunos entraram em catadupa, pairando num burburinho matinal, espalhando-se pela pequena sala em grupos, mais ou menos todos nos lugares habituais e junto dos companheiros do costume. O professor tirou os apontamentos da pasta e sentou-se; fez um compasso de espera, aguardando que os estudantes se instalassem e que os mais atrasados entrassem. Estudou aqueles rostos que conhecia havia apenas pouco mais de dois meses, quando do começo do ano lectivo; eram quase todas raparigas, umas ainda ensonadas, algumas bem arrançadas, a maioria algo desleixada, eram mais do estilo intelectual, preferiam passar o tempo a queimar as pestanas do que a pintá-las. Tomás já aprendera a tirar-lhes o retrato ideológico. As desleixadas tendiam a ser de esquerda, privilegiavam a substância e desprezavam a forma; as mais cuidadas eram geralmente de direita, católicas e discretas; já as amantes dos prazeres da vida, maquilhadas e perfumadas, não queriam saber de política nem de religião, a sua ideologia era encontrarem um rapaz promissor para marido. O burburinho prolongou-se, mas os retardatários tornaram-se raros, apareciam já a conta-gotas.

Considerando estarem, por fim, reunidas as condições adequadas para dar início à aula, Tomás ergueu-se da mesa e enfrentou a classe.

"Então muito bom dia."

"Bom dia", responderam os estudantes num murmúrio desalinhado.

O professor deu uns passos diante das primeiras secretárias.

"Nas aulas anteriores, como bem se lembram, falámos sobre o aparecimento da escrita na Suméria, designadamente em Ur e Uruk. Estudámos as inscrições cuneiformes de uma plaqueta de Uruk e lemos o mais antigo texto de ficção que se conhece, A Epopeia de Gilgamesh". Mais alunos entraram na sala. "Vimos ainda uma estela do rei Marduk e

analisámos os símbolos da Acádia, da Assíria e da Babilónia. Falámos depois sobre os egípcios e os hieróglifos, lendo trechos do Livro dos Mortos, as inscrições no templo de Karnak e uma série de papiros." Fez uma pausa para estabelecer o fim do sumário da matéria já coberta. "Hoje, e para concluir a parte respeitante ao Egipto, vamos saber de que modo foram decifrados os hieróglifos." Parou e olhou em redor. "Alguém tem uma ideia?"

Os estudantes sorriram, habituados à forma trapalhona como o professor os convidava a participarem na aula.

"Foi a pedra de Roseta", disse uma aluna, esforçando-se por permanecer séria.

O envolvimento da pedra de Roseta na decifração dos hieróglifos era um conhecimento elementar.

"Sim", assentiu Tomás com ar não muito convencido, o que surpreendeu os alunos. "A pedra de Roseta desempenhou sem dúvida o seu papel, mas não se pode dizer que tenha sido o único factor. Nem sequer, se calhar, o mais importante."

Multiplicaram-se os semblantes intrigados na sala. A aluna que respondera à pergunta manteve-se em silêncio, acabrunhada por não ter sido totalmente bem sucedida na resposta. Mas outros agitaram-se nas cadeiras.

"Como assim, professor?", adiantou uma estudante sentada à esquerda, uma gordinha baixa e de óculos, habitualmente das mais atentas e participativas. Tinha um ar prendado, devia ser católica. "Então não foi a pedra de Roseta que forneceu a chave do significado dos hieróglifos?"

Tomás sorriu. A desvalorização da importância da pedra de Roseta, implícita no seu tom, produzira o efeito que desejava. Acordara a sala.

"Sim, deu uma ajudinha. Mas houve muito mais do que isso." Uma nova aluna entrou na sala e o professor observou-a de relance, distraidamente. "Como vocês sabem, durante séculos..." Hesitou, retendo a atenção na recém-chegada. "Uh... durante séculos... os hieróglifos..." Era uma rapariga que nunca tinha visto. "Os hieróglifos permaneceram... uh... eles permaneceram um grande mistério." A rapariga desconhecida foi sentar-se na última fila, isolada de todos e, por esta altura, observada por

todos. "Os... uh... hieróglifos mais antigos..." Tinha um cabelo loiro aos canudos, brilhante e vivo, e um corpo voluptuoso. "Pois... os primeiros hieróglifos remontam a... uh... três mil anos antes de Cristo." Tomás fez um esforço para se concentrar na matéria e obrigou-se a desviar o olhar da rapariga, percebeu que não lhe ficava bem permanecer embasbacado a observá-la e continuar a gaguejar. "Os... uh... hieróglifos permaneceram quase inalterados durante mais de três mil anos, até que, no final do século iv d. C, deixaram de ser usados. O seu uso e a sua leitura perderam-se subitamente, no espaço de apenas uma geração. E sabem porquê?"

A classe permaneceu em silêncio. Ninguém sabia.

"Os egípcios ficaram amnésicos?", gracejou um aluno, um dos raros rapazes que integravam a turma.

Risinhos na sala, as raparigas achavam-lhe graça.

"Por causa da Igreja cristã", explicou o professor com um sorriso forçado. "Os cristãos proibiram os egípcios de usarem os hieróglifos. Queriam cortar com o seu passado pagão, queriam obrigá-los a esquecerem ísis, Osíris, Anúbis, Horus e toda aquela imensa corte de deuses. O corte foi de tal modo radical que o conhecimento da antiga escrita pura e simplesmente desapareceu." O professor fez um gesto rápido. "Puf!", soprou. "De um momento para o outro, nem uma única pessoa se tornou capaz de perceber o que os hieróglifos queriam dizer. A velha escrita egípcia passou à história enquanto o diabo esfrega um olho." Tomás atreveu-se, agora que já tinha decorrido pelo menos um minuto, a mirar de fugida a recém-chegada. "O interesse pelos hieróglifos manteve-se hibernado e só se reacendeu no final do século xvi, quando, por influência de um livro misterioso, intitulado *Hypnerotomachia Poliphili*, de Francesco Colonna, o papa Sisto V mandou colocar obeliscos egípcios nas esquinas das novas avenidas de Roma." Tomás achou-a uma deusa, embora de um género decerto diferente de ísis. "Os eruditos começaram a tentar decifrar aquela escrita, mas não percebiam nada, achavam estarem diante de semagramas, caracteres que representavam ideias completas." Ela era mais do género das divindades nórdicas. "Quando Napoleão invadiu o Egipto, mandou vir atrás de si uma equipa de historiadores e cientistas com a missão de cartografarem, registarem e medirem tudo o que encontrassem." Uma espécie de cortesã para animar os festins de Tor e Ódin. "Essa equipa chegou ao Egipto em 1798 e, no ano seguinte, foi

chamada pelos soldados estacionados no Fort Julien, no delta do Nilo, para ver uma coisa que eles encontraram na cidade de Roseta, ali nas proximidades." A loira tinha olhos de um azul--turquesa cristalino, a pele de um branco lácteo e irradiava uma beleza espampanante, daquelas particularmente apreciadas pelos homens e desprezadas pelas mulheres. "Os soldados tinham recebido a missão de demolirem uma parede, de modo a abrirem caminho para o forte que ocupavam, quando descobriram, inserida na parede, uma pedra com três tipos de inscrição." Tomás concluiu tratar-se de uma estrangeira, era raro em Portugal aquele tipo de loiras tão clarinhas. "Os cientistas franceses olharam para a pedra, identificaram caracteres gregos, demóticos e hieróglifos, concluíram que se tratava do mesmo texto nas três línguas e aperceberam-se imediatamente da importância da descoberta." Seria alemã? "O problema é que as tropas britânicas avançaram sobre o Egito e derrotaram as francesas, e a pedra, que era suposto ser enviada para Paris, acabou por ser remetida para o Museu Britânico, em Londres." Podia ser italiana ou francesa, mas Tomás apostava num país nórdico. "A tradução do grego revelou que a pedra continha um decreto da assembleia dos sacerdotes egípcios, registando os benefícios que o faraó Ptolemeu concedera ao povo do Egito e as honras que, em troca, os sacerdotes endereçaram ao faraó." Talvez fosse holandesa ou mesmo inglesa, mas a Tomás cheirava-lhe que ela viera da Alemanha, não seria do género alemã-cavalona nem alemã-vaca, mas antes alemã modelo, alta e resplandecente, uma verdadeira capa de revista. "Ora, concluíram os cientistas ingleses, se as outras duas inscrições continham o mesmo édito, então não seria difícil decifrar os textos demótico e hieroglífico."

"Ah!", exclamou a aluna gordinha de óculos, a mesma vivaça que antes interrogara o professor. "Então sempre foi a pedra de Roseta que forneceu a chave para decifrar os hieróglifos..."

"Calma", pediu Tomás, erguendo a mão direita. "Calma." Fez uma pausa dramática. "A pedra de Roseta tinha três problemas." Ergueu o polegar. "Em primeiro lugar, estava danificada. O texto grego mantinha-se relativamente intacto, mas faltavam partes importantes do demótico e sobretudo do hieroglífico. Desapareceu metade das linhas do hieroglífico e as restantes catorze linhas encontravam-se deterioradas." Ergueu o indicador. "Depois, havia o problema de os dois textos por decifrar estarem escritos em egípcio, uma língua que se presumia não ser falada há pelo menos oito séculos. Os cientistas conseguiam perceber quais eram os

hieróglifos correspondentes a determinadas palavras gregas, mas desconheciam o seu som." Juntou o terceiro dedo. "Finalmente, havia o problema de estar muito enraizada entre os eruditos a ideia de que os hieróglifos eram semagramas, cada símbolo continha ideias completas, e não fonogramas, onde um símbolo representa um som, a exemplo do que acontece no nosso alfabeto fonético."

"Então como é que eles decifraram os hieróglifos?"

"A primeira brecha no mistério dos hieróglifos foi aberta por um prodígio inglês chamado Thomas Young, um homem que, aos catorze anos, já tinha estudado grego, latim, italiano, hebraico, caldeu, siríaco, persa, árabe, etíope, turco e... uh... e... deixem-me cá ver..."

"Chinamarquês?", arriscou o brincalhão da turma.

Risada geral.

"Samaritano", lembrou-se Tomás.

"Ah, então se sabia samaritano é por que era bom rapaz", insistiu o brincalhão, entusiasmado com o êxito das suas tiradas. "Um bom samaritano."

Novas gargalhadas.

"Vamos lá, vamos lá", disse o professor, que começava a ficar agastado com as piadinhas. Tomás sabia que todas as turmas tinham o seu palhaço, e este, pelos vistos, era o palhaço de serviço daquela turma. "Bem, o Young levou para as férias de Verão, em 1814, uma cópia das três inscrições da pedra de Roseta. Pôs-se a estudá-las bem e houve uma coisa que lhe chamou a atenção. Tratava-se de um conjunto de hieróglifos rodeados por uma carteia, uma espécie de anel. Presumiu que a carteia se destinava a sublinhar algo de grande importância. Ora, pelo texto em grego sabia que naquela zona se falava do faraó Ptolemeu, pelo que somou dois e dois e concluiu que a carteia assinalava o nome de Ptolemeu, era uma forma de importantizar o faraó. Foi nessa altura que ele deu um passo revolucionário. Em vez de partir do princípio de que aquela era uma escrita exclusivamente ideográfica, admitiu a hipótese de a palavra estar redigida foneticamente e pôs-se a fazer conjecturas sobre o som de cada hieróglifo dentro da carteia." O professor aproximou-se do quadro e desenhou um quadrado D. "Partindo do princípio de que se encontrava ali assinalado o nome de Ptolemeu, presumiu que este

símbolo, o primeiro da carteia, correspondia ao primeiro som do nome do faraó, o p." Desenhou ao lado uma metade de círculo com a base voltada para baixo C[^]. "Depois, admitiu que este símbolo, o segundo da carteia, era um í." Fez a seguir um leão deitado de perfil _2^S> • "Este leãozinho, achou ele que representava um /." Novo símbolo rabiscado no quadro branco, desta feita duas linhas horizontais paralelas unidas à esquerda <C~T". "Aqui julgou ter encontrado um w." Agora duas facas lado a lado na vertical (1 [). "Estas facas seriam um z." Finalmente, um gancho de pé I. "E este símbolo, um os." Rodou a cabeça e mirou a turma. "Estão a ver?" Apontou para os desenhos rabiscados no quadro e soletrou-os, acompanhando com o indicador. "P, t, l, m, i, os. Ptlmios. Ptolemeu." Voltou a encarar os alunos e sorriu com o ar de fascínio que descobriu naqueles rostos frescos. "Sabemos hoje que, na maior parte dos casos, ele acertou nestes sons." Afastou--se do quadro e aproximou-se da primeira fila. "E terminou aqui, meus caros, o papel da pedra de Roseta." Aguardou que esta ideia assentasse. "Foi um primeiro passo muito importante, é verdade, mas faltava ainda fazer muita coisa. Tendo completado a primeira leitura de um hieróglifo, Thomas Young foi à procura de confirmações. Descobriu uma outra carteia no templo de Karnak, em Tebas, e deduziu tratar-se do nome de uma rainha ptolemaica, Berenika. Também aqui acertou nos sons. O problema foi que Young considerou que estas transcrições fonéticas só se aplicavam a nomes estrangeiros, como era o caso da dinastia ptolemaica, descendente de um general de Alexandre, o Grande, e, conseqüentemente, estrangeira, e não levou esta linha de pensamento até às últimas conseqüências. Como resultado, o código acabou por não ser quebrado, apenas foi arranhado."

"Não estou a entender", interrompeu a gordinha de óculos. "Por que razão não foi ele mais longe? O que o levou a concluir que só os nomes estrangeiros estavam redigidos foneticamente?"

O professor hesitou, considerando por instantes como iria explicar melhor a ideia.

"Olhem, é como o chinês", disse por fim. "Alguém sabe chinês?"

A turma riu-se com a pergunta.

"Muito bem, já vi que ninguém percebe chinês, vá-se lá saber porquê. Não faz mal. O chinês, como é do conhecimento comum, tem uma escrita ideográfica onde cada símbolo representa uma ideia, não um som. O problema deste tipo de escrita é que é necessário inventar símbolos

sempre que aparece uma palavra nova. Enquanto nós, diante de palavras novas, basta-nos rearranjar os símbolos fonéticos já existentes para reproduzir essas palavras, os chineses vêem-se na contingência de terem de estar sempre a inventar novos símbolos, o que, em última instância, significa que vão acabar com milhares e milhares de símbolos, tornando-se impossível decorá-los a todos. Perante este problema, o que é que eles fizeram?"

"Tomaram comprimidos para a memória...", sugeriu o brincalhão.

"Fonetizaram a sua escrita", devolveu o professor, ignorando a chalaça. "Ou melhor, os velhos símbolos ideográficos mantiveram-se, mas, perante palavras novas, e para não terem de estar sempre a inventar novos símbolos, utilizaram foneticamente os símbolos já existentes. Por exemplo, a palavra Moçambique. Em chinês cantonense, o número três diz-se çam e escreve-se com três tracinhos na horizontal." Tomás foi ao quadro e riscou três curtos traços por baixo dos hieróglifos já rabiscados. "Quando tiveram de escrever a palavra Moçambique, foram buscar o símbolo do três, çam, e colocaram-no como segunda sílaba da palavra Moçambique. Entenderam?" Olhou em redor e percebeu que a ideia estava apreendida. "Pois foi isso o que Young pensou ter acontecido com os egípcios. A exemplo dos chineses, eles tinham uma escrita do género ideográfico, mas, perante palavras novas, como Ptolemeu, em vez de estarem a inventar novos símbolos, optaram por usar foneticamente os já existentes. Quanto às outras palavras, Young achava que se tratava realmente de semagramas, pelo que não tentou sequer deduzir os seus sons."

"E não houve ninguém que o fizesse?", perguntou a gordu-chinha de óculos.

"Sim, claro", assentiu o professor. "Apareceu nessa altura o francês Jean-François Champollion. Tratava-se de um talentoso linguista, também ele sabia uma série de línguas..."

"Era bom samaritano?"

O brincalhão atacava de novo.

"Não, mas foi aprender vários idiomas, incluindo o sânscrito, o zendá, o copta e o pahlevi, para além dos habituais, só com o objectivo de se preparar para, um dia, atacar os hieróglifos." Tomás voltou a mirar a loira sentada ao fundo da sala e interrogou-se sobre o que estaria ela ali a

fazer. Seria aluna? Seria mesmo estrangeira? E, sendo uma aluna estrangeira, será que percebia o que ele estava a dizer? A verdade é que a loira parecia atenta e o professor fez questão de dar uma aula que ela tão cedo não esqueceria. Há-de sair daqui capaz de ler hieróglifos, decidiu Tomás. "Pois o nosso amigo Champollion aplicou a abordagem de Young a outras carteias, designadamente de Ptolemeu e Cleópatra, sempre com bons resultados. Decifrou também uma referência a Alexandre. O problema é que estes eram todos nomes de origem estrangeira, o que serviu para cimentar a convicção de que a leitura fonética só se aplicava a palavras que não pertencessem ao léxico tradicional egípcio. Mas tudo mudou em Setembro de 1822." Tomás fez uma pausa para sublinhar a revelação dramática que iria fazer. "Foi nessa altura que Champollion teve acesso a relevos do templo de Abu Simbel com carteias anteriores ao período de domínio greco-romano, o que significava que nenhum dos nomes aí contidos podia ser de origem estrangeira." Observando os alunos, achou que precisava de tornar mais claras as implicações dessa situação. "O desafio perante Champollion era agora muito simples. Se fosse capaz de decifrar alguns destes hieróglifos anteriores à influência estrangeira, provaria que a antiga escrita egípcia não se baseava em semagramas, como sempre se pensara, mas antes em símbolos fonéticos. E, se assim fosse, ficaria desvendado o segredo encerrado por aquela escrita misteriosa e o seu código seria enfim quebrado. O problema, porém, mantinha-se inalterado: mesmo sendo símbolos fonéticos, o que estava por provar no que diz respeito às palavras mais antigas, como poderia ele ler os hieróglifos se desconhecia os sons a que esses símbolos correspondiam?" Deixou a pergunta pairar no ar, de modo a sublinhar a imensidão da tarefa diante do linguista francês. "O nosso amigo era, no entanto, um homem engenhoso e pôs-se a analisar com cuidado o texto que se encontrava nos relevos. Após esquadrinhar todos os hieróglifos, decidiu concentrar-se sobretudo numa carteia em particular." Tomás aproximou-se do quadro e desenhou quatro hieróglifos dentro de uma carteia (e#P]. "Os dois primeiros hieróglifos dentro desta carteia eram desconhecidos, mas os dois últimos podiam ser encontrados em duas outras carteias com as quais Champollion já se cruzara: a de Ptlmios e a de Alksentr, ou Alexandre." Apontou para o último hieróglifo. "Nessas carteias, este símbolo correspondia ao s. Portanto, Champollion partiu do princípio de que estavam decifrados os dois últimos sons da carteia de Abu Simbel." Escreveu no quadro os sons correspondentes do alfabeto latino, deixando em pontos de interrogação os dois primeiros hieróglifos.

A superfície branca exibiu um enigmático ?-?-s-s. Tomás voltou o rosto para a turma, indicando com o dedo os dois pontos de interrogação. "Faltam os dois primeiros hieróglifos. O que seriam? Quais os seus sons?" Apontou agora para o primeiro hieróglifo da carteia. "Olhando com atenção para este hieróglifo redondo, com um ponto no meio, Champollion achou que ele era semelhante ao sol. Partindo dessa hipótese, pôs-se a imaginar o som correspondente. Lembrou-se de que, em copta, sol diz-se ra e resolveu colocar ra no lugar do primeiro ponto de interrogação." Apagou o primeiro ponto de interrogação e no seu lugar escreveu ra, de modo que o quadro passou a registrar ra-?-s-s. "E agora? Como preencher o segundo ponto de interrogação? Champollion pôs-se a matutar no assunto e concluiu uma coisa muito simples. Fosse qual fosse a palavra que estava aqui escrita, o facto de se encontrar inserida numa carteia era indício forte de que tinha diante de si o nome de um faraó. Ora, que faraó possuía um nome a começar por ra e a acabar com dois s?" A pergunta ficou a pairar no auditório silencioso. "Foi nessa altura que lhe veio uma outra ideia à cabeça, uma ideia arrojada, extraordinária, decisiva." Uma derradeira pausa para alimentar a expectativa. "Por que não um ra?" Tomás voltou-se para o quadro, apagou o ponto de interrogação e escreveu um ra no seu lugar. Os alunos viram ra-m-ss emergir diante de si; Tomás encarou-os com um sorriso triunfal, o olhar brilhante e orgulhoso de quem quebrara o código dos hieróglifos. "Ramsés."

A sala reventou num clamor de vozes quando o professor deu a aula por terminada. Arrastavam-se cadeiras, arrumavam-se cadernos, alunos conversavam ou precipitavam-se para a porta; como habitual, alguns convergiram para o professor em busca de esclarecimentos adicionais.

"Ó professor", perguntou uma magricelas com casaco castanho. "Onde se pode ler o Précis du système hiéroglyphique?"

Era o livro publicado por Champollion em 1824, a obra onde foi finalmente desvendado o mistério dos hieróglifos. Nesse texto, o linguista francês revelou que a língua dos hieróglifos era o copta e que a antiga escrita egípcia não era ideográfica, mas fonética; mais importante, Champollion decifrou o significado dos símbolos.

"Tem duas hipóteses", explicou Tomás enquanto arrumava os papéis. "Ou encomenda pela Internet ou vai procurar à Biblioteca Nacional."

"Não há à venda aqui em Portugal?"

"Que eu saiba, não."

A aluna agradeceu, dando lugar a uma segunda rapariga com ar apressado, vestia saia e casaco cinzentos, como se fosse uma executiva.

"Ó professor, eu sou trabalhadora-estudante e não pude vir às aulas anteriores. Já está marcada a frequência?"

"Sim, vai ser na última aula."

"Isso em que dia é?"

"Olhe, não sei de cor. Verifique num calendário."

"E como é que será a frequência?"

O professor olhou-a, sem entender.

"Como assim?"

"Será com perguntas sobre as escritas antigas?"

"Ah, não. Vai ser uma frequência prática." Tomás recomeçou a arrumar as coisas na pasta enquanto falava. "Vocês terão de analisar documentos e decifrar textos antigos."

"Hieróglifos?"

"Também, mas não só. Podem ser confrontados com plaquetas cuneiformes sumérias, com inscrições gregas, com textos hebraicos e aramaicos ou com coisas bem mais simples, como manuscritos medievais e quinhentistas."

A rapariga abriu a boca, horrorizada.

"Ah!", exclamou, com ar escandalizado. "Tudo isso é para decifrar?"

"Não", riu-se o professor. "Só algumas coisinhas..."

"Mas eu não sei essas línguas...", murmurou, abalada, num tom lamurioso de queixume.

Tomás mirou-a.

"É por isso que está neste curso, não é?" Ergueu as sobrancelhas para sublinhar as suas palavras. "Para aprender."

O professor apercebeu-se de que a beldade loira se juntara entretanto ao grupo e aguardava a sua vez; um frémito de excitação percorreu-lhe o corpo na expectativa de a conhecer. Mas a rapariga que o interpelava não se afastou, o que o irritou levemente; em vez disso, estendeu-lhe um papel.

"É para o professor assinar", disse, como se estivesse a puni--lo pelos trabalhos em que ele a ia meter.

Tomás observou o papel com ar interrogativo.

"O que é isto?"

"É o documento que tenho de entregar lá no emprego, a confirmar que tive de faltar ao trabalho para vir à aula. Pode assinar?"

O professor rabiscou o nome e a aluna afastou-se. Restavam agora duas estudantes diante de si, uma rapariga de cabelos negros encaracolados e a bomba loira; optou pela morena, de modo a ficar depois com mais tempo disponível para a outra.

"Ó professor, como é que nós percebemos quando é que os escribas egípcios recorriam ao princípio do rébus?"

O rébus é um sistema de palavras longas decompostas nas suas componentes fonéticas e transformadas em imagens com sons semelhantes às partes decompostas. Por exemplo, a palavra solene pode ser dividida ao meio, sol-ene. Em vez de se redigir esta palavra no alfabeto fonético, é possível representá-la com um desenho do Sol e com a letra n; e assim fica Sol-n, ou solene.

"Depende do contexto", disse Tomás. "Os escribas egípcios tinham algumas regras flexíveis. Por exemplo, umas vezes usavam vogais e outras suprimiam-nas. Em alguns casos trocavam a ordem dos hieróglifos por razões exclusivamente estéticas. E, volta e meia, recorriam a rébus para contrair palavras ou para obter duplos sentidos."

"É o caso de Ramsés?"

"Sim", assentiu. "Champollion deparou com um rébus logo no primeiro hieróglifo que decifrou em Abu Simbel. Ra não era apenas uma letra, mas, no contexto daquele hieróglifo, tornou-se também uma palavra. Ao utilizá-la daquele modo, o escriba comparou Ramsés ao Sol, o que faz sentido, uma vez que os faraós eram encarados quase como divindades."

"Obrigada, professor."

"Até para a semana."

Chegou a vez da loira fatal. Tomás experimentou um prazer imenso por poder, finalmente, olhá-la de frente, por poder observá-la sem ser às escondidas; sentiu-se ofuscado com o brilho que dela irradiava, mas não se deixou intimidar; sorriu e ela correspondeu.

"Olá", saudou ele.

"Bom dia, professor", disse a rapariga, num português correcto mas com um sotaque exótico. "Sou uma aluna nova."

O professor riu-se.

"Isso já eu reparei. Como se chama?"

"Lena Lindholm."

"Lena?" Fez um ar exageradamente admirado, como se só agora tivesse notado que havia algo de diferente nela. "Isso, em português, é diminutivo de Helena..."

Ela soltou uma gargalhada discreta.

"Sim, mas eu sou sueca."

Tomás abriu a boca.

"Aaaahh!", exclamou. "Pois." Hesitou, buscando palavras escondidas na memória. "Deixe-me cá ver... uh... hej, trevligt att träffas!"

Lena arregalou os olhos.

"Como?", devolveu, com ar agradavelmente surpreendido. "Talar du svenska?"

Tomás abanou a cabeça.

"Jag talar inte svenska", disse com um sorriso. "Esgotei quase todo o sueco que sei." Encolheu os ombros, como quem pede desculpas. "Fôrlat."

Ela olhou-o com admiração.

"Não está mal, não está mal. O sotaque é que precisa de uns toques, tem de ser mais cantado, senão parece um dinamarquês. Onde aprendeu esse sueco?"

"Quando era estudante fiz Inter-Rail e passei quatro dias em Malmö. Como sou curioso e tenho queda para as línguas, captei algumas coisas. Por exemplo, sei perguntar var ar toaletten?" Ela riu-se. "Hur mycket kostar det?" Nova gargalhada. "Äppelkaka med vaniljsås."

Esta última tirada fê-la gemer.

"Ah, professor, não me lembre da äppelkaka..."

"Porquê?"

Ela passou a língua pelos lábios carnudos e rosados, num gesto que Tomás achou tentadoramente erótico.

"É uma delícia! Tenho cá umas saudades..."

O professor riu-se, procurando esconder a impressão que a rapariga lhe produzia.

"Desculpe, mas não lembra a ninguém chamar kaka a uma sobremesa."

"Chama-se kaka, é verdade, mas olhe que sabe a maçã docinha." Cerrou as pálpebras bem desenhadas e voltou a lambe os lábios. "Hmm, utmärkt! Uma maravilha!"

Tomás imaginou-se a puxá-la para si, a beijá-la, a explorar aqueles lábios aveludados, a passar-lhe as mãos delicadamente sobre aquele corpo quente e vibrante, e teve de fazer um esforço para repelir da mente o apetite sexual que ela lhe despertava. Afinou a garganta com um hmm-bmm arranhado.

"Diga-me... como se chama mesmo?"

"Lena."

"Diga-me, Helena..."

"Lena..."

"Ah, Lena." Hesitou, incerto sobre a forma como pronunciara o nome. Mas ela, desta feita, não o corrigiu, pelo que supôs ter acertado. "Diga-me, Lena. Onde aprendeu a falar português assim tão bem?"

"Em Angola."

"Angola?"

A sueca sorriu, exibindo uma fileira perfeita de dentes luzidios.

"O meu pai foi embaixador em Angola e eu vivi lá cinco anos."

Tomás acabou de arrumar tudo na pasta e endireitou-se.

"Ah, muito bem. E gostou?"

"Muito. Tínhamos uma casa em Miramar e passávamos os fins de semana no Mussolo. Era uma vida de sonho."

"Em que parte de Angola era isso?"

Ela mirou-o com ar surpreendido, como se fosse estranho haver portugueses para quem esses nomes não eram familiares.

"Bem... em Luanda, claro. Miramar era o nosso bairro, com vista para a marginal, o forte e a ilha. E o Mussolo é uma ilha paradisíaca a sul de Luanda. Nunca lá estive?"

"Não, não conheço Angola."

"É pena."

O professor dirigiu-se à porta, fazendo sinal à aluna para o acompanhar. Lena aproximou-se e Tomás constatou que a sueca era quase da sua altura; calculou que devia ter um metro e oitenta, apenas uns três centímetros menos do que ele. O macio pullover azul que trazia vestido era uma combinação perfeita para os olhos azuis e os cabelos loiros que lhe tombavam enroladamente nos ombros, à Nicole Kidman, e insinuava uns seios atrevidos e generosos, com um volume que a cintura estreita mais acentuava. Tomás teve de fazer um esforço para não fixar os olhos naquele peito farto e tentador e obrigou-se a virar a cara.

"Então conte-me lá o que está aqui a fazer na minha aula", disse o professor, parando para a deixar passar primeiro pela porta da sala.

"Vim pelo projecto Erasmus", respondeu ela, passando-lhe à frente.

Tomás, quase sem querer, observou com gula o rabo da sueca; era cheio e arredondado, as nádegas carnudas preenchiam bem as jeans azuis-claras; sem que se conseguisse dominar, imaginou-a sem as calças, imaginou-lhe a pele pálida e suave a alargar nas ancas e a estreitar na cintura, fantasiou-lhe o rego e as costas nuas, com a curva dos seios a adivinhar-se de trás.

"Como?", titubeou, engolindo em seco.

"Estou aqui através do projecto Erasmus", repetiu Lena, virando o rosto para o encarar.

Entraram no átrio central e começaram a subir as escadas.

"Uh... o projecto Erasmus?"

"Sim, o Erasmus. Presumo que conhece, não?"

Tomás abanou a cabeça, num novo esforço para expulsar os demónios do sexo que, ao que lhe parecia, se tinham tornado donos e senhores da sua vontade. Impôs a si mesmo levantar os olhos da tentação infernal que era aquele corpo sensual e concentrar-se na conversa.

"Ah, pois. O... o projecto Erasmus. Pois claro... o Erasmus." Hesitou, apreendendo finalmente o sentido do que ela lhe dizia. "Ah! Então você veio pelo Erasmus."

A sueca esboçou um sorriso forçado, intrigada com o gaguejar do professor.

"Pois, é o que eu lhe estou a dizer. Estou cá pelo Erasmus."

Tomás compreendeu as circunstâncias que envolviam a presença daquela aluna. O Erasmus era um projecto europeu lançado em 1987 no domínio do ensino superior, ao abrigo do qual as universidades da União Europeia trocavam de alunos durante o máximo de um ano lectivo. Quatro anos antes, em 1995, o Erasmus foi integrado num programa educativo europeu mais vasto, designado Sócrates. A maior parte dos estudantes estrangeiros que vinham para o Departamento de História da Universidade Nova de Lisboa era espanhola, o que se compreende devido à língua, mas Tomás lembrava-se de ter tido um aluno alemão, da Universidade de Heidelberg.

"De que universidade veio você?"

"De Estocolmo."

"Está a tirar História?"

"Sim."

Escalaram três pisos quase sem darem por isso, até que chegaram ao átrio central do sexto andar; viraram à esquerda e entraram na zona dos gabinetes; Tomás percorreu o corredor do Departamento de História, sempre com a sueca ao lado, e procurou no bolso a chave do seu gabinete.

"E por que escolheu vir para Portugal?"

"Por duas razões", disse Lena. "Por um lado, por causa da língua. Falo e leio fluentemente o português, pelo que não me seria difícil acompanhar as aulas. A escrita é que é mais complicada..."

O professor imobilizou-se junto à porta do gabinete e estendeu a chave em direcção à fechadura.

"Se tiver dificuldades no português, pode perfeitamente escrever em inglês, não há problema." A chave entrou na ranhura. "E a segunda razão?"

A sueca parou atrás dele.

"Estou a pensar em escrever a minha tese de licenciatura sobre as descobertas resultantes das grandes navegações. Tenho, por um lado, as navegações dos vikings e gostaria de estabelecer paralelos com os Descobrimentos portugueses."

A porta abriu-se e, com um gesto cortês, Tomás convidou-a a entrar. O gabinete apresentava-se desarrumado, com resmas de folhas de frequências por avaliar e fotocópias espalhadas pelas mesas e até pelo chão. Sentaram-se junto à janela e admiraram a paisagem serena oferecida pelo recinto do Hospital Curry Cabral, lá em baixo, colado à faculdade; os pavilhões baixos das enfermarias, com os seus telhados cor de tijolo, destacavam-se por entre as árvores nuas, as copas despidas pelo Inverno; homens de roupão cirandavam com vagar, sem destino, aparentavam serem os doentes; outros, de bata branca, médicos sem dúvida, apressavam-se a entrar e sair dos pavilhões; um deles abandonava um carro que acabara de estacionar, outro estacara debaixo de um vigoroso carvalho e consultava o relógio.

"Os Descobrimentos portugueses são uma coisa muito vasta", comentou Tomás, encostando a cara ao sol de Inverno que, por entre uma nesga nas nuvens, lhe jorrava pela janela. "Tem a noção do trabalho em que se vai meter?"

"Cada peixinho tem a esperança de vir a ser uma baleia."

"Como?"

"É um provérbio sueco. O que quero dizer é que vontade de trabalhar não me falta."

"Não duvido, mas é importante delimitar a sua área de investigação. Está a pensar em estudar exactamente que período?"

"Quero ver tudo o que aconteceu até à viagem de Vasco da Gama."

"Portanto, só lhe interessa até 1498?"

"Sim", retorquiu ela com entusiasmo. "Gil Eanes, Gonçalves Baldaia, Nuno Tristão, Diogo Cão, Nicolau Coelho, Gonçalves Zarco, Bartolomeu Dias..."

"Ena!", exclamou o professor com um trejeito de boca. "Conhece-os todos."

"Claro. Já ando há um ano a estudar o assunto e a preparar-me para vir para cá." Arregalou os olhos. "O professor acha que será possível consultar os originais dos cronistas que relataram tudo?"

"Quem? O Zurara e companhia?"

"Sim."

Tomás suspirou.

"Vai ser difícil."

"Oh!", exclamou Lena, com ar desapontado.

"Sabe, os textos originais são preciosidades, relíquias frágeis que as bibliotecas guardam com cuidado e muito zelo." Fez um ar pensativo. "Mas pode consultar fac-símiles e cópias, é quase a mesma coisa."

"Ah, mas os originais é que eram bons!" Fixou-lhe os olhos azuis e adoptou uma expressão de súplica. "Será que o senhor me podia ajudar?" Fez beicinho. "Por favor..."

Tomás agitou-se na cadeira.

"Bem, suponho que se pode tentar..."

"Tack!", exclamou ela, abrindo-se num encantador sorriso agradecido. "Tack!"

O professor intuiu vagamente ter sido manipulado, mas sentia--se de tal modo maravilhado que não se importou, era um prazer fazer a vontade àquela criatura divina.

"Mas você é capaz de ler o português quinhentista?"

"O ladrão encontra o cálice mais depressa do que o sacristão."

"O quê?"

A rapariga riu-se com o ar embasbacado de Tomás.

"É outro provérbio sueco. Quer dizer que, quando temos interesse, conseguimos tudo."

"Não duvido, mas a pergunta mantém-se", insistiu ele. "Você é capaz de ler o português que se escrevia naquela altura, com aquela caligrafia complicada?"

"Não."

"Então de que lhe serve ter acesso aos textos?"

Lena sorriu com malícia, com ar de marota, sorriu com aquela segurança de quem se sabe irresistível.

"Tenho a certeza de que o professor me dará uma ajudinha especial."

A tarde foi consumida numa reunião da comissão científica do Departamento de História, repleta dos habituais mexericos, manobras de política interna, intermináveis pontos de ordem e dramáticas dúvidas sobre obscuras vírgulas da acta da reunião anterior, mais os assuntos correntes, como as análises de processos de atribuição de equivalências e constituição de júris para três mestrados e um doutoramento.

Quando chegou a casa, já de noite, Constança e Margarida iam a meio do jantar, uns hambúrgueres fritos com macarrão regado a ketchup, o prato favorito da pequena. Tomás arrumou o casaco, beijou as duas e sentou-se à mesa.

"Outra vez hambúrgueres com esparguete?", perguntou em tom de queixume.

"O que queres? Ela adora o prato..."

"Espa'guete é bom!", regozijou-se Margarida, chupando ruidosamente os fios de massa. "Schlurp."

O pai serviu-se.

"Então está bem", disse, resignado, enquanto despejava macarrão no prato. Olhou para a filha e passou-lhe a mão pelo cabelo liso e negro. "Então? O que aprendeste hoje?"

"Pê, a, pá. Pê, e, pé."

"Outra vez nisso? Mas, olha lá, já te esqueceste do que aprendeste no ano passado?"

"Pê, i, pi. Pê, o, pó."

/

"Já viste isto?", perguntou, mirando a mulher. "Já anda no segundo ano e ainda não sabe ler."

"A culpa não é dela, Tomás. A escola ainda não arranjou ninguém para o ensino especial, o que queres que eu te faça?"

"Temos de ir lá falar com os gajos..."

"Pois temos", concordou ela. "Já pedi uma reunião com a directora para a próxima semana."

"Pê, u, pu."

Um dos sintomas das crianças com trissomia 21 é justamente a dificuldade em memorizarem coisas, razão pela qual vivem sobretudo segundo rotinas e hábitos. Margarida tinha entrado no ano anterior para uma escola pública, onde, para além do professor curricular comum a todos os alunos, dispunha da ajuda de um professor do ensino especial, especificamente preparado para auxiliar crianças com deficiência. Mas recentes cortes orçamentais no Ministério da Educação tornaram impossível que esse professor continuasse a leccionar na escola e Margarida, tal como outros alunos em situação semelhante, via-se agora sem qualquer auxílio pedagógico especialmente vocacionado para o seu caso, apesar de tal auxílio estar previsto por lei. Como consequência, regrediu; esqueceu muito do que tinha aprendido no ano anterior, incluindo ler e escrever palavras simples. Para voltar a evoluir precisaria da ajuda de um professor do ensino especial, que funcionava como uma espécie de treinador, sempre a puxar por ela, mas convencer a depauperada escola a voltar a contratar um desses professores iria claramente ser difícil.

Tomás trincou um pedaço de hambúrguer e bebeu um trago de tinto alentejano. Margarida acabava nessa altura de comer a sobremesa, uma maçã descascada e cortada às fatias; pôs-se de pé e começou a arrumar a mesa.

"O Margarida, arrumas depois, está bem?"

"Não", devolveu ela com muita firmeza, amontoando a loiça suja no lava-loiças. "É pa'a limpa', é pa'a limpa'!"

"Limpas depois."

"Não. Po'ca'ia, está tudo po'co. É pa'a limpa'!"

"Esta miúda ainda vai abrir uma empresa de limpezas", comentou o pai com uma gargalhada, agarrando-se ao seu prato para que ela o não levasse.

As limpezas e as arrumações eram a maior das manias de Margarida. Onde houvesse uma mancha, lá estava ela a combatê-la, justiceira e determinada. O casal tinha já passado umas valentes vergonhas em casa de amigos; à vista de uma simples teia de aranha ou de um pouco de pó sobre um móvel, a pequena punha-se aos berros e apontava o dedo acusador, dizendo que havia ali porcaria; denunciava a sujidade com tanto nojo e sentida repulsa que os atrapalhados anfitriões depressa se convenciam de que viviam numa pocilga imunda e, escaldados com a traumatizante experiência, lançavam mãos a monumentais operações de limpeza antes de voltarem a convidar a família Noronha, Margarida foi-se deitar depois do jantar. O pai lavou-lhe os dentes, a mãe vestiu-lhe o pijama, o pai preparou as coisas para o dia seguinte e a mãe contou-lhe uma história antes de dormir; esta noite a ementa era o gato das botas. Quando ela adormeceu, o casal estendeu-se no sofá da sala para recuperar da estafa do dia.

"Nunca mais é sábado", comentou Constança, os olhos perdidos no tecto. "Estou derreada."

A sala era pequena, mas decorada com bom gosto. Quadros abstractos coloridos, pintados por Constança nos seus tempos da faculdade, embelezavam as paredes; os sofás, enfeitados com motivos de rosas sobre tecidos branco-sujo, condiziam com os cortinados e o tapete; mas o que mais alegria emprestava à sala eram os vários jarros espalhados pelos móveis de faia clara, exuberantes com flores de um vermelho-vivo a espreitar por entre grossas folhas verdes.

"Que flores são estas?"

"Camélias."

Tomás inclinou-se sobre as pétalas luxuriantes, tentando captar-lhes a fragrância perfumada; aspirou mas não lhes sentiu o aroma.

"Não cheiram a nada", queixou-se, intrigado.

"Pois não, meu tontinho", riu-se Constança. "São camélias, não têm perfume."

"Ah", percebeu ele. Sentou-se ao lado da mulher e deu-lhe a mão. "Conta-me a história das camélias."

Constança era uma apaixonada pelas flores. De um modo estranho, essa foi uma das coisas que mais os aproximaram quando se conheceram nos seus tempos de estudantes. Tomás adorava enigmas e charadas, vivia para a decifração de códigos e cifras, interessava-se por símbolos e mensagens ocultas; passou a juventude a comprar o Mundo de Aventuras, não necessariamente por causa da banda desenhada, que também consumia, mas entusiasmado com os mistérios policiais da rubrica Sete de Espadas. Quando se conheceram, Constança abriu-lhe as portas para um novo mundo da simbologia, o das flores. A rapariga das sardas revelou-lhe que as mulheres dos haréns turcos usavam flores para contactarem o mundo exterior, recorrendo a um fascinante código de símbolos florais. Esta prática, identificada pela primeira vez no Ocidente por Lady Montagu em 1718, esteve na origem do nascimento da florigrafia, um sistema simbólico que se tornou imensamente popular no século xix, aliando significados originais turcos à antiga mitologia e ao folclore tradicional; as flores passaram a ter sentidos ocultos, exprimindo dissimuladamente emoções e sentimentos que, em circunstâncias normais, a etiqueta social reprimia. Por exemplo, era impensável um homem dizer a uma mulher, logo no seu primeiro encontro, que se tinha apaixonado por ela; mas já se tornava aceitável que lhe oferecesse de imediato um ramo de glixínias, símbolos indisfarçáveis de amor à primeira vista. A florigrafia marcou a joalheria e o movimento artístico pré-raphaelita e a sua influência chegou a atingir o mundo da moda; o manto usado por Isabel II na cerimónia da sua coroação apresentou-se bordado com folhas de oliveira e espigas de trigo, na esperança de que o seu reinado fosse caracterizado pela paz e pela abundância. Constança, apaixonada pelas artes humanas e naturais, tornou-se uma especialista em simbologia floral, lendo significados subliminares na presença de flores.

"As camélias vieram da China, onde eram muito apreciadas", explicou Constança. "Entraram na nossa cultura graças a Alexandre Dumas filho, que escreveu *La dame aux camélias*, um romance baseado na história verdadeira de uma cortesã parisiense do século xix, uma tal de

Madeleine du Plessis. Pois, ao que parece, a nossa mademoiselle du Plessis era alérgica a perfumes florais e escolheu as camélias justamente por estas flores não terem perfume", observou Tomás com ar divertido. "Sabes o que é uma cortesã, presumo."

"Ó filha, eu sou de História."

"Bem, acontece que a mademoiselle du Plessis usava todos os dias um bouquet de camélias, ora brancas durante vinte e cinco dias, para assinalar aos homens a sua disponibilidade, ora vermelhas nos restantes, para indicar que nesses dias não havia nada para ninguém."

"Oooh", exclamou ele, simulando desapontamento.

"Verdi inspirou-se no romance de Dumas e escreveu La Traviata, onde adaptou ligeiramente a história da dama das camélias. Na ópera de Verdi, a heroína foi forçada a vender as jóias e era para as substituir que usava as camélias."

"Coitadinha", comentou Tomás com um sorriso trocista. "A pobre criatura." Contemplou as flores que a mulher tinha colocado na sala. "Devo então depreender que, se compraste camélias vermelhas, isso significa que hoje não há nada para ninguém."

"Depreendes bem", assentiu Constança com um suspiro. "Estou arrasada."

Tomás observou-a com atenção. A mulher retinha o ar melancólico que o seduzira quando se conheceram na Faculdade de Belas--Artes. Naquele tempo ele tirava História na Universidade Nova de Lisboa e os seus destinos cruzaram-se por causa de uma conversa entre rapazes, quando Tomás ouviu pela primeira vez falar na beleza das raparigas que frequentavam Belas-Artes. "Umas verdadeiras obras-primas", gracejou o Augusto no pátio da Nova, depois do almoço, no início de uma tarde soalheira de Primavera, muito satisfeito com o trocadilho. "Só te digo, os pais é que foram uns artistas. Um dia levo-te lá, vais ver, são umas miúdas do carças."

Como é bom de ver, acabaram mesmo por ir. Arrastado pelos colegas, Tomás apresentou-se um dia na cantina de Belas-Artes para almoçar e pôde confirmar o boato que corria na Nova; não havia faculdade em Lisboa onde a beleza fosse tão cultivada como em Belas-Artes. Tentaram meter conversa com as moças na fila da cantina, umas

loiras vaporosas e bem arrançadas, mas foram altivamente ignorados; depois de passarem pela caixa, deambularam pelo refeitório de tabuleiro nas mãos, quase perdidos, à procura do melhor sítio para se sentarem; escolheram uma mesa à janela, parcialmente ocupada por três raparigas, uma delas era uma morena escultural. "A natureza é generosa", observou Augusto com um piscar de olhos, levando os colegas para junto da beldade. A morena interessou-se pelos olhos verdes de Tomás, mas o rapaz preferiu dedicar a sua atenção a uma das suas amigas, uma rapariga de pele branca como leite, pintalgada de sardas no nariz e com um olhar castanho meio perdido, talvez melancólico, talvez sonhador. Não foi a sensualidade que lhe chamou a atenção, mas a doçura; ela não era um rebuçado, não era um bolo nem um pote de mel; era um chocolate, uma daquelas barras cremosas que bailam nos olhos e secam a boca. Os seus gestos suaves, lânguidos, traíam uma natureza que, assim à primeira vista, parecia branda, nostálgica, macia, embora isso, conforme veio a descobrir com o tempo, não passasse de mera ilusão, por baixo daquele ar terno escondia-se um vulcão, por trás daquela gata mansa movia-se uma leoa implacável. Não saiu dali sem lhe arrancar o número de telefone. Duas semanas mais tarde, e depois de lhe oferecer as suas primeiras madressilvas, informado antecipadamente de que elas significavam promessas de amor devoto e fiel, Tomás beijou Constança na estação de Oeiras e foram ambos passear de mãos dadas pelo vasto areal da praia de Carcavelos.

A memória do passado transformou-se no rosto imóvel de Margarida, como se Tomás tivesse viajado no tempo e voado até ao presente; a fotografia da filha sorria-lhe sobre o móvel, ao lado de um floco de camélias.

"Olha lá, não é agora, no princípio do ano, que a menina tem de voltar às consultas?"

"É", confirmou Constança. "Temos de a levar para a semana ao doutor Oliveira. Vou amanhã a Santa Marta buscar os exames e é preciso ir lá mostrá-los."

"As idas aos médicos dão cabo de mim", desabafou Tomás.

"E dão cabo dela", atalhou a mulher. "Não te esqueças de que qualquer dia a menina terá de ser operada..."

"Nem me fales nisso."

"Ó Tomás, gostes ou não gostes, tens de me ajudar nisto."

"Está bem, está bem."

"É que já estou farta de andar a carregar o barco quase sozinha. A menina precisa de apoio e eu não dou conta do trabalho todo. Tens de me ajudar mais, afinal de contas és o pai."

Tomás sentia-se cercado. Os problemas de Margarida sobrecarregavam a mulher, e ele, por mais que se esforçasse, parecia incapaz de resolver metade dos problemas que Constança, com o seu sentido prático, a todo o momento solucionava.

"Não te preocupes que eu vou contigo ao doutor Oliveira."

Constança pareceu acalmar. Recostou-se no sofá e bocejou.

"Bem, vou-me deitar."

"Já?"

"Sim, tenho sono", disse, erguendo-se do sofá. "Ficas?"

"Pois, fico mais um pouquinho. Vou ler qualquer coisa e depois também vou para a cama."

A mulher inclinou-se sobre ele, beijou-o levemente nos lábios e saiu da sala, deixando o aroma quente do seu Chanel n.º 5 a perfumar a sala. Tomás pôs-se diante da estante dos livros, a coçar a cabeça, indeciso quanto à sua opção; acabou por seleccionar as *Selected Tales*, de Edgar Allan Poe; queria reler *The Gold-Bug*, o conto sobre um escaravelho dourado que, aos dezasseis anos, lhe aguçou o interesse que o Mundo de Aventuras lhe despertara para a criptanálise.

O telemóvel tocou, interrompendo-lhe a leitura quando já ia na terceira página do conto.

"Está sim?"

"Alô Posso falar com o professor Noronha?"

O sotaque era brasileiro, mas pronunciado por um estrangeiro de língua inglesa; pelo tom anasalado, Tomás presumiu que fosse um americano.

"Sou eu. Quem fala?"

"O meu nome é Nelson Moliarti, sou um adviser do executive board da American History Foundation. Estou a chamar de New York... uh... Nova Iorque."

"Como está?"

"Estou okay, obrigado. Desculpe, senhor, estar a chamar a esta hora. Estou incomodando?"

"Não, de modo nenhum."

"Oh, good", exclamou. "Professor, não sei se conhece a nossa fundação..."

A voz ficou em suspenso, como que a aguardar confirmação.

"Não, não conheço."

"Não faz mal. A American History Foundation é uma organização americana sem fins lucrativos vocacionada para apoiar estudos na área da história do continente americano. Estamos baseados em Nova Iorque e temos em curso, neste momento, um importante projecto de investigação. Só que surgiu agora um problema complicado que ameaça todo o trabalho já feito. O executive board encarregou-me de procurar uma solução, o que fiz nas últimas duas semanas. Há meia hora apresentei um briefing ao board com uma recomendação. A recomendação foi aceite e é por isso que lhe estou a telefonar."

Fez-se uma pausa.

"Sim?"

"Professor Noronha?"

"Sim, sim, estou aqui."

"Você é a solução."

"Como?"

"Você é a solução para o nosso problema. Será que pode dar um salto aqui a Nova Iorque?"

II

Uma nuvem de vapor foi soprada do chão com inusitado fulgor, como se tivesse sido expelida por um vulcão oculto no alcatrão, e

dissolveu-se rapidamente no ar frio e seco da noite. Tomás sentiu o enjoativo cheiro a fritos que a nuvem libertara, reconheceu o odor distinto de chão min chinês, mas logo o ignorou; na mente tinha outras prioridades, a maior das quais era conservar o calor no corpo, defender-se do bafo polar que o enregelava; ajeitou um botão que se desprendera e encolheu-se ainda mais no sobretudo, enterrando firmemente as mãos nos bolsos. Nova Iorque é uma cidade desagradável quando o vento fustiga as ruas à entrada da estação fria, pior ainda se o sobretudo é leve, daqueles adequados às condições amenas do clima mediterrânico de Lisboa mas permeáveis ao sopro gelado do Inverno na costa leste americana, aquela brisa vinda do Norte a anunciar a chegada da neve revelava-se excessivamente agreste para tecido tão ligeiro.

Tomás tinha desembarcado horas antes no JFK. Uma soberba limusina negra, colocada à sua disposição pela American History Foundation, levava-o do aeroporto para o Waldorf-Astoria, o magnífico e imponente hotel em art deco que ocupava um quarteirão inteiro entre Lexington e Park Avenue. Demasiado excitado para ser capaz de apreciar os requintados detalhes da decoração e arquitectura daquele monumental edifício, o recém-chegado visitante largou apressadamente a bagagem no quarto, arranjou um mapa da cidade no concierge e saiu à rua, dispensando os serviços da limusina. Foi um erro. Queria esquadrinhar as ruas da cidade, sempre ouvira dizer que só conhece Nova Iorque quem a percorre a pé, mas esqueceram-se de o avisar de que isso só é verdade quando não faz frio. E frio em Nova Iorque é algo que não se esquece; é tão intenso que tudo em redor desaparece, a visão turva-se, o importante torna-se irrelevante, o interessante transforma-se em vulgar, apenas resistir ao frio conta.

A noite já caíra sobre aquela invulgar selva de betão; no início, ainda com o calor no corpo, o frio não o incomodara; sentia-se de tal modo à vontade que, ao meter pela East 50th Street, foi apreciando os gigantescos edifícios que buscavam o céu, em particular o vizinho General Electric Building, em Lexington Avenue, outro monumento de art deco. Mas, quando cruzou a Avenue of the Americas e atingiu a Sétima Avenida, o frio começava já a afectá-lo seriamente; doía-lhe o nariz, os olhos turvavam-se-lhe e o corpo tremia em convulsões incontroláveis, embora o maior sofrimento fosse o das orelhas; parecia que estavam a ser dilaceradas por uma lâmina, rasgadas por uma força invisível, retalhadas por mãos cruéis.

A visão do caldeirão de luz de Times Square, à esquerda, aqueceu-lhe momentaneamente a alma e deu-lhe forças para prosseguir. Desceu a Sétima Avenida e penetrou no coração do Theatre District. A animação iluminada de Times Square abriu-se-lhe na confluência da Sétima com a Broadway; um espectáculo de luz invadiu-lhe os sentidos, sentiu-se assaltado por sucessivas explosões cromáticas e inundado por aquela inebriante orgia de claridade; ali fazia-se dia, múltiplos sóis expulsavam a sombra da noite e pintavam de cores a movimentada praça; o trânsito era intenso, caótico; os transeuntes acotovelavam-se como formigas, alguns caminhavam com um propósito, outros apenas cirandavam, enchiam os olhos com aquele espectáculo feérico, irreal; brilhavam coloridos néones em todos os prédios, enormes palavras desfilavam apressadamente pelos compridos billboards, gigantescos ecrãs difundiam anúncios ou mesmo emissões de televisão, num animado bacanal tumultuoso feito de uma panóplia infundável de imagens e cores.

Tomás sentiu o telemóvel a tremelicar junto às calças e ouviu o toque; tirou o aparelho do bolso e encostou-o ao ouvido.

"Está lá?"

"Professor Noronha?"

"Sim?"

"Daqui Nelson Moliarti. Tudo legal? Chegou bem?"

"Ah, olá. Está tudo bem, obrigado."

"O motorista tratou bem de si?"

"Cinco estrelas."

"E gosta do hotel?"

"Uma maravilha."

"É, o Waldorf-Astoria é uma das nossas atrações. Sabia que todos os presidentes americanos são ali hospedados quando vêm a Nova Iorque?"

"Ah, sim?", admirou-se Tomás, genuinamente impressionado.
"Todos eles?"

"Claro. Desde 1931. O Waldorf-Astoria tem muito prestígio. Estadistas, grandes estrelas de cinema, artistas de renome, até a realeza

passa por ali. O duque e a duquesa de Windsor, por exemplo, não se contentaram em dormir lá algumas noites. Eles viveram no hotel." Sublinhou a palavra viveram. "Viveram, imagine..."

"Sim senhor, nunca imaginei. Assim sendo, só posso agradecer a vossa atenção por me terem hospedado no Astoria."

"Ora essa, não tem de agradecer. Nós fazemos questão de que esteja bem acomodado. Já jantou?"

"Não, ainda não."

"Então, se quiser, pode ir a um dos restaurantes do hotel, aconselho o Buli and Bear Steakhouse, se gostar de carne, ou o Inagiku, caso prefira comida japonesa. Pode também solicitar room-service, que é muito reputado no Waldorf-Astoria, chegou a constar da revista Gourmet, veja só. Terá apenas de assinar o papel da conta e a fundação cobre tudo, esteja descansado."

"Ah, obrigado, mas não vai ser necessário. Vou trincar qualquer coisa aqui em Times Square."

"O senhor está em Times Square?"

"Sim."

"Agora?"

"Sim, estou."

"Mas faz muito frio. O motorista encontra-se consigo?"

"Não, dispensei-o."

"E como foi para Times Square?"

"A pé."

"Holly cow! Estão cinco graus negativos. E na televisão disseram há pouco que, com o wind-chill, chega aos quinze negativos. Espero, ao menos, que esteja bem agasalhado..."

"Uh... mais ou menos."

Moliarti fez um estalido de reprovação com a língua.

"Tem de tomar mais cuidado. Se precisar, é só me chamar e eu mando o motorista ir buscá-lo. Tem o meu telefone?"

"Calculo que tenha ficado registado na memória do meu telemóvel."

"Good! Se precisar, chame, viu?"

"Oh, não vai ser preciso. Eu apanho um táxi."

"Como queira. De qualquer modo, apenas chamei para lhe dar as boas-vindas a Nova Iorque e para lhe dizer que vamos ter uma reunião às nove da manhã no nosso office. O motorista estará à sua espera às oito e meia no lobby de Park Avenue para o trazer. O office não é longe do hotel, mas, sabe como é, o trânsito de manhã é um verdadeiro hell."

"Esteja descansado. Vemo-nos amanhã."

"É isso aí. Até amanhã."

Quando guardou o telemóvel no bolso apercebeu-se de que tinha perdido a sensibilidade nos dedos; a mão ficara enregelada, já não obedecia aos comandos do cérebro; parecia dormente, distante, era como se a sua mão já não fosse sua. Mergulhou-a profundamente no bolso das calças, numa desesperada busca por calor, mas não melhorou muito. Apercebeu-se de que tinha de sair da rua. Viu a porta de um restaurante à esquerda e empurrou-a, apressado, aflito mesmo; entrou e recebeu o calor do estabelecimento com alívio, como quem descobre a redenção depois da ameaça do inferno; esfregou as mãos com frenesim, tentando gerar energia e activar a circulação, até que sentiu a sensibilidade a regressar à ponta dos dedos.

"Can I help you?", perguntou o waiter, um rapaz novo e sorridente.

Tomás indicou que vinha sozinho e foi sentar-se junto à janela; o movimento de Times Square, congestionado e nervoso, constituía um espectáculo bem visível da sua mesa. O waiter entregou-lhe a ementa e o cliente percebeu que tinha entrado num restaurante mexicano. Após considerar as opções, pediu umas enchiladas de queijo e carne de vaca e uma margarita on the rocks. Quando o rapaz se afastou, mergulhou estaladiços nachos num molho de tomate e cebola, trincou o aperitivo picante e encostou-se na cadeira, a apreciar a vista. Percebeu que não trazia roupas que lhe permitissem andar a deambular daquela forma pela cidade, pelo que não lhe restavam alternativas; após o jantar, iria apanhar um táxi e voltar para o aconchego do hotel.

A diferença de cinco horas em relação a Lisboa teve o seu impacto nessa noite. Eram seis da manhã quando Tomás acordou, a escuridão

reinava para além da janela; ainda tentou voltar a adormecer, virando-se e revirando-se por entre os lençóis, mas, ao fim de meia hora, percebeu que não conseguiria dormir e sentou-se na borda da cama. Consultou o relógio e fez as contas; eram onze e meia da manhã em Lisboa, não admirava que o sono já se lhe tivesse evaporado.

Olhou em redor e, pela primeira vez, pôde apreciar o quarto; o tema cromático era o bordeaux, bordado a ouro e estampado por toda a parte, nas cortinas, na colcha dobrada aos pés da cama, no sofá, nas almofadas decorativas. O chão estava coberto por uma fofa carpete de vermelho escuro; ao lado da cama, uma garrafa de Sauternes tinto aguardava que a encetassem; plantas viçosas alegravam os cantos.

Pegou no telefone e digitou o número do telemóvel de Constança.

"Olá, sardaniscas", disse, numa referência ao petit nom que lhe dera nos tempos de namoro. "Tudo bem?"

"Então, Tomás? Que tal Nova Iorque?"

"Está um frio de morrer."

"Mas é giro?"

"É uma cidade estranha, mas, sim, é engraçada."

"O que me vais trazer?"

"Tss, tss", ciciou ele reprovadoramente. "Sempre me saíste cá uma interesseira..."

"Olha ele! Então o menino é que anda a passear pela América e eu é que sou interesseira?"

"Pronto, pronto. Vou-te levar o Empire State, com o King Kong e tudo."

"Não é preciso tanto", riu-se ela. "Prefiro o MoMA."

"O quê?"

"O MoMA. O Museum of Modern Art."

"Ah."

"Traz-me A Noite Estrelada, de Van Gogh."

"Qual? Aquele em que se vêem as estrelas muito redondas? Isso está aqui?"

"Sim, está no MoMA. Mas também quero Os Lírios, de Mo-net, as Les demoiselles d'Avignon, de Picasso, e o Divan japones, de Toulouse-Lautrec."

"E o King Kong?"

"Olha lá, para que quero eu o King Kong se já te tenho a ti?"

"Mazinha!", riu-se ele. "Esses quadros que queres, bastam-te umas cópias?"

"Não, quero que vás roubar os originais." Fez uma curta pausa. "É claro que quero umas reproduções, meu parolo, o que mais haveria de ser?"

"Está bem, eu vou lá. Como vai a menina?"

"Bem. Ela está bem", foi a resposta. "Gulipanas, como sem-pre."

"Pff, imagino."

"Mas ontem veio-me com uma conversa chata."

"Então?"

"Disse-me ao jantar: ó mãe, os meninos dizem que eu sou monga. E eu respondi-lhe: não, ouviste mal, eles dizem que tu és a Margarida. Não, mãe, respondeu ela. Põem-se a falar aos ouvidos uns dos outros, apontam para mim e dizem: aquela é monga."

Tomás suspirou. -. "Sabes como são os miúdos..."

"Eu sei, são cruéis uns para os outros. E o problema é que ela percebe tudo e dói-lhe. Quando foi para a cama, e antes de lhe contar a história, voltou a perguntar-me o que era uma monga."

"É uma chatice, mas o que havemos de fazer?"

"Eu vou mais logo à escola para falar com a professora."

"Há-de dar grande resultado..."

"Ora, sempre pode explicar umas coisinhas aos miúdos, não é?"

"Suponho que sim."

"E tu devias ir comigo."

"Não comeces. Não vês que estou fora do país?"

"Desta vez tens desculpa", aceitou ela. Mudou de assunto. "Olha lá, os americanos já te disseram o que pretendem de ti?"

"Não, vou ter uma reunião com eles daqui a pouco. Logo se vê."

"Aposto que querem uma peritagem a um manuscrito qualquer. "

"É provável."

Tomás ouviu uma campainha a soar ao fundo, do outro lado da linha.

"Está a dar o primeiro toque", disse ela. "Tenho de desligar porque vou agora dar uma aula. Além disso, este telefonema deve estar a custar uma fortuna. Beijinhos e porta-te bem, hã?"

"Beijinhos, sardaniscas."

"Tem cuidado com as americanas, meu maroto. Ouvi dizer que são umas atiradiças."

"Está bem."

"E traz-me flores."

Tomás pousou o auscultador e, sem nada para fazer, ligou a televisão; foi saltitando de canal em canal, NBC, CBS, ABC, CNN, CNN Headline News, MSNBC, Nick!at'Nite, HBO, TNT, ESPN, uma cacofonia de sons encheu-lhe o quarto até lhe provocar bocejos de tédio; olhou para a entrada e reparou num jornal estendido na carpete, provavelmente um empregado tinha-o empurrado por baixo da porta durante a noite. Levantou-se e foi buscar o jornal; era o The New York Times, com o presidente Bill Clinton a encher a primeira página e o mayor Rudolph Giuliani a espreitar num canto; folheou distraidamente o jornal, lendo aqui e passando ali, numa lenta modorra.

Quando terminou a leitura, foi tomar banho, fazer a barba e vestir-se. Escolheu um fato azul-escuro com riscas verticais brancas, traçadas como se fossem giz, e colocou uma gravata vermelha às cornucópias douradas. Saiu do quarto e desceu para o Oscar's American Brasserie, o largo salão onde era servido o pequeno--almoço. Regra geral, Tomás não gostava de comer muito pela manhã, sentia-se embuchado; mas, sempre que saía para o estrangeiro, o que era raro, o apetite tornava-se insaciável, devorava tudo com sofreguidão; talvez fosse a insegurança de estar fora

de casa, de não saber quando poderia voltar a comer, considerou. O que é facto é que atacou com gosto as panquecas com syrup e o eggs benedict, um prato com dois ovos escalfados, uma torrada de English muffin e bacon canadiano com molho holandaise, uma dieta de colesterol puro susceptível de provocar uma crise nervosa ao seu médico de família. Encheu-se também de salsichas e baked beans, regados a sumo de laranja natural, e ainda se lambeu, guloso, à custa de um delicioso chocolate-hazelnut waffle, antes de, já empanturrado, erguer a bandeira branca e se dar por satisfeito.

Terminou o pequeno-almoço perto das oito e meia. Sem perder tempo, seguiu para o lobby do hotel, na entrada de Park Avenue, de acordo com as instruções de Moliarti. Enquanto aguardava, ficou a contemplar o enorme átrio em mármore creme, com colunas e tecto falso trabalhado; um vistoso candelabro pendia do topo, animando os motivos do mosaico incrustado no soalho de mármore; as paredes resplandeciam graças a vários murais a óleo, todos eles reproduzindo temas alegóricos.

"Good morning, sir", disse uma voz, saudando-o com cortesia. "How are you today?"

Tomás voltou-se e viu o motorista da véspera, um negro de ar jovial, fardado com um uniforme azul. "Good morning."

"Shall we go?", perguntou o motorista, convidando-o, com a mão enluvada, a segui-lo.

A manhã despertara gelada, mas um sol glorioso iluminava a cidade. Pena que não chegue cá a baixo, pensou Tomás, admirando o topo dos arranha-céus. Os edifícios da cidade eram tão altos que a luz do Sol não conseguia beijar o chão; como consequência, as ruas e passeios de Nova Iorque viviam numa sombra eterna. O visitante acomodou-se no Cadillac, aparentemente era a mesma longa limusina negra que o tinha ido buscar ao aeroporto na véspera, enquanto o motorista ocupava o seu lugar ao volante. O vidro de separação interior desceu com um zumbido suave, o motorista espreitou para trás e indicou um pequeno televisor e uma prateleira ao lado do passageiro onde reluziam uma garrafa de Glenlivet e outra de Moet et Chandon dentro de um balde gelado.

"Enjoy the ride", exclamou com um sorriso. A limusina arrancou e Tomás ficou a contemplar a cidade; Nova Iorque deslizava agora diante de si, trepidante e atarefada. Subiram a Lexington Avenue e viraram à

esquerda, passando pelo Racquet Club, cuja fachada de estilo palazzo renascentista surpreendeu o visitante, era a última linha arquitectónica que esperava ali encontrar. Atingiram a Madison; o Cadillac percorreu a larga avenida durante vários quarteirões, sempre no trânsito compacto, até que, ao chegarem ao edifício da Sony, reconhecível pelo seu topo chippendale, o carro abrandou e imobilizou-se na esquina seguinte.

"The office is here", anunciou o motorista, apontando para a porta de um arranha-céus. "Mister Moliarti is expecting you."

Tomás apeou-se e apreciou o prédio. Era uma vistosa torre de granito cinzento-esverdeado polido, com mais de quarenta andares e uma traça moderna, quase aerodinâmica. Um vento gelado percorreu o passeio e um homem bem agasalhado saiu apressadamente da entrada do edifício e aproximou-se de si.

"Professor Noronha?"

Tomás reconheceu o português com sotaque brasileiro-americanado do seu interlocutor ao telefone.

"Bom dia."

"Bom dia, professor. Sou Nelson Moliarti, da American History Foundation. É um prazer conhecê-lo."

"O prazer é todo meu."

Apertaram as mãos. Moliarti era um homem baixo e magro, com cabelos grisalhos encaracolados; parecia uma ave de rapina, os olhos pequenos e o nariz fino e curvado como um gancho pontiagudo.

"Bem-vindo", disse o anfitrião.

"Obrigado", retorquiu Tomás. Olhou em redor. "Está um gelo desgraçado, não é?"

"Como disse?"

"Está frio."

"Sim, sim, muito frio." Fez-lhe sinal. "Venha, vamos para dentro."

Deram uns passos e refugiaram-se no abrigo quente do sofisticado edifício. Tomás admirou o átrio de mármore, ornamentado por uma surpreendente escultura, um bloco de granito que parecia suspenso

dentro de um tanque de aço; por baixo corria um fio de água. Moliarti viu-o a observar a escultura e sorriu.

"É curioso, não é? Foi feito por um escultor americano."

"Interessante."

"Venha, o nosso office é no vigésimo-terceiro andar."

Apanharam o elevador e subiram com surpreendente velocidade; as portas abriram-se em alguns segundos e saíram ambos no piso ocupado pela fundação. A porta principal era feita de vidro opaco enquadrado por aço lúcido, com o logotipo da instituição impresso à frente. Uma águia real segurava numa pata um ramo de oliveira, na outra agarrava uma faixa com uma inscrição em latim, *Hos successus alit: possunt, quia posse videntur*. As iniciais AHF encontravam-se caligrafadas em chancelaria por baixo.

Tomás leu a frase num murmúrio e puxou pela memória.

"Virgílio", comentou por fim.

"Como?"

"Esta frase aqui", disse o português, apontando para a faixa agarrada pela águia do logotipo. "É uma citação da Eneida, de Virgílio." Releu a frase e traduziu: "O sucesso encoraja-os: eles podem porque pensam que podem."

"Ah, sim. É o nosso lema", sorriu Moliarti. "O sucesso traz sucesso, nenhum obstáculo é grande de mais para nos travar." Mirou Tomás com respeito. "Você é versado em latim?"

"Naturalmente", exclamou de pronto. "Latim, grego e copta, embora não treine o suficiente." Suspirou. "Quero agora meter-me no hebraico e no aramaico, isso abrir-me-ia novos horizontes."

O americano assobiou, impressionado, mas não teceu mais comentários. Cruzaram a porta, passaram a recepção e Moliarti conduziu-o pelo corredor; foram dar a um gabinete moderno ocupado por uma sexagenária de ar antipático.

"Aqui está o nosso convidado", disse, indicando Tomás.

A senhora ergueu-se e cumprimentou-o com um aceno de cabeça.

"Esta é a senhora Theresa Racca, a secretária do presidente da fundação."

"Hello", saudou o português, apertando-lhe a mão.

"O John está?", perguntou Moliarti.

"Yes."

Moliarti bateu à porta e, quase sem esperar, abriu-a. Detrás de uma pesada secretária de mogno polido sentava-se um homem quase calvo, os poucos cabelos grisalhos puxados para trás e uma papada sob o queixo. O homem levantou-se e abriu os braços.

"Nel, come in."

Moliarti entrou e exibiu o convidado.

"Este é o professor Noronha, de Lisboa", disse em inglês, apresentando-os. "Professor, este é John Savigliano, presidente do executive board da American History Foundation."

Savigliano abandonou a secretária e estendeu as duas mãos em direcção ao português, um vasto sorriso acolhedor estampado no rosto.

"Welcome! Welcome! Seja bem-vindo a Nova Iorque, professor."

"Obrigado."

Apertaram as mãos com entusiasmo.

"A viagem foi boa?"

"Sim, óptima."

"Esplêndido! Esplêndido!" Fez um gesto com a mão esquerda, mostrando uns confortáveis sofás de couro num canto do gabinete. "Por favor, sente-se."

Tomás acomodou-se num sofá e analisou de relance o escritório. Todo ele se encontrava mobilado num estilo conservador, com madeira de carvalho embutida nas paredes e no tecto e os espaços ocupados por móveis europeus do século xviii, provavelmente franceses ou italianos. Uma enorme janela revelava a floresta de prédios que se estendiam por Manhattan; o visitante percebeu que a vista se abria para sul porque, por entre os múltiplos arranha-céus plantados pela cidade, se reconheciam à esquerda os radiantes arcos em aço do espectacular Chrysler Building, à

direita os degraus escalados e a longa agulha do Empire State Building e, lá mais ao fundo, como se fossem gigantescas miniaturas, as largas fachadas envidraçadas das torres gêmeas do World Trade Center. O soalho do escritório do presidente da fundação era de nogueira envernizada; havia enormes plantas nos cantos e um belo quadro abstracto, com formas vermelho-vivas sobre um fundo verde-azeitona em curvas, a completar a decoração do gabinete.

"É um Franz Marc", explicou Savigliano, notando o interesse do seu convidado naquela pintura. "Conhece?"

"Não", disse Tomás, abanando a cabeça.

"Era um amigo de Kandinsky, formaram os dois o grupo Der Blaue Reiter em 1911", indicou. "Comprei este quadro há quatro anos num leilão em Munique." Assobiou. "Uma fortuna, acredite. Uma fortuna."

"Aqui o John é um amante de bons quadros", explicou Moliarti. "Tem em casa um Pollock e um Mondrian, imagine."

Savigliano sorriu e baixou os olhos.

"Oh, é um viciozinho meu." Mirou Tomás. "Quer beber alguma coisa?"

"Não, não quero nada."

"Esteja à vontade. Café? Temos um cappuccino que é uma maravilha..."

"Uh... está bem, um cappuccino pode ser."

O presidente da fundação voltou a cabeça para a porta.

"Theresa!", chamou.

"Sim, senhor presidente?"

"Traga três cappuccinos e uns cookies."

"Right away, senhor presidente."

Savigliano esfregou as mãos e sorriu.

"Professor Tomás Noronha", disse. "Posso chamar-lhe Tom?"

"Tom?", riu-se Tomás. "Como Tom Hanks? Tudo bem."

"Espero que não se importe. Sabe, nós, os americanos, somos muito informais." Apontou para si. "Por favor, chame-me John."

"E eu sou o Nel", disse Moliarti.

"Então estamos entendidos", sentenciou Savigliano. Olhou para os arranha-céus que se estendiam para lá da janela. "É a sua primeira vez em Nova Iorque?"

"Sim, nunca saí da Europa."

"E está a gostar?"

"Bem, ainda não vi muito, mas, para já, parece-me tudo bem." Tomás hesitou. "Sabe, dou comigo a olhar para as ruas e a achar que Nova Iorque parece um cenário de um filme de Woody Allen."

Os dois americanos desataram a rir.

"Essa é boa!", exclamou Savigliano. "Um filme de Woody Allen!"

"Só mesmo um europeu para dizer uma coisa dessas", comentou Moliarti, abanando a cabeça com ar divertido.

Tomás permaneceu especado, sorrindo, mas sem entender a graça.

"Não acham?"

"Bem, é uma questão de perspectiva", devolveu Savigliano. "É possível que quem só conheça Nova Iorque através do cinema pense assim. Mas, lembre-se, não é Nova Iorque que parece um filme, são os filmes que parecem Nova Iorque." Piscou um olho. "Capisce?"

A senhora Racca entrou no gabinete com um tabuleiro, colocou as chávenas na mesinha diante dos sofás; encheu-as de café fumegante, deixou uns saquinhos de açúcar e umas bolachas de chocolate e saiu. Os três bebericaram os seus cappuccinos. Savigliano encostou-se no sofá e pigarreou.

"Tom, vamos então falar sobre o que o trouxe cá." Mirou Moliarti de relance. "Presumo que o Nel lhe tenha explicado o que é a nossa instituição..."

"Sim, deu-me uma pincelada."

"Muito bem. A American History Foundation é uma organização sem fins lucrativos financiada por fundos privados. A fundação nasceu

aqui, em Nova Iorque, em 1958, com o objectivo de encorajar estudos sobre a história do continente americano. Criámos um scholarship para estudantes americanos e de todo o mundo, destinado a premiar investigações inovadoras, estudos que revelem novas facetas do nosso passado."

"É o Columbus Scholarship", precisou Moliarti.

"Isso. Para além do mais, temos financiado pesquisas efectuadas por arqueólogos e historiadores profissionais. Muitos desses trabalhos foram publicados e poderá encontrá-los nas secções de Americana de qualquer boa livraria da cidade."

"Que tipo de trabalhos?", quis saber Tomás.

"Tudo o que diga respeito à história do continente americano", indicou o presidente da fundação. "Desde coisas sobre os dinossauros que viveram neste continente até investigações relativas aos native-americans, às ocupações coloniais europeias e aos movimentos migratórios."

"Native-americans? "

"Sim", sorriu Savigliano. "É uma expressão politicamente correcta que usamos na América. Refere-se aos povos que aqui se encontravam quando os europeus chegaram."

"Ah."

Savigliano suspirou.

"Bem, vamos então falar especificamente do nosso problema." Fez uma pausa, considerando por onde começar. "Como sabe, em 1992 foram celebrados os quinhentos anos da descoberta da América. As cerimónias foram magníficas e, orgulho-me de o dizer, a American History Foundation desempenhou um papel relevante no êxito dessas celebrações. Quando as comemorações terminaram e a poeira assentou, reunimo-nos para decidirmos qual o nosso projecto seguinte. Olhando para o calendário, houve uma data que nos saltou aos olhos." Mirou Tomás com intensidade. "Sabe qual é?"

"Não."

"O dia 22 de Abril de 2000. Daqui a três meses."

Tomás fez as contas.

"A descoberta do Brasil."

"Bingo!", exclamou Savigliano. "Os quinhentos anos da descoberta do Brasil." Bebericou mais um bocado de café. "Ora bem, o que fizemos foi convocar uma reunião com os nossos consultores e pedir-lhes ideias. O desafio era saber o que poderíamos fazer de modo a assinalarmos a data condignamente. Um dos consultores presentes foi aqui o Nel, que já tinha leccionado História numa universidade brasileira e conhecia muito bem o país. O Nel fez-nos uma proposta que achámos interessante." Olhou para Moliarti. "Nel, creio que é melhor explicares a tua ideia."

"Com certeza, John", assentiu Moliarti. "No fundamental, a ideia que apresentei assenta numa polémica que tem alimentado a historiografia ao longo do tempo: Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil por acidente ou de propósito? Como sabe, os historiadores desconfiam de que os portugueses já sabiam que o Brasil existia e que Cabral apenas veio formalizar um acto que já ocorrera. Pois bem, eu propus ao executive board que financiasse um estudo que desse a resposta definitiva a essa questão."

"O board concordou e a máquina foi colocada em marcha", acrescentou Savigliano. "Decidimos contratar os melhores peritos nessa área, mas queríamos pessoas que, embora rigorosas, fossem arrojadadas, tivessem a coragem de afrontarem ideias feitas, fossem capazes de irem para além da mera consulta de fontes e tivessem a agilidade mental de perceberem o que não era explicitamente dito nos documentos, mas permanecia subentendido."

"Como decerto sabe", explicou Moliarti, "muita coisa foi descoberta e mantida em sigilo, havia informação que era considerada segredo de Estado."

"Portugal era o campeão do segredo", assentiu Tomás. "Havia a chamada política de sigilo."

"Precisamente", concordou Moliarti. "Ora, com as descobertas a serem feitas às escondidas e a serem mantidas secretas, não faz sentido que os historiadores não tenham capacidade nem disposição para irem além dos documentos oficiais. Pois, se os documentos oficiais se destinavam a esconder a verdade, não a revelá-la, eles não podem ser encarados com confiança. Era por isso que queríamos investigadores arrojadados."

Tomás fez um esgar carregado de cepticismo.

"Isso dito assim até fica muito bem, mas não se pode estar à espera de que um historiador sério decida ignorar as fontes documentais, assim sem mais nem menos, e parta para a aventura efabulativa. Ele tem de assentar a sua pesquisa nos documentos que existem, não na especulação desenfreada. Não se pode estar à espera de que um historiador dê rédea livre à imaginação; caso contrário, já não estamos a falar de história, mas de ficção histórica, não é?"

"Com certeza."

"É evidente que os documentos têm de ser sujeitos à crítica", insistiu Tomás. "É preciso entender a finalidade dos manuscritos, perceber a sua intenção e avaliar a respectiva fiabilidade. É isso, afinal, a crítica das fontes. Mas que é preciso que a investigação histórica assente em fontes documentais, lá isso não tenho dúvidas."

"Nem nós", apressou-se Moliarti a esclarecer. "Nem nós. É por isso que queríamos historiadores sólidos. O que achámos também é que teriam de ser pessoas que fossem capazes de conceptualiza-rem para além do espartilho dos documentos, os quais foram concebidos, ao abrigo da política de sigilo vigente em Portugal no século xv, para ocultarem. Isso implica que os nossos investigadores teriam de ser sólidos, por um lado, mas, ao mesmo tempo, arrojados." Pegou numa bolacha de chocolate e trincou-a. "O board encarregou-me de encontrar historiadores com esse perfil e andei alguns meses a pesquisar, a ver currículos, a fazer perguntas, a ler trabalhos, a consultar amigos. Até que descobri um homem que correspondia ao briefing que me tinha sido feito."

Moliarti fez uma pausa, tão longa que Tomás se viu na obrigação de perguntar. , "Quem?"

"O professor Martinho Vasconcelos Toscano, da Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa."

Tomás arregalou os olhos.

"O professor Toscano? Mas ele..."

"Sim, meu caro", cortou Moliarti, o ar grave. "Ele morreu há duas semanas."

"Pois, foi isso o que me disseram. Até veio noticiado nos jornais."

Moliarti suspirou pesadamente.

"O professor Toscano atraiu a minha atenção por causa dos estudos inovadores que tinha efectuado sobre Duarte Pacheco Pereira, em particular em torno da sua obra mais conhecida, o enigmático Esmeraldo de Situ Orbis. Li os trabalhos dele e fiquei muito bem impressionado com a sua inteligência viva, a capacidade que revelou em ir muito para além das aparências, em desafiar as verdades estabelecidas. Além do mais, a sua obra era muito respeitada no Departamento de História da PUC."

"PUC?"

"A Universidade Católica do Rio de Janeiro, onde leccionei", esclareceu Moliarti. "De modo que fui a Lisboa falar com ele e convenci-o a encabeçar este projecto." Sorriu. "Julgo que os bons honorários que pagamos também contribuíram um bocadinho para o convencer."

"A American History Foundation orgulha-se de ser a instituição que melhor paga aos seus colaboradores", gabou-se Savigliano. "Exigimos o melhor e pagamos o melhor."

"Pois, o professor Toscano parecia-nos ter o perfil certo", retomou Moliarti. "Não escrevia muito bem, é verdade, esse parece ser um problema de alguns historiadores portugueses, mas não era obstáculo de monta. Para tratar do estilo temos aqui uns especialistas, uns Hemingways capazes de fazerem com que o professor Toscano parecesse o John Grisham."

Os dois americanos riram-se.

"E por que não o James Joyce?", inquiriu Tomás. "Dizem que é o melhor escritor de língua inglesa..."

"O Joyce?", exclamou Savigliano. "Jesus Christ! Esse ainda deve escrever pior do que o Toscano!"

Novas gargalhadas.

"Bem, chega de galhofa", disse, por fim, Moliarti. "Onde é que eu ia?"

"Que o professor Toscano tinha o perfil certo, mas escrevia mal", indicou Tomás.

"Ah, sim." Inspirou fundo. "Bem, não diria que o professor Toscano tinha o perfil certo. O que se passava é que ele correspondia ao perfil que me foi traçado."

"Não é a mesma coisa?"

Moliarti fez uma careta.

"Não é exactamente a mesma coisa. Sabe, o professor Toscano apresentava alguns problemas, conforme tive oportunidade de descobrir." Bebeu um trago de café. "Em primeiro lugar, não era pessoa para se manter dentro dos limites da sua área de investigação. Tratava-se de um homem indisciplinado, seguia pistas que, embora interessantes, se revelavam irrelevantes para o estudo que tinha em mãos, levando-o a desperdiçar muito tempo em coisas acessórias. Depois, não gostava de prestar contas sobre o trabalho que fazia. Eu queria acompanhar a evolução da investigação e pedi-lhe relatórios regulares, mas ele não me dizia nada, apenas resmungava umas balelas sem sentido. Chegou a anunciar-me que tinha feito uma descoberta importantíssima, uma coisa que iria mudar tudo o que sabemos sobre os Descobrimentos, uma verdadeira revolução. Quando lhe perguntei o que era, fechou-se em copas e disse que eu teria de esperar para ver."

Fez-se um silêncio.

"E esperaram?"

"Esperar, esperámos. Não tínhamos alternativa, não é?"

"E depois?"

"E depois ele morreu", indicou Savigliano sombriamente.

"Hmm", murmurou Tomás, pensativo. "Sem explicar que descoberta era essa."

"Exacto."

"Estou a perceber", disse, encostando-se no sofá. "É esse o vosso problema."

Moliarti pigarreou.

"Esse também é o nosso problema." Ergueu o indicador. "Mas não é o único, porventura nem sequer será o maior."

"Ah, não?", admirou-se o português.

"Não", retorquiu Moliarti. "O maior problema é que o prazo para apresentar a investigação expira daqui a três meses e não temos nada para mostrar."

"Como assim?"

"É como lhe estou a dizer. Dentro de três meses celebram-se os quinhentos anos da descoberta do Brasil e o trabalho da American History Foundation não será visível. Como lhe expliquei, o professor Toscano tinha a mania dos segredos e não nos passou material nenhum, pelo que estamos de mãos a abanar. Não temos nada." Juntou o indicador ao polegar, simulando um 0. "Zero." "Será a primeira vez na sua existência que a fundação não dará nenhum contributo numa grande efeméride da história do nosso continente", acrescentou Savigliano.

"Uma vergonha", comentou Moliarti, abanando a cabeça. Olharam os dois para o português, expectantes. "É por isso que o contactámos", explicou Savigliano. "Precisamos que recupere o trabalho de Toscano." "Eu?"

"Sim, você", confirmou, apontando-lhe o dedo. "Tem muito para fazer e tem de o fazer com rapidez. Precisamos que o manuscrito esteja pronto, no máximo, em dois meses. A nossa editora é capaz de pôr o livro cá fora em apenas um mês, mas não faz milagres. É fundamental que tenhamos as coisas terminadas em meados de Março."

Tomás olhava-o com estupefacção.

"Desculpe, desculpe, mas deve haver aqui um equívoco qualquer." Inclinou-se para a frente e encostou a palma da mão ao peito. "Eu não sou perito na área dos Descobrimentos. A minha área de especialidade é outra. Eu sou um paleógrafo e um criptanalista, o meu trabalho é decifrar mensagens ocultas, interpretar textos e determinar a fiabilidade dos documentos. É nisso que sou bom, o melhor no meu campo. Se precisam de um especialista no período dos Descobrimentos, tudo bem, posso indicar-vos nomes. No meu departamento, na Universidade Nova de Lisboa, existem professores mais do que qualificados para vos ajudarem na investigação. Aliás, se querem saber, até já estou a pensar em uma ou duas pessoas adequadas para esse trabalho. Mas eu, meus caros, eu não." Mirou os dois americanos "Fui claro?"

Os dois americanos entreolharam-se.

"Tom, você foi muito claro", disse Savigliano. "Mas é você que queremos contratar."

Tomás ficou espcado a observá-lo durante dois longos segundos.

"Creio não me ter explicado bem", disse por fim.

"Você explicou-se muito bem, Tom. Crystal clear. Penso é que nós não nos explicámos muito bem."

"Como assim?"

"Oiça, nós não precisamos de um perito na área dos Descobrimentos", esclareceu Savigliano. "Para isso temos aqui o Nel." Indicou Moliarti com o polegar. "O que precisamos mesmo é de alguém que nos ajude a reorganizar tudo o que o professor Toscano investigou sobre a descoberta do Brasil."

"Mas é isso o que eu vos estou a dizer", insistiu Tomás. "Já percebi que vocês não querem um historiador para investigar mais, mas alguém que pegue no que já está investigado e reorganize as coisas para publicação. Muito bem. Mas quem melhor do que um verdadeiro especialista na área dos Descobrimentos para fazer esse trabalho, hã? Eu é que não sou a pessoa certa, percebem? Eu sou um perito em paleografia e criptanálise, não vos posso ajudar. Entenderam?"

"Não, você é que ainda não nos entendeu", devolveu Savigliano. Olhou para Moliarti. "Explique-lhe tudo, Nel, senão nunca mais saímos daqui."

"Ora bem, o problema é este", começou Moliarti. "Como lhe disse há pouco, o professor Toscano era uma pessoa que gostava muito de manter as coisas em segredo. Não nos fazia relatórios periódicos, não nos dizia nada, mantinha-nos sempre no escuro. Quando eu lhe perguntava coisas, optava por evasivas, fugia sempre às questões. Chegámos até a zangar-nos por causa disso." Respirou fundo. "Mas a mania dos segredos atingiu pontos verdadeiramente absurdos. Ele fazia absoluta questão em que ninguém soubesse o que tinha descoberto e, como vivia com a paranóia de que todos lhe queriam roubar os segredos, resolveu ocultar toda a informação que tinha reunido."

"Como assim?"

"É isso que lhe estou a dizer", exclamou Moliarti. "Ele ocultou tudo. Tudo. Deixou enigmas cifrados com a chave para as descobertas que foi

fazendo, mas a verdade é que essa informação não está ao nosso dispor." Inclinou-se em direção a Tomás. "Tom, você é português, tem conhecimentos básicos sobre os Descobrimentos e é um perito em criptanálise. Você é a solução."

Tomás voltou a recostar-se no sofá, surpreendido.

"Bem... uh... isso é realmente..."

"E ainda poderá contar com a minha ajuda", reforçou Moliarti. "Eu próprio irei a Lisboa fazer pesquisa de imagens e estarei sempre ao seu dispor para o que for necessário." Hesitou. "Em boa verdade, vou até querer relatórios regulares sobre o avanço do seu trabalho."

"Calma", cortou Tomás. "Não sei se tenho vida para isso. Dou aulas na faculdade e, além do mais, tenho problemas que cheguem na minha..."

"Estamos dispostos a pagar o que for preciso", adiantou-se Savigliano, tirando o ás da manga. "Dois mil dólares por semana, mais quaisquer despesas que você faça. Se for bem sucedido no prazo que estabelecemos, terá ainda um prêmio de meio milhão de dólares." Quase soletrou a soma. "Já viu? Meio milhão de dólares." Estendeu a mão. "Take it or leave it."

Tomás não precisou de fazer muitas contas. Dois mil dólares eram aproximadamente equivalentes a dois mil euros. Quatrocentos contos por semana. Mil e seiscentos contos por mês. Meio milhão de dólares era igual a meio milhão de euros, mais cêntimo, menos cêntimo. Cem mil contos. Ali se apresentava a solução para todos os seus problemas. As múltiplas consultas de Margarida, o professor de ensino especial, uma casa melhor, um futuro mais seguro, ainda aqueles pequenos nada de que sentiam falta, coisas simples como irem jantar a um restaurante, darem um passeio até Óbidos sem se preocuparem com o gasto de gasolina ou mesmo irem passar um fim de semana a Paris para levarem Constança ao Louvre e a pequena à Eurodisney. Na verdade, interrogou-se, porquê a dúvida? A proposta era irrecusável.

Inclinou-se para a frente e mirou o seu interlocutor nos olhos.

"Onde é que assino?", perguntou.

Apertaram as mãos com entusiasmo, o negócio ficara selado.

"Tom, welcome aboard!", rugiu Savigliano com um grande sorriso. "Vamos fazer grandes coisas juntos. Grandes coisas!"

"Espero que sim", assentiu o português, a mão a ser trucidada pelo eufórico americano. "Quando começo?"

"Imediatamente."

"E por onde?"

"O professor Toscano morreu há duas semanas num hotel do Rio de Janeiro", disse Moliarti. "Teve uma síncope cardíaca enquanto bebia um suco, veja lá. Sabemos que ele andou a consultar documentos na Biblioteca Nacional e na biblioteca portuguesa do Rio. Poderão estar aí as pistas que terá de deslindar."

O rosto de John Savigliano adoptou um irónico tom pesaroso.

"Tom, é meu penoso dever anunciar-lhe que você vai amanhã apanhar um avião e seguir para o Rio de Janeiro."

III

As grades dos portões metálicos ofereciam uma visão entrecortada do palácio de São Clemente, uma elegante mansão branca de três andares cujas linhas arquitectónicas eram claramente inspiradas nos palacetes europeus do século xvm; o edifício erguia-se, esbelto e orgulhoso, por entre um jardim cuidado e dominado por esguias bananeiras, palmeiras e coqueiros, mais mangueiras e flamboyants; em redor, a cercar a mansão, a vegetação luxuriante cerrava fileiras nas matas densas de Botafogo; e, atrás, como um gigante silencioso, erguia-se a encosta nua e escura do Morro Santa Marta.

Fazia calor e Tomás limpou a testa ao sair do táxi; dirigiu-se ao portão e, quando chegou às grades, espreitou para o casinhoto da guarda, à esquerda.

"Faz favor", chamou.

O homem fardado estremeceu na cadeira onde dormitava; levantou-se, estremunhado, e aproximou-se.

"Pois não?"

"Tenho um encontro com o cônsul."

"Está marcado?"

"Sim."

"Qual é o seu nome?"

"Tomás Noronha, da Universidade Nova de Lisboa."

"Aguarde um momento, por favor."

O guarda voltou ao casinhoto, comunicou pelo intercomunicador, aguardou uns instantes, obteve a resposta e veio abrir o portão.

"Por gentileza", disse, apontando para a entrada principal do palácio. "Queira dirigir-se àquela porta ali."

Tomás calcorreou a calçada à portuguesa que conduzia ao edifício consular, tendo especial cuidado em evitar pisar o jardim, e dirigiu-se ao local indicado, escalando uma rampa inclinada. Subiu as escadas, cruzou a porta de entrada, entalhada em madeira escura, e deu consigo num pequeno hall decorado com azulejos do século xviii, com motivos de flores e até figuras humanas de trajes setecentistas; duas portas entalhadas a folhas de ouro encontravam-se abertas em par e o visitante entrou num vasto átrio onde se destacava uma requintada mesa D. José ao centro, com uma peça de porcelana em cima e um vistoso candelabro pendurado do topo.

Um homem novo, o cabelo preto puxado para trás e fato azul-escuro, aproximou-se do visitante, os passos a ecoarem no pavimento de mármore.

"Professor Noronha?"

"Sim?"

"Lourenço de Mello", disse o homem, estendendo a mão. "Sou o adido cultural do consulado."

"Como está?"

"O senhor cônsul já vem." Indicou um salão do lado esquerdo. "Faça o favor, vamos esperar no salão de festas."

O salão era alto e comprido, embora não muito largo. Tinha molduras de folhas de ouro no tecto creme e nas paredes pintadas a salmão, com várias portadas altas, à esquerda, a darem para o jardim da frente e decoradas com cortinas vermelhas bordadas a ouro; o piso em composé de madeiras brasileiras brilhava com o verniz, reflectindo

difusamente os sofás e poltronas espalhados pelo salão; Tomás calculou que o mobiliário era de um estilo a imitar Luís XVI; um enorme quadro de D. João VI, o rei que viera para o Rio para escapar às invasões napoleónicas, ornava a parede junto ao canto onde ambos se sentaram; ao fundo do salão repousava um grande piano de cauda, negro e reluzente, parecia-lhe um Erard.

"Quer tomar alguma coisa?", perguntou o adido cultural.

"Não, obrigado", agradeceu Tomás enquanto se ajeitava na cadeira.

"Quando é que chegou?"

"Ontem, ao fim da tarde."

"Veio na TAP?"

"Delta Airlines."

Lourenço de Mello fez um ar admirado.

"Delta? A Delta voa de Lisboa para aqui?"

"Não", riu-se Tomás. "Voei de Nova Iorque para Atlanta e de Atlanta para aqui."

"Você foi aos Estados Unidos para vir para o Brasil?"

"Uh... sim, de facto." Remexeu-se na cadeira. "O que se passou é que tive uma reunião em Nova Iorque com os tipos da American History Foundation, não sei se conhece..."

"Vagamente."

"... e ficou decidido que viria imediatamente para cá."

O adido cultural mordeu o lábio inferior.

"Hmm, estou a perceber." Suspirou. "Coisa desagradável, esta."

"O quê?"

"A morte do professor Toscano. Não imagina o..."

Um homem de meia-idade, enérgico e elegante, o cabelo grisalho nas têmporas, irrompeu pelo salão.

"Então muito bom dia."

Lourenço de Mello levantou-se e Tomás imitou-o.

"Senhor embaixador, este é o professor Noronha", disse o adido, fazendo as apresentações. "Senhor professor, o embaixador Álvaro Sampayo."

"Como está?"

"Faça o favor, esteja à vontade", disse o cônsul. Sentaram-se todos. "Meu caro Lourenço, já ofereceste um café ao nosso convidado?"

"Sim, senhor embaixador. Mas o professor não quer."

"Não quer?", espantou-se o diplomata, mirando Tomás com ar de reprovação. "É café do Brasil, meu amigo. Melhor, só mesmo o de Angola."

"Terei muito gosto em experimentar o seu café, senhor embaixador, mas não com o estômago vazio, caía-me mal."

O cônsul bateu com a palma da mão no joelho e ergueu-se de pronto, com vigor.

"Tem toda a razão!" Fitou o adido. "O Lourenço, vai dizer ao pessoal para servir o almoço, já são horas."

"Sim, senhor embaixador", respondeu o adido, saindo para transmitir as ordens.

"Venha daí", disse o cônsul para Tomás, puxando-o pelo cotovelo. "Vamos passar à sala de jantar."

Entraram na enorme sala de jantar, dominada por uma longa mesa de madeira de jacarandá, com pés trabalhados e vinte cadeiras de ambos os lados, todas forradas a tecido bordeaux; dois lustres de cristal pendiam sobre cada ponta da mesa, belos e imponentes; o tecto mostrava-se ricamente trabalhado, com clarabóias circulares e um enorme escudo português no topo; o pavimento era coberto por mármore alpenina, parcialmente tapado por tapetes beiriz; uma enorme peça de tapeçaria erguia-se na parede do fundo, exibindo uma cena setecentista de jardim inglês. A direita da sala apresentava-se rasgada por um corredor protegido por quatro altas colunas de mármore, dando para um pátio interno onde jorrava uma fonte decorada a azulejos; a esquerda revelava portadas que se abriam em par para um luxuriante jardim tropical.

Três pratos de porcelana, com os respectivos talheres de prata e copos de cristal, encontravam-se dispostos em cima da mesa, na outra ponta, diante da gigantesca peça de tapeçaria.

"Faça o obséquio", indicou o cônsul na cabeceira da mesa, apontando para o lugar à sua direita.

Tomás sentou-se e o adido cultural, entretanto reaparecido, juntou-se-lhes à mesa.

"Já vem o almoço", anunciou Lourenço.

"Excelente", exclamou o cônsul enquanto colocava o guardanapo no regaço. Pousou os olhos no convidado. "Correu bem a viagem?"

"Uh... mais ou menos. Apanhámos um bocado de turbulência."

O diplomata sorriu.

"Pois, a turbulência é enervante." Ergueu o sobrolho com malícia. "O meu amigo não me diga que tem medo de voar..."

"Uh... bem...", gaguejou Tomás. "Medo não direi. Tenho apenas um pouco de receio."

Riram-se todos.

"Sabe, é uma questão de hábito", explicou o diplomata. "Quanto mais viajamos, menos medo temos de voar. Costuma viajar pouco, é?"

"Sim, viajo pouco. Volta e meia sou convidado para uma conferência em Espanha, em Itália ou na Grécia, ou vou aqui e ali fazer uma peritagem ou uma investigação, mas, em geral, mante-nho-me por Lisboa, tenho uma vida demasiado complicada para andar por aí na vadiagem."

Um homem de uniforme branco e botões dourados apareceu com um tabuleiro e serviu sopa. Tomás olhou para os legumes e reconheceu a sopa juliana.

"Esta é a sua primeira vez no Rio?", quis saber o cônsul.

"Sim, nunca cá vim."

Começaram a comer.

"Que tal?"

"Ainda é cedo para avaliar." Engoliu uma colherada. "Só cheguei ontem, já ao fim do dia. Mas, para já, estou a gostar muito, dá-me a sensação de ser uma espécie de Portugal tropical."

"É, essa é uma boa definição. Um Portugal tropical."

Tomás suspendeu a colher de sopa por um instante.

"Senhor embaixador, desculpe-me a pergunta. O senhor, sendo embaixador, por que razão é cônsul? Não deveria ocupar o lugar de embaixador?"

"Sim, em condições normais seria isso o que se passaria. Mas, sabe, o Rio de Janeiro é um lugar especial." Baixou o tom de voz, num aparte. "O consulado do Rio é melhor do que a embaixada em Brasília, percebe?"

O convidado abriu a boca e recomeçou a comer.

"Ah, entendo." Mas manteve o ar intrigado. "Porquê?"

"Ora essa, porque o Rio de Janeiro é um sítio muito mais agradável do que Brasília, que fica lá num planalto perdido no meio do mato."

"Ah", exclamou, compreendendo finalmente. "Mas o senhor já esteve em várias embaixadas..."

"Claro. Em Bagdade, em Luanda, em Beirute. Tudo o que era sítio complicado, lá estava este seu humilde e abnegado amigo empenhado em servir a nação."

Terminaram a sopa e o empregado levou os pratos. Voltou instantes mais tarde com uma travessa fumegante, era lombo de porco assado, que serviu com arroz de tomate e ervilhas e ainda batatas assadas; encheu depois os copos de água e de tinto alentejano.

"Senhor embaixador, deixe-me agradecer-lhe a amabilidade que teve em me convidar."

"Ora essa, por amor de Deus, não tem de agradecer. Eu é que tenho o maior prazer em ajudá-lo na sua missão." Começaram a comer a carne assada. "Aliás, depois de o senhor ligar de Nova Iorque, recebi instruções do ministério, em Lisboa, no sentido de lhe conceder todo o apoio de que necessitar. Sabe, as pesquisas relacionadas com os quinhentos anos da descoberta do Brasil são consideradas de interesse estratégico para o desenvolvimento das relações entre os dois países, pelo que, creia-me, não

lhe estou a fazer nenhum favor, limito-me a cumprir as minhas obrigações."

"De qualquer modo, agradeço-lhe." Hesitou. "O senhor conseguiu obter as informações de que lhe falei ao telefone?"

"Hmm-hmm", assentiu o embaixador enquanto engolia um pedaço de carne. "A morte do professor Toscano foi o cabo dos trabalhos aqui no consulado. Você não imagina os aborrecimentos que tivemos em trasladar o corpo para Portugal." Suspirou. "Foi um bico-de-obra, não lhe passa pela cabeça. Credo! Eram papéis para aqui e formulários para ali, mais o inquérito da polícia, os problemas na morgue e ainda um rol de autorizações, carimbos e burocracia. Depois vieram as dificuldades levantadas pela companhia aérea... Enfim, um filme de terror, só visto." Olhou para o adido. "Aqui o Lourenço é que passou as passas do Algarve, não foi, Lourenço?"

"Ah, senhor embaixador, nem me fale nisso."

"Quanto à informação que me solicitou, andámos a ver os papéis do professor Toscano e descobrimos que ele esteve a fazer quase todas as pesquisas na Biblioteca Nacional, mas também um bocadinho no Real Gabinete Português de Leitura."

"Onde é isso?"

"No centro da cidade." Bebeu um trago de vinho. "Hmm, este tinto está mesmo divino", exclamou, erguendo o copo contra a luz e analisando o néctar escuro. Mirou Tomás. "Mas você não deve ter muita coisa para descobrir, sabe? O professor Toscano esteve aqui apenas três semanas antes de lhe dar o badagaio... uh, perdão... antes de falecer."

"Pois, não deve ter visto muita coisa."

"Teve pouco tempo, o infeliz."

Tomás pigarreou.

"O senhor embaixador disse que andou a ver os papéis do professor Toscano..."

"Hmm-hmm."

"Já mandou isso para Lisboa, presumo."

"Claro."

O adido cultural tossiu, interpondo-se na conversa.

"Não é bem assim", atalhou Lourenço de Mello.

"Não é bem assim, como?", admirou-se o cônsul.

"Houve um problema com a mala diplomática e os papéis do professor Toscano ainda cá estão. Vão seguir amanhã."

"Ah, sim?", exclamou o embaixador Álvaro Sampayo. Olhou para Tomás. "Olhe, afinal, os papéis ainda aí estão."

"Posso vê-los?"

"Os papéis? Com certeza." Fitou o adido. "Ó Lourenço, vá lá buscar isso, se faz favor."

O adido levantou-se e desapareceu para lá da porta.

"Então este lombo assado?", perguntou o cônsul, apontando para o prato do convidado.

"Uma maravilha", elogiou Tomás. "E esta ideia de porem batatas doces no meio das outras é formidável."

"É, não é?"

Lourenço de Mello regressou com uma pasta na mão. Sentou-se e abriu-a sobre a mesa, tirando resmas de papéis.

"São sobretudo fotocópias e apontamentos", explicou.

Tomás agarrou nos papéis e estudou-os. Tratava-se de fotocópias de livros antigos, pelo tipo de impressão e de texto calculou serem quinhentistas; havia textos em italiano, outros em português antigo e algumas coisas em latim, tudo repleto de ornées trabalhadas e belas iluminuras, os traços desenhados a pincel e a pena. Já os apontamentos não passavam de uns gatafunhos quase imperceptíveis, riscados à pressa; reconheceu algumas palavras; aqui "Cantino", ali "Pinzón", acolá "Cabral", o suficiente para perceber que se tratava de anotações relacionadas com a descoberta do Brasil.

Por entre aqueles rabiscos, Tomás apercebeu-se de uma folha solta, duas linhas firmes, três palavras redigidas com inusitado cuidado, as letras rabiscadas em maiúsculas, pareciam rasgar o papel, a caligrafia revelando contornos obscuros, insinuantes, como se encerrasse uma fórmula mágica arcaica, criada por antigos druidas e esquecida na névoa

dos séculos. Quase irreflectidamente, sem saber bem porquê, como se obedecesse a um velho instinto de historiador, aquele sexto sentido de rato de biblioteca habituado ao mofo poeirento dos velhos manuscritos, inclinou-se sobre a folha e cheirou-a; sentiu emergir dali um odor arcano, um aroma secreto, uma fragrância transportada por um mensageiro do tempo. Como um encantamento esotérico, que nada revela e tudo sugere, aquelas palavras indecifráveis exalavam o enigmático perfume do mistério.

MOLOC NINUNDIA OMASTOOS

"Coisa estranha, não é?", comentou Lourenço, intrigado. "Isso foi encontrado dobrado na carteira do professor Toscano. Não se percebe o que seja. O que raio queria ele dizer com essa conversa?"

Tomás permaneceu calado a analisar a folha que tinha nas mãos.

"Hmm", limitou-se a murmurar, pensativo.

"Valha-me Deus!", exclamou o embaixador. "Parece flamengo."

"Ou então uma dessas línguas antigas...", alvitrou Lourenço.

O convidado manteve-se concentrado naquelas estranhas palavras.

"Talvez", disse, por fim, sem tirar os olhos do texto. "Mas cheira-me mais a uma mensagem codificada."

O cônsul inclinou-se para espreitar a folha.

"Como assim? Não entendo."

"Em Nova Iorque avisaram-me que o professor Toscano cifrou ou codificou toda a informação relevante que foi descobrindo", explicou Tomás. "Ao que parece, ele era um paranóico por segurança e tinha a mania das charadas." Suspirou. "Pelos vistos, era mesmo verdade."

"Que algaraviada infernal", exclamou o cônsul. "O meu caro amigo consegue perceber alguma coisa?"

"Sim, há aqui algumas pistas", murmurou Tomás. "Para começar, este moloc. É a primeira palavra da mensagem e a única cujo sentido me parece claro, embora enigmático."

"O que quer isso dizer?"

"Moloc era uma divindade da Antiguidade." Coçou o queixo. "A primeira vez que me cruzei com esta palavra foi em criança, a ler um livro de banda desenhada de um dos meus heróis favoritos, o Bernard Prince. O álbum chamava-se *Le souffle de Moloch* e, se bem me lembro, era uma história passada numa ilha ameaçada por um vulcão em erupção, um vulcão conhecido por Moloch. Também li em miúdo algumas histórias de Alix, cujas aventuras decorriam na Antiguidade e envolviam o deus Moloch. E recordo-me ainda de ter passado os olhos por um livro de Henry Miller intitulado *Moloch*."

"Mas o que está aqui não é Moloch, é Moloc."

"Olhe, pode dizer-se Moloc, Moloch ou Melech, é tudo a mesma coisa. A palavra original é Melech, significava rei nas línguas semíticas. Os judeus distorceram-na intencionalmente para o hebraico Molech, de modo a associarem melech, rei, a bosheth, vergonha. Foi assim que nasceu Moloch, embora a ortografia Moloc seja mais comum."

"E que rei era esse?"

"Era um rei divino e cruel." Mordeu o lábio inferior. "Sabe, embora Moloc signifique rei, na verdade tratava-se de um deus adorado pelos povos de Moab, gCanaã, Tiro e Cartago e em nome dele faziam-se sacrifícios terríveis, designadamente a queima de crianças primogénitas." Olhou em redor, como se procurasse algo. "Tem aí alguma Bíblia?"

"Uma Bíblia?", admirou-se o cônsul. "Tenho, sim."

"Posso vê-la?"

"Vou buscar", voluntarizou-se Lourenço, levantando-se novamente da mesa e saindo da sala.

"Para que quer a Bíblia?", quis saber o cônsul.

"Tenho ideia de que há uma referência a Moloc no Antigo Testamento", esclareceu Tomás. "Sabe, ao longo do tempo o culto a Moloc foi relacionado com o mito do Minotauro, um monstro que todos os anos comia sete rapazes e sete raparigas virgens num labirinto perto do palácio do rei Minos, em Creta. Houve também comparações com o mito de Cronos, que engolia os seus próprios filhos, embora Moloc seja sobretudo identificado com Melkarth, de Tiro, e com Milcom, dos amonitas. Mas isso é conversa. Para mim, o importante agora é perceber em que contexto Moloc é referido na Bíblia."

"Credo", exclamou o cônsul. "Estou a ver que esse senhor Moloc era uma personagem medonha." Voltou a passar os olhos pela mensagem enigmática. "O que estaria o professor Toscano a sugerir ao mencionar tão desagradável cavalheiro?"

"Isso queria eu saber."

Lourenço regressou com um calhamaço na mão, que pousou na mesa. Tomás folheou a Bíblia, perscrutando o texto com atenção; por vezes passava resmas de páginas em grande velocidade, outras vezes parava para ler com cuidado um trecho. Alguns minutos volvidos, ergueu a mão.

"Atenção, está aqui!"

Os dois diplomatas inclinaram-se sobre o livro.

"O quê?"

"A referência a Moloc." Apontou para um parágrafo. "É uma parte em que Deus, pela voz de Moisés, proíbe que se entreguem crianças a Moloc." Fez uma pausa. "Ora oiçam." Começou a ler. "«Será apedrejado pelo povo do país... suprimi-lo-ei do meio do povo com todos os que, juntamente com ele, tiverem prestado culto a Moloc.»" Ergueu a cabeça. "Viram?"

"Ah", exclamou o cônsul, sem nada entender. "E o que quer isso dizer?"

"Pois... não sei", admitiu Tomás. "O Código Mosaico proibiu o sacrifício de crianças a Moloc, estipulando a pena de morte para qualquer homem que ordenasse ou autorizasse a oferta de um filho para sacrifício, embora o Velho Testamento registre muitas violações a esta interdição."

"Mas qual a relação disso com esta estranha mensagem que o professor Toscano nos deixou?"

"Terei de ver isso com atenção. Tudo isto que lhe estou a dizer são elementos ^que podem ajudar-nos a decifrar a mensagem, só isso. Quando lidamos com uma mensagem cifrada, ou então codificada, temos de nos agarrar às pequenas coisas que entendemos para podermos, a partir daí, quebrar a cifra, ou então quebrar o código, depende dos casos."

"Não é tudo a mesma coisa?"

"O quê?"

"Cifra e código."

Tomás abanou a cabeça.

"Não, de todo. Um código é uma substituição de palavras por outras, enquanto a cifra implica uma substituição de letras. Podemos dizer, se quiser, que o código é o aristocrata da família das cifras, dado tratar-se de uma forma complexa de cifra de substituição."

"E isto?", perguntou o cônsul, apontando para a folha redigida pelo professor Toscano. "É um código ou uma cifra?"

"Hmm, não sei", retorquiu Tomás com uma careta. "A palavra moloc remete inequivocamente para um código, mas o resto..." Deixou a frase pairar, insinuante. Após cuidada consideração, acabou por se decidir. "Não, o resto também deve ser código." Apontou para as duas palavras restantes. "Está a ver a forma como as vogais ligam com as consoantes, formando sílabas, exprimindo sons? Ninundia. Omastoos. Isto, senhor embaixador, são palavras. Uma cifra tem um aspecto diferente, raramente aparecem sílabas, aparenta tudo um ar mais caótico, desordenado, impenetrável. Vemos sequências do tipo HSDB JHWG. Aqui não, aqui as sílabas estão presentes, formam palavras, sugerem sons." Manteve o olhar fixo na misteriosa frase, prolongou-o por alguns segundos, teimoso, na esperança de que lhe saltasse à vista algo que até ali não notara, que permanecia oculto por debaixo daquelas misteriosas palavras, mas acabou por abanar a cabeça e render-se. "O problema é que não as entendo." Cerrou as pálpebras e esfregou os olhos, antevendo muito trabalho pela frente. "Terei de estudar isto com atenção."

"Essas palavras não lhe dizem nada?"

"Bem... ninundia e omastoos, com franqueza... uh... não estou a ver o que sejam", admitiu. A sua atenção concentrou-se na primeira palavra; pronunciou-a baixinho e veio-lhe uma ideia à mente. "Hmm", murmurou. "Este ninundia parece-me o nome de uma terra, não acha?" Sorriu, ligeiramente encorajado por ter detectado o que lhe parecia ser uma pista potencial. "Pode ser que a sílaba final, dia, seja remanescente da designação de um lugar."

"Um lugar?"

"Sim. Por exemplo, Normandia, Gronelândia, Finlândia..."

"E então?"

"E então teríamos Ninundití."

"E quais seriam os seus habitantes?", gracejou o cônsul. "Os ninundos?"

"Oiça, isto é apenas um palpite, mais nada."

"Mas qual o significado de tudo isto, valha-me Deus?"

"Vou ter de estudar o assunto. Ao usar a palavra ninundia, o professor Toscano poderia estar a indiciar que a chave da cifra envolve uma terra." Abriu as palmas da mão, num gesto de impotência. "Quem sabe? O que é facto é que se encontra aqui mencionada uma poderosa divindade da Antiguidade, o terrível Moloc de Canaã, e aparentemente insinuada uma terra desconhecida, essa tal de Ninundia. O que raio pretenderia o professor Toscano dizer ao colocar este deus e esta possível terra incógnita na mesma mensagem é algo que ainda terei de determinar." Olhou para o cônsul e acenou com o papel. "Posso ficar com esta folha?"

"Não", disse o diplomata. "Tenho muita pena, mas tudo isto tem de ser entregue à viúva."

Tomás fez um estalido desanimado com a língua.

"Ah, caraças", desabafou. "Que chatice..."

"Mas pode-se fotocopiar", adiantou o embaixador Sampayo.

"Fotocopiar a folha?"

"Sim" e o que mais quisesse, desde que não sejam coisas da vida privada do professor."

"Ah, ainda bem", exclamou Tomás, aliviado. "E onde posso fazer isso?"

"Aqui o Lourenço trata-lhe de tudo", indicou o cônsul, fazendo sinal ao adido.

"O que quer fotocopiar?", perguntou Lourenço, dirigindo-se a Tomás.

"Tudo. Vou precisar de tudo." Voltou a agitar a folha que continha a enigmática mensagem. "Mas isto é o mais importante."

"Esteja descansado", assegurou o adido cultural. "Já volto."

Pegou em todas as folhas e saiu da sala.

"Agradeço-lhe a sua ajuda", disse Tomás, mirando o cônsul. "Está a ser muito importante."

"Oh, não é nada. Precisa de mais alguma coisa?"

"Por acaso até preciso."

«Diga."

"Precisava de contactar os responsáveis das bibliotecas que o professor Toscano consultou."

"A Biblioteca Nacional e o Real Gabinete Português de Leitura?"

"Sim."

"Fique descansado."

O calor apertava, o sol vergastava a cidade com implacável violência e a tarde estendia-se à sua frente, promissora e livre; estavam reunidos os três ingredientes principais que conduziram Tomás à praia. A fundação hospedou-o no mesmo hotel onde ficara instalado o professor Toscano, e o apelo do mar, uma vez regressado ao quarto, tornou-se irresistível. Tomás vestiu calções de banho, apanhou o elevador até à cave, pediu uma toalha e saiu do hotel; percorreu a Rua Maria Quitéria até chegar à magnífica Avenida Vieira Souto; aguardou o verde para os peões, atravessou a grande marginal, entrou no calçadão e desceu até à praia.

A areia, fina e dourada, escaldava-lhe nos pés; foi a saltitar para junto da tenda do hotel e pediu uma espreguiçadeira e um guarda-sol. Dois empregados, ambos negros escuros e bem constituídos, de camisa azul e boné, estenderam uma espreguiçadeira branca o mais perto possível da água e firmaram na areia um guarda-sol azul e branco com o logotipo do hotel. Quando terminaram, Tomás estendeu-lhes uma gorjeta de um real. Milhares e milhares de pessoas acotovelavam-se na praia de Ipanema, não se encontrava em parte nenhuma mais de um metro quadrado de areia livre. "Ô Itália! Ô que bom!", gritou uma voz passageira. Tomás sentou-se na borda da espreguiçadeira, tirou o creme protector, espalhou-o pelo corpo e encostou-se a repousar.

Pôs-se a olhar em redor. Um grupo de rapazes italianos encontrava-se estendido mesmo à sua direita; em frente sentava-se uma sexagenária, de chapéu e óculos escuros, e à esquerda viu três mulatas brasileiras a

exibirem enormes seios arrebitados; Tomás observou-os com atenção, achando-os perfeitos, até perceber que eram perfeitos de mais, havia ali dedo de cirurgia. "Limão e mate! Matia! Limonada Matia!", entoou outra voz que passou ao lado. Sentiu a pele a arder com o choque dos violentos raios solares e encolheu-se mais para a sombra do guarda-sol.

"Olha, filha, 'cê relaxa, ouviu? 'Cê relaxa, meu bem...", dizia alguém atrás de si. Virou a cabeça e viu um homem calvo, com mais de cinquenta anos, deitado ao sol, com o telemóvel ao ouvido. "Olha, meu bem, seus filhos vão de férias... isso", dizia o homem. Era impossível não o ouvir. "É... é isso... pois, eles vão de férias... e então, meu bem, 'cê vai poder fazer amor com seu marido, viu filha?"

Embaraçado, Tomás voltou a cara para a frente e fez um esforço para ignorar a conversa íntima que aquele pai brasileiro mantinha com a filha no meio da praia apinhada. Procurou concentrar-se no que se passava em torno de si, o que não era difícil. Uma legião de vendedores havia tomado a praia de assalto; não decorriam cinco segundos sem que um deles se cruzasse à sua frente com os pregões mais variados. "Olha o mate! Olha o mate limão!" Um cheiro agradável veio acariciar-lhe as narinas, enquanto o homem lá atrás dava conselhos à filha sobre o modo de melhor satisfazer sexualmente o marido. "Olha o queijo na brasa! Está assim gostoso. É o queijo do coalho!" Aquele cheiro bom era o aroma do queijo a ser aquecido para um cliente, à esquerda. "Laranja com cenouraaaa! Laranja com cenouraaaa!" O indivíduo lá atrás aconselhava a filha a dedicar-se ao sexo oral com o marido, "os homens gostam disso, meu bem", e foi nessa altura delicada que o seu telemóvel, qual gongo salvador, começou a tocar. "Água mineral e Coca Light! Mate!" Esticou o braço e atendeu. "Olha a Itáliaaaa! O sorvete aí! É Itália bem geladaaaa!"

"Está sim?"

"Professor Noronha?"

"Sim?"

"Daqui Lourenço de Mello, do consulado."

"Ah, olá. Desde há pouco..."

"Sim. Bem, já aqui tenho as coisas combinadas para amanhã. Pode tomar nota?"

"Um momento." Tomás inclinou-se sobre o seu saco e tirou uma caneta e um bloco de notas. Voltou a colar o telemóvel ao ouvido. "Sim, diga."

"Às dez da manhã estarão à sua espera no Real Gabinete Português de Leitura."

"Sim..."

"E às três da tarde o próprio presidente da Biblioteca Nacional irá recebê-lo para o ajudar no que for preciso. Ele já está informado dos detalhes da sua missão e disponibilizou-se para lhe dar uma mãozinha. Chama-se Paulo Ferreira da Lagoa."

"Hmm-hmm..."

"Tomou nota? Paulo Ferreira da Lagoa."

"... daaa La-go-a. Já está. Às três da tarde."

"Isso."

"E qual a morada destas bibliotecas?"

"O Real Gabinete está na Rua Luís de Camões, é fácil decorar. É lá para os lados da Praça Tiradentes, no centro da cidade. A Biblioteca Nacional é ali perto, na praça onde começa a Avenida Rio Branco. Qualquer táxi o pode levar até lá, não há problema."

"Muito bem."

"Mais alguma coisa que precise, não hesite em contactar-me novamente."

"Maravilha. Muito obrigado."

O homem lá atrás também desligou o telemóvel e os sons da praia voltaram a encher-lhe os ouvidos. "Açaííí! Açaí, açaííí! Açaí concentrado com granola!" Meio mundo estendia-se em cadeiras e espreguiçadeiras, alguns na areia, a maioria sob a protecção de guarda-sóis, uns quase em cima dos outros, Ipanema era uma Caparica ainda mais densamente povoada. "Olha a empadaaaa! Alô, empadaaaa!" Grupos dispostos em círculo jogavam à bola junto à água, saltando com malabarismos loucos, o esférico aos pulos para cá e para lá. "Você carioca, você turista! Chegou o sucolé do Claudinho, o melhor sucolé do Rio!" Pares jogavam frescobol à borda-d'água, batendo a pequena bola com assombrosa violência,

enquanto revoadas de pessoas enfrentavam as ondas. "Aaaa batata fritaaa!" À direita, ao fundo da praia, acima do Leblon, erguiam-se os picos gémeos do Morro dos Dois Irmãos, na encosta do qual, sobre o mar, se estendia o emaranhado alvo da favela do Vidigal. "Alô água! Alô mate!" As pequenas ilhas Cagarras enchiam de verde o horizonte azul frente à praia. "Sanduíche natural do baixinho doidão!" À esquerda, bem para lá da Pedra do Arpoador, dois cargueiros convergiam vagarosamente para a estreita garganta da baía de Guanabara. "Olha a empadaaaa! Lagosta-camarão-palmito-carne seca-bana-na-frango-galinha-galeto-queijo-bacalhau!" Os vendedores eram um espectáculo à parte, movendo-se com pesadas cargas, transpirados, escuros, de boné e camisas coloridas. "O bronzeador aí! É baratinho. O bronzeador aí!" Os dos comes e bebes caminhavam aos gritos, enquanto os restantes se revelavam mais discretos, a maioria deambulava em silêncio, uns poucos murmuravam os seus produtos. "Tatuagem?" Ziguezagueavam pela areia a exibirem protectores solares, brincos, pulseiras, sândalo, desenhos com modelos de tatuagens, bonés, chapéus, camisas, sacos e sacolas, biquínis, artesanato, óculos, bóias e baldes de praia, bolas, videntes e cartomantes. "OhYó picolé d'Itáliaaaa! O picolé gostoso! É d'Itáliaaaa!"

Tomás queria reflectir sobre o enigma da mensagem deixada por Toscano, mas o calor intenso e a animação no areal impediam-no de se concentrar no problema. Levantou-se, zigueza-gueou por entre os veraneantes e desceu até ao mar. A água beijou-lhe os pés e sentiu-a fresca, talvez fria de mais para a reputação das praias dos trópicos; ondas de dois metros abatiam-se com fragor sobre os banhistas um pouco mais à frente e alguns aproveitavam para fazerem do corpo uma prancha de surf, usando em seu proveito a força da água e deslizando na corrente. O sol batia forte, atingindo sobretudo os ombros, mas a frescura da água expulsou o calor e Tomás regressou ao problema que o apoquentava.

A primeira coisa a resolver era, como é natural, o significado do nome moloc, ainda para mais considerando que esta palavra surgia isolada das restantes; por que razão teria Toscano recorrido ao cruel deus de Canaã, a divindade dos sacrifícios, para iniciar o enigma? Estaria a sugerir que a resolução da chave envolveria um sacrifício? Por outro lado, havia ainda a considerar a possibilidade de Toscano ter misturado sistemas de cifra e código na mesma mensagem; ou seja, moloc parecia realmente ser um código, ou um símbolo de algo, mas Tomás admitiu que as outras palavras pudessem remeter para um qualquer tipo de cifra. Se

não estivessem cifradas, aquilo teria de ser código, o que, aliás, era mais lógico e verosímil, considerando que pareciam palavras; mas, nesse caso, havia o problema de ninundia por resolver. Considerou os dois caminhos e decidiu-se por afastar a hipótese de se tratar de uma cifra; resolveu partir do princípio de que se encontrava diante de um código. Se esta era uma mensagem codificada, que raio de coisa significaria ninundia? Tratar-se-ia mesmo de uma terra desconhecida? Mas qual a ligação de Ninundia com o deus Moloc? Se conseguisse perceber melhor a relação entre as duas partes, considerou, provavelmente seria capaz de decifrar a outra palavra codificada, omastoos, da mesma maneira que Champollion, mais de duzentos anos antes, e a partir' de dois simples s e um ra, conseguiu deslindar o mistério dos hieróglifos.

Cansou-se de tentar resolver o problema" à beira da água e voltou para a espreguiçadeira; veio molhado até à cintura, esticando-se à espera que o sol o secasse.

"Aaaaaaaah!", gritou alguém ao seu lado, muito alto.

Deu um salto na espreguiçadeira, o coração aos pulos, e viu um homem com uma faca esticada em direcção à sexagenária diante de si. Um assalto, pensou, aterrorizado. Olhou melhor e percebeu que a faca tinha uma coisa amarela espetada na ponta. E o homem apresentava-se de um modo pouco comum; era baixo, moreno, luvas negras nas mãos e uma enorme cesta de vime equilibrada na cabeça, uma pose bizarra que ninguém espera ver num assaltante.

"Abacaxi?", perguntou o homem da faca.

Era um vendedor de abacaxi.

"Ai, que susto", queixou-se a sexagenária.

O homem abriu-se num sorriso contagiante.

"Que susto nada. É que eu sou homem e a minha voz é assim."

A sexagenária riu-se e recusou o pedaço de abacaxi que o vendedor lhe estendia na extremidade da faca; o homem mesmo assim agradeceu, sorridente, e prosseguiu caminho, sempre com a cesta de abacaxis equilibrada na cabeça, como se fosse um largo chapéu mexicano, e um pedaço do fruto na ponta da lâmina. Deu mais uns passos e, junto a uma rapariga distraída, gritou-lhe aos ouvidos.

"Aaaaaaaah! Abacaxi?"

A rapariga deu um salto, fitou-o com as mãos no peito, defensiva, e exclamou:

"Que susto!"

Não foi preciso muito para que Tomás descobrisse as delícias de Ipanema. Experimentou os sumos de manga e os caldos de cana nas sucarias das esquinas do bairro, acompanhando-os com fofos pães de queijo, comprados quando ainda estavam quentes e macios. Ao cair da noite, e seguindo o conselho de um paquete do hotel, percorreu a Visconde de Pirajá até chegar à Rua Farme de Amoedo; virou à esquerda e foi dar ao Simdicato do Chopp, um restaurante aberto para a rua, sem janelas de vidro, e muito frequentado. Pediu picanha com arroz branco e feijão preto, condimentados a caldo verde e farofa, e acompanhou a refeição com uma caipirinha bem fresca. Ao lado, uma multidão de homens concentrava-se no Bar Bofetada; Tomás observou-os com atenção e percebeu que eram homossexuais.

Enquanto trincava a carne tenra, regressou ao problema da charada de Toscano. Voltou a concentrar as atenções na palavra ninundia. Se ninundia é o nome de uma terra desconhecida, reflectiu, forçosamente a outra palavra da mesma linha, omastoos, estaria relacionada com essa terra; mas relacionada como, Santo Deus? Lembrou-se de que um dos mais antigos textos literários se intitulava As Aventuras de Ninurta, uma obra suméria preservada em acádio. Seria a Ninundia uma referência à terra de Ninurta? Mas, se bem se lembrava, Ninurta era de Nippur, no actual Iraque, pelo que não podia haver qualquer relação com o Brasil. Não, concluiu. Apesar da semelhança entre as duas palavras, Ninundia não podia remeter para Ninurta. Sentindo-se encurralado, Tomás tentou ainda decompor as duas palavras da segunda linha, mas as suas sucessivas experiências, ensaiadas na toalha de papel do Sindicato do Chopp, fracassaram.

Frustrado, começou a questionar-se quanto à ligação entre a mensagem encontrada e a questão de fundo; ou seja, qual a relação entre Moloc e o descobrimento do Brasil? Seria o Brasil a Ninundia? Mais importante ainda era perceber se a mensagem estaria de algum modo relacionada com a grande descoberta que, segundo Moliarti, Toscano revelou ter feito, uma descoberta capaz de revolucionar tudo o que se sabia sobre o período dos Descobrimentos. E, já agora, o que é que Moloc tem a ver com a expansão marítima? Será que Toscano descobriu que já os

homens da Antiguidade tinham chegado ao Brasil? Seria interessante saber isso, sem dúvida, mas Tomás não via de que forma tal informação poderia revolucionar os conhecimentos sobre o que se passou quando Portugal se fez ao mar para descobrir o mundo. Não, decidiu; tem de ser algo diferente, algo que seja consequente. Saber que os homens de Canaã estiveram no Brasil, embora importante, não mudaria o que se sabia sobre os Descobriiientos. Ou mudaria? Tomás atormentava-se com o enigma, buscava soluções, fazia experiências, tentava pôr-se no lugar de Toscano e imaginar o seu raciocínio, mas não conseguia avançar na resolução do enigma deixado pelo falecido historiador, era como se embatesse numa barreira sólida, impenetrável, opaca.

O telemóvel tocou.

"Está sim?"

"He/7 Kan jag fã tala med Tomás f"

"Como?"

Uma risadinha feminina foi a resposta.

"Jag heter Lena."

"Como? Quem fala?"

"Sou eu, professor. Lena."

"Lena?"

"Sim. Estava a testar o seu sueco." Mais uma risadinha. "O senhor precisa de umas lições."

"Ah, Lena", reconheceu Tomás. "Como conseguiu o meu número?"

"Foi a secretária do departamento que mo deu." Hesitou. "Porquê? Não queria que lhe ligasse?"

"Não, não", apressou-se a adiantar, receando ter dado a impressão errada. "Não há nenhum problema. Fiquei surpreso, só isso. É que não estava nada à espera de receber uma chamada sua."

"De certeza que não há problema?"

"Não, esteja descansada. Então o que se passa?"

"Antes de mais nada, boa noite, professor."

"Olá, Lena. Está tudo bem consigo? Conte coisas."

"Está tudo bem, obrigada." Mudou ligeiramente o tom. "Professor, eu telefonei porque preciso da sua ajuda."

"Diga."

"Como sabe, só comecei as aulas há alguns dias, dado que o meu processo do Erasmus se atrasou e a minha inscrição em Lisboa foi tardia."

"Sim."

"De modo que, professor, precisava de recuperar a matéria que está em atraso."

"Pois, se calhar, a melhor maneira é pedir os apontamentos às suas colegas."

"Já pensei nisso. O problema é que alguma desta matéria não se aprende apenas a ler apontamentos, não é? Por exemplo, a escrita cuneiforme, que o professor deu numa das primeiras aulas. Estive a ver que os sumérios tinham o hábito de combinarem dois símbolos de palavras para formarem um símbolo composto, cujo significado derivava dos seus elementos. O chato é que esses sinais nem sempre são compostos na mesma sequência."

"Sim, é o caso de, sei lá... uh... por exemplo, geme e ku. Geme significa escrava e escreve-se colocando o símbolo de sal, ou mulher, ao lado de kur, país estrangeiro. Mas no caso de ku, que significa comer, o símbolo de ninda, ou pão, é colocado, não ao lado de ka, a boca, mas dentro de ka."

"É isso que eu acho uma confusão. Em que situações os símbolos são colocados lado a lado e em que situações um símbolo fica dentro do outro?"

"Bem, isso depende do que..."

"Professor", cortou Lena. "Não me vai dar uma aula pelo telefone, pois não?"

Tomás hesitou.

"Uh... sim... não..."

"Será que podíamos encontrar-nos para me dar essa explicação? Sei lá, amanhã, se quiser, ou mesmo ainda hoje, se estiver disponível."

"Hoje? Não pode ser..."

"Então amanhã."

"Espere. Nem hoje nem amanhã. É que eu estou no Brasil."

"No Brasil? O professor está no Brasil?"

"Sim. No Rio de Janeiro."

"Uau, que sorte! E já foi à praia?"

"Por acaso, já. Fui hoje."

"Ai que inveja! Está calor?"

"Trinta graus."

"E aqui a sua pobre aluna sueca cheiinha de frio, coitadinha", disse, simulando um lamento mimado. "Brrrr. Não tem pena de mim?"

"Por acaso, tenho", riu-se Tomás.

"Então tem de me ajudar", exclamou a rapariga, a transbordar de jovialidade.

"Claro. O que precisa?"

"Preciso de umas liçõezinhas."

"Muito bem. Não tenho a certeza de quando vou para Lisboa, isso depende do avanço das minhas pesquisas aqui no Rio de Janeiro, mas certamente estarei aí na segunda-feira, porque tenho de dar a aula. Telefone-me nessa altura, está bem?"

"Sim, senhor. Muito obrigada, professor."

"De nada."

"Sabe", concluiu a sueca, a voz carregada de malícia. "Estou certa de que vai ser um prazer aprender consigo."

Acentuou a palavra prazer.

A rua agitava-se no apressado bulício matinal e Tomás espreitou pela janela do táxi para as fachadas dos edifícios e as lojas de comércio popular, de portas abertas, a receberem os clientes. Os edifícios eram pitorescos, com aspecto antigo e algo degradado; exibiam varandins trabalhados e janelas altas, as paredes pintadas das mais variadas cores; aqui fachadas amarelas, ali rosa, acolá verdes, mais à frente azuis ou

cremes, Tomás reconhecia naquela rua os traços inconfundíveis da influência da arquitectura tradicional portuguesa. Os passeios encontravam-se calçadados com calçada à portuguesa e decorados com figuras geométricas a negro. Por toda a parte viam-se lojas com os nomes mais variados, o Pince-Nez de Ouro, o Palácio da Ferramenta, a Casa Oliveira.

"Que rua é esta?"

"Como diz, senhor?", perguntou o taxista, olhando pelo retrovisor.

"Como se chama esta rua?"

"É a Rua da Carioca, senhor. Uma das mais antigas do Rio, vem do século xix." Apontou para a esquerda. "Está vendo aquele botequim ali?"

Tomás contemplou o local indicado; no interior do estabelecimento observou mesas com pratos e talheres, mais copos e garrafas.

"Aquele restaurante?"

"Sim. É o Bar do Luís." O táxi imobilizou-se diante do restaurante, travado pelo intenso trânsito da manhã, e os dois ficaram a mirar o local. "É o mais antigo botequim do Rio, senhor. Abriu em 1887 e tem uma história curiosa. Chamava-se antigamente Bar Adolf e era aqui que se encontrava a melhor comida alemã da cidade, havia aí umas salsichas bem legais. Todos os intelectuais da época vinham aqui comer e tomar um choppinho." O trânsito começou a fluir e o táxi voltou a arrancar. "Depois veio a Segunda Guerra Mundial e sabe o que fizeram?"

"Deitaram-no abaixo?"

O taxista riu-se.

"Mudaram de nome."

Cruzaram agora a Avenida República do Paraguai; o taxista voltou a apontar para a esquerda, na direcção de um edifício com arquitectura metálica.

"Ali é o cinema íris", anunciou, quase transformado num guia turístico. "Foi o mais elegante do Rio."

A Carioca desembocou numa praça larga. Todo o espaço central estava ocupado por um jardim, protegido por grades metálicas; havia árvores ao longo do perímetro e no meio erguia-se uma grande estátua de

bronze com um cavaleiro a exhibir na mão direita o que parecia ser um documento; no pedestal reconheciam-se outras figuras, incluindo índios armados com lanças e sentados sobre crocodilos.

"O que é isto?"

"É a Praça Tiradentes, senhor."

"Aquele é o Tiradentes?", perguntou Tomás, apontando para a figura equestre no monumento que dominava a praça.

O taxista riu-se.

"Não, senhor. Esse aí é o imperador D. Pedro I."

"Ah! Então por que lhe chamam Praça Tiradentes?"

"É uma longa história. Essa praça começou por se chamar Campo dos Ciganos. Depois construíram aí um pelourinho para castigar os escravos e isso passou a ser conhecido por Terreiro da Polé. Mais tarde, quando foi a revolta do Tiradentes, que conduziu à independência, eles construíram aí um cadafalso e mataram-no."

"Mataram quem?"

"Ué, o Tiradentes, senhor."

"Ah", exclamou Tomás, torcendo os lábios. Ficou a observar a figura equestre. "E o que tem D. Pedro I na mão?"

"A declaração da independência do Brasil." O taxista fungou. "Essa estátua foi mandada fazer pelo filho dele, o imperador D. Pedro II. Contam que, no dia da inauguração, o imperador olhou para a estátua e ficou bravo." Sorriu. "O homem no cavalo não se parecia com papai."

O táxi contornou a praça e meteu por uma ruela estreita; depois virou à direita e imobilizou-se um pouco mais à frente, junto a um alfarrabista. O taxista apontou para uma travessa à esquerda.

"Essa é a Rua Luís de Camões, senhor. O Gabinete fica mesmo ali."

Tomás pagou e apeou-se. Percorreu a rua estreita e calçadada, de sentido único, e foi dar a uma praça discreta, o Largo de São Francisco; o largo era engrandecido por um belo monumento branco de estilo neomanuelino, assemelhava-se vagamente a uma Torre de Belém ainda mais requintada; quatro estátuas em tamanho natural, incrustadas na fachada, pareciam fazer a vigilância do edifício. O visitante recuou uns

passos, entrando no largo, e admirou a esplendorosa arquitectura alva; a única cor visível era o vermelho de duas cruces portuguesas da Ordem Militar de Cristo, semelhantes às das naus e caravelas quinhentistas; no topo, redigido em maiúsculas, lia-se Real Gabinete Portuguez de Leitura.

Sempre a admirar a vistosa fachada, Tomás cruzou a grande porta em arco e entrou na segunda maior biblioteca do Rio de Janeiro, um belo edifício do século xix oferecido por Portugal ao Brasil e onde se concentrava o mais valioso acervo de obras de autores portugueses fora do país. O visitante cobriu em três largas passadas o pequeno átrio e quase suspendeu a respiração quando o espaço do salão central se abriu diante de si. Os olhos encheram-se-lhe com a imagem da magnífica grande sala de leitura, o estilo neomanuelino atingia aqui o apogeu da sua glória. As paredes encontravam-se repletas de livros, obras arrumadas em grandiosas estantes de madeira trabalhada que trepavam até ao tecto como heras harmoniosas; magníficas colunas sustentavam o primeiro e segundo andares das estantes, dobrando-se em elegantes arcos e culminando em belíssimas balaustradas; no chão brilhava um soalho de granito cinzento-claro polido, cortado por vigorosas geometrias negras, de linhas paralelas e perpendiculares; uma esplêndida clarabóia de vitrais azuis e vermelhos abria--se a toda a largura do tecto, deixando a luz natural espalhar-se harmoniosamente pela sala; os quatro cantos do tecto tinham, cada um, pintada a figura de um herói português, Tomás reconheceu entre elas os rostos de Camões e Pedro Álvares Cabral; do centro da clarabóia pendia um enorme e pesado candelabro em ferro, redondo como uma esfera armilar, decorado com as armas de Portugal.

Embasbacado com a monumentalidade daquela biblioteca, Tomás atravessou respeitosamente o salão e dirigiu-se a uma senhora sentada a um canto, curvada sobre um computador. Quando o recém-chegado se perfilou diante de si, a mulher ergueu a cabeça do ecrã.

"Pois não?", perguntou.

"Bom dia. A senhora trabalha aqui?"

"Sim, sou a bibliotecária. Posso ajudá-lo?"

"O meu nome é Tomás Noronha, sou professor da Universidade Nova de Lisboa." --

"Ah, sim", exclamou a bibliotecária, reconhecendo-o. "O doutor Rebelo me falou no senhor. Vem recomendado pelo cônsul, não é?"

"Sim, acho eu."

"Me pediram para o tratar muito bem", sorriu. "Em que posso ajudá-lo?"

"Eu preciso de saber quais as obras requisitadas pelo professor Vasconcelos Toscano, que aqui esteve há coisa de três semanas "

A bibliotecária digitou o nome no computador.

"Vasconcelos Toscano, é? Deixe ver... é só um momentinho, senhor."

O ecrã deu a resposta em alguns segundos. A bibliotecária mirou a informação e fez um esforço de memória.

"Esse professor Toscano não era um velhinho de barba branca?"

"Sim, era."

"Ah, pois. Me lembro dele." Sorriu. "Era um bocadinho casmurro e rezingão, assim meio metido consigo mesmo." Olhou para Tomas e, receando estar a falar para um amigo ou familiar apressou-se a acrescentar: "mas era uma jóia de pessoa, lá isso' era. Não tenho razão de queixa."

"Sem dúvida."

"Ele nunca mais veio, Zangou-se com alguma coisa?"

"Não. Morreu há duas semanas e meia."

A mulher fez um esgar horrorizado.

"Ah!", exclamou, chocada. "É mesmo? Puxa vida, que coisa mais chata! Veja só! Ainda noutro dia estava aí, e agora " Benzeu-se. "Virgem Maria Santíssima!"

Tomás suspirou, simulando comisseração; ardia, no entanto de

In paciência. "Minha nossa! E o senhor é familiar?"

"Não, não. Sou um... amigo. Tenho a missão de reconstituir as ultimas investigações do professor Toscano. É para publicação " Fez um sinal com a cabeça, indicando o ecrã do computador "Já tem resposta?"

A bibliotecária estremeceu e voltou a sua atenção para o ecrã.

"Sim", disse. "Bem, sabe, esse velhinho aí... uh... o professor Toscano, ele só veio cá três vezes, e sempre para ler a mesma obra." Fixou os olhos

no título exibido pelo computador. "Ele só queria a História da Colonização Portuguesa do Brasil, editada em 1921 no Porto. Foi a única coisa que consultou."

"Ah, é?", admirou-se Tomás. "E tem essa obra aí?"

"Claro. Qual o volume que deseja?"

"Quais os volumes que ele consultou?"

A mulher verificou no ecrã.

"Ele só viu o primeiro volume."

"Então traga-me esse", pediu Tomás.

A bibliotecária ergueu-se e foi à procura da obra. Enquanto esperava, Tomás sentou-se prazenteiramente numa cadeira de madeira encostada a uma mesa de consulta e ficou a admirar o belo salão. Inalou com prazer o odor quente e adocicado do papel velho, um cheiro a que havia muito se habituara nas bibliotecas e do qual não prescindia já; era este o seu oxigénio; aquele ar que vinha do passado, um viajante invisível e misterioso que cruzara o tempo com notícias do que já não existia, constituía a origem da sua inspiração e o destino da sua vida. Todos têm, afinal, os seus vícios, sabia Tomás. Havia quem não pudesse viver sem a brisa salgada do mar; outros eram incapazes de passarem privados dos ares frescos e lípidos das montanhas; descobriam-se ainda aqueles que se entregavam ao feitiço verde dos perfumes purificantes que pairavam nos bosques e florestas; mas era entre os velhos manuscritos, amarelados e bolorentos, a desfazerem-se em pedaços e perdidos num qualquer recanto esquecido de uma biblioteca poeirenta, que Tomás encontrava a fonte de encantamento e a energia que o alimentava. Esta, sabia ele, era a sua casa; onde houvesse livros antigos encontravam-se as suas raízes mais profundas.

"Aqui está" anunciou a bibliotecária, pousando na mesa um largo volume.

Tomás estudou a obra e verificou que a História da Colonização Portuguesa do Brasil tinha sido dirigida e coordenada por Malheiro Dias e impressa pela Litografia Nacional, no Porto, em 1921. Começou a ler o texto, primeiro com atenção; ao fim de uma hora, porém, e verificando que o livro se limitava a sistematizar um conjunto de informações que já possuía, passou a uma leitura mais transversal, folheando-o com rapidez.

Quando terminou, frustrado por nada ter encontrado de relevante e que o ajudasse nas suas investigações, foi ter com a bibliotecária e entregou-lhe o volume.

"Já vi", anunciou. "O professor Toscano não consultou mais nada?"

"O computador só registou essa obra."

Tomás ficou pensativo.

"Hmm", murmurou. "Ele só viu este livro? De certeza?"

A brasileira reflectiu.

"Bem, ele só consultou esse livro, sem dúvida. Mas lembro-me de que ele andou também interessado nas nossas relíquias, até deu uma voltinha por aí."

"Relíquias?"

"Sim. Nós temos um exemplar da primeira edição de Os Lusíadas, de 1572, e as Ordenações de D. Manuel, de 1521. Há ainda os Capítulos de Cortes e Leys que sobre alguns delles fizeram, de 1539, e a Verdadeira informaçam das terras do Preste Joam, segundo vio e escreveo ho padre Francisco Alvarez de 1540."

"Ele consultou isso tudo?"

"Não", retorquiu ela, abanando vigorosamente a cabeça. "Apenas viu os livros."

"Ah", percebeu Tomás. "Curiosidade de historiador."

"Isso", sorriu a bibliotecária. "Sabe, nós temos aqui trezentos e cinquenta mil livros, mas o mais importante é a nossa colecção de obras raras, um valioso acervo que inclui os manuscritos autógrafos do Amor de Perdição, de Camilo Castelo Branco. Isso atrai muita gente, não é?" Ergueu uma sobancelha, como quem faz um convite. "Você também quer ver?"

O português consultou o relógio e suspirou.

"Talvez outro dia", disse. "Já é uma da tarde e estou com fome. Sabe se há restaurantes junto da Biblioteca Nacional?"

"Claro. Mesmo em frente, do outro lado da praça."

"Ainda bem. Dá para ir a pé até lá?"

"A pé até à Biblioteca Nacional? Ué! Não dá, não. Ainda é uma grande caminhada, leva aí uma hora. Se está com pressa, mais vale o senhor apANHAR um táxi."

Almoçou um bife tenro na esplanada de um restaurante da Cinelândia, o nome por que era conhecida a Praça Floriano, no início da vasta Avenida Rio Branco. Enquanto trincava a carne, ia mastigando o mistério da charada que permanecia por decifrar. A mente fervilhava-lhe de dúvidas, assentes na perplexidade que dele se apossara perante a relação estabelecida por Toscano entre Moloc, Ninundia e a descoberta do Brasil; por mais voltas que desse ao problema, não havia meio de vislumbrar a solução. Incapaz de progredir, decidiu retomar a ideia que rejeitara quando viu o enigma pela primeira vez no palácio de São Clemente. E se a mensagem fosse mesmo uma cifra? A ideia não o convencia, é certo; nada naquelas estranhas estruturas verbais aparentava o aspecto caótico das cifras; ali as vogais ligavam-se às consoantes, formavam sílabas, exprimiam sons, insinuavam palavras. Parecia de facto um código. Mas, e se fosse mesmo uma cifra? A falta de melhores ideias, Tomás optou por considerar essa hipótese, a título meramente exploratório, e resolveu submetê-la a uma análise de frequências. O primeiro problema era determinar qual a língua em que a mensagem cifrada, se é que era cifrada, tinha sido escrita; como Toscano era português, pareceu-lhe natural que a mensagem oculta fosse escrita em português.

Tirou a fotocópia da charada, dobrada dentro do bloco de notas, e estudou-a com cuidado. Contou as letras das duas palavras da segunda linha e descobriu que duas letras, o o e o n, apareciam três vezes, enquanto o a, o s e o i surgiam duas vezes e o d, o t, o u e o m se ficavam por uma. Como criptanalista, Tomás sabia que as letras mais comuns das línguas europeias são o e e o a, pelo que decidiu colocá-las, respectivamente, no lugar do n e do o, as mais frequentes da charada. Outras letras muito frequentes do alfabeto eram os, o i e o r, o que o levou a experimentar substituí-las, designadamente, pelo a, pelo s e pelo / na charada. Escreveu a frase na toalha de papel do restaurante e procedeu à substituição das letras. Quando terminou, ficou a contemplar a experiência.

NINUNDIAERE ?E?RS

OMAS TOOS

A ? SI ? AA I

O que seria a primeira palavra, ere?e?rs, à qual faltavam apenas duas letras? Imaginou letras mais raras no espaço por preencher nesta primeira palavra e foi fazendo simulações: primeiro, com o c, erececrs; depois, com o m, erememrs; por fim, com o d, erededrs. Abanou a cabeça. Nada fazia sentido. Procurou a última palavra, a?si?aai, mas esta também se manteve impenetrável. Acsicaai? Awsimaai? Aásiúfaai? Insatisfeito, admitiu que o problema radicasse na possibilidade de ter apostado na sequência errada e, para tirar as coisas a limpo, trocou os a e os e entre si e mirou o resultado.

ARA?A?RS E?SI?EEI

Ainda pior. Aratahs seria Araraamrs? Araíai? Não fazia sentido. Desesperado, procurou a segunda palavra, ehitee, mas esta também não revelou o seu segredo. Emsimee? Eísiíee? Não. Achando que o erro poderia estar nas outras letras, o que era muito natural, decidiu trocar as ordens entre os s, os r e os i. Quando concluiu, olhou para a nova distribuição, mas, mais uma vez, não logrou retirar dali qualquer significado inteligível. Abanou a cabeça e desistiu, definitivamente convencido de que não se tratava de uma cifra. Era decerto um código. Mas qual? No Gabinete Português nada encontrara que lhe parecesse relevante e as suas esperanças estavam agora inteiramente depositadas na Biblioteca Nacional, onde, ao que parecia, Toscano passou a maior parte do tempo e onde poderá ter feito o achado importante que mencionou a Moliarti.

Suspirou pesadamente.

Olhou pela janela do restaurante e, para lá das árvores que coloriam a praça, mirou a fachada do edifício. Tomás sabia que aquela era uma biblioteca especial. Contava com mais de dez milhões de volumes, o que fazia dela a oitava maior biblioteca do mundo e a maior de língua portuguesa, mas não era isso o que a tornava especial; a sua importância para esta investigação, na verdade, não derivava da quantidade de obras que guardava, mas da sua qualidade, o que ficava a dever-se às distantes e atribuladas origens daquela instituição. Na realidade, a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro era a herdeira da antiga Livraria Real portuguesa, consumida por um incêndio provocado pelo grande terremoto de 1755, em Lisboa; na altura, a livraria foi reconstruída por ordem de D. José e passou a designar-se Real Bibliotheca. Quando as

forças napoleónicas invadiram Portugal, no início do século xix, a coroa portuguesa fugiu para o Brasil, transferindo a capital do império para o Rio de Janeiro, e mandou vir o acervo da biblioteca; sessenta mil livros, manuscritos, estampas e mapas, incluindo mais de duas centenas de incunábulos preciosos, atravessaram o Atlântico em caixotes e foram depositados nas margens da baía de Guanabara para serem guardados no Hospital do Convento da Ordem Terceira do Carmo, indo ocupar as respectivas catacumbas. Ficaram ali depositados verdadeiros tesouros da bibliografia mundial, entre os quais dois exemplares da Bíblia de Mogúncia, de 1462, a primeira Bíblia tipografada depois da Bíblia de Gutenberg, a primeira edição de Os Lusíadas, de Camões, datada de 1572, e o Registrum huius operis libri cronica-rum cu(tn) figuris et ymagibus ab inicio mu(n)di, também conhecido por Crónica de Nuremberga, a célebre obra de Hartmann Schedel a fazer uma crónica geral do mundo conhecido em 1493, data da sua publicação, e que incluía três estampas de Albrecht Dürer. Quando o Brasil declarou a independência, Portugal reclamou a devolução deste tesouro cultural, mas os brasileiros não cederam e ambas as partes acordaram que Lisboa receberia uma indemnização de oitocentos contos de réis pela sua perda.

Foi assim com grandes esperanças que, quando faltavam cinco minutos para as três da tarde, Tomás abandonou o restaurante e atravessou a praça e a Avenida Rio Branco em direcção à Biblioteca Nacional. Subiu as largas escadas de pedra e à entrada foi travado por um guarda que lhe indicou um balcão à esquerda; era a portaria. Quatro raparigas de ar entediado aguardavam os visitantes por trás do balcão.

"Boa tarde", cumprimentou Tomás. Consultou o bloco de notas, à procura do nome que o assessor do cônsul lhe tinha dado. "Queria falar com Paulo Ferreira da Lagoa."

"Tem marcação?", perguntou uma das raparigas, de tez morena e olhos verdes cristalinos. "Sim, ele está à minha espera." "Seu nome?"

O recém-chegado identificou-se e a recepcionista pegou no telefone. Após um compasso de espera, a rapariga entregou um crachá a Tomás e indicou-lhe que teria de subir ao quarto andar; apontou-lhe a direcção dos elevadores e o visitante seguiu o caminho indicado. Foi novamente identificado por um guarda, desta feita uma mulher pesada que vigiava o acesso aos elevadores, que lhe inspeccionou o crachá e ergueu o sobrolho quando viu o bloco de notas que ele levava na mão.

"Só pode usar lápis no salão de leitura", informou a mulher. "Mas eu só tenho aqui uma caneta..."

"Não faz mal. Peça um lápis emprestado no salão ou, se não houver, vá à cafetaria comprar, eles têm lá à venda."

Aguardou uns instantes à entrada do elevador; as portas abriram-se e entrou no ascensor apinhado de gente, proveniente do piso inferior; subiu ao último andar, o quarto. Saiu para o átrio, dominado pelas escadas de mármore, com o parapeito a prolongar-se pelo corredor, e aproximou-se do gradil de bronze que o protegia; passou a mão pelo gradil, verificando que era tratado em patina negra e friso; acariciou o corrimão em latão dourado polido e admirou o interior do edifício. Olhou em redor e constatou que a primeira porta à direita assinalava Presidência. Dirigiu-se para lá; abriu a porta e a impressão inicial que o invadiu foi a do embate proporcionado pelo ar fresco e seco dos aparelhos de ar condicionado; a segunda sensação foi de surpresa. Esperava ver um gabinete, mas encontrou um vasto salão; o gabinete era, afinal, uma larga varanda que circundava um salão central e por onde se espalhavam secretárias, armários e gente a trabalhar. Uma larga clarabóia, ricamente decorada com vitrais coloridos, cobria todo o tecto, deixando-se invadir pela luz do dia.

"Pois não?", perguntou um rapaz sentado na secretária junto à porta. "Posso ajudá-lo?"

"Vinha falar com o presidente."

O empregado conduziu-o à assistente do responsável da Biblioteca Nacional, uma rapariga morena, de olhos negros e queixo pontiagudo, que se encontrava sentada numa velha secretária de madeira e agarrada ao telefone. A assistente terminou o telefonema, pousou o auscultador e observou o recém-chegado.

"O senhor é o professor Noronha?"

"Sou eu, sim."

"Vou chamar o doutor Paulo, ele quer cumprimentar, tá bom?"

A rapariga percorreu a varanda e foi ter com um homem de cabelo castanho-claro a escassear no topo, aparentava os seus quarenta e cinco anos e encontrava-se sentado com várias pessoas numa mesa comprida, claramente decorria ali uma reunião; o homem ergueu-se, era alto e a

barriga desenhava uma pequena curva da felicidade, mas nada de muito sério; seguiu-a e veio cumprimentar Tomás.

"Professor Noronha, muito prazer", saudou, esticando a mão direita. "Sou Paulo Ferreira da Lagoa."

"Como está?"

Apertaram a mão.

"O cônsul me ligou e me explicou a sua missão. Eu fui fazendo o trabalhinho de casa e pedi um levantamento de todas as requisições feitas pelo professor Toscano." Fez um sinal à sua assistente. "Célia, você tem aí o dossier?"

"Sim, doutor", assentiu a rapariga, estendendo-lhe uma pasta bege.

O presidente da biblioteca abriu a pasta, folheou os documentos e estendeu-a ao visitante.

"Aí tem, professor."

Tomás pegou na pasta e examinou os documentos. Eram cópias das requisições efectuadas semanas antes por Toscano. A qualidade da lista foi a coisa que logo lhe chamou a atenção. A primeira requisição era o *Cosmographiae introductio cum quibvsdam geometriae ac astronomiae principiis as ean rem necessariis, Insuper quatuor Americi Vespucii navigationes*, de Martin Waldseemüller, datado de 1507; depois vinha a *Narratio regionum indicarum per hispanus quosdan devastatarum verissima*, o texto de 1598 de Bartolomé de las Casas; a seguir, a *Epistola de Insulis nuper inventis*, publicada por Cristóvão Colombo em 1493; a requisição seguinte intitulava-se *De orbe nous decades*, de Pietro d'Anghiera, de 1516; a penúltima folha assinalava o *Psalterium*, de Bernardo Giustiniani, também de 1516; a derradeira era o *Paesi nouamente retrovati et novo mondo da A. Vesputio*, de Fracanzano da Montalboddo, datado de 1507.

"É isso que procurava?"

"Sim", assentiu Tomás, com ar pensativo.

O presidente da Biblioteca Nacional brasileira pressentiu a hesitação do português.

"Está tudo bem?"

"Uh... sim... quer dizer, há aqui uma coisa que estou a achar estranha."

"Pois não?"

Tomás estendeu-lhe as cópias das requisições.

"Diga-me, doutor Lagoa, quais destas obras têm alguma relação com a descoberta do Brasil por Pedro Álvares Cabral?"

O brasileiro analisou os títulos que constavam das requisições.

"Bem", começou por dizer. "A *Cosmographiae* de Waldsee-müller mostra um dos primeiros mapas onde consta o Brasil." Consultou outra requisição. "E o *Paesi*, de Montalboddo, é o primeiro livro onde foi publicado o relato da descoberta do Brasil. Até 1507, os pormenores da viagem de Cabral eram apenas do conhecimento dos portugueses, nunca o seu feito tinha merecido uma exposição detalhada numa obra. O *Paesi* foi o primeiro livro a fazê-lo."

"Hmm...", murmurou Tomás, avaliando o que lhe era dito. "Os outros livros não têm relação com o Brasil?"

"Não, que eu saiba, não."

"É estranho..."

Fez-se um silêncio.

"Deseja consultar alguma destas obras?"

"Sim", decidiu Tomás. "O *Paesi*."

"Vou pedir para o levarem para a zona do microfilme."

"O professor Toscano leu o *Paesi* em microfilme?"

Lagoa consultou a requisição.

"Não, ele viu o original."

"Então, se não se importa, convinha que eu visse também o original. Quero consultar exactamente os exemplares que ele consultou. Imagine que há anotações marginais importantes ou que o tipo de papel usado é algo que vem a revelar-se relevante. Eu preciso de ver o que ele viu, só assim terei a certeza de que não me escapa nada."

O brasileiro fez um sinal para a assistente.

"Célia, mande buscar o original do Paesi." Mirou novamente a requisição. "Está no cofre 1,3. Depois leve o senhor professor para a secção de obras raras e proceda à consulta segundo o protocolo." Voltou-se para Tomás e apertou-lhe a mão. "Senhor professor, foi um prazer. Qualquer coisa que necessite mais, a Célia poderá ajudá-lo."

Lagoa regressou à sua reunião e a assistente, após um breve telefonema, fez sinal ao visitante para a acompanhar. Saíram para o átrio e desceram um andar nas escadarias de mármore; Célia conduziu Tomás para uma porta mesmo por baixo do gabinete da presidência, uma tabuleta a indicar Obras Raras; entraram e o visitante percebeu que tinham voltado ao mesmo salão da presidência, embora já não estivessem na grande varanda lá de cima, mas na sala cá em baixo; à esquerda encontrava-se um comprido armário de madeira, com pequenas gavetas e puxadores metálicos, um papel junto aos puxadores a indicar as letras de referência por autor e título. Atravessaram o salão e Tomás deparou com uma mesa posta diante das secretárias das bibliotecárias; a mesa estava coberta por um tecido de veludo bordeaux e tinha pousados sobre si um pequeno livro castanho com as seixas gravadas em dourado e um par de luvas brancas e finas. Célia apresentou--lhe a bibliotecária, uma senhora baixa e arredondada.

"É este o livro?", perguntou Tomás, apontando para o exemplar antigo assente no veludo da mesa.

"Sim", confirmou a bibliotecária. "É o Paesi, de Montal-boddo."

"Hmm." Aproximou-se, inclinando-se sobre a obra. "Posso ver?"

"Com certeza", autorizou a senhora. "Mas, desculpe, vai ter de colocar as luvas. É um livro antigo e temos sempre receio das dedadas e de..."

"Eu sei como é", cortou Tomás com um sorriso. "Não se preocupe, já estou habituado."

"E só pode utilizar lápis."

"Isso é que eu já não tenho", disse o português, apalpando os bolsos.

"Pode usar esse", exclamou a bibliotecária, depositando um lápis afiado na mesa.

Tomás calçou as luvas brancas, sentou-se e pegou no pequeno livro castanho, passando a mão com suavidade sobre a encadernação em couro.

As primeiras páginas referiam o título e o autor, mais a cidade, Vicentia, e a data de publicação, 1507; uma anotação a lápis referenciava, em português moderno, que ali se encontrava a primeira narração da viagem de Pedro Álvares Cabral ao Brasil e que a obra era a segunda das mais antigas colecções de viagens. Folheou o livro; as páginas estavam amareladas e manchadas, exalando um aroma quente e adocicado; gostaria de sentir a textura das folhas na ponta dos dedos, mas as luvas tornavam-no insensível ao contacto, era como se estivesse anestesiado. O texto parecia-lhe redigido em toscano e encontrava-se impresso a vinte e nove linhas, com ornées a abrirem cada capítulo.

Levou duas horas a ler a obra, fazendo anotações a lápis no seu bloco de notas. Quando terminou, pousou o livro, ergueu-se da cadeira, espreguiçou-se e foi ter com a bibliotecária, que se afa-digava à volta de umas requisições.

"Desculpe", disse, atraindo a sua atenção. "Já terminei."

"Ah, sim", exclamou ela. "Quer consultar mais alguma obra?"

Tomás mirou o relógio. Eram cinco da tarde.

"Isto a que horas fecha?"

"Às oito da noite, senhor."

O português suspirou.

"Não, acho que me vou embora, já estou cansado. Volto amanhã para ver o Waldseemüller." Fez um aceno com a cabeça. "Muito obrigado e até amanhã."

Célia regressou à sala das obras raras e acompanhou-o na viagem pelo elevador. Desceram até ao piso da entrada principal e seguiram para o átrio principal, contornando a escadaria de mármore. Ao aproximarem-se do balcão da portaria, para que o visitante devolvesse o crachá de leitor, a assistente do presidente da biblioteca estacou de súbito, abriu muito os olhos e colocou as mãos na cabeça.

"Ai, professor, que me lembrei agora de uma coisa", gemeu.

Tomás mirou-a, admirado.

"O quê?"

"Veja só que o professor Toscano costumava usar os nossos cofres dos leitores e agora que faleceu temos a gaveta dele encerrada, sem a podermos utilizar." Fez um ar de súplica. "O senhor se importaria de entregar no consulado as coisas que ele deixou aqui?"

O português encolheu os ombros e abriu as mãos, num gesto de indiferença.

"Com certeza. Mas não vou perder muito tempo, pois não?"

"É já aqui", tranquilizou-o Célia.

A rapariga apressou o passo em direcção a um segurança que se encontrava à esquerda do átrio, mesmo por trás da portaria, e Tomás seguiu-a; passaram por um detector de metais, semelhante aos dos aeroportos, e viram-se diante de dois móveis negros, sólidos e compactos. Célia verificou os números de cada gaveta até parar diante do cacifo sessenta e sete; tirou uma chave-mestra da bolsinha e introduziu-a na porta do cacifo; a porta abriu-se, revelando um pequeno cofre com vários documentos; retirou os papéis e entregou-os a Tomás, que acompanhava a operação com crescente curiosidade.

"O que é isto?", perguntou o português, olhando para as folhas que tinha na mão.

"São as coisas deixadas pelo professor Toscano. Não se importa de levar isso, pois não?"

Tomás folheou os papéis; viam-se fotocópias de documentos microfilmados e alguns apontamentos. Tentou ler os apontamentos e apercebeu-se de algo estranho; havia uma folha preenchida por duas frases de três palavras redigidas em maiúsculas e sequências cruzadas do alfabeto.

ANA

ASSA

ARARA

SONOS

MATAM

OTTO

A D—E H—I M

I I I I I IB—C F—G J—L

Tomás cerrou os olhos e tentou descortinar o significado destas insólitas frases. Levou um momento a reflectir, considerando várias possibilidades, e o rosto abriu-se-lhe num sorriso; estendeu a folha a Célia, orgulhoso e triunfante.

"O que acha disto?"

A brasileiro ra observou as palavras, franziu o sobrolho e levantou os olhos.

"Bem... não sei, são coisas esquisitas, não é?" Inclinou a cabeça sobre a folha, lendo o que estava escrito nos primeiros dois blocos. "«Ana assa arara e sonos matam Otto.»"

Tomás ergueu o sobrolho.

"Não nota nada de estranho?"

A rapariga voltou a observar a folha; após um instante de vã busca, fez um trejeito com a boca.

"Bem, são umas frases um pouquinho sem sentido, não é?"

"Mas não nota mais nada?"

Ela voltou a fixar a atenção na folha.

"Não", disse, por fim. "Porquê?"

O português apontou para as duas frases.

"Já viu que estas palavras são simétricas?"

"Simétricas? Como assim?"

"Lendo-as da esquerda para a direita ou da direita para a esquerda, dizem sempre a mesma coisa." Fixou os olhos nas letras. "Ora repare. A primeira palavra é Ana, que se lê da mesma maneira num sentido e no outro. Assa é a mesma coisa. E arara. E assim consecutivamente."

"Ué, que coisa bacana!", exclamou Célia, admirada. "Imagina só! Que barato!"

"Curioso, não é?"

"E por que fez ele isso?"

"Bem, o professor gostava de charadas, ele pelos vistos punha--se a fazer jogos de..." Tomás calou-se; abriu muito os olhos, vidrando-os, e os lábios desenharam um o. "Querem lá ver que o gajo... o gajo...", gaguejou para si próprio, a boca abrindo-se e fechando-se como um peixe. Meteu as mãos atabalhoadamente nos bolsos; não encontrando o que queria, consultou com frenesi os papéis que estavam dobrados dentro do bloco de notas, até que achou a folha que procurava. "Ah! Está aqui." Célia espreitou a folha, mas nada entendeu.

MOLOC NINUNDIA OMASTOOS

Tomás passou os olhos pelas mesmas palavras, soprando-as num murmúrio imperceptível. Rabiscou depois, num frenesim, uns gatafunhos ininteligíveis. De repente, o rosto iluminou-se-lhe e ergueu os braços efusivamente para o ar.

"Achei!!!", gritou, a voz a ecoar pelo átrio e a atrair olhares.

Célia observou-o com espanto.

"O que foi, professor?"

"Decifrei a charada", exclamou ele, os olhos muito arregalados, excitado e alegre. "É de uma simplicidade confrangedora." Bateu com o indicador nas têmporas. "Andei eu para aqui a matar a cabeça que nem um tolinho quando, afinal, na primeira linha bastava ler tudo da direita para a esquerda." Olhou de novo para o papel. "Quer ver?"

Pegou na caneta e rabiscou a solução por baixo da cifra. Na linha de cima escreveu:

COLOM

E na de baixo, comparando com a estrutura alfabética anotada por Toscano, fez uma estranha conta:

NINUNDIA OMASTOOS

N I—N U—N D—I A

O—M A—S T—O O—S

NOMINASUNTODIOSA

Analisou melhor esta frase, ponderou os espaços nos locais apropriados e reescreveu-a:

NOMINA SUNT ODIOSA

"O que é isso?", perguntou Célia.

"Hmm", murmurou Tomás, fazendo um esforço de memória. Franziu o sobrolho e localizou a citação. "Ovídio."

"O quê?"

"Ovídio", repetiu ele. "É a mensagem que o professor Toscano nos deixou."

"Ovídio? Mas o que significa?"

"Significa, minha cara, que eu vou voltar lá para cima e consultar tudo de novo", disse, começando a andar apressadamente em direcção aos elevadores. Acenou com a folha. "Está aqui a pista para a grande descoberta."

IV

As nuvens altas ameaçavam cobrir o sol, emergindo com vagar, como um manto longínquo, crescendo da linha do horizonte a poente; eram estratocúmulos altos, de aspecto grumoso e vagamente acinzentados, planos e escuros na base, esfarrapados e brilhantes na crista. O sol de Inverno iluminava o lençol resplandecente do Tejo e a casario baixo de Lisboa com a sua claridade límpida, fria, transparente, realçando em tons vivos as fachadas coloridas e os telhados cor de tijolo que subiam e desciam, como ondas, ao sabor do relevo curvilíneo, feminino até, da colina da Lapa.

Tomás virou e revirou pelas ruelas semidesertas do bairro, voltando à esquerda e curvando à direita, indeciso quanto ao rumo a seguir naquele estreito labirinto urbano, até que, quase por acidente, desembocou na discreta Rua do Pau da Bandeira. Desceu a rua inclinada e, a meio, deu com o belo edifício cor de salmão; meteu o pequeno Peugeot pelo grande portão que se abriu à esquerda e imobilizou-se diante de dois reluzentes Mercedes negros no pátio em frente à porta de entrada do elegante palacete. Um porteiro impecavelmente fardado, de cartola cinzenta-clara, sobretudo e colete cinzento-escuro e gravata prateada, aproximou-se do carro e o recém-chegado baixou o vidro.

"É aqui o Hotel da Lapa?"

"É, sim."

"Posso estacionar neste pátio? É que ali na rua..."

"Não se preocupe. Deixe-me a chave que eu arrumo-lhe o carro."

Tomás entrou no acolhedor hall do hotel com a pasta na mão. O chão de mármore creme-marfim parecia-lhe um espelho, a superfície lisa e reluzente apenas cortada por um desenho geométrico incrustado no centro; sobre o desenho assentava uma graciosa mesa circular que ostentava um belo jarro repleto de malvas-rosas erectas, radiosas e cheias de esplendor, abertas em leque como um pavão; ele conhecia bem estas flores, eram encontradas por vezes na sepultura dos homens do Neanderthal ou no túmulo dos faraós. Constança saberia interpretar-lhes o significado, pensou. O mobiliário que decorava o átrio era Luís XV, ou imitava bem, com sofás cremes e cadeiras forradas a couro branco.

Vislumbrou um rosto familiar à esquerda; tinha olhos pequenos e nariz em gancho; o homem pousou o jornal cor-de-rosa, ergueu-se do sofá e dirigiu-se ao recém-chegado.

"Tom, já vi que é um cara pontual", exclamou Nelson Moliarti com um sorriso e o seu característico sotaque brasileiro-ameri-canado.

Apertaram as mãos.

"Olá, Nelson. Tudo bem consigo?"

"Tudo jóia." Abriu os braços e aspirou o ar. "Ah, como é legal estar em Lisboa."

"Chegou há muito?"

"Há três dias. Tenho passeado para caramba."

"Ah, é? E onde foi?"

"Oh, aqui e ali, você sabe como é." Fez sinal para se dirigirem para a direita, em direcção a uma sala que uma tabuleta baptizava de Rio Tejo Bar. "Venha daí, vamos tomar qualquer coisinha. Tem fome?"

"Não, obrigado, já almocei."

"Mas são quase cinco da tarde, Tom. Tea time."

Um piano de cauda longa, um Kawai negro resplandecente, guardava a entrada do bar como uma sentinela solitária e silenciosa, esperando pacientemente que dedos ágeis lhe viessem animar as teclas cor de marfim. À direita achava-se um balcão de nogueira envernizada, onde um empregado passava um pano pelos copos, e em frente encontravam-se as mesas e cadeiras, todas de estilo Luís XV, forradas a tecido com temas elaborados; cinco grandes janelas, decoradas com cortinados vermelhos-escuros, abriam-se para o jardim e a suave melodia de um bailado de Tchaikovsky fluía no ar, ao de leve, enchendo o bar de uma atmosfera tranquila, graciosa, requintada. Moliarti escolheu uma mesa encostada a uma das janelas e com um gesto convidou Tomás a sentar-se.

"O que vai querer?"

"Oh, um chazito."

"Waiter", chamou o americano, fazendo sinal ao empregado. O rapaz abandonou o balcão e veio ter com os clientes. "Um chá para o meu amigo."

O empregado aprontou o bloco de notas.

"Que chá deseja?"

"Tem chá verde?", perguntou Tomás.

"Naturalmente. Que tipo de chá verde?"

"Uh... sei lá... chá verde", gaguejou, coçando a cabeça. "Há mais do que um tipo?"

"Temos vários tipos de chá verde."

"Uh... bem... o que me aconselha?"

"Depende dos gostos. Mas, se o cavalheiro me permite, eu recomendaria o gabalong japonês. É macio, nobre, ligeiramente frutado, fresco, granilíneo, floral."

"Já me convenceu", riu-se Tomás. "Traga-me esse."

"E para comer?"

"Olhe, uns bolinhos. Tem alguma coisa de chocolate?"

"Temos uns cookies muito gabados por todos os clientes."

"Então traga-me uns."

"Muito bem", assentiu o empregado, tomando nota do pedido. Ergueu a cabeça e mirou Moliarti. "E o cavalheiro?"

"Me dê aquele snack que comi aqui ontem."

"Foie gras de pato perfumado com Armagnac, mais compota de tomate verde e tostas de pão brioche com nozes e figos?"

"Thafs rigbt", disse Moliarti com um gesto divertido. "E champagne."

"Porventura um Louis Roeder, de Reims?"

"Esse mesmo. Bem fresquinho."

O empregado afastou-se e Moliarti deu uma palmada amigável nas costas de Tomás.

"Então, Tom? Como foi o Rio?"

"Cidade maravilhosa", sorriu o português, entoando o célebre refrão. "Cheia de encantos mil."

"I agree", concordou Moliarti. "Chegou quando?"

"Ontem de manhã. Passei a noite toda no avião."

"Oh, shit. É ruim, não é?"

"Péssimo. Não dormi nada."

"Sei como é", disse, fazendo uma careta. "Você engordou?"

"Uh... nem por isso. Sabe, foi uma surpresa para mim quando me fui pesar lá em casa e descobri que tinha mantido o mesmo peso. Como é possível depois de toda aquela picanha que comi?"

"Você tomou muita fruta?"

"Toneladas. Sumos de manga, de maracujá, de abacaxi, muita papaia ao pequeno-almoço..."

"Então é isso. A comer essa fruta toda, como queria você engordar?"

"Realmente."

O empregado aproximou-se com os cookies e a garrafa de champanhe, que encetou com um discreto pop; despejou uns golos dourados e efervescentes no copo de Moliarti e afastou-se para tratar do resto do lanche.

"Então me conte", disse o americano, assumindo um ar sério. Colocou os dois cotovelos sobre a mesa e juntou as mãos diante do nariz, unindo-as pelas pontas dos dedos. "O que descobriu você?"

Tomás abriu a pasta, que mantinha junto aos pés, e retirou o bloco de notas e alguns documentos, que pousou sobre a mesa.

"Descobri alguma coisa", revelou, enquanto se inclinava para fechar a pasta vazia. Endireitou-se e olhou para o seu interlocutor. "Li todas as obras que o professor Toscano consultou na Biblioteca Nacional do Rio e no Real Gabinete Português de Leitura e tive acesso às suas fotocópias e notas, tanto às que se encontravam no hotel de Ipanema e que foram depois remetidas pelo consulado para a viúva como às que ele tinha deixado nos cacifos dos leitores da Biblioteca Nacional. E esta manhã estive na Biblioteca Nacional portuguesa, aqui em Lisboa, para verificar mais umas coisinhas. De modo que, estando ainda longe de ter respostas finais, eu diria que houve algum progresso." Consultou o bloco de notas. "Vamos começar, se não se importa, pelo levantamento de tudo o que o professor Toscano esteve a pesquisar sobre a descoberta do Brasil, afinal de contas o objecto do estudo que lhe foi encomendado pela fundação."

"Okay."

"Como me tinha informado, o briefing dado ao professor Toscano incidia numa investigação conclusiva relativamente às velhas suspeitas dos historiadores, muitos dos quais acreditam que Pedro Álvares Cabral se limitou a oficializar o que outros navegadores já tinham descoberto antes dele, em segredo."

"Thafs right."

"Vamos por partes. A primeira questão fundamental é determinar se existiu ou não uma política de sigilo em Portugal durante a época dos Descobrimentos. Esse é um elemento fundamental, uma vez que, se não havia política de sigilo, cai por terra a tese de que Cabral se limitou a oficializar o que outros tinham descoberto. E isto porque, como é óbvio, não fazia sentido que os portugueses tivessem ocultado a informação da descoberta do Brasil se não existisse tal política."

"Evidentemente."

"A questão não é pacífica, dado que há historiadores que defendem que a política de sigilo é uma invenção, um mito da história."

"E é?"

Tomás fez um trejeito de boca.

"Não creio. A política de sigilo existiu mesmo. É o que eu penso, é o que pensava o professor Toscano e é o que pensam muitos outros historiadores. É certo que houve algum abuso por parte de vários investigadores no recurso à política de sigilo como forma de preencherem as lacunas da documentação disponível, mas a verdade é que muitos dos empreendimentos marítimos portugueses foram rodeados de grande segredo, mesmo os de maior importância. Por exemplo, as crónicas oficiais portuguesas da época silenciaram o feito de Bartolomeu Dias, que atravessou o cabo da Boa Esperança e descobriu a passagem do Atlântico para o Índico, e foi Cristóvão Colombo, que por acaso se encontrava em Lisboa quando do regresso de Dias, que revelou ao mundo tão extraordinário acontecimento. Se não fosse a acidental presença de Colombo em Portugal, quem sabe se Dias não teria permanecido na obscuridade da história, a sua notável viagem silenciada para sempre pelas exigências secretistas da política de sigilo, e ainda hoje pensaríamos que tinha sido Vasco da Gama o primeiro a cruzar o cabo?"

"Estou entendendo", assentiu Moliarti com um movimento afirmativo de cabeça. "No fundo, o que você está dizendo é que a expansão marítima portuguesa está cheia de Bartolomeus Dias que permaneceram no anonimato porque não tiveram a sorte de terem um Colombo a furar a política de sigilo."

"Exactamente. De resto, e se formos a ver bem, esta política fazia todo o sentido. Os portugueses eram um povo pequeno e com recursos limitados, não seriam capazes de competir com as grandes potências europeias em plano de igualdade se todos partilhassem a mesma informação. Eles perceberam que a informação é poder, e, conscienciosos, guardaram-na com grande avareza, preservando assim o monopólio do conhecimento sobre esta matéria estratégica para o seu futuro. E certo que o silenciamento não era total, mas selectivo, ocultando apenas determinados factos sensíveis. Note que havia situações em que, pelo contrário, até era conveniente publicitar as descobertas, uma vez que a prioridade da exploração de um território era o primeiro critério na reivindicação da sua soberania."

O empregado do bar regressou com um tabuleiro equilibrado na ponta dos dedos; colocou na mesa um bule com vapor a escapar-se do

cano, uma chávena e um açucareiro; Tomás reparou que se tratava de porcelana Vista Alegre com decoração famille verte, a louça branca enfeitada com motivos de borboletas e folhas de amora, imitando a porcelana chinesa do período K'ang Hsi. O empregado despejou o chá na chávena e insinuou uma suave vénia com a cabeça.

"Chá gabalong japonês", anunciou, retirando-se de imediato.

Tomás analisou o líquido que balouçava na chávena; o chá verde era claro e límpido, libertando um agradável vapor aromático. Despejou duas colheres de açúcar, mexeu com cuidado, a colher tilintando na porcelana, e provou; era realmente leve e frutado.

"Hmm, está uma delícia", murmurou, pousando a chávena quente. "Onde ia eu?"

"Na política de sigilo."

"Ah, pois. Bem, tudo isto para dizer que essa política foi de facto praticada de uma forma selectiva e teve como consequência prática, para o que nos interessa, que a revelação de muitas das mais importantes navegações dos portugueses foi silenciada pelos superiores interesses do Estado. Consequentemente, esses feitos acabaram por serem esquecidos pela história. Eles aconteceram, mas, como não sabemos que aconteceram, é como se não tivessem acontecido."

"O que nos leva para a descoberta do Brasil."

"Precisamente. Os textos oficiais remetem a descoberta do Brasil para o dia 22 de Abril de 1500, quando a frota de Pedro Álvares Cabral, empurrada por uma tempestade ao seguir a caminho da Índia, deparou com um morro alto e redondo, que os portugueses baptizaram de Monte Pascoal. Era a costa brasileira. A frota permaneceu dez dias no local, a reconhecer o novo território, designado Terra de Santa Cruz, e ainda a reabastecer-se e a estabelecer contacto com as populações locais. A 2 de Maio, a frota partiu em direcção à Índia, mas um dos navios, uma pequena naveta de mantimentos, regressou a Lisboa sob o comando de Gaspar de Lemos, levando a bordo cerca de uma vintena de cartas a relatar a descoberta ao rei D. Manuel, incluindo um notável texto do cronista Pêro Vaz de Caminha." Tomás afagou o queixo. "Os primeiros sinais de que a descoberta pode não ter sido accidental radicam no tom dessa crónica, na qual Caminha não manifesta qualquer surpresa por se ter encontrado terra naquelas paragens."

"Mas isso é subjectivo", contestou Moliarti. "Eles podem ter ficado surpreendidos mas não ter exprimido tal surpresa na crónica. Ou até podem ter achado natural que, não conhecendo eles aquela zona do mundo, houvesse ali terra."

"É verdade. A ausência de surpresa na crónica de Pêro Vaz de Caminha, por si só, não teria nenhum significado em particular se não fosse associada a um conjunto de outros indícios. E o segundo desses indícios é a presença da própria naveta na frota de Cabral. É que essa embarcação era demasiado frágil para a viagem entre Lisboa e a Índia. Qualquer pessoa que perceba de navegação sabe que a naveta não tinha condições para fazer toda a viagem, sobretudo considerando a passagem tumultuosa do cabo da Boa Esperança, também chamado pelos marinheiros, e de modo muito apropriado, cabo das Tormentas. Ora, os portugueses nessa altura eram os melhores marinheiros do mundo, pelo que não ignoravam tal evidência. Por que raio, então, integraram eles uma embarcação tão pequena naquela frota de grandes navios?" Tomás deixou a pergunta pairar no ar. "Só há uma explicação possível. Eles sabiam de antemão que a naveta não iria fazer toda a viagem. Mais, estavam antecipadamente conscientes de que ela só faria um terço do percurso de ida e que seria forçada a regressar a Lisboa para trazer a notícia da descoberta de uma nova terra. Ou seja, eles já sabiam que existia terra naquelas paragens e a naveta foi integrada na frota propositadamente para regressar com a notícia oficial."

"É curioso e plausível, mas não é conclusivo." "Concordo. Embora haja um pormenor que deva ser salientado. Quando a naveta chegou a Lisboa, os marinheiros permaneceram calados sobre o que aconteceu e a informação da descoberta do Brasil foi mantida em segredo pela corte para só ser revelada após o regresso de Pedro Álvares Cabral. Ora, isto não era nada normal e denuncia um planeamento antecipado de toda a operação."

"Hmm... interessante. Continua, no entanto, a não ser conclusivo."

"Sim. É por isso que aparece em cena o terceiro indício. Ou melhor, os terceiros indícios. Estou a referir-me a dois mapas. O primeiro, e o mais importante, é um planisfério feito por um cartógrafo português anónimo, executado por encomenda de Alberto Cantino para Hércules d'Este, duque de Ferrara, num manuscrito iluminado sobre pergaminho com um metro de altura e dois de largura. Como se desconhece o nome do autor

português, este enorme mapa é conhecido por Planisfério de Cantino e encontra-se agora guardado numa biblioteca de Modena, em Itália. Numa carta datada de 19 de Novembro de 1502, Cantino revelou que o mapa foi copiado de protótipos oficiais portugueses, certamente de modo clandestino, devido à política de sigilo então em vigor. O que é importante nesse mapa é o facto de ele conter um desenho pormenorizado de parte importante da costa brasileira. Ora, façamos as contas." Tomás aprontou a caneta e abriu uma folha limpa do bloco de notas. "O mapa foi ter às mãos de Cantino em Novembro de 1502, o mais tardar, o que dá um intervalo de pouco mais de dois anos entre a descoberta de Cabral e a chegada do planisfério a Itália." Riscou na folha uma linha horizontal, colocou na ponta esquerda as palavras Cabral, Abril 1500, e na outra extremidade Cantino, Novembro 1502.

"O problema é que Cabral não fez nenhum mapa pormenorizado da costa brasileira, pelo que as informações constantes do planisfério só podiam resultar, na melhor das hipóteses, de viagens posteriores." Ergueu dois dedos. "Bem, a segunda viagem oficial dos portugueses ao Brasil foi aparentemente efectuada por João da Nova em Abril de 1501, pouco mais de um ano antes de o Planisfério de Cantino chegar às mãos do duque de Ferrara. Mas, atenção, João da Nova não fez a viagem especificamente para explorar a costa brasileira. Tal como Cabral, ele também ia a caminho da Índia, pelo que não teve tempo suficiente para cartografar a linha da costa e, além disso, só regressou a Lisboa em meados de 1502." Levantou um terceiro dedo. "Portanto, o mais natural é que a informação constante do Planisfério de Cantino resultasse de uma terceira viagem. Ora, houve realmente uma frota que zarpou de Lisboa com a missão de explorar a costa brasileira. Trata-se da expedição de Gonçalo Coelho, que partiu de Lisboa em Maio de 1501 e que contava na tripulação com o florentino Américo Vespúcio, o mesmo homem que, inadvertidamente, viria a dar o nome ao continente americano. A frota chegou ao Brasil em meados de Agosto, explorou durante mais de um ano parte importante da costa, desceu tanto que descobriu uma grande baía e baptizou-a de Rio de Janeiro, continuou a descer até Cananeia e, finalmente, afastou-se da costa e regressou a Portugal. As três caravelas desta expedição entraram no porto de Lisboa a 22 de Julho de 1502." Rabiscou Gonçalo Coelho, Julho 1502, no último quarto da linha horizontal, próximo da referência Cantino, Novembro 1502, previamente anotada. "E é aqui que está o busílis da

questão", disse, apontando para as duas datas garatujadas na folha do bloco de notas. "Será possível que apenas quatro meses, os que medeiam entre Julho e Novembro, tenham sido suficientes para os cartógrafos oficiais de Lisboa efectuarem mapas detalhados com a informação de Gonçalo Coelho e ainda para o cartógrafo português, o anónimo traidor contratado por Cantino, copiar esses mapas e para o planisfério clandestino efectuar toda a viagem até Itália?" Tomás sublinhou com a caneta a curta distância, visível na linha horizontal do tempo, entre Gonçalo Coelho e Cantino; esboçou uma careta e abanou a cabeça. "Não me parece. Não se faz tudo isso em apenas quatro meses. O que nos coloca perante uma grande questão. Como diabo foi possível que Alberto Cantino comprasse um planisfério português que incluía informações que, a acreditar na cronologia dos relatos oficiais, não tinha ainda havido tempo suficiente para colocar detalhadamente em mapas? Onde vieram, afinal, essas informações?" Ergueu a palma da mão esquerda para cima, como se expusesse uma evidência. "Este mistério só tem uma solução. O Planisfério de Cantino foi desenhado, não com base nas informações recolhidas pelas viagens oficiais ao Brasil, mas sustentado nos dados obtidos antes de Cabral, durante explorações clandestinas, feitas às escondidas e silenciadas da história pela política de sigilo."

"Hmm", considerou Moliarti, pensativo. "Interessante. Mas acha conclusivo?"

Tomás abanou a cabeça.

"Considero difícil que em apenas quatro meses tenham sido feitos mapas oficiais detalhados com a costa brasileira, esses mapas tenham sido copiados clandestinamente e a cópia tenha chegado a Itália. É difícil que tudo isso tenha acontecido em tão pouco tempo." O historiador português ergueu o sobrolho. "Atenção. É difícil, mas não é impossível."

O americano mostrou-se um pouco decepcionado.

"Pois", murmurou. "Você também falou num segundo mapa..."

"Não é bem um mapa. É antes uma referência a um mapa."

"O que quer dizer com isso?"

"Uma das cartas que a naveta de Gaspar de Lemos levou para Lisboa quando da descoberta oficial do Brasil foi redigida por mestre João ao rei D. Manuel, datada de 1 de Maio de 1500. Pois essa carta refere a

localização da Terra de Santa Cruz, o Brasil, num mapa já perdido, o antigo mapa-múndi do português Pêro Vaz Bizagudo." Consultou o bloco de notas. "Escreveu o mestre João: «quanto, Senhor, ao sítio desta terra, mande Vossa Alteza trazer um mapa-múndi que tem Pêro Vaz Bizagudo e por aí poderá ver Vossa Alteza o sítio desta terra; mas aquele mapa-múndi não certifica se esta terra é habitada ou não. É um mapa-múndi antigo»." Tomás mirou Moliarti e acenou com o bloco de notas. "Ora, como é possível que Bizagudo localizasse no seu antigo mapa uma terra que ainda não tinha sido descoberta?"

O empregado regressou com o succulento snack encomendado por Moliarti. Tomás aproveitou para beber mais um trago do seu chá verde.

"Esses são indícios fortes", concordou o americano, agarrando a tosta de brioche. "Mas ainda nos falta... uh... como se diz... smoking guri]"

"Falta-nos uma prova conclusiva."

"Sim."

"Calma, há ainda mais coisas". Voltou ao bloco de notas. "O francês Jean de Léry esteve no Brasil de 1556 a 1558 e, falando com os mais antigos colonos, estes informaram-no de que «a quarta parte do mundo, já conhecida dos Portugueses desde cerca de oitenta anos que foi primeiramente descoberta»." Rabiscou umas contas. "Ora, quem a 1558 tira oitenta fica com... zero para oito dá oito... oito para cinco dá sete, e vai um para cinco, quatro... dá 1478." Mirou Moliarti. "Mesmo admitindo que a expressão 'cerca de oitenta anos' poderá significar setenta e seis ou setenta e cinco anos, estamos a falar de uma data bem anterior a 1500."

"Hmm."

"E há também uma carta escrita pelo português Estêvão Fróis, que foi detido pelos espanhóis, presume-se que na zona da Venezuela, sob a acusação de estar instalado em território de Castela." Tomás voltou a seguir as suas anotações. "A carta é datada de 1514 e dirigida ao rei D. Manuel. Nela, Fróis diz que se limitou a ocupar «a terra de Vossa Alteza, já descoberta por João Coelho, o da Porta da Luz, vizinho de Lisboa, há vinte anos e um»." Mais contas. "Portanto, quem a 1514 tira vinte e um fica

com... três, nove, e vai um, quatro... fica com 1493." Sorriu para o americano. "Mais uma vez, estamos perante uma data bem anterior a 1500."

"Essas cartas existem?"

"Claro."

"Mas você não acha que essas fontes são assim um bocado duvidosas? Quer dizer, um francês que ninguém sabe quem é e um português no cativeiro... enfim..."

"Meu caro Nel, há ainda quatro grandes navegadores que confirmam a informação de que o Brasil já era conhecido antes de Cabral."

"Ah, sim? Quem?"

"O primeiro que lhe vou mencionar é o espanhol Alonso de Hojeda, que, acompanhado pelo nosso amigo Américo Vespúcio, avistou o litoral sul-americano em Junho de 1499, provavelmente por alturas das Guianas. Depois, em Janeiro de 1500, outro espanhol, Vicente Pinzón, chegou à costa brasileira, portanto três meses antes de Cabral."

"Ou seja, os espanhóis anteciparam-se aos portugueses."

"Não necessariamente. O terceiro nome é Duarte Pacheco Pereira, um dos maiores navegadores da época dos Descobrimentos, embora também seja dos mais desconhecidos do grande público."

"Está-se a referir ao Pacheco Pereira que foi tema da tese de doutoramento do professor Toscano?"

"O mesmo, justamente. Para além de navegador, ele era um importante militar e cientista, tendo sido o homem que atingiu a medida mais exacta do grau terrestre e aquele que melhor avaliava a longitude sem os instrumentos adequados, que só vieram a ser obtidos muito mais tarde, com o desenvolvimento dos relógios. Tudo isto para dizer que Duarte Pacheco Pereira foi autor de um dos mais enigmáticos textos da época, uma obra intitulada *Esmeralda de Situ Orbis*." Tomás regressou às anotações. "A dado ponto, Pacheco Pereira escreveu no *Esmeraldo* que D. Manuel o mandou «descobrir a parte ocidental», e que isso aconteceu «no ano de Nosso Senhor de mil quatrocentos e noventa e oito, donde é achada e navegada uma tão grande terra firme, com muitas ilhas adjacentes a elas»." Tomás fixou-se em Moliarti. "Ou seja, em 1498 um navegador português descobriu terra a ocidente da Europa."

"Ah", exclamou o americano. "Dois anos antes de Cabral."

"Sim."

Moliarti trincou mais um pedaço da tosta de brioche e acompanhou-o com um golo de champanhe.

"E qual o quarto grande navegador?"

"Colombo."

O americano parou de mastigar e fitou o seu interlocutor com surpresa.

"Colombo? Qual Colombo?"

"O Colombo."

"Cristóvão Colombo?"

"Esse mesmo."

"Como assim, Cristóvão Colombo?"

"Quando Colombo regressou da sua primeira viagem de descoberta da América, parou em Lisboa e teve uma conversa com o rei D. João II. Nessa conversa, o rei português revelou-lhe que havia outras terras para sul da zona onde Colombo tinha estado. Se formos ao mapa, verificamos que a sul das Caraíbas está a América do Sul. Este encontro entre Colombo e D. João II ocorreu em 1493, o que significa que os portugueses já sabiam da existência de terras naquelas bandas."

"Mas onde é que é relatada essa conversa?"

"Na obra de um historiador espanhol que, dizem alguns, terá conhecido Colombo pessoalmente." Tomás voltou a atenção para o bloco de notas. "Trata-se de Bartolomeu de las Casas, o qual, a propósito da terceira viagem de Colombo ao Novo Mundo, escreveu: «torna o Almirante a dizer que quer ir para o Sul porque quer ver a intenção do Rei D. João de Portugal, por certo, que dentro dos seus limites havia de achar coisas e terras famosas»."

Moliarti concluiu o snack e encostou-se no sofá a saborear o champanhe e a apreciar a vista; para além das vastas janelas do bar agitavam-se as frondosas figueiras do jardim, grandes e protectoras, desenhando acolhedoras sombras na relva tratada.

"Sabe, Tom, há uma coisa que não entendo", exclamou, por fim. "Por que motivo os portugueses, se conheciam já a existência da América do

Sul, esperaram tanto tempo para formalizarem a descoberta? O que os levou a só efectuarem o anúncio em 1500? Por que não antes?"

"Dissimulação", devolveu Tomás. "Não se esqueça de que os portugueses acreditavam nas virtudes da política de sigilo, nas vantagens em manterem secreta toda a informação estratégica. Eles conheciam muito mais do mundo do que deixaram transparecer aos seus contemporâneos e às gerações futuras. A coroa mostrava-se consciente de que, mal revelasse a existência destas terras, tal anúncio iria atrair atenções indesejáveis, iria despertar cobiças inoportunas e interesses ameaçadores. Os portugueses sabiam que ninguém cobiça o que não sabe que existe. Se os restantes europeus não soubessem da existência dessas terras, era, pois, seguro que não iriam competir com os portugueses pela sua exploração. Os descobridores ficaram assim com as mãos livres para efectuarem calmamente as suas explorações sem terem de se preocuparem com a concorrência."

"Isso é claro, Tom", disse Moliarti. "Mas, então, se os portugueses tinham vantagem em manterem o sigilo, o que os levou a mudarem de atitude e a formalizarem a descoberta do Brasil em 1500?"

"Penso que terão sido os castelhanos. A política de sigilo fazia sentido enquanto estratégia para não atrair atenções indesejáveis para as descobertas dos portugueses. Mas a partir do momento em que Hojeda, em 1499, e Pinzón, em Janeiro de 1500, começaram a meter o nariz na costa da América do Sul tornou-se claro para a coroa portuguesa que a manutenção do sigilo já não era uma opção sensata, sob pena de os castelhanos reivindicarem para si aquelas terras que os portugueses já tinham encontrado. Impôs-se, assim, a formalização da descoberta do Brasil."

"Entendo."

"O que nos remete para o último grande indício."

"Qual?"

"O Tratado de Tordesilhas."

"Ah, sim", exclamou Moliarti, reconhecendo o célebre documento que dividiu o mundo em duas partes, uma para Portugal e outra para a Espanha. "Você está falando da certidão de nascimento da globalização."

"Essa mesmo." Tomás sorriu. Os americanos tinham sempre uma maneira grandiloquente de descreverem as coisas, de estabelecerem atraentes comparações com referências modernas. "O Tratado de Tordesilhas foi um acordo sancionado pelo Vaticano e que entregou metade do mundo aos portugueses e a outra metade aos espanhóis."

"Suprema arrogância."

"Sem dúvida. Mas a verdade é que naquele tempo eram estas as nações mais poderosas do mundo, pelo que lhes pareceu natural dividirem entre si os espólios do planeta." Tomás concluiu o seu chá. "Quando o tratado foi negociado, cada um dos países tinha determinadas vantagens no xadrez político. A vantagem dos portugueses é que estavam mais avançados nas tecnologias de navegação e armamento e na exploração marítima. Os espanhóis, por seu turno, encontravam-se atrasados nessas três áreas, mas tinham um trunfo poderoso na manga — o papa de então era espanhol. É um pouco como se, num jogo de futebol, nós tivéssemos os melhores jogadores, o melhor treinador, a melhor equipa, mas a partida fosse arbitrada por um juiz subornado pelo adversário e disposto a anular quaisquer golos da nossa equipa e a inventar penalties contra nós. Pois foi isso o que, de certo modo, aconteceu. Os navegadores portugueses passeavam-se a seu bel--prazer pela costa africana e pelo Atlântico, enquanto os castelhanos apenas controlavam as Canárias. Essa situação foi cristalizada em 1479 no Tratado de Alcáçovas, pelo qual Castela reconheceu a autoridade portuguesa na costa africana e nas ilhas atlânticas em troca da aceitação portuguesa do domínio castelhano sobre as Canárias. O tratado, confirmado no ano seguinte em Toledo, era, porém, omissivo quanto ao Atlântico ocidental, questão que entrou na ordem do dia na sequência da primeira viagem de Cristóvão Colombo. Como nenhuma cláusula do documento regulava directamente esta nova situação, logo se chegou à conclusão de que era necessário um novo tratado."

"O Tratado de Tordesilhas."

"Precisamente. A primeira proposta de Lisboa foi a de dividir a Terra por um paralelo que passava pelas Canárias, ficando os castelhanos com a exploração de tudo o que se situava a norte do paralelo e os portugueses com o resto. Mas o papa Alexandre VI, que era espanhol, divulgou duas bulas em 1493 a marcar uma linha divisória segundo um meridiano localizado cem léguas a oeste dos Açores e de Cabo Verde.

Como é bom de ver, o papa estava em conluio com Castela. Os portugueses não foram na conversa e, aceitando a existência dessa linha, exigiram que ela fosse deslocada para trezentas e setenta léguas a oeste de Cabo Verde, o que os castelhanos e o papa, não vendo motivos em contrário, aceitaram. Esta negociação, no entanto, tem algo que se lhe diga." Tomás desenhou um planisfério no bloco de notas; com rabiscos toscos, reconheciam-se na folha os contornos de África, da Europa e de todo o continente americano. O investigador traçou uma linha vertical no Atlântico, a meio caminho entre a África e a América do Sul, e escreveu por baixo 100. "Isto é o que o papa e os castelhanos propunham, uma linha cem léguas a oeste de Cabo Verde." De seguida riscou outra linha vertical mais à esquerda, de modo a apanhar uma parte da América do Sul, e digitou em baixo o número 370. "Esta é a linha que os portugueses exigiram, situada trezentas e setenta léguas a oeste de Cabo Verde." Mirou Moliarti. "Diga-me, Nel. Qual é a principal diferença entre estas duas linhas?"

O americano inclinou-se sobre o bloco de notas e examinou os traços.

"Bem, uma só cruza o mar, a outra apanha um pedaço de terra."

"E que terra é essa?"

"É o Brasil."

Tomás fez que sim com a cabeça e sorriu.

"O Brasil. Agora diga-me, por que razão os portugueses insistiram tanto nesta segunda linha?"

"Para ficarem com o Brasil?"

"O que me leva à terceira pergunta. Como diabo sabiam os portugueses que esta segunda linha apanhava o Brasil se o Brasil, em 1494, ainda não tinha sido descoberto?" Tomás inclinou-se sobre o seu interlocutor. "Ou tinha?"

Moliarti recostou-se no sofá e respirou fundo.

"I see your point." Pegou na garrafa de Louis Roeder, despejou um pouco mais de champanhe no copo e saciou a sede; devolveu o copo à mesa e endireitou-se, cravando os olhos nos de Tomás. "Há aqui realmente matéria que nos faz pensar", afirmou com lentidão. "Mas, diga-me Tom, de tudo isto que me disse, o que há que seja realmente novo?"

Tomás susteve o olhar de Moliarti, quase como se o estivesse a desafiar.

"Nada", respondeu.

"Nada de nada?"

"Nada de nada. Tudo o que eu lhe disse foi o que encontrei das pesquisas do professor Toscano sobre o mistério da descoberta do Brasil."

"E não havia nenhuma novidade?"

"Nem uma. O professor Toscano limitou-se a fazer um levantamento de tudo o que outros historiadores já tinham descoberto ou concluído."

O americano mirava-o com incredulidade, como se não acreditasse no que lhe era dito.

"De certeza?"

"Absoluta."

Moliarti pareceu render-se. Os ombros descaíram e o peito encolheu; desprende o olhar do seu interlocutor e mirou o infinito. Logo algo dentro de si começou a mexer, as faces enrubesceram e o rosto ensombrou-se de ira mal contida, à beira da erupção.

"Motherfucker, son of a bitch", rosnou para si mesmo, num sopro furioso. Cerrou as pálpebras e pousou a testa sobre a mão esquerda, o cotovelo sobre a mesa a apoiar o braço numa pose de consternação. "Damn it! I knew it. Shit!"

O português manteve-se silencioso, aguardando o desfecho daquele acesso de raiva controlada. Moliarti murmurou mais algumas palavras imperceptíveis, pronunciadas com fervor de revolta; por fim suspirou, abriu os olhos e encarou-o.

"Tom", disse, a voz cava. "O professor Toscano nos enganou."

"Em que sentido?"

O americano esfregou os olhos.

"Como eu e o John lhe dissemos em Nova Iorque, a nossa ideia era contribuímos para as celebrações dos quinhentos anos da descoberta do Brasil com uma investigação conclusiva quanto às eventuais explorações anteriores a Pedro Álvares Cabral. Foi para isso que, há sete anos,

contratámos o professor Toscano. Ele andou esse tempo todo gastando o nosso dinheiro e chegou a me dizer que tinha feito uma descoberta revolucionária que mudaria tudo o que sabemos sobre os Descobrimentos. Agora o professor morreu e vem você me anunciar que a única coisa que o professor Toscano fez ao longo desses sete anos foi uma recensão do trabalho de outros historiadores, nada acrescentando de novo. Como deve calcular, nós não..."

"Eu não disse bem isso", cortou Tomás.

Moliarti interrompeu o seu raciocínio e olhou-o sem compreender.

"Como?"

"Eu não disse que o professor Toscano não acrescentou nada de novo e que se limitou a fazer uma recensão do trabalho de outros."

"Mas, me desculpe, foi o que entendi das suas palavras."

"E entendeu bem em relação à parte que eu apurei das investigações do professor Toscano. Mas, como lhe disse logo no início desta nossa conversa, não tenho neste momento respostas finais e há ainda outras pistas deixadas pelo professor que preciso agora de seguir."

"Ah, bom", exclamou Moliarti, a atenção redobrada. "Então sempre há mais coisas."

"Claro que sim", admitiu Tomás com cautela. "Só não tenho a certeza de que digam directamente respeito à descoberta do Brasil."

"O que quer você dizer com isso?"

O português baixou os olhos e abanou a cabeça.

"Não sei ainda." Mordeu o lábio inferior. "Vou efectuar novas pesquisas e depois, quando tiver algo de mais concreto, voltamos a falar."

"Por favor, Tom, não me deixe assim sem respostas. Você está falando de quê em concreto?"

"Estou a referir-me a uma pista cifrada."

Moliarti sorriu de modo estranho, como se estivesse perante a confirmação de algo de que suspeitava havia muito.

"Ah! Eu sabia que havia mais qualquer coisa. Eu sabia. Me diga, Tom, que pista é essa?"

"Nelson, você já ouviu falar de Ovídio?"

"Sim", retorquiu o americano com cautela, procurando determinar qual a ligação entre aquele nome e as investigações do professor Toscano. "Era um romano, não era?"

"Ovídio foi um poeta latino que viveu no tempo de Jesus Cristo. Revelou-se um virtuoso das letras, escreveu poemas de grande ironia e sensualidade e acabou por influenciar decisivamente a poesia do Renascimento italiano. Entre as suas diversas obras contava-se uma chamada As Heróides. A dado passo desse grande texto, Ovídio escreveu uma determinada frase."

Fez uma curta pausa para ir buscar um cookie.

"Qual frase?", cortou Moliarti, impaciente.

"Nomina sunt odiosa."

"Como?"

"Nomina sunt odiosa."

"O que quer isso dizer?"

"Os nomes são inoportunos."

Moliarti ficou a olhá-lo sem nada entender. Abriu os braços e fez um ar interrogativo.

"5o wbatí Qual é a relevância disso para a nossa conversa?"

"Nomina sunt odiosa foi a pista que o professor Toscano nos deixou para a sua grande descoberta."

"Ah, sim?", exclamou Moliarti com sôfrega ansiedade. "Uma pista, é? E o que revela ela?"

"Não sei", devolveu Tomás de modo displicente, trincando tranquilamente o cookie. "Mas estou a investigá-la e, quando tiver a resposta, Nelson, voltamos a falar."

A salinha de espera da clínica apresentava-se com ar lavado, quase asséptico, pintada de branco e apenas com os sofás amarelos e a tijoleira castanha do pavimento a destoar daquela mancha nívea. Flutuava no ar uma fluidez química, desinfetante, não se pode dizer que fosse desagradável, embora tivesse algo de vagamente perturbador, fazia lembrar o inquietante odor dos hospitais. As largas janelas do quinto andar abriam-se para a Feira Popular; para lá dos vidros reconheciam-se os carris da monta-nha-russa, desertos, abandonados àquela hora da tarde, uma frágil estrutura azul recortada ao vento sob um céu cinzento e triste, pairando por cima das irrequietas copas das árvores e das ondulantes lonas coloridas das tendas espalhadas, lado a lado, por todo o parque de diversões.

Tomás inclinou-se no sofá, pegou numa das revistas amontoadas sobre a mesinha e folheou-a distraidamente. Enormes fotografias de pessoas bem vestidas enchiam as suas páginas com sorrisos iguais, quase estereotipados, anunciando ao mundo a felicidade cor-de-rosa dos seus casamentos ou a animação frívola das festas lisboetas; eram revistas de sociedade, de gente bem em poses cuidadas, encenadas, exibindo homens de aspecto próspero e vistosas camisas de marca, desabotoadas junto aos colarinhos, posando ao lado de loiras oxigenadas, a pele estragada pelo sol e as faces pesadamente maquilhadas; tornava-se evidente que aquelas personagens tinham declarado guerra ao passar dos anos, num esforço vão, grotesco até, para reterem a beleza que a idade inexoravelmente lhes roubava em cada instante, a juventude que se perdia a cada respiração, ao ritmo em que a areia desliza numa ampulheta e é largada pelo sopro do tempo.

Enfasiado com aquele untuoso espectáculo mundano, devolveu a revista ao seu local de origem e recostou-se no sofá. Margarida permanecia pregada diante das janelas, o nariz colado ao vidro a desenhar manchas de vapor, observando com ar sonhador as tendas desertas da Feira Popular e os loopings solitários da montanha-russa, fantasiando farturas gordurosas, algodões doces e emoções fortes no comboio fantasma. Constança repousava ao lado do marido, inquieta, ansiosa, contemplando a filha com calada preocupação.

"Será que é desta que ele a manda operar?", sussurrou Tomás, suficientemente baixo para que Margarida não o escutasse.

Constança suspirou.

"Sei lá. Já não digo nada." Esfregou os olhos. "Por um lado, quero que ela seja operada, é capaz de ser melhor. Mas, por outro, tenho um medo terrível, esta coisa de lhe andarem a mexer no coração não me deixa nada descansada."

Margarida sofria de problemas cardíacos, que resultavam da sua condição. Quando a menina nasceu e lhe foi diagnosticada a síndrome de Down, diagnóstico confirmado pelo Instituto Ricardo Jorge, o pediatra convocou o casal para uma consulta. O objectivo da consulta não era examinar a filha, mas explicar uma ou duas coisas aos aterrorizados pais. Segundo o médico lhes revelou, factos que puderam mais tarde aprofundar após consultarem variadas publicações científicas, o problema da filha radicava num erro ocorrido nos cromossomas que se encontram em cada célula e que determinam tudo no indivíduo, incluindo a cor dos olhos e a forma do coração. Cada célula possui quarenta e seis cromossomas, colocados em pares; um desses pares é designado par número vinte e um, e foi aqui que ocorreu o erro; em vez de ter dois cromossomas vinte e um em cada célula, como a generalidade das pessoas, Margarida possuía três; daí a designação de trissomia 21. Ou seja, a síndrome de Down era provocada pela trissomia do cromossoma vinte e um.

O pediatra chamou-lhe "um acidente genético" de que ninguém era verdadeiramente culpado, mas, bem lá no íntimo, nenhum dos pais acreditou nessa explicação, julgaram-na mera palestra para apaziguar consciências; ambos se convenceram, talvez supersticiosamente, sem qualquer base para o poderem afirmar pela razão, de que não havia inocentes naquele processo, de que algo por certo haveriam de ter feito para merecerem semelhante castigo, de que alguma responsabilidade de certeza partilhariam para que tal desgraça lhes tivesse batido à porta; viveram desde então com um mal disfarçado sentimento de culpa perante a menina, sentiam-se de algum modo responsáveis pelo seu estado, ela era afinal de contas a sua filha, a sua criação, e assumiram por isso a impossível missão de tudo fazerem para tudo desfazerem, para conquistarem o direito a reporem a justiça que a natureza lhes negara, para se redimirem do pecado pelo qual tinham sido punidos.

Esse sentimento de culpa latente era agravado pelos tradicionais problemas relacionados com este tipo de criança. Tal como qualquer pessoa com trissomia 21, Margarida era muito atreita a constipações e infecções respiratórias, a otites, aos efeitos do refluxo gastro-esofágico, a problemas ortopédicos ligados à subluxação atlanto-axial e, o pior de tudo, a dificuldades cardíacas. Logo no primeiro exame após o nascimento, a médica que fez o parto estranhou as batidas do coração e remeteu a criança para o cardiologista de serviço; após análises complementares, foi-lhe detectada uma pequena abertura do septo, que separa o sangue arterial do sangue venoso, anomalia congénita que teria de ser corrigida. Uma revista científica que apressadamente consultaram nesse mesmo dia, ainda sob o efeito entorpecedor da aterradora notícia, usava a linguagem impenetrável da medicina, com referências ao defeito do septo aurículo-ventricular incompleto associado a uma comunicação interauricular do tipo sinus venosus, para descrever o que, afinal, o médico lhes explicara de modo bem mais compreensível.

Nas consultas subsequentes, e ainda em estado de choque com a catadupa de terríveis novidades, Constança e Tomás foram informados de que Margarida teria de ser operada ao coração nos três primeiros meses de vida, de modo a fechar o septo, e que qualquer intervenção posterior a esse prazo constituía um risco. Foi um período difícil das suas vidas; as coisas tornavam-se, de dia para dia, um pesadelo de proporções desmesuradas, cada novidade conseguia ser pior do que a anterior. Margarida deu entrada no Hospital de Santa Marta três semanas depois da decisão de operar, mas, no derradeiro momento, o cardiologista, consultando o cirurgião, teve dúvidas; ambos se puseram a estudar novamente a imagem da ressonância magnética ao coração e concluíram que a abertura do septo era muito pequena e que havia uma razoável probabilidade de, com o desenvolvimento da criança, a anomalia fechar por si. Foi a primeira boa notícia que receberam desde o nascimento da menina. O cardiologista assinou um termo de responsabilidade e Margarida voltou para casa com os aliviados pais. O problema é que, nove anos depois, e ao contrário de todas as expectativas, o septo não fechou, trazendo de regresso o fantasma de uma operação ao coração.

"Margarida Noronha", anunciou uma rapariga gorducha, de bata branca, espreitando da porta da sala de espera.

"Somos nós", respondeu Constança, erguendo-se do assento.

"Podem entrar."

Os três seguiram a rapariga pelo corredor; ela parou junto a uma porta, ao fundo, e deixou-os passar. Entraram no gabinete e sentiram de imediato o cheiro a desinfetante tornar-se mais intenso. À direita assentava uma marquesa com um lençol branco ligeiramente amarrotado, como se alguém tivesse acabado de sair de lá; ao lado havia uma pequena cortina de correr, de tecido amarelo, era o local onde os pacientes se refugiavam para se despirem; e ao fundo, diante de uma pequena janela que dava para o prédio vizinho, encontrava-se o médico, debruçado sobre a secretária a escrever. Pressentindo a invasão do gabinete, o médico levantou a cabeça e sorriu.

"Olá", saudou.

"Boa tarde, doutor Oliveira."

Apertaram as mãos e o clínico, um cardiologista de meia-idade, afagou a cabeça de Margarida.

"Então, Margarida? Como vai isso?"

"Bué da fixe, doutor'."

"Tens-te portado bem?"

Margarida olhou para os pais, que a ladeavam, à procura de aprovação.

"Assim-assim."

"Assim-assim? Então?"

"A mamã diz que eu não posso anda' semp'e a a'uma' tudo."

"A quê?"

"A a'uma' tudo."

"A arrumar tudo", traduziu Constança. "É a mania que ela tem de andar constantemente a limpar e a arrumar as coisas."

"Ah", exclamou o médico, sem tirar os olhos da pequena. "Então és uma arrumadeira compulsiva."

"Não gosto de po'ca'ia. Po'ca'ia não."

"Fazes tu muito bem. Fora com a porcaria!" O médico riu-se e, olhando finalmente para os pais, apontou para as duas cadeiras que se encontravam diante da sua secretária. "Sentem-se, estejam à vontade."

Acomodaram-se nos assentos, Margarida abancada sobre o joelho esquerdo de Tomás. O cardiologista aprontou o bloco de notas, enquanto Constança vasculhava a carteira e Tomás mirava o coração de plástico, desmontável e em miniatura, colocado sobre a secretária.

"Tenho aqui o resultado dos exames, doutor", disse Constança, estendendo ao médico dois grandes envelopes castanhos.

O cardiologista pegou nos sobrescritos e analisou o logotipo impresso à esquerda.

"Já vi que foram à cardiologia pediátrica de Santa Marta fazer o ecocardiograma e a radiografia."

"Sim, doutor."

"Estava lá a doutora Conceição?"

"Sim, doutor. Foi ela que nos atendeu."

"E tratou-vos bem?"

"Muito bem."

"Ainda bem, porque senão tinha de me ouvir. Ela, às vezes, é meio despistada."

"Pois olhe que não temos razão de queixa." O clínico debruçou-se sobre os envelopes; retirou primeiro a folha plastificada cinzenta e branca da radiografia e estudou a imagem do tórax de Margarida.

"Hmm-hmm", murmurou, sem revelar agrado ou desagrado. O casal perscrutava-o com atenção, procurando captar-lhe expressões no olhar que indicassem estarem diante de boas ou más notícias, mas aquele hmm-hmm revelou-se de uma ambiguidade impenetrável, opaca. Inquietos e ansiosos, os pais de Margarida agitaram-se nervosamente nas cadeiras. "Então, doutor?", arriscou Tomás. "Deixe-me ver isto primeiro."

O médico levantou-se e colou a radiografia a uma caixa de vidro pregada na parede; carregou num interruptor e a caixa acendeu-se, enchendo-se de vida e iluminando a radiografia como se fosse um slide. O cardiologista inclinou-se sobre a folha plastificada, colocou os óculos e

estudou-a melhor. Depois, quando se deu por satisfeito, desligou a luz da caixa, retirou a radiografia e voltou para a secretária. Pegou no segundo envelope e extraiu o ecocardiograma, resultado do exame por ultra-sons feito para analisar o comportamento do coração da menina. "Está tudo bem, doutor?"

Desta vez foi Constança, quase sufocada pela ansiedade, quem questionou o médico. Oliveira prolongou mais alguns segundos a sua análise ao exame que tinha nas mãos.

"Quero ver um electrocardiograma", disse, enfim, guardando os óculos no bolso da bata. Abandonou a secretária e foi à porta chamar a técnica do consultório: "Cristina!"

Uma jovem magra, de cabelo negro e curto, também ela de bata branca, materializou-se de imediato.

"Sim, doutor?"

"Faça-me um electrocardiograma aqui à Margarida, está bem?"

A técnica levou Margarida para a marquesa. A menina despiu-se e deitou-se, muito esticada. Cristina espalhou gel pelo tronco nu da paciente; depois, colou-lhe ventosas ao peito e apertou-lhe braçadeiras nos braços e nas pernas, as ventosas e as braçadeiras ligadas por fios a uma máquina instalada à cabeceira da marquesa.

"Fica agora sossegadinha, sim?", pediu Cristina. "Faz de conta que estás a dormir."

"E a sonha'?"

"Sim."

"Sonhos co'-de-'osa?"

"Isso." Impacientou-se um tudo-nada. "Descansa, vá."

Margarida cerrou as pálpebras e a técnica ligou a máquina; o aparelho agitou-se num leve tremor e emitiu um zumbido eléctrico. Sentado na secretária e distante da marquesa onde decorria o exame, Oliveira decidiu aproveitar o facto de Margarida se encontrar afastada para questionar os pais.

"Ela tem tido queixas de falta de ar, cansaço fácil, pés inchados?"

"Não, doutor."

Foi Constança quem assumiu as despesas da conversa.

"Nem palpitações e desmaios?"

"Não."

"E febre?"

"Ah, isso teve um bocadinho."

O cardiologista ergueu uma sobrancelha.

"Quanto?"

"Uns trinta e oito graus, não mais."

"Durante quanto tempo?"

"Como?"

"Quanto tempo durou essa febre?"

"Ah, uma semaninha."

"Só uma semana?"

"Sim, só uma."

"E isso quando é que foi?"

"Há coisa de um mês."

"Foi logo a seguir ao Natal", especificou Tomás, que até aí permanecera calado.

"E notaram alguma diferença no comportamento?"

"Não", indicou Constança. "Tem talvez andado mais mur-chita, só isso."

"Murchita?"

"Sim, brinca menos, mostra-se mais calma..."

O médico pareceu ficar indeciso.

"Hmm", murmurou. "Está bem."

O electrocardiograma ficou entretanto pronto; enquanto Margarida se vestia, Cristina entregou ao cardiologista a longa folha expelida pela máquina. Oliveira voltou a colocar os óculos, analisou o registo das oscilações cardíacas e, por fim, considerando dispor de todos os dados de

que necessitava, encarou os pais. "Bem, os exames estão semelhantes aos anteriores", disse. "Não houve deterioração na situação do septo, mas a verdade é que o bloqueio permanece."

Constança não se mostrou inteiramente satisfeita com esta resposta.

"Isso quer dizer o quê, doutor? Ela vai ter de ser operada ou não?"

O médico tirou os óculos, certificando-se de que as lentes estavam limpas, e guardou-os no bolso da bata pela última vez.

Inclinou-se para a frente, apoiando-se nos cotovelos, e fitou a mãe ansiosa.

"Eu acho que vai", suspirou. "Mas não há pressa."

A aula tinha terminado havia dez minutos e Tomás, após a habitual conversa com os alunos que o interpelavam no final da lição, subiu ao seu gabinete do sexto andar. Vigara discretamente Lena durante toda a hora e meia que durara a exposição da matéria; a sueca permaneceu sentada no mesmo lugar que escolhera na semana anterior, sempre atenta, os límpidos olhos azuis a perscrutá-lo com intensidade, a boca entreaberta, como se lhe bebesse as palavras; vestia um apertado pullover vermelho-púrpura que lhe acentuava as volumosas curvas do busto e contrastava com a larga saia creme. Uma tentação, pensou o professor, achando-a ainda mais atraente do que a imagem retida na sua memória. Quando concluiu a lição, Tomás deu consigo perturbado por ela não o ter procurado de imediato, mas depressa se repreendeu a si mesmo. Lena era uma estudante e ele o professor, ela jovem e solteira, ele com trinta e cinco anos e casado; tinha de ter juízo e meter-se no seu lugar. Abanou a cabeça num movimento rápido, como se a tentasse expulsar da mente, e tirou da gaveta o caderno de sumários.

Três batidas na porta fizeram-no olhar para a entrada. A porta abriu-se e a bela cabeça loira espreitou, sorridente.

"Posso, professor?"

"Ah! Entre, entre", disse ele, talvez um pouco ansioso de mais. "Por aqui?"

A sueca atravessou o gabinete com um passo insinuante, meneando o corpo como uma gata com cio; percebia-se que era uma mulher segura de si, consciente do efeito que provocava nos homens. Puxou de uma cadeira e encostou-se à secretária de Tomás.

"Achei muito interessante a aula de hoje", ciciou Lena.

"Ah, sim? Ainda bem."

"Só não entendi bem como é que foi feita a transição entre a escrita ideográfica e a alfabética..."

Era um comentário directo à matéria da lição dessa manhã, o aparecimento do alfabeto.

"Bem, eu diria que foi um passo natural, necessário para simplificar as coisas", explicou Tomás, satisfeito por poder exhibir os seus conhecimentos e ansioso por impressioná-la. "Repare, tanto a escrita cuneiforme como os hieróglifos e os caracteres chineses requerem a memorização de um grande número de signos. Estamos a falar de várias centenas de imagens para decorar. Ora, e como é evidente, isso tornou-se um grande obstáculo à aprendizagem. O alfabeto veio resolver esse problema, dado que, em vez de sermos obrigados a memorizar mil caracteres, como no caso dos chineses, ou seiscentos hieróglifos, como acontecia com os egípcios, passou a ser suficiente decorar um máximo de trinta símbolos." Ergueu as sobrancelhas. "Está a ver? É por isso que eu digo que o alfabeto trouxe a democratização da escrita."

"E tudo começou com os fenícios..."

"Olhe, verdade, verdadinha, suspeita-se de que o primeiro alfabeto tenha aparecido na Síria."

"Mas o professor, na aula, só mencionou os fenícios."

"Sim, o alfabeto fenício é, entre aqueles que temos a certeza de que são alfabetos, o mais antigo. Supõe-se que seja uma evolução de certos signos cuneiformes ou então da escrita demótica do antigo Egipto. O facto é que este alfabeto, composto exclusivamente por consoantes, se espalhou pelo Mediterrâneo oriental graças às navegações dos fenícios, que eram grandes comerciantes e andaram por toda a parte. Foi assim que o alfabeto fenício chegou à Grécia e, desse modo, nos alcançou. Agora, terá sido mesmo o primeiro alfabeto?" O professor fez um ar interrogativo. "Foi descoberta na Síria, num sítio chamado Ugarit, uma escrita cuneiforme do século xiv a. C, portanto anterior à fenícia, que usava apenas vinte e dois signos. E aqui é que está a questão. Uma escrita com tão poucos signos dificilmente pode ser ideográfica. Acredito que essa foi a primeira escrita alfabética, mas o problema é que o povo que a inventou

não era viajante e, consequentemente, a sua invenção não se espalhou, ao contrário do que aconteceu com o alfabeto fenício, que viajou com os seus inventores."

"Estou a entender", disse Lena. "E a Bíblia foi escrita em fenício?"

Tomás soltou uma sonora gargalhada, que logo interrompeu, receando ofender a rapariga.

"Não, a Bíblia foi escrita em hebraico e em aramaico", explicou. Ergueu o sobrolho. "Mas a sua pergunta não é, em bom rigor, disparatada, dado que existe, de facto, uma ligação com o fenício. Sabe, foi encontrado na Síria, que era então conhecida por país de Arão, um alfabeto aramaico semelhante ao utilizado pelos fenícios, o que deixa supor que as duas escritas estão relacionadas. Muitos historiadores acreditam que é o fenício que se encontra na origem das escritas hebraica, aramaica e árabe, embora o modo como isso aconteceu permaneça obscuro."

"E o nosso alfabeto, também vem do fenício?"

"De modo indirecto, sim. Os gregos foram buscar coisas aos fenícios e inventaram as vogais a partir de consoantes do aramaico e do hebraico. Por exemplo, as primeiras quatro letras do alfabeto hebraico são álefe, beté, guímel e dálete, a que correspondem, em grego, alfa, beta, gama e delta. Como é evidente, esta semelhança entre os dois alfabetos não é nenhuma coincidência, estão ambos relacionados. Por outro lado, note que foi com base na junção das duas primeiras letras do alfabeto grego, o alfa e o beta, que os gregos criaram a palavra alfabeto. Depois, o alfabeto grego deu origem ao alfabeto latino. O alfa transformou-se em a, o beta em b, o gama em c e o delta em d. E aqui estamos nós a falar português, que é, como sabe, uma língua latina."

"Mas o sueco não é."

"Está bem, o sueco é uma língua escandinava, da família das línguas germânicas. Mas a verdade é que também usa o alfabeto latino, não é?"

"E o russo?"

"O russo usa o cirílico, que vem igualmente do grego."

"Mas o professor não explicou isso na aula de hoje."

"Calma", sorriu Tomás, erguendo a palma da mão esquerda, como quem manda parar o trânsito. "O ano lectivo ainda não acabou. O grego

será tema da próxima aula. Digamos que estive aqui consigo a adiantar um pouco a matéria..."

Lena suspirou.

"Ah, professor", exclamou. "O que eu preciso mesmo não é de adiantar a matéria, mas de recuperar a que perdi nas primeiras aulas."

"Então diga lá. O que quer saber?"

"Como lhe expliquei ao telefone, o atraso no meu processo do Erasmus fez-me perder as primeiras aulas. Estive a ver alguns apontamentos emprestados por colegas, relacionados com a escrita cuneiforme da Suméria, e confesso que não percebi nada. Preciso mesmo de uma ajudinha sua."

"Muito bem. Quais são exactamente as suas dúvidas?"

A sueca inclinou-se na secretária, aproximando a cabeça de Tomás. O professor sentiu-lhe a fragrância perfumada e adivinhou--lhe os vastos seios, cheios e arrebitados, querendo irromper pelo pullover. Fez um esforço para controlar a imaginação, repetindo a si mesmo que ela era uma aluna e ele o professor, ela uma jovem e ele um homem de trinta e cinco anos, ela livre e ele casado.

"O professor alguma vez experimentou comida sueca?", perguntou Lena, adocicando a voz.

"Comida sueca? Uh... sim, acho que comi em Malmö, quando lá fui no Inter-Rail."

"E gostou?"

"Muito. Lembro-me de que era bem confeccionada, mas muito cara. Porquê?"

Ela sorriu.

"Sabe, professor, acho que não vai conseguir explicar-me tudo em apenas meia hora. Não quer antes vir almoçar a minha casa e ajudar-me a ver as coisas com mais calma, sem pressas?"

"Almoçar em sua casa?"

A proposta era inesperada e Tomás ficou atrapalhado, não sabia como lidar com aquele convite. Pressentiu que ele acarretava uma mão-cheia de problemas, anteviu mil complicações; mas não havia dúvidas de

que Lena era uma rapariga agradável, ele sentia-se bem na sua presença e a tentação era grande.

"Sim, faço-lhe um prato sueco que o vai deixar de água na boca, vai ver."

Tomás hesitou. Pensou que não podia aceitar. Ir almoçar a casa da aluna, e sobretudo daquela aluna, era um passo perigoso, não tinha vida para tais aventuras. Mas, por outro lado, interrogou--se sobre as reais consequências da aceitação do convite. Não estaria a exagerar um pouco? Afinal de contas, era só um almoço e uma explicação, nada mais. Que mal poderia haver nisso? Qual o problema de estar uma ou duas horas em casa da rapariga a falar-lhe sobre a escrita cuneiforme? Que ele soubesse, nada o proibia de dar uma explicação a uma aluna sobre a matéria da sua disciplina. A diferença é que, em vez de ser na aula ou no gabinete, seria fora da faculdade. E depois? Qual a dificuldade? Na verdade, estaria a ajudar uma estudante, estaria a efectuar um exercício de pedagogia, e não é essa, afinal, a missão do professor? Por outro lado, e bem vistas as coisas, seria agradável. Afinal de contas, qual o mal de despende um pouco de tempo na companhia de uma rapariga tão bonita? Não teria direito a um pouco de descontração? Além do mais, ocorreu-lhe, seria uma excelente oportunidade para experimentar uma gastronomia nova, a cozinha escandinava tinha realmente os seus encantos. E por que não?

"Está bem", assentiu. "Vamos lá almoçar."

Lena abriu-se num sorriso encantador.

"Então está combinado", exclamou ela. "Vou fazer-lhe um prato que o vai deixar a implorar por mais. Marcamos para amanhã?"

Tomás lembrou-se de que no dia seguinte tinha de ir com Constança à escola de Margarida. Tinham pedido uma reunião com a directora da escola para tentarem resolver o problema da falta do professor de ensino especial, era impensável que ele faltasse.

"Não pode ser", abanou a cabeça. "Tenho de ir à... uh... tenho um compromisso amanhã, não posso ir."

"E depois de amanhã?"

"Depois de amanhã? Sexta-feira? Hmm... sim, pode ser."

"À uma da tarde?"

"A uma. Onde é a sua casa?"

Lena deu-lhe a morada e despediu-se, pespegando-lhe dois beijos húmidos na cara. Quando ela saiu, deixando o delicioso aroma do seu perfume a pairar no gabinete como se fosse uma assinatura fantasmagórica, Tomás olhou para baixo e apercebeu--se, surpreendido, excitado, de que os seus fluidos já tinham reagido, a química estava em movimento, o corpo ansiava pelo que a mente reprimia. Uma vigorosa erecção enchia-lhe as calças.

Cruzaram os portões da escola de São Julião da Barra pelo fim da manhã. Foram espreitar Margarida na sala de aula e, espiando pela frincha entreaberta da porta, descobriram-na, sentada no seu lugar, junto à janela, com ar muito prendado. Os pais sabiam que ela tinha fama de boa colega; defendia sempre os mais fracos, ajudava os que se magoavam no recreio, não se importava nada de perder os jogos que disputavam na escola e voluntarizava-se sempre para sair do jogo quando havia elementos a mais; chegava até a fazer-se despercebida sempre que algum colega gracejava com a sua condição e depressa esquecia as afrontas. Tomás e Constança olharam-na longamente da frincha, com admiração, como se ela fosse uma santa; mas era já a hora da reunião e viram-se forçados a abandonarem a porta da sala. Apressaram o passo e apresentaram-se no gabinete da directora; não tiveram de esperar muito até serem convidados a entrar.

A responsável da escola era uma mulher de quarenta e poucos anos, ossuda e alta, com o cabelo pintado de loiro e óculos de aros redondos; recebeu-os com cortesia, mas tornou-se notório que se sentia pressionada pelo tempo.

"Tenho um almoço à uma", explicou. "É uma reunião de coordenação pedagógica às três da tarde."

Tomás consultou o relógio, era meio-dia e dez, tinham cinquenta minutos pela frente; não via razão para que tanto tempo não chegasse.

"Ainda bem que tem essa reunião de coordenação pedagógica", atalhou Constança. "Porque o que nos traz aqui tem, obviamente, a ver com questões pedagógicas."

"Sei muito bem", adiantou a directora, para quem esta questão se tinha tornado um pesadelo desde a anterior reunião com o casal, no início

do ano lectivo. "Presumo que se trate do problema do professor de ensino especial."

"Naturalmente que sim."

"Pois, isto é uma chatice."

"Para si não duvido de que seja uma chatice", cortou Constança, um tom levemente irritado na voz. "Mas pode acreditar que, para nós, e sobretudo para a nossa filha, é uma tragédia." Apontou-lhe o indicador. "A senhora tem a noção do mal que a falta de um professor de ensino especial está a fazer à Margarida?"

"Minha senhora, estamos a fazer o que podemos..."

"Estão a fazer pouco."

"Não é verdade."

"É", insistiu. "E a senhora sabe que é."

"Por que não contratam outra vez o professor Correia?", perguntou Tomás, entrando na conversa e tentando evitar que ela se transformasse num pugilato verbal entre as duas mulheres. "Ele estava a fazer um excelente trabalho."

O tom agreste da reunião anterior, quando as aulas começaram e foram avisados de que este ano lectivo não haveria professor Correia nem ninguém para dar o apoio especial a Margarida, deixara-o de sobreaviso; e a verdade é que o confronto aumentava de intensidade à medida que a não resolução do problema se prolongava e se tornava evidente a regressão escolar da criança.

"Eu gostaria muito de contratar o professor Correia", disse a directora. "O problema é que, como já vos expliquei na reunião anterior, o ministério cortou-nos verbas e não temos dinheiro para contratar colaboradores."

"Tretas", exclamou Constança. "Têm dinheiro para tanta coisa e não têm dinheiro para um professor do ensino especial?"

"Não temos, não. O nosso orçamento foi reduzido."

"A senhora tem a noção de que a Margarida, no ano passado, sabia ler e este ano já não consegue entender uma única palavra escrita?", perguntou Tomás.

"Uh... isso não sabia."

"No ano passado ela tinha o professor Correia a dar-lhe o ensino especial e este ano não tem nada, só o professor curricular normal." Apontou para a porta, como se a filha os aguardasse do outro lado. "O resultado está à vista."

"O professor curricular normal, como é bom de ver, não pesca nada de ensino a crianças com necessidades especiais", adiantou Constança.

A directora abriu as palmas das mãos, voltando-as para o casal, como se lhes pedisse para terem calma.

"Vocês não me estão a ouvir", afirmou. "Eu, por mim, contratava já o professor Correia. O problema é que não tenho dinheiro. O ministério cortou as verbas."

Constança inclinou-se sobre a secretária.

"Senhora directora", disse, procurando manter-se calma. "A existência de professores do ensino especial para apoiar crianças com necessidades especiais nas escolas públicas está prevista na lei. Não é um capricho nosso, não é uma exigência disparatada, não é um favor que nos fazem. É algo que está previsto na lei. A única coisa que pedimos, eu e o meu marido, é que esta escola cumpra a lei. Nem mais, nem menos. Cumpra a lei."

A directora suspirou e abanou a cabeça.

"Eu sei o que diz a lei. O problema é que neste país aprovam--se leis muito bonitas, mas não se dão condições para que elas sejam aplicadas. De que me serve ter uma lei que me obriga a ter um professor de ensino especial se não tenho dinheiro para o contratar? Pelo que me diz respeito, os senhores deputados até podem decretar... uh... sei lá, que se viva eternamente. Mas não é porque sai uma lei a dizer que se tem de viver eternamente que as pessoas vão cumprir essa lei. Seria uma lei irrealista. O mesmo se passa com este caso. Criou-se uma lei muito justa, muito linda, muito humana, mas, quando chega a hora de avançar com os carcanhóis, não há nada para ninguém. Ou seja, a lei existe para se dizer que existe, para que alguém se gabe de a ter aprovado. Mais nada."

"Então o que está a senhora a sugerir?", perguntou Tomás. "Que as coisas fiquem como estão? Que a nossa Margarida seja abandonada na turma e não tenha apoio de um professor especializado? É isso?"

"Sim", concordou Constança. "O que tenciona fazer?"

A directora tirou os óculos, humidificou as lentes com um bafo quente expirado dos pulmões e esfregou-as num pequeno pano cor de laranja.

"Eu tenho uma proposta para vos apresentar."

"Diga."

"Como vos disse, não há verba para contratar o professor Correia. Considerando esse impedimento, a minha ideia é pôr a professora Adelaide a dar apoio à Margarida."

"A professora Adelaide?", admirou-se Constança.

"Sim."

"Mas ela tem alguma formação em ensino especial?"

"Minha senhora, quem não tem cão caça com gato."

"Vou reformular a pergunta. Ela percebe alguma coisa de ensino a crianças com necessidades especiais?"

A directora ergueu-se da secretária.

"Acho que é melhor chamá-la", retorquiu, dirigindo-se à entrada e evitando responder directamente à questão que lhe foi colocada, pormenor que não passou despercebido aos pais. Abriu a porta e espreitou para fora. "Marília, chame-me aí a professora Adelaide, se faz favor."

Voltou a sentar-se e terminou a limpeza das lentes, assentando os óculos no rosto. Tomás e Constança entreolharam-se, apreen-sivos; sentiam-se ambos determinados a lutarem até ao fim pelo direito da filha em ter apoio pedagógico de um professor especializado, que compreendesse as suas limitações e a melhor forma de as contornar. Os dois estavam convencidos de que Margarida seria capaz de progredir, tal como as outras crianças, mas, como era consideravelmente mais lenta na aprendizagem, precisaria de ser ajudada.

"Posso?"

Era a professora Adelaide, uma mulher forte, larga, com ar maternal, plena de bonomia; parecia uma daquelas mães do campo, rosadinhas, bochechudas, protectoras, sempre com uma ninhada de filhos

em torno de si. Cumprimentaram-se e a recém--chegada sentou-se junto do casal.

"Adelaide", começou a directora por dizer. "Como sabe, estamos sem verba para contratar este ano o professor Correia, que dava apoio à Margarida. Noutro dia falei consigo sobre o problema e lembro-me de que se voluntariou para as aulas do ensino especial este ano."

Adelaide assentiu com a cabeça.

"Sim. Como lhe disse, também estou preocupada com a situação que envolve a Margarida e o Hugo." Hugo era outra criança com trissomia 21 que igualmente frequentava a escola. "Uma vez que o professor Correia já não pode vir para cá, estou perfeitamente disponível para ajudar estas crianças."

"Mas, ó professora Adelaide", interrompeu Constança. "A senhora tem alguma especialização em ensino especial?"

"Não."

"Alguma vez deu apoio a crianças com trissomia 21?"

"Não. Repare, estou apenas a oferecer-me para encontrar uma solução."

"Acha que, consigo, a Margarida vai evoluir significativamente?"

"Penso que sim. Vou dar o meu melhor."

Tomás agitou-se na cadeira.

"Com o devido respeito pela sua boa vontade, deixe-me dizer--lhe uma coisa. A Margarida não precisa de ter umas aulas onde não vai progredir, umas aulas que só servem para dizer que está a ter aulas. As aulas não são um fim em si mesmas, são um meio para chegar a um fim. O objectivo não é que ela tenha aulas, é que ela aprenda. De que lhe serve ter aulas consigo se, no fim, continuar sem saber nada?"

"Bem, eu espero que aprenda alguma coisa."

"Mas, com base no que a ouvi dizer agora, a senhora não faz a mínima ideia do que é necessário para ensinar uma criança destas. Nunca tirou uma especialização nesta área nem nunca deu aulas a crianças com trissomia 21. Não sei se sabe, mas um professor de ensino especial não é bem um professor na acepção normal da palavra. Ele é mais uma mistura

entre treinador e fisioterapeuta, é alguém que puxa pela criança, que a treina, que a leva até ao limite. Com a melhor das boas vontades, digo-lhe com toda a franqueza: não estou a ver em si características de uma professora preparada para essa tarefa."

"Eu reconheço que talvez não tenha as habilitações nem os conhecimentos necessários para..."

"Vamos lá a ver", interrompeu a directora, que não estava a gostar do rumo que a conversa tomava. "As coisas são o que são. Não vamos ter o professor Correia. A professora Adelaide está disponível. Estamos todos de acordo em que a professora Adelaide não é uma especialista no ensino especial. Mas, quer queiramos, quer não, ela é a única coisa que temos. Portanto, vamos agarrar esta oportunidade e resolver o problema. Não é a solução perfeita, mas é a solução possível."

Tomás e Constança cruzaram o olhar, agastados.

"Senhora directora", rosnou ele. "O que a senhora está a apresentar-nos não é uma solução para o problema da Margarida. É uma solução para o seu problema." Sublinhou a palavra seu. "A senhora quer é despachar esta questão, não a quer resolver verdadeiramente. Mas vamos lá a ver. O que a nossa filha precisa é mesmo de um professor de ensino especial. Repito, um professor de ensino especial." Quase soletrou. "A nossa filha não precisa de aulas, precisa é de aprender. Com a professora Adelaide, ela vai ter aulas, mas não vai aprender. A professora Adelaide não é a solução."

"É a solução que temos."

"É a solução para o seu problema, mas não é a solução para o problema da Margarida."

"Não há outra solução", concluiu a directora com um gesto peremptório, final. "Terá de ser a professora Adelaide a dar as aulas de ensino especial."

"Não pode ser."

"Terá de ser."

"Desculpe, mas nós não aceitamos."

"Não aceitam, como?"

"Nós não aceitamos. Queremos um professor especializado no ensino especial, como está previsto pela lei."

"Esqueça a lei. Não há dinheiro para contratar esse professor."

"Arranje-o."

"Oíça bem o que lhe estou a dizer: não há dinheiro. Terá de ser a professora Adelaide."

"Não aceitamos, já disse."

A directora estreitou os olhos, fitando o casal diante de si. Fez uma pausa e suspirou pesadamente, como se acabasse de tomar uma decisão difícil.

"Então vão ter de me pôr por escrito que não aceitam as aulas de ensino especial."

"Isso não pomos."

"Como?"

"Não pomos."

"Não põem porquê?"

"Porque não é verdade. Nós queremos as aulas de ensino especial, é evidente que queremos. Mas queremos-las ministradas por um professor devidamente habilitado. O que nós rejeitamos, e estamos dispostos a pôr isso por escrito, é uma professora que, embora com a melhor das boas vontades, não está preparada para dar apoio a crianças com necessidades especiais."

A reunião terminou inconclusiva. A directora despediu-se de modo seco, frustrada com o impasse, e o casal abandonou a escola com a impressão de que ali não iria a lado nenhum. Tornara-se claro para Tomás e Constança que já não podiam contar com a escola pública; precisavam de contratar directamente um professor de ensino especial, mas o problema, como em tantas coisas na vida, é que não tinham dinheiro para isso.

Olhou para o prédio referenciado no seu bloco de notas. Era um edifício antigo, claramente a implorar por restauro urgente, no alto da Rua Latino Coelho. Chegou-se à entrada e constatou que a porta se encontrava entreaberta. Tomás empurrou-a e deu consigo num hall decorado a

azulejos gastos, alguns já rachados, outros com a tinta esbatida pelo tempo; a luz da rua era a única iluminação, jorrava pela porta e invadia o pequeno átrio com fulgor, desenhando no chão uma geometria de claridade para lá da qual assentava a penumbra. Tomás deu três passos, mergulhou na sombra e subiu as escadas de madeira, cada degrau a ranger com o peso do seu corpo, como se protestasse contra a intrusão que lhe vinha interromper o indolente repouso. O edifício exalava o cheiro característico dos materiais velhos, aquele odor a mofo e a humidade retida no soalho e nas paredes que se tornara o fedor de marca dos edifícios antigos de Lisboa. Alcançou o segundo andar e verificou o número da porta; procurava o segundo direito e aquela revelou ser a porta certa. Carregou no botão negro pregado na parede e um ding-dong tranquilo soou dentro do apartamento. Ouviu passos, o ruído metálico da fechadura a destrancar, e a porta abriu-se.

"Hej!", saudou Lena, dando-lhe as boas-vindas. "Välkom-men."

Tomás ficou um longo segundo embasbacado na penumbra, pregado na porta a mirar a sua anfitriã. A sueca apareceu-lhe com uma camisa de seda azul-clara, muito justa, como se estivesse no Verão. O decote era infinitamente aberto, revelando-lhe os seios quase até ao limite, vastos e voluptuosos, sem soutien, separados por um profundo sulco; apenas os mamilos permaneciam ocultos, mas mesmo assim era possível adivinhá-los pelo relevo que adquiriam na seda, os bicos protuberantes como um botão escondido. Uma minissaia branca, com um laço lateral amarelo a servir de cinto, revelava-lhe pernas longas e bem feitas, assentes nuns elegantes sapatos pretos de salto alto que lhe acentuavam as sensuais curvas do corpo.

"Olá", disse por fim. "Você hoje está... muito bonita."

"Acha?", sorriu a rapariga. "Obrigada, é muito amável." Fez--lhe sinal para entrar. "Sabe, em comparação com o Inverno da Suécia, o Inverno em Portugal parece-me Verão. De modo que ando cheia de calor e resolvi pôr-me mais fresca. Espero que não se importe."

Tomás cruzou a porta e entrou no apartamento.

"De modo nenhum", disse, tentando disfarçar o rubor que lhe coloria as maçãs do rosto. "Fez bem. Fez muito bem."

O apartamento estava aquecido, num gritante contraste com a temperatura lá fora. O soalho era de madeira antiga, com grandes tábuas

envernizadas pregadas ao chão, e quadros antigos, de ar austero e mal pintados, pregados nas paredes. Aqui não cheirava a bafio; pelo contrário, pairava no ar um agradável aroma a comida ao lume.

"Posso guardar-lhe o casaco?", perguntou ela, esticando o braço na sua direcção.

O professor despiu o casaco e entregou-lho. Lena pendurou-o num cabide junto à porta da entrada e conduziu o seu convidado pelo longo corredor do apartamento. Viam-se duas portas fechadas à esquerda e uma cozinha ao fundo. Ao lado da cozinha abria-se outra porta; era a entrada da sala, onde a mesa estava posta para duas pessoas.

"Onde arranjou este apartamento?", quis ele saber, espreitando pela porta.

Móveis antigos, de carvalho e nogueira, decoravam a sala de forma simples. Havia dois sofás castanhos, de aspecto gasto e austero; um televisor assente numa mesinha; e um móvel de parede, que exibia velhas peças de porcelana. A luz do dia, fria e difusa, irrompia por duas janelas altas, ambas voltadas para um pátio interior rodeado de traseiras de apartamentos.

"Aluguei-o."

"Sim, mas como soube da sua existência?"

"Foi no GIRE."

"GIRE? O que é isso?"

"É o Gabinete de Informações e Relações Exteriores da faculdade. São eles que nos dão apoio logístico. Quando cheguei, fui lá ver o que havia para alugar e descobri este apartamento. É pitoresco, não é?"

"Sim, lá pitoresco é ele", comentou Tomás. "E quem é o dono?"

"É uma senhora de idade que vive no primeiro andar. Este apartamento era de um irmão dela, que morreu no ano passado. Ela decidiu alugá-lo a estrangeiros, diz que são os únicos clientes que tem a certeza de que, ao fim de algum tempo, se vão mesmo embora."

"É esperta a velha."

Lena entrou na cozinha, espreitou para dentro da panela ao lume, remexeu a comida com a colher de pau, farejou o vapor que se elevava da panela e sorriu para o professor.

"Vai ficar bom." Saiu da cozinha e levou Tomás para a sala. "Ponha-se à vontade", disse, indicando o sofá. "Daqui a pouco o almoço está pronto."

Tomás acomodou-se no sofá e a rapariga sentou-se ao seu lado, as pernas confortavelmente dobradas debaixo do corpo. Procurando manter-se ocupado, e preocupado em não deixar instalar-se um silêncio embaraçoso, o professor abriu a pasta que trazia-na mão e tirou de lá uns documentos.

"Trouxe aqui umas anotações sobre a escrita cuneiforme suméria e acácia", revelou. "Vai achar especialmente interessante o uso dos determinativos."

"Determinativos ?"

"Sim", disse. "Também são conhecidos por indicadores semânticos." Apontou para uns traços cuneiformes rabiscados nos apontamentos. "Está a ver? Este é um exemplo de um vocábulo que pode ser utilizado como indicador semântico. Neste caso é a palavra gis, que significa madeira e é usada com o nome de árvores e de objectos feitos de madeira. A função dos indicadores semânticos é a de reduzir a ambiguidade dos símbolos. Neste exemplo, o determinativo gis, quando utilizado antes de..."

"Oh, professor", atalhou Lena, fazendo um ar de súplica. "Não podemos deixar isso para depois do almoço?"

"Uh... sim, claro", admirou-se Tomás. "Pensei que quisesse aproveitar para irmos adiantando matéria."

"Nunca com o estômago vazio", sorriu a sueca. "Alimenta bem o teu servo e a tua vaca dará mais leite."

"Como?"

"É um provérbio sueco. Quer dizer, neste caso, que a minha cabeça renderá mais se o meu estômago estiver cheio."

"Ah", entendeu o professor. "Já reparei que você gosta muito de provérbios."

"Adoro. Os provérbios encerram lições de grande sabedoria, não acha?"

"Sim, talvez."

"Ah, eu acho", exclamou num tom peremptório. "Na Suécia costumamos dizer que os provérbios revelam o que o povo pensa." Ergueu o sobrolho. "Os portugueses têm muitos provérbios?"

"Alguns."

"Ensina-me?"

Tomás soltou uma gargalhada.

"Mas, afinal, o que quer que lhe ensine?", perguntou. "A escrita cuneiforme ou os provérbios portugueses?"

"Por que não os dois?"

"Mas olhe que isso vai levar muito tempo..."

"Oh, não faz mal. Temos a tarde toda, não é?"

"Já vi que arranja resposta para tudo."

"A espada das mulheres está na boca delas", sentenciou Lena. "É outro provérbio sueco." Lançou-lhe um ar malicioso. "E olhe que, no meu caso, este provérbio tem um duplo sentido."

Tomás, atrapalhado e sem saber o que dizer, ergueu as duas mãos.

"Rendo-me."

"Acho bem", disse ela, recostando-se no sofá. "Diga-me, professor, o senhor é de Lisboa?"

"Não, nasci em Castelo Branco."

"E quando é que o senhor veio para Lisboa?"

"Quando era novo. Vim estudar História para a faculdade."

"Qual faculdade?"

"A nossa."

"Ah", disse ela. Fixou-lhe os olhos azuis, perscrutando-o com atenção. "Nunca casou?"

Tomás ficou alguns instantes sem saber como responder. Hesitou durante uma fracção um tudo-nada longa de mais, dividido entre a mentira, que facilmente seria desmascarada, e a verdade, que irremediavelmente afastaria a rapariga; mas acabou por baixar os olhos e ouvir-se a si próprio dizer:

"Sim, sou casado." ^

Receou pela reacção da sueca. Mas Lena, para sua grande surpresa, não pareceu incomodada.

"Não admira", exclamou a sueca. "Bonito como é..."

Tomás enrubesceu.

"Bem... uh..."

"Gosta dela?"

"De quem?"

"Da sua mulher, claro. Gosta dela?"

Aqui estava a oportunidade para emendar a mão.

"Quando casámos, sim, sem dúvida. Mas, sabe, fomo-nos afastando com o tempo. Hoje somos amigos, é certo, embora, na verdade, não se possa dizer que haja amor."

Perscrutou-a com os olhos, tentando medir-lhe a reacção; pareceu-lhe que ela ficou satisfeita com a resposta e sentiu-se aliviado.

"Na Suécia dizemos que uma vida sem amor é como um ano sem Verão", comentou a rapariga. "Não concorda?"

"Sim, claro."

Lena arregalou inesperadamente os olhos e colocou a mão na boca. Ergueu-se de um salto, o ar alarmado, uma expressão de urgência na face.

"Ah!", gritou. "Esqueci-me! A comida!"

Escapou-se num sopro para a cozinha. Tomás ouviu à distância o som dos alimentos ao lume e do tacho a ser mexido, mais exclamações abafadas da sua anfitriã.

"Está tudo bem?", perguntou, esticando o pescoço em direcção à porta.

"Sim", foi a resposta da sueca, as palavras gritadas da cozinha. "Está pronto. Já se pode sentar à mesa."

Tomás não obedeceu. Em vez disso, foi até à porta da cozinha. Viu Lena a segurar um tacho quente com um pano, despejando sopa para uma terrina larga, de porcelana antiga, igual à dos pratos colocados na mesa.

"Quer ajuda?"

"Não, está tudo bem. Vá para a mesa."

O professor olhou-a, hesitante, sem saber se deveria mesmo ir sentar-se ou se era melhor insistir. Mas a expressão resoluta da sueca convenceu-o a obedecer-lhe. Voltou para a sala e tomou o seu lugar à mesa. Instantes depois, Lena entrou na sala com a sopeira fumegante nos braços. Pousou a terrina pesadamente na mesa e suspirou de cansaço.

"Puf! Já está!", exclamou ela, aliviada. "Vamos comer."

Tirou a tampa da terrina e serviu Tomás com uma colher de sopa. Depois foi a sua vez. O professor inspeccionou o prato com ar desconfiado; era uma sopa branca, com pedaços sólidos no meio, e um aroma agradável, succulento.

"O que é isto?"

"Sopa de peixe."

"Sopa de peixe?"

"Prove. É boa."

"Parece diferente das nossas. Isto é um prato sueco?"

"Por acaso, não. É norueguês."

Tomás provou um pouco. A sopa era láctea e cremosa, com um intenso trazo de mar.

"Hmm, é bom", concordou ele, saboreando o néctar marinho do caldo. Fez uma ligeira vénia com a cabeça em direcção à sua anfitriã. "Parabéns, é uma grande cozinheira."

"Obrigada."

"Que peixes colocou aqui?"

"Oh, vários. Mas não sei o nome deles em português."

"E o prato principal também vai ser peixe?"

"É este o prato principal."

"Como assim? Esta é a sopa..."

"A sopa de peixe norueguesa é muito rica. Vai ver que, quando acabar de a comer, se vai sentir enfiado."

Tomás trincou um pedaço de peixe, pareceu-lhe astringente, temperada pelo líquido branco do caldo.

"Por que razão é branca a sopa?", admirou-se ele. "Não é feita de água?"

"Leva água, mas também leva leite."

"Leite?"

"Sim", assentiu ela. Parou de comer e fitou-o com uma expressão insinuante. "Sabe qual é a minha maior fantasia de cozinheira?"

"Hã?"

"Quando um dia for casada e tiver um filho, vou fazer uma sopa de peixe com o leite das minhas mamas."

Tomás quase se engasgou com a sopa.

"Como?"

"Quero fazer uma sopa de peixe com o leite das minhas mamas", repetiu ela, como se dissesse a coisa mais natural do mundo. Colocou a mão no seio esquerdo e espremeu-o de modo tal que o mamilo espreitou pela borda do decote. "Gostava de provar?"

Tomás sentiu uma ereção gigantesca a formar-se-lhe nas calças. Incapaz de proferir uma palavra e com a garganta subitamente seca, fez que sim com a cabeça. Lena tirou todo o seio esquerdo para fora do decote de seda azul; era lácteo como a sopa, com um largo mamilo rosa-claro e a ponta arrebitada e dura como uma chupeta. A sueca ergueu-se e aproximou-se do professor; em pé ao lado dele, encostou-lhe o seio à boca. Tomás não resistiu. Abraçou-a pela cintura e começou a chupar-lhe o mamilo saliente; o seio era quente e macio, tão imenso que afundou nele a cara. Encheu as palmas das mãos com os dois seios e apertou-os como se fossem almofadas, numa pulsão de luxúria, queria-os sentir fofos e gostosos. Enquanto ele a mamava, Lena desapertou-lhe o cinto e o botão

das calças; correu a braguilha para baixo e tirou-lhe as calças com um movimento rápido. Privando-o dos seus seios, depressa o recompensou de outro modo; ajoelhou-se aos pés da cadeira, inclinou-se sobre o seu regaço e encheu a boca. Tomás gemeu e perdeu o pouco do controlo que lhe restava sobre si mesmo.

VI

A Porta Sul do Mosteiro dos Jerónimos, na verdade formada por duas pesadas portas de madeira, mantinha-se encerrada aos visitantes. Toda a entrada do pórtico, com o seu espectacular rendilhado de pedra lioz branca, num estilo gótico enriquecido por elementos platerescos e renascentistas, constituía uma das mais belas partes da aparatosa fachada do longo mosteiro quinhentista; cenas religiosas e seculares, esculpidas na pedra com rico pormenor, decoravam os dois arcos sobre as portas, dominadas por uma estátua do infante D. Henrique no painel central e guarnecidas ainda por múltiplas colunas delgadas que, repletas de estátuas e relevos entrançados, se erguiam em direcção ao céu cinzento da manhã.

Tomás contornou toda a fachada sul do mosteiro, de pedra alva apenas lambuzada, aqui e ali, por manchas acastanhadas ou cinzentas de sujidade, e onde se destacava uma cúpula mitrada, de inspiração bizantina, sobre a torre sineira. Virou na esquina e esgueirou-se pela porta axial, a poente; era esta a entrada principal, mas a sua situação, encaixada numa galilé acanhada e na sombra de uma abóboda baixa que lhe obscurecia o rico rendilhado em estilo renascentista, diminuía-lhe a importância. Cruzou a passagem e entrou na grandiosa Igreja de Santa Maria, os olhos de imediato atraídos para o firmamento do santuário, a monumental abóbada suportada por esguios pilares octogonais, de pedra ricamente trabalhada, que se abriam lá em cima como palmeiras gigantes, as folhas a sustentarem a cúpula e a enlaçarem-se numa geométrica rede de nervuras.

Nelson Moliarti, entretido a admirar os vitrais da igreja, deu com o recém-chegado e veio ter com ele ao subcoro, os passos a ecoarem pelo santuário quase deserto.

"Olá, Tom", saudou. "Como vai isso?"

Tomás apertou-lhe a mão.

"Olá, Nelson."

"Este é um monumento espantoso, não é?", perguntou, fazendo um gesto largo com a mão, como se quisesse exibir tudo em redor. "Sempre que venho a Lisboa dou aqui um salto. Não pode haver obra mais magnífica para comemorar os Descobrimentos e o início da globalização." Puxou-o para junto de um dos pilares octogonais e apontou para um dos relevos na pedra. "Está vendo isso? É uma corda de marinheiro. Os seus antepassados esculpiram numa igreja uma corda de marinheiro!" Apontou para outro lado. "E ali estão peixes, alcachofras, plantas tropicais, até folhas de chá."

Tomás sorriu com o entusiasmo do americano.

"Nelson, eu conheço bem o Mosteiro dos Jerónimos. Os temas marítimos esculpidos na pedra são o que fazem deste estilo, chamado estilo manuelino, uma coisa única na arquitectura mundial."

"É isso mesmo", concordou Moliarti. "Uma coisa única."

"E sabe como foi financiada a construção do mosteiro? Com um imposto sobre as especiarias, as pedras preciosas e o ouro que as caravelas trouxeram de todo o mundo."

"Ah, é?"

"Chamavam-lhe o dinheiro da pimenta."

"Imagina", comentou o americano, olhando em redor. "E quem mandou fazer isso? Foi Henrique, o Navegador?"

"Não, o Mosteiro dos Jerónimos é posterior. Corresponde à apoteose dos Descobrimentos."

"Mas a apoteose não foi com Henrique?"

"Claro que não, Nelson. Henrique foi o homem que planeou tudo no século xv. Mas os Descobrimentos só atingiram o seu apogeu na passagem do século, nos reinados de D. João II e D. Manuel. O Mosteiro dos Jerónimos foi mandado construir por D. Manuel no final do século xv." Fez um gesto largo. "Sabe, esta igreja onde nos encontramos era, antigamente, uma ermida controlada pelos templários da Ordem Militar de Cristo, e foi aqui que Vasco da Gama veio rezar antes de partir para a Índia, em 1497. D. Manuel alimentava então o sonho de ser o rei de toda a

Península Ibérica, instalando a capital em Lisboa, e tudo fez para se tornar herdeiro da coroa de Castela e Aragão. Para atingir esse objectivo tinha um plano que assentava na sedução dos Reis Católicos. Casou com duas filhas dos soberanos de Castela e Aragão, tendo, para lhes agradar, expulsado os judeus de Portugal e mandado construir este mosteiro, entregando-o, não à Ordem de Cristo, como seria natural, mas à Ordem dos Jerónimos, monges que eram confessores de Isabel, a Católica. A ambição de D. Manuel quase seria premiada quando, em 1498, foi jurado herdeiro dos Reis Católicos, mas o projecto, como é bom de ver, acabou por não dar em nada."

Deambularam pelo subcoro e foram admirar o túmulo de Vasco da Gama, à esquerda. Uma estátua de mármore rosáceo em tamanho real, deitada com as mãos erguidas numa prece, por entre motivos de cordas, esferas armilares, caravelas, uma cruz da Ordem de Cristo e símbolos marítimos, assinalava o sarcófago do grande navegador. No lado direito do subcoro encontrava-se o mausoléu de Luís de Camões; o grande poeta épico dos Descobrimentos era igualmente representado por uma estátua deitada sobre o sarcófago, com as mãos unidas em prece, uma coroa de louros sobre o cabelo, a cabeça a repousar numa almofada de pedra.

"Eles estão mesmo aí?", perguntou Moliarti, de olhar preso no caixão esculpido de Vasco da Gama.

"Quem?"

"Vasco da Gama e Camões."

Tomás riu-se.

"É o que dizemos aos turistas."

"Mas estão ou não estão?"

"Deixe-me colocar as coisas deste modo", disse Tomás, pousando a mão no túmulo do grande navegador. "Os restos mortais que se encontram neste sarcófago são quase de certeza os de Vasco da Gama." Apontou para o outro lado do subcoro. "Já os restos mortais que estão depositados naquele sarcófago quase de certeza não são de Camões. Mas os guias vão dizendo aos turistas que Camões está mesmo ali. Parece que eles gostam e há muitos que aproveitam para comprarem logo Os Lusíadas."

Moliarti abanou a cabeça.

"Isso é desonesto."

"Oh, Nelson, não sejamos ingênuos. Como é que alguém pode ter a certeza de que os restos de uma pessoa que morreu há quinhentos anos pertencem mesmo a determinada pessoa? Que eu saiba, há quinhentos anos não existiam testes de ADN, pelo que não há modo de termos garantias."

"Mesmo assim..."

"Você já foi a Sevilha ver o túmulo de Colombo?"

"Já."

"E tem a certeza de que era mesmo Colombo que lá estava?"

"Bem, é o que eles dizem, não é?"

"E se eu lhe disser que isso pode ser uma patranha, que os restos mortais que se encontram em Sevilha, se calhar, não são os de Colombo?"

O americano olhou-o com ar interrogativo.

"Não são?"

Tomás sustentou o olhar e abanou a cabeça.

"Há quem diga que não."

Moliarti encolheu os ombros.

"Who cares?"

"Exactamente. Qual é o problema? O que interessa é o valor simbólico. Não será talvez Colombo quem ali está, mas a verdade é que aquele corpo representa Colombo. E um pouco como o túmulo do Soldado Desconhecido, que, podendo ser de qualquer pessoa, até de um desertor ou de um traidor, representa todos os soldados."

Uma multidão começou a jorrar pela porta axial, numa enchente crescente, tagarelando num burburinho nervoso, excitado; eram turistas espanhóis despejados por um autocarro que acabara de chegar aos Jerónimos e que se espalhavam pelo santuário como formigas esfaimadas, de câmaras ao peito e pastéis de nata na mão. A invasão espanhola, com a sua algazarra desordenada, caótica, embora respeitosa, desassossegoou os dois historiadores, mais interessados em encontrarem um recanto tranquilo para conversarem.

"Venha daí", disse Moliarti, fazendo um sinal com a mão. "Vamos falar lá para dentro."

Saíram da igreja pela porta axial, fugindo dos turistas; viraram à direita, compraram dois bilhetes no balcão, meteram pelos curtos corredores interiores e viram o Claustro Real abrir-se diante de si. Um pequeno jardim paisagístico francês coloria o eixo do claustro, simples, sem flores, apenas com uma relva rasteira recortada em formas geométricas à volta de um pequeno lago circular; todo o pátio central, formado pelo relvado e pelo lago, era rodeado pelos arcos e balaustradas dos dois pisos abobadados dos corredores do mosteiro, viam-se quatro tramos de cada lado com vértices chanfrados. Os visitantes viraram à esquerda na galeria inferior, caminhando pela sombra; passaram os olhos pelos rendilhados gravados na pedra das fachadas dos corredores e contemplaram a riqueza dos pormenores esculpidos em relevo; notavam-se por toda a parte símbolos religiosos, cruzes da Ordem Militar de Cristo, esferas armilares, escudos e emblemas, cordas esculpidas, formas enlaçadas, plantas, maçarocas, aves, animais fantásticos, lagartos, dragões-marinheiros; entre a fauna e a flora exóticas apareciam medalhões com bustos à romana, aqui o perfil de Vasco da Gama, ali o de Pedro Álvares Cabral.

"Este claustro é extraordinário", comentou Moliarti.

"Faustoso", concordou Tomás. "Dos mais belos do mundo."

Contemplaram os arcos do piso térreo, por onde cirandavam sem rumo aparente. Os arcos estavam divididos em dois, com colunelos torsos e escamados; as pilastras exteriores exibiam uma ornamentação suave e aplanada, enquanto o arco interior se destacava pela decoração manuelina, rendilhada e complexa. Calcorrearam distraidamente a galeria, até que o americano se desinteressou dos símbolos esculpidos na pedra e mirou Tomás.

"Então, Tom? Já tem respostas para mim?"

O português encolheu os ombros.

"Não sei se tenho respostas ou se tenho mais perguntas."

Moliarti fez um estalido com a língua, desagradado.

"Tom, o relógio está a contar, não temos tempo a perder. Faz duas semanas que você foi a Nova Iorque e uma semana que regressou a Lisboa. Precisamos de respostas rápidas."

Tomás aproximou-se da fonte do claustro. A fonte tinha um leão esculpido, o animal heráldico de São Jerónimo, sentado com as patas dianteiras erguidas e um fio de água a jorrar pela boca, libertando um gorgulhar líquido, contínuo e repousante. Passou a mão pela água fria e cristalina, mas não prestou atenção à estátua; tinha outros assuntos prioritários em mente.

"Olhe, Nelson, não sei se o que tenho lhe vai agradar, mas é o que resultou do enigma que o professor Toscano nos deixou."

"Você já decifrou aquela mensagem?", perguntou Moliarti.

Tomás sentou-se na bancada de pedra da galeria, debaixo dos arcos, de costas voltadas para o pátio e diante do maciço bloco de mármore que assinalava o túmulo de Fernando Pessoa. Abriu a pasta.

"Sim", disse. Tirou os documentos e procurou uma folha em especial. Encontrou-a e exibiu-a a Moliarti, que se sentou ao seu lado. "Está a ver isto?"

Apontou para umas palavras manuscritas a maiúsculas.

"Moloc", leu Moliarti na primeira linha. Depois a segunda. "Ninundia omastoos."

"Esta é uma fotocópia da cifra deixada por Toscano", explicou Tomás. "Andei uns dias à volta desta algaraviada, a pensar que era um código ou, eventualmente, uma cifra de substituição, embora esta me parecesse menos provável. Mas, na verdade, tratava-se de uma cifra de transposição." Mirou Moliarti. "Um anagrama. Sabe o que é um anagrama?"

O americano esboçou um trejeito de boca.

"Não."

"Um anagrama é uma palavra ou uma frase formada a partir do rearranjo das letras de outra palavra ou frase. Por exemplo, santos é um anagrama de tansos. Ambas as palavras usam as mesmas letras, só que numa ordem diferente, está a entender?"

"Ah", percebeu Moliarti. "Isso também existe em inglês?"

"Claro, em todas as línguas com escrita alfabética", esclareceu Tomás. "O princípio é sempre o mesmo."

"Não conheço nenhum caso."

"Conhece, pois. Há anagramas em inglês que são famosos. Por exemplo, Elvis é um anagrama de lives. Funeral é um anagrama de real fun."

"Muito engraçado", comentou Moliarti sem sorrir. "Mas o que tem isso a ver com as investigações do professor Toscano?"

"É que ele deixou-nos um anagrama, por sinal um bem simples na primeira linha, daqueles em que a primeira letra se tornou a última, a segunda letra ficou a penúltima, e assim sucessivamente, como um espelho." Voltou a ostentar a fotocópia da mensagem cifrada. "Está a ver? Moloc deve ler-se Colont. Já ninundia omastoos é um anagrama mais complexo, cuja decifração implica um cruzamento alfabético. Significa nomina sunt odiosa."

"A frase do romano."

"Ovídio."

"E o que significa?"

"Como já lhe expliquei, nomina sunt odiosa significa os nomes são inoportunos."

"E Colom?"

"É um nome."

"Um nome inoportuno?"

"Sim."

"E quem é esse cara?"

"Cristóvão Colombo."

Moliarti permaneceu um longo instante a fitar Tomás.

"Explique-me, para ver se eu entendo", disse o americano, coçando o queixo. "O que pretendia o professor Toscano dizer com essa mensagem cifrada?"

"Que o nome de Colom era inoportuno."

"Sim, mas qual o significado dessa frase?"

"Essa foi a parte mais difícil de perceber, uma vez que a frase é ambígua", reconheceu Tomás. Retirou outra folha da pasta e mostrou-a ao americano. Era a fotocópia de um texto redigido em latim. "Fui consultar o texto original de As Heróides para tentar perceber o sentido dessa citação. Aparentemente, o que Ovídio queria dizer é que não se deve citar levemente o nome de pessoas quando estão em causa factos vergonhosos ou de grande gravidade."

Moliarti pegou na folha e estudou-a.

"O nome de Colombo estava relacionado com factos vergonhosos ou de grande gravidade?"

"O de Colombo, não. Mas o de Colom, sim."

"Gee, man", exclamou o americano, abanando a cabeça. "Não estou entendendo nada. Então você não me disse que Colom é Colombo?"

"Sim, mas por algum motivo o professor Toscano quis chamar a atenção para o nome Colom. Se o nome fosse irrelevante, ele teria simplesmente escrito Colombo. Mas não, ele escreveu Colom. Só pode ser porque isso tem um significado."

"Qual?"

"É esse o nome inoportuno."

"Mas, Tom, em que medida esse nome é inoportuno? Não estou entendendo."

"Essa foi justamente a pergunta que eu fiz a mim próprio. O que tem o nome Colom assim de tão especial para que o professor Toscano chame a atenção para ele, considerando-o inoportuno?"

Ficaram os dois a entreolharem-se, com a pergunta suspensa diante das suas mentes, como se essa interrogação fosse uma nuvem e estivessem à espera de que ela se desfizesse em chuva.

"Espero que tenha encontrado uma resposta para essa questão", murmurou Moliarti por fim.

"Encontrei uma resposta e várias novas perguntas." Folheou os seus apontamentos. "O que andei estes dias a fazer foi a tentar perceber a origem do nome de Cristóvão Colombo. Como sabe, o descobridor da

América viveu uns dez anos em Portugal, onde aprendeu tudo o que sabia sobre navegação no oceano Atlântico. Viveu na Madeira e casou com Filipa Moniz Perestrelo, filha do navegador Bartolomeu Perestrelo, o primeiro capitão donatário da ilha de Porto Santo, na Madeira. Portugal era, nessa altura, a nação mais avançada do mundo, com os melhores navios, os mais aperfeiçoados instrumentos de navegação, as armas mais sofisticadas e onde se concentrava o conhecimento. O plano da coroa, delineado desde Henrique, o Navegador, era o de encontrar um caminho marítimo para a Índia, de modo a contornar o monopólio detido por Veneza no comércio das especiarias que vinham do Oriente. Os venezianos tinham um acordo de exclusividade com o Império Otomano, e, prejudicadas por esse acordo, as outras cidades-estados italianas, designadamente Génova e Florença, apoiaram o esforço português. Foi nesse contexto que, em 1483, o genovês Colombo propôs a D. João II que, uma vez que a Terra é redonda, navegasse para ocidente até chegar à Índia, em vez de ir para sul e procurar contornar a África. O monarca português sabia muito bem que a Terra é redonda, mas também tinha consciência de que ela é muito maior do que Colombo pensava, pelo que o caminho por ocidente seria demasiado longo. Sabemos hoje que D. João II tinha razão e Colombo não. Foi então que o genovês, a quem entretanto tinha morrido a mulher portuguesa, foi para Espanha oferecer os seus serviços aos Reis Católicos."

"Tom", cortou Moliarti. "Mas por que me está contando tudo isso? Eu conheço muito bem a história de Colombo..."

"Tenha calma", recomendou Tomás. "Deixe-me contextualizar o que tenho para lhe revelar. É importante fazermos um apanhado sobre a história de Colombo porque existe uma coisa estranha relacionada com o seu nome, algo que é pertinente no contexto da história da sua vida e da charada que nos deixou o professor Toscano."

"All right, go on."

"Muito bem", disse Tomás. Fez uma pausa para procurar retomar a narrativa no ponto onde a tinha interrompido. "Como eu dizia, Colombo foi para Espanha. É preciso perceber que a Espanha era então governada pela rainha Isabel, de Castela, e pelo rei Fernando, de Aragão, os chamados Reis Católicos, que se tinham casado, unindo as duas coroas e os dois reinos. O país estava nessa altura envolvido numa campanha militar para expulsar os árabes do Sul da Península Ibérica, mas a rainha

mostrou interesse em escutar Colombo. O navegador submeteu o seu projecto a uma comissão de sábios do Colégio Dominicano. O problema é que os espanhóis se encontravam muito mais atrasados do que os portugueses em matéria de conhecimento, pelo que, após quatro anos a estudarem a questão, os supostos sábios espanhóis concluíram que a ideia de navegar para ocidente à procura da Índia era irrealizável, uma vez que a Terra seria, na sua opinião, plana. Em 1488, Colombo regressou a Portugal e foi recebido pelo muito mais esclarecido D. João II, a quem renovou as suas propostas. Só que, quando se encontrava em Lisboa, Colombo assistiu à chegada de Bartolomeu Dias com a notícia de que tinha contornado África e descobrira a passagem do Atlântico para o Índico, abrindo assim o desejado caminho para a viagem directamente até à Índia. O projecto de Colombo ficou naturalmente sem pernas para andar. Por que motivo iria o rei português investir na longa e incerta rota por ocidente se já tinha descoberto o atalho por sul? Desanimado, Colombo regressou a Espanha, onde entretanto tinha casado com Beatriz de Arana. Até que, em 1492, os árabes se renderam em Granada e os cristãos passaram a controlar toda a península. Na euforia da vitória, a rainha de Castela deu luz verde a Colombo e o navegador partiu para a viagem que culminaria com a descoberta da América."

"Me conte novidades, Tom", insistiu o americano.

"Relatei-lhe isto para estabelecer de modo claro a relação de Cristóvão Colombo com os reinos ibéricos, não só Castela como também Portugal. Não foi uma coisa passageira, mas, como vê, uma relação profunda."

"Já entendi."

Tomás deixou de consultar os apontamentos e documentos que tinha trazido e fitou Moliarti.

"Então, se já entendeu, explique-me só uma coisa", pediu. "Por que razão os portugueses e os castelhanos, se tinham uma relação assim tão profunda com Colombo, nunca lhe chamaram Colombo?"

"Perdão?"

"Durante o século xv, enquanto o grande navegador esteve em Portugal e em Castela, nunca ninguém chamou Colombo a Colombo."

"Nunca lhe chamaram Colombo? O que quer você dizer com isso?"

"Não há um único documento, português ou castelhano, a chamar Colombo a Colombo. O primeiro texto português no qual aparece uma referência a «Colonbo», com n, é a Crónica de D. João II, de Ruy de Pina, escrita no início do século xvi. Até lá, nunca nenhum português lhe tinha chamado Colombo."

"Então como lhe chamavam?"

"Colom ou Cólón."

Moliarti permaneceu um longo instante silencioso.

"O que significa isso?"

"Já lá vamos", disse Tomás, voltando a folhear os seus apontamentos. "Andei a ver os documentos da época e descobri que Colombo é descrito como Christovam Colom, ou Cólón, o nome próprio abreviado por vezes para Xpovam. Quando o navegador foi para Espanha, os espanhóis começaram por lhe chamar Colomo, mas depressa evoluíram para Christóbal Cólón, Christóbal abreviado para Xpoval. Mas nunca Colombo. Nunca, nunca." Procurou na resma de documentos. "Ora veja." Tirou a folha que procurava. "Esta é a fotocópia de uma carta do duque de Medinaceli para o cardeal de Mendoza, datada de 19 de Março de 1493 e guardada com a referência de documento catorze do Arquivo de Simancas. Ora repare no que está aqui escrito." Apontou para uma frase redigida na folha. «"Tive em minha casa muito tempo Cristóbal Colomo, que vinha de Portugal e queria ir ao Rei de França.»" Ergueu a cabeça. "Está a ver? Aqui é Colomo. Mas o que é estranho é que, mais à frente na mesma carta, o duque chama-lhe outro nome." Apontou para um segundo trecho. "Aqui está. Cristóbal Guerra." Voltou a mirar Moliarti com uma expressão interrogativa. "Guerra? Afinal era Colombo, Colom, Cólón, Colomo ou Guerra?"

"Esse Guerra não poderá ser um outro homem qualquer que se chamasse Cristóbal?"

"Não, a carta do duque é muito clara, este Guerra é o nosso Colombo. Ora veja." Ajeitou a fotocópia para melhor a ler. "Escreveu o duque: «nesso tempo, Cristóbal Guerra e Pedro Alonso Nino foram descobrir, e esta testemunha afirma assim mesmo, com a frota de Hojeda e Juan de la Cosa»." Fitou Moliarti. "Ora, o Cristóbal que andou a fazer descobertas com Nino, Hojeda e de la Cosa foi, como o senhor bem sabe, Colombo."

"Pode ser uma incongruência, um engano."

"Uma incongruência é com certeza, mas não creio que haja engano. E sabe porquê?" Procurou novamente na resma e localizou duas fotocópias. Exibiu a primeira ao americano. "Este é um extracto da primeira edição da *Legatio Babylonica*, de Pietro Martire d'Anghiera, publicada em 1515. Neste texto, d'Anghiera identificou Colombo desta forma: '*Colonus vero Guiana*'. Como *vero* significa na verdade, d'Anghiera estava a dizer que Colombo, aliás Colom, aliás Colomo, aliás Cólón, aliás *Colonus*, aliás Guerra, se chamava, na verdade, Guiarra." Exibiu a segunda fotocópia. "E este é um extracto da segunda edição da mesma *Legatio Babylonica*, de d'Anghiera, desta feita intitulada *Psalterium* e datada de 1530. Aqui a mesma identificação sofre uma ligeira alteração. Aparece «*Colonus vero Guerra*»." Procurou com frenesim mais uma folha. "E este é o documento trinta e seis do Arquivo de Simancas, datado de 28 de Junho de 1500. Este documento é uma ordem dirigida a um tal Afonso Alvares, a quem «suas altezas mandam ir com cristobal Guerra à terra novamente descoberta»." Fitou mais uma vez Moliarti. "Ainda o apelido Guerra."

"São três documentos a chamarem-lhe Guerra", observou o americano.

"Quatro", corrigiu Tomás, voltando a atenção para os apontamentos. "Depois da morte de Colombo, o seu filho português, Diogo Colom, instaurou um processo judicial contra a coroa de Castela, intitulado *Pleyto* con la Corona, num esforço para assegurar os direitos do pai. As audiências começaram em 1512 na ilha de São Domingos, nas Caraíbas, e terminaram em 1515 em Sevilha. Todos os marinheiros e capitães que participaram na descoberta da América foram ouvidos neste processo, prestando depoimento sob juramento com a mão na Bíblia." Tirou outra folha da resma. "Esta é uma cópia do depoimento do mestre-piloto Nicolás Pérez. Disse ele em tribunal, com a mão pousada sobre a Bíblia, que o «verdadeiro apelido de Colón era Guerra»".

"Portanto, o que me está a dizer é que, no seu tempo, Colombo não era conhecido por Colombo, mas por Guerra."

"Não, não é isso o que eu estou necessariamente a dizer. O que estou a dizer é que ele, por algum motivo, tinha muitos nomes, mas Colombo não era nenhum deles." Desenhou um gesto vago no ar. "Sabe, não existem praticamente documentos sobre a passagem de Colombo por

Portugal, facto bastante misterioso, mas, tanto quanto pude aperceber-me, ele foi conhecido neste país por Colom e por Cólón. Seguiu para Espanha em 1484 e passou a ser chamado Colomo. Só oito anos depois é que os castelhanos passaram a designá-lo por Cólón."

"Oito anos depois?"

"Sim. O primeiro documento espanhol onde aparece escrito o nome Cólón, sem acento no o, é a Provisión, de 30 de Abril de

1492. E só depois da morte do navegador, em 1506, é que acrescentaram o acento ao segundo o de Cólón, ficando Colón."

"Cristóbal Colón."

"Sim. Mas, atenção, até o nome próprio de Colombo encerra uma história. Os portugueses chamavam-lhe tendencialmente Cristofom ou Cristovam, enquanto os italianos preferiam Cristo-foro. Mas é curioso que Pietro d'Anghiera, nas vinte e duas cartas que escreveu a falar de Colombo, lhe chamou sempre Cristophom Colonus, e nunca Cristoforo. O próprio papa Alexandre VI, quando do Tratado de Tordesilhas, emitiu duas bulas com a mesma iniciação titular, a Inter caetera, onde acompanhou a cas-telhanização do nome. Na primeira bula, datada de 3 de Maio de

1493, chamou ao navegador Crhistofom Cólón e na segunda, de 28 de Junho, Crhistoforu Cólón. É interessante esta evolução, porque Crhistofom é, evidentemente, o Cristofom, ou Cristovam, português. Já o Crhistoforu é o nome em latim do qual derivaram os antropónimos Cristovam, português, e Cristóbal, castelhano."

"E então o Guerra?"

"Entendamo-nos. Colombo era conhecido em toda a parte por Cristofom ou Cristovam. O apelido era Colom ou Cólón, podendo também ser Collon, com dois /. Chegou a Espanha e passou a ser Colomo. A partir de 1492, os espanhóis começaram a chamar-lhe sobretudo Cristóbal Cólón, embora, aqui e ali, voltasse a emergir, por vezes, o Colom." Tirou uma fotocópia. "Por exemplo, nesta edição em latim da publicação de uma das cartas da descoberta do Novo Mundo, datada de 1493, reaparece o Colom. Há mais exemplos iguais, mas vale a pena ver ainda este." Apresentou outra fotocópia. "É um extracto da publicação de uma petição feita pelo almirante em Santo Domingo e apresentada em

1498. Também aparece aqui o Colom." Arrumou as duas cópias. "E existem, como já lhe disse, quatro documentos que referem, implícita ou explicitamente, que Colom não era o verdadeiro nome do navegador. O nome correcto seria Guerra. Portanto, temos Guiarra, Guerra, Colonus, Colom, Colomo, Cólón e Colón."

"Mas porquê tantos nomes?"

Tomás folheou o bloco de notas.

"Parece haver um segredo qualquer", observou. "O filho castelhano, Hernando, fez, a propósito do nome do pai, algumas referências muito misteriosas." Fixou-se numa página anotada. "Num trecho do seu livro, Hernando escreveu: «el sobrenome de Colón, que él volvió a renovar». E registou noutra parte esta frase enigmática, que vou tentar traduzir: «muitos nomes poderíamos trazer, por exemplo, que, não sem uma causa oculta, foram postos para indício do efeito que haveria de suceder como aquilo que toca ao que foi prognosticado»." Fitou o americano. "Já viu isto? Em primeiro lugar, este «volvió a renovar» sugere que Colombo mudou várias vezes de apelido. Se fosse apenas «renovar», seria uma única vez. Mas «volvió a renovar» implica que renovou de novo, ou seja, remete para mais do que uma renovação. E, em segundo lugar, o que poderemos dizer da frase «muitos nomes poderíamos trazer, por exemplo, que, não sem uma causa oculta»? Muitos nomes? Causa oculta? Mas que raio de mistério é este? Quais nomes e qual causa oculta? E que história é esta de esses muitos nomes terem sido postos como «indício do efeito que haveria de suceder como aquilo que toca ao que foi prognosticado»? Estará ele a insinuar que o pai adoptou sucessivos nomes falsos de modo a relacioná-los com profecias? Qual, afinal, o seu verdadeiro nome?"

"Hmm", murmurou Moliarti. "Então como é que aparece o nome Colombo no meio de tudo isto?"

Tomás mergulhou de novo nas suas anotações.

"A primeira referência em texto ao apelido Colombo foi feita em 1494. Tudo começou com a carta que o navegador escreveu de Lisboa, no ano anterior, a anunciar a descoberta da América. Essa carta foi publicada em vários sítios. Na última página da edição de Basileia, que saiu em 1494, um bispo italiano acrescentou um epigrama onde se lê «mérito referenda Columbo Gratia», latinizando assim o nome de Colom. Esta nova versão seria retomada pelo veneziano Marcantonio Coccio, conhecido popular-

mente por Sabellico, nas Sabellici Enneades, de 1498. Sabellico identificou-o como «Christophorus cognomento Columbus». Mas Sabellico não o conhecia pessoalmente, pelo que deve ter-se inspirado naquele famoso epigrama. Há depois uma carta enviada pelo veneziano Angelo Trevisano para Domenico Malipero, datada de Agosto de 1501, em que, citando a primeira edição das Decades, de Pietro d'Anghiera, datada de 1500, refere que o autor tinha grande amizade «com o navegador, a quem chamava Christophoro Colombo zenoveze». O problema é que, noutras cartas, d'Anghiera dá a impressão de não conhecer pessoalmente Colombo, descrevendo-o como «um tal Cristovam Cólón». Isto cria a convicção de que Trevisano adulterou o texto de d'Anghiera para o adaptar ao gosto dos leitores italianos, italianizando-lhe o nome. Existe igualmente uma referência a um livro de Trevisano, intitulado *Libretto di tutte le Navigationi di Re de Spagna*, e que foi publicado em 1504 com base em cópias de cartas do vigário--capelão real. Também não sobreviveu nenhum exemplar desse livro, mas o seu contemporâneo Francesco da Montalboddo confirmou que Trevisano apresentou Colom como Cristoforo Colombo Zenoveze. O problema é que este texto de Trevisano não chegou até nós na sua edição original. A crónica mais antiga que temos na nossa posse com o nome Colombo associado ao descobridor da América é o *Paesi nuovamente ritrovati*, publicado em 1507 por Montalboddo, e que consultei na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Foi um livro muito popular na sua época, transformando-se naquilo a que hoje chamaríamos best-seller. Incluiu até a primeira descrição da descoberta do Brasil por Pedro Álvares Cabral e ajudou a espalhar uma segunda falsidade, a de que o descobridor do Novo Mundo era Américo Vespucci."

"Uma segunda falsidade? Então qual foi a primeira?"

Tomás olhou para Moliarti com admiração.

"Não lhe parece óbvio? A primeira falsidade é a de que Colom se chamava Colombo."

"Como pode afirmar isso?"

"Pelo mero recurso ao bom senso. Então o homem andou toda a vida a ser chamado diversos outros nomes, mas sobretudo Colom e Cólón, e só mais tarde é que apareceram uns italianos, que não o conheciam pessoalmente e um deles citando obscuras cópias de cartas do vigário-geral e uma suspeita tradução da já desaparecida primeira edição das

Decades, de d'Anghiera, que vieram dizer que ele, afinal, não se chamava Colom, mas Colombo? E como podemos chamar-lhe nós Colombo se ele próprio se chamou a si, em todos os documentos que assinou, Colom ou Cólón?"

"O quê?"

"Não sabia? Nunca o descobridor da América se referiu a si próprio, em qualquer documento conhecido, como Colombo ou sequer mencionou a sua versão latina, Columbus. Nunca. Nem sequer existe um único documento pertencente à história marítima de Génova que mencione a existência de um marinheiro com esse nome. Nem um único. O primeiro documento conhecido em que Colombo se apresenta a si próprio é a carta que enviou em 1493, logo que regressou da descoberta da América, a um tal Rafael Sanchez para ser entregue aos Reis Católicos. Nessa carta, ele identificou-se como «Christofori Colom». Colom, com m no fim. E mais tarde, no seu testamento, explicou que pertencia à família dos Cólons, que apresentou como sendo «mi linage verdadero». Note bem, ele disse que a sua verdadeira linhagem era a dos Cólons, não dos Colombos." Sorriu. "Então não é claro como água que o nome Colombo caiu do céu aos trambolhões?"

"Se assim é, por que razão ainda hoje lhe chamamos Colombo?"

"Da mesma maneira que ainda hoje chamamos América à terra que Américo Vespucci não descobriu. Por simples repetição de um erro original. Vejamos. Colom identificou-se a si próprio em todos os documentos por Colom ou Cólón. Os seus contemporâneos, incluindo gente que o conhecia pessoalmente, fizeram a mesma coisa ou então deram-lhe outros nomes, como Colomo, Colonus, Guiarra e Guerra. Mas veio um bispo italiano que lá achou que Colom se traduzia em latim para Columbo e depois apareceu o tal Sabellico, que não conhecia Colom de parte alguma, nunca o viu nem falou com ele, e que, a partir dessa tradução errada, manteve o nome Colombo. Pouco depois, outro veneziano, o Trevisano, fez o mesmo. E outro italiano, Montal-boddo, que também não conhecia Colom pessoalmente, pegou no texto de Trevisano e deu-lhe grande visibilidade no Paesi nuova-mente retrovati, publicado em 1507, um ano após a morte do navegador. O Paesi foi um sucesso editorial, toda a gente leu Montalboddo e, de repente, Colom passou a ser conhecido por Colombo. A coisa pegou de tal modo que até o cronista

português Ruy de Pina, na Crónica do Rei D. João II, o rebaptizou com esse novo nome."

"Mas como sabe que o bispo italiano não estava a falar a verdade?"

"Porque na mesma página da edição de Basileia onde ele escreveu Columbo está também escrito o nome Colom. Ora, Colom em catalão quer dizer pomba." Fez um sinal com os olhos, interrogando Moliarti. "Ora diga lá como se diz pomba em italiano..."

"Colombo."

"E em latim?"

"Columbus."

"Está a ver? O bispo, que conhecia catalão, pensou que Colom se traduzia por pomba. Como quis latinizar esse nome, escreveu Columbo."

"Justamente", argumentou o americano. "Se Colom quer dizer pomba, o nome correcto dele em italiano é Colombo. Colom é uma tradução de Colombo."

"Seria, se não se desse o caso de o nome Colom não querer dizer pomba."

"Ah, não? Então o que quer dizer?"

Tomás folheou o seu bloco de notas.

"Mais uma vez é o próprio filho de Colombo, Hernando Colón, quem nos elucida. «Por conseguinte, le vino a propósito el sobrenome de Colón», escreveu, explicando como surgiu esse apelido: «porque en griego quiere decir miembro»."

"Não entendo."

"Nelson, como se diz membro em grego?"

"Sei lá..."

"Kolon."

"Cólon?"

"Kolon, com k. Ou seja, Colom não remete para Colombo, a pomba, mas para Kolon, o membro." Voltou os olhos para os apontamentos. "Aliás, o próprio Hernando Colón, na mesma altura em que revela que o

apelido Colón vem da palavra grega kolon, membro, explica que «si queremos reducir su nombre a la pronunciación latina, que es Christophorus Colonus». Sorriu para Moliarti. "Está a ver? Hernando explicou que a latinização de Colón não remete para Columbo ou Columbus, como seria normal se viesse de Colombo e significasse pomba, mas para Colonus. O que, em suma, quer dizer que, qualquer que fosse o seu verdadeiro nome, não seria Colombo certamente."

"Seria Colonus, é?"

O historiador português inclinou a cabeça e fez uma careta céptica.

"Talvez. Mas Colonus pode também não passar de mais um pseudónimo. Repare que Hernando escreveu que «muitos nomes poderíamos trazer, por exemplo, que, não sem uma causa oculta, foram postos para indício do efeito que haveria de suceder como aquilo que toca ao que foi prognosticado». Ou seja, o navegador escolheu nomes que profetizavam algo."

"E que profecia implicaria o apelido Colonus?"

"É o próprio Hernando que responde a essa pergunta: «pedindo a Cristo a sua ajuda, e que o favorecesse naquele perigo da sua viagem, passou ele e os seus ministros para que se fizessem das gentes índias colonas e habitantes da Igreja triunfante dos céus; pois é de crer que muitas almas fossem feitas colonas do céu e habitantes da glória eterna do paraíso». Ou seja, o apelido Colonus foi escolhido porque profetiza a colonização da índia pela fé cristã."

"Hmm", murmurou Moliarti, o ar contrariado. "Na sua opinião, foi isso o que o professor Toscano descobriu?"

"Não tenho dúvidas em afirmar que, ao deixar a mensagem Colom, nomina sunt odiosa, Toscano estava a dizer que o nome Colom era inoportuno. Ou seja, a sua referência tornou-se inoportuna."

"Só isso?"

"Penso que há mais a descobrir. Como já lhe referi, Ovídio, quando escreveu a frase nomina sunt odiosa, inseriu-a no contexto de que não se devem citar levianamente nomes de pessoas quando estão em causa coisas vergonhosas ou muito graves. Parece-me evidente que o professor Toscano está a sugerir uma ligação entre Colom e um facto de grande importância."

"A descoberta da América."

"Mas essa ligação já nós conhecemos, Nelson. O que eu presumo é que Toscano se estivesse a referir a uma outra coisa, que não é ainda do domínio público."

"O quê?"

"Se eu soubesse, meu caro, já lhe tinha dito, não é?"

O americano remexeu-se na bancada de pedra, desconfortável e inquieto.

"Sabe, Tom", começou por dizer. "Nada disto tem a ver com a descoberta do Brasil."

"É evidente que não."

"Então por que razão andou o professor Toscano a gastar tempo com Colombo?"

"Colom."

"Whatever. Por que razão esteve ele a desperdiçar nessa investigação o nosso dinheiro?"

"Não sei." Tomás encostou a palma da mão esquerda ao peito. "Mas uma coisa é, para mim, clara. Não há, que se vislumbre, qualquer relação entre estas investigações do professor Toscano e a descoberta do Brasil. O que, para nós, coloca um problema prático. Valerá a pena eu continuar a fazer esta investigação? É que, seja o que for que Toscano tenha descoberto, tudo indica que não terá de ser publicado até 22 de Abril, uma vez que não tem ligação com os quinhentos anos da viagem de Pedro Álvares Cabral." Fitou Moliarti nos olhos. "Quer que eu prossiga a pesquisa?"

O americano nem hesitou.

"Claro que sim", afirmou. "A fundação vai querer saber em que é que andou este tempo todo a gastar o dinheiro."

"O que nos leva ao segundo problema. Não tenho mais nada para investigar."

"Como assim? Então e os documentos e anotações do professor Toscano?"

"Quais documentos e anotações? Já consultei tudo o que ele tinha no Brasil."

"Mas ele andou a investigar muito mais pela Europa."

"Ah, isso é outra conversa. Por onde é que ele andou?"

"Andou pela Biblioteca Nacional e pela Torre do Tombo, aqui em Lisboa. Depois foi à Espanha e a Itália."

"À procura de quê?"

"Nunca nos disse."

Tomás permaneceu pensativo, o olhar perdido nos arcos rendilhados do claustro.

"Hmm", murmurou. "E onde estão as suas anotações?"

"Presumo que estejam em casa dele, com a mulher."

"E vocês já lá foram pedir-lhe esses documentos? São cruciais para a investigação."

Moliarti abanou a cabeça, cabisbaixo.

"Não."

"Não?", admirou-se Tomás. "Porquê?"

O americano fez um trejeito nervoso com os músculos do rosto.

"Sabe, as divagações do professor Toscano provocaram uma grande tensão entre nós. Discutimos muito com ele, porque queríamos relatórios periódicos do seu trabalho e ele recusava-se a fazê-los. Naturalmente que essa tensão se estendeu também à mulher, com quem a relação se tornou igualmente difícil."

Tomás riu-se.

"Ou seja, ela não pode ver-vos à frente."

Moliarti suspirou, agastado.

"É isso."

"Então o que fazemos?"

"Vá lá você."

"Eu?"

"Sim, claro. A si, ela não o conhece. Não sabe que você trabalha para a fundação."

"Desculpe, Nelson, mas não pode ser assim. Então eu vou a casa do defunto enganar a viúva?"

"Qual é a alternativa?"

"Sei lá. Falem com ela, esclareçam as coisas, entendam-se."

"Não é assim tão fácil, as coisas entre nós atingiram um ponto sem retorno. Terá mesmo de ser você a ir lá."

"Oh, Nelson, não pode ser. Eu não vou enganar a velha..."

Moliarti encarou-o com ar duro, os olhos transfigurados, implacáveis; já não era o simpático e descontraído americano, de modos afáveis e calorosos, mas o impiedoso homem de negócios.

"Tom, nós estamos a pagar-lhe dois mil dólares por semana e a oferecer-lhe um prémio de meio milhão de dólares caso consiga recuperar a investigação oculta do professor Toscano. Você quer ou não quer esse dinheiro?"

Tomás hesitou, abalado com o tom frio das palavras do seu interlocutor.

"Uh... claro que quero."

"Então vá para a fucking casa do fucking Toscano e arranque da fucking viúva tudo o que ela lá tiver", rosnou Moliarti, numa entoação agressiva, fulminante. "Entendeu?"

Tomás, passado o primeiro instante de surpresa pela repentina mudança de humor do seu interlocutor, sentiu um fervor de revolta em ebulição nas entranhas, galgando-lhe pelo estômago, imparável. Teve ganas de se levantar e ir-se embora, não admitia que lhe falassem naquele tom. Um rubor avermelhado encheu-lhe o rosto, era o calor da fúria mal contida. Ergueu-se da bancada de pedra, despeitado, sem saber para onde se virar; viu o bloco de mármore do túmulo de Fernando Pessoa a impor-se diante de si e, procurando uma distração, um escape, qualquer coisa, aproximou-se do monumento. Cravado na pedra era gritado um poema de Ricardo Reis:

PARA SER GRANDE, sê inteiro: nada

Teu exagera ou exclui.

Sê todo em cada coisa. Põe quanto és

No mínimo que fazes.

Assim em cada lago a lua toda

Brilha, porque alta vive.

Naquele instante, Tomás quis ser grande como Fernando Pessoa, mostrar-se inteiro a Moliarti, sem nada excluir, pondo tudo quanto era e sentia nas palavras que se lhe estrangulavam pela garganta. Mas instantes depois, passada a erupção inicial, mais calmo, mais racional, reconsiderou. Ser grande, ser assim tão grande, era um luxo a que não se podia dar; não quem tinha uma filha a precisar de uma operação ao coração e da ajuda de um professor que a escola não podia pagar; não quem via o casamento a desmoronar-se num mar de preocupações quanto ao sombrio futuro da filha e por entre os irresistíveis avanços de uma escandinava atrevida. Dois mil dólares por semana era muito dinheiro; mais ainda era o prémio de meio milhão de dólares se conseguisse desenterrar toda a investigação de Toscano. E Tomás sabia que conseguiria.

Controlou-se. Deu meia volta e, vencido, conformado, encarou o americano.

"Está bem."

VII

Pequenas gotículas de água deslizavam pela superfície verde e lisa das folhas e acumulavam-se na extremidade, enchendo ao ponto de formarem uma gota grande; a gota engordava, inchava até se tornar demasiado nutrida; nessa altura inclinava-se na ponta da folha e, após uma breve indecisão, pendendo quase suspensa no ar, tombava pesadamente na terra fértil e húmida. Atrás dela vinha outra, e outra ainda, e muitas mais por toda a parte; as folhas lobuladas e brilhantes da figueira pingavam água, pingavam tanto que pareciam chorar sob o céu agreste e carregado da invernia.

Sentado à mesa do pequeno-almoço e espreitando pela janela, Tomás fixava os olhos naquela figueira lacrimante; olhava-a mas não a

via, absorto nos seus problemas, mergulhado nos dilemas da sua vida. Constança tinha saído havia dez minutos, hoje era o dia de ser ela a levar Margarida à escola. Tomás pensava nas duas e pensava em Lena; interrogava-se agora, com alguma seriedade, sobre o caminho que percorria, sobre o destino a que aquele trilho incerto o conduzia. Pela primeira vez era infiel no casamento e experimentava sentimentos contraditórios em relação ao seu comportamento. Por um lado, nutria um profundo sentimento de culpa, de vergonha, tinha uma filha que precisava de atenção e uma mulher que necessitava de ajuda, e ali estava ele metido com uma aluna quase quinze anos mais nova; mas, por outro lado, havia que considerar que aquela não era uma aluna qualquer, tratava-se de uma mulher bela, disponível, que o seduzira sem que ele fosse capaz de lhe resistir. O que podia ele fazer?, interrogou-se. Era homem; e como pode um homem dizer não a uma mulher daquelas? Fungou. Sim, argumentou de si para si, chamando-se timidamente à responsabilidade; era um homem, é certo. Mas isso não significava que se privasse da vontade própria; que fosse uma mera marioneta nas mãos de uma mulher, por mais bela que ela fosse, por mais tentadora que lhe parecesse; que se comportasse daquela maneira, cedendo aos instintos mais primários, a um capricho afinal fútil, àquele devaneio leviano, irresponsável até.

Cerrou as pálpebras e passou a mão pelo cabelo, como se com esse simples acto pudesse limpar a sordidez que sentia conspurcar--lhe a mente e corromper-lhe a alma. As suas motivações perturbavam-no, é verdade, mas era mais do que isso, muito mais; a consciência martirizava-o, implacável, impiedosa, martelando-o com perguntas, com dúvidas, com dilemas, atormentando-o com as decisões a tomar e as realidades a enfrentar, torturando-o com a imagem dos seus actos, da relação adúltera em que se envolvera, da traição que cometia contra os seus e, em última instância, contra si mesmo. O que realmente o fazia manter-se envolvido com Lena? Seria a tentação do fruto proibido? Seria a demanda pela juventude que lhe escapava a cada instante? Ou seria o sexo, nada mais do que o sexo? Abanou a cabeça, dialogando sempre consigo próprio, examinando as suas pulsões mais profundas, mais escondidas, mais inconfessáveis.

Não.

Não era. Não era apenas o sexo, não podia ser. Gostaria que fosse, mas não era. Seria o sexo se se tivesse contentado com aquela primeira vez, quando foi lá almoçar a casa e acabaram os dois agarrados um ao outro, devorando-se, libertando a lascívia que os consumia e fruindo a carne doce dos seus corpos; seria o sexo se ambos tivessem ficado por apenas algumas escapadelas inconsequentes, arrebatadas mas breves; seria o sexo, apenas o sexo, se se sentisse vazio depois de a possuir, depois de descarregar o desejo incontrolável que ela lhe despertava e fazia ferver. A verdade, contudo, é que Tomás se tornara visita frequente da sueca, depois do almoço habituara-se a passar pelo seu apartamento, o adultério transformara-se numa rotina, coisa de hábito, roteiro apazível num dia de trabalho.

Havia algo nela que lhe despertava os desejos mais lúbricos. Sempre ouvira dizer que as mulheres de seios grandes não eram particularmente boas na cama; mas, se isso era verdade, Lena constituía certamente a grande excepção. A sueca revelara-se uma mulher desinibida, esfaimada, imaginativa, preocupada em lhe dar prazer e ruidosa quando lhe fruía o corpo. Além disso, mostrava-se pouco exigente no dia a dia; fazia-lhe inúmeras perguntas sobre a pesquisa que efectuava ao trabalho do professor Toscano, mas não se interrogava quanto à sua vida familiar, contentava-se com o simples facto de o ter por perto quase todas as tardes. O facto é que, de uma forma quase desligada, mantendo uma tranquilizadora independência, Lena se tornara uma parte da sua vida, fornecia-lhe uma válvula de escape, uma fuga aos problemas diários, uma distração lúdica.

Bebericou o copo de leite morno e repetiu para si mesmo a expressão que encontrara. Uma distração lúdica. Sim, era isso mesmo. Lena tornara-se um brinquedo; ela era o brinquedo que o fazia voar, a boneca que, mesmo por apenas uma ou duas horas, lhe apagava da memória os eternos problemas de saúde de Margarida e as obrigações para com Constança. As preocupações quotidianas de Tomás eram a água e Lena a esponja que as sugava; a amante tornara-se uma agradável diversão na sua vida, precisava dela para se distrair, para absorver as fontes de ansiedade que se acumulavam no dia a dia. Era com ela que Tomás reorganizava as suas experiências e se tornava capaz de as colocar sob perspectiva; Lena ajudava-o a explorar os seus sentimentos, a experimentar comportamentos diferentes, a escapar às dificuldades da sua existência, de certo modo a relativizar as contrariedades, a distanciar-se

para melhor as compreender. Através da amante, Tomás sentia que aliviava as ansiedades que o oprimiam; a sua relação tornara-se uma espécie de válvula de segurança que o protegia da pressão diária dos problemas quotidianos.

De um modo estranho, misterioso, descobriu que, desde que se ligara a Lena, tornara-se mais atencioso com a filha e mais carinhoso com a mulher; era como se uma relação ajudasse a outra. Percebia que este se tornara um paradoxo complexo, difícil de entender e impossível de explicar; e, porém, muito real, palpável, vivido. A relação com a amante constituíra-se na arena onde ele, através de uma suspensão temporária do tempo, encontrava espaço para resolver as suas dificuldades pessoais. Descontraía a mente e os processos cognitivos eram activados de uma maneira diferente, alterando a sua visão dos problemas, obrigando-o a encará-los de um novo modo, mais aberto, mais relativizado. A verdade, a estranha verdade, é que, graças a Lena, sentia um revigorar da sua ligação à família, tornaram-se-lhe mais preciosas as existências de Constança e Margarida.

Engoliu de uma só vez todo o leite que lhe restava no copo. Consultou o relógio, eram nove e dez da manhã, hora de se despachar. Ergueu-se da mesa e vestiu o casaco. Tinha uma visita a fazer em Lisboa.

A rua estreita para onde a morada garatujada no bloco de notas o conduzira aparentava um ar tranquilo, de uma pacatez quase provinciana, pacóvia até, apesar de se encontrar em pleno centro da cidade, mesmo atrás do Marquês de Pombal, perpendicular à rua que subia até às Amoreiras. O prédio antigo abria-se por entre edifícios mais modernos; era um imóvel com um daqueles pátios traseiros que só se vêem no interior de Portugal, de aspecto rural, rude, com um quintal repleto de folhas de alface, couves, plantações de batatas, galinhas a cacarejar, uma pocilga encostada ao lado do galinheiro; e uma macieira erguida junto ao muro como uma torre, sentinela silenciosa, embora exuberante, fornecendo a sobremesa para as refeições que o quintal sem dúvida produzia.

Tomás confirmou o número da porta. Conferia. Olhou em redor, hesitante, quase não acreditando que aquela era a casa do professor Toscano. Mas a anotação que trazia gatafunhada não deixava margem para dúvidas, tratava-se mesmo da morada que lhe foi dada na Universidade Clássica. Ainda não muito convencido, empurrou a porta da

cerca e pisou o caminho contíguo ao quintal. Estacou, atento aos sons em redor; esperava a todo o momento que lhe aparecesse um cão a ladrar, aquela casa fazia o género dos espaços patrulhados pelos molossos de focinho arreganhado; mas apenas escutou o cacarejar distraído das galinhas, tranquilo e familiar. Encorajado, deu mais alguns passos e ganhou confiança, não havia sinais de nenhum feroz rotweiller nem de qualquer vigilante pastor-alemão.

A porta de entrada apresentava-se entreaberta. Penetrou no edifício, mergulhando na escuridão; procurou às apalpadelas o botão da electricidade e acabou por encontrá-lo; premiu-o, mas a iluminação manteve-se apagada; premiu outra vez e a sombra resistiu.

"Grande porra", murmurou, frustrado.

Deixou que os olhos se habituassem à relativa escuridão do local. A luz do dia penetrava pela porta, difusa e suave; mas, como a manhã nascera cinzenta, a luminosidade era fraca, dispersa, e a sombra quase opaca. Mesmo assim, começou gradualmente a distinguir as formas. À direita, a parede abria-se numa escadaria de madeira velha, apodrecida. Ao lado das escadas, um invólucro gradeado, como uma jaula de pássaros, retinha um elevador antigo, ferrugento; pelo aspecto, não devia funcionar há muito tempo. Um ar fétido enchia o hall do edifício; era um cheiro putrefacto, a coisa velha, abandonada. Tomás comparou de imediato o prédio com aquele onde vivia Lena; o da sueca era antigo, mas habitável; este estava transformado numa ruína, num entulho à beira da derrocada, um moribundo prestes a tornar-se um fantasma.

Procurou mais referências no bloco de notas, mas a treva lançara um manto impenetrável sobre o papel. Sem conseguir ler a morada que rabiscara, ainda deu um passo para regressar à entrada, onde a luz era suficientemente forte para permitir consultar a anotação; lembrou-se, todavia, de lhe terem dito que a casa do professor Toscano era num rés-do-chão. Procurou pelo corredor e encontrou duas portas. Tacteu a parede, em busca da campainha, mas nada encontrou. Encostou o ouvido à madeira fria da primeira porta e escutou; nada ouviu. Na segunda porta, porém, pressentiu algum movimento. Bateu à porta. Escutou algo a arrastar, era alguém que se aproximava. A porta entreabriu-se, revelando uma corrente metálica tensa, presa a uma fechadura; uma mulher idosa, de roupão azul sobre um pijama bege e cabelo grisalho desgrehado, espreitou pela frincha com uma expressão interrogativa.

"Faz favor?"

Tinha uma voz frágil, tremida, receosa.

"Bom dia. É a senhora Toscano?"

"Sou sim. O que deseja o senhor?"

"Eu venho... uh... eu venho da universidade, da Universidade Nova..."

Fez uma pausa, esperando que essas fossem credenciais suficientes. Mas os olhos negros da mulher mantiveram-se inalteráveis, pelos vistos Tomás não tinha pronunciado nenhum abre-te sésamo.

"Sim?"

"É por causa das investigações do seu marido."

"O meu marido morreu."

"Eu sei, minha senhora. As minhas condolências." Hesitou, constrangido. "Eu... uh... eu vinha justamente concluir a investigação do seu marido."

A mulher estreitou os olhos, desconfiada.

"Quem é o senhor?"

"Eu sou o professor Tomás Noronha, do Departamento de História da Universidade Nova de Lisboa. Pediram-me para terminar a investigação do professor Toscano. Fui à Clássica e deram-me a sua morada."

"Mas para que quer terminar a investigação?"

"Porque é muito importante. É a última obra da vida do seu marido." Sentiu que tinha encontrado aqui um argumento poderoso e tornou-se mais confiante, mais assertivo. "Veja bem, a vida de uma pessoa é o seu trabalho. O seu marido morreu, mas cabe--nos a nós fazer viver a sua derradeira pesquisa. Seria uma pena se ela não viesse a conhecer a luz do dia, não acha?"

A mulher carregou as sobrancelhas, como se estivesse a pensar.

"Como tenciona fazer viver a sua obra?"

"Publicando-a, claro. Tal seria uma justíssima homenagem. Mas isso só é possível, como é evidente, se eu conseguir reconstituir a investigação do seu marido."

A idosa manteve-se pensativa.

"O senhor não é da fundação, pois não?"

Tomás engoliu em seco e sentiu um suor frio invadir-lhe o topo da testa.

"Qual fundação?", gaguejou.

"A dos americanos."

"Eu sou da Universidade Nova de Lisboa, minha senhora", disse, contornando a pergunta. "Sou português, como vê."

A mulher pareceu satisfeita com a resposta. Retirou a corrente da fechadura e abriu a porta, convidando-o a entrar.

"Quer um chazinho?", perguntou, levando-o para a sala.

"Não, obrigado, tomei há pouco o pequeno-almoço."

A sala tinha um aspecto decadente, ultrapassado. Um papel de parede com motivos floridos e frisos xilogravados decorava aquela divisão da casa; viam-se quadros mal pintados pregados às paredes, exibindo homens de aspecto austero, cenas campestres e navios antigos; sofás esburacados e sujos rodeavam um pequeno televisor; do outro lado da sala, um guarda-louça de pinho com encaixes em bronze exibia fotografias a preto e branco de um casal e de várias crianças sorridentes. Cheirava a mofo na casa. Partículas brilhantes, iluminadas pelo clarão do dia, pairavam no espaço junto às janelas; pareciam minúsculos pirilampos, pontinhos de luz a dançar com lentidão, etéreos e fluorescentes, era o pó que planava no ar estagnado da sala.

Tomás acomodou-se no sofá e a sua anfitriã fez-lhe companhia.

"Não repare na desarrumação, por favor."

"Ora essa, minha senhora." Olhou em redor. Tudo tinha, de facto, um aspecto negligenciado; a limpeza era desleixada, viam-se nódoas nos tecidos das cortinas e dos sofás e um fino manto de poeira sobre os móveis. "Está tudo muito bem, muito bem. Não se preocupe."

"Ah, desde que o Martinho morreu que me tenho sentido sem forças para as arrumações. Ando muito só."

Tomás lembrou-se do nome do professor. Martinho Vasconcelos Toscano.

"A vida é assim, minha senhora. O que se há-de fazer?"

"Pois é", concordou a idosa com ar resignado. Tinha um ar de mulher educada, embora muito abatida. "Mas olhe que custa. Ai se custa!"

"A vida são dois dias. Quando damos por ela... puf!"

"Pode crer. São mesmo dois dias." Esboçou um gesto largo, abarcando toda a sala. "Este prédio foi construído pelo avô do meu marido no princípio do século, acredita?"

"Ah, sim?"

"Era dos prédios mais bonitos de Lisboa. Naquele tempo não havia nada destes edifícios que há agora por aí, estas coisas horrorosas que para aqui ergueram. Não, naquele tempo era tudo muito arranjado, muito aprimorado. A Rotunda tinha umas belas moradias, era uma coisa muito agradável."

"Calculo."

"Mas o tempo não perdoa. Olhe para isto. Está tudo velho, estragado, a cair de podre. Mais uns anos e vão demolir o prédio, já não falta muito."

"Sim, mais tarde ou mais cedo, é inevitável."

A mulher suspirou. Ajeitou o roupão e puxou para trás uma madeixa de cabelo.

"Então diga lá. De que precisa o senhor?"

"Bem, o que eu preciso é de consultar os documentos e todos os apontamentos tirados pelo seu marido nos últimos seis, sete anos."

"A investigação que ele estava a fazer para os americanos?"

"Isso... uh... não sei bem. O que eu quero é ver o material que ele esteve a compilar."

"Foi a investigação dos americanos." Tossiu. "Sabe, o Martinho foi contratado por uma fundação qualquer, lá na América. Pagavam-lhe uma

fortuna. Ele meteu-se nas bibliotecas e na Torre do Tombo, a ler manuscritos. Leu que se fartou, mexeu em tanto papel velho que chegava a casa com as mãos pretas de pó, até fazia impressão. Às vezes aquilo só lhe saía com lixívia, veja lá. Depois, houve um dia em que ele fez uma descoberta que o deixou muito excitado, chegou a casa e parecia uma criança. Eu estava ali a ler e ele só me dizia: «ó Madalena, eu descobri uma coisa extraordinária, extraordinária»."

"E o que era?", quis saber Tomás, ansioso, inclinando-se no sofá, aproximando-se da sua anfitriã.

"Nunca me contou. Sabe, o Martinho era uma pessoa especial, adorava os códigos e as charadas, passava dias a preencher as palavras cruzadas dos jornais. Nunca me contava nada. Disse-me só: «ó Madalena, isto agora é segredo, mas quando leres o que tenho aqui vais ficar de boca aberta, vais ver». E eu deixava-o andar, enquanto ele estivesse entretido nas suas coisas era feliz, não é? Meteu-se em viagens, foi a Itália e à Espanha, andou por aqui e por ali, às voltas com a sua investigação." Tossiu novamente. "A certa altura, os americanos começaram a atormentá-lo, queriam saber o que ele andava a fazer, o que tinha descoberto, enfim, essas coisas. Só que o Martinho não se descosia, dizia-lhes o mesmo que me dizia a mim: «tenham calma, quando tiver tudo pronto eu mostro-vos». Mas eles não se ficavam e a história ia acabando mal. Houve um dia que os americanos vieram aí e foi uma berraria pegada, queriam a toda a força que o Martinho lhes mostrasse o que tinha descoberto." A mulher pôs as duas mãos na cara. "Olhe, a zanga foi tamanha que pensámos que eles iam cortar o pagamento. Mas não cortaram."

"Não acha isso estranho?"

"O quê?"

"Se eles faziam assim tanta questão em saberem tudo e o professor Toscano nada lhes dizia, não acha estranho não lhe terem cortado o pagamento?"

"Eu acho. Mas o Martinho disse-me que eles andavam cheios de medo."

"Ah, é?"

"Sim, ficaram apavorados."

"Apavorados com quê?"

"Ah, isso o Martinho não me explicou. Eram lá coisas entre eles, eu não me metia nisso. Mas acho que os americanos tinham medo de que o Martinho ficasse com a descoberta e não desse cavaco a ninguém." Sorriu. "Isso era mesmo não conhecerem o meu marido, não é? Ora alguma vez o Martinho, quando a investigação estivesse concluída, iria deixá-la guardada na gaveta? Nem pensar!"

"Mas, tendo o seu marido morrido, por que razão a senhora não entregou aos americanos todo o material? Afinal de contas, era uma maneira de conseguir a sua publicação."

"Eu não fiz isso porque o Martinho se tinha pegado com eles." A viúva riu-se e mudou de tom, como se acrescentasse um parêntesis. "Sabe, ele era professor universitário, mas, por vezes, quando se exaltava, usava umas expressões mais brejeiras." Afinou a voz. "Então o meu marido uma vez disse-me: «ó Madalena, eles não hão-de ver nada antes de estar tudo pronto. Nem um niquinho. E, se aparecerem por aí com falinhas mansas, corre-os à vassourada. À vassourada.» Conheço muito bem o Martinho, para ele me dizer isto é porque havia aldrabice pelo meio. De modo que lhe fiz a vontade. Os americanos até têm medo de meterem cá os pés. Uma vez veio cá um, que até fala português, assim meio brasileiro, e plantou-se ali à porta, parecia um abutre. Dizia que não se ia embora enquanto eu não o atendesse. Isto foi por alturas da ida do Martinho para o Brasil. Pois o homem ficou ali horas e horas, parecia que tinha criado raízes, credo. De maneira que tive de chamar a polícia, não é verdade? Vieram aí e puseram-no a andar."

Tomás riu-se, imaginando a cena, Moliarti arrastado pelos barrigudos da PSP para fora do edifício.

"E ele voltou?"

"Quando o Martinho morreu, o homem ainda andou por aí a rondar, parecia um perdigueiro com cio. Mas depois desapareceu, nunca mais lhe pus os olhos em cima."

Tomás passou a mão pelo cabelo, procurando uma forma de conduzir a conversa para a questão que ali o trouxera.

"Essa investigação do seu marido está-me mesmo a despertar muita curiosidade", começou por dizer. "Sabe onde é que ele guardou o material que recolheu?"

"Ah, isso deve estar no escritório. Quer ver?"

"Sim, sim."

A mulher levou-o pelo corredor da casa, arrastando o roupão pelo soalho de carvalho; algumas tábuas encontravam-se despregadas, outras abriam-se em enormes rachas. Percorreram todo o corredor, mergulhado numa penumbra fétida, e entraram no escritório. Havia livros empilhados por toda a parte, a desordem era generalizada; viam-se volumes nas prateleiras e no chão, os livros eram tantos que se tornava difícil circular por ali.

"Não repare na desarrumação", disse a anfitriã, esgueirando--se por entre as obras espalhadas pelo compartimento. "Ainda não tive tempo nem disposição para pôr ordem no escritório do meu marido."

Madalena Toscano abriu uma primeira gaveta e inspeccionou-a expeditamente; encontrou uma segunda gaveta e, após análise sumária, voltou a fechá-la. Procurou dentro de um armário e soltou, enfim, uma exclamação satisfeita, tinha descoberto o que procurava. Tirou de lá uma caixa de cartão castanho-claro, o nome de um fabricante japonês de electrodomésticos impresso nos lados; a caixa continha um grande volume de documentos, no topo dos quais se encontrava uma pasta verde com a palavra Colom rabiscada na capa.

"Ora aqui está", disse a mulher, arrastando a caixa para fora do armário. "Esta era a caixa onde ele guardava as coisas que foi acumulando."

Tomás pegou na caixa como se ela contivesse um tesouro. Era pesada. Levou-a para um canto mais desocupado do escritório, pousou-a e sentou-se no chão, de pernas cruzadas, debruçado sobre os documentos.

"Pode acender a luz?", pediu.

Madalena ligou o interruptor e uma luz amarelada, fraca e gasta, iluminou tenuamente o escritório, projectando sombras fantasmagóricas pelo chão e sobre os armários. Tomás mergulhou nos documentos, perdendo a noção do tempo e do espaço, esquecendo onde estava, surdo aos comentários da senhora, transportado para uma realidade longínqua, perdido num mundo só seu; seu, e de Toscano. As fotocópias e apontamentos foram voando diante dos olhos, arrumados à direita quando os considerava relevantes, deixando-os à esquerda sempre que

não os achava muito pertinentes. Identificou reproduções da História de los Reys Católicos, de Bernáldez; da História General y Natural de las índias, de Oviedo; do Psalterium, de Giustiniani; da História del Almirante, de frei Hernando Colón; mais dos documentos de Muratori, da Minuta de Mayorazgo, da Raccolta, das Anotaciones e do Documento Asseretto. Havia ainda fotocópias de uma carta de Toscanelli e de várias missivas assinadas pelo próprio Colom. Para completar aquela lista de documentos faltava o Paesi nuova-menti ritrovati, de Francesco da Montalboddo, mas isso já Tomás sabia que Toscano tinha encontrado no Rio de Janeiro.

O manto sombrio da noite tinha-se já abatido sobre a cidade quando o visitante regressou ao presente. Percebeu que se esquecera de almoçar e que se encontrava sozinho no escritório, sentado no chão, os documentos espalhados em redor. Arrumou as coisas na caixa e ergueu-se. Os músculos das costas e das pernas demoraram a reagir; entorpecidos e doridos, prenderam-lhe os movimentos. Foi quase a coxear que percorreu o corredor e foi ter à sala. Madalena encontrava-se estendida no sofá, a dormir, um livro sobre a arte renascentista abandonado no regaço. Tomás tossiu, procurando despertá-la.

"Minha senhora", murmurou. "Minha senhora."

A mulher abriu os olhos e sentou-se, abanando a cabeça para despertar.

"Desculpe", balbuciou, estremunhada. "Estava a passar pelas brasas."

"Fez bem."

"Encontrou o que procurava?"

"Sim."

"Pobrezinho, deve estar cansado. Ainda fui lá oferecer-lhe de comer, mas o senhor nem me ouvia, parecia hipnotizado no meio daquela confusão toda."

"Peço desculpa, não me apercebi da sua presença. Sabe, quando fico absorvido nem noto o que se passa à minha volta. O mundo pode estar a acabar e eu na mesma, nem água vai, nem água vem."

"O meu marido era a mesma coisa, não se preocupe. Quando andava lá na sua vida, parecia que se ausentava da realidade." Fez um gesto em direcção à cozinha. "Mas, olhe, eu fiz-lhe um bifeinho

que está uma maravilha."

"Ah, obrigado. Não precisava de se incomodar."

"Não é incómodo nenhum. Quer comê-lo? Ainda ali ficou..."

"Não, não, obrigado. Só queria pedir-lhe uma coisa "

"Diga."

"Posso levar a caixa para fotocopiar os documentos? Trago-os amanhã sem falta."

"Quer levar a caixa?", perguntou a mulher, relutante. "Ah, isso já não sei."

"Não se preocupe que eu trago-lhe tudo de volta amanhã. Tudinho."

"Não sei..."

Tomás meteu a mão ao bolso e tirou a carteira. Abriu-a e exibiu dois documentos pessoais, que estendeu a Madalena.

"Olhe, peço-lhe que fique com o meu bilhete de identidade e o meu cartão de crédito. Deixo-os cá como garantia de que volto amanhã com as suas coisas."

A dona da casa pegou nos documentos e estudou-os com atenção. Fitou-o nos olhos e decidiu-se.

"Está bem", disse, por fim, guardando os dois documentos no bolso do roupão. "Mas traz-me tudo amanhã sem falta."

"Fique descansada", concluiu Tomás, dando meia volta para regressar ao escritório.

Quando ia a meio do corredor, ouviu a voz de Madalena atrás de si, fraca, lançada da sala, mas suficientemente audível.

"E quer também o que está no cofre?"

Parou e olhou para trás.

"Como?"

"Quer também o que está no cofre?"

Tomás regressou à sala e estacou sob a ombreira da porta.

"Peço desculpa?"

"O Martinho também guardou documentos no cofre Quer vê-los?"

"São documentos da investigação?"

"São."

"Naturalmente que quero vê-los", assentiu Tomás, com ar intrigado.
"Que documentos são esses?"

Madalena atravessou a sala e levou-o para o quarto. A cama estava por fazer, havia um penico no chão, roupas espalhadas por cima de uma cadeira de verga e um desagradável odor ácido no ar.

"Não sei", disse ela. "Mas o Martinho disse-me que eram a prova final."

"A prova final? A prova de quê?"

"Isso não sei. Suponho que seja a prova do que quer que ele andava a investigar, não é?"

Com crescente ansiedade, Tomás viu-a abrir a porta do roupeiro e revelar uma pesada caixa metálica. Era um cofre.

"Ele guardou documentos no cofre?"

"Só os mais importantes. Ele disse-me uma vez: «ó Madalena, tenho aqui a prova do que descobri. Quando eles virem isto, vão ficar de boca aberta.» O Martinho achava que a coisa era tão importante que até mudou o código da fechadura."

Tomás aproximou-se e analisou o cofre. Estava embutido na parede e tinha os dez dígitos na fechadura.

"E qual é o código?", perguntou, mal contendo a excitação.

Madalena tirou um papel da mesinha de cabeceira e entregou--lho.

"Está aqui."

Tomás abriu a folha, era uma A4 branca com dez grupos de letras e números redigidos em duas colunas:

Q U O E L E

LA	E	F	T	A	
D	O	C	O	P	5
U	A	C	U	E	4
TN	E	D	N	5	

"Isto é o código do cofre?", admirou-se Tomás. "Mas aqui quase só vejo letras e o cofre apenas tem números..."

"Sim", reconheceu Madalena. "Mas cada letra vale um algarismo. Por exemplo, o a é o um, o b é o dois, o c é o três, e assim sucessivamente. Está a ver?"

"Estar a ver, estou." Apontou para os dígitos na coluna da direita, em baixo. "Mas, e estes números? Transformam-se em letras, é?"

A mulher analisou melhor a folha.

"Isso já não sei", admitiu. "O meu marido não me explicou."

Tomás copiou o código do cofre, rabiscando-o no seu bloco de notas. Depois, à experiência, resolveu transformar as letras em algarismos, tendo o cuidado de conservar os três algarismos constantes do código. Terminou as contas e contemplou o resultado:

17	21	15	5	12	5
12	1	5	6	20	1
415	3	15	16	5	
21	1	3	21	5	4
20	14	5	4	14	5

Digitou os números no cofre, um processo que se revelou moroso. Quando terminou, aguardou um instante. A porta man-teve-se encerrada. Não era surpresa, o código devia ser mais complexo do que uma mera operação de transposição de letras para algarismos. Olhou para Madalena e encolheu os ombros.

"Isto é mais difícil do que parece", concluiu. "Vou levar os documentos para casa, para os fotocopiar, e trago-lhe tudo amanhã, está bem?" Indicou a folha A4. "Voltarei cá quando perceber o que quer dizer esta charada e, se não se importar, iremos nessa altura aqui ao cofre para ver o que ele tem lá dentro, pode ser?"

Dirigiu-se directamente à casa de fotocópias do Apoio 70, junto à faculdade, e deixou lá a caixa de cartão com os documentos do professor Toscano. Disseram-lhe que fosse descansado e viesse no final da manhã seguinte, estaria tudo pronto a tempo e horas.

Nessa noite, Tomás mostrou-se particularmente atencioso com a mulher e a filha. Cobriu-as de beijos, de carícias, de declarações amorosas e afectos protectores, mostrava uma afectuosidade exuberante que as surpreendeu; mas, mais ainda, que o surpreendeu a si próprio, não se conhecia assim tão carinhoso. Imaginou que era o sentimento de culpa a manifestar-se, o desejo de as compensar pela traição que cometia com Lena; o que era facto, confirmou novamente, é que a relação com a amante o tornava melhor marido e melhor pai.

Constança tinha mudado as flores dos vasos. Escolhera agora jacintos, que pintaram o pequeno apartamento numa orgia de branco angelical, puro; as pétalas ebúrneas emergiam curvadas, contorcidas, densas, espreitando do topo dos jarros de vidro. Depois do jantar, e enquanto a mulher deitava Margarida, Tomás foi para a sala estudar os apontamentos que tirara em casa do professor Toscano. Constança voltou pouco depois e sentou-se ao lado do marido. Tomás levantou os olhos, acariciou-lhe a cara sardenta e sorriu.

"Já está a dormir?"

"Que nem um anjinho."

"Que tal foi o teu dia?"

"O normal. Dei aulas, depois fui buscar a Margarida e fomos passear um bocadinho."

"Foram aonde?"

"Ao Parque dos Poetas, junto ao centro comercial. Andei a ensinar-lhe a andar de bicicleta."

"E então?"

Constança riu-se.

"E então foi uma catástrofe. Andava um bocadinho e caía logo, aquilo não havia meio de se resolver. A certa altura chateou--se, disse «po'a p'a esta po'ca'ia!» e meteu-se num triciclo de uma criança de quatro anos."

"Ela fez isso?" "Fez, pois."

"E não teve vergonha de andar num brinquedo de uma criança mais pequena?"

"Oh, sabes como ela é! Não tem vergonha de nada!" Tomás abanou a cabeça, divertido. Realmente, se havia coisa que caracterizava a sua filha, era a absoluta ausência de embaraço. Podiam estar a fazer pouco de si, a comentar o seu aspecto e a tentar diminuí-la que ela olhava para o lado e fingia que não era nada consigo. Na natação insistia ainda em usar braçadeiras, algo que envergonharia outras crianças da sua idade mas que a ela nada atrapalhava. Era, nesse sentido, uma pessoa livre de vergonhas.

Tomás endireitou-se, espreguiçou-se e bocejou. "Bem, tenho de meter mãos ao trabalho." Voltou para o sofá e, preocupado em resolver o enigma que o desafiava, passou os olhos pela nova charada deixada por Toscano.

"O que é isso?", perguntou a mulher, estranhando as colunas de letras sem sentido aparente.

"Acho que é uma mensagem cifrada", retorquiu Tomás sem levantar a cabeça. "Está-me a dar cabo da molécula." "Isso é por causa do trabalho para os americanos?" "Sim."

Tomás abstraiu-se momentaneamente da realidade, embrenhado nos mistérios da mensagem que encerrava o código do cofre. Considerou as várias possibilidades de atacar a cifra, mas sabia que para ser bem sucedido tinha de começar por perceber que tipo de cifra era aquele. E essa não era, perante os dados de que dispunha naquele momento, uma questão simples de resolver. Dispôs-se a explorar várias opções, mas a cadeia de raciocínio foi interrompida por uma mão que lhe retirou o bloco de notas da frente.

"Tomás", chamou uma voz. "Tomás."

Era Constança.

"Hã?", perguntou, regressando ao presente com ar atarantado. "O que é?"

«| "Desculpa estar a interromper-te o trabalho, sei como és quando mergulhas nesse mundo só teu. Mas queria contar-te uma coisa."

"O quê? O que se passa?"

"Nada de especial, foi uma coisa chata que nos aconteceu quando fui buscar a Margarida à escola."

"O que se passou?"

"Como te disse, quando terminei as aulas fui buscá-la e fomos passear. Levei-a ao Parque dos Poetas para ela aprender a andar de bicicleta. Sabes, tem andado demasiado fechada, faz-lhe bem apanhar ar."

"Sim."

"Bem, depois de andarmos às voltas com a bicicleta e o triciclo, deixei-a a brincar junto a umas miúdas e fui sentar-me num banco. Pois sabes o que aconteceu?"

"O quê?"

"Vieram as mães das miúdas, esbaforidas lá de trás, e tiraram--nas dali, não as queriam a brincar com a nossa Margarida."

Tomás fitou a mulher, chocado. Constança tinha os olhos a brilhar, fazendo um esforço para conter as lágrimas. Tomás abriu os braços e abraçou-a.

"Oh. Não te preocupes com isso, não liges."

"Tratam-na como se ela tivesse uma doença contagiosa..."

"As pessoas são ignorantes, só isso. Não liges, não liges."

Beijaram-se nos lábios, ele a afagar-lhe a face húmida, molhada pelas lágrimas que deslizavam pelo rosto lácteo, as gotas quentes serpenteando aos solavancos até se deterem no queixo trémulo. Ajudou-a a levantar-se do sofá e levou-a para a cama. Deitou-a sob o cobertor e prometeu voltar. Foi visitar o quarto do lado, beijou na penumbra as bochechas macias da filha, afagou-lhe os cabelos lisos espalhados pela almofada, regressou ao seu quarto, despiu-se, vestiu o pijama, apagou as luzes e encaixou o corpo na posição fetal que Constança adoptara antes de adormecer.

Passou a manhã na Biblioteca Nacional a consultar referências que lhe pareceram úteis, à luz do que vira na véspera em casa do professor Toscano; nos intervalos das consultas dos livros, e esforçando-se por exercitar a mente, efectuava experiências sucessivas para tentar decifrar a mensagem com o segredo do cofre. Perto do meio-dia deu um salto à loja de fotocópias do Apoio 70 e levantou o trabalho que encomendara na

véspera. Pegou na caixa com os originais e meteu-a no carro. Foi até à casa de Madalena Toscano, entregou-lhe a caixa e recuperou o bilhete de identidade e o cartão de crédito que deixara como depósito. Despediu-se da viúva com promessas de voltar logo que decifrasse a charada do cofre. Quando saiu à rua, era já uma da tarde, pegou no telemóvel e ligou para Lena, que lhe prometeu salmão para o almoço.

Seguiu até à Latino Coelho e galgou as escadas do prédio numa corrida que só terminou nos braços da sueca, ambos a despirem--se freneticamente ainda a porta de entrada não se tinha fechado. Tremiam de antecipação, o desejo à flor da pele, chegaram a rasgar roupas na sua impaciência, na sua pressa em sentirem os corpos quentes e ofegantes enlaçados um no outro, húmidos e sedentos de fluidos, em fogo, ardentes de desejo, trepidantes e gulosos; rolaram um no outro, rebolando-se pelo soalho da sala, ora ela por cima, ora ele a montá-la, suspirando e gemendo, apertando-lhe os volumosos seios com uma fome feita de luxúria, de lascívia erótica, as mãos cheias e irrequietas, afundando-se na superfície gelatinosa dos peitos fartos, sensuais, espremendo-a em torno dos mamilos como se a quisesse ordenhar; fundiram-se um no outro e explodiram, enfim, num berreiro libertador de carnes em chamas, por entre urros incontidos e gemidos ofegantes.

Almoçaram de roupão, os corpos lânguidos, descontraídos, a carne saciada e o estômago por satisfazer. Habitualmente, Tomás não gostava de salmão, mas a sueca cozinhou-o de uma forma diferente, adocicando-o com um tempero escandinavo que disfarçava eficazmente o paladar forte do peixe.

"Como se chama este prato?", quis saber ele, saboreando o salmão.

"Gravad lax", foi a resposta.

"Como é que o pões assim tão docinho?"

"Oh, é uma velha receita sueca", sorriu ela. "Deixei o salmão marinar durante dois dias em açúcar, em sal e... uh... e numa outra coisa que não sei dizer em português."

"E os legumes?"

"Isso é gubbròra."

"Gu... quê?"

" Gubbròra. É um prato do smörgåsbord, constituído por anchovas, beterraba, cebola, alcaparras e gema de ovo. E o molho do gravad lax é feito com mostarda agri-doce e salsa. Gostas?"

"Sim", confirmou ele, meneando a cabeça apreciativamente. "É bom."

Calaram-se e entregaram-se ao repasto. O salmão estava realmente saboroso, nunca experimentara comer peixe assim temperado. À mesa apenas se escutava o som dos talheres e dos maxilares a esmagarem a comida. O silêncio começou a tornar-se pesado, embaraçoso, como se o sexo tivesse esgotado todo o combustível que os movia um para o outro, como se nada mais restasse para dizerem e a refeição fosse um pretexto conveniente para sustentarem o silêncio.

"Tu amas-me?", perguntou-lhe, por fim, a sueca, observando-o por entre madeixas brilhantes de cabelo loiro que lhe tombavam pela cara.

"Claro, minha vikingzinha. Amo-te muito."

Tomás já não sabia se falava verdade ou mentira. Ela perguntava-lhe e ele respondia o que pensava que a amante queria ouvir. Como sabia que a convicção com que pronunciava as palavras era importante, convencer-se de que a amava de verdade; a crença imprimia maior convicção às palavras. Mas, lá no íntimo, não tinha a certeza. Sabia que amava Constança, estava fora de questão abandonar a mulher. É certo que, por vezes, nos momentos de maior arrebatamento com Lena, admitia a hipótese, imaginava-se a deixar a mulher e a trocá-la pela amante; logo que regressava ao estado normal, todavia, essa possibilidade desvanecia-se, tornava-se mera fantasia, um capricho da paixão, da fugaz e intensa exaltação da volúpia. Talvez, mais do que amar Lena, ele a desejasse; não desejava apenas o corpo, embora o corpo fosse uma parte importante da equação; mas desejava a sua companhia, o escape que ela lhe proporcionava, a energia que ela paradoxalmente lhe transmitia para revigorar o casamento. Amava Constança e talvez amasse Lena, mas de modo diferente, admis-sivelmente fingido; é possível que confundisse o amor com o desejo de a ter consigo, de encher as mãos com o seu corpo opulento, de a deixar levá-lo para uma dimensão alternativa, uma realidade onde não existia trissomia 21, nem problemas cardíacos, nem tão-pouco a atenção que a mulher lhe negava para a entregar à filha carenciada.

"Então como vai a tua investigação?", perguntou a sueca, agitando o garfo com um pedaço de salmão espetado. "Avançaste alguma coisa?"

O interesse dela pela pesquisa era genuíno, conforme Tomás já notara. De início ficara surpreendido, não imaginara que algo tão denso pudesse despertar-lhe a curiosidade; mas a atenção que ela dedicava ao seu trabalho era algo que o lisonjeava; mais importante ainda, era algo que mantinha vivas as suas conversas, um tema de interesse comum que fortalecia a ligação entre ambos.

"Imagina que ontem fui a casa do professor Toscano e a viúva deixou-me fotocopiar todos os documentos e apontamentos que ele acumulou nos últimos anos."

"Bra", exclamou ela, satisfeita. "Tinha bom material?"

"Excelente." Inclinou-se na cadeira e pegou na pasta. Abriu-a e retirou o bloco de notas, que folheou de imediato. "Mas aparentemente o melhor está guardado num cofre." Encontrou a mensagem cifrada e mostrou-a à amante. "O problema é que para aceder ao cofre terei de decifrar esta trapalhada."

Lena inclinou-se e analisou a cifra.

"Não percebo nada. Vais ser capaz de entender essa confusão?"

"Que remédio", disse Tomás, inclinando-se de novo para a pasta. "Mas só vejo uma maneira." Tirou um livro azul da pasta. "Usando uma tabela de frequências."

Assentou o livro sobre a mesa; estava escrito em inglês e intitulava-se Cryptanalysis.

"Isso é uma tabela de frequências?", quis saber Lena, mirando a capa, onde se destacavam uns quadrados que mais lhe pareciam palavras cruzadas.

"Isto é um livro que contém várias tabelas de frequências." Abriu o volume e procurou a página. Quando a encontrou, exibiu-a à amante. "Estás a ver? Tem tabelas de frequências em inglês, alemão, francês, italiano, espanhol e português."

"E com essas tabelas decifras qualquer mensagem?"

Tomás riu-se.

"Não, minha deusa. Só as cifras de substituição."

"Como assim?"

"Há três tipos de cifras. As de ocultação, as de transposição e as de substituição. Uma cifra de ocultação é aquela em que a mensagem secreta está escondida de tal modo que ninguém percebe que ela sequer existe. O sistema de ocultação mais velho que se conhece é um que foi utilizado na Antiguidade, quando se escrevia a mensagem na cabeça rapada de um mensageiro, em geral um escravo. Os autores da mensagem deixavam que o cabelo do mensageiro crescesse e só então o mandavam ir ter com o destinatário. O mensageiro passava com facilidade pelo inimigo, o qual não percebia que havia uma mensagem escrita por baixo do cabelo, não é? De modo que o destinatário só tinha de rapar o cabelo do mensageiro e ler a mensagem que ele trazia escrita na cabeça."

"Não dava para mim", sorriu Lena, passando a mão pelo farto cabelo loiro, longo e ondulado. "E os outros sistemas?"

"A cifra de transposição envolve a alteração da ordem das letras. Trata-se, no fundo, de um anagrama, como aquele que decifrei no Rio de Janeiro. Moloc é Colom lido da direita para a esquerda. Um anagrama simples. É evidente que, para mensagens muito curtas, nomeadamente aquelas que só têm uma palavra, estas cifras são pouco seguras, uma vez que existe um número muito limitado de possibilidades de reordenar as letras. Mas, se eu aumentar o número de letras, o número de combinações possíveis dispara exponencialmente. Por exemplo, uma frase com apenas trinta e seis letras pode ser combinada de triliões e triliões de formas diferentes." Rabiscou no bloco de notas um longo 50 000 000 000 000 000 000 000 000 000 000. "Estás a ver? É este o número de combinações possíveis com apenas trinta e seis letras." Deixou-a digerir aquele cinco com trinta e um zeros à frente. "Ora, isto implica a existência de um qualquer sistema de ordenação das letras, sob pena de esta mensagem se tornar indecifrável até para o destinatário. É o caso do anagrama que decifrei, Moloc, ninundia omastoos. A frase tem vinte e uma letras, o que significa que possui milhões de combinações possíveis. Acabei por perceber que essa mensagem cifrada tinha, na primeira linha, onde estava Moloc, um sistema de ordenação assente na simetria simples, em que a primeira letra era a última, a segunda era a penúltima, e assim sucessivamente, até dar Colom. Já na segunda linha deparei-me com um cruzamento simétrico segundo uma rota preestabelecida, sendo necessário

colocar as duas palavras uma em cima da outra e cruzá-las alfabeticamente seguindo essa rota."

"És um génio", comentou Lena, passando-lhe a mão pelo rosto numa carícia. Apontou para a charada anotada por Tomás em casa de Toscano. "E esta? É uma cifra de transposição?"

"Duvido. Suponho que seja uma cifra de substituição."

"Por que dizes isso?"

"Por causa do aspecto geral da mensagem. Repara na primeira coluna. É formada por conjuntos de três letras que parecem associadas aleatoriamente. Estás a ver?" Apontou para a primeira coluna. "Quo, lae, doe. É como se as verdadeiras letras tivessem sido substituídas por outras."

Lena mordeu o lábio inferior.

"Mas o que é isso exactamente, a substituição?"

"Trata-se de um sistema em que as letras verdadeiras são substituídas por outras segundo uma ordem imperceptível para quem não conhece o alfabeto de cifra usado. Por exemplo, imagina a palavra pai. Se ficar assente que um p é um t, que um a é um x e que um i é um r, pai torna-se, na mensagem cifrada, txr. O problema é perceber que o i é um p, que o x é um a e que um r é um i. Logo que perceba qual é o alfabeto de cifra, o resto é fácil, qualquer pessoa consegue decifrar a mensagem."

"Portanto, se bem entendi, o problema é perceber qual o alfabeto da cifra."

"Exactamente."

Terminaram o salmão e Lena foi à cozinha buscar a sobremesa. Apareceu instantes mais tarde com uma espécie de puré de maçã, só que mais seco, afarinhado.

"Como noutro dia falaste na appelkaka, resolvi fazer-te uma", anunciou, colocando o doce de maçã na mesa. Distribuiu uma porção por duas tigelas e estendeu uma a Tomás. "Toma."

O português provou uma colher.

"Hmm", rumorejou. "Esta appel não é kaka nenhuma."

"Engraçadinho", sorriu ela. Apontou para o livro. "Voltando à nossa conversa, esse sistema de cifra de substituição é comum?"

"Muito. A primeira cifra de substituição que se conhece é a descrita por Júlio César no seu livro *De bello gallico*. A ideia dessa primeira cifra baseava-se num alfabeto de cifra que avançava três lugares, por exemplo, em relação ao alfabeto normal. Assim, o a do alfabeto normal transformava-se na letra três lugares adiante, o d, enquanto o b se tornava e, e assim sucessivamente. Este sistema ficou conhecido por cifra de César. Também o erudito brâmane Vatsyayana recomendou no *Kamasutra*, no século iv a. C, que as mulheres aprendessem a arte da escrita secreta, de modo a poderem comunicar em segurança com os amantes. Uma das técnicas de escrita que ele propunha era justamente a cifra de substituição. Hoje em dia este sistema está muito desenvolvido e estas mensagens, nos casos de grande complexidade, só podem ser decifradas com recurso a computadores capazes de testarem milhões de combinações por segundo."

Tomás comeu mais *appelkaka*.

"Hmm", voltou a gemer, deliciado. "Está mesmo bom."

Lena nem registou o elogio, absorta que estava em contemplar a charada de Toscano.

"Se achas que isso está redigido com recurso a uma cifra de substituição, como é que vais decifrar a mensagem? Tens o alfabeto de cifra?"

"Não."

"Então o que vais fazer?"

Tomás acenou com o livro que retirara da pasta.

"Com as tabelas de frequências."

A amante fixou-lhe o olhar, sem entender.

"As tabelas de frequências têm o alfabeto de cifra?"

"Não", disse, abanando a cabeça. "Mas têm um atalho." Engoliu o resto do doce de maçã. "As tabelas são uma ideia que nasceu com os eruditos árabes quando estudavam as revelações de Maomé no Corão. Os teólogos muçulmanos, num esforço para estabelecerem a cronologia das revelações do profeta, puseram-se a contar a frequência com que aparecia cada palavra e cada letra. Descobriram então que determinadas letras

eram mais comuns do que outras. Por exemplo, o úeol, que aparecem no artigo definido ai, foram identificados como sendo as letras mais comuns do alfabeto árabe, dez vezes mais frequentes do que a letra j, por exemplo. Ora, no fundo, o que os árabes fizeram foi criarem a primeira tabela de frequências, onde se identificava a frequência com que cada letra aparecia na sua língua. Com base nesta descoberta, o grande cientista árabe do século xix Abu al-Kindi escreveu um tratado de criptografia onde defendeu que a melhor forma de decifrar uma mensagem cifrada é identificar qual a letra mais comum usada na língua dessa mensagem e ver qual a letra mais comum da mensagem. Com alta probabilidade, seriam a mesma."

"Não entendo."

"Faz de conta que a mensagem cifrada está originalmente escrita em árabe. Se soubermos que o a e o / são as letras mais comuns do árabe, basta-nos identificar quais as duas letras mais comuns da mensagem cifrada. Suponhamos que são o t e o d. Então, com alta probabilidade, se pusermos o a e o / no lugar do t e do d, vamos começar a decifrar a mensagem. É isso a decifração com a tabela de frequências. Sabendo qual a taxa de frequência de cada letra numa determinada língua, podemos, com alguma margem de segurança, e analisando a taxa de frequência de cada letra na mensagem cifrada, determinar quais as letras da mensagem original."

"Ah, já percebi. Parece fácil."

"Não necessariamente. Este sistema não é infalível. A tabela de frequências estabelece uma lista-padrão da média com que cada letra aparece numa determinada língua. Naturalmente que os textos cifrados podem conter letras que, por uma razão ou outra, não surgem com a frequência exacta registada pela tabela. Isto é sobretudo verdade em textos muito curtos. Por exemplo, suponhamos que a mensagem original é o rato roeu a rolha da garrafa do rei da Rússia. Como é evidente, numa mensagem destas o r aparece muito mais vezes do que seria normal na língua, suscitando um desvio na frequência-padrão desta letra. Ora, este é justamente o tipo de contingência que existe quando se recorre à tabela de frequências para analisar textos com menos de uma centena de letras. Já os textos mais longos têm tendência a respeitar a frequência-padrão. Infelizmente, não é o caso da charada que tenho em mãos."

"Quantas letras tem?"

"A charada?" Consultou as suas anotações. "Andei a contá-las ontem à noite. São apenas trinta. Ou melhor, vinte e sete letras e três algarismos. É pouco."

A sueca ergueu-se da mesa e começou a arrumar os pratos.

"Queres café?"

"Está bem."

Tomás ajudou-a a levar os pratos sujos para a cozinha, passando-os por água e colocando-os na máquina de lavar a loiça. Depois foi tirar a toalha, deixando Lena a tratar do café; a sueca ligou a cafeteira de êmbolo, uma velha Melhor de vidro que pertencia ao recheio original da casa, e, enquanto o café era feito, foi ter com ele. Sentaram-se na sala, os papéis da investigação espalhados pelo sofá.

"E agora?", perguntou ela. "O que vais fazer?"

"Tenho de procurar um novo ângulo de ataque."

"Mas não vais aplicar o método da tabela de frequências?"

"Isso já fiz eu ontem à noite e esta manhã, quando estava na Biblioteca Nacional", suspirou ele.

"E então?"

Tomás torceu o nariz.

"Não deu nada de palpável."

"Ah, não? Mostra lá."

Ele abriu o livro sobre criptanálise e consultou as tabelas de frequências.

"Estás a ver?" Exibiu as páginas à amante. "Estão aqui várias tabelas." Pegou também no bloco de notas e localizou a página onde garatujara a charada, deixando o caderno aberto sobre o regaço. "O primeiro problema é determinar em que língua está escrita a mensagem."

"Não é em português?"

"É possível que seja", consentiu. "Mas não podemos esquecer--nos de que a primeira charada se encontrava em latim. Era a citação de Ovídio. Nada nos garante que o professor Toscano não tenha também escolhido o latim, ou até qualquer outra língua morta, para esta mensagem."

"Não tens uma tabela de frequências de latim?"

"Não, aqui não. Mas pode-se arranjar, se for caso disso." Voltou a atenção para o livro com as tabelas. "De qualquer modo, andei já a explorar a tabela em português."

"E então?"

"A primeira coisa que se pode dizer é que o português tem algumas características específicas. Por exemplo, enquanto no inglês, no francês, no alemão, no espanhol e no italiano a letra mais frequente é o e, no caso do português a primazia vai para o a."

"Ah, sim?"

Apontou para os valores registados nas tabelas.

"O a representa treze e meio por cento das letras usadas em média num texto em português e o e treze por cento. É verdade que nas restantes línguas latinas existe um equilíbrio entre as duas letras, mas sempre com ligeira vantagem para o e. Já nas germânicas, a primazia do e é muito grande. Em inglês, o e representa treze por cento de todas as letras, enquanto o a se fica pelos sete vírgula oito, sendo até ultrapassado pelo t, que atinge os nove por cento. E, em alemão, a diferença é ainda mais significativa. O e atinge os dezoito e meio por cento de frequência e o a apenas cinco, sendo superado pelo n, pelo i, pelo r e pelo s."

"Portanto, é impossível encontrar textos sem a letra e, é isso?"

"Altamente improvável, é. Mas impossível, não direi. O escritor francês Georges Perec escreveu em 1969 um romance de duzentas páginas, chamado *La disparition*, onde conseguiu a proeza de só utilizar palavras que não tinham a letra e."

"Ena!"

"E o mais incrível é que esse romance foi traduzido para inglês, com o título *A Void*, e o tradutor arranjou maneira de também eliminar a letra e do texto em inglês."

A campanha da cafeteira soou e Lena foi à cozinha buscar o café. Regressou um minuto mais tarde, trazendo nas mãos um tabuleiro com a cafeteira e duas chávenas de porcelana branca, antigas e gastas. Pousou o tabuleiro na mesinha ao lado do sofá, pegou na cafeteira e encheu as duas chávenas; ambos despejaram duas doses de açúcar e mexeram com a

colher, o metal tilintando na porcelana. Tomás bebericou pela borda da chávena; o café vinha encorpado, denso, cremoso, largando um vapor quente, fortemente aromático, e exibindo uma cor de noz levemente avermelhada.

"Está bom?", perguntou ela.

"Maravilha. Mas não tens com cheirinho?"

"Como?"

"Com cheirinho. Não sabes o que é?"

"Eu não."

"Arranjas-me aí uma aguardente?"

Lena ergueu-se e foi até à estante. Abriu uma porta e tirou de lá uma garrafa de álcool; era um recipiente de vidro incolor, a etiqueta branca mostrando uma estrada no campo ladeada de árvores sem folhas e o nome Skane Akvavit por baixo. Com a garrafa nas mãos, voltou para junto de Tomás.

"Isto?"

"O que é isso?"

"Aguardente sueca", explicou ela, exibindo a garrafa.

"Normalmente usa-se grappa, a aguardente de bagaço italiana, ou então uma aguardente portuguesa, mas suponho que a sueca sirva muito bem."

"Vais meter a aguardente no café, é?"

"Só um pouquinho." Despejou umas gotas em cada chávena. "Os italianos chamam a isto um caffè corretto. Ora prova lá."

Lena bebeu um pouco e sentiu o vapor ardente do álcool misturado com o aromático líquido cremoso. Fez um trejeito com a boca, como se aprovasse.

"Não é mau."

"Só te faço coisas boas", sorriu ele.

A sueca apontou para o bloco de apontamentos, redirecionando a conversa para o problema da mensagem cifrada.

"Quando é que tencionas aplicar a tabela à charada?"

Tomás pousou a sua chávena quente e fez um ar resignado.

"Já apliquei."

"E então?"

"Bem, analisei as letras da charada e descobri que a mais frequente é o e, que aparece cinco vezes. Seguem-se o a, o o e o u, todos com três registos. Sendo que o e é a letra mais frequente, substituí-o pelo a. Depois fiz experiências com o a, o o e o u, substituindo-os alternadamente pelo e, pelo o, pelo r e pelo s, as letras mais frequentes dos textos portugueses depois do a."

"Não deu nada?"

"Nada."

Lena consultou a tabela.

"Mas então, se não deu nada e a letra mais frequente é o e, por que não presumir que o texto está escrito noutra língua que não o português?"

"Bem, porque isso significaria que esta não era uma cifra de substituição, mas..."

Calou-se a meio, surpreendido com o que acabara de dizer.

"Mas o quê?", atalhou Lena, pedindo-lhe para completar o raciocínio.

Tomás permaneceu calado um instante, considerando as inesperadas perspectivas que se lhe abriam com a conclusão a que inadvertidamente chegara. Passou a mão pela boca, os olhos perdidos numa reflexão em torno da opção que agora contemplava.

"Mas o quê?", insistiu ela, impaciente.

Tomás mirou-a finalmente.

"Hmm, se calhar, é isso."

"É isso, o quê?"

Ele voltou a atenção para a charada anotada no caderno.

"Se calhar, esta não é mesmo uma cifra de substituição."

"Ah, não? Então o que é?"

Tomás pôs-se a contar as letras da charada.

"Um-dois-três-quatro-cinco-seis-sete...", murmurou em voz baixa, o dedo saltitando de letra em letra, quase ao acaso. "Catorze", disse, por fim. Anotou catorze no bloco e pôs-se a contar letras novamente. "Um-dois-três-quatro-cinco..." A ladainha prosseguiu até chegar aos treze. "Treze", concluiu. Anotou treze no bloco, por baixo do catorze. Depois pegou no livro e consultou a tabela das frequências. "É isso!", exclamou, cerrando o punho, em sinal de vitória.

"É isso, o quê?", repetiu Lena, sem nada entender.

Tomás apontou-lhe um valor registado na tabela de frequências.

"Estás a ver isto?"

O valor assinalado diante do dedo era quarenta e oito por cento.

"Sim", confirmou Lena. "Quarenta e oito por cento. O que é isso?"

Tomás sorriu.

"É a taxa de vogais nos textos portugueses."

"O quê?"

"Uma média de quarenta e oito por cento das letras encontradas num texto português são vogais", explicou ele, excitado. Apontou para valores ao lado. "Estás a ver? Só os italianos usam tantas vogais como os portugueses. Os espanhóis têm quarenta e sete por cento, os franceses quarenta e cinco, enquanto os ingleses e os alemães se ficam pelos quarenta por cento."

"E então?"

"Sabes quantas vogais tem a charada do professor Toscano?"

"Quantas?"

"Catorze. E as consoantes são treze. Ou seja, mais de metade das vinte e sete letras da charada são vogais." Fixou-a nos olhos. "Sabes o que isso significa?"

"Que a mensagem está escrita em português?"

"Talvez", admitiu Tomás. "Mas o verdadeiro significado é outro. Uma taxa tão elevada de vogais, quando aplicada a uma mensagem cifrada cuja língua original se presume ser europeia, e em particular o

português, só pode conduzir-nos à conclusão de que a cifra utilizada não é de substituição, mas de transposição."

"De transposição?"

"Sim. Ou seja, estamos diante de um novo anagrama."

"Desculpa, não estou a seguir o raciocínio." * "É simples. Se a cifra fosse de substituição, as letras mais comuns que se encontram num texto, as vogais, estariam transformadas em consoantes. Por exemplo, faz de conta que o e tinha sido substituído pelo x. O que aconteceria era que, após a análise de frequências, descobriríamos que havia uma percentagem anormalmente elevada de x no texto. Mas não é isso o que acontece, pois não? Nesta charada, as vogais permanecem com uma taxa muito elevada. A conclusão que se tira é que as vogais permanecem frequentes porque não foram substituídas. Ou seja, foram transpostas, mudaram simplesmente de lugar. Estamos diante de um anagrama."

"Como o Moloc?"

"Precisamente. Só que, desta vez, com mais letras e ainda mais complexo." Consultou a charada. "E usando um método que cria a impressão visual de que se trata de uma cifra de substituição."

Bebericaram o café.

"A tabela de frequências pode ajudar-te a decifrar a mensagem?"

"Não, a tabela de frequências só é útil no caso das cifras de substituição. No que diz respeito a estes anagramas, só serve para identificar que se trata de uma cifra de transposição, não para os decifrar."

"Então o que vais fazer?"

"Tenho de testar as ligações das vogais com as consoantes para tentar ver se alguma faz sentido. Se conseguir agarrar alguma coisa, poderei deduzir o tipo de rota usado pelo professor Tos-cano. Por exemplo, no caso do Moloc ele recorreu a uma rota simétrica, em espelho, em que se tinha de ler da direita para a esquerda." Mostrou a charada. "Mas esta aqui parece não funcionar simetricamente. Ora vê." Leu a primeira linha da primeira coluna da direita para a esquerda. "Ouq." Encolheu os ombros. "Isto não faz sentido." Leu a primeira linha da segunda coluna. "Ele." Hesitou. "Bem, ele já quer dizer alguma coisa. Mas, se formos à segunda linha e utilizarmos a mesma rota, fica atf, o que não quer dizer coisa nenhuma."

"E pode tentar-se de baixo para cima?"

"A rota pode ser qualquer uma. Da esquerda para a direita, de baixo para cima ou de cima para baixo, em diagonal, aos saltinhos, em ziguezague, enfim..."

"Qldut", murmurou Lena, lendo as primeiras letras da primeira coluna de cima para baixo. Depois tentou o sentido contrário. "Tudlq."

Tomás analisou a charada e, após cuidadosa consideração, pegou num lápis.

"Vamos experimentar juntar as duas colunas."

Reproduziu a charada na página ao lado; já não em grupos de três por linha horizontal, mas de seis. O resultado permaneceu confuso:

QUO ELE LAE F TA D O C O P 5 UACUE 4 TNEDN5

"Quoele", continuou a sueca, a sussurrar, agora apanhando todo o espectro horizontal, neste caso a primeira linha. Como o som não lhe parecia familiar, leu a mesma linha, mas desta feita da direita para a esquerda. "Eleouq."

"Não faz sentido", murmurou Tomás, abanando a cabeça.

"Laefta", insistiu ela, voltando-se para a segunda linha. "Atfeal."

Enquanto Lena prosseguia na leitura das linhas em diversas direcções, Tomás concentrou-se na ordem dos diagramas e dos trigramas. Em português, os diagramas mais comuns são es, os, de, as e ro. Procurou na charada os pontos onde estas letras se encontravam juntas umas às outras, nesses pares. Falhou nos es, os, as e ro e apenas encontrou um de invertido em ed a meio da última linha horizontal. Lida da direita para a esquerda, essa última linha pronunciava-se Sndent, o que não parecia ter qualquer significado. Desanimado, voltou-se para os trigramas. Nos textos portugueses, os conjuntos mais comuns de três letras associadas são que, ent, nte, des e est. Procurou-os na charada e falhou o que, o nte, o des e o est e apenas encontrou um ent, justamente na mesma derradeira linha, quando lida da direita para a esquerda. Sndent.

"Olé", murmurou, quase imperceptivelmente. "Outra vez esta última linha."

A coincidência chamou-lhe a atenção. Um dos diagramas mais usados na língua portuguesa, o de, era encontrado na mesma linha onde

estava um dos trigramas mais comuns, o ent. Tomás pôs-se a imaginar palavras portuguesas que usavam a sequência dent. Havia muitas. Independencie. Correspondencie. Intendente.

"Dut", continuava Lena, ao lado, agora concentrando-se nas três últimas letras das linhas verticais. "Tud."

Claro que havia o problema do dígito cinco e do n ligados ao dent. Sndent. O cinco ali não fazia sentido, embora o n sim. Em vez de dent, ndent, uma sequência frequente em várias línguas europeias. Não havia dúvidas de que aquele ndent, associando um diagrama e um trigrama muito comuns em português, dificilmente seria coincidência. O problema é que as linhas imediatamente acima, quando lidas na mesma sequência, não pareciam ter qualquer significado. A penúltima linha horizontal, lida da direita para a esquerda, dava eucau e a antepenúltima lia-se pocod. Nada feito.

A mão de Lena, acariciando-o entre as pernas, interrompeu-lhe o raciocínio.

"Esta parte está a excitar-me", disse-lhe, a voz lânguida.

"O quê?"

"Aqui." Apontou para as três derradeiras letras da penúltima linha vertical, lida de cima para baixo. "Pen." Fez um sorriso lascivo. "Será o início de pénis?"

Tomás riu-se.

"Sua marota." Inclinou-se sobre a charada, à procura de um eventual is ao qual pudesse associar o pen.

Leu de cima para baixo e, aqui, virou para a esquerda. O sorriso desfez-se e a boca abriu-se de espanto. Pendent, leu. Associando o pen ao ndent que já identificara, quase completava uma palavra. Pendent. Procurou um e que pudesse ligar ao t final e encontrou-o na ponta da primeira linha. Gatafunhou novamente toda a charada, salientando a palavra que agora decifrara:

QUOE L E LAE F TA DOCOP 5 UACUE 4 TNEDN5

"É isto!", exclamou, quase gritando. "Aqui está!"

"O quê? O quê?"

"A charada. Descobri uma brecha na cifra." Apontou para as letras sublinhadas. "Estás a ver? Pendente. Está aqui escrito pendente."

Lena seguiu a leitura pelas letras sublinhadas.

"Olha, é mesmo. Engraçado, de facto lê-se pendente.¹" Franziu o sobrolho, estranhando o formato bizarro da sequência. "Mas o e final está separado do resto da palavra..."

"É por causa da rota", atalhou Tomás, excitado. "A rota é vertical, de cima para baixo, e simultaneamente horizontal, da direita para a esquerda, alargando-se à medida que progride da esquerda para a direita." Pegou no lápis e consultou a charada. "Deixa cá ver. A seguir a pendente, e acompanhando a última coluna de cima para baixo, está a545. Isto, se não me engano, deve ser pendente a 545." Voltou-se para as linhas anteriores. "E aqui atrás dá efoucalt." Cogitou. "Hmm." Coçou o nariz. "Se calhar, deve ler-se e foucalt pendente a 545."

Recuou à primeira linha e seguiu todo o fio das letras desde o princípio, desenrolando-as segundo a rota que detectara. Para baixo e para a esquerda, para baixo e para a esquerda, como um novelo que se desfaz num fio. Escrevinhou o texto decifrado por extenso.

QUALOECODEFOUCAULTPENDENTEA545

Analisou a linha e reescreveu-a, agora procurando abrir espaços lógicos entre as palavras. Quando terminou, contemplou o trabalho e olhou para a amante, um sorriso triunfal desenhado nos lábios.

"Voilà!", disse, como se fosse um ilusionista e tivesse concluído um passe de mágica.

Lena olhou para a frase rabiscada e admirou a forma como aquela amálgama imperceptível[^] ilegível, complicada, se transformara, quem sabe se mesmo por artes encantadas, numa frase inteligível, simples, clara.

QUAL O ECO DE FOUCAULT PENDENTE A 545?

VIII

As gaivotas adejavam baixo, o grasnar angustiado a sobrepor--se ao marulhar contínuo das ondas que lambiam o vasto areal num vaivém

constante, cíclico, ritmado, deixando ténues fios de espuma sobre as margens castigadas pelo mar. A praia de Carcavelos tinha um aspecto melancólico sob o céu cinzento de Inverno, quase deserta, entorpecida, fria e ventosa, abandonada a uns quantos surfistas, a dois ou três casalinhos de namorados e a um idoso que passeava o cão à borda da água; o ar tristonho e monocromático contrastava com a exuberância colorida que a praia exibia no Verão, então cheia de vida e energia, agora tão solitária e sorumbática.

O empregado da esplanada afastou-se, deixando um café a fumar na mesinha onde o cliente se sentara havia dez minutos. Tomás bebeu um trago e consultou o relógio; eram três e quarenta da tarde, o seu interlocutor estava atrasado; tinham combinado às três e meia. Suspirou, resignado. Afinal de contas, era ele o interessado no encontro. Ligara na véspera ao seu colega do Departamento de Filosofia, o professor Alberto Saraiva, e pedira-lhe uma conversa urgente; Saraiva vivia em Carcavelos, a dois passos de Oeiras, e a praia tornou-se um ponto de encontro óbvio; óbvio e, apesar da invernia, bem mais agradável do que os pequenos gabinetes da faculdade.

"Mon cher, desculpe o atraso", disse uma voz atrás de si.

Tomás levantou-se e apertou a mão ao recém-chegado. Saraiva era um homem de cinquenta anos, com cabelo grisalho escasso, lábios finos e olhar estrábico, à Jean-Paul Sartre; tinha um certo ar extravagante, meio estróina, talvez de génio louco, um negligé charmant que ele, naturalmente, cultivava, afinal de contas o aspecto alucinado revelava-se apropriado para a sua especialidade na filosofia, o ramo dos desconstrucionistas franceses que ele tanto estudou durante o doutoramento na Sorbonne.

"Olá, professor", cumprimentou Tomás. "Faça o favor." Fez um gesto com a mão, indicando uma cadeira ao seu lado. "Toma alguma coisa?"

Saraiva acomodou-se, mirando a chávena que já se encontrava sobre a mesa.

"Se calhar, também ia num cafezinho."

Tomás ergueu a mão e fez sinal ao empregado que se aproximava.

"Mais um café, se faz favor."

O recém-chegado respirou fundo, enchendo os pulmões com a maresia que flutuava no ar, e olhou em redor, rodando a cabeça de modo a abarcar o mar de ponta a ponta.

"Adoro vir aqui no Inverno", comentou. Expressava-se com pompa, as sílabas muito bem pronunciadas, num tom afectado, falava como se estivesse a recitar um poema, como se as palavras fossem essenciais para exprimir o espírito pachorrento que ali se instalara. "Esta tranquilidade inefável inspira-me, dá-me energia, alarga-me os horizontes, enche-me a alma."

"Costuma vir aqui muito?"

"Só no Outono e no Inverno. Quando não andam por cá os veraneantes." Esboçou um esgar enojado, como se por ali tivesse acabado de passar um desses lamentáveis exemplares da espécie humana. Estremeceu, parecia querer expulsar tão agoiado pensamento. Deve ter considerado que a probabilidade de tal acontecer era pequena porque logo os músculos do rosto voltaram a distender-se e retomou, enfim, o ar plácido, um pouco blasé, que era a sua imagem de marca. "Adoro esta serenidade, o bruto contraste entre a brandura da terra e a fúria do mar, o eterno duelo das gaivotas mansas e das ondas coléricas, a perene luta que opõe o tímido sol e as ciumentas nuvens." Cerrou as pálpebras e voltou a inspirar fundo. "Isto, mon cher, estimula-me."

O empregado pousou a segunda chávena de café na mesa; o chocalhar do vidro interrompeu a divagação de Saraiva, que abriu os olhos e viu o café diante de si.

"Mais alguma coisa?", quis saber o empregado.

"Não, obrigado", disse Tomás.

"É aqui que eu melhor mergulho no pensamento de Jacques Lacan, de Jacques Derrida, de Jean Baudrillard, de Gilles Deleuze, de Jean-François Lyotard, de Maurice Merleau-Ponty, de Michel Foucault, de Paul..."

Tomás forçou-se a tossir, viu ali a sua deixa.

"Justamente, professor", interrompeu, hesitante. "Era precisamente sobre Foucault que eu queria falar-lhe."

O professor Saraiva olhou-o com as sobrancelhas muito erguidas, como se Tomás tivesse acabado de cometer uma blasfêmia, invocando em vão o nome de Deus junto de Cristo.

"Michel Foucault?"

Saraiva pronunciou acentuadamente o nome próprio, Michel, indicando-lhe com subtileza que, sempre que se referisse a Foucault, o primeiro nome era imprescindível, noblesse oblige.

"Sim, Michel Foucault", disse Tomás, diplomático, aceitando tacitamente a imposição. "Sabe, estou neste momento a conduzir uma investigação histórica e deparei-me agora, não me pergunte como, com o nome de Michel Foucault. Não sei bem o que procuro, mas existe algo neste filósofo que é relevante para a minha pesquisa. O que pode o senhor dizer-me sobre ele?"

O professor de Filosofia fez um gesto vago com a mão, como se estivesse a indicar que havia tanta coisa para contar que nem sabia por onde começar.

"Oh, Michel Foucault!" Admirou o mar revolto com um olhar nostálgico, observava o vasto oceano mas via a longínqua Sorbonne da sua juventude. Respirou pesadamente. "Michel Foucault foi o maior filósofo depois de Immanuel Kant. Alguma vez leu a Crítica da Razão Pura?"

"Uh... não."

Saraiva suspirou pesadamente, como se estivesse a falar com um ignorante.

"É o mais notável de todos os textos de filosofia, mon cher", proclamou, mantendo os olhos fixos em Tomás. "Na Crítica da Razão Pura, Immanuel Kant observou que o homem não tem acesso ao real em si, à realidade ontológica das coisas, mas apenas a representações do real. Nós não conhecemos a natureza dos objectos em si mesmos, apenas o modo como os percebemos, modo esse que nos é peculiar. Por exemplo, um homem percebe o mundo de uma maneira diferente dos morcegos. Os homens captam imagens, os morcegos registam ecos de sonar. Os homens vêem cores, os cães olham a preto e branco. Os homens captam imagens, as cobras sentem temperaturas. Nenhuma forma é mais verdadeira do que a outra. São todas diferentes. Nenhuma capta o real em

si e todas apreendem diferentes representações do real. Se quisermos retomar a célebre alegoria de Platão, o que Immanuel Kant vem dizer é que estamos todos numa caverna acorrentados pelos limites da nossa percepção. Do real apenas vemos as sombras, nunca o próprio real." Virou o rosto na direcção de Tomás. "Entendeu?"

Tomás observava pensativamente a espuma branca de uma onda a ser depositada na areia branca da praia. Sem tirar os olhos daquela baba borbulhante, balançou afirmativamente a cabeça.

"Sim."

Saraiva mirou por instantes as unhas dos dedos e retomou o seu raciocínio.

"Daí que os desconstrucionistas franceses digam que não há nada fora do texto. Se o real é inatingível devido aos limites da nossa percepção, isso significa que somos nós que construímos a nossa imagem do real. Essa imagem não emana exclusivamente do real em si, mas também dos nossos peculiares mecanismos cognitivos."

"É isso o que defende Foucault?"

"Michel Foucault foi fortemente influenciado por esta descoberta, sim", confirmou, voltando a acentuar o nome próprio, Michel, numa subtil insistência na necessidade de, quando se menciona um filósofo do seu agrado, citar sempre o nome completo. "Ele apercebeu-se de que não existe uma verdade, mas várias verdades."

Tomás fez uma careta.

"Não acha isso um pouco elaborado de mais? Como é que se pode dizer que não há uma verdade?"

"Mon cher, essa é a consequência lógica da descoberta de Immanuel Kant. Pois, se nós não podemos aceder ao real, porque ele é inatingível pelos nossos sentidos, sendo reconstruído através dos nossos limitados mecanismos cognitivos, então não conseguimos aceder à verdade. Entende isso? O real é a verdade. Se não conseguimos chegar ao real, não conseguimos chegar à verdade." Fez um gesto com a mão. "Lógico."

"Então não há verdade, é?" Bateu na cadeira de faia. "Se eu disser que esta cadeira é de madeira, não estou a falar verdade?" Apontou para o oceano. "Se disser que o mar é azul, não estou a falar verdade?"

Saraiva sorriu, a conversa tinha-se transferido para o seu terreno.

"Esse é um problema que a escola fenomenológica, no rescaldo da Crítica da Razão Pura, teve de resolver. Daí que tenha havido necessidade de redefinir a palavra verdade. Edmund Husserl, um dos pais da fenomenologia, dedicou a sua atenção a essa questão e constatou que os juízos não têm nenhum sentido objectivo, apenas uma verdade subjectiva, e estabeleceu uma separação entre a conexão das coisas, ou nómenos, e a conexão das verdades, ou fenómenos. Ou seja, a verdade não é a coisa objectiva, embora com ela esteja relacionada, mas a representação subjectiva da coisa em si. Martin Heidegger retomou esta ideia e observou que a verdade é o assemelhar-se da coisa ao conhecimento, mas também o assemelhar-se do conhecimento à coisa, uma vez que a essência da verdade é a verdade da essência."

"Hmm, não sei", hesitou Tomás. "Quer-me parecer que isso é apenas um jogo de palavras."

"Não é, não", negou Saraiva com energia. "Olhe para o seu terreno, a história. Os textos de história falam na resistência do lusitano Viriato às invasões romanas. Ora, como é que eu tenho a certeza de que Viriato existiu mesmo? Só com recurso aos textos que dele falam, naturalmente. Mas, e se esses textos são efabulações? Como sabe melhor do que eu, um texto histórico não lida com o real em si, apenas com relatos do real, e esses relatos podem ser incorrectos, se não mesmo inventados. Assim sendo, no discurso histórico não há verdade objectiva, mas subjectiva. Como observou Karl Popper, não há nada que seja definitivamente verdadeiro, apenas coisas que são definitivamente falsas e outras provisoriamente verdadeiras."

"Isso é válido para tudo", aceitou Tomás. "Admito que seja igualmente verdade no discurso histórico. Aliás, basta ler Marrou, Ricoeur, Veyne, Collingwood ou Gallie para perceber que não há verdades definitivas no discurso histórico, que a história é o relato do que aconteceu no passado em função do que dizem as testemunhas e os documentos, todos falíveis, e do trabalho do historiador, igualmente falível. Mas, se quer que lhe diga, isso não responde à minha questão." Voltou a apontar para o horizonte. "Eu estou a ver ali o mar e constato que é azul. Como se pode dizer que isto é uma verdade subjectiva?" Esboçou um trejeito de boca. "Que eu saiba, o mar ser azul é uma verdade objectiva."

"Por acaso, não é", devolveu Saraiva, abanando a cabeça. "Se você for estudar o fenómeno das cores, verificará que elas de alguma forma são uma ilusão. O mar e o céu parecem-nos azuis devido à maneira como a luz solar incide sobre a Terra. Quando a luz do Sol é oriunda de um ponto perto do horizonte, o céu pode tornar-se avermelhado devido a uma alteração na distribuição da banda de cores dos raios solares. O céu é o mesmo, a banda de cores do espectro de luz é que se alterou por causa da nova posição do Sol. Isso demonstra que o mar não é azul, são os nossos olhos que, devido às suas características cognitivas e em função da distribuição da luz, o captam assim. No fundo, é esse o problema da verdade. Como sei que os meus sentidos podem enganar-me, que o meu raciocínio pode conduzir-me a conclusões falsas, que a minha memória pode pregar-me partidas, não tenho acesso ao real em si, nunca serei dono da verdade objectiva, da verdade definitiva, final. Você olha para o mar e vê-o azul, um cão olha para o mar e, como é daltónico, vê-o cinzento. Nenhum dos dois tem acesso ao real em si, apenas a uma visão do real. Nenhum dos dois é dono da verdade objectiva, mas só de algo menos categórico." Abriu as palmas das mãos, como se guardasse aí uma coisa preciosa que só agora revelava. "A verdade subjectiva."

Tomás esfregou os olhos com a mão direita.

"Compreendo", disse. "É aí que emerge Foucault?"

"Michel Foucault vem no seguimento destas descobertas", assentiu Saraiva, voltando a acentuar o nome próprio que Tomás ignorara. "O que ele fez foi demonstrar que as verdades dependiam dos pressupostos da época em que foram enunciadas. Trabalhando quase como um historiador, chegou à conclusão de que saber e poder se encontram tão intrinsecamente ligados que se transformam em saber/poder, são quase as duas faces da mesma moeda. No fundo, foi em torno deste eixo fundamental que se desenvolveu todo o seu trabalho." Fez um gesto na direcção de Tomás. "Alguma vez leu Michel Foucault?"

"Bem...", hesitou Tomás, receando ofender o seu interlocutor. "Não."

Saraiva abanou a cabeça, num gesto de paternal reprovação.

"Tem de ler", recomendou.

"Mas fale-me sobre ele."

"O que quer que lhe diga, mon cher? Michel Foucault nasceu em 1926 e era homossexual. Depois de descobrir Martin Heidegger, deu de caras com Friederich Nietzsche e a sua mensagem sobre o papel central do poder em toda a actividade humana. Isso foi uma revelação que o marcou profundamente. Michel Foucault concluiu que o poder estava por trás de tudo e dedicou-se à missão de analisar a forma como o poder se exerce através do conhecimento, usando o saber para estabelecer controlo social. A tal aliança saber/poder."

"Mas onde é que isso está escrito?"

"Oh, em vários livros. Olhe, em *Les mots et les choses*, por exemplo, analisou os pressupostos e preconceitos que organizam o pensamento em determinada época."

Pronunciou o nome do livro num francês muito parisien, com um toque de chie no sotaque.

Tomás tomava notas.

"Espere aí", disse, enquanto rabiscava apressadamente. "*Les mots et les choses*, é?"

"Sim. Trata-se talvez do texto mais kantiano de Michel Foucault, aquele onde as palavras são a manifestação do real e as coisas o próprio real. De alguma forma este livro contribuiu para destruir a noção absoluta da verdade. Pois, se o nosso modo de pensar é sempre determinado pelos pressupostos e preconceitos da nossa época, então não é possível chegar à verdade objectiva. A verdade torna-se relativa, dependendo do modo como as coisas são vistas."

"Isso é o que dizia Kant."

"Claro. É por isso que muitos consideraram Michel Foucault um novo Immanuel Kant."

"Não será, talvez, mais um seguidor? Afinal de contas, ele apenas retomou as ideias de Kant..."

"Michel Foucault colocou essas ideias num novo contexto", refraseou Saraiva, preocupado em garantir que o seu filósofo favorito não fosse visto como uma espécie de plagiador. "Vou contar-lhe uma história, mon cher. Quando foi convidado para leccionar no Collège de France, perguntaram-lhe qual o título da sua disciplina. Sabe o que ele respondeu?"

Tomás encolheu os ombros.

"Não."

"Professor de História dos Sistemas de Pensamento." Saraiva soltou uma gargalhada. "Devem ter ficado com cara de parvos a olhar para ele." O riso transformou-se num suspiro bem-disposto. "No fundo, era isso o que ele era, não é? Um historiador dos sistemas de pensamento. Aliás, tal ficou bem visível na sua obra seguinte, *Uarchéologie du savoir*. Michel Foucault definiu aí a verdade como sendo uma construção, um produto do conhecimento de cada época, e estendeu essa visão a outros conceitos. Por exemplo, o conceito de autor de uma obra literária. Para ele, um autor não é meramente alguém que escreve um livro, mas uma construção erguida a partir de um conjunto de factores, incluindo a linguagem, as correntes literárias do momento e vários outros elementos sociais e históricos. Ou seja, o autor não passa do produto do seu material e das suas circunstâncias."

Tomás fez uma careta, não muito convencido.

"Isso é uma evidência, não acha?", perguntou. "Todos nós somos um produto do que fazemos e das circunstâncias em que o fazemos. Qual é a novidade?"

"Mais uma vez é o contexto, mon cher. Ao escarpelizar assim o conceito, ele está a desconstruí-lo."

"Ah", exclamou Tomás, como se tivesse finalmente percebido. Na verdade, porém, não via ali nada de extraordinário ou mesmo de inovador, mas não queria contrariar Saraiva nem arrefecer-lhe o entusiasmo. "E que mais?"

Com um olho em Tomás e o outro no horizonte, o professor de Filosofia fez um longo apanhado da obra de Foucault, descrevendo pormenorizadamente o conteúdo da *Histoire de la folie à l'âge classique*, da *Naissance de la clinique*, de *Surveiller et punir* e dos três volumes da *Histoire de la sexualité*. Foi uma exposição entusiástica, que o historiador acompanhou com um misto de atenção e cautela, atenção para tentar captar elementos relevantes para o enigma, cautela porque achava que os desconstrucionistas tendiam a sobrevalorizar a importância de Foucault.

"Isto foi tudo", concluiu Saraiva no final da longa exposição. "Duas semanas depois de entregar o manuscrito do terceiro volume da *Histoire*

de la sexualité, Michel Foucault teve um colapso e foi internado no hospital. Tinha SIDA. Morreu no Verão de 1984."

Tomás consultou as suas notas, folheando-as para a frente e para trás.

"Hmm", murmurou, pensativo, os olhos fixos nas anotações. "Não encontro aqui pista nenhuma."

"Pista de quê?"

"De uma charada que estou a investigar."

"Uma charada sobre Michel Foucault?"

Tomás passou a mão pela cara, esfregando-a distraidamente.

"Sim", disse.

Levantou os olhos para o vasto oceano em frente; as águas reluziam com um brilho fulvo, cintilante, resplandecendo como se tivessem um luzidio tapete de diamantes a flutuar à tona, ondulantes e irrequietos, ao sabor das vagas. A tarde ia avançada e uma bola amarelo-avermelhada deitava-se à direita, para além do manto de nuvens; era o Sol que se libertava da túnica cinzenta que moldava o céu e mergulhava no distante fio do horizonte, projectando aquela luminosa cintilação flamante sobre o mar.

"Que charada é essa?"

Tomás olhou para Saraiva, hesitante. Valeria a pena mostrar--lhe o enigma? Em boa verdade, o que tinha a perder? Podia até acontecer que o professor de Filosofia tivesse uma ideia. Voltou a folhear o bloco de notas e localizou a frase; ergueu o bloco e exibiu-a a Saraiva.

"Está a ver?"

Saraiva inclinou-se e fixou a linha com o olho direito, enquanto o esquerdo se perdia algures no mar. Diante de si era repetida a estranha pergunta:

QUAL O ECO DE FOUCAULT PENDENTE A 545?

"Mas que raio?", interrogou-se Saraiva. "Qual o eco de Foucault?" Mirou Tomás. "Mas que eco é esse?"

"Não sei. Diga-me o senhor."

O professor de Filosofia voltou a observar a frase escrita no bloco de notas.

"Mon cher, não faço a mínima ideia. Será alguém que ecoa Michel Foucault?"

"Ora aí está uma ideia interessante", atalhou Tomás, pensativo. Mirou Saraiva com uma ponta de ansiedade. "Sabe se houve alguém a ecoar Foucault?"

"Só se tiver sido Immanuel Kant. Embora, em boa verdade, se deva dizer que foi Michel Foucault quem ecoou Immanuel Kant, e não o contrário."

"Mas não houve ninguém que tenha seguido Foucault?"

"Michel Foucault teve muitos seguidores, mon cher."

"E algum desses seguidores pende a 545?"

"Não sei responder-lhe porque não percebo o que isso quer dizer. O que é isso de pender a 545, hã? Que 545 é esse?"

Tomás não tirou os olhos do seu interlocutor.

"Nada disto lhe soa a alguma coisa familiar?"

Saraiva mordeu o lábio inferior.

"Nada, mon cher", disse, abanando a cabeça. "Nada de nada."

Tomás fechou o bloco de notas com grande aparato e suspirou.

"Que chatice!", exclamou, batendo com a palma da mão na mesa, frustrado. "Estava com esperanças de encontrar alguma coisa." Olhou em redor e ergueu o braço na direcção do empregado. "Olhe, faz favor. A conta."

Saraiva tomou nota da frase enigmática e guardou o papel no bolso do casaco.

"Vou consultar os livros com cuidado", prometeu. "Pode ser que descubra alguma coisa."

"Agradeço-lhe."

O empregado aproximou-se e indicou o montante. Tomás pagou e os dois clientes ergueram-se, era hora de irem embora.

"O que vai agora fazer?", quis saber Saraiva.

"Vou para casa."

"Não. Refiro-me à sua charada."

"Ah, sim. Vou passar por uma livraria e comprar os livros de Foucault, a ver se encontro uma pista. A chave da charada estará, provavelmente, num qualquer pormenor."

Saíram juntos do restaurante e despediram-se no parque de estacionamento.

"Michel Foucault era uma personagem curiosa", comentou Saraiva antes de se afastarem.

"Então?"

"Era um grande filósofo e um razoável historiador. Um homem que proclamou que a verdade objectiva é inatingível, que apenas temos acesso à verdade subjectiva, que a verdade é relativa e depende do modo como vemos as coisas. Pois sabe o que ele disse uma vez sobre todo o seu trabalho de busca da verdade?"

"O quê?"

"Que ao longo da sua vida não fez outra coisa senão escrever ficções."

IX

O frémito lascivo do trepidante segredo foi gradualmente perdendo fulgor, como uma interdição que, de tão violada, se transforma num hábito discreto, reprovável é certo, mas vício tolerável. Ao fim de quase dois meses, a relação de Tomás com Lena assentou em definitivo nos carris da rotina. O vendaval do desejo, que os fustigara com incontrolláveis ventos de luxúria e volúpia, que os arrebatara para os picos do êxtase irrefreável, tanta energia consumiu e tão depressa que acabou por se consumir a si próprio; a tempestade deixou de soprar tão forte, tornou-se brisa e abrandou com surpreendente rapidez, agora simples aragem quente e doce na planície modorrenta do quotidiano.

Foi já sem o trémulo ardor da antecipação que o agitara nos primeiros encontros que Tomás escalou a escadaria do prédio da Rua

Latino Coelho e se apresentou diante da porta da amante. Lena recebeu-o com calor, mas já sem aquela excitação da novidade, afinal de contas as visitas do professor tinham-se institucionalizado, tornaram-se um hábito prazenteiro das suas tardes lisboetas. Nas primeiras vezes, o reencontro precipitava-os prontamente para a fusão dos corpos; transbordavam ambos de tanto desejo e ansiavam de tal modo pela libertação dessa esfuizante energia retida na carne que mal se podiam conter quando se tocavam e logo consumiam o fogo numa inebriante explosão dos sentidos. Depois do amor, porém, Tomás começava a ser invadido por uma desagradável sensação oca, de esvaziamento, como se tivesse sido despojado da vontade que minutos antes o cegava; aquele corpo terrivelmente excitante da sueca tornava-se-lhe inesperadamente indiferente, não percebia mesmo como pudera estar tão guloso havia apenas alguns instantes, e instalava-se entre eles um certo embaraço. Por isso, passaram em breve a controlar aquela irrequieta ânsia inicial e a fazer pequenas experiências com a rotina; em vez de satisfazerem de imediato o instinto animal que traziam reprimido nos corpos, como uma inquieta fera sedenta de sangue mas encurralada numa jaula pequena de mais, passaram a prolongá-lo, a manter viva a tensão sexual, ampliando-a, dilatando-a, adiando o inevitável até ao limite, até ao ponto em que a libertação do desejo não mais podia ser contida.

Desta vez, Lena apareceu-lhe com um vestido branco de seda, mais ou menos transparente no peito, deixando adivinhar, como sempre, os largos mamilos rosados, o botão arrebitado dos bicos e as curvas voluptuosas dos seios, tão grandes que davam a impressão de estarem à beira de transbordar de leite. Numa reacção quase animal, Tomás sentiu o desejo tomar instantaneamente conta da vontade e apalpou-lhe o peito farto como quem espreme um fruto sumarento e espera que dele jorre o suco leitoso, mas a sueca afastou-o com um sorriso picante.

"Agora não, meu glutão", admoestou-o. "Se te portares bem, a mãe dá-te depois a paparoca." Colou-lhe o indicador na ponta do nariz, como quem faz um aviso. "Mas só se te portares bem..."

"Oh, deixa-me experimentar só um bocadinho..."

"Não." Marchou pelo corredor, meneando o corpo para o provocar. Olhou para trás, cheia de malícia, e sorriu. "Não podes ter tudo de uma só vez. Como costumamos dizer na Suécia, lembramo-nos do beijo prometido, esquecemo-nos dos beijos recebidos."

Instalaram-se no sofá, junto ao aquecedor da sala. Lena tinha feito um chá de tília, que fumegava da chaleira, e distribuía bolachinhas tradicionais suecas de gengibre num prato colocado ao lado das chávenas, sobre um tabuleiro; Tomás bebericou o chá e provou uma das bolachas castanhas.

"É bom", comentou com ar aprovador, saboreando o travo doce e apimentado do biscoito de gengibre.

Lena espreitou para o saco de plástico.

"Ainda tens aí o Foucault?"

O professor inclinou-se e tirou um livro do saco.

"Tenho", confirmou. "Mas já não é *Les mots et les choses*." Mostrou a capa do novo livro, intitulado *Vigiar e Punir*. "Esta é a tradução brasileira do *Surveiller et punir*. Vê lá tu que em Portugal ainda não fizeram nenhuma edição deste livro."

"Mas é a mesma coisa, não é?"

"Claro."

"E o outro? Já o acabaste?"

"Já."

"E então?"

Tomás encolheu os ombros, numa expressão de resignação.

"Não tinha lá nada." Pousou o novo livro sobre o regaço e abriu a primeira página, ainda a mastigar o biscoito. "Vamos ver o que este dá."

Era aqui talvez que se encontrava o grande ponto em comum entre ambos, apercebeu-se Tomás. Para além do sexo, claro. Podiam não dar atenção às mesmas coisas, mas, no que dizia respeito à investigação sobre Toscano, partilhavam o mesmo interesse e a sueca revelava-se de enorme utilidade; fazia perguntas, envolvia-se no trabalho, ajudava-o nas investigações, questionava colegas que tiravam Filosofia, procurava encontrar pistas que o auxiliassem a desvendar a charada, chegara até a trazer ensaios sobre Michel Foucault na esperança de ali dar com um vestígio negligenciado. Foi, aliás, assim que o *The Cambridge Companion to Foucault*, de Gutting, viera parar-lhe às mãos, bem como o *The Foucault Reader*, de Rabinow, e o *The Lives of Michel Foucault*, de Macey.

A dedicação da amante era tal que decidira até ler, ela própria, a História da Loucura, tradução portuguesa da Histoire de la folie à l'âge classique, sempre à procura dos algarismos 545 ou de palavras remissivas da charada que o atormentava.

"Todos os doidos são irmãos", comentou ao abrir o livro ao lado de Tomás.

"O quê?", perguntou ele, levantando os olhos de Vigiar e Punir.

"É outro provérbio sueco", indicou Lena. Ergueu o volume da História da Loucura e repetiu o ditado. "Todos os doidos são irmãos."

De lápis aguçado dançando entre os dedos, Tomás voltou a sua atenção para o livro e abstraiu-se do mundo em redor. Mas não durou muito a concentração. As páginas iniciais deixaram-no imediatamente agoniado, pálido, chegando ao ponto de interromper a leitura por entre esgares de náusea; nunca tinha lido nada assim tão violento, tão brutalmente gratuito.

"O que foi?", quis saber Lena, intrigada com aquela reacção.

"Isto é uma coisa horrorosa", disse ele, rolando os olhos.

"O quê?"

"Esta história no início do livro."

"Que história?" Lena endireitou-se e mirou a obra. "Conta-me."

Tomás riu-se e abanou a cabeça.

"Não sei se queres ouvir..."

"Claro que quero", insistiu a sueca, peremptória. "Conta, vá lá."

"Olha que não vais gostar."

"Anda, deixa-te de conversa. Conta lá."

Ele reabriu o livro sem tirar os olhos da amante.

"Eu avisei-te, depois não te queixes." Baixou o olhar para as primeiras palavras do texto. "Este é um documento que descreve a execução pública em Paris de Robert Damiens, um fanático que tentou assassinar Luís XV em Versalhes em 1757. A execução foi levada a cabo por um grupo de carrascos chefiados por um tal Samson e previa que o condenado fosse atenazado nos mamilos, braços, coxas e barrigas das

pernas. A mão direita, segurando a faca do crime, deveria ser queimada com fogo de enxofre e às partes atenazadas seria aplicado chumbo derretido, óleo a ferver, piche em fogo, cera e enxofre derretidos conjuntamente, sendo o corpo, finalmente, esquartejado por quatro cavalos. Este era o plano. A sua execução acabaria por ser relatada ao pormenor pelo comissário de polícia Bouton, que assistiu a tudo." Voltou a mirá-la. "Tens a certeza de que queres mesmo ouvir?"

"Não", devolveu Lena, tirando-lhe o livro das mãos.

"Então? Preciso de ler isso..."

"Lês depois."

A rapariga encostou-se à aparelhagem e colocou um CD; a voz de Bono inundou o apartamento com os sons melodiosos de Joshua Tree, criando uma atmosfera sensual no apartamento. Começaram por trocar sorrisos cúmplices, crescentemente provocadores, até se converterem em olhares lascivos, de gula, lúbricos. Quando terminaram o chá e os biscoitos, Lena arrumou a bandeja e, desabotoando o colarinho, anunciou-lhe que vinha aí a sobremesa. Despiu o vestido de seda branco e inclinou-se, nua, sobre Tomás, a pele nívea a latejar de antecipação, quente de desejo, ávida de carne. O professor apossou-se da rapariga e possuíram-se ali, sobre o sofá, ao lado do aquecedor, Michel Foucault espalhado pelo chão, talvez revelando o segredo que Toscano se esforçara por ocultar. O sexo foi agitado, como costumava ser entre os dois, feito sem palavras, apenas sensações, com urros e gemidos até à libertadora explosão de fluidos; e, quando o furacão se esgotou na vertigem voraz dos corpos famintos, deixaram-se ambos ficar deitados sobre o sofá, gastos, esvaziados, abandonados no estertor dos sentidos saciados, deleitados, inebriados pelo meloso torpor do prazer. Lena alongou preguiçosamente os braços, apoiou-se no cotovelo e inclinou-se sobre Tomás, os vastos seios de mamilos rosados pendentes sobre o peito arfante do homem.

"Tu não fazes amor com a tua mulher, pois não?"

Emergindo da letargia para onde as impetuosas ondas de lascívia o tinham atirado, Tomás olhou-a com perplexidade.

"Não", retorquiu, abanando a cabeça. Jamais esperara tal pergunta. "Claro que não."

A rapariga suspirou, resignada, e deixou-se cair sobre o sofá, estirada com os cabelos loiros espalhados pela almofada, os olhos azuis fixos no tecto.

"Terei de acreditar em ti."

As flores grossas aglomeravam-se nos vasos de barro, esticando-se por cima das folhas como se estivessem em bicos de pés, ansiando por ar fresco; as pétalas eram finas, leves como penas, resplandeciam em diferentes tonalidades cor-de-rosa e dobravam--se sobre o centro como conchas esfarrapadas. Eram flores belas, voluptuosas, sensuais.

"São rosas?", perguntou Tomás, o copo de whisky na mão.

"Parecem rosas", respondeu Constança. "Mas são peónias."

Tinham terminado o jantar e descontraíam na sala, aproveitando uma pausa, enquanto Margarida vestia o pijama no seu quarto.

"Nunca ouvi falar", murmurou ele. "Que flores são essas?"

"Peónio era o médico dos deuses gregos. Diz a lenda que ele curou Plutão com as sementes de umas flores especiais. Em homenagem a Peónio, elas foram baptizadas de peónias. Plínio, o Velho, defendia que as peónias forneciam a cura para vinte doenças, mas isso nunca ficou provado. No entanto, as raízes das peónias foram usadas no século xvm para proteger as crianças da epilepsia e dos pesadelos, o que serviu para relacionar estas flores com a infância."

Tomás manteve os olhos fixados nas flores.

"Iria jurar que são rosas."

"De certo modo, são. Mas sem os agulhões. Sabes, a nudez de picos levou os cristãos a compararem as peónias à Virgem Maria. Diziam eles que eram ambas rosas sem espinhos."

"E o que representam?"

"A timidez. Os poetas chineses sempre recorreram às peónias para descreverem o rubor embaraçado das raparigas, associando esta flor a uma certa inocência virginal."

A voz de Margarida irrompeu na sala, lançada à distância, lá do quarto, como uma súplica.

"Ó mãe, vem conta' uma histó'ia."

Constança fitou o marido, o ar cansado.

"Desta vez vai lá tu. Já fechei a loja por hoje."

Tomás foi ao quarto da filha e deu com ela a mirar-se ao espelho. Deitou-a na cama, tapando-a com o cobertor, e inclinou--se; beijou-lhe as bochechas rosadas e afagou-lhe o cabelo fino, ambos ronronando com deleite.

"Que história queres hoje?"

"A Cinde'ela."

"Outra vez a mesma história? Não queres antes uma nova?"

"Que'o a Cinde'ela."

Desligou a luz de cima e manteve apenas o candeeiro da cabeceira aceso; a luminosidade amarela era entorpecedora, fugidia, perfeita para o efeito de indolência que procurava obter. Acomodou-se à beira da cama, pegou na mão da filha e, num sussurro hipnótico, começou a relatar a história da gata borralheira, a menina que perdera a mãe, depois o pai, até finalmente ficar a viver com a madrastra malvada e as suas duas mimadas filhas. Margarida manteve os olhos muito abertos até à cena do baile, quando Cinderela conheceu o príncipe, altura em que, tranquilizada pelo encontro fatídico, sentiu os olhos pesarem e deixou de os combater, entregou-se ao ritmo cadenciado das palavras sopradas pelo pai e abandonou-se à doce moleza que lhe invadiu o corpo. As pálpebras fecharam-se e a respiração tornou-se enfim cadenciada, profunda. Tomás voltou a beijar a filha e desligou o candeeiro. Pé ante pé, quase sustendo a respiração, saiu do quarto, encostou a porta com suavidade e regressou à sala.

Constança dormia sobre o sofá, a cabeça descaída sobre um ombro, a televisão ligada num concurso que não seguiam. Pegou na mulher e levou-a ao colo até ao quarto; tirou-lhe o casaco com uma mão, descalçou-a e estendeu-a sobre os lençóis, esticando-lhe o cobertor até ao queixo. Ela murmurou algo imperceptível e voltou-se, agarrada à almofada, o calor do cobertor a rosar-lhe as faces sardentas sobre a pele láctea, parecia um bebé. Tomás desligou a luz e fez tenção de regressar à sala. Mas hesitou. Estacou sob a umbreira da porta e deu meia volta, fitando a mulher, que agora dormia profundamente. Aproximou-se, devagar, com cuidado para não fazer barulho, mirou-a por um instante e sentou-se à beira da cama;

ficou a contemplá-la em silêncio, vendo o cobertor a subir e a descer, suavemente, ao ritmo da respiração.

A pergunta de Lena ainda lhe ecoava na mente, agora mais alto do que nunca. Tu não fazes amor com a tua mulher, pois não?, interrogara-o ela com uma pitada de ansiedade. Na verdade, não fazia amor com a mulher havia já algum tempo; nunca fizera desde que iniciara a relação extraconjugal. Mas como poderia ele garantir que um dia não iria fazer? Como poderia ele prometer tal coisa? Aquela pergunta, assim formulada no rescaldo da intensa refrega amorosa, arrancou-o do sonho irreal em que pairava e, despertando-o com brutalidade, como se lhe tivesse mergulhado a cabeça em água gelada, atirou-o para o duro confronto com a realidade. Foi como se um qualquer interruptor se tivesse ligado dentro de si. Ou, quem sabe, desligado. O que tinha ele agora pela frente? Iria fazer amor com ambas as mulheres, enganando não apenas uma, mas as duas ao mesmo tempo? Que futuro, afinal de contas, queria para si, para a sua mulher, para a sua filha, para a sua amante? Que destino os aguardava? Estaria ele a brincar com o fogo? Seria ele senhor da sua sorte, ou eram as circunstâncias que o controlavam agora? Queria ele viver na verdade? Mas qual verdade? Não foi Saraiva quem lhe disse que a verdade objectiva é inacessível? Talvez. Porém, como ser humano, tinha sempre a alternativa de aceder a uma outra verdade, a verdade subjectiva. A verdade moral.

A honestidade.

E o facto é que ele não vivia na verdade moral; vivia na ilusão, na duplicidade, na mentira. Mentia à mulher e, em breve, estaria a mentir à amante. Era esse o futuro que desejava para si e para as três mulheres a que se ligara? A pergunta de Lena, aparentemente tão inóqua e fortuita, pôs em marcha uma complexa cadeia de pensamentos, desencadeou um tumulto na mente de Tomás, colocou-o frente a frente consigo mesmo, olhando-se pela primeira vez nos olhos, tonto de vertigem diante do abismo que era o seu espelho, vendo-se como realmente era, interrogando-se sobre o que queria ser, questionando-se quanto ao caminho incerto que agora trilhava.

Que estranha história, bem vistas as coisas, lhe revelava a aventura em que se metera? Talvez fosse a história de uma parte de si mergulhada na sombra, escondida num remoto recanto da mente, sobre a qual sentia as maiores incertezas e alimentava os maiores temores. O que era, afinal,

Lena para si? Uma mera façanha sexual? Uma busca por algo indefinível? Um devaneio irresponsável? Uma jogada de risco em que o perigo não passava de um afrodisíaco? Se calhar, considerou, talvez ela representasse algo diferente. Um desvio, um subterfúgio, uma demanda.

Uma fuga.

Balançou a cabeça afirmativamente, como se tivesse encontrado a palavra exacta, aquela que melhor definia a luta que o dilacerava. Uma fuga. Quem sabe, talvez Lena, mais do que a química do sexo, lhe oferecesse a química da fuga, a fuga de si, a fuga do cansaço da mulher, a fuga das dificuldades de Margarida, a fuga dos problemas gerados pela falta de dinheiro, a fuga da desilusão perante a vida. Lena era uma escapatória, uma saída, uma evasão. Uma fantasia. Mas uma fantasia que dia a dia perdia mistério, uma quimera à qual já começava a faltar brilho, um capricho que consumira quase todo o seu esplendor. O que lhe restava então?

Rendera-se aos encantos da sueca para escapar à complicada teia das suas inúmeras dificuldades. A ilusão funcionou; pelo menos, por alguns momentos. Mas agora via que os problemas nunca tinham verdadeiramente desaparecido, apenas foram camuflados pelo fulgor ofuscante da inebriante relação com Lena. Sentia-se como um coelho encadeado pelos faróis de um automóvel; permanecia estático no meio da estrada, fascinado com aquele brilho assombroso, maravilhado com os cintilantes focos de luz que despontavam do manto pardo da noite, esquecendo que por trás da bela flamância luminosa, emergindo dissimuladamente da treva escura, assomava um vulto invisível, enorme e furtivo, tremendo e ameaçador, que saltaria da sombra como um felino e o esmagaria no asfalto. Essa era, afinal, a terrível escolha que tinha diante de si. Queria ele ser amassado por esse vulto escondido? Seria ele capaz de ver para além do brilho ofuscante dos faróis? Conseguiria ele romper o perigoso feitiço que o hipnotizava no meio da estrada?

Olhou para Constança. A mulher dormia agarrada à almofada, o ar inocente, a expressão frágil, os cabelos desenhando anéis sobre a almofada e o lençol. Suspirou. Se calhar, pensou, o adultério tinha menos a ver com Lena do que consigo próprio; era talvez algo que dizia mais respeito à sua forma de ser, aos medos que o dominavam, às expectativas que alimentava, à forma como geria os conflitos e encarava os problemas da sua vida. Constança era a fonte de ansiedade, o rosto das dificuldades das

quais procurava fugir; Lena representava a concha protectora, o almejado bilhete que prometia arrancá-lo daquele turbulento mar de obstáculos e largá-lo nas vastas planícies da liberdade. Mas, tomava agora consciência, esse bilhete, afinal de contas, não o levaria para lugar nenhum, não o transportaria para onde ele pensava ser esse destino, porque a verdade era que tal destino não existia, pelo menos não para si; se embarcasse naquela viagem, descobrir-se-ia num outro apeadeiro, porventura mais complicado, ainda com os velhos problemas e já com novas contrariedades.

Passou os dedos pelos anéis do cabelo de Constança, brincando distraidamente com eles. Sentiu-lhe a respiração suave e admirou o espírito com que a mulher enfrentava as dificuldades perante as quais ele claudicava. Afagando-lhe as linhas do rosto, sentindo a pele quente e macia, imaginou que dispunha de dois bilhetes na mão, um para ficar, o outro para partir, e teria de tomar uma decisão. Olhou em redor, como que a querer reter na memória as sombras do quarto, o sopro baixo e harmonioso da respiração da mulher, o leve aroma a Chanel n.º 5 que flutuava no ar. Respirou fundo e ali mesmo, naquele instante, enquanto acariciava com ternura o semblante plácido de Constança, a sua linha de raciocínio chegou ao fim. Tomou uma decisão.

O formigar nervoso da multidão apressada era a coisa que mais o perturbava sempre que tinha de ir ao Chiado. Depois de andar às voltas na Rua do Alecrim à procura de estacionamento, deixou o carro no parque subterrâneo do Camões e desceu o largo até à entrada da Rua Garrett, fintando os transeuntes que iam e vinham, uns subiam em direcção ao Bairro Alto, outros desciam para a Baixa, todos de olhar perdido num ponto infinito, pensavam no dinheiro, suspiravam pela namorada, odiavam o patrão, ocupavam-se da vida.

Atravessou a perpendicular empedrada e calcorreou, enfim, o amplo passeio da Rua Garrett. O espaço era largo, é certo, mas tornava-se apertado com todas aquelas mesinhas e cadeiras a fervilharem de clientes ociosos, o mais famoso dos quais era Fernando Pessoa, a carne feita de pedra, tal como o chapéu, os óculos de aros redondos e a perna cruzada. Tomás examinou o espaço em redor, tentando vislumbrar o ouro dos cabelos de Lena, mas ela não estava ali. Virou à esquerda, na direcção da grande porta arqueada do café, A Brasileira anunciada no topo, lugar de eleição para a antiga Lisboa boémia e literária.

O primeiro passo ao cruzar a porta do café constituiu um salto no tempo, recuara à década de 1920. A Brasileira era um botequim estreito e comprido, ricamente decorado ao estilo art nouveau, o tecto e a parte alta das paredes encontravam-se forrados a madeira trabalhada, decorados com cornucópias, linhas arredondadas e quadros de época. O soalho era composto em xadrez, a preto e branco, e do centro dos desenhos esculpidos no tecto penduravam-se vários candelabros de aspecto antigo, pareciam aranhas com os tentáculos arqueados para baixo e para cima, segurando pequenas velas nas pontas. Uma sensação de amplitude provinha do lado esquerdo; toda a parede se abria para o café, uma ilusão criada pelos belos espelhos dourados ostentados até ao fundo do estabelecimento, parecia que o botequim tinha o dobro da sua real largura. As mesinhas do interior apresentavam-se encostadas ao longo do enorme espelho, enquanto o lado direito era ocupado por um comprido balcão cheio de ferros curvados ao estilo esparguete da art nouveau; uma bateria de garrafas de vinho, aguardente, bagaço, whisky, brandy e licor, dispostas umas por cima das outras, decorava a parede por trás do balcão. Ao fundo, assinalando as onze horas, destacava-se um relógio antigo com numeração romana.

Tomás encontrou um lugar livre numa mesa parcialmente ocupada e acomodou-se, colando o ombro direito ao espelho, os olhos voltados para a entrada. Pediu um pastel de nata e um chá de jasmin. Enquanto aguardava, pôs-se a espreitar o jornal que o homem sentado ao seu lado lia. Era A Bola e trazia uma entrevista a duas páginas com o truculento presidente do Benfica, repleta de acusações contra o sistema e notícias de fantásticas contratações, que não planeava pagar, para a "espinha dorsal" da equipa; observou o seu parceiro de relance, era um homem quase careca, apenas possuía tufos de cabelos grisalhos atrás da orelha, tratava-se provavelmente de um reformado, sem dúvida um benfiquista. O empregado reapareceu com o seu ar atarefado e gestos nervosos, como se tivesse muitas coisas para fazer e as mãos não lhe chegassem; vinha com um tabuleiro equilibrado na ponta dos dedos, donde tirou uma pequena chaleira metálica, uma chávena, um pratinho com um pastel de nata, duas embalagens de açúcar e uma de canela, mais a conta, depositando tudo sobre a mesa com uma destreza profissional. Tomás pagou e o empregado, após um breve aceno, evaporou-se.

Enquanto esperava, tirou o telemóvel do bolso e digitou o número de Nelson Moliarti. O americano atendeu com voz de sono, era evidente

que o telefonema tinha sido o seu despertador. Depois das habituais cortesias introdutórias, Tomás indicou-lhe que iria precisar de fazer umas viagens para a sua pesquisa, as investigações estavam a apontar num sentido que requeria verificação cuidadosa. Nelson quis saber qual a direcção que as pistas apontavam, mas Tomás escusou-se a adiantar pormenores, alegando que gostava de falar com certezas, e nesse momento apenas dispunha de muitas dúvidas. Embora inicialmente reticente, o americano acabou por lhe conceder o seu acordo e disponibilizar os fundos necessários para a missão, afinal de contas aquela era uma investigação na qual a fundação apostava. De seguida, e já de posse da luz verde para avançar, Tomás ligou para a agência de viagens e marcou os voos e os hotéis.

Apercebeu-se de que Lena acabara de entrar no café quando sentiu as cabeças de todos os clientes voltarem-se ao mesmo tempo para a porta, como se estivessem na tropa e tivessem obedecido a uma ordem silenciosa. Ela vinha com um vestido preto de lycra muito justo, com a bainha por cima do joelho e um exuberante laço amarelo apertado à cintura; as pernas altas estavam cobertas com meias de nylon cinzento-escuro, muito finas, as linhas curvilíneas do corpo escultural realçadas pelos sapatos de salto alto, de um negro reluzente. Trazia largos sacos de boutiques nas mãos, que atirou para os pés da cadeira quando se debruçou sobre a mesa para beijar Tomás.

"Hej", saudou. "Desculpa chegar atrasada, andei nas compras."

"Não faz mal."

Tomás sabia que o Chiado era uma tentação para muitas mulheres, com as suas lojas de marca e boutiques da moda abertas por todo o quarteirão, atraindo clientela e emprestando alegria às ruas empedradas e inclinadas daquela zona antiga da cidade.

"Puf!", exclamou ela, atirando o longo cabelo loiro para trás. "Estou estafada e o dia ainda mal começou."

"Compraste muita coisa?"

Ela inclinou-se e apanhou um saco encostado à cadeira.

"Alguma", confirmou. Abriu o saco e mostrou um pedaço de uma peça vermelha rendilhada. "Gostas?"

"O que é isso?"

"É um soutien, tonto", explicou, movendo as sobrancelhas com ar maroto. "Para te pôr doido."

O reformado benfiquista espreitou por cima do jornal, estudando ostensivamente a sueca. Lena devolveu-lhe o olhar, como que a intimá-lo a meter-se no que lhe dizia respeito, e o homem encolheu o pescoço e escondeu-se por trás de A Bola.

"Passaste, portanto, a manhã nas compras?"

"Sim. E fui também àquele elevador antigo na Rua do Ouro."

"O Elevador de Santa Justa?"

"Esse mesmo. Já lá foste alguma vez?"

"Não, nunca."

"Não há dúvida", sorriu ela. "O olhar do estranho vê mais longe no país do que o olhar dos habitantes."

"Hã?"

"É um provérbio sueco. Significa que os estrangeiros visitam mais sítios numa terra do que as pessoas que lá vivem."

"Muito verdadeiro", assentiu Tomás.

O empregado de farda branca aproximou-se, sempre com o seu ar atarefado, e olhou interrogativamente para os dois clientes.

"Tomas alguma coisa?", perguntou Tomás.

"Não, já comi."

O professor fez um sinal negativo ao empregado, que logo desapareceu pelo corredor, agora apinhado de gente, a azáfama era imensa e não tinha tempo a perder. Tomás pegou na chávena e bebericou um pouco.

"Este chazinho está uma maravilha."

Lena debruçou-se sobre a mesa e procurou-lhe o olhar.

"O que se passa?", perguntou, uma expressão intrigada nos olhos azuis. "Há dois dias que não te vejo e andas com ar misterioso, pareces no mundo da Lua. O que tens?"

"Nada."

"E a porcaria da charada que está a perturbar-te é?"

"Não."

"Então?"

Ele passou a mão pelo cabelo, pouco à vontade. Rodou a cabeça com um gesto nervoso, observando de relance todo o café, e acabou por pousar os olhos na amante.

"Sabes, acho que não tenho estado a ser justo contigo."

Lena ergueu a sobrancelha, espantada.

"Ah, não? Então?"

"No outro dia perguntaste-me se eu fazia amor com a minha mulher..."

"E fazes?"

"Não, ainda não fiz desde que nos conhecemos. Mas a questão, para ser honesto, é que não posso garantir que nunca farei."

Ela estreitou os olhos, fitando-o com uma expressão subitamente severa.

"Ah."

"Percebes? Vivemos na mesma casa, somos casados, mais tarde ou mais cedo vai acontecer alguma coisa."

"E então?"

"Bom, e então vou andar a enganar-vos às duas, não é?"

A sueca admirou o café em volta, pareceu interessar-se por alguns quadros, mas, após alguns instantes a divagar com os olhos pelo botequim, fixou de novo Tomás.

"Eu não me importo."

O professor entreabriu a boca, com ar pasmado.

"Não te importas?"

"Não, não me importo. Podes andar ao mesmo tempo com as duas, isso para mim não é problema."

"Mas...", hesitou ele, confuso. "Não tens problema em que eu ande a fazer amor contigo e com a minha mulher ao mesmo tempo?"

"Não", repetiu ela, abanando a cabeça para enfatizar a sua posição. "Não tenho qualquer problema."

Tomás encostou-se à cadeira, surpreendido, atordoado. Não sabia verdadeiramente o que dizer, tudo aquilo era demasiado inesperado e pouco convencional, nunca imaginou ouvir uma mulher, e para mais uma mulher daquelas, dizer que não tinha problemas em fazer parte do que, para todos os efeitos, seria um harém.

"Bem, uh... não sei se a minha mulher achará bem..."

"A tua mulher?"

"Sim, a minha mulher."

A sueca encolheu os ombros.

"É evidente que ela nunca concordará."

"Pois, é isso."

"Logo, não deves dizer-lhe nada, não é?"

O professor voltou a passar a mão pelo cabelo, nervoso.

"Pois... uh... esse é também um problema. É que não consigo viver assim..."

"Não consegues viver assim, como? Mas tens estado há quase dois meses a viver com duas mulheres e nunca te vi minimamente preocupado com isso. Que bicho te mordeu agora?"

"Justamente. Tenho dúvidas sobre o que andamos a fazer."

Agora era a vez de Lena abrir a boca de espanto.

"Dúvidas? Mas quais dúvidas? Estás parvo ou quê? Tens uma família em casa que não sabe de nada. Tens uma namorada que, desculpa a imodéstia, qualquer homem gostaria de ter e que não te dá problemas nenhuns. Mais ainda, uma namorada que não se importa que tu mantenhas essa tua vidinha regalada. Qual é, afinal, o teu problema? Onde é que está a dúvida?"

"O problema, Lena, é que não sei se quero esta vidinha."

A sueca arregalou os olhos e abriu mais a boca.

"Não sabes se..." Carregou as sobrelhas, tentando avaliá-lo.
"Tomás, o que se passa verdadeiramente?"

"Passa-se que eu não quero continuar assim."

"Então o que queres?"

"Quero acabar."

Lena deixou descair os ombros e encostou-se à cadeira, siderada. A boca mantinha-se aberta, uma expressão incrédula nos olhos; observava Tomás com ar de quem acreditava estar perante um louco.

"Queres acabar?", perguntou, por fim, quase soletrando as palavras.

O professor abanou afirmativamente a cabeça.

"Sim. Desculpa."

"Mas tu estás maluco? Então eu estou a dizer-te que não me importo nada que andes com a tua mulher, que não vais ter problemas nenhuns, e tu queres acabar? Porquê?"

"Porque não me sinto bem com esta situação."

"Mas porquê?"

"Porque vivo na mentira e quero a verdade."

"Ora!", exclamou ela. "O casaco da verdade está muitas vezes forrado de mentiras."

"Não me venhas com mais ditados."

Lena inclinou-se sobre a mesa e segurou-lhe nas mãos com força.

"Diz-me o que posso eu fazer para que te sintas melhor? Queres mais espaço? Queres mais sexo? Queres o quê?"

Tomás sentiu-se admirado com a forma como a sueca se agarrava à sua relação. Imaginara que ela, ao sentir-se rejeitada, abandonaria o café em fúria e o assunto ficaria encerrado. Mas não era manifestamente isso o que estava a acontecer.

"Sabes, Lena, eu não consigo andar com duas mulheres ao mesmo tempo. Não consigo, pronto. Sinto-me desonesto. Gosto de situações claras, transparentes, inequívocas, e o que nós estamos a viver é tudo

menos isso. Gosto muito de ti, és uma rapariga formidável, mas também gosto da minha família, a minha mulher e a minha filha são muito importantes para mim.

Quando me perguntaste, aqui há dias, se fazia amor com a minha mulher, houve algo dentro de mim que se desligou, não sei explicar. Num momento estava deslumbrado contigo, no instante seguinte, depois de fazeres essa pergunta, caí em mim e pus-me a questionar a nossa relação. Foi como se tivesses carregado inadvertidamente num interruptor e a luz se acendesse e eu principiasse a ver claro onde antes apenas tateava às cegas. Essa luz despertou-me para a realidade, para uma série de perguntas que comecei a colocar a mim mesmo. No fundo, pus-me a interpelar a minha consciência sobre as questões verdadeiramente fundamentais."

"Quais questões?"

"Sei lá." Olhou em volta, como se algures no café pudesse encontrar a resposta à pergunta. "Eu interrogo-me, por exemplo, sobre os motivos que me levam a colocar em perigo a minha vida familiar. Em nome de quê? Por que faço isso? Vale mesmo a pena? Afinal de contas, tenho problemas na minha vida que têm de ser enfrentados, não posso andar a fugir deles. É por isso que acho que é melhor eu primeiro resolver os meus problemas, a minha vida. Tenho de dar ao casamento uma segunda oportunidade, devo-o à minha mulher e à minha filha. Se as coisas correrem bem, encantado. Se correrem mal, terei de recomeçar de outra maneira. Agora, o que não é justo, o que não é honesto, é eu andar a enganar-vos às duas. Isso não."

"Ou seja, deixas-me. É isso?"

"Não vale a pena dramatizarmos. Eu sou um homem casado e tenho de cuidar da minha família. Tu és uma rapariga nova, solteira e muito bela. Como tu própria disseste, basta-te levantar um dedo e tens os homens que quiseses. Portanto, não vamos complicar as coisas. Cada um vai à sua vida e ficamos amigos."

A rapariga abanou a cabeça, desalentada.

"Eu não acredito no que estou a ouvir."

Tomás mirou-a e pensou que, de agora em diante, só iria repetir-se. Já tinha tomado a sua decisão e dissera o que tinha a dizer.

Após um compasso de espera, ergueu-se da mesa e estendeu a mão a Lena. A sueca olhou para a mão, ainda atónita e abalada, e não devolveu o cumprimento. Ele recolheu-a desajeitadamente e voltou-se para a saída.

"Vemo-nos na faculdade", disse, em jeito de despedida.

Lena seguiu-o com os olhos.

"Galo que canta de manhã", atirou-lhe entre dentes, "estará à tardinha no bico do falcão."

Mas Tomás já abandonara A Brasileira e subia a Rua Garrett, em passo apressado, na direcção do Largo Luís de Camões.

X

As águas tranquilas do Mediterrâneo brilhavam, cristalinas, sob o reflexo encadeante do sol matinal. O velho farol de Porto Antico erguia-se por entre o espelho azulado da enseada e os veleiros brancos ancorados no cais; a Lanterna permanecia firme à entrada da baía, uma sentinela do tempo com a missão de vigiar aquele canto aprazível do mar da Ligúria. As escarpas abruptas dos Apeninos cercavam a costa, protegendo o pacato casario baixo ao longo do sopé dos montes.

O táxi virou à direita e mergulhou no labiríntico interior da cidade antiga, zigiguezagueando pelo emaranhado das estreitas e movimentadas ruelas de Génova.

"La Piazza Acquaverde", anunciou o taxista, sempre palrador, quando entraram na praça. Indicou com a mão, num gesto largo, uma enorme estátua no centro com uma figura humana no topo. "Questo è Cristoforo Colombo."

O congestionamento obrigou o carro a parar por momentos. Tomás espreitou da janela e viu Colombo lá no alto, os cabelos longos e esvoaçantes, vestido com um curto tabardo espanhol e uma capa comprida e aberta; a mão esquerda encontrava-se assente numa âncora, enquanto a direita acariciava o ombro de uma índia ajoelhada. Quatro outras figuras permaneciam sentadas mais em baixo, nos cantos, sobre pequenos pedestais; entre elas enquadravam-se baixos-relevos com o que pareciam ser cenas da vida do navegador. Na base do monumento, por entre múltiplas coroas de flores encostadas à pedra, a dedicatória A Cristoforo Colombo, La Pátria.

O trânsito retomou a marcha e o táxi seguiu o fluxo, levado pela barulhenta corrente de automóveis. O taxista, um homem jovial que anunciou chamar-se Mateo qualquer-coisa-ini e vir da Calábria, pôs-se a relatar pormenores da sua atribulada vida num italiano nervoso e atabalhoado. No meio daquela cerrada metralha de palavras, disparada num tropel por entre abundantes perdigotos e profusos movimentos com as mãos, Tomás ainda percebeu que o motorista era "divorziato", que tinha "due bambini" e procurava companhia para "il letto matrimoniale", até porque gostava muito de "avere la colazione in camera". Saltou daí para o que apreciava mais em "la cena". As suas preferências, pelos vistos, iam para a "zuppa di lenticchie" e, sobretudo, para o "spagbetti alia puttanesca", prato cujo nome levou o cliente a franzir o sobrolho e a interrogar-se sobre se haveria ali escondido um qualquer traíçoero segundo sentido.

"11 Palazzo Ducale", proclamou Mateo minutos mais tarde, a meio de uma frase sobre as qualidades terapêuticas do "vino rosso", enquanto apontava para um belo edifício antigo na Piazza Mat-teotti, a fachada repleta de colunas jónicas e janelas altas. "Le piace?"

"Si", assentiu Tomás, de olhar indiferente, concordando apenas para lhe ser agradável.

O taxista dedicou-se, acto contínuo, e quase sem fazer uma pausa, às milagrosas propriedades do "vino bianco secco" e às vantagens do "menu fisso" de uma trattoria do seu agrado, algures na Piazza Campetto, mais atrás, ao mesmo tempo que ridicularizava aqueles que só comiam os "piatti vegetariani". O táxi meteu pela Salita Pollaiuoli e virou à esquerda em Viço Tre Re Magi, altura em que Mateo confessou, muito consternado, que "sono allergico alie noci". À medida que o pequeno Fiat percorria a Via Ravecca, o motorista discorria com grande pormenor sobre os efeitos alérgicos que as nozes lhe provocavam na pele, incluindo as manchas "rossi" que, aparentemente, tratava com "carta igienica" embebida em "acqua calda", até que, para grande alívio de Tomás, chegaram enfim à Piazza Dante.

"Ecco-ti qual", proclamou Mateo com grande pompa, parando diante do semáforo verde.

Pressionado por um coro de buzinas de automóveis que queriam avançar, Tomás pagou à pressa e o taxista, alheio aos protestos atrás de si, despediu-se com um "a piú tardi" que fez o cliente sentir um

calafrio a percorrer-lhe o corpo, essa era uma promessa que mais soava a ameaça. O plano original do passeio concebia apenas uma mera passagem pela Piazza Dante a fim de espreitar o local histórico que ali se encontrava, mas a incontínente hemorragia verbal do italiano levou o português a alterar apressadamente os planos e a transformar a passagem em paragem, um bom pretexto para se ver livre daquele táxi infernal, sempre admirou a simpática expansividade dos italianos, mas a verdade é que aquele motorista levava a ideia longe de mais.

Duas torres semicilíndricas, feitas de pedra em estilo gótico e unidas por uma ponte, impunham a sua presença sobre a praça. Era a Porta Soprana, a entrada oriental da parte velha da cidade. No topo das torres medievais, e por entre as ameias, agitavam-se duas bandeiras brancas rasgadas por uma cruz de São Jorge encarnada, o estandarte da cidade. A insígnia cruxata comunis Janue era testemunho de tempos gloriosos, quando Génova imperava no Mediterrâneo e a sua presença bastava para fazer recuar o inimigo, ao ponto de se dizer que até os ingleses adoptaram a bandeira da cidade para poderem navegar sob a sua protecção. Na Idade Média, a imponente Porta Soprana fez parte das muralhas defensivas de Génova; durante a Revolução Francesa era mantida aí a guilhotina e um dos carrascos vivia no topo de uma das torres, transformada em prisão; o seu mais famoso recluso foi o veneziano Marco Polo, para ali atirado após a batalha de Korcula.

Na base, por baixo da ponte entre as duas torres, a grande porta oval dava acesso a um parque cuja principal atracção eram as ruínas dos claustros do antigo convento de SanfAndrea, mas a atenção do visitante não se voltou para essas ruínas, antes para um outro ponto mesmo ao lado.

Junto à Porta Soprana, por entre arbustos viçosos, encontravam-se umas ruínas miseráveis, feitas de pedra e cobertas de hera; pareciam os restos de uma casa rústica transmontana, rude e asseada, com uma porta larga no rés-do-chão e duas estreitas janelas no primeiro andar. Tomás aproximou-se e espreitou o local. Uma tabuleta indicava que as ruínas estavam fechadas ao público; e uma placa anunciava:

Nessuna casa há nome piú degno qui questa.

Qui nelVabitazione paterna, Cristoforo Colombo trascorse Vinfanzia e la prima giovinezza.

Este era o número trinta e sete da antiga Viço Diritto di Ponticello, o local onde, segundo um velho livro de facturas e um outro documento arquivado na Biblioteca Apostólica Vaticana, entre 1455 e 1470 viveu Dominicus Columbus e a sua família, incluindo os filhos Bartholomeus, Jacobus e Christofforus. Ou seja, foi naquela casa que Cristóvão Colombo passou a sua juventude.

Um autocarro imobilizou-se junto ao passeio e despejou uma multidão de turistas japoneses. Os visitantes convergiram para as ruínas com uma bateria de máquinas fotográficas e câmaras de vídeo, formigando diante da porta. Um outro japonês gritava instruções e informações, tratava-se evidentemente do guia.

"Non mi piace questo", comentou um italiano para Tomás, com ar cúmplice, enquanto mirava a multidão de frenéticos turistas a disputarem um palmo de terreno para a fotografia.

"Mi scusi", desculpou-se Tomás. "Non parlo italiano. Parla lei inglese?"

"Ah, perdão", disse o italiano já em inglês. "Você é americano?"

"Não, português."

O italiano esboçou uma expressão de surpresa.

"Português?"

"Sim. O que dizia?"

"Uh... nada, nada." "Mas diga."

O homem hesitou.

"É que... uh... desagrada-me andarmos a enganar os turistas deste modo."

"Como assim, a enganar?"

O italiano olhou em redor, baixou a voz e adoptou um tom conspiratorial.

"Sabe, esta casa é muito fascinante, muito bonita. Mas Colombo, provavelmente, nunca viveu aqui."

"Ah, sim?"

"É uma atracção turística, nada mais", confidenciou. "A casa é do tempo de Colombo, sem dúvida, mas nada garante que seja mesmo este o edifício mencionado nos documentos. Sabe-se que Domenico Colombo, o pai de Cristoforo, tinha alugado aos monges uma casa junto à Porta Soprana. Ora, naquela época havia por aqui muitas casas e não há maneira de saber qual delas era a verdadeira. Escolheram esta, como podiam ter escolhido qualquer outra da zona."

"Ou seja, não passa tudo de uma patranha."

O homem desenhou um gesto vago no ar e curvou os lábios.

"Digamos que se facilitaram um pouco as coisas, compreende? Tudo para efeitos de turismo e também para consolidar a reivindicação de que Colombo era originário de Génova." Ergueu o indicador e adoptou uma expressão grave, como que a fazer uma advertência. "O que, de resto, é verdade. Cristoforo Colombo era genovês, isso está provado cientificamente e para além de qualquer dúvida."

Tomás sorriu. Muito admirado ficaria se alguma vez visse um genovês a defender o contrário.

"Sim", condescendeu. "Mas, e a casa?"

O italiano inclinou a cabeça, como se fizesse uma concessão.

"É improvável, realmente, que esta tivesse sido mesmo a verdadeira morada de Colombo..."

O trânsito era intenso e Tomás quis apanhar outro táxi, mas não encontrou nenhum disponível. Decidiu ir caminhando na direcção da Piazza Matteotti, na esperança de apanhar algures lá mais à frente transporte para os arquivos que tencionava visitar, e meteu pela Via di Porta Soprana. Sentiu fome a meio caminho e, sem procurar muito, foi almoçar a um restaurante de nome apropriado, La Cantina di Colombo. Como era a fundação a pagar, não se fez rogado. Abriu a refeição com um pappardelle ai ragù di coniglio alia ligure, uma entrada feita de macarrão plano com molho de lebre; atirou-se depois a um filetto alVaceto balsâmico di Modena, que se revelou constituído por tiras de carne de vaca grelhada com molho de salada em vinagre balsâmico; e culminou com uma sobremesa de sonho, uma degustazioni di cioccolatini Domori e bicchiere di Rum. Toda a refeição foi regada com vinho tinto da Ligúria, um frutuoso Rossese di Dolceacqua 1999 Giuncheo, e acompanhada por

um misto formaggi con confetture, uma deliciosa selecção de queijos com marmelada.

Passou a tarde fechado no gabinete de leitura da Sala Colombiana do Archivio di Stato di Génova, instalado num magnífico edifício branco, o palacete renascentista de Sanflgnazio, situado em plena Piazza Santa Maria in Via Lata. Era ali que se encontravam o Archivio del Banco di San Giorgio e o Archivio Notarile, que Tomás pacientemente consultou. Passou horas a observar microfilmes e a folhear parte dos cento e oitenta e oito documentos de Génova e Savona, datados de 1429 a 1494, e alguns posteriores, sempre a tomar notas. Às cinco e meia da tarde, os funcionários dos arquivos anunciaram-lhe que iam fechar e o visitante viu-se forçado a interromper o trabalho.

Andou nessa noite a passear pela Piazza delle Erbe, onde visitou uma bela livraria com manuscritos antigos e bebeu uma birra no Berto Bar. Foi depois às lojinhas localizadas perto de Porto Antico, saltitando de tasca em tasca a petiscar sabores de todo o mundo, incluindo arroz perfumado tailandês, ouzo grego e couscous marroquino. À noite, instalado no Hotel Bristol Palace, ligou para Constança. A mulher permanecia preocupada com o problema do professor de ensino especial da filha, mas o casal não via maneira de resolver o problema. Margarida agarrou-se depois ao telefone e arrancou do pai a promessa de que lhe levaria "uma boneca cho'ona" como prenda.

Logo pela manhã do dia seguinte, Tomás abancou novamente na Sala Colombiana do Archivio di Stato di Génova. Concentrou agora as suas atenções em dois volumes colossais, ambos intitulados Colombo e publicados em 1932. Os livros, um em italiano e o outro com o mesmo texto em inglês e alemão, reproduziam documentos em fac-símile e eram considerados a última palavra da Scuola Genovese, os documentos dos documentos, a súmula do trabalho encetado em 1614 por Gerolamo Bordoni e culminado em 1904 com a divulgação do Documento Assereto. Tomás tirou amplas notas e obteve cópias dos textos mais importantes. Passou depois os olhos pela Nuova Raccolta Colombiana, até que, pelas quatro da tarde, se deu por satisfeito e devolveu os dois grandes volumes. Concluía o que tinha a fazer e aguardava-o agora uma nova viagem, outro destino e arquivos diferentes.

A enorme torre mourisca, escarpada como um penhasco rasgando o céu azul-profundo, projectava a sua sombra protectora sobre as

carruagens puxadas a cavalo e estacionadas no passeio da grande Plaza Virgen de los Reyes. Tomás encostara-se a uma laranjeira da Calle Mateos Gago e mirava a figurinha de bronze hasteada no pico da torre de La Giralda, que se erguia acima da catedral e de todo o Barrio de Santa Cruz, o velho bairro judeu encostado ao El Arenal, na margem esquerda do Guadalquivir. Aquela era uma zona pitoresca da cidade, cheia de ruelas alvas e pátios coloridos, janelas gradeadas e jardins alegres, vibrando com cascatas e canais e jasmims e buganvílias, mais os imponentes monumentos que atestavam a grandeza de tempos idos, quando para ali convergiam as incomensuráveis riquezas das Américas.

O visitante tinha acabado de chegar a Sevilha e vinha com fome. Pegou na malinha de mão e entrou no restaurante mesmo ao lado, chamava-se Bar Giralda. Lá dentro teve a impressão de ter penetrado num qualquer souq árabe; o restaurante era decorado por arcos em arabescos e abóbodas em estilo mourisco. Sentou-se a uma mesa e pediu o menu.

"Isto antigamente eram unos banos mouriscos, senhor", explicou-lhe o empregado, um homem magro e de pele gordurosa, com um espesso bigode preto e a barba por fazer, esforçando-se por falar portunhol. Indicou com os olhos o menu e rendeu-se ao castelhano materno. "Que quiere comer usted?"

Tomás fechou a carta com a ementa. Nada lhe agradava.

"O que me recomenda?"

"Le gusta tapas?"

"Não é má ideia. Traga-me umas."

"Bueno. Con xerez?"

"Xerez? Não será melhor com vinho tinto?"

"Xerez es mejor con las tapas, señor."

"Então venha lá isso."

Em dez minutos a mesa encheu-se de pequenos pratos e um copo de xerez amontillado, um fino branco seco de aspecto fresco e com um brilho dourado. O empregado explicou-lhe que era justamente a relação entre os pratinhos e o copo que se encontrava na origem daquele prato andaluz. Ao que parece, tudo tinha começado com o antigo hábito de colocar um pires sobre um copo de xerez, para o "tapar". Com o tempo, passaram a

colocar--se azeitonas ou queijo no pires, prática que se estendeu mais tarde a outros petiscos. Quando os andaluzes deram por ela, já as tapas formavam uma vasta variedade de cores e sabores, tal como era agora visível na mesa do visitante português.

Tomás passou meia hora a debicar os pratos, limpando-os um a um. Não havia dúvida, pensou, enquanto contemplava as iguarias espalhadas na mesa e ia petiscando um pedaço aqui e outro ali; viajar era das melhores coisas que havia, sobretudo se o fazia a expensas de outrem; quebrava a rotina, passeava, via coisas novas, enchia-se com os melhores sabores da vida. Poderia lá haver coisa mais agradável? Comodamente sentado no Bar Giralda, deliciou-se sobretudo com os mejillones à la marinera, mexilhões mergulhados num molho de cebola e alhos salteados, com vinho branco, azeite, sumo de limão e salsa; mas o salpicón de mariscos, com a sua mistura de lagosta, caranguejo e camarões em molho de vinagreta com cebolas e pimentos vermelhos, não lhe ficava muito atrás, bem como a miscelânea de peixe, legumes marinados, ovos cozidos, camarões e azeitonas das banderillas; o resto era formado por jamón serrano, albondigas, patatas bravas, ensaiada de pimientos rojos e fritura de pescado, que devorou com o popular queso manchego e pão. Rematou a refeição com uns churros cobertos de açúcar e, considerando que ainda tinha de trabalhar, um café colombiano bem forte.

Depois do almoço saiu à rua e caminhou pela imponente Plaza Virgen de los Reyes, preocupado em fazer a digestão. Ali a vida parecia parada e as gentes indolentes, não havia pressas nem correrias. Passou diante do Convento de la Encarnación e, contemplando o Palácio Arzobispal, do outro lado da praça, contornou a catedral, dobrando a esquina na Plaza del Triunfo, onde uma coluna barroca com a figura da Virgem Maria celebrava a sobrevivência de Sevilha ao terramoto que arrasou Lisboa em 1755. Chegou à esquina do compacto edifício do Archivo General de índias, erguido com o tijolo castanho-avermelhado que os espanhóis tanto apreciavam e que tanto desagradava a Tomás; tratava-se de um tipo de material que lhe provocava calafrios, talvez porque lhe fazia lembrar as fábricas, ou ainda os matadouros e as arenas de touros.

Atravessou a rua e penetrou na grande catedral pela porta sul, uma magnífica entrada talhada em pedra. Aquela era a maior catedral gótica da Europa. O primeiro impacto que Tomás sentiu ao calcorrear o monumental santuário foi o de que tinha entrado num local imponente,

mas sombrio, lúgubre até, como se tivesse sido arrastado para as entranhas de uma caverna imensa e tenebrosa. Ao dobrar o ponto onde o transepto direito cruza com a nave, junto à Puerta de San Cristobal, deu com um cenário que achou simultaneamente sinistro e majestoso.

Sobre um pedestal, a meio do pátio, quatro estátuas em bronze policromático, o rosto em alabastro, as vestes quinhentistas solenes e sumptuosas, carregavam um sarcófago aos ombros. O pequeno caixão, também em bronze e ornamentado com placas metálicas esmaltadas, estava coberto por um sudário e tinha um escudo desenhado no flanco direito, que Tomás reconheceu. Eram as armas de Colombo. Espreitou para baixo do sarcófago e viu as armas heráldicas de Espanha cravadas na base e rodeadas por palavras caligrafadas em gótico. Rodopiou a cabeça, sempre espreitando de baixo para cima, e leu a inscrição:

Aqui jacen los restos de Cristobal Colón desde 1796

los guardo la Habana y este sepulcro por R. D.to

de 26 de febrero de 1891.

O túmulo de Colombo.

Ou melhor, o sítio onde alegadamente se encontravam as ossadas do grande navegador. Mas Tomás sabia que, mesmo na morte, o descobridor da América se revelara um mestre nas artes do mistério, um supremo ilusionista. Tudo começou quando Cristóvão Colombo foi viver para Sevilha após as suas quatro viagens ao Novo Mundo. Com a morte da sua protectora, a rainha Isabel, em 1504, caiu em desgraça na corte. Foi para tentar recuperar as boas graças do rei Fernando que no ano seguinte, já envelhecido e adoentado, o almirante do mar Oceano se deslocou a Valladolid. A missão revelou-se um fracasso e Colombo acabou por morrer naquela cidade a 20 de Maio de 1506. Após permanecer quase um ano num convento franciscano de Valladolid, o cadáver foi transferido para o Mosteiro da Cartuja de Las Cuevas, em Sevilha, iniciando uma complicada série de viagens. Trinta anos depois, ficou decidido que os restos mortais de Cristóvão e do seu filho português, Diogo, que entretanto também morrera, seriam enterrados na Hispaniola, pelo que os dois corpos foram trasladados para a Catedral de Santo Domingo. Mais de duzentos anos mais tarde, em 1795, o Tratado de Basileia estipulou que a parte espanhola da ilha seria entregue à França, pelo que as ossadas do descobridor da América foram transferidas para a Catedral de Havana no

meio de grande pompa. Mas a independência de Cuba, em 1898, ditou nova trasladação, desta feita de regresso ao ponto de partida, Sevilha. O problema é que, no meio de tantas mudanças, poderá ter sido cometido um erro algures, provavelmente em Santo Domingo, e os restos que se encontravam tão majestosa e solenemente guardados na Catedral de Sevilha não seriam, afinal, os de Cristóvão Colombo, mas os do seu filho primogénito, o português Diogo Colom, ou de outros descendentes.

Tomás permaneceu por longos momentos junto ao túmulo, indiferente à dúvida histórica. Afinal de contas, a sua homenagem privada não se perderia; se aquele não era o grande navegador, pelo menos seria o seu filho Diogo, um compatriota, e isso bastava-lhe. Acabou, por fim, por voltar as costas ao túmulo e afastar--se em direcção à nave do santuário. Deambulou vagarosamente pela catedral, admirando a abóboda e a Capilla Mayor, protegida por enormes grades, e deslocou-se até à porta oeste, chamada Puerta de la Asunción. A meio caminho deu com um novo túmulo, desta vez mais discreto; era a campa rasa de Hernando Colón, o filho espanhol de Cristóvão, o autor de uma das mais importantes obras sobre a vida do descobridor da América. Contornou a campa e dirigiu-se para a ala esquerda da nave, onde se abria uma outra porta. Cruzou-a e sentiu a luz fraca do sol de Inverno a bater baixo, a céu aberto. Aquele era o Pátio de los Naranjos, um pátio rectangular e coberto de laranjeiras dispostas geometricamente; ao centro vislumbrava-se uma pequena fonte circular e, em redor, longas galerias, como se aquele fosse um claustro fechado. Juntamente com a torre de La Giralda, que não passava de um minarete disfarçado, o pátio era o que restava da antiga mesquita dos sarracenos, arrasada para dar lugar à catedral gótica.

Era por cima das galerias que se encontrava o verdadeiro objectivo de Tomás. O professor escalou os degraus do edifício e apresentou-se na Biblioteca Colombina. Depois de se identificar e registar foi-lhe concedido acesso ao local. A Biblioteca Colombina foi iniciada no século xvi por Hernando Colón, o mesmo que se encontrava sepultado na catedral, diante da Puerta de la Asunción. O filho espanhol do descobridor da América juntou um total de doze mil volumes, incluindo livros e documentos que pertenciam ao pai. Na sua morte, Hernando legou o precioso acervo aos dominicanos do Mosteiro de San Pablo, em Sevilha, e os manuscritos acabaram arrumados no edifício que circunda o Pátio de los Naranjos, no lado esquerdo da catedral.

As obras da Biblioteca Colombina encontravam-se dispostas em estantes envidraçadas, espalhadas ao longo de várias salas. Era nas vitrinas centrais que estavam expostas as jóias da coroa, os livros e documentos que pertenceram ao próprio Cristóvão Colombo. Munido de uma autorização especial, concedida devido à natureza do estudo e às credenciais da Universidade Nova de Lisboa e da American History Foundation, que prontamente exibiu, Tomás conseguiu que lhe abrissem as estantes e o deixassem consultar as obras ali guardadas.

O historiador passou a tarde a analisar os exemplares possuídos e lidos quinhentos anos antes pelo almirante, começando pelo Livro dos Profetas, o documento que Colombo citou profusamente no seu diário e nas suas cartas; pelos vistos, o descobridor da América admirava sobretudo o profeta Isaías, o mais citado de todos. Percorreu ainda com os olhos o *Imago Mundi*, do cardeal Petrus d'Ailly, um texto sobre o mundo com notas marginais redigidas pela mão de Colombo; e a *História Natural*, de Plínio, também cheia de apontamentos reveladores. Coincidência, pensou o investigador, aquele Plínio era possivelmente o mesmo que Constança mencionara a propósito das peónias. Tomás estudou com cuidado as anotações, a maior parte rabiscada em castelhano e português, e apenas uma no que parecia ser italiano. Concentrou depois as suas atenções nas estranhas notas encontradas na *Historia rerum ubique gestarum*, do papa Pio II, antes de se voltar para as restantes obras. Examinou o exemplar da *De consulti dinibus et conditionibus orientalem regionum*, de Marco Polo, e ainda um livro de Plutarco, várias obras de Séneca e um volume da autoria do judeu português Abraão Zacuto, o influente conselheiro de D. João II.

Saiu da Biblioteca Colombina ao anoitecer, com a pesquisa concluída e algumas fotocópias na pasta. Voltou à esquerda, apanhou a Avenida de la Constitucion até à Puerta de Jerez, onde virou para o rio; sempre a pé, atravessou o Guadalquivir na Puente de San Teimo, desembocou na Plaza de Cuba e meteu-se na Calle dei Betis, a pitoresca rua marginal onde se encontrava o seu hotel, o El Puerto. Deixou as coisas no quarto e, após deter--se na janela para contemplar por instantes o bairro histórico donde viera, com a Torre dei Oro à direita, a branca e amarela Plaza de Toros de la Maestranza à esquerda e a esguia La Giralda ao fundo, sentou-se à beira da cama e pegou no telemóvel. Ligou para Constança, mas o telefone da mulher estava desligado. Deixou recado no atendedor automático e desceu à rua.

Percorreu descontraidamente a alegre Calle del Betis, sentando-se numa esplanada à beira-rio com uma cerveza na mão, os olhos perdidos a contemplarem o movimento lento dos barcos sobre o espelho escuro do Guadalquivir. Do outro lado do rio, no Paseo de Cristobal Colón, era igualmente visível o rebuliço da cidade a pulsar de vida. Passou parte da noite naquela colorida rua a tapear, a arte andaluza de saltitar de uma tasca para outra a saborear as diferentes tapas, acompanhando-as com manzanilla, sempre a expensas da fundação, claro. Ainda se deixou ficar noutra esplanada a ler mais um capítulo de Vigiar e Punir, em busca de pistas para a teimosamente resistente charada de Toscano, mas depressa o brilho das luzes no rio, dançando ao sabor da corrente, e o bulício irrequieto da cidade o convenceram a esquecer o trabalho e a mergulhar na alegre vida nocturna de Sevilha.

Debaixo do céu estrelado, a capital andaluz i palpitava sob a cadência vibrante do flamenco e das sevillanas. Aquela era a cidade de Cármen e Don Juan, da dança e da tourada, dos boémios e dos galhofeiros, e em parte alguma isso era mais visível do que ali, na Triana, o bairro onde imperavam as tapas e os tablaos, as danças sensuais e as noites escaldantes. Abandonou a beira-rio e foi deambular pela Calle de la Pureza, fascinado com as suas ricas fachadas coloridas. Comprou numa loja de turistas uma pequena boneca com um vestido vermelho, cheio de lantejoulas, era a prenda destinada a Margarida; para a mulher adquiriu um vistoso álbum com reproduções dos quadros de El Greco. Com os presentes embrulhados e escondidos num saco de plástico, juntamente com o livro de Foucault, percorreu a Triana até ser atraído pelo fragor de um animado buraco. Era um buliçoso e fumarento tablaao, onde o ar se agitava com os acordes duros da guitarra, a voz áspera do cantor em mangas de camisa e as batidas rápidas e profundas do sapateado e das castanholas exibidas pelas bailaoras, rodopiando furiosamente no palco, os braços esticados, os gestos graciosos e a pose orgulhosa, dançando ao ritmo frenético do flamenco, das palmas e dos soberbos olés! arrancados à multidão. Regressou esgotado ao El Puerto e adormeceu segundos depois de cair na cama, ainda semivestido, o saco de plástico esquecido no chão com as suas prendas e o livro de Michel Foucault.

Voltou de manhã ao Barrio de Santa Cruz e dirigiu-se directamente ao Archivo General de índias. O edifício cor de tijolo, com uma balaustrada no terraço, tinha quase meio milénio e foi originalmente uma lonja, a bolsa onde os mercadores faziam os seus negócios. Mas desde o

século xvm que para ali foram quase todos os documentos relacionados com o Novo Mundo. Concentravam-se aí mais de oitenta milhões de páginas manuscritas e oito mil mapas e desenhos, para além da correspondência de Cortês, Cervantes, Felipe II e outros. Era um desses "outros" que interessava Tomás.

O investigador português passou toda a manhã a consultar as cartas ali arquivadas de Cristóvão Colombo. Algumas permaneciam inacessíveis, por estarem a ser exibidas num sistema de rodízio, instalado para minimizar os danos da exposição à luz. Tomás tentou persuadir os responsáveis a deixarem-no consultar directamente esses originais, mas eles não cederam, nem mesmo perante as credenciais da Universidade Nova de Lisboa e da American History Foundation, alegando que não as podiam retirar agora do expositor; ele que fizesse uma requisição formal e teria resposta daí a alguns dias. O investigador teve, por isso, de se contentar com os microfilmes e fac-símiles dessas cartas expostas, de que tirou cópias. Mas as suas atenções não se limitaram à correspondência de Colombo e voltaram-se também para a cópia notarial da minuta da Institución de Mayorazgo, um crucial documento testamentário que igualmente se encontrava ali depositado.

Terminou a pesquisa no Archivo General de índias num aperto, em verdadeiro contra-relógio; tinha um avião para apanhar às três da tarde e ainda queria trincar algo. Engoliu apressadamente uma deliciosa sopa cachorrenas, com muito peixe, amêijoas e cascas de laranja amarga, e uns fideos a la malaguena, regados com um Montilla, numa tasca da Calle Romero Murube, antes de apanhar o táxi e ir num sufoco buscar as coisas ao hotel, pagar a conta e rumar finalmente na direcção do aeroporto. Instalado na traseira do carro e aliviado por ter completado a sua maratona matinal, voltou a ligar para o telemóvel de Constança, mas foi o atendedor automático quem lhe respondeu de novo.

Eram dez da noite quando meteu a chave na fechadura. Vinha cansado e queria tomar um banho, jantar e ir para a cama. Voltou a chave para a esquerda, a fechadura correu, a porta abriu-se e Tomás entrou em casa, pousando pesadamente a mala junto ao aparador.

"Meninas, cheguei!", anunciou, a boneca do vestido vermelho das lantejoulas numa mão e o livro de El Greco na outra, as prendas prontas a serem entregues.

O apartamento permanecia escuro, o que lhe pareceu deveras estranho. Ligou a luz e constatou que se encontrava tudo limpo e arrumado, mas não se via vivalma.

"Meninas!", chamou de novo, intrigado. "Onde estão vocês?"

Consultou o relógio e concluiu que era provável que se tivessem já ido deitar; ainda era cedo, mas, por vezes, o trabalho revelava-se duro, o cansaço sobrepunha-se à resistência e o sono atacava àquela hora. Percorreu em seis passos o pequeno apartamento, evitando fazer barulho, e espreitou pelas portas, mas deu com os dois quartos, o seu e o da filha, desertos. Deixou a mala sobre a cama de casal e olhou em redor, como se estivesse desorientado. Onde diabo estariam elas? Coçou a cabeça, intrigado. Teria havido algum problema? Ficou um longo momento a ponderar as suas opções. Podia ligar novamente para o telemóvel, mas ainda havia cinquenta minutos, logo que chegara ao aeroporto, tinha digitado o número de Constança e, mais uma vez, apenas o atendedor automático respondera. O que deveria agora fazer?

Saiu do quarto e dirigiu-se à cozinha; vinha esganado de fome, ele que não suportava as ementas plásticas dos aviões. Considerou que, com o estômago mais confortado, estaria em melhores condições para avaliar o que deveria fazer a seguir. Provavelmente, pensou, o melhor era mesmo esperar, elas acabariam por aparecer. Ao passar de novo pelo hall de entrada, a caminho da cozinha, reparou no jarro sobre o aparador, estava cheio de flores aos canudos, amarelas e salmão, que emergiam numa bateria de ramos longos e curvados, misturadas com outras flores amarelas que pareciam claramente serem rosas, as pétalas coloridas assomando de um cacho verde de folhas. Contemplou as flores por momentos, pensativo; aproximou-se e cheirou-as, pareciam-lhe frescas. Hesitou um instante, a mão a afagar o queixo, ruminando uma hipótese que lhe brotara na mente. Quanto mais pensava nela, mais achava que tinha de a verificar. Decidiu-se a mudar de rumo; em vez da cozinha, dirigiu-se à sala.

Os vasos que adornavam os móveis exibiam aí as mesmas flores. Sobre a mesa viu um papel. Pegou nele e analisou-o; era a factura da florista, mencionando a compra de rosas e dedaleiras. Permaneceu pensativo durante um longo momento. Depois, com a factura na mão, voltou-se para a estante, consultou os títulos e acabou por tirar um livro

guardado na prateleira mais alta. Tratava-se da Linguagem das Flores, a obra favorita de Constança.

Abriu o volume nas últimas páginas e consultou o glossário, procurando, nos d, as dedaleiras. Encontrou-as. O livro indicava que as dedaleiras representavam insinceridade e egoísmo. Levantou a cabeça, sobressaltado. Seria aquilo uma mensagem? Num movimento frenético, urgente e descontrolado, a roçar já o pânico, folheou de novo as páginas e deu com os r. Impaciente, procurou com o dedo a referência às rosas amarelas. Encontrou as rosas e chegou, quase de imediato, às rosas amarelas. O dedo imobilizou--se no que elas simbolizavam. Infidelidade.

XI

O telefone animou-se e tocou, zumbindo com urgência, como se estivesse impaciente. Tomás ergueu a cabeça da almofada, meio atarantado, e sentiu a luz do dia entrar pela janela e embater-lhe nos olhos, encandeando-o. Ergueu o pulso e consultou o relógio; eram nove e cinco da manhã. O telemóvel berrava-lhe aos ouvidos. Ainda ensonado, esticou o braço e, às apalpadelas na mesinha de cabeceira, encontrou o aparelho, sentiu-o a vibrar na mão à medida que tocava, olhou para o visor e reconheceu o número.

"Constança, onde é que vocês andam?", foi a primeira pergunta que disparou logo que premiu o botão verde.

"Estamos em casa dos meus pais", respondeu-lhe a mulher, num tom muito frio e distante, como se não tivesse obrigação de lhe prestar contas sobre o seu paradeiro.

"Está tudo bem?"

"Magnífico."

"Mas o que estás aí a fazer?"

"O que te parece?", retorquiu ela, a voz carregada de desafio. "Estou a tratar da minha vida, claro."

"Como assim, a tratar da tua vida?", insistiu Tomás, fingindo que nada percebera, que era ela quem se encontrava em falta. Alimentava a secreta esperança de que, se ignorasse o caso, se fingisse que aquelas

flores não estavam nos vasos nem significavam aquilo que aparentemente significavam, o problema evaporar-se-ia. "Que eu saiba, a tua vida é aqui."

"Ah, sim? E a tua, onde é?"

"A minha?", perguntou ele, simulando admiração. "A minha vida é aqui, claro, onde querias tu que fosse?"

"Ah, é? Por acaso viste as flores que aí deixei?"

"Quais flores?"

Ela fez uma pausa, hesitante. Tomás pensou que tinha ganho um ponto e sentiu-se mais confiante.

"Não te armes em parvo", exclamou Constança ao fim de alguns instantes. Decidira que o marido se fazia de sonso para não ter de enfrentar a situação; conhecia-o bem de mais para cair naquela conversa. "Tu viste as dedaleiras e as rosas amarelas e sabes muito bem o que elas significam."

Por esta altura, Tomás percebeu que a sua tática evasiva não iria resultar, mas, por uma questão de coerência, manteve a versão.

"Não vi, não", repetiu. "O que significam elas?"

"O nome Lena não te diz nada?"

A frase foi disparada com uma calma glacial e Tomás sentiu um calafrio percorrer-lhe o corpo. Era evidente, se dúvidas ainda existiam, que Constança estava realmente a par de tudo.

"E uma aluna minha."

"Rica aluna!", exclamou Constança com ironia. "E que matéria andavas tu a ensinar-lhe, pode saber-se?"

Foi a vez de Tomás fazer uma pausa. Como raio saberia ela tudo aquilo? Tentou reordenar as ideias e imediatamente concluiu que as evasivas não o conduziriam a lado nenhum, tinha de assumir a situação e procurar controlar os danos. Se é que tal ainda era possível.

"Houve realmente uma situação com essa aluna", admitiu numa entoação fraca, submissa. "Durou pouco e já acabou, de modo que..."

"Uma situação?", perguntou Constança, a voz a subir de tom, cheia de indignada assertividade. "Uma situação? Chamas das umas quecas a uma aluna «uma situação»?"

Vinha aí um ataque em forma, pressentiu Tomás, encolhendo a cabeça do outro lado da linha, num gesto reflexo.

"Bem... uh..."

"Então ando eu feita escrava de um lado para o outro a ajudar a nossa filha, a lutar pelo professor de ensino especial, a ir a toda a hora ao Ministério da Educação fazer exposições e reclamações, a ensiná-la a ler e a escrever, a levá-la aos exames médicos que nunca mais acabam, a esfalfar-me toda, e o menino passa as tardes num apartamento em Lisboa a dar umas valentes situações a uma puta sueca? Como te atreves tu, depois de andares metido com essa ordinaronia, a vires-me cá para casa todo armado em delicodoco, hã? Como te atreves a fazer-me isso, a mim, que ando toda rota a esmifrar-me, a fazer os possíveis e os impossíveis para que o barco ande para a frente? Como te atreves..."

Os gritos de revolta, disparados num tropel sôfrego, afogaram-se num turbilhão de soluços. Constança chorava agora.

"Pronto, meu amor. Pronto."

"Filho da puta", murmurou ela num gemido doloroso. "Grande cabrão!"

"Desculpa, desculpa. Estou mil vezes arrependido."

"Como pudeste fazer-me isto..."

"Constança, ouve. Fiz uma coisa de que já me arrependi e que já terminei. Não posso desfazer o que fiz, mas posso prometer-te que nunca voltarei a fazê-lo e que te amo muito."

O choro parou e ela pareceu ter recuperado a compostura.

"Vai à merda! Ouviste? Vai à merda, grande cabrão!"

Tomás sentiu-se desanimar; a situação assumia contornos de grande gravidade, os acontecimentos precipitavam-se e ameaçavam ficar fora de controlo.

"Oh, meu amor. Eu sei que fiz mal, nunca irei perdoar-me."

"Nem tu, nem eu, meu filho da puta!"

"Pronto, acalma-te."

"Eu estou calma, ouviste?", gritou ela, novamente alterada. "Estou até muito calma!"

"Pronto, pronto."

"Apenas te liguei para te informar de que podes vir a casa dos meus pais no próximo sábado, às três da tarde, para vir buscar a Margarida. E ela tem de regressar no domingo até às cinco. Percebeste? Quem ta vai entregar vai ser a minha mãe, porque eu nem te quero ver as fuças à frente. Percebeste, ó meu grande pulha?"

Tomás agitava-se na cama, a mão livre esfregando o cabelo, estava muito alarmado com o rumo que as coisas tomaram.

"Mas, ó meu amor..."

Três sinais sonoros anunciaram o emudecimento do telemóvel; a mulher tinha desligado. Aparvalhado, Tomás ficou sentado na cama a mirar o telemóvel, a mente mergulhada num turbilhão de ideias, de medos, de angústias. E, por entre aquele caos que agora lhe pesava na alma, aquele vendaval que ameaçava transformar a sua vida, voltou a interrogar-se sobre um ponto que não pudera esclarecer.

Como diabo tinha Constança sabido de tudo?

Passou os dias seguintes a tentar falar novamente com a mulher, mas a sogra tornou-lhe claro que ela não o queria nem ver. Quando o sábado chegou, foi a São João do Estoril e apresentou-se na casa dos sogros pelas três menos dez. Dona Teresa, a mãe de Constança, recebeu-o com uma pouco surpreendente frieza; deixou-o plantado no portão, a suportar o chuveiro do fim da manhã, à espera de que Margarida se aprontasse. A filha mostrou-se radiante quando o viu, mais ainda ao receber a boneca das lantejoulas.

Foram almoçar a uma pizzeria do Cascaishopping e decidiram passar a tarde a ver um filme. Margarida escolheu o Toy Story 2 e Tomás não teve outro remédio que não fosse suportar estoica-mente duas horas de Woody e Buzz Lightyear. Só à noite, esticados sobre o sofá da sala e com um livro da Anita nas mãos, conseguiu arrancar novidades à filha.

"A mamã está mesmo chateada contigo, papá", confirmou-lhe Margarida. "Fa'ta-se de cho'a', de cho'a', diz que és um pulha." Franziu o sobrolho. "Ó papá, o que é um pulha?"

"É alguém que se porta mal."

"Tu po'taste-te mal, foi?"

Tomás suspirou, desalentado.

"Sim, filha."

"O que fizeste?"

"Olha, não comi a papa toda."

"Ah", exclamou a pequena, meditando sobre a gravidade de tal crime. "Estás de castigo, é?"

"É isso. Estou de castigo."

"Coitadinho. Tens de papa' tudo."

"Pois é. E que mais diz a tua mãe?"

"Que és um ca'vãõ."

"Um carvão?"

"Sim, um caVãõ."

"Ah, um cabrão."

"Pois, um g'andessíssimo ca'vãõ. E a avó disse-lhe pa'a i' fala' com um advogado amigo dela."

Tomás deu um salto no sofá, endireitou-se e mirou a filha, alarmado.

"Um advogado?"

"Pois, diz a avó que ele é muito bom, vai-te da' cabo do canast'o."

"Ah, é?"

"Sim. O que é um canast'o?"

"Não é nada, filha. E o que diz a mãe?"

"Que vai pensa'."

Nada mais arrancou de Margarida. Entregou-a na tarde seguinte, deixando-a no portão da casa de São João do Estoril; deu-lhe um beijo na face, ela não quis o segundo, e viu-a desaparecer atrás da porta dos

sogros. Durante vários dias, e apesar das esperanças que acalentava, não recebeu notícias da mulher.

Em compensação, voltou a encontrar Lena na aula. A matéria dessa manhã centrava-se nas questões relacionadas com a arte dos pergaminheiros e o trabalho dos copistas nos scriptoriums, com ampla análise de algumas caligrafias dominantes, designadamente o carolíngio e a onciale, mais os diferentes tipos de gótico, começando pelo primitivo e passando pelo fraktur, pelo textura, pelo rotunda, pelo cursivo e pelo bâtarde. A sueca sentou-se, como era habitual, no fundo da sala, mas vinha mais provocante do que nunca. O vestido, muito justo ao corpo e de um vermelho berrante, abria-se num amplo decote onde se avolumavam os maciços seios, comprimidos um contra o outro e desenhando um rego profundo; era difícil olhar para ela sem que os olhos descaíssem para aquele peito opulento. Não trocaram palavras, mas, a dada altura, Tomás ainda se sentiu tentado a retomar a conversa no ponto onde a tinha interrompido; afinal de contas, as circunstâncias tinham-se alterado profundamente desde a última vez que se viram, no Chiado; ele agora vivia só e a jovem sueca, apetitosa como sempre, permanecia disponível. O professor controlou, porém, os instintos, dominou a tentação que o assaltava naquele momento de fraqueza e deixou as coisas ficarem por ali.

Tomás passou as noites solitárias a ler Michel Foucault, sempre empenhado na desesperante tarefa de encontrar uma pista para a enervante charada de Toscano. Mas a mente depressa abandonava os temas de Vigiar e Punir e vagueava pela confusão que se tornara a sua vida desde que Constança saíra de casa com a filha. Todas as horas de isolamento em casa, passadas como se fosse um eremita retirado do mundo, levaram-no a repensar profundamente o seu relacionamento com a mulher e a opção pela escapadela com a amante. Mais do que uma aventura sexual, considerou, o adultério foi talvez um sintoma da forma como se isolou de Constança, um isolamento possivelmente resultante da decepção provocada pelo desmoronar das elevadas expectativas que alimentara para o seu futuro comum. Fruto dessa desilusão, que, apesar de racionalizada, nunca acabou por resolver emocionalmente, carregava no peito um indizível ressentimento, uma revolta silenciosa, talvez mesmo um certo desespero de quem se viu atirado para um beco sem saída.

Deitado na cama ou estirado no sofá, sempre à espera de um telefonema que Constança teimava em não lhe fazer, Tomás voltou vezes sem conta ao mesmo pensamento, num esforço de titânica introspecção

para reconstituir os passos que lenta mas inexoravelmente o tinham conduzido àquele desfecho. O devaneio com Lena, parecia-lhe agora, não passara, afinal, de uma mensagem oculta, um texto escrito num código invisível sobre aquela rebelião quieta que carregava na alma. Numa viagem à descoberta de si mesmo, explorou os continentes que permaneciam por desvirginar num recanto da sua existência, tentando ouvir as vozes mudas que lhe gritavam das entranhas mais remotas, algures nas profundezas do inconsciente. O adultério foi, percebeu, o único som que elas conseguiram emitir, e era esse som que tentava agora entender, escutando-o como se fosse a mais significativa narrativa emocional alguma vez escrita sobre a sua pessoa. E o que lhe dizia aquele grito que lhe ecoava na mente e martelava a consciência?

Confrontado por esta interrogação, por inúmeras vezes se levantou e deambulou pelo pequeno apartamento, em pijama e com a barba por fazer, falando em voz alta para si mesmo. Como interpretar o seu adultério? A resposta, disse de si para si, radicava na profunda decepção que se seguiu ao nascimento de Margarida. Projectara na filha todos os sonhos e aspirações que não lograra obter para si próprio, e a revelação das suas limitações tinha sido um golpe duro de mais, um revés que, apesar das aparências, jamais conseguira digerir. Constança enfrentara a decepção com coragem, lidando com a questão olhos nos olhos. Mas ele reagira de modo diferente. Ao fim de nove anos de resistência, fugiu. Lena tinha sido a sua fuga, a válvula de escape para onde se refugiara, evitando o mundo dos problemas e vivendo na ilusão do paraíso. Acreditara inconscientemente que, desse modo, as dificuldades simplesmente desapareceriam, mas sabia agora que não era assim, elas ali permaneciam diante de si, mais vivas do que nunca, palpáveis, incontornáveis. No fundo, concluiu, a escapadela com a aluna nada tinha a ver com ela, com o seu corpo formidável, com o sexo inebriante, mas consigo mesmo, com os problemas que o assolavam, com as expectativas que a vida frustrara, com os medos que não conseguia enfrentar. Em busca de conforto, deambulou sozinho pela estrada da ilusão, como um bêbado, perdido nas teias anestésicas do adultério.

Sabia agora que foi o medo que o impediu de enfrentar os problemas da sua vida. Não o medo de alguém em particular, apenas o medo de sentir o que se refugiava dentro de si, o medo do sofrimento e da ansiedade provocados pela exposição aos seus próprios sentimentos. O medo da dor do crescimento, o medo da desaprovação, o medo de fazer

escolhas e assumir responsabilidades, o medo de lidar com as consequências, o medo de ser asfixiado pelas dificuldades e ansiedades do seu casamento. Lena foi, bem vistas as coisas, o desvio da estrada do quotidiano, o atalho que ele acreditou poder tomar para contornar todos aqueles temores que o atormentavam; foi a droga que ingeriu para se libertar da ansiedade que o oprimia, como se tivesse os movimentos tolhidos por uma invisível camisa-de-forças e precisasse de uma qualquer poção mágica que lhe desse energia para quebrar as amarras que o prendiam. O adultério não passou, afinal, de uma carapaça onde se refugiou, na ilusão de que assim se protegia do mundo, como se a vida fosse o mar e Lena uma concha.

Tomás deu consigo a falar sozinho diante do espelho do quarto de banho, procurando metáforas sobre si e sobre o seu casamento. A sua favorita era a de que ele era um icebergue e a relação com Constança ameaçava tornar-se um Titanic. Tal como o icebergue da célebre tragédia no Atlântico, a maior parte de si mesmo, aquela amálgama tenebrosa e desconhecida de que era feito o inconsciente, permanecia oculta debaixo de água, para lá dos olhares, afastada do escrutínio da sua atenção. Era uma parte que ele ignorava, que geria as suas emoções e comportamentos, que procurava soluções para problemas de cuja existência nem sequer tinha noção. Foi para evitar esse mundo subterrâneo do inconsciente, das frustrações reprimidas e das expectativas goradas, que procurou um refúgio numa outra alcova, deixando que esse gigante escondido sob o manto gelado da água rasgasse inadvertidamente o convés do seu casamento. O navio afundava-se agora, ferido de morte por tal monstro invisível, e ele, como o capitão da trágica história, deixava-se submergir, arrastado para o fundo do mar pela incontrollável corrente do destino.

Freud observou certa vez que o amor é uma redescoberta. É através do amor que tentamos recuperar a inocência perdida da felicidade que outrora sentimos, quando éramos bebés e vivíamos em paz com o mundo. O amor, bem vistas as coisas, tudo tinha a ver com uma vontade indefinível, etérea e imperceptível, de retornar à infância e ao afecto materno e alimentava-se da vã esperança de reencontrar essa felicidade desaparecida nos primórdios da existência. Tomás concluiu que foi isso o que viu no rosto lácteo e sardento de Constança quando a conheceu nas Belas-- Artes e com ela passeou pela praia de Carcavelos. O casamento mais não foi do que o desejo de reencontrar um paraíso que, afinal de contas, apenas existia num canto beatífico da memória. Não era Constança

que ele tinha visto diante de si, era antes uma idealização, um sonho, uma figura fantasiada pela nostalgia da infância, uma miragem construída pela lembrança inconsciente de tempos felizes. Foi essa idealização que Margarida, com todas as limitações resultantes da sua condição, inadvertidamente destruiu. Em silêncio, sem nunca formular a ideia de modo claro, sem jamais tomar plena consciência do drama que o consumia, Tomás definhava diante da desilusão, incapaz de recuperar do trauma que representara a aniquilação do sonho. Destruída uma ilusão, logo procurou conforto noutra.

Cada dia trazia um progresso na meditação de Tomás, apostado em vasculhar o mais profundo do seu ser para encontrar as respostas que procurava. Confrontado com as consequências das suas acções e com a solidão que o cercava, percebia neste momento, de modo mais claro, o que correria mal. Tinha projectado no mundo o que o mundo não era; ou seja, não vivia com Constança e com Margarida, mas com uma imagem que delas antecipadamente construía, vivia com uma fantasia que não era possível realizar. A fragmentação dessa imagem fantasiosa, provocada pelas circunstâncias da vida, constituiu um golpe duro de mais para o seu universo de expectativas; em vez de as aceitar tal como afinal eram, fugiu e procurou refúgio noutra ilusão, libertando-se aí da tensão negativa que acumulava no silêncio tumultuoso do inconsciente. Nesta fase, o problema que tinha diante de si já não era tanto o de perceber o que correria mal, mas o de determinar o que poderia agora fazer para emendar a mão. E aqui foi preciso dar um novo passo na introspecção em que se envolvera.

A resposta estava, queria-lhe parecer, na criação de intimidade. Quando casaram, arrebatados pelos poderosos ventos da esperança e resplandecendo sob a luz celestial emanada pelos seus sonhos, nada mais sabiam fazer que não fosse partilhar. A sua relação, tal como ela se desenvolveu nos primeiros anos, fez Tomás lembrar-se do mito de Aristófanes, relatado por Platão no seu Symposium. Segundo esse mito, o homem primordial tinha quatro braços e quatro pernas; as coisas começaram a correr mal quando essa criatura fundadora decidiu desafiar os deuses; Zeus, para a castigar, cortou-a em dois, dividindo o homem numa parte masculina e noutra feminina, ambas condenadas a viverem na ilusão de que um dia iriam restabelecer a união primordial perdida. Era esse, no fundo, o estado de alma em que se encontravam quando casaram; os dois queriam estar eternamente unos, procuravam fundir-se num só, e era nesse vão anseio que se inscrevia a sua intimidade.

Foi Margarida, com a sua infundável panóplia de problemas, quem desfez o sonho de fusão e tornou estranhos aqueles que antes eram íntimos. A filha nasceu e a dura realidade substituiu a doce ilusão. Havia uma nova prioridade para as suas vidas: ajudá-la a viver o mais normalmente possível. Já não estava em questão fazer dela a figura extraordinária que antes fantasiavam, mas auxiliá-la simplesmente a ser uma mera figura normal; teriam agora de se contentar com muito menos do que aquilo que antes ambicionaram. O choque deixou-os abalados e, na dorida convalescença da brutal queda na realidade, rodeados pelos cacos do sonho destruído, não lhes restou espaço para voltarem a reconstituir o ser primordial dividido por Zeus. Assumiram a tarefa de ajudarem a filha com obstinada resignação, evitando verbalizar entre si a desilusão que os corroía, como se o mero acto de colocar em palavras o que sentiam tivesse algum poder de agravar a situação. Reprimiram, por isso, a revolta muda que lhes rebentava nas entranhas, tornaram-se actores de uma peça de dissimulações, sangravam por dentro e sorriam por fora. Ele, mais do que ela, viu o mundo desmoronar-se, era como se os seus sonhos fossem um castelo de areia e a realidade uma vaga mais atrevida. Pelo caminho, a intimidade perdeu-se, submergida pela maré das dificuldades quotidianas, sufocada pelo súbito corte das linhas de comunicação, estrangulada pelo golpe que a frustração das expectativas lhes desferira quando se aperceberam de que a filha jamais seria como as outras crianças.

Fechado em casa, confrontado com as memórias do seu casamento despedaçado, Tomás mostrava-se agora firmemente convencido de que era essa intimidade que tinha de recuperar e essa realidade que tinha de aceitar se queria ter alguma hipótese, mesmo que muito remota, de voltar a reconstituir a vida com Constança.

Quando o telefone tocou, Tomás premiu de imediato o botão verde, sempre na esperança de que aquele fosse o telefonema por que tanto ansiava de Constança, havia quase uma semana que aguardava uma chamada, uma que fosse, mas apanhou nova decepção.

"Hi Tom", cumprimentou-o Moliarti.

"Olá, Nelson", devolveu Tomás em tom pesado, mal conseguindo disfarçar a desilusão.

"Há muito tempo que você não está dando notícias, cara. O que se passa?"

O português emitiu com a língua um estalido resignado.

"Isto não está fácil", desculpou-se. "O professor Toscano fez uma charada que não estou a conseguir deslindar."

"Mas a fundação lhe pagou a viagem a Génova e Sevilha. Com certeza que avançou alguma coisa, não?"

"Sim, sem dúvida", reconheceu. O americano tinha razão em protestar pela falta de novidades na pesquisa e Tomás amaldiçoou-se por ter deixado que o trabalho fosse relegado para segundo plano, se não mesmo quase abandonado. "Consultei documentos preciosos e trouxe cópias de todos aqueles que me pareceram relevantes. Mas o meu problema, neste momento, é entrar no cofre do professor Toscano. Ora, para o fazer, preciso de resolver essa charada complicada que ele deixou e que supos-tamente me dará a chave do código."

"Você não pode fazer um... como se diz? Uh... um break in?"

"Arrombar o cofre?", riu-se Tomás, divertido com a mentalidade prática dos americanos. "Não pode ser, a viúva não deixa."

"Fuck her!", exclamou Moliarti. "Por que você não monta o break in às escondidas?"

"Oh, Nelson, você está maluco. Eu sou um professor universitário, não um larápio. Se você quiser arrombar o cofre sem autorização da viúva, vá ao Cais do Sodré e contrate um maduro para lhe fazer esse trabalho. Eu é que não."

Moliarti suspirou do outro lado da linha.

"Okay, okay. Esqueça isso. Mas eu preciso de um briefing seu."

"Com certeza", assentiu Tomás. Olhou de relance para a sua documentação, espalhada pela mesinha da sala. "Encontramo--nos amanhã?"

"Legal."

"Onde? Vou aí ao hotel, é?"

"Não, no hotel não. Eu estava planeando ir almoçar ao restaurante Casa da Águia. Sabe onde é?"

"A Casa da Águia? Isso não é no Castelo de São Jorge?"

"Isso. Nos vemos à uma da tarde, sharp. Okay?"

Com todos os problemas que se tinham acumulado ultimamente na sua vida, distraíndo-o do trabalho, Tomás negligenciou a leitura de Michel Foucault. O telefonema de Moliarti teve o condão de fazer regressar ao topo das prioridades a resolução da charada de Toscano, pelo que voltou as suas atenções para a leitura do Vigiar e Punir. O livro encontrava-se já nas derradeiras páginas, pelo que conseguiu terminá-lo ainda nessa noite. Fechou o volume e ficou a contemplá-lo; sentia-se abatido por, mais uma vez, e apesar do enorme esforço que fez para se concentrar nos pormenores, não ter conseguido detectar qualquer pista que o conduzisse à resposta da enigmática pergunta formulada pelo falecido historiador. Sabendo que não tinha a opção de desistir e que existia um prémio chorudo no fim do caminho, caso lograsse levar a investigação a bom termo, vestiu um casaco e saiu de casa; havia mais livros para consultar e muito trabalho ainda pela frente.

Deu um salto ao centro comercial e foi visitar a livraria, em busca de novos títulos de Michel Foucault. Encontrou um exemplar de *Les touts et les choses* e pegou nele, esperançado em descobrir ali a solução para o enigma. Antes de se dirigir à caixa, no entanto, resolveu aproveitar estar ali para vaguear pela livraria, sempre era uma forma de relaxar o corpo e descontraír a mente, escapando, mesmo que por apenas alguns momentos, à tensão nervosa acumulada na última semana. Consultou a secção de história e ficou a namorar longamente o clássico de Samuel Noah Kramer, *A História Começa na Suméria*; já o tinha lido na faculdade, mas gostaria de o ter exposto na estante da sala, ao lado da edição da Gulbenkian de *O Livro*, de Douglas McMurtrie, e dos vários volumes da *História da Vida Privada*, outros dos seus favoritos.

Passou depois à secção de literatura, nem sempre uma das suas paixões, a não ser no que dizia respeito ao romance histórico, a única coisa na ficção que considerava de interesse, ou não fosse ele um historiador. Encontrou duas obras de Amin Maalouf que folheou com atenção; uma era *O Rochedo de Tânios*, a outra *Samarcanda*. Conhecera Maalouf quando leu *Os Jardins de Luz*, uma notável reconstituição fictícia da vida de Mani, o homem da Mesopotâmia que fundou o maniqueísmo. Sentiu-se tentado a adquirir os dois romances do autor libanês, mas controlou o impulso, a sua vida era demasiado complicada para andar agora a perder tempo com literaturas. Mesmo assim permaneceu naquela secção, distraído a consultar os títulos. Passou os dedos por livros tão diferentes

como Nação Crioula, de José Eduardo Agualusa, e Pantaleão e as Visitadoras, de Mário Vargas Llosa. O escritor peruano conduziu-o à autora chilena, de modo que logo deu consigo a folhear A Filha da Fortuna, de Isabel Allende. Na estante seguinte o seu olhar prendeu-se num título enigmático sobre uma bela capa, O Deus das Pequenas Coisas, de Arundhati Roy, mas só voltou a sorrir quando viu O Nome da Rosa, de Umberto Eco. Grande livro, pensou; difícil, mas interessante. Afinal de contas, jamais alguém penetrara daquele modo na mentalidade medieval.

Ao lado do clássico encontrava-se a última obra do mesmo autor, O Pêndulo de Foucault. Tomás fez um trejeito com a boca; ali andara mais outro desgraçado às voltas com Foucault. Sorte de Eco, considerou, esboçando um sorriso cúmplice; não teve de aturar o filósofo Michel Foucault, mas antes o físico Léon Foucault, certamente bem mais acessível. Se bem se lembrava, Léon foi o homem que, no século xix, demonstrou o movimento de rotação da Terra através de um pêndulo, o qual se encontra agora exposto no Observatório das Artes e Ofícios, em Paris. Mirando a capa do livro, porém, três palavras ressaltaram aos olhos de Tomás. Eco, pêndulo, Foucault. Arregalou as sobrancelhas e ficou paralisado durante um momento eterno, fitando intensamente as mesmas palavras gritadas na capa.

Eco, pêndulo, Foucault.

Pôs a mão no bolso interior do casaco, tirou a carteira com um gesto atabalhado, febril, excitado, e arrancou, por entre as notas de quinhentos e mil escudos, a pequena folha onde rabiscara a charada de Toscano. A pergunta do historiador ali estava, interrogando-o com todo o esplendor de um enigma que já começara a recear ser irresolúvel:

QUAL O ECO DE FOUCAULT PENDENTE A 545?

Os olhos dançaram entre a capa do livro e a pergunta rabiscada nesta folha de papel. Eco, Foucault, pendente. Eco, pêndulo, Foucault. O livro chamava-se O Pêndulo de Foucault e tinha sido escrito por Umberto Eco. O professor Toscano perguntava-lhe "qual o Eco de Foucault pendente a 545?". Como se tivesse sido atingido por um raio divino, Tomás sentiu-se iluminar.

Fiat lux!

Não era nos livros de Michel Foucault que se encontrava a chave para a charada, mas naquele romance de Umberto Eco sobre o pêndulo do

outro Foucault, o Léon. Como pudera ser tão estúpido?, amaldiçoou-se. A resposta ao enigma estivera sempre debaixo do seu nariz, tão simples e evidente, tão fácil, tão lógica, e foi apenas a sua absurda cisma em Michel Foucault que o distraiu da resposta correcta. Qualquer um perceberia logo que aquela era uma referência explícita ao pêndulo de Foucault, mas não ele, o homem das letras, o professor doutorado, o amante de filosofia. O idiota.

Voltou a contemplar o livro e o papel, os olhos sempre saltitando entre um e outro, até que a sua atenção se prendeu no derradeiro elemento da pergunta, os três algarismos antes do ponto de interrogação.

545.

Com um movimento trapalhão, executado como se estivesse a morrer de fome e lhe tivessem oferecido um banquete digno de reis, folheou apressadamente o livro, numa ânsia trôpega de descobrir finalmente a solução, e só parou quando encontrou a página 545.

XII

O Bairro de Alfama resplandecia em toda a sua glória pitoresca, com as fachadas degradadas das velhas casas quase tapadas por enxames de vasos a transbordar de flores e pelas roupas penduradas a secar diante das grandes janelas, viam-se camisas, cuecas, calças e meias a pender de cordas esticadas nas varandas em ferro. Alheio ao espectáculo do bairro a pulsar de vida, Tomás mantinha a cabeça inclinada para baixo e os olhos fixos nas pedras da calçada, bufando enquanto escalava as ruelas íngremes e estreitas e as múltiplas escadarias do morro do castelo, a pasta com os documentos sempre pendurada na mão direita, como um fardo que arrastava colina a cima; ignorava até as prazenteiras esplanadas e as animadas tabernas e mercearias que espreitavam pelos becos, mais os tranquilos antiquários e as coloridas lojas de artesanato, tudo comprimido naquele emaranhado de ruas apertadas, e foi com alívio que alcançou a Rua do Chão da Feira e cruzou a Porta de São Jorge, entrando, por fim, no largo perímetro do Castelo de São Jorge.

Extenuado e quase ofegante, estacou à sombra dos pinheiros da Praça de Armas, junto à ameaçadora estátua de D. Afonso Henriques, pousou a pasta por momentos e olhou em redor, apreciando as muralhas medievais que defendiam aquela grande praça com enormes canhões

seiscentistas. Foi no Castelo de São Jorge que viveram todos os reis portugueses desde que D. Afonso Henriques conquistou Lisboa aos mouros, em 1147. Até D. João II e D. Manuel I, os grandes monarcas dos Descobrimentos, residiram naquele castelo, erguido sobre a colina que dominava o centro da cidade. Cruzou a praça arborizada e apoiou-se no muro de pedra, contemplando Lisboa deitada a seus pés, o casario de telhados avermelhados a estender-se até ao recorte do horizonte, o espelho plácido do Tejo a reluzir em frente, apenas subjugado pela enorme estrutura vermelha de ferro que o cruzava, era a Ponte 25 de Abril, lá ao fundo.

Percorreu o caminho ao longo das muralhas, sempre a namorar Lisboa, até chegar a uma esplanada, instalada no pátio da antiga residência real, à sombra da colossal Torre do Paço. Pequenos leões em pedra guardavam a entrada do pátio, observando as mesas circulares instaladas junto ao muro, a cidade a espriar-se ali ao lado. Nelson Moliarti acenou-lhe de uma das mesas, colocada entre uma velha oliveira de tronco carnudo e um gigantesco canhão seiscentista, e Tomás juntou-se-lhe. Ficaram instalados na esplanada, apesar de ser evidente para o historiador que o tempo cinzento e fresco não era dos mais convidativos para almoçar ali; a verdade, todavia, é que o americano não parecia minimamente incomodado com a invernia, aquela esplanada era-lhe até muito simpática. Trocaram cumprimentos e as habituais palavras de circunstância; encomendaram a refeição e, já ultrapassadas as formalidades que aquele tipo de reunião exigia, Tomás expôs o que tinha descoberto sobre o trabalho efectuado por Toscano.

"Com base nas fotocópias que encontrei na casa da viúva e nos registos de requisições das bibliotecas de Lisboa, Rio de Janeiro, Génova e Sevilha é possível estabelecer, para lá de qualquer dúvida, que o professor Toscano passou a maior parte da sua investigação a averiguar as origens de Cristóvão Colombo", anunciou Tomás. "Ele parecia sobretudo interessado em analisar todos os documentos que ligam o descobridor da América a Génova e, em particular, queria atestar a sua fiabilidade. O que vou expor-lhe a seguir são, consequentemente, os dados que o professor reuniu e as conclusões a que julgo ele ter chegado."

"Me deixe clarificar esse ponto", pediu Moliarti. "Você está em condições de garantir que o professor Toscano não passou quase tempo nenhum estudando o processo da descoberta do Brasil?"

"Ele dedicou-se ao tema para que foi contratado na fase inicial do projecto, isso parece-me certo. Mas a meio da investigação deve-se ter cruzado inadvertidamente com um qualquer documento que o desviou do rumo traçado no início."

"Que documento?"

"Ah, isso não sei."

Moliarti abanou a cabeça.

"Son of a bitch!", praguejou em voz baixa. "Nos esteve mesmo enganando esse tempo todo."

Fez-se uma pausa. Tomás manteve-se quieto, aguardando que o seu interlocutor se acalmasse. Com grande sentido de oportunidade, o empregado regressou com as entradas, um foie gras sauté ao natural com pêra bêbada e folhas de chicória para o americano e uma terrina de queijo de cabra com tomate cherry confitado, maçã caramelizada, mel e orégãos para o seu convidado. O aspecto requintado do hors d'oeuvre contribuiu para serenar Moliarti.

"Continuo?", perguntou Tomás logo que o empregado se afastou.

"Sim. Go on." Pegou no garfo e mergulhou a sua pêra no foie gras sauté. "Bom apetite."

"Obrigado", disse o português, experimentando a maçã caramelizada no queijo de cabra. "Vamos então ver quais os documentos que ligam Colombo a Génova." Inclinou-se na cadeira e pegou na pasta, que estava encostada a um dos pés da mesa; tirou uma folha da pasta. "Esta é uma fotocópia da carta cento e trinta, remetida pelo prior do Arcebispado de Granada, o milanês Pietro Martire d'Anghiera, ao conde Giovanni Borromeo a 14 de Maio de 1493." Entregou a folha ao americano. "Ora leia."

Moliarti pegou na folha, estudou-a de relance e devolveu-a.

"Tom, me desculpe, mas não entendo latim."

"Ah, perdão." O português segurou na fotocópia e apontou para uma frase. "Diz aqui o seguinte: «redita ab Antipodibus ocidinis Christophorus Colonus, quidam vir ligur»."

"E o que quer isso dizer?"

"Quer dizer que chegou dos antípodas ocidentais um tal Christophorus Colonus, homem lígure." Tirou uma segunda folha da pasta. "E, numa outra missiva dirigida ao cardeal italiano Ascanio, a carta cento e quarenta e dois, refere-se a Colombo como sendo «Colonus Me novi orbis repertor», ou seja, Colonus, aquele descobridor do Novo Mundo." Ergueu o dedo. "Atenção, Anghiera chamou-lhe Colonus, não Colombo."

"Onde é que estão essas cartas?"

"Foram publicadas em 1511 pelo alemão Jacob Corumberger com o título *Legatio Babilónica* e republicadas em 1516 pelo milanês Arnaldi Guillelmi na obra *De orbe novo decades*, um relato da história de Castela repleto de erros."

"Mas você viu as cartas originais?"

"Não, julgo que não sobreviveram."

"Então os que as compilaram podem ter-se enganado nas referências ao nome de Colombo."

Tomás balançou afirmativamente a cabeça enquanto devorava o resto da sua terrina de queijo de cabra.

"É evidente que, não havendo os textos originais, esse é um problema sério. Aliás, tornou-se mesmo recorrente nos documentos sobre as origens de Colombo. Nunca sabemos até que ponto os copistas foram rigorosos e até que ponto não houve tentativas de apropriação da nacionalidade do navegador, em alguns casos forjando documentos, noutros, provavelmente maioritários, mudando apenas pontos-chave dos respectivos conteúdos. Como sabe, basta às vezes alterar uma simples vírgula para se modificar totalmente o sentido de um texto. Sendo que não vi as cartas originais de Anghiera, mas apenas as reproduções de 1511 e 1516, é possível que tenha havido adulteração do nome. É importante salientar, no entanto, que o que é válido para o nome é igualmente válido para a referência à origem de Colombo. Anghiera sugeriu que ele era da Ligúria, mas terá sido correctamente transcrita a origem do descobridor da América?"

"Esse Anghiera conhecia pessoalmente Colombo?"

"Alguns historiadores acham que sim, mas a verdade é que, na carta cento e trinta, ele refere-se ao navegador como sendo um tal

Christophorus Colonus. Ora, quando uma pessoa, ao referir-se a outra, diz «um tal», está implícito que, pelo menos nessa altura, não a conhece pessoalmente, não é?"

"Seja", assentiu Moliarti, enquanto concluía o foiegras sauté. "Admitamos que há problemas de fiabilidade no texto desse tal Anghiera. Mas suponho que existam outros documentos a ligarem Colombo a Génova, ou não?"

"Há mais coisas, há", sorriu Tomás. "Outro italiano, o vene-ziano Angelo Trevisano, enviou em 1501 a um seu conterrâneo uma tradução para italiano de uma primeira versão da *De orbe novo decades*, de Anghiera, onde mencionou a amizade que Anghiera tinha com «Christophoro Colombo zenoveze», estabelecendo assim, e pela primeira vez de forma clara, a ligação do navegador com Génova."

"Está a ver?"

"O problema é que o professor Toscano desconfiava da veracidade de elementos desta edição, citando, para isso, nas suas notas, as suspeitas do investigador Bayerri Bertomeu. Fui ler Bertomeu e verifiquei que este autor duvida da autenticidade do texto de Anghiera por lhe parecer que estava tudo acomodado ao paladar do público letrado italiano. É um pouco como se a *De orbe novo decades* fosse um texto sensacionalista, do género dos que Américo Vespucci publicou nessa época sobre o Novo Mundo. Não dizia necessariamente a verdade, mas o que o público queria ouvir. E o que os italianos queriam ouvir é que foi um italiano quem fez la grande scoperta da América."

"Hmm", murmurou Moliarti, coçando o queixo. "Parece-me especulativo."

"É especulativo", concordou Tomás. "Mas, afinal, o que não é especulativo em torno de Colombo?" Sorriu. "Já lá vamos. Deixe-me só dizer-lhe que Trevisano publicou em 1504 o *Libretto di tutte le navigationi di Re di Spagna*, no qual se refere novamente ao «Cristoforo Colombo Zenovese»."

Moliarti apontou para a pasta deitada no regaço do historiador.

"Tem fotocópia desse texto?"

"Não", retorquiu Tomás, abanando a cabeça. "Não sobreviveu nenhum exemplar do *Libretto*."

"Então como sabe o que vem lá escrito?"

"É citado por Francesco da Montalboddo no Paesi nuova-mente ritrovati, publicado em 1507."

"Isso chega, não?"

"Sim, se aceitarmos o princípio das fontes secundárias. Mas o que é facto é que, mais uma vez, voltamos a não ter acesso ao texto original, apenas a uma cópia em segunda mão, com todas as consequências que daí possam advir. Por outro lado, é importante sublinhar que Trevisano não conheceu Colombo pessoalmente, limitando-se, também ele, a citar em segunda mão, neste caso Anghiera. Ou seja, Montalboddo cita Trevisano, que cita Anghiera." Procurou uma anotação no seu bloco. "Além disso, o próprio Montalboddo chegou a afirmar que, «depois dos romanos, só os itálicos descobriram terras», uma declaração extraordinária que, de tão absurda, indicia ter este autor uma intenção de provar que todos os descobridores eram italianos, mesmo os que não eram." Fixou o seu interlocutor. "Como deve calcular, a fiabilidade da informação veiculada nestas condições e com estas motivações não é lá muito elevada."

"Eliminemos então Trevisano. O que fica?"

"Muita coisa, muita coisa." Retirou um pequeno volume de fotocópias da pasta. "Em 1516, dez anos depois da morte de Colombo, um frade genovês que foi bispo de Nebbio, chamado Agostino Giustiniani, publicou um texto em várias línguas, intitulado *Psalterium hebraeum, graecum, arabicum et chaldeum*, etc, que se revelou um maná de informação até aí desconhecida. Giustiniani revelou ao mundo que o descobridor da América, um Christophorus Columbus de «pátria Genuensis», era de «Vilibus ortus parentibus», ou seja, de pais plebeus humildes, sendo que o pai seria um «carminatore», um cardador de lãs, que não nomeou. Ainda segundo Giustiniani, Colombo também foi cardador de lãs, tendo recebido uma instrução rudimentar. Antes de morrer terá deixado um décimo das suas rendas ao Ufficio di San Giorgio, o banco de São Jorge, de Génova. Estas informações foram reiteradas por Giustiniani numa segunda obra, o *Castigatissimi Annali*, publicada postumamente em 1537, onde apenas corrigiu a profissão de Christophorus. Já não seria um cardador de lãs, mas um tecelão de seda."

"Isso bate certo com o que hoje sabemos sobre Colombo." "Sem dúvida", reconheceu Tomás. "Todavia, nas notas que deixou, o professor

Toscano enumerou alguns problemas que detectou em toda a informação prestada por Giustiniani no *Psalterium* e no *Castigatissimi Annali*. Em primeiro lugar, Colombo não pode ter deixado ao banco de Génova um décimo das suas rendas porque morreu na miséria. Ora, um décimo de nada é coisa nenhuma." Sorriu. "Mas isto é só um pormenor caricato. Bem mais séria é a informação de que Colombo era um tecelão de seda sem qualquer instrução, uma vez que ela levanta enormes perplexidades. Então, se ele tecia sedas e era um parolo ignorante, onde diabo arranjou os avançados conhecimentos de cosmografia e náutica que lhe permitiram navegar em mares desconhecidos? Como é possível que, nessas condições, lhe tenham confiado, não um navio, mas esquadras inteiras? Como pode ele ter chegado a almirante? É admissível que tal plebeu tivesse casado com Dona Filipa Moniz Perestrelo, uma portuguesa de origem nobre, descendente de Egas Moniz e parente do condestável D. Nuno Álvares Pereira, numa época de grandes preconceitos de classes em que as uniões entre homens do povo e mulheres da

nobreza não existiam? De que modo um indivíduo tão ignorante obteve acesso à corte do grande D. João II, no seu tempo o mais poderoso e informado monarca do mundo?" Acenou com as cópias das anotações de Toscano. "Parece-me claro que, para o professor Toscano, nada disto fazia sentido. Para além do mais, Giustiniani não conheceu o navegador pessoalmente, limitando-se a citar informações alheias. O próprio filho espanhol de Colombo, Hernando Colón, acusou Giustiniani de ser um falso historiador e apontou-lhe vários erros factuais facilmente verificáveis para cripticamente sugerir que o autor genovês também tinha dado falsas informações sobre «en este caso que es oculto», expressão enigmática do livro de Hernando que se presume dizer respeito às origens do pai."

"I see", murmurou Moliarti, taciturno. "E que mais?"

"No que diz respeito às reivindicações italianas feitas no século xvi, ficamos por aqui."

O empregado interrompeu a conversa com o almoço. Retirou os pratos vazios das entradas e depositou uns lombinhos de tamboril com limão diante de Moliarti e um prato de camarão e lagostins no forno com molho de tomate, limão e alcaparras e xarém de milho branco e amêijoas à frente de Tomás; nos copos despejou, a pedido do americano, um Casal Garcia branco muito gelado.

"O que mais gosto em Portugal é do peixe", comentou o homem da fundação, à medida que espremia o limão sobre o tamboril. "Peixe grelhado e vinho verde frio."

"Não é mau, não", concordou Tomás com um camarão espetado no garfo.

"Hmm, delicioso!", exclamou Moliarti enquanto trincava o tamboril. Fez um gesto com o garfo na direcção do seu convidado. "Não há mais?"

"Não há mais o quê?"

"Uh... cronistas quinhentistas com referências a Colombo."

"Há os autores ibéricos." Bebeu um trago de vinho. "Começamos pelos portugueses. Ruy de Pina, no início do século xvi, falou no «Cristovam Colonbo, italiano». Garcia de Resende fez o mesmo em 1533 e António Galvão em 1550, enquanto Damião de Gois em 1536 e João de Barros e Gaspar Frutuoso em 1552 especificaram a origem genovesa do navegador, a quem a maior parte chamava Colom."

"É muita gente a dizer a mesma coisa..."

"De facto", concedeu Tomás. "Mas só Ruy de Pina deve merecer crédito especial porque foi contemporâneo dos acontecimentos e, provavelmente, conheceu Colombo em pessoa. Os restantes cronistas portugueses limitaram-se a papagueá-lo, a ele e aos autores italianos que já mencionei. Uns escreveram que Colombo era italiano porque foi isso o que Pina disse, outros davam a origem genovesa porque era essa a informação posta a circular por Trevisano, Montalboddo e Giustiniani."

"Considera genuína a afirmação de Pina?"

"Absolutamente."

"Ah", sorriu Moliarti, esfregando as mãos com satisfação. "Muito bem."

"Mas devo dizer que, consultando as notas do professor Toscano, verifiquei, com surpresa, que ele tinha dúvidas."

"Dúvidas?"

"Sim", confirmou Tomás, esboçando um trejeito de boca. "No entanto, não fundamentou as suas dúvidas. Apenas anotou a lápis, à margem da cópia microfilmada da Crónica do Rei D. João II, que se

encontra na Torre do Tombo, uma observação curiosa." Consultou a fotocópia em causa. "«Isso é que era bom», escreveu ele, acrescentando ainda «espertalhões»."

Moliarti contraiu os músculos faciais, carregou as sobrancelhas e fez uma careta intrigada.

"O que diabo quer isso dizer?"

"Não faço a mínima ideia, Nelson. Vou ter de estudar isto."

O americano abanou a cabeça, condescendente.

"Bem, e os outros autores ibéricos?"

"Já mencionei os portugueses, faltam agora os espanhóis. Principiemos pelo vigário Andrés Bernáldez, que publicou em 1518 a *Historia de los Reyes Católicos*. Pois o nosso amigo Bernáldez disse que Colombo nasceu ao mesmo tempo em duas cidades, Milão e Génova."

"Como assim, em duas cidades? Ou nasceu numa, ou nasceu noutra."

"Não, a acreditar em Bernáldez. A edição de 1556 da sua obra, editada em Granada, coloca Colombo a nascer em Milão e a de 1570, de Madrid, já situa o seu berço em Génova."

"Mas você não disse que ele publicou o livro em 1518?"

"Lá publicar, publicou. Mas não sobreviveu nenhum exemplar das primeiras edições. As mais antigas são as de Granada e Madrid, que divergem nessa informação crucial."

O americano rolou os olhos, impaciente.

"Next."

"O cliente que se segue é outro espanhol." Exibiu um pequeno maço de fotocópias. "Chamava-se Gonzalo Fernández de Oviedo e começou a publicar a sua *Historia General y Natural de las índias* em 1535. Pois Oviedo cita italianos que se disputam quanto à naturalidade de Colombo. Segundo ele, uns dizem que o navegador era de Savona, outros de Nervi e outros ainda de Cugureo. Oviedo não conheceu pessoalmente Colombo e toda a informação de que dispunha era a de «ouvir dizer» a alguns italianos." Guardou o maço de fotocópias na pasta. "Isto é, Oviedo não passa de mais uma fonte em segunda mão."

O americano suspirou com enfado.

"What else?"

"Restam-nos os documentos publicados nos séculos posteriores ao século xvi e três textos muito importantes, considerando a identidade dos seus autores."

Fez uma pausa dramática, que despertou a curiosidade de Moliarti.

"Quem foram?"

"O historiador espanhol frei Bartolomé de las Casas, o filho espanhol de Colombo, Hernando Colón, e o próprio Cristóvão Colombo."

"Muito bem."

"Comecemos por Bartolomé de las Casas, que, para além de Hernando Colón, foi o cronista contemporâneo de Colombo que mais escreveu sobre o descobridor da América. Las Casas redigiu a sua Historia de las índias entre 1525 e 1559. Disse que conheceu Colombo quando ele chegou a Espanha e teve acesso aos seus documentos depositados no Convento de Las Cuevas, em Sevilha. Este historiador atribuiu-lhe origem genovesa."

"Ah!", exclamou Moliarti, inclinando-se sobre a mesa, o guardanapo a roçar os restos do tamboril. "Aí está uma fonte segura."

"Sem dúvida", assentiu Tomás, trincando um lagostim. "Infelizmente, voltamos aqui a encontrar alguns problemas. Em primeiro lugar, a Historia de las índias só foi publicada em 1876, mais de três séculos depois de ter sido redigida. Sabe-se lá por que mãos passou entretanto. O facto é que o professor Toscano detectou raspagens e intercalações no manuscrito original. Um segundo problema tem a ver com a fiabilidade do texto de Las Casas. O investigador espanhol Menéndez Pidal encontrou-lhe exageros e inexactidões, algo que emerge na sua declaração de que conheceu Colombo quando ele chegou a Espanha."

"Não conheceu?"

"Vamos colocar as coisas deste modo", disse Tomás, pegando numa caneta. "Cristóvão Colombo entrou em Espanha em 1484, proveniente de Portugal". Rabiscou 2484 nas costas de uma fotocópia. "Las Casas nasceu em 1474." Escreveu 1474 por baixo da data anterior e traçou o sinal de

subtracção. "Isto significa que Las Casas conheceu o almirante quando tinha apenas dez anos de idade e quando Colombo ainda era um desconhecido." Assinalou 2484 -1474 - 10. "Acha credível que uma criança de dez anos registre na memória um encontro com um homem a quem, naquela altura, oito anos antes da descoberta da América, ninguém atribuía a mínima importância? Acha isso normal?"

Moliarti voltou a suspirar e baixou os olhos.

"De facto..."

"Passemos agora à testemunha mais importante, para além do próprio Colombo." Guardou a caneta no bolso interior do casaco e tirou um livro da pasta. "Hernando Colón, o segundo filho do almirante, nascido da sua ligação com a espanhola Beatriz de Arana e autor da *Historia del Almirante*." Exibiu o livro, com o título em castelhano, que adquirira em Sevilha. "Aqui está o que deveria ser, sem sombra de dúvida, uma verdadeira mina de informações. Hernando Colón era filho do almirante e ninguém se atreve a disputar o facto de que ele conhecia o pai. Tinha, por isso, acesso a informação privilegiada. Ora, o nosso Hernandito tornou imediatamente claro que tinha escrito aquela biografia porque havia outros que tentaram fazê-lo sem conhecerem os verdadeiros factos. Entre os falsificadores nomeou especificamente Agostino Giustiniani, o tal frade genovês que anunciara ao mundo que Colombo era originalmente um tecelão de seda em Génova." "Mas Hernando confirmou que o pai era de Génova?" "Aí é que está o problema. O filho de Colombo não disse inequivocamente que ele era de Génova. Bem pelo contrário. Hernando revelou ter-se deslocado por três vezes a Itália, em 1516, em 1529 e em 1530, para apurar se tinham fundamento as informações propaladas na altura. Andou à procura de familiares, questionou várias pessoas com o apelido de Colombo e foi pesquisar nos arquivos notariais. Nada. Não encontrou, nas três vezes que passou pela região de Génova, o rasto de qualquer familiar. Porém, localizou as origens do pai em Itália, mais concretamente em Piacenza, em cujo cemitério, segundo ele, existiam sepulturas com armas e epitáfios de Colombo. Hernando revelou que os seus antepassados eram de sangue ilustre, embora os avós tivessem chegado a uma situação de grande pobreza, e negou que o pai fosse uma pessoa sem instrução, chamando a atenção para o pormenor de que só alguém com uma elevada educação poderia desenhar mapas ou executar

grandes feitos. A Historia del Almirante deu também detalhes sobre a chegada do pai a Portugal. Teria sido por causa de "um homem, assinalado do seu nome e família, chamado Colombo", que Hernando identifica a seguir como Colombo, o Moço. Durante um combate no mar, algures entre Lisboa e o cabo de São Vicente, no Algarve, Cristóvão terá caído à água e nadado duas léguas até terra, agarrado a um remo. Seguiu depois para Lisboa, onde, segundo Hernando, «se achavam muitos da sua nação genovesa»."

"Aí está!", exclamou Moliarti com um sorriso triunfal. "A prova, dada pelo próprio filho de Colombo."

"Eu concordaria consigo", atalhou Tomás, "se pudéssemos ter a certeza de que foi mesmo Hernando Colón quem escreveu isto."

O americano recuou a cabeça, admirado.

"Ué! E não foi?"

O historiador consultou as fotocópias das anotações de Toscano.

"Pelos vistos, o professor Toscano tinha dúvidas."

"Que dúvidas?"

"Dúvidas relacionadas com a fiabilidade do texto e com estranhas contradições e inconsistências que dele constam", esclareceu Tomás. "Começemos pelo manuscrito. Hernando Colón completou a sua obra, mas não a publicou. Morreu sem deixar descendentes, pelo que o manuscrito passou para o sobrinho, Luís de Colón, o filho mais velho do seu irmão português, Diogo Colom. Luís foi interpelado em 1569 por um genovês chamado Baliano Fornari, que lhe propôs publicar a Historia del Almirante em três línguas, latim, castelhano e italiano. O sobrinho de Hernando concordou e entregou o manuscrito a este genovês. Fornari levou a obra para Génova, traduziu-a e em 1576 publicou em Veneza a versão italiana, dizendo que o fazia para que «possa ser universalmente conhecida esta história cuja glória primeira deveria ir para o estado de Génova, pátria do grande navegador». Esqueceu as duas outras versões, incluindo a castelhana original, fazendo depois desaparecer o manuscrito." Ostentou de novo o exemplar em espanhol do livro de Hernando Colón. "Oi seja, o que está aqui não é o texto original em castelhano, é uma tradução do italiano, a qual, por sua vez, é uma tradução do castelhano encomendada por um genovês que se confessava

empenhado em atrair glória a Génova." Pousou o volume na mesa. "Em suma, e de certo modo, trata-se de mais uma fonte em segunda mão."

Moliarti esfregou os olhos, agastado com a embrulhada.

"E quais as inconsistências?"

"Em primeiro lugar, a referência às sepulturas com armas e epitáfios dos Colombo em Piacenza. Visitando o cemitério da cidade, constata-se que esses túmulos existem, de facto, mas não com o nome de Colombo. São antes os Colonna." Sorriu. "A crer nas notas do professor Toscano, dá a impressão de que houve aqui mãozinha do tradutor genovês, alterando Colonna para Colombo. Aliás, noutro trecho, o tradutor deixou passar a latinização de Colón para Colonus, não Columbus, contrariando assim a versão de que as sepulturas eram dos Colombo."

"Mas Hernando não disse que o pai se fez ao mar por causa do tal Colombo Rapaz, que era da sua família?"

Tomás riu-se.

"Colombo, o Moço, Nelson. O Moço." Folheou o exemplar da Historia del Almirante. "O livro relata isso, de facto. Mas, repare, essa é mais uma contradição. É que Colombo, o Moço, era um corsário que nem sequer se chamava Colombo. Tratava--se de Jorge Bissipat, a quem os italianos alcunharam Colombo, o Moço, por comparação com Colombo, o Velho, como era conhecido o normando Guillaume de Caseneuve Coullon, chamado Colombo por analogia com a expressão francesa coup--long, golpe longo, adaptada ao Coullon."

"Que trapalhada."

"Pode crer. Mas a questão é esta. Como poderia Colombo, o Moço, ser nome e família do pai de Hernando se, no caso do Moço, Colombo não era nome, mas alcunha? A única hipótese é ter havido aqui mais uma mãozinha do tradutor a mexer no que não sabia, estabelecendo de motu próprio uma relação familiar entre Cristóvão e Colombo, o Moço, que manifestamente não podia existir."

Moliarti recostou-se na cadeira, desconfortável. Tinha acabado o tamboril e afastou o prato.

"Bem, mas seja Colonna ou Colombo, seja em Piacenza ou em Génova, o facto é que Hernando colocou a origem do pai em Itália."

"Pois o professor Toscano parece ter tido dúvidas quanto a isso", devolveu Tomás, sempre mergulhado nas notas. "Nas suas anotações, e ao lado das referências na Historia del Almirante a Piacenza como sendo a verdadeira origem de Cristóvão, rabiscou a lápis a indicação de que a pessoa que era originária dessa cidade italiana não era o navegador, mas Dona Filipa Perestrelo, a mulher portuguesa de Colombo e mãe de Diogo Colom, a qual, pelos vistos, tinha alguns antepassados de Piacenza. Toscano parecia acreditar que Hernando, no texto original, mencionara Piacenza como origem remota de Dona Filipa e que foi o tradutor italiano quem retocou esse trecho, transformando Dona Filipa em Cristóvão. Aliás, Toscano anotou aqui o ditado italiano «traduttori, traditori», que quer justamente dizer tradutores, traidores."

"Isso é especulativo."

"Verdade. Mas novamente lhe chamo a atenção para o facto de que quase tudo é especulativo no que diz respeito a Colombo, tão grandes são os mistérios e contradições em torno do descobridor da América." Voltou a mirar a Historia del Almirante. "Deixe-me mostrar-lhe aqui outras inconsistências observadas pelo professor Toscano e que cimentam a hipótese de não ser Hernando Colón o autor de todas as afirmações que daqui constam. Por exemplo, esta conversa de que o pai, depois de nadar até terra, foi para Lisboa, onde «se achavam muitos da sua nação genovesa»."

"Aí está um indício inequívoco."

"Mas, ó Nelson, repare bem. Não foi Hernando quem, páginas antes, disse que andou por Génova e nunca por lá viu qualquer familiar? Não foi o mesmo Hernando quem supostamente indicou que a origem do pai estava em Piacenza? Então como é que depois de ter escrito isso vem dar a entender que o pai, afinal, era de nação genovesa? Num instante não é de Génova, no instante a seguir já é? Mas que raio de confusão vem a ser esta?" Voltou às fotocópias das notas. "Mais uma vez o professor Toscano parecia suspeitar de mãozinha do tradutor genovês, rabiscando aqui novamente a expressão «traduttori, traditori»." Pegou noutras fotocópias. "Aliás, há outras contradições na Historia del Almirante, tantas que o padre Alejandro de la Torre y Velez, cónego da Catedral de Salamanca e estudioso da obra de Hernando, concluiu igualmente que ela «foi interpolada e viciada por mão estranha»." "Está a dizer que é tudo falso?"

"Não. A Historia del Almirante foi, sem sombra de dúvidas, escrita por Hernando Colón, isso é algo que ninguém disputa. Mas existem no texto publicado certas contradições e inconsistências que só podem ser explicadas de duas maneiras. Ou Hernando era tolinho de todo, o que não parece provável, ou então alguém andou a mexer em pormenores essenciais do seu manuscrito, adaptando-o ao gosto do público de Itália, onde a obra foi primeiro editada."

"Quem?"

"Bem, a resposta a essa pergunta parece-me evidente. Só pode ter sido Baliano Fornari, o genovês que obteve o manuscrito das mãos de Luís de Colón e só publicou a tradução italiana, confessando abertamente querer que a «glória primeira» da descoberta da América fosse «para o estado de Génova, pátria do grande navegador»."

Moliarti fez um gesto de impaciência.

"Adiante."

"Muito bem", disse Tomás. "Vamos então ao último testemunho, certamente o mais importante de todos."

"Colombo."

"Exacto. O testemunho do próprio Cristóvão Colombo, El Almirant."

O empregado regressou com a sua bandeja, retirou os pratos vazios e depositou a marmelada e a tábua de queijos portugueses na mesa. Os dois homens serviram-se de queijo da serra, bem amanteigado e exalando um odor forte, e mergulharam-no em fatias de marmelada, que logo engoliram gulosamente.

"O que disse Colombo?", perguntou Moliarti, ainda a lamber um pedaço de queijo que se colara ao polegar.

O historiador português inspirou fundo, enquanto reordenava as fotocópias guardadas na sua pasta.

"Sabemos hoje que Colombo passou a vida inteira a ocultar o seu passado. Chamamos-lhe Colombo, mas não existe um único documento no qual ele se refira a si próprio por esse nome. Um único. No que diz respeito a Colombo, sempre se apresentou, nos manuscritos que nos chegaram, como Colom ou Cólón. Este é um facto que ninguém disputa e que tem estado na origem de um grande embaraço para os que defendem

a tese genovesa. Se o descobridor da América e o tecelão de seda de Génova são a mesma pessoa, como explicar que o navegador jamais tenha usado o nome do tecelão? Os genovistas, que acusam os anti-genovistas de serem muito especulativos na formulação das suas teses, recorrem eles próprios a grandes hipóteses especulativas para justificarem esta profunda anomalia. Não só o homem a quem hoje chamamos Cristóvão Colombo nunca, ao que se sabe, usou esse nome para se apresentar, como ainda por cima manteve delibera-damente um véu de mistério a envolver as suas origens."

"Quer dizer que ele nunca disse onde nasceu?"

"Vamos pôr as coisas deste modo. Colombo teve sempre grande cuidado em ocultar a sua origem, com excepção de uma única ocasião." Exibiu umas fotocópias que tinha arrumado de lado. "O Mayorazgo."

"O Mayor-què}"

"O Mayorazgo, ou morgadio. Trata-se de um testamento, datado de 22 de Fevereiro de 1498, a estabelecer os direitos do seu filho português, Diogo Colom, em vésperas de o almirante partir para a terceira viagem ao Novo Mundo." Tomás passou os olhos pelo texto. "Neste documento, Colombo lembrou à coroa os seus contributos para a nação e apelou aos Reis Católicos e ao seu filho primogénito, o príncipe Juan, que protegessem os seus direitos e «mis ofícios de Almirante del Mar Oceano, que es de la parte del Poniente de una raya que mando asentar imaginaria, su Alteza sobre a cien léguas sobre las islãs de las Açores, y otros tanto sobre las de Cabo Verde». Colombo legou tais direitos, através desse testamento, ao seu filho Diogo, indicando que era o primogénito quem herdaria o legítimo nome do pai e dos seus antepassados, «llamados de los de Colón». Se Diogo morresse sem herdeiros masculinos, os direitos passariam para o seu meio-irmão Hernando, depois para o irmão de Colombo, Bartolomeu, depois para o outro irmão, e assim perpetuamente enquanto houvesse herdeiros masculinos." Tomás ergueu a cabeça e fitou Moliarti. "Repare neste pormenor importante. Colombo não disse «llamados de los de Colombo» quando se referiu a si e aos seus antepassados. Disse «llamados de los de Colón»."

"Já entendi", resmungou o americano, o ar sombrio. "Mas, e a origem?"

"Já lá vamos", indicou o historiador, fazendo sinal com a mão para o seu interlocutor ter paciência. "O Mayorazgo estabeleceu também que uma parte da renda a que o almirante tinha direito deveria ir para o Ufficio di San Giorgio e deu instruções rigorosas sobre o modo como os seus herdeiros deveriam assinar todos os documentos. Colombo queria que eles não usassem o apelido, mas apenas o título de El Almirant, por baixo de uma estranha pirâmide de iniciais e pontos." Tomás exibiu outra folha. "E aqui vem a parte que lhe interessa, Nelson. A si e, pelos vistos, a Toscano. A dado passo no testamento, Colombo fez uma coisa sem precedentes. O almirante recordou aos soberanos que os serviu em Castela, «siendo yo nacido en Génova».

"Ah-ah!", exclamou Moliarti, quase dando um salto na cadeira. "É a prova!"

"Calma! Calma!", pediu Tomás, rindo-se com o entusiasmo do americano. "Noutra parte do Mayorazgo, Colombo mandou os seus herdeiros manterem sempre em Génova uma pessoa da sua linhagem, «pues que delia sali y en ella naci»."

"Está a ver? Qual é a dúvida? Qual é?"

"Ê tudo muito claro", concordou Tomás com um sorriso malicioso. "Desde que seja verdadeiro."

Uma nuvem sombria toldou o entusiasmo de Moliarti. O sorriso desfez-se, mas a boca manteve-se aberta e os olhos arregalados, incrédulos, até se cerrarem numa expressão de revolta.

"Como? Como?" Exaltou-se. "Fuck you! Não me vai dizer que isso é tudo falso, pois não? Não me venha com essa, cara. Eu não tomo desaforo, não!"

"Calma, Nelson, calma!", pediu Tomás, surpreendido com aquela inesperada explosão e erguendo as mãos em sinal de que se rendia. "Vamos lá a ver se nos entendemos. Eu não ando aqui a dizer que isto é verdadeiro e aquilo é falso. Eu limitei-me a estudar os documentos e os testemunhos, a consultar as notas do professor Toscano e a reconstituir o seu raciocínio. Afinal de contas, foi para isso que você me contratou, não foi? Ora, o que eu verifiquei é que o professor Toscano tinha enormes dúvidas quanto a determinados aspectos dados como provados na vida de Cristóvão Colombo. Seguindo essa pista, eu estou a apresentar-lhe os problemas que cada um dos documentos e testemunhos contém no que

diz respeito à sua fiabilidade. Se aceitarmos como bons todos os documentos e testemunhos que existem, a história do almirante não faz sentido. Ele teria simultaneamente nascido em vários locais, teria simultaneamente diversas idades, teria simultaneamente diferentes nomes. Isso não pode ser. Feitas as contas, você vai ter de decidir quais os documentos e testemunhos que são falsos e quais os verdadeiros. Para isso terá de analisar e pesar as contradições e as inconsistências de cada um. Quando tiver todos os dados na mão, então poderá tomar uma opção. Se você quiser que Colombo seja genovês, basta-lhe-á ignorar as contradições e inconsistências dos documentos e testemunhos que suportam essa tese, resolvendo-as por recurso à pura especulação. O contrário também é verdadeiro. Mas note bem que eu não estou aqui para destruir a hipótese genovesa. Na verdade, a origem de Cristóvão Colombo até me é irrelevante. Quero lá saber! É para o lado que durmo melhor..." Fez uma pausa para enfatizar a sua posição. "O que eu estou aqui a fazer, note bem, é a reconstituir a investigação do professor Toscano, que foi para isso que fui contratado, e a analisar os problemas que existem em cada documento. Mais nada."

"Você tem razão", admitiu Moliarti, agora mais calmo. "Me desculpe, eu me exaltei à beira, mas à toa. Prossiga, por favor."

"Bom", retomou Tomás. "Como já lhe disse, Colombo fez no Mayorazgo duas referências directas e explícitas a Génova como sendo a cidade onde nasceu. Mas não se ficou por aí. Mais à frente efectuou uma terceira referência, dizendo que «Génova é cidade nobre e não poderosa só por causa do mar», e, algumas páginas adiante, acrescentou uma quarta referência, apelando aos seus herdeiros para que procurem «preservar e trabalhar sempre pela honra, pelo bem e pelo engrandecimento da cidade de Génova, empregando todas as suas forças e recursos na defesa e ampliação do bem e honra da sua república»."

"Portanto, Colombo produziu quatro referências a Génova e em duas delas disse abertamente que nasceu aí."

"Correcto", assentiu Tomás. "O que significa que tudo depende agora da avaliação da fiabilidade deste documento. Existe uma confirmação real do Mayorazgo, datada de 1501 e apenas descoberta em 1925, que se encontra conservada no Archivo General de Simancas. E trouxe comigo fotocópias da cópia notarial da minuta do Mayorazgo, que está guardada no Archivo General de índias, em Sevilha." Acenou com

umas fotocópias que tirou em Sevilha. "Disseram-me que o original da minuta desapareceu ainda no século xvi, mas não sei se é verdade. A única coisa que posso garantir é que o Archivo General de índias só tem a cópia. Presumo que seja a cópia que esteve no centro do Pleyto Sucessório, um importantíssimo processo jurídico desencadeado em 1578 para determinar qual o legítimo sucessor do almirante após a morte de Don Diego, neto de Diogo Colom e bisneto de Cristóvão Colombo. Vale a pena lembrar que o Mayorazgo estabelecia que só poderia haver herdeiros masculinos com o nome de Colón. Ora, e contrariando frontal e directamente a disposição supostamente estabelecida pelo almirante, o tribunal decidiu aceitar também o nome de Colombo, informação que se espalhou por Itália. Como Cristóvão Colombo tinha direito a uma parte de todas as riquezas das índias, conforme acordado com os Reis Católicos em 1492, a notícia de que qualquer Colombo se podia candidatar aos direitos sucessórios despertou enorme interesse entre todos os italianos com esse apelido. O problema é que se descobriu que o nome Cristoforo Colombo era relativamente comum em Itália, pelo que o tribunal exigiu que os candidatos apresentassem na sua linha ancestral um irmão Bartolomeo e outro Jacobo e um pai Domenico. Três candidatos preenchiam esse requisito. Dos três italianos, acabou por ficar apenas um. Tratava-se de um tal Baldassare Colombo, de Cuccaro Monfer-rato, uma pequena povoação do Piemonte. Baldassare teve de enfrentar outros descendentes espanhóis de Colombo, e foi na sequência deste processo legal que um advogado espanhol, chamado Verástegui, exibiu a cópia da minuta, mostrando que ela foi confirmada pelo príncipe Juan a 22 de Fevereiro de 1498, a data em que o testamento foi lavrado."

"Quem é esse príncipe Juan?"

"Era o filho primogénito dos Reis Católicos."

"Então você tem a cópia da minuta confirmada pelo príncipe herdeiro e ainda tem dúvidas sobre a fiabilidade do testamento?"

"Nelson", disse Tomás em voz baixa. "O príncipe Juan morreu a 4 de Outubro de 1497."

"E então?"

"Faça as contas. Se ele morreu em 1497, como é que pode ter confirmado a cópia de uma minuta em 1498?" Piscou o olho. "Hã?"

Moliarti ficou estático durante um longo instante, os olhos congelados no seu interlocutor, considerando a incongruência.

"Bem... uh...", balbuciou por fim.

"Este, meu caro Nelson, é um problema técnico muito grave. Mina totalmente a credibilidade da cópia do Mayorazgo. E o pior é que não é a única inconsistência do documento."

"Há mais?"

"Claro que há. Veja só esta frase de Colombo." Pegou numa fotocópia do texto. "«Lo suplico ai Rey e a la Reina, Nuestros senores, y ai Príncipe Don Juan, su primogénito, Nuestro Señor.»" Levantou a cabeça e mirou o americano. "O mesmo problema. Colombo faz uma súplica ao príncipe Juan como se ele ainda estivesse vivo, quando já tinha morrido no ano anterior, com apenas dezanove anos. O acontecimento foi tão badalado na época que a corte se vestiu em luto rigoroso, as instituições públicas e privadas mantiveram-se encerradas durante quarenta dias e foram colocados sinais de luto nos muros e portões das cidades espanholas. Nessas condições, e sendo uma pessoa próxima da corte, e em particular da rainha, como é possível que o almirante desconhecesse a morte do príncipe Don Juan?" Sorriu e abanou a cabeça. "Agora veja esta." Voltou a mergulhar os olhos nas fotocópias. "«Habrà el dicbo Don Diego»", interrompeu e esclareceu, "Diego é Diogo em castelhano", depois retomou a leitura, "«o cualquier outro que heredare este Mayorazgo mis ofícios de Almirante del Mar Oceano, que es de la parte del Poniente de una raya que mando asentar imaginaria, su Alteza sobre a cien léguas sobre las islãs de las Açores, y otros tanto sobre las de Cabo Verde»." Fitou Moliarti. "Esta curta frase tem um incrível rol de inconsistências. Em primeiro lugar, como é possível o grande Cristóvão Colombo afirmar que o meridiano de Cabo Verde é igual ao dos Açores? Então ele não sabia o que todos os homens do mar já conheciam nessa época, que era o facto de os Açores estarem mais a oeste do que Cabo Verde? Alguém acredita que o descobridor da América, que, inclusivamente, chegou a visitar esses dois arquipélagos portugueses, era capaz de afirmar tão grande imbecilidade? Em segundo lugar, é preciso notar que esta conversa das cem léguas consta da bula papal Inter caetera, datada de 1493 e referente ao Tratado de Alcáçovas/Toledo. O problema é que em 1498, quando o Mayorazgo foi assinado, já estava em vigor o Tratado de Tordesilhas, facto que era sobejamente conhecido por Colombo, uma vez que foi ele próprio quem

esteve na origem dessa divisão do mundo entre Portugal e Espanha. Como é possível, então, que o almirante usasse expressões papais referentes a um tratado que já não era válido? Teria ensandecido? Em terceiro lugar, ao dizer que aquela era «de una raya que mando asentar imaginaria, su Alteza», estava a antecipar a morte da rainha Isabel, que faleceu em 1504, seis anos mais tarde. Como é possível que Colombo se dirigisse no singular aos dois Reis Católicos? O normal, como aparece em qualquer documento da época, era dirigir-se a Suas Altezas. Suas, no plural. Teria Colombo resolvido insultar um dos monarcas, insinuando a sua inexistência? Ou será que este documento foi escrito depois de 1504, quando passou a haver só um monarca, por um falsário que negligenciou tal pormenor e que falsificou a data de 1498?"

"/ see", comentou Moliarti, cabisbaixo. "É tudo?"

"Não, Nelson. Há mais. É importante analisarmos esta questão de Cristóvão Colombo fazer no Mayorazgo nada mais, nada menos do que quatro referências a Génova." Esticou quatro dedos. "Quatro." Baixou dois. "E duas dessas referências mencionando explicitamente ser essa a cidade onde nasceu." Recostou-se na cadeira e rearrumou as fotocópias. "Veja bem. Cristóvão Colombo passou a vida inteira a esconder a sua origem. A sua preocupação foi de tal modo obsessiva que o criminologista Cesare Lombroso, um dos maiores detectives do século XIX, o catalogou de paranóico. Sabemos, pelo seu filho Hernando, que o almirante, depois da descoberta da América, em 1492, se tornou ainda mais secreto. Repare nesta frase do filho na Historia del Almirante." Abriu o livro e procurou um trecho sublinhado. "«Quando fué su persona a propósito y adornaba de todo aquello, que convenia para tan grand hecho, tanto menos conocido y cierto quiso que fuese su origen y pátria.»" Fitou o interlocutor. "Ou seja, quanto mais conhecido Colombo se tornava, menos queria que se soubesse a sua origem e pátria. Então anda este homem tanto tempo a manter segredo sobre o sítio onde nasceu, a dar-se a tantos trabalhos para cobrir tal facto sob um espesso manto de silêncio, e, de repente, passa-lhe uma coisinha má pela cabeça e, assim sem mais nem menos, desata numa orgia de referências a Génova no seu testamento, arrasando de uma penada todos os seus esforços anteriores? Então isto faz algum sentido?"

Moliarti suspirou.

"Me explique, Tom. Isso significa que esse testamento é falso, é?"

"Foi essa, Nelson, a conclusão a que chegou o tribunal espanhol. De tal modo que a herança acabou por ser atribuída a D. Nuno de Portugal, outro neto de Diogo Colom."

"Então e a tal confirmação real de 1501, que está guardada no Archivo General de Simancas? É falsa também?"

"Sim."

"Ué, não estou entendendo. Como pode haver uma confirmação com selo real que seja falsa?"

"O que existe no Archivo General de Simancas é um livro de registos do Selo Real da Corte referente ao mês de Setembro de 1501. Mas essa confirmação é anacrónica, uma vez que, também ela, se refere ao príncipe Don Juan como estando vivo." Bateu com o indicador nas têmporas. "Meta isto na cabeça. Jamais a corte registaria um documento dirigido a um príncipe primogénito que já tivesse morrido, isso seria inaceitável." Fez uma pausa. "Agora, Nelson, preste atenção ao que vou dizer-lhe a seguir. Existiu um testamento verdadeiro, mas ele desapareceu. Alguns historiadores, como o espanhol Salvador de Madariaga, acham provável a hipótese de falsificação, embora considerem que muita coisa do testamento forjado é baseada nesse documento original já perdido." Consultou as suas notas. "Escreveu Madariaga: «a maior parte das cláusulas executivas são provavelmente, mas só provavelmente, exactas». Entre elas, a da estranha assinatura com iniciais em pirâmide. É essa também a opinião do historiador Luís Ulloa, que descobriu que a cópia falsificada do Mayorazgo, apresentada pelo tal advogado Verástegui, passou pelas mãos de Luísa de Carvajal, que esteve casada com um tal Luís Buzon, homem conhecido por mutilar e alterar documentos."

"E o professor Toscano? O que achava ele?"

"O professor Toscano claramente concordava com o tribunal e com Madariaga e Ulloa e acreditava na hipótese de falsificação a partir de um testamento verdadeiro, aquele que se perdeu. De resto, só a contrafacção explica estas graves inconsistências no texto. Como já lhe indiquei, toda a gente queria ser herdeira de Colombo e é muito natural que, em tais circunstâncias, havendo tanto dinheiro em jogo, aparecessem falsificadores. Especulando um pouco, é credível a possibilidade de que um falsário habilidoso, provavelmente esse Luís Buzon, tenha forjado o testamento, com elevada qualidade do ponto de vista técnico, e copiado

correctamente as partes mais inócuas do documento, incluindo o essencial das cláusulas executivas, mas não se tenha apercebido de determinados anacronismos no texto por si fabricado, por falta de conhecimentos específicos, designadamente as súplicas de Colombo a um príncipe já morto, as disparatadas referências geográficas evidentemente inspiradas numa consulta à incorrecta bula papal, o recurso anacrónico ao Tratado de Alcáçovas/Toledo e a inaceitável eliminação de um dos monarcas na referência a «Sua Alteza» no singular, pormenor que, a ser escrito na época dos Reis Católicos, seria insultuoso, mas, a ser redigido depois da morte de pelo menos um deles, já não constituiria problema." Fez um gesto com a mão, como se quisesse acrescentar mais alguma coisa. "Aliás, convenhamos que é estranho que Colombo tenha morrido em 1506 e este testamento não tenha aparecido logo. Quando alguém faz um testamento é para ele ser conhecido e respeitado logo após a sua morte, não é? Mas, pelos vistos, este Mayorazgo não apareceu na altura em que é normal os testamentos aparecerem, isto é, logo que os seus autores morrem, mas muito mais tarde. Colombo faleceu em 1506 e o testamento só se materializou em 1578, mais de setenta anos depois. E apareceu num período em que dava jeito a uma das partes que aparecesse, embora com gravíssimos anacronismos e incongruências. Nestas condições, que confiança podemos ter nós no que aqui está escrito, hã?" Esboçou uma expressão enfasiada. "Nenhuma."

O americano encolheu os ombros, resignado.

"Esqueçamos então o Mayorazgo. Não há mais documentos?"

"Estes são todos os documentos que foram divulgados na época, sobretudo no século xvi."

"E, no meio de todos esses, a crónica do português Pina é a única que não apresenta nenhum problema de fiabilidade?"

"Não que eu visse, embora insista em lembrar-lhe que as observações anotadas à margem pelo professor Toscano sugerem que ele terá encontrado alguma coisa."

O empregado voltou com o café, que depositou diante dos dois homens.

"Em termos de documentos, não há mais nada?", perguntou Moliarti, mexendo o café para dissolver o açúcar.

"Há outros que alegadamente são da mesma época mas só foram conhecidos muito mais tarde, em particular no século xix."

"E o que dizem esses documentos?"

"Bem, vou procurar resumir o seu conteúdo." Arrumou umas fotocópias e retirou outras da pasta. "Em 1733, um padre de Modena, Ludovico António Muratori, publicou um volume intitulado *Rerum Italicarum Scriptores*, o qual continha dois textos inéditos. Um era o *De Navigatione Columbi...* redigido presumivelmente em 1499 pelo chanceler do *Ufficio di San Giorgio*, António Gallo, e o outro foi um trabalho de Bartolomeo Senarega aparentemente inspirado no de Gallo e onde dizia que Cristóvão era um «scarzadore», uma expressão considerada pouco simpática. O texto de Gallo era claramente o mais importante. O antigo chanceler do *Ufficio* dizia aí que Cristoforo era o mais velho de três irmãos, sendo que Bartolomeo era o segundo e Jacobo o terceiro. Quando chegou a puberdade, «et púbere deinde facti», Gallo indicou que Bartolomeo foi para Lisboa e Cristoforo seguiu-lhe depois o exemplo. Mais tarde, em 1799, foi publicado o *Annali della Republica di Génova*, do genovês Filippo Casoni, que incluía uma genealogia da família de Cristoforo Colombo, tecelão de seda. Como, porém, persistia o problema, ainda não resolvido, de que o descobridor da América se chamava Colom ou Colón, mas não Colombo, Casoni decidiu efectuar uma fuga para a frente e considerou que Colombo era uma espécie de declinação de Colom. Segundo ele, Colombo queria dizer, na verdade, «da família dos Colom». Este foi um salto arrojado e abriu as comportas de um verdadeiro dique documental, levando ao aparecimento de uma infindável maré de textos oficiais. Começaram a emergir papéis por toda a Ligúria, em particular de Savona, de Cogoleto, de Nervi, eu sei lá. Por toda a parte assomavam provas relacionadas com a família Colombo, incluindo os seus negócios. Muitos desses documentos foram reunidos em 1823 no *Códice Colombo-Americano*, enquanto outros, em particular actas notariais, seriam inseridos na *Raccolta di documenti et studi...* publicada em 1892, quando do quarto centenário da viagem de 1492. A derradeira descoberta foi anunciada em 1904 pelo jornal académico *Giornale Storico e Letterario della Liguria*, que noticiou ter o coronel genovês Ugo Assereto encontrado uma acta notarial, datada de 25 de Agosto de 1479, a registar a partida de *Christophorus Columbus* «die crestino demane pro Ulisbonna», ou seja, no dia seguinte, para Lisboa. O Documento Assereto, como hoje é conhecido, revela ainda que Columbus declarou ter «etatis annorum

vinginti septem vel circa», isto é, por volta de vinte e sete anos de idade, o que o colocou a nascer em 1451."

"Não me vai dizer que isso é tudo falso, pois não?", perguntou Moliarti, quase a medo.

"Nelson", sorriu Tomás. "Você acha mesmo que eu era capaz de lhe fazer essa maldade? Acha?"

"Eu acho."

"Está enganado, Nelson. Eu nunca lhe faria isso."

O rosto do homem da fundação abriu-se numa prudente expressão de alívio.

"Good."

"Mas..."

"Please..."

"... é preciso avaliar sempre a fiabilidade de qualquer documento, lançar sobre ele um olhar crítico, procurar perceber intenções e garantir que não há incongruências."

"Não me vai dizer que existem anomalias nestes documentos..."

"Infelizmente, vou."

O americano deixou cair a cabeça para trás, em pose de desânimo.

"Fuck!"

"O primeiro elemento a considerar é que estes documentos não apareceram na altura em que deveriam ter aparecido, mas muito mais tarde. O professor Toscano até registou numa das suas notas o ditado francês «le temps qui passe c'est Vévidence qu'efface». Ou seja, quanto mais tempo passa, mais as provas desaparecem. Aqui, pelos vistos, é o contrário. Quanto mais tempo passa, mais provas aparecem. Esse é o primeiro problema do texto de António Gallo. Se foi realmente escrito em 1499, como é que só foi publicado no século xviii? Toscano parecia suspeitar de uma falsificação, uma vez que os dados de Gallo são semelhantes aos de Giustiniani, que Hernando Colón tinha denunciado como sendo um mentiroso, alguém que, segundo o filho de Colombo, não conhecia a verdadeira história do descobridor da América."

"Isso é especulativo."

"Pois é. Mas é um facto que a história de Gallo é igual à história de Giustiniani e que Hernando disse que a versão de Giustiniani era falsa. Assim sendo, só vejo duas hipóteses. Ou Hernando estava a mentir, e então a história de Giustiniani é verdadeira. Por consequência, a de Gallo também será. Ou Hernando, o filho do descobridor da América, sabia mais sobre o pai do que os dois italianos, e a implicação é que as histórias de Giustiniani e Gallo são falsas. Qualquer das duas hipóteses é especulativa, mas só uma pode ser verdadeira. Para todos os efeitos, o que isto significa é que não podemos ter absoluta confiança no texto de Gallo."

"E as actas notariais? Esses são documentos oficiais..."

"De facto, são. Mas o que elas provam é que existiu um Cristoforo Colombo em Génova que era tecelão de seda e tinha um irmão Bartolomeu e outro Jacobo e o pai era o cardador de lãs Domenico Colombo. Isso é provavelmente verdadeiro, ninguém o disputa. O que tais actas não provam, no entanto, é que esse tecelão de seda que viveu em Génova seja o descobridor da América. Há apenas uma acta que faz essa ligação de forma inequívoca." Exibiu umas fotocópias. "Trata-se do Documento Assereto. Havia antes uns textos de Savona, publicados em 1602 por Salinerio nas suas Adnotationes... ad Cornelium Tacitum, que sugeriam tal ligação, mas não eram muito claros e tinham algumas incongruências. É o Documento Assereto que vem estabelecer, de forma inequívoca, a relação entre o Colombo genovês e o Colom ibérico, ao registar o dia da partida do tecelão de seda para Portugal."

"Deixe-me adivinhar", comentou Moliarti com uma ponta de sarcasmo. "Há problemas de fiabilidade nesse documento."

"Pois há", retorquiu Tomás, ignorando o tom irónico. "Façamos um esforço para reconstituir a imagem completa do problema. Para isso temos de manter presente que os documentos sobre Colombo em Génova só começaram a aparecer como cogumelos durante o século xix. Até aí havia apenas um ou outro testemunho, mais ou menos vago, e com determinadas anomalias. Mas a verdade é que ninguém em Génova parecia conhecer Colombo. Os embaixadores genoveses que se encontravam em Barcelona em 1493, Francesco Marchesi e Giovanni Grimaldi, quando do regresso do navegador da primeira viagem ao Novo Mundo, relataram em Génova o feito e esqueceram-se de um pequenino pormenor, uma coisinha pelos vistos sem importância: a de que o

almirante era um seu conterrâneo. Também ninguém em Génova lhes chamou a atenção para tal facto. Faz isso algum sentido? Mas há mais. Como já vimos, o filho espanhol de Colombo, Hernando, foi três vezes à região de Génova à procura de confirmação das vagas reivindicações de que o pai era de lá e não foi capaz de encontrar um único familiar. Nem um. Por outro lado, as actas notariais revelam que em 1492, quando da descoberta da América, o pai do tecelão Cristoforo Colombo ainda era vivo. Pois não há notícia de que ele ou qualquer outro familiar, vizinho, amigo ou conhecido tenham celebrado ou sequer registado o grande feito do rapaz da terra. Além disso, os documentos oficiais de Génova mostram que Domenico morreu pobre em 1499, com todos os bens hipotecados. Incrivelmente, o descobridor da América ignorou o pai, mesmo estando este pobre, até quando ele morreu. Nem, por seu turno, os muitos credores de Domenico se lembraram de exigir ao seu famoso filho o pagamento das dívidas do falecido. Mais incrível ainda, os cronistas e historiadores genoveses dos séculos xvi e xvn ignoraram olímpicamente que o descobridor da América era um seu concidadão. A obra Di Uberto Foglietta, delia Republica di Génova, de Uberto Foglietta, fez um registo dos cidadãos famosos de Génova. Tanto a primeira edição, publicada em Roma em 1559, como a segunda, editada em Milão em 1575, não assinalam o nome de Cristoforo Colombo, nem de Cristóvam Colom, nem de Cristóbal Colón, na lista das celebridades da cidade, embora mencionem outros marinheiros genoveses bem menos importantes, como Biagio d'Assereto, Lázaro Doria, Simone Vignoso e Ludovico di Riparolo. O historiador genovês Federico Federici, que viveu no século xvii, também ignorou em absoluto o descobridor da América, o mesmo acontecendo com Gianbattista Richeri, outro historiador genovês do século seguinte. Richeri publicou em 1724 o Foliatum Notariorum Genuensium, cujo original está guardado na Biblioteca Comunale Berio di Génova. Pois esta obra regista dezoito Colombos na cidade entre 1299 e 1502 e nenhum deles se chamava Domenico ou Cristoforo. Certamente ambos existiram, como o provam as actas notariais da Raccolta, mas eram, pelos vistos, considerados pouco importantes pelos historiadores de Génova. Tão pouco importantes que, nas listas dos alunos das escolas de Génova naquele tempo, listas que ainda hoje existem, não consta o nome de Cristoforo, apesar de o grande navegador saber o latim, ler autores clássicos, dominar a matemática e conhecer cosmografia. Se não andou nas escolas de Génova, em que escolas andou ele? Finalmente, quando do célebre Pleyto Sucessório, o processo jurídico desencadeado em 1578 para

determinar o legítimo sucessor do almirante após a morte do seu bisneto, apareceram em Espanha inúmeros candidatos de toda a Ligúria, todos eles a afirmarem serem familiares de Colombo."

Fixou os olhos em Moliarti. "Pois sabe quantos desses candidatos eram oriundos de Génova?"

O americano abanou a cabeça.

"Não."

Tomás uniu o polegar ao indicador, desenhando um 0 com os dois dedos.

"Zero, Nelson." Deixou a resposta pairar no ar, como a brutal reverberação do eco de um gongo. "Nem um. Nem um único desses candidatos era de Génova." Fez mais uma pausa para acentuar o efeito dramático desta revelação. "Até que, no século xix, os documentos começaram a aparecer por toda a parte. É preciso, porém, perceber que, neste período, a investigação histórica se misturou perigosamente com os interesses políticos. Os italianos encontravam-se em pleno processo de unificação e afirmação nacional, liderado pelo genovês Giuseppe Garibaldi. Apareceram na altura as primeiras teses de que Colombo, afinal, poderia não ser italiano, e isso revelou-se inaceitável para o novo Estado. O Colombo genovês apresentava-se como um símbolo de união interna e de orgulho para os milhões de italianos que se congregavam no recém-criado país, mais aqueles muitos que começavam a emigrar para os Estados Unidos, para o Brasil e para a Argentina. O debate tornou-se chauvinista. E foi neste contexto político e social que a tese genovesa se viu, de repente, mergulhada num enorme sarilho. Por um lado, conseguiu reunir muitos documentos a provar que existiram de facto na cidade um Cristoforo, um Domenico, um Bartolomeo e um Jacobo, mas não tinha modo de demonstrar, de forma inequívoca, que havia uma relação entre essas pessoas e o descobridor da América. Mais ainda, tal relação parecia absurda, considerando que o Colombo genovês era um tecelão inculto e o Colombo ibérico se tratava de um almirante versado em cosmografia, náutica e letras. Levando em linha de conta o que estava em jogo, designadamente no plano político e no clima de afirmação nacional italiana, isso era inaceitável. Ora, é o Documento Assereto que vem, providencialmente, trazer a prova que tanto faltava. E o facto de esse documento aparecer justamente quando ele era mais necessário constitui, sem dúvida, um facto suspeito. E é tanto mais suspeito quanto é certo que

o coronel Assereto, depois de exhibir a tão almejada prova, foi condecorado pelo Estado italiano pelos elevados serviços prestados à nação e promovido a general."

"Tom, tudo isso pode ser verdadeiro, mas, me desculpe, mais uma vez é especulativo. Existe algum elemento que conste da acta notarial descoberta por Assereto que possa ser considerado suspeito?"

"Existe, sim."

Os dois homens miraram-se por um longo instante.

"Qual?", perguntou Moliarti, por fim, quase engolindo em seco.

"A data de nascimento de Colombo."

"O que tem ela de anormal?"

"Tem duas anomalias. A primeira está, mais uma vez, relacionada com o timing da descoberta do Documento Assereto. Em 1900 realizou-se o Congresso dos Americanistas, tendo aí ficado estabelecido que Colombo nascera em 1451. Era uma mera suposição, baseada unicamente numa acta notarial de 1470, na qual aparece escrito..." Consultou a cópia da acta, que obteve em Génova. "«Cristoforo Colombo, figlio di Domenico, maggiori di diciannove anni.»" Rabiscou umas contas no bloco de notas. "Quem a 1470 tira dezanove fica com 1451. Portanto, os congressistas, sustentados unicamente neste documento notarial e sem a prova de que Cristoforo Colombo era Cristóvão Colom, determinaram que foi esse o ano de nascimento do descobridor da América. Pois vejamos o que observou o historiador português Armando Cortesão a propósito do Documento Assereto." Tirou um volumoso livro da pasta, intitulado *Cartografia e Cartógrafos Portugueses dos Séculos XV e XVI*, localizou a página que procurava e leu umas linhas previamente sublinhadas a lápis. "«É extraordinário que documento tão importante, condizendo tão bem com o testamento de Colombo e outros documentos conhecidos e confirmando com tanta precisão a idade, por suposição, assente no Congresso dos americanistas, em 1900, existisse nos rebuscadíssimos arquivos de Génova, explorados por centenas de ávidos investigadores no respeitante ao período colombino, demais a mais entre papéis notariais, sem até então ninguém reparar nele e em tão importante declaração. Desastrosa coincidência! Em 1900 o Congresso dos americanistas fixa o ano de 1451 como data do nascimento de Colombo e logo em 1904 aparece um documento de 1479, onde o próprio diz ter 27 anos e tudo o mais coincide

com outros dados por muitos considerados como pouco seguros, tal a estada em Portugal em 1478», coincidência tão estranha que levou o famoso historiador português a observar, sempre a propósito do Documento Assereto, que «a indústria de falsificação de documentos 'antigos' atingiu tal perfeição, que nesse capítulo nada nos surpreende»." Tomás fitou o seu interlocutor. "Quanto ao timing, caro Nelson, estamos falados." Arrumou o volume de Armando Cortesão na pasta. "Vamos agora à data em si. O Documento Assereto confirma, com admirável celeridade e solicitude, a data quase arbitrariamente estabelecida quatro anos antes pelo Congresso dos Americanistas. Mas a afirmação de que 1451 foi o ano em que Cristóvão Colombo nasceu é contrariada por um testemunho de peso." Ficou um instante a olhar para Moliarti, com ar de desafio. "Calcula quem foi que questionou a data fornecida pelo Documento Assereto?"

"Não faço a mínima ideia."

"O próprio Cristóvão Colombo. Sabemos hoje que o descobridor da América, como em tantas outras coisas, teve o enorme cuidado de ocultar a sua data de nascimento. O seu filho, Her-nando, revelou apenas que o pai começou a vida de marinheiro aos catorze anos. No entanto, quanto à idade, o próprio navegador manteve o silêncio, mas descaiu-se por duas vezes." Consultou as suas notas. "No diário de bordo da sua primeira viagem registou, a 21 de Dezembro de 1492, que «yo he andado veinte y três anos en la mar, sin salir delia tiempo que se haya de contar». Com base nesta afirmação, basta fazer as contas." Pegou na caneta e rabiscou algarismos numa folha limpa do bloco. "Se juntarmos vinte e três anos no mar com oito em Castela, os tais do «tiempo que se haya de contar» em que esteve à espera de autorização para navegar, e catorze de infância até começar a vida de marinheiro, a soma dá quarenta e cinco anos." Digitou $23 + 8 + 14 = 45$. "Ou seja, Colombo tinha quarenta e cinco anos quando, em 1492, descobriu a América. Ora, se retirarmos quarenta e cinco a 1492, ficamos com 1447." No papel, a conta indicava $1492 - 45 = 1447$. "O ano em que o grande navegador nasceu." Voltou aos apontamentos. "Mais tarde, numa carta datada de 1501 e transcrita pelo seu filho Hernando, Colombo comunicou aos Reis Católicos que «ya pasan de quarenta anos que yo voy en este uso» da navegação." Regressou à folha limpa, onde fizera a conta anterior. "Se juntarmos quarenta aos catorze da infância, dá cinquenta e quatro." Escreveu $40 + 14 = 54$. "Portanto, ele escreveu essa carta de 1501 com cinquenta e quatro anos de idade. Quem a 1501 tira cinquenta e

quatro fica com 1447." A subtração indicava agora $1501 - 54 = 1447$. "Em suma, Colombo deu a entender, nestas duas referências, que terá nascido em 1447, quatro anos antes de 1451, o ano que o Documento Assereto lhe atribui como data de nascimento." Bateu com o indicador nas duas contas que acabara de efectuar. "Esta, meu caro Nelson, é uma inaceitável incongruência do Documento Assereto e fere de morte a sua credibilidade. Além do mais, essa acta notarial, em bom rigor, não passa de uma minuta em folhas sem a assinatura do declarante e do notário e sem mencionar a paternidade de Cristoforo, o que é anormal em documentos semelhantes da época."

Moliarti suspirou pesadamente. Encostou-se à cadeira e ficou a mirar a muralha diante da esplanada, mais a cidade para além dela, com a Praça da Figueira e a sua estátua equestre bem visível lá em baixo e a mancha verde de Monsanto a rasgar o horizonte sobre o casario. O empregado aproximou-se, deixou um pratinho com a conta sobre a mesa e, quando se afastou, um par de rouxinóis veio debicar restos de pão pousados no caminho paralelo ao muro, ali espalhados pelo sopro do vento; os passaritos esvoaçaram depois para os ramos quase nus de uma velha oliveira e por lá ficaram, trilhando em dueto, improvisando uma nervosa melodia ao sabor da brisa.

"Me diga uma coisa, Tom", murmurou o americano, quebrando o silêncio que momentaneamente se instalara entre os dois. "Na sua opinião, Colombo não era genovês?"

O historiador pegou num palito e começou a brincar com ele, passando-o entre os dedos, de um lado para o outro, rodopiando e virando, como se o palito fosse um minúsculo acrobata.

"Parece-me claro que, na opinião do professor Toscano, ele não era de facto genovês."

"Isso eu já entendi", disse Moliarti. Apontou o indicador a Tomás. "Mas eu gostaria de saber qual a sua opinião."

O português sorriu.

"Quer saber a minha opinião, é?" Riu-se baixinho. "Bem, eu acho que não é possível afirmar, com toda a segurança, que Colombo não era genovês. Existem demasiados testemunhos nesse sentido. Anghiera, Trevisano, Gallo, Giustiniani, Oviedo, Las Casas, Ruy de Pina, Hernando Colón e o próprio Cristóvão Colombo. É certo que alguns destes nomes se

limitam a citarem--se uns aos outros e não é por ser mil vezes dita que uma mentira se torna verdadeira. É certo também que os documentos onde todas estas fontes são mencionadas não oferecem plena confiança, pelos motivos que já indiquei com abundância. Mas o que é facto é que apontam todos no mesmo sentido, pelo que devemos ser cautelosos. Eu diria que a origem genovesa de Colombo permanece ainda a referência, mas é preciso levar em linha de conta o facto de haver inúmeros e poderosos indícios que contrariam essa hipótese. Em boa verdade, e como lhe expliquei há pouco, é impossível perceber a vida de Cristóvão Colombo se aceitarmos como bons todos os relatos e documentos que nos chegaram, uma vez que eles são contraditórios. Para uns serem verdadeiros, outros terão forçosamente de ser falsos. Não há qualquer possibilidade de todos serem verdadeiros." Ergueu dois dedos. "E aqui somos colocados perante dois caminhos. Ou consideramos verdadeiros os documentos e relatos genoveses, apesar das suas incongruências, e então Colombo era genovês. Ou validamos as inúmeras objecções que contrariam essa tese, e então ele não era genovês." Levantou mais um dedo. "Há ainda uma terceira hipótese, talvez a mais plausível, aquela que permite um compromisso entre as duas primeiras versões, mas obriga a um salto no nosso raciocínio. Esta terceira possibilidade é a de as provas e indícios dos dois lados serem, de uma maneira geral, verdadeiros, embora ambos contenham certas falsidades e imprecisões."

"Gosto dessa."

"Gosta, meu caro, porque ainda não se apercebeu das consequências de tal hipótese", riu-se Tomás.

"Consequências?"

"Sim, Nelson." Voltou a exhibir os dois dedos. "O que esta terceira hipótese implica é que estaríamos perante dois Colom-bos." Fez uma pausa para deixar assentar a ideia. "Dois." Cruzou o primeiro dedo. "Um, Cristoforo Colombo, genovês, sem instrução e tecelão de seda, talvez nascido em 1451." Cruzou o segundo dedo. "O outro, Cristóvão Colom ou Cristóbal Colón, de nacionalidade incerta, perito em cosmografia e ciências náuticas, versado em latim, almirante e descobridor da América, nascido em 1447."

Moliarti mirou Tomás, parecia chocado.

"Isso não pode ser."

"E, no entanto, caro Nelson, é uma hipótese a considerar. Note que esta terceira possibilidade também tem as suas fragilidades, nomeadamente o facto de haver pessoas que conheceram o descobridor da América e que, a acreditar em documentos que todavia não são cem por cento fiáveis, o colocaram como oriundo de Génova. Para que esta hipótese seja verdadeira é preciso, pois, aceitar que essas informações são falsas. Mas o facto é que, no meio desta barafunda toda, alguma coisa tem de ser falsa, não é? Não pode ser tudo verdadeiro, uma vez que, como eu disse ainda há pouco, as informações contradizem-se umas às outras."

"Você acha isso provável?"

"A ideia de haver dois Colombos, ou um Colom e um Colombo, é uma possibilidade a levar em linha de conta, sem dúvida. Note, no entanto, que a maior fragilidade dos argumentos antigenoveses é a sua incapacidade de apresentarem documentos que permitam identificar a origem do Cristóvão Colombo que descobriu a América. Esse é um problema que, com todas as suas contradições e falhas, e provavelmente falsificações, a tese genovesa não tem e é por isso que ela permanece a referência. Enquanto não surgir um documento fiável a atribuir uma outra identidade a Colombo, a versão do tecelão de seda, mesmo parecendo disparatada, é a única que existe e é com ela que teremos de viver."

"Tenho a certeza de que é essa a verdadeira", comentou Moliarti.

"É um homem de fé", observou Tomás com um sorriso. "Se depois de tudo o que lhe disse ainda acha que a tese genovesa não tem graves fragilidades, então, meu caro, o seu caso já não pertence à esfera da razão, mas da pura crença."

"Pode ser", admitiu o americano. "Há, no entanto, uma coisa que me deixa intrigado. Não acha estranho que o professor Toscano acredite que a hipótese genovesa é falsa sem dispor de dados novos?"

"É estranho, é."

"Afim de contas, e como você disse há pouco, se ele quase abandonou a investigação sobre a descoberta do Brasil e se pôs nesta pista é porque algo deve ter encontrado."

"Sim, é possível."

O homem da fundação estreitou os olhos, estudando o português como se lhe quisesse analisar a sinceridade da resposta à sua pergunta seguinte.

"Você tem a certeza de ter deslindado toda a investigação que ele efectuou?"

Tomás evitou cruzar os olhos com o seu interlocutor.

"Uh... justamente, Nelson", gaguejou. "Eu... eu ainda não consegui decifrar a charada do professor."

Moliarti sorriu.

"Me queria parecer isso. O que lhe falta?"

"Falta-me responder a esta pergunta."

Tirou um pequeno papel amarrotado da carteira e exibiu-o.

QUAL O ECO DE FOUCAULT PENDENTE A 545?

Moliarti colocou os óculos e inclinou-se sobre o papel.

"«Qual o Eco de Foucault pendente a 545?» Minha nossa! Não entendo nada." Olhou para Tomás. "O que quer isso dizer?"

O português tirou o romance da pasta, o título O Pêndulo de Foucault visível na capa.

"Aparentemente, o professor Toscano estava a referir-se a este livro de Umberto Eco."

Moliarti pegou no volume, analisou-o e depois voltou a mirar o papel com a estranha pergunta.

"Ué!", exclamou. "A solução é simples, cara. Você só tem de consultar a página 545."

Tomás riu-se.

"E não acha que eu já fiz isso?"

"Ah, é? E então?"

O historiador pegou no romance, abriu a página 545 e mostrou-a ao americano.

"É uma cena que decorre num cemitério. Descreve um funeral de partisans durante a ocupação alemã, no final da Segunda Guerra Mundial.

Li-a e reli-a dezenas de vezes à procura de qualquer pista que respondesse à pergunta da charada. Não encontrei nada."

"Me deixe ver", pediu Moliarti, estendendo a mão. Pegou no livro, voltou a colocar os óculos e leu a página 545 com demorada atenção. Levou mais de dois minutos, tempo que Tomás aproveitou para contemplar o cenário tranquilo que os rodeava dentro das muralhas do castelo. "Isso realmente... uh... é inócuo", disse, enfim, o homem da fundação.

"Já matei a cabeça com essa página e não sei o que pensar."

"É", murmurou Moliarti, analisando agora a capa. Voltou as primeiras páginas e observou o diagrama com a Árvore da Vida, discriminando as dez sephirot hebraicas, antes do início do texto. Leu a primeira epígrafe e hesitou. Colocou a mão sobre o braço de Tomás. "Tom, você já viu essa citação aqui?"

"Qual?"

"Essa aí. Olhe." Pôs-se a ler alto. "«Foi só para vós, filhos da doutrina e da sapiência, que escrevemos esta obra. Examinai o livro, embrenhai-vos na intenção que dispersámos e colocámos em vários lugares; o que ocultámos num lugar, manifestámo-lo noutro, para que possa ser compreendido pela vossa inteligência.» É uma citação da De occulta philosophia, de Heinrich von Nettesheim." Mirou o português. "Você acha que isso é uma pista?"

"De facto." Pegou no livro e estudou a epígrafe. "«O que ocultámos num lugar, manifestámo-lo noutro»? Isto realmente parece conter uma insinuação. Deixe-me ver isto melhor." Folheou com cuidado o romance. Depois da epígrafe vinha uma página em branco, indicando apenas o dígito 1 e a palavra Keter. "Keter."

"O que é isso?"

"A primeira sephirah."

"O que é uma sephirah?"

"Diz-se sephirah, no singular, e sephirot, no plural. São elementos estruturantes da Cabala judaica." Passou a página e contemplou a primeira página de texto. Mostrava uma segunda epígrafe, desta feita escrita em hebraico, com novo dígito 1, mais pequeno, assinalado à esquerda. Leu a primeira frase do romance em voz baixa. "«Foi então que

vi o Pêndulo.»" Folheou o livro e, seis páginas adiante, vinha um segundo subcapítulo com nova epígrafe, desta vez uma citação de Francis Bacon, e o algarismo 2, em pequeno, à esquerda. Mais oito páginas volvidas e nova página em branco, apenas com o dígito 2 e a palavra Hokmah, que identificou como sendo a segunda sephirah. Saltou para o final do volume e procurou o índice. Ali estavam as dez sephirot, cada uma com vários subcapítulos, nuns casos um punhado, noutros eram muitos. As sephirot com mais subcapítulos eram a 5, Geburah, e a 6, Tiferet. Passou os olhos pelos subcapítulos do 5. Iam do 34

"O que quer isso dizer?"

"Não sei."

Tomás percorreu a página com um olhar sôfrego. Parecia um texto místico, com abundantes referências aos míticos continentes perdidos da Atlântida e de Mu, mais a lendária ilha de Avalon e o complexo maia de Chichen Itzá, tudo povoado pelos celtas, pelos nibelungos e pelas civilizações desaparecidas do Cáucaso e do Indo. Mas foi ao ler o último parágrafo que o coração de Tomás disparou e os olhos se arregalaram até quase vidrarem.

"Meu Deus!", murmurou, colocando a mão na boca.

"O quê? O quê?"

Estendeu o livro a Moliarti e apontou-lhe o derradeiro parágrafo da página.

"Veja o que Umberto Eco escreveu aqui", disse Tomás.

O americano ajeitou os óculos e leu as frases indicadas:

"Só um texto curioso sobre Cristóvão Colombo: analisa a sua assinatura e descobre nela inclusivamente uma referência às pirâmides. A sua intenção era reconstruir o Templo de Jerusalém, dado que era grão-mestre dos Templários no exílio. Como era notoriamente um judeu português e portanto especialista de Cabala, é com evocações talismânicas que acalmou as tempestades e dominou o escorbuto."

"Fuck!", praguejou Moliarti.

O toque na porta era incaracterístico. Madalena Toscano habituara-se a reconhecer as batidas rotineiras, como as pancadas impacientes do

filho mais velho, um rapaz de quarenta anos que fizera um doutoramento em Psicologia; o tamborilar nervoso dos dedos do mais novo, um amante das artes que ganhava a vida a fazer crítica de cinema para um semanário; e o toque compassado do senhor Ferreira, o homem da mercearia que regularmente lhe abastecia o pequeno e velho frigorífico. Mas esta batida parecia--lhe diferente; foi rápida e forte. Embora tivesse ocorrido apenas uma vez, como se o autor tentasse aparentar tranquilidade, ela disfarçava, na verdade, uma urgência mal contida.

"Quem é?", perguntou a velha senhora na sua voz trémula, enroscada no roupão, a cabeça inclinada para a porta. "Quem está aí?"

"Sou eu", respondeu um homem do outro lado. "O professor Tomás Noronha."

"Quem?", insistiu ela, desconfiada. "Qual professor?"

"Aquele que está a reconstituir a investigação do seu marido, minha senhora. Estive cá noutro dia, não se lembra?"

Madalena entreabriu a porta, mantendo a corrente de segurança, e espreitou pela frincha, como era seu hábito. Lisboa já não era a aldeola de antigamente, costumava ela agora dizer, estava cheia de larápios e gente violenta, gandulagem da pior espécie, bastava ver as notícias na televisão. Paralisada pelo terror de tudo o que vinha do exterior, todo o cuidado lhe parecia pouco. Do outro lado da porta, no entanto, não vislumbrou qualquer ameaça; olhava-a do corredor um homem de cabelos castanhos--escuros e olhos verdes cristalinos, um rosto sorridente que logo reconheceu.

"Ah, é você", exclamou com bonomia. Retirou ruidosamente a corrente de segurança e abriu a porta. "Entre, entre."

Tomás penetrou no velho apartamento. Acolheu-o o mesmo ar fechado, a cheirar a mofo, e a mesma luminosidade sombria, com os feixes de sol a irromperem com dificuldade pelos cortinados pesados, incapazes de vencerem a penumbra escura dos recantos. Estendeu o embrulho branco, dobrado e atado com uma cordinha, à sua anfitriã.

"É para si."

Madalena Toscano mirou o pequeno pacote.

"O que é?"

"São uns bolinhos que trouxe da pastelaria. São para si."

"Oh, valha-me Deus. Não precisava de se incomodar..."

"Ora essa. Foi com muito gosto."

A senhora levou-o para a sala e abriu o embrulho. Dentro da caixinha de cartão espreitavam um rim com molho castanho de chocolate, um duchaise caramelizado com chantilly e fios de ovos e um palmière.

"Que maravilha!", exclamou Madalena. Tirou um pratinho da estante da sala e colocou lá os três bolos. "Qual é o que quer?"

"São para si."

"Ah, isto é de mais, não como tudo. Além do mais, o médico dava cabo de mim se soubesse que eu ando a encher-me destas guloseimas cheias de colesterol." Estendeu o prato. "Tire um, vá."

Tomás roubou o duchaise, parecia-lhe realmente apetitoso e havia muito tempo que não punha os dentes num daqueles bolinhos fofos e doces. Madalena ficou-se pelo palmière estaladiço.

"Não é para me gabar, mas escolhi muito bem, não acha?", perguntou ele, quase lambendo os dedos.

"Sim, sim. Está uma maravilha. Quer um chazinho?"

"Não, obrigado."

"Já está feito", insistiu ela.

"Bem, se está feito..."

A senhora foi à cozinha e instantes depois voltou com um tabuleiro nas mãos, ocupado por um bule verde, duas chávenas de porcelana antiga e um açucareiro metálico. Pousou o tabuleiro na mesa e serviram-se. Era chá preto, que Tomás não apreciava, preferia as tisanas mais suaves, mas bebeu e fez sinal de que o achava muito bom.

"Ainda noutro dia pensei em si", comentou Madalena quando acabou o palmière.

"Ah, sim?"

"É verdade. Comentei com o meu filho, o meu mais velho: ó Manel, ainda gostava de ver o trabalho do teu pai publicado em livro. Conte-lhe

que tinha vindo cá um rapazinho da faculdade à cata dos documentos e que nunca mais dera notícias."

"Pois cá estou eu a dar notícias."

"Pois está. Já tem o que queria?"

"Tenho quase tudo. Falta-me ver apenas o que está dentro do seu cofre."

"Ah, sim, o cofre. Mas eu já lhe disse que não sei o código."

"É um código em algarismos, não é?"

"Sim."

"E a senhora disse-me, da outra vez que eu cá estive, que, descobrindo as palavras-chave, bastava converter cada letra num dígito, segundo a ordem do alfabeto."

"Sim, era isso o que o meu marido fazia sempre."

"O um é o a, o dois é o b, o três é o c, e assim por diante."

"É isso."

"E em alfabeto português?"

"Alfabeto português?"

"Sim, o alfabeto sem k, y ou w."

"Ah, pois. O meu Martinho só usava o nosso alfabeto, não metia essas letras estrangeiras, como agora se vê nos jornais."

Tomás sorriu.

"Então eu já sei quais são as palavras-chave."

"Sabe?", estranhou Madalena. "Como sabe?"

"Lembra-se daquela cifra que me deu?"

"Aquela confusão de letras?"

"Sim."

"Lembro-me pois. Tenho-a ali."

"Decifrei-a e tenho a resposta."

"Ah, sim?"

"Podemos ir ver?"

Madalena Toscano levou o convidado até ao quarto. Tal como da outra vez, tudo se apresentava desarrumado. A cama permanecia por fazer, viam-se roupas espalhadas pelo chão e pela cadeira e pairava o mesmo odor ácido no ar, talvez um tudo-nada menos intenso do que da outra vez, mas igualmente desagradável. Acocoraram-se diante do cofre e Tomás tirou o bloco de notas da pasta; folheou o bloco até dar com os rabiscos que procurava. As palavras-chave encontravam-se escrevinhadas no papel, com cada letra a ter, por baixo, o respectivo algarismo:

J U	D	E	U					
10	20	4	5	20				
PO	R	T	U	G	U	E	S	
15	14	17	19	20	7	20	5	18

O professor inclinou-se sobre o cofre e digitou os números. Nada aconteceu. O visitante e a anfitriã trocaram um breve olhar desanimado, mas Tomás não desistiu. Digitou apenas a segunda sequência de números, correspondente à palavra português, e novamente a porta do cofre não se mexeu.

"Tem a certeza de que é essa a chave do código?", perguntou Madalena.

"Certeza nunca se tem, não é? Mas estava seguro de que era esta, sim."

"Como é que chegou a essa chave?"

"Descobri que a cifra era uma pergunta."

"Ah, sim? Uma pergunta? Qual pergunta?"

"A pergunta contida na cifra era: qual o Eco de Foucault pendente a 545? Depois de muito investigar, a resposta pareceu-me ser judeu português." Encolheu os ombros, reprimindo uma irritação frustrada. "Mas, pelos vistos, não é."

"Não há nenhum sinónimo? Às vezes, o Martinho jogava com sinónimos..."

"Ah, é?", surpreendeu-se Tomás. Acariciou o queixo, pensativo. "Bem, a partir do século xvi passaram a chamar cristãos--novos a estes judeus cristianizados..."

Tirou a caneta do bolso do casaco, agarrou no bloco de notas e escreveu as duas palavras. Depois, contabilizando com os dedos, assinalou por baixo os correspondentes algarismos:

C	R	I	S	T	Ã	O
317	9	18	19	1	14	
N	O	V	O			
13	14	21	14			

Digitou as duas sequências no código do cofre e aguardou um momento. Nada aconteceu de novo, a pequena porta permanecia trancada. Suspirou e passou a mão pelo cabelo, desanimado e já sem ideias.

"Não", exclamou, abanando a cabeça. "Não é nada disto."

O palácio erguia-se por cima do nevoeiro, como se estivesse suspenso sobre as nuvens, pairando melancolicamente na sombria encosta da serra de Sintra. A fachada de pedra ançã clara, repleta de esfinges, figuras aladas e estranhos animais assombrosos, todos inscritos em nós manuelinos ou envoltos em folhas de acanto, fazia lembrar um monumento quinhentista em toda a sua magnificência de gótico manuelino, mas aqui com um toque tenebroso, sinistro até, de fortaleza maldita, um monstro maciço a espreitar por entre os fumos pardacentos da neblina. Flutuando sobre os flocos cerrados de vapor que se colavam ao verde do monte, o palacete resplandecia sob o cinzento da luz refractada da tarde brumosa, parecia um castelo fantástico, uma mansão assombrada, um solar misterioso com o seu rendilhado de coruchéus, pináculos, mertões, torres e torreões, um lugar irreal e perdido no tempo.

De olhos fixos no palacete pendente sobre o nevoeiro, Tomás ainda não tinha decidido o que pensar sobre aquele enigmático lugar. Havia momentos em que a Quinta da Regaleira lhe parecia um local belo, transcendente, sublime; mas, sob o manto toldado das brumas, a beleza que irradiava daquele espaço místico transformava-se em algo assustador, lúgubre, um abrigo de sombras e um labirinto de trevas. Sentiu um calafrio percorrer-lhe o corpo e consultou o relógio. Eram três e cinco da

tarde, Moliarti já estava atrasado. A quinta encontrava-se deserta, era dia de semana e Março ia a meio, decididamente naquela altura do ano e da semana não podia esperar que houvesse visitantes a deambularem pela quinta. Desejou ardentemente que o americano se despachasse, não lhe apetecia permanecer muito mais tempo sozinho naquele sítio que noutros momentos lhe parecia prazenteiro e que agora se lhe afigurava tão aterrador.

Sentado num banco diante do jardim, junto à loggia central que ligava a quinta à rua, arrancou os olhos do palácio sinistro e mirou por instantes a estátua à sua frente. Era Hermes, o mensageiro do Olimpo, o deus da eloquência e da arte de bem falar, mas também a divindade capciosa e sem escrúpulos que levava para o inferno as almas dos mortos, o nome que fundou o hermetismo, o símbolo dos domínios do inacessível. Tomás olhou em redor e pensou que aquele era, sem dúvida, um dos deuses mais apropriados para vigiarem a Quinta da Regaleira, o sítio de Hermes, o local onde as próprias pedras guardavam segredos, onde até o ar se fechava em enigmas.

"Hi Tom", saudou Moliarti, a cabeça emergindo gradualmente das escadas do jardim. "Me desculpe o atraso, mas tive dificuldade em achar esse sítio."

Tomás ergueu-se do banco e cumprimentou o recém-chegado, aliviado por ter, enfim, companhia.

"Não faz mal. Aproveitei para admirar a paisagem e aspirar este ar puro da serra."

O americano olhou em redor.

"Que lugar é esse? Me dá os... creeps. Como se diz em português?"

"Arrepios."

"Isso. Me dá os arrepios."

"Aqui a Quinta da Regaleira é, talvez, o local mais esotérico de Portugal."

"Really?", admirou-se Moliarti, olhando para o palacete deserto. "Porquê?"

"Na viragem do século xix para o século XX, ainda no tempo da monarquia, esta propriedade foi adquirida por um homem chamado

Carvalho Monteiro. Ele era conhecido pelo Monteiro dos Milhões porque, com os seus negócios no Brasil, era uma das pessoas mais ricas do país. Carvalho Monteiro era também um dos homens mais cultos do seu tempo e decidiu transformar a quinta num lugar esotérico, alquímico, o sítio onde poderia fundar um fantástico projecto de ressuscitar a grandeza de Portugal com base na tradição mítica nacionalista e na gesta dos Descobrimentos, indo às raízes das fundações do Quinto Império." Apontou para o palacete, à direita, que espreitava por entre a névoa, taciturno, altivo, quase ameaçador. "Olhe para esta arquitectura. O que lhe faz lembrar?"

Moliarti estudou a estrutura argêntea e rendilhada da mansão.

"Hmm", murmurou. "Talvez a Torre de Belém..."

"Precisamente. Estilo neomanuelino. Sabe, a quinta foi construída numa época de revivalismo, de recuperação de valores antigos. Por toda a Europa imperava então o neogótico. Ora, o gótico português era o manuelino, pelo que o neogótico só podia ser o neomanuelino. Mas este lugar foi mais longe e procurou recuperar também as fundações dos Descobrimentos. Encontramos, por isso, múltiplas referências à Ordem Militar de Cristo, que em Portugal sucedeu à Ordem dos Templários e foi fundamental na expansão marítima. Os símbolos mágicos por aqui espalhados, segundo uma fórmula alquímica, emergem do cristianismo templário e da tradição clássica renascentista, com raízes profundas em Roma, na Grécia, no Egipto." Fez um gesto largo para a esquerda. "Está a ver essas estátuas?"

O americano contemplou a fila de silenciosas figuras esculpidas em pedra anã, assentes em estruturas que bordejavam um jardim geométrico francês, cheio de rectas e ângulos.

"Sim."

"Apresento-lhe Hermes, o deus que deu origem à palavra hermetismo", disse, apontando para a estátua mais próxima. Foi depois afastando o dedo cada vez mais para a esquerda, à medida que nomeava cada uma das estátuas. "Este é Vulcano, o filho disforme de Júpiter e Juno, aquele é Dioniso, o outro é o deus Pã, um sátiro habitualmente representado com pés de bode e cornos na cabeça, como se fosse o diabo, aqui felizmente mais humanizado. Depois estão Deméter, Perséfone, Vénus, Afrodite, Orfeu e, lá ao fundo, em último lugar, Fortuna. Todos

eles são guardiões dos segredos esotéricos deste lugar, sentinelas vigilantes que protegem os mistérios encerrados aqui na Quinta da Regaleira." Fez um gesto. "Vamos andando?"

Começaram os dois a percorrer o caminho diante das estátuas, em direcção à loggia do fundo do jardim.

"Então me diga. O que tinha o cofre da velha?"

Tomás abanou a cabeça.

"Não consegui entrar."

"Aquela não era a chave?"

"Pelos vistos, não."

"Estranho."

"Mas tenho a certeza de que estamos perto. A pergunta do professor Toscano remete-nos, sem sombra de dúvida, para aquele trecho de O Pêndulo de Foucault."

"Tem a certeza?"

"Absoluta. Repare, o professor Toscano andou a pesquisar as origens de Cristóvão Colombo, lançando dúvidas sobre a sua origem genovesa, e o trecho em questão menciona justamente que Colombo era um judeu português. Basta somar dois e dois, não é?" Passou a mão pelo cabelo. "O que eu acho, no entanto, é que cometemos um erro qualquer na formulação da palavra-chave."

Passaram diante de Orfeu e Fortuna e, já junto ao alpendre rendilhado da loggia, viraram à direita e escalaram o declive. O jardim geométrico deu lugar a um jardim romântico, onde se misturavam a relva, as pedras, os arbustos, as árvores, numa integração contínua, harmoniosa. Viam-se magnólias, camélias, fetos arbóreos, palmeiras, sequóias, plantas exóticas trazidas de todo o mundo. Por entre a verdura viçosa emergiu um lago estranho, a superfície coberta por um denso manto verde-esmeralda, parecia uma sopa de musgo que dois patos, entretidos com melancólicos grasnares, rasgavam enquanto deslizavam pela superfície, abrindo sulcos escuros que logo se fechavam atrás de si, selados pela espessa cobertura vegetal.

"O Lago da SSudade", anunciou Tomás. Apontou para uns enormes arcos escuros contíguos ao lago e por baixo da terra, pareciam as

cavidades sombrias de uma caveira, com fios de heras e fetos pendentes do alto. "A Gruta dos Cátaros, por onde o lago se estende."

"Assombroso", comentou Moliarti.

Percorreram o caminho que bordejava o lago, rodeado de pedras esverdeadas de musgo. Cruzaram uma pequena ponte arqueada sobre as águas, tapada por uma magnólia gigante, e depararam com uma casota coberta de quartzo e outras pedrinhas embuchadas na parede. Ao centro, uma concha gigante sustentava um caldo de água límpida.

"Esta é a Fonte Egípcia", disse Tomás, apontando para a concha invertida, como se fosse uma bacia. "Está a ver estes desenhos?" Indicou dois pássaros pintados na parede pelas pedras embuchadas. "São íbis. Na mitologia egípcia, o íbis personifica Thot, o deus da palavra criadora e do saber oculto, aquele que deu origem aos hieróglifos. Sabe qual o nome de Thot no Olimpo grego?"

Moliarti abanou a cabeça.

"Não faço ideia."

"Hermes. Da associação entre Thot e Hermes nasceram os misteriosos tratados esotéricos e alquímicos de Hermes Trismegisto." Apontou para o bico do íbis da esquerda, que parecia segurar uma minhoca gigante. "Este íbis tem no bico uma serpente, o símbolo da gnose, o conhecimento." Esboçou um gesto largo. "Estou a mostrar-lhe isto para lhe explicar que aqui nada foi colocado por acaso. Tudo encerra um significado, uma intenção, uma mensagem oculta, um enigma que remonta aos primórdios da civilização."

"Mas o íbis não tem nada a ver com os Descobrimentos."

"Tudo, meu caro Nelson, tem aqui a ver com os Descobrimentos. O íbis representa, como lhe disse, o conhecimento oculto. No Livro de Job, onde esta ave interpreta o poder da previsão, pergunta-se: «Quem deu ao íbis a sabedoria?» Ora, o que era, afinal, o mundo dos séculos xv e xvi senão um lugar oculto, um oráculo prestes a ser lido, um mistério por desvendar?" Mirou as paredes do palacete, flutuando na bruma, lá ao fundo. "Os Descobrimentos estão relacionados com os templários que encontraram refúgio em Portugal para as perseguições decretadas em França e aprovadas pelo papa. Na verdade, os templários trouxeram para Portugal o saber necessário para a grande aventura marítima dos séculos

xv e xvi. É por isso que existe uma cultura mística em torno dos Descobrimentos, um misticismo com raízes na idade clássica e na ideia do renascimento do homem." Ergueu quatro dedos. "Há quatro textos que são fundamentais para ler a arquitectura deste lugar de mistério. A Eneida, de Virgílio. O seu correspondente português, Os Lusíadas, de Luís de Camões. A Divina Comédia, de Dante Alighieri. E um texto esotérico da Renascença, igualmente pleno de enigmas e alegorias, chamado Hypnerotomachia Poliphili, de Francesco Colonna. Todos eles foram, de uma maneira ou de outra, eternizados nas pedras da Quinta da Regaleira."

"I see."

O professor português indicou um banco diante do lago e ao lado da Fonte Egípcia.

"Vamos sentar-nos?"

"Sim."

Aproximaram-se do banco esculpido em mármore de lioz, com dois galgos instalados nas pontas em posição de vigília, e uma estátua feminina ao centro, com um facho nas mãos.

"Este é o banco do 515", explicou Tomás, estacando diante da estrutura. "Sabe o que é o 515?"

"Não."

"É um código da Divina Comédia, de Dante. O 515 é o número que corresponde ao mensageiro de Deus que virá vingar o fim dos templários e anunciar a terceira idade da cristandade, a Idade do Espírito Santo, que trará a paz universal à Terra." Citou de memória. "«No qual um quinhentos dez cinco, mensageiro de Deus, matar vai a barregã com o gigante que com ela peca.»" Sorriu. "É um trecho do Purgatório, a segunda parte da Divina Comédia." Esboçou um gesto na direcção do banco de pedra. "Como vê, tal como tudo o resto na Quinta da Regaleira, também este banco é uma alegoria."

Acomodaram-se na superfície fria do mármore, o americano a estudar o galgo sentado ao seu lado e a mulher da tocha, ao centro.

"Quem é essa?"

"Beatriz, a figura que conduziu Dante ao céu."

"Puxa vida! Aqui tudo é mesmo uma história."

Tomás abriu a sua inseparável pasta e tirou o bloco de notas.

"É como eu lhe dizia", murmurou. "Mas trago aqui outra história para lhe contar."

"Ah, sim?"

Folheou o bloco e recostou-se no banco duro.

"A referência de Umberto Eco a Colombo, atribuindo-lhe origem portuguesa, teve o condão de me redireccionar a pesquisa. Andei à procura de elementos, consultando sobretudo as muitas fotocópias que tirei dos documentos redigidos pelo seu próprio punho, e descobri algumas coisas que decerto achará interessantes." Passou os olhos pelas anotações. "A primeira coisa que se pode dizer é que o debate sobre a nacionalidade de Colombo não pode ser feito nos moldes actuais, uma vez que na época em que o navegador viveu não existiam países na sua concepção moderna. Por exemplo, a Espanha era toda a Península Ibérica. Os portugueses consideravam-se, a si próprios, espanhóis, e protestaram quando os castelhanos se apropriaram abusivamente desse nome. Não havia também, no sentido que hoje lhe atribuímos, navegadores portugueses, mas navegadores ao serviço do rei de Portugal ou da rainha de Castela. Fernão de Magalhães, por exemplo, era um experiente navegador português que deu a volta ao mundo numa frota castelhana. Enquanto o fazia, ele era castelhano."

"Um pouco como o Von Braun?"

"Perdão?"

"Von Braun era alemão, mas planeou a ida à Lua como americano."

"Sim, isso", concordou Tomás. "A segunda coisa que importa referir é que o grande debate sobre a verdadeira nacionalidade de Colombo ocorreu por volta de 1892, não só a altura do quarto centenário da descoberta da América, como também uma época de nacionalismo exacerbado. Os historiadores espanhóis começaram a detectar incongruências na argumentação genovesa e avançaram com duas hipóteses, a de que Colombo seria galego ou catalão. Os italianos, em pleno período de fervor nacionalista e de afirmação política e cultural do seu recém-criado país, opuseram--se ferozmente a tal possibilidade. Data deste período o aparecimento, em ambos os lados, de documentos forjados."

"Isso não é assim. Para os italianos apenas interessava a verdade."

"Acha?" Tomás tirou um pequeno livro da pasta, intitulado *Sails of Hope*, e foi em busca de uma referência sublinhada. "Este é um estudo efectuado pelo famoso caça-nazis judeu Simon Wiesenthal sobre a verdadeira identidade de Colombo. Wiesenthal conta que conversou com um historiador italiano sobre a pesquisa que estava a levar a cabo e ouviu a seguinte resposta." Traduziu directamente do livro as palavras do italiano para Wiesenthal: "«Pouco importa o que vier a descobrir. O essencial é que Cristóvão Colombo não se torne espanhol.»" Fitou Moliarti. "Ou seja, para este historiador italiano não estava em causa a descoberta da verdade, mas a necessidade nacionalista de preservar a identidade italiana de Colombo, custasse o que custasse."

"Ora, ora!", riu-se o americano. "Não é isso o que você também está fazendo, só que no sentido contrário?"

"Engana-se, Nelson. Como já lhe expliquei, o que eu estou a fazer é a reconstituir a investigação do professor Toscano, que foi para isso que vocês me contrataram. Mas, se quer que eu pare, diga já, não hesite."

"Hmm", resmungou Moliarti. "Não vale a pena dramatizar." Passou a mão pela cabeça, como se procurasse reordenar os seus pensamentos. "Me diga, Tom, você acha mesmo sustentável que Colombo fosse de origem espanhola?"

"Não, não me parece. É certo que o papa Alexandre VI, numa carta aos Reis Católicos, descreveu Colombo como sendo um «filho dilecto da Hispânia», mas a verdade é que, naquele tempo, por Hispânia não se entendia apenas Castela e Aragão, mas, como já lhe disse, toda a Península Ibérica, incluindo Portugal. Por outro lado, tal expressão não implica necessariamente que ele tivesse nascido lá, embora isso esteja de algum modo implícito. Poder-se-á, porém, dar o caso de estar a referir-se a uma espécie de filho adoptivo da Hispânia."

"Da mesma maneira que Von Braun é um filho adoptivo da América."

"E é?"

"Bem... uh... de certo modo, sim."

"Com um pouco de boa vontade, poderá ser também esse o caso do significado desta referência. Mas olhe que é com um pouco de boa

vontade..." Piscou o olho, provocador. "Deixemos passar. Para o caso, o que interessa é que há fortes indícios de que Colombo não nasceu em Castela ou Aragão. O primeiro documento a certificar a presença de Colombo em Espanha data de 5 de Maio de 1487 e refere-se a um pagamento que foi feito a «Cristóbal Colomo, extrangero». De resto, a proveniência estrangeira do navegador ficou até provada num tribunal espanhol quando o seu filho português, Diogo Colom, processou a coroa por desrespeitar as cláusulas do contrato que os Reis Católicos tinham assinado com Colombo em 1492. Nesse processo, várias testemunhas indicaram, sob juramento, que Colombo falava castelhano com sotaque estrangeiro. O tribunal acabou por rejeitar a queixa mediante o argumento de que os monarcas, podendo conceder tais favores a cidadãos espanhóis, não o poderiam ter feito a um estrangeiro que não residisse há dezoito anos no país." Consultou as suas anotações. "A sentença do processo está guardada no código V.II.17, que se encontra na Biblioteca do El Escorial, e diz o seguinte: «el dicho don Cristóbal era extrangero, no natural ni vecino dei Reino, ni morador en él». Logo, Colombo era um estrangeiro."

"Genovês", precisou o americano.

"Você é persistente", riu-se Tomás. "Talvez fosse mesmo genovês, quem sabe? Mas há ainda a considerar a hipótese portuguesa, pelos vistos defendida pelo professor Toscano e acolhida por Umberto Eco." Fez uma pausa, procurando as anotações na página seguinte do bloco. "O primeiro grande indício foi dado por um dos maiores cosmógrafos e geógrafos do século xv, Paolo Toscanelli, de Florença. Este grande cientista trocou correspondência com o cónego português Fernam Martins e com Colombo. Particularmente curiosa é uma carta remetida para Lisboa em latim e datada de 1474. Nessa missiva dirigida ao navegador, Toscanelli começou por dizer que «recebi as tuas cartas», no plural, dando assim a entender que Colombo tomara a iniciativa de lhe escrever mais do que uma carta, aparentemente sobre o caminho ocidental para a Índia. A carta de Toscanelli explora detalhadamente a hipótese dessa viagem, mas é a conclusão que me parece relevante para a nossa pequena conversa. Toscanelli afirmou o seguinte." Afinou a garganta. "«Não me surpreende, pois, por estas e por muitas outras coisas que sobre o assunto poderiam ainda dizer-se, que tu, que és dotado de uma tão grande alma, e a muito nobre Nação Portuguesa, que em todos os tempos tem sido sempre tão enobrecida pelos mais heróicos feitos de tantos homens ilustres, tenhais tão grande interesse em que essa viagem se realize.»"

"E então?", questionou Moliarti com sobrançeria.

"E então?", riu-se Tomás. "E então, esta carta é muito reveladora! Olhe, tem pelo menos quatro elementos curiosos. O primeiro é que demonstra que Colombo se correspondia com um dos maiores cientistas do seu tempo."

"Não vejo o que isso tenha assim de tão curioso..."

"Ó Nelson, então não é a tese genovesa que diz que Colombo não passava de um tecelão de seda sem instrução? Como é possível que tal personagem se correspondesse com Toscanelli?" Fez uma pausa, como que a reforçar a sua pergunta. "Hã?" Voltou a atenção de novo para o bloco de notas. "O segundo problema é que Toscanelli deixou implícito considerar que o seu interlocutor era português ao escrever «tu, que és dotado de uma tão grande alma, e a muito nobre Nação Portuguesa». Então o itálico Toscanelli não sabia que Colombo também era itálico?" Inclinou a cabeça. "Ou não seria?" Sorriu. "O terceiro problema é que a carta, enviada para Lisboa, está datada de 1474."

"E depois?"

"Então não está a ver o grandessíssimo problema que isto levanta?" Agitou a cópia na mão. "O meu caro Nelson, lembre--se de que a documentação notarial refere que o tecelão de seda Cristoforo Colombo só chegou a Portugal em 1476. Como é possível que Toscanelli se tenha correspondido com Colombo para Lisboa, recebendo e enviando cartas, se ele só daí a dois anos desembarcaria na cidade?"

"Não haverá aí um engano qualquer?"

"Não há engano nenhum. É que a presença do navegador em Lisboa em 1474 foi confirmada por uma outra fonte. O historiador Bartolomé de las Casas, reproduzindo um encontro entre Colombo e o rei Fernando em Segóvia em Maio de 1501, citou o almirante como tendo dito que passou catorze anos a tentar convencer a coroa portuguesa a apoiar o seu projecto. Ora, considerando que Colombo abandonou Portugal em 1484, e se a 1484 tirarmos catorze, isso dá..." Rabiscou as contas no bloco. "Dá 1470." Mirou o americano. "Portanto, e se Las Casas estiver correcto neste pormenor, Colombo estaria obrigatoriamente em Lisboa em 1470. Quatro anos depois, em 1474, recebeu na capital portuguesa a carta de Toscanelli. Mas como é isso possível se, de acordo com os documentos notariais

genoveses, ele, nesta altura, ainda não tinha chegado a Portugal, coisa que só viria a acontecer em 1476?"

"Uh... bem... é um detalhe..."

"Nelson, este, e ao contrário do que possa parecer, não é um detalhe menor, uma coisinha sem importância, mas um problema muito, muito grande. Tão grande que os historiadores passaram todo o século xix a debater estas bizarras discrepâncias, incapazes de se porem de acordo quanto a uma questão aparentemente tão simples como esta de determinar a data da chegada de Cristóvão Colombo a Portugal. E isto porque durante alguns anos houve dois Colombos a coexistirem no tempo. Um Colombo em Génova a tecer seda, o outro Colom em Lisboa a tentar convencer o rei português a seguir para a Índia por oeste e a corresponder-se com Toscanelli, que o considerava português."

Moliarti remexeu-se no banco de pedra, desconfortável.

"Pois... uh... adiante. Qual é o quarto problema?"

"A carta de Toscanelli está escrita em latim."

"Ah, sim? E então?"

"Nelson", interpelou-o Tomás, como se estivesse a explicar uma coisa a uma criança. "Toscanelli era itálico e Colombo supostamente também era itálico. Sendo ambos itálicos, seria normal que se correspondessem em toscano, a língua falada entre italianos de cidades diferentes, e não numa língua morta, não é?"

"Admissivelmente. Mas dois itálicos corresponderem-se naquele tempo em latim não era impossível, ambos vinham de cidades diferentes e, sendo eruditos, o latim era uma forma de exibirem a sua erudição."

"Colombo era erudito?" Riu-se. "É que eu julgava que ele não passava de um tecelão de seda sem instrução..."

"Uh... bem...", gaguejou Moliarti. "Aprendeu em algum sítio, certamente."

"É possível, Nelson, é possível. Mas lembre-se de que, naquele tempo, as classes mais baixas não tinham acesso fácil à educação. Se ainda hoje isso é difícil, imagine no século xv..."

"Pode ter arranjado um protector."

"Um protector?"

"Sim, alguém que lhe pagasse os estudos."

"Mas como é isso possível se o nome de Cristoforo Colombo não consta da lista dos alunos das escolas de Génova naquele tempo?"

"Uh... se calhar, foi para outras escolas... uh... ou arranjam--lhe um tutor..."

"Outras escolas? Um tutor?" Tomás riu-se. "Talvez, quem sabe? Deixe-me, no entanto, chamar-lhe a atenção para o facto de que não foi só com Toscanelli que Colombo, supostamente itálico, não escreveu numa língua itálica viva. A verdade é que Colombo quase nunca escreveu nada em italiano."

"O que quer dizer com isso?"

"O que quero dizer é que Colombo, pelos vistos, era um itálico que não escrevia em italiano. A sua correspondência era toda em castelhano ou em latim."

"Bem... uh... presumo que isso seja natural. Certamente que os seus interlocutores espanhóis, como os Reis Católicos, não entendiam italiano..."

"Nelson", cortou Tomás em tom pausado, mas afirmativo. "O italiano Cristóvão Colombo não escreveu uma única vez em italiano quando se correspondeu com italianos. Nem uma única vez."

O americano esboçou uma expressão interrogativa.

"Não acredito."

"Pois pode acreditar." O professor retirou fotocópias de cartas manuscritas. "Está a ver?" Exibiu uma folha. "Esta é uma cópia de uma carta de Colombo a Nicolo Oderigo, embaixador de Génova em Espanha, datada de 21 de Março de 1502. Está arquivada no Palazzo Municipale di Génova. Será a carta de um presumível genovês para outro genovês. Pois, veja bem, está escrita em cas-te-lha-no." Soletrou a palavra sílaba a sílaba, para a enfatizar. Pegou noutra fotocópia. "Nesta outra carta, para o mesmo Oderigo, ainda em castelhano, Colombo chega a pedir ao seu interlocutor genovês que traduza a missiva a um outro genovês, um tal Giovanni Luigi." Fitou um embaixacado Moliarti. "Convenhamos que isto é estranho, não é? Não só Colombo escreve a um genovês em castelhano,

como, consciente de que um segundo destinatário genovês não sabe castelhano, em vez de redigir a carta em italiano ou no dialecto genovês para ser imediatamente compreendido por esse segundo destinatário, pede a Oderigo que lhe traduza a carta. É extraordinário, não acha? Sobretudo se considerarmos que Colombo era, supostamente, genovês." Mais uma fotocópia. "Esta é uma das cartas a um outro destinatário genovês, neste caso uma instituição bancária, o Ufficio di San Giorgio. A missiva vai igualmente em castelhano." Sorriu. "Ou seja, temos aqui um genovês que viveu em Génova até aos vinte e quatro anos de idade, mas que não escreveu uma linha em italiano ou no dialecto genovês nas cartas dirigidas aos seus interlocutores genoveses." Uma última fotocópia. "E esta é uma carta a outro italiano, o padre Gaspar Gorricio. Mais uma vez, surpresa, surpresa, em castelhano. E, não se esqueça, há ainda a carta que terá redigido a Toscanelli. Essa carta desapareceu, mas, pela resposta de Toscanelli, fica a ideia de que Colombo lhe escreveu em português ou em latim. Feitas as contas, no cômputo final estamos perante correspondência para cinco interlocutores italianos, dos quais três genoveses, sempre em línguas que não são o italiano nem o dialecto genovês. É obra, não é?"

"Não entendo, Tom. Afinal de contas, você próprio me disse que achava que Colombo não era espanhol..."

"Não achava, nem acho."

"E, no entanto, está me dizendo que ele só escrevia em castelhano ou em latim."

"Disse, e é verdade."

"Então, se falava castelhano e não era espanhol, onde está querendo chegar? Que eu saiba, em Portugal não se falava castelhano..."

"Pois não."

"Então em que ficamos?"

"É que eu ainda não lhe contei tudo."

"Ah, bom."

"Deixe-me fazer um ponto prévio", disse Tomás. "Os documentos pessoais de Cristóvão Colombo perderam-se no tempo. Quando o seu filho português, Diogo Colom, morreu, a correspondência do almirante passou para as mãos da mulher de Diogo, Maria, e do seu filho, Luís, que levaram tudo para as Antilhas. Após a morte destes, a correspondência

regressou à Espanha e foi entregue aos monges de Las Cuevas. Depois, uma querela jurídica dividiu-os entre Muno Colón e a família do duque de Alba. Parte dos documentos passou posteriormente para o segundo duque de Verágua, descendente do almirante. Nesta altura já só restavam algumas cartas de Colombo a Diogo." Levantou a mão esquerda. "Preste atenção a isto que lhe vou agora dizer, Nelson, porque é importante. Em todo este processo desapareceram quase todos os documentos. O próprio diário de Colombo não foi conservado, restando-nos apenas uma cópia manuscrita, descoberta no século xix, que se supõe ter sido feita por Bartolomé de las Casas." Sublinhou a palavra supõe. "Claro que, no meio de toda esta confusão, apareceram muitas falsificações. Em alguns casos, os falsificadores limitaram-se a alterar pequenos pormenores do texto, destinados a reforçar as suas teses, e provavelmente destruíram os originais que as desmentiriam. Noutros forjaram totalmente os documentos. Em certas situações, isso aconteceu para se apropriarem da nacionalidade de Colombo. Noutras foi simplesmente para fazerem dinheiro. Falei com peritos em manuscritos autógrafos, habituados a adquirir cartas raras em leilões, que me revelaram que, se aparecer por aí uma carta manuscrita pelo punho de Colombo e que se tenha a certeza de ser autêntica, ela valerá cerca de meio milhão de dólares. Mais caro do que isso, disseram-me esses peritos, assim meio a sério, meio a brincar, só se surgir outra carta assinada pelo próprio Jesus Cristo, veja lá. Ora, como deve calcular, estes valores astronómicos encorajaram, e de que maneira, as falsificações."

"Está dizendo então que é tudo forjado, é?"

"Estou a dizer que, provavelmente, muitas das cartas atribuídas a Colombo são falsificações, parciais ou totais."

"Incluindo essas cartas aos genoveses?"

"Sim."

Moliarti sorriu.

"Então isso resolve o problema que você me colocou há pouco, não acha? Se essas cartas são forjadas, o facto de estarem escritas em castelhano não prova coisa nenhuma. São forjadas..."

"Essas cartas provam várias coisas, Nelson. Provam que nem os falsificadores tiveram coragem de escrever as cartas de Colombo a genoveses em italiano, de tal modo isso as descredibilizaria. Provam que

os originais em que eles se basearam, quando havia originais, se encontravam, também eles, escritos em castelhano. E, finalmente, provam que houve de facto uma conspiração para fazer do descobridor da América um genovês."

"Disparate."

"Não é disparate, Nelson. Houve muitos documentos falsificados onde foi propositadamente plantado o nome de Génova."

"Quer dizer que os documentos notariais encontrados nos arquivos de Savona e Génova foram forjados?"

"Não, esses são provavelmente verdadeiros. O tecelão de seda Cristoforo Colombo existiu mesmo, sobre isso não há dúvidas. As falsificações dizem respeito apenas a alguns documentos do navegador Cristóbal Colón e a todos os documentos que tentam ligar Colombo a Colón, como o Documento Assereto e estas cartas do almirante enviadas a genoveses. Não se esqueça, Nelson, de que tudo o que sabemos sobre Colombo foi escrito por italianos e espanhóis, nuns casos de forma inocente, noutros nem por isso."

"Bem, adiante", exclamou Moliarti, impaciente, fazendo um gesto na direcção do bloco de notas do seu interlocutor. "Não há nada que se tenha a certeza de ter sido manuscrito pela mão de Colombo?"

"Só há duas coisas em que a segurança é absoluta. A primeira são as cartas ao seu filho Diogo, uma vez que elas foram conservadas por pessoas ou instituições devidamente identificadas ao longo do tempo e com um percurso que é possível reconstituir com exactidão."

"O percurso que você mencionou há pouco?"

"Sim, esse. A segunda são as anotações feitas nas margens dos livros que pertenceram a Cristóvão Colombo e que, doados pelo seu filho espanhol, Hernando, se encontram conservados na Biblioteca Colombina, em Sevilha. Embora, neste caso, seja possível que algumas das anotações tenham sido feitas pelo irmão de Cristóvão, Bartolomeu. Mas, de qualquer modo, há umas que temos a certeza de que foram redigidas pelo próprio almirante."

"E essas cartas e anotações estão escritas em que língua?"

"Estão sobretudo em castelhano. Há algumas em latim e duas em italiano, mas só uma dessas duas em italiano é seguramente de Cristóvão Colombo."

"Está vendo? Afinal, ele sempre escreveu em italiano e o resto foi em castelhano e latim. Pelos vistos, não há nada em português, não é? Ora, como Colombo não era espanhol e não escrevia em português, só podia mesmo ser italiano."

Tomás manteve o olhar preso em Moliarti, os lábios contorcendo-se num leve sorriso.

"Nelson."

O americano contraiu os músculos da cara, num tique nervoso. Percebeu de imediato, pelo tom de voz de Tomás e pela sua expressão facial, que havia um pormenor traiçoeiro a aguardar na sombra, prestes a estragar-lhe o raciocínio.

"Não é assim?"

"Nelson."

"Me diga..."

"Todos os textos redigidos pela mão de Colombo, sejam eles em castelhano, latim ou italiano, estão cheios de portuguesismos."

"Perdão?"

"Os textos escritos por Colombo encontram-se inundados por portuguesismos. Na verdade, Colombo não escrevia em espanhol, escrevia em portunhol, escrevia como escrevem os portugueses que querem expressar-se em castelhano. Entendeu?"

Moliarti encostou-se no banco, os olhos perdidos no tapete verde que cobria o Lago da Saudade.

"Não pode ser!", exclamou, pronunciando pausadamente as palavras. Olhou para Tomás com ar interrogativo. "O que quer você dizer com isso de portuguesismos?"

"Portuguesismos são palavras ou expressões típicas da língua portuguesa, mas inseridas numa outra língua. Se eu chegar a Madrid e disser, mesmo imitando o sotaque castelhano, «olha, hombre, quiero apahar un carro para ir a el palácio», qualquer madrilenho olha para mim e

percebe logo que eu sou português, em castelhano não se diz «olha» nem «carro», isso são portuguesesismos. Os espanhóis dizem «mira» e «coche»."

"Ah!", percebeu. "E que portuguesesismos utilizou Colombo?"

Tomás soltou uma gargalhada bem-disposta.

"Eu acho que você formulou mal a pergunta, Nelson. A verdadeira pergunta não é quais os portuguesesismos que Colombo utilizou, pois eles foram tantos... A pergunta é: quais os não portuguesesismos que Colombo utilizou?" Piscou o olho, com ar brincalhão. "É que os não portuguesesismos são quase mais raros, entendeu?"

Moliarti não se riu.

"Sim, mas me dê exemplos de portuguesesismos que ele tenha utilizado."

O professor folheou as suas anotações.

"Vamos começar pela única incursão pelo italiano que se tem a certeza de ter sido feita pela mão do almirante. Trata-se de uma nota rabiscada à margem do Libro de las Profecias, no início do salmo 2.2. São ao todo vinte e seis palavras, das quais seis são portuguesas quatrocentistas ou espanholas. Por exemplo, escreveu el em vez de il, delli em vez de degli, en em vez de in, simigliança em vez de somiglianza e como em vez de come. Na História Natural, de Plínio, encontram-se vinte e três anotações marginais. Vinte são em castelhano, duas em latim e a última em italiano. Há dúvidas sobre se esta anotação em italiano pertenceria a Cristóvão ou a outra pessoa, eventualmente o seu irmão Bartolomeu, mas é relevante notar tratar-se de uma nova risível tentativa de escrever em italiano, uma vez que o seu autor encheu o texto de palavras castelhanas ou portuguesas quatrocentistas, como cierto, tierra, pieça, como el, y, parda e negra."

"E as restantes anotações?"

"Estão essencialmente em castelhano aportuguesado." Voltou às anotações. "De tal modo que o investigador espanhol Altolaguirre y Duval afirmou que «o dialectismo colombino é seguramente português» e outro espanhol, o conhecido historiador e filólogo Menéndez Pidal, embora recusando-se a aceitar que Colombo fosse português, chegou à mesma conclusão, reconhecendo que «o seu vocalismo tende para o português» e que «esse lusismo inicial conserva-o o Almirante até ao fim da sua vida»."

"Dê-me exemplos."

"Olhe, começa por uma coisa muito portuguesa, que é colocar o ditongo ie em palavras espanholas. Não sei se sabe, mas há muitas palavras portuguesas e castelhanas que são quase iguais, com a diferença de que em espanhol se escrevem com ie e em português apenas com e. Ora, com Colombo aconteciam duas coisas que só os portugueses fazem quando tentam falar castelhano. A primeira é não pôr o ie. Por exemplo, o almirante escreveu se intende em vez de se entiende e quero em vez de quiero. A segunda é pôr o ie quando em castelhano não há ie. É o caso da palavra espanhola depende, que Colombo escreveu depiende. Todos os espanhóis sabem que só os portugueses, na sua atabalhoada tentativa de falarem castelhano, metem por vezes ie onde ele não existe."

"E o vocabulário em geral?"

"A mesma coisa. Por exemplo, Colombo escrevia algun, quando em castelhano é alguno e em italiano é alcuno. Dizia ameaçaban, enquanto os espanhóis dizem amenazaban e os italianos minacciavano. Outra palavra é arriscada, que em castelhano se diz arriesgada e em italiano rischiosa. Há ainda boa e bon, enquanto os espanhóis dizem buena e bueno e os italianos buona e buono. Colombo usava também o português crime, que em castelhano é crimen e em italiano é crimine. Utilizava a palavra depois, que os espanhóis dizem después e os italianos dopo ou poi. Colombo dizia dizer, enquanto o espanhol usa decir e o italiano dire. O almirante escrevia falar, que em castelhano é bablar e em italiano é parlare. Há o perigo, que em castelhano é peligro e em italiano pericolo. Recorria à palavra portuguesa aberto, que os espanhóis dizem abierto e os..."

"Pronto, pronto. Enough. Chega. Já entendi."

"A lista de portuguesismos é interminável, Nelson. Interminável."

"Isso não prova nada."

"Não prova nada?"

"Pode haver inúmeras razões para ele não escrever em italiano. Por exemplo, o volgare fiorentino, que dá o toscano, era, naquele tempo, a nova língua neolatina italiana, utilizada apenas pelos dotti, os instruídos. Colombo não era instruído."

"Ah, não? Então como é que sabia latim e cosmografia?"

"Un... aprendeu depois."

Tomás riu-se.

"Deve ter sido num curso por correspondência. Ou então a navegar na Internet..."

"Não interessa", cortou Moliarti.

"... onde, em vez de descobrir a América, deu com as trombas num site em latim e pôs-se a recitar declinações."

"Chega!", insistiu o americano, agastado com o sarcasmo. "Chega." Respirou fundo. "Vamos retomar a questão da língua, que me parece importante." Afinou a voz. "Tem de haver uma explicação lógica para essas anomalias, para o facto de ele escrever nesse... nesse castelhano... uh... aporuguesado."

"Uma explicação lógica? Qual explicação?" Inclinou-se na mesa. "Sabe o que me disseram no Archivio di Stato di Génova?"

"Hã..."

"Disseram-me que, naquele tempo, os italianos que viviam no estrangeiro usavam sobretudo o toscano como língua franca entre si."

"É verdade", confirmou Moliarti.

"Então por que razão não escreveu ele as cartas em toscano para os outros italianos?"

"Se calhar, não sabia..."

"Mas você mesmo, e também o Archivio di Stato di Génova, acabaram de reconhecer que o toscano era a língua franca utilizada naquele tempo pelos italianos que viviam no estrangeiro..."

"Pois, mas ele talvez fosse uma excepção, sei lá. Podia ser que Colombo só falasse o volgare genovês. Como esse dialecto não era escrito, não o podia usar para comunicar com outros geno-veses, não é?"

"Se quer que lhe diga, acho essa explicação muito rebuscada e imaginativa. Começa logo por ser falsa a afirmação de que o dialecto genovês não era escrito. Verifiquei com um professor de línguas genovês e ele garantiu-me que o volgare de Génova já era escrito na Idade Média. Há registos de volgare genovês nos poetas provençais, por exemplo, e em muitos poemas da época, incluindo rimas e versos inspirados na Divina

Comédia, de Dante." Espetou o indicador e o dedo do meio. "O que nos coloca duas questões. Então Colombo não sabia toscano porque não tinha instrução, mas sabia latim, que só os instruídos conheciam? E Colombo não escrevia em volgare genovês, falado por todos os genoveses e escrito pelos mais educados, mas fartava-se de produzir texto em castelhano aporuguesado?" Torceu o nariz. "Hmm... tudo isto cheira a esturro, meu caro."

"Mas há outra coisa que você não considerou", aventou Moliarti.

"O quê?"

"As semelhanças entre o dialecto genovês e o português. Muitas dessas palavras escritas por Colombo, que você diz serem portuguesas, são provavelmente genovesas."

"Acha?"

"Estou quase certo."

"Então está com azar", sorriu com malícia. "É que eu já tinha ouvido esse argumento da boca de um defensor da tese genovesa e fui verificar junto do professor genovês de línguas que consultei. Pedi-lhe a correspondência entre as palavras portuguesas que lhe citei, e que foram usadas por Colombo, e a respectiva tradução em genovês." Voltou às anotações. "Ora repare. Algun diz-se quarche, arriscada é reiszegòsa, boa e bon são bōnn-a e bōn, crime fica corpa, depois dá doppō e dizer é di. Como vê, com excepção de bōn, que é semelhante ao português, nenhuma das outras expressões usadas por Colombo remete para o genovês, mas exclusivamente para o português." Ergueu o indicador. "O que nos conduz à questão essencial. Sabe, a minha experiência como criptanalista diz-me que, quando estamos perante uma explicação complicada e uma explicação simples para um determinado enigma, a explicação simples tende a ser a verdadeira. Por que não concluir simplesmente que, se Colombo não escrevia em qualquer língua itálica, nem sequer em genovês, que já era escrito naquele tempo, isso se devia à lógica razão de que ele, na verdade, não as sabia falar? E, se não sabia línguas itálicas, fácil é de concluir que, provavelmente, ele não era itálico."

"Ele era itálico, sobre isso não há dúvidas. Era genovês. Tem de haver uma explicação qualquer para o facto de ele nunca escrever numa língua itálica. Provavelmente nem sabia toscano..."

"Você é teimoso, hã? Isso de que ele não sabia toscano, a língua franca dos italianos no estrangeiro, parece-me uma explicação um pouco mal amanhã..."

"Okay, admito que sim, talvez ele soubesse toscano, pronto. Mas, como Colombo saiu muito jovem de Génova, se calhar, se esqueceu."

"Esqueceu-se do toscano?" O português soltou uma gargalhada. "Ó Nelson, francamente! Essa não lembra nem a um careca." Abanou a cabeça, com ar divertido. "Olhe, recorda-se de eu lhe dizer, há pouco, que o historiador e filólogo espanhol Menéndez Pidal observou que «esse lusismo inicial conserva-o o Almirante até ao fim da sua vida»?"

"Sim."

"Pois bem, estamos aqui perante uma situação insólita. Colombo viveu vinte e quatro anos em Itália e, enquanto o diabo esfrega um olho, pimba!, esqueceu-se do toscano e do seu genovês natal. O mesmo Colombo viveu apenas uns dez aninhos em Portugal e, zás!, nunca mais se esqueceu do português, manteve-o até ao fim da vida. É fantástico, não é?" Apontou para o americano. "Você quer mesmo tentar convencer-me de que ele tinha má memória para tudo o que eram as línguas itálicas, que suposta-mente lhe eram maternas, e uma fantástica memória para a língua portuguesa, que alegadamente lhe era estrangeira? É?"

"Uh... bem... sim."

"Ó Nelson, realmente, isso que você está para aí a dizer não faz sentido nenhum", exclamou Tomás, voltando a abanar a cabeça, agora com uma ponta de impaciência. "Toda essa conversa não é uma explicação lógica, é uma fantasia desesperada, não tem ponta por onde se lhe pegue. Veja bem, vamos lá a ver se nos entendemos. O homem, a acreditar nas actas notariais genovesas, só deixou Génova aos vinte e quatro anos de idade. Vinte e quatro. Naquele tempo, um homem de vinte e quatro anos, para sua informação, não era nenhum jovem. Se fosse hoje, essa idade seria equivalente a uns trinta e cinco anos ou mais. Ora, que eu saiba, ninguém esquece a sua língua aos vinte e quatro anos de idade. Ninguém. Ainda por cima vivia com o irmão Bartolomeu, que supostamente era também genovês, e, portanto, tinha ampla oportunidade para praticar com ele a língua materna. Por outro lado, e como você próprio acabou por reconhecer, com alta probabilidade saberia toscano, uma vez que essa era a língua franca utilizada pelos italianos que se encontravam no

estrangeiro. Mas a única tentativa que se tem a certeza de ter sido feita por Colombo para escrever em italiano é de uma inépcia confrangedora. E o facto é que, quando estava a escrever em castelhano e lhe faltava uma palavra, em sua substituição não recorria a italianismos, como seria de esperar e perfeitamente natural num italiano, mas a portuguesismos. Aliás, os únicos textos de Colombo sem portuguesismos são aqueles que foram copiados, porque, nessas situações, os copistas corrigiram as expressões portuguesas para castelhano."

"Mas, Tom, não havia mesmo italianismos nos seus textos em castelhano, é?"

"Não, não havia. Quando lhe falhava uma expressão em castelhano, pelos vistos só lhe ocorriam palavras em português."

"Hmm..."

"E há mais, Nelson. Há mais."

"O quê?"

"Eu não tive oportunidade de ler tudo o que todas as testemunhas que conheceram Colombo disseram sobre o almirante, sobretudo no processo judicial do Pleyto con la Corona e do Pleyto de la Prioridad, onde se determinou que ele era estrangeiro. Mas dois investigadores que consultei, o judeu Simon Wiesenthal e o espanhol Salvador de Madariaga, encontraram alguns testemunhos espantosos." Examinou mais uma vez as suas anotações. "Wiesenthal escreveu: «testemunhas dizem que Cristóvão Colombo falava castelhano com sotaque português». E Madariaga, por seu turno, também observou que Colombo «falava sempre em castelhano com sotaque português»." Fitou Moliarti e sorriu, triunfante, os olhos verdes a brilharem, parecia um jogador de xadrez que tinha acabado de fazer xeque-mate e estudava a expressão atordoada do adversário derrotado. "Percebeu?"

O americano permaneceu um longo momento mudo, o olhar perdido, a fisionomia ausente.

"Holy shit!", exclamou, por fim, num sussurro, como se falasse só para si. "Tem a certeza?"

"Foi o que eles escreveram." Ergueu-se do banco e espreguiçou-se, desentorpecendo os músculos. "Há muitas coisas em Colombo que não batem certo, Nelson. Repare, quando o almirante chegou a Espanha,

presumivelmente em 1484, sabe qual foi a primeira pessoa que ele contactou?"

Moliarti levantou-se também e contorceu o tronco, tentando descontrair o corpo, já dorido de estar tanto tempo sentado sobre o assento de pedra; o banco do 515 era bonito, mas desconfortável.

"Não faço ideia, Tom."

"Um frade chamado Marchena. Sabe qual a sua nacionalidade?"

"Era português?"

"Claro." Sorriu. "Já reparou que, quando vamos para o estrangeiro, temos tendência a procurar pessoas da nossa nacionalidade? Ele podia ter procurado genoveses ou outros italianos, havia-os em Sevilha, inclusivamente no próprio mosteiro onde se alojava Marchena. Mas não, foi ter com um portuguesinho."

"Ora! Isso não prova nada."

"Claro que não, mas não deixa de ser curioso, pois não?" Começou a andar por um caminho de terra, deambulando por entre as árvores com Moliarti ao lado. "Há aqui muitas perguntas que requerem resposta. Por exemplo, por que razão Colombo, se era genovês, fazia da sua origem um mistério? Afinal de contas, os castelhanos tinham, naquela época, boas relações com Génova, e não se vislumbra motivo algum para que desconfiassem de um genovês. Pelo contrário, lidar com um genovês até dava prestígio, os próprios ingleses navegavam no Mediterrâneo sob a protecção da bandeira genovesa de São Jorge, aquele estandarte branco com uma cruz vermelha que depois adoptaram como bandeira de Inglaterra. Agora, e atendendo à rivalidade entre portugueses e castelhanos, a presença de um português à frente de tripulações castelhanas já poderia ser um problema, da mesma maneira que o oposto também era verdadeiro. De resto, basta ver o que sofreu o português Fernão de Magalhães quando comandou a frota castelhana que deu a primeira volta ao mundo. Sendo genovês, Colombo não teria qualquer razão para esconder a sua origem. Mas sendo português..."

"Isso é especulativo."

"Pois é. A verdade, contudo, é que não se percebe lá muito bem por que motivo Colombo fez um mistério da sua origem, pois não? E acredite que há ainda muitas mais perguntas a fazer. Por exemplo, por que razão

ele não escrevia em italiano, toscano ou volgare quando se correspondia com italianos, designadamente Toscanelli? Por que motivo falava castelhano com sotaque português? Sendo um tecelão de seda sem instrução, onde aprendeu ele latim e cosmografia? O que dizer das bizarras discrepâncias de datas? Como explicar que, em 1474, a carta de Toscanelli o localizava em Lisboa e actas notariais genovesas o situavam, nessa mesma altura, muito longe de Portugal? Enfim, há tantas perguntas a fazer, tantas, tantas, que eu era bem capaz de passar toda a tarde aqui a formulá-las, e o facto é que responder a todas elas requer um grande esforço de imaginação e um amplo recurso à especulação."

Moliarti não respondeu; caminhava com os olhos pregados no chão, meio cabisbaixo, os ombros descaídos e o semblante carregado. Subiram a rampa inclinada do caminho de terra com ar meditativo, mergulhados nos mistérios que Toscano desencantara em velhos manuscritos, segredos encerrados pelo tempo sob uma espessa camada de pó e de estranhos silêncios, contradições e omissões. Magnólias vermelhas e amarelas coloriam o caminho verde, por entre troncos de faias, palmeiras, pinheiros e carvalhos; o ar respirava-se fresco, leve, perfumado pelos românticos canteiros de rosas e de tulipas, cuja graciosidade feminina contrastava com a beleza carnal das orquídeas, sensuais e lascivas. A tarde prolongava-se, modorrenta, ao ritmo lento da grande valsa da natureza; o bosque animava-se e pulsava de vida, com as copas das árvores a farfalharem num rumor baixo sob a brisa que descia branda pela serra, como se fosse soprada pelo manto rasteiro e pardacento de nuvens; dos galhos luxuriantes vinham notas mais agudas e alegres, eram os pintassilgos que trilavam com exultação, envolvidos num intenso duelo de resposta ao arrulhar baixo dos beija-flores e ao gorjear melodioso dos rouxinóis.

O estreito caminho entre a verdura abriu-se, de súbito, no que parecia ser uma espécie de varanda cortada num patamar, com uma parede de um lado, donde jorrava uma fonte, e um semiarco de pedra esculpida à frente.

"A Fonte da Abundância", anunciou Tomás. "Mas, na verdade, e apesar do nome, é outra coisa bem mais dramática. Ora veja lá se consegue adivinhar..."

O americano analisou a estrutura aberta na floresta. O semiarco tinha um vaso em cada uma das pontas, cada vaso com a cabeça de um sátiro e de um carneiro esculpida nos lados.

"São uns demónios?"

"Não. O sátiro é o ser que invade a ilha dos Amores, representa o caos. O carneiro é o símbolo do equinócio da Primavera, representa a ordem. Com um sátiro e um carneiro lado a lado, cada um destes vasos significa a ordo ab chão, a ordem depois do caos."

No meio do semiarco assentava um enorme cadeirão de pedra e, diante deste, uma grande mesa. Do outro lado, a fonte ostentava uma concha incrustada, com o desenho de uma balança embrechada.

"Não faço ideia do que seja isso."

"Isto, Nelson, é um tribunal."

"Um tribunal?" ".*"

"Está ali o trono do juiz." Apontou para o grande cadeirão embutido na pedra. "Ali a balança da justiça". Indicou o desenho embrechado na fonte. "No simbolismo templário e maçónico é no equinócio da Primavera que a luz e a treva se igualam, representando a justiça e a equidade, e, por isso, é justamente nesse dia que entra em funções o novo grão-mestre, que assume o comando ao sentar-se no trono." Fez um gesto para a parede da fonte, onde eram visíveis outros desenhos embrechados. "Este muro reproduz decorações do Templo de Salomão, em Jerusalém. Nunca ouviu falar na justiça salomónica?" Ergueu os olhos para dois obeliscos piramidais assentes sobre o topo da parede da fonte. "Os obeliscos ligam a Terra ao céu, como se fossem as duas colunas à entrada do Templo de Salomão, verdadeiros pilares da justiça."

Meteram por um novo trilho aberto entre as árvores e foram dar a um novo largo, maior ainda do que a Fonte da Abundância. Era o Portal dos Guardiães, protegido por dois tritões. Tomás conduziu o seu convidado por um caminho que contornava esta nova estrutura e ziguezaguearam pelo bosque inclinado na encosta da serra; escalaram o declive até depararem com o que parecia ser uma anta, um conjunto megalítico formado por gigantescas pedras cobertas de musgo. O professor guiou o americano até à anta, passaram por baixo de uns arcos

formados pelas rochas assentes umas nas outras, como em Stonehenge, e Tomás empurrou uma grande pedra. Para surpresa de Moliarti, a pedra revirou-se, rodando sobre o eixo e revelando uma estrutura interior. Cruzaram a passagem secreta e viram um poço emergir diante de si; debruçaram-se sobre a balaustrada e olharam lá para baixo, viam-se as escadas em espiral com o corrimão escavado na pedra, abrindo-se em arcos sustentados por colunas, zonas de sombra escavadas nas paredes, a luz natural a despontar do topo.

"O que é isso?", quis saber Moliarti.

"Um poço iniciático", explicou Tomás, a voz a reverberar pelas paredes cilíndricas. "Estamos dentro de uma anta, de uma reprodução de um monumento funerário megalítico. Este lugar representa a morte da condição primária do homem. Temos de descer o poço na demanda da espiritualidade, do nascimento do homem novo, do homem esclarecido. Descemos no poço como se descêssemos dentro de nós próprios, em busca da nossa alma mais profunda." Fez um gesto com a cabeça, convidando o americano a segui-lo. "Ande, venha."

Começaram a descer as escadas estreitas, contornando as paredes do poço numa espiral, rodando no sentido dos ponteiros do relógio, sempre para baixo. O chão estava molhado e os passos ecoavam pelos degraus de pedra como se emitissem um som metálico, raspado e tilintante, misturando-se com o chilrear dos pássaros que invadia o abismo pela abertura celeste e que retinia ao longo do buraco escuro e encaracolado. As paredes apresentavam-se cobertas de musgo e humidade, e o mesmo acontecia com as balaustradas. Inclinarão-se no corrimão e espreitaram para o fundo, o poço parecia-lhes agora uma torre voltada para baixo, Tomás pensou na Torre de Pisa escavada na terra.

"Quantos níveis tem este poço?"

"Nove", disse o professor. "E esse número não é um acaso. O nove é um algarismo simbólico, em muitas línguas europeias apresenta semelhanças com a palavra novo. Em português, nove e novo. Em espanhol, nueve e nuevo. Em francês, neuf e neuve. Em inglês, nine e new. Em italiano, nove e nuovo. Em alemão, neun e neu. Nove significa, por isso, a transição do velho para o novo. Foram nove os primeiros templários, os cavaleiros que fundaram a Ordem do Templo, os que estão na origem da Ordem portuguesa de Cristo. Foram nove os mestres que Salomão enviou à procura de Hiram Abbif, o arquitecto do Templo.

Deméter percorreu o mundo em nove dias em demanda da filha Perséfone. As nove musas nasceram de Zeus por ocasião das nove noites de amor. São precisos nove meses para o ser humano nascer. Por ser o último dos algarismos singulares, o nove anuncia em simultâneo, e nessa sequência, o fim e o princípio, o velho e o novo, a morte e o renascimento, o culminar de um ciclo e o começo de outro, o número que fecha o círculo."

"Curioso..."

Chegaram, por fim, ao fundo e observaram o centro do poço iniciático. Desenhava-se ali um círculo decorado por mármore brancos, amarelos e vermelhos cobertos por pequenos charcos de lama. Dentro do círculo de mármore emergia uma estrela octogonal com uma cruz orbicircular insinuada no interior; era a cruz dos templários, a ordem que trouxe a ala octogonal para os templos cristãos do Ocidente. Uma das pontas amarelas da estrela indicava um buraco escuro escavado no fundo do poço.

"Esta estrela é também uma rosa-dos-ventos", explicou Tomás. "A extremidade da rosácea aponta para o Oriente. É no Oriente que nasce o Sol, é na sua direcção que se controem as igrejas. O profeta Ezequiel disse: «a glória do Senhor vem do Oriente». Sigamos, pois, por esta gruta."

O professor mergulhou na treva aberta na parede de pedra e Moliarti, após uma curta hesitação, seguiu-o. Caminharam cautelosamente, quase tacteando as paredes, movendo-se como cegos nas entranhas sombrias do túnel irregular. Uma fileira de luzinhas amarelas emergiu no chão, à esquerda, depois da curva, ajudando-os a caminhar. Progrediam agora com maior confiança, serpenteando por aquele longo buraco escavado no granito. Uma outra sombra escura abriu-se à direita, era um novo caminho na gruta, o indício de que aquilo, mais do que uma ligação subterrânea, era um labirinto. Familiarizado com o percurso, todavia, Tomás ignorou esse trajecto alternativo e seguiu em frente, mantendo-se no caminho principal até uma nesga de luz lhe anunciar o mundo exterior. Seguiram em direcção à luz e viram um arco de pedra sobre um lago cristalino, com um fio de água a jorrar sobre a superfície líquida em cascata, produzindo um som gorgulhante, molhado. Estacaram debaixo do arco, o caminho bifurcava diante do lago e tinham uma decisão a tomar.

"Esquerda ou direita?", perguntou Tomás, querendo saber qual o percurso que deveriam seguir.

"Esquerda?", arriscou Moliarti, pouco seguro de si.

"Direita", contrapôs o português, indicando o trajecto correcto. "Sabe, Nelson, o final do túnel é uma reconstituição de um episódio da Eneida, de Virgílio. Esta pretende ser a cena em que Eneas desce aos infernos à procura do pai e é colocado perante o dilema de escolher o rumo diante de uma bifurcação. Quem vira à esquerda são os condenados, aqueles destinados ao fogo eterno. Só o caminho da direita conduz à salvação. Eneas optou pelo da direita e atravessou o rio Letes, que lhe permitiu atingir os Campos Elísios, onde se encontrava o pai. Devemos, por isso, imitar--lhe os passos."

Seguiram pela direita e o túnel tornou-se aqui mais escuro, estreito e baixo. A dado ponto, a treva abateu-se sobre ambos, completa, total, e viram-se obrigados a progredir pé ante pé, apalpando as paredes húmidas, inseguros, hesitantes. O túnel abriu-se finalmente para o exterior, inundando-se de luz num caminho de pedras sobre o lago, como degraus espreitando pela água. Saltitaram pelas pedras até à outra margem e deram consigo de regresso ao bosque, rodeados de cor, respirando o ar perfumado da tarde e escutando o trinar suave dos pintarroxos que esvoaçavam de ramo em ramo.

"Que sítio mais estranho", comentou Moliarti, que experimentava nesse instante um sentimento de irrealidade. "Mas é legal."

"Sabe, Nelson, esta quinta é um texto." "Um texto? O que quer dizer você com isso?" Desciam agora pelos carreiros abertos por entre as árvores. Foram dar novamente ao Portal dos Guardiães e Tomás conduziu o seu convidado por uma escada em espiral construída dentro de uma estreita torre em estilo medieval, com ameias no topo.

"Antigamente, no tempo da Inquisição e do obscurantismo, em que a sociedade vivia dominada por uma Igreja intolerante, havia obras que se tornaram proibidas. Os artistas eram perseguidos, os novos pensamentos silenciados, os livros queimados, os quadros rasgados. Daí que tenha surgido a ideia de esculpir um livro na pedra. É isso, afinal de contas, a Quinta da Regaleira. Um livro esculpido na pedra. É fácil queimar um livro de papel ou rasgar uma pintura na tela, mas é bem menos fácil demolir uma propriedade inteira. Esta quinta é um espaço onde se

encontram construções conceptuais que reflectem pensamentos esotéricos, inspiradas no labirinto de ideias sugerido por Francesco Colonna no seu hermético Hypnerotomachia Poliphili e sustentadas nos conceitos que jazem sob o projecto de expansão marítima de Portugal e nas grandes lendas clássicas. Se quiser, e de alguma forma através dos mitos veiculados pela Eneida, pela Divina Comédia e por Os Lusíadas, este é um grande monumento aos Descobrimentos portugueses e ao papel que nele desempenharam os templários, em Portugal rebaptizados cavaleiros da Ordem Militar de Cristo."

Chegaram à base da torre medieval e enfiaram por um caminho mais largo, passando pela Gruta de Leda e dirigindo-se à capela. Marchavam agora em silêncio, atentos ao som dos seus passos e ao marulhar delicado do bosque.

"E agora?", perguntou Moliarti.

"Vamos ali à capela."

"Não, não é isso que lhe estou perguntando. O que quero saber é o que falta para concluir a investigação?"

"Ah", exclamou Tomás. "Vou estudar com atenção aquele parágrafo de Umberto Eco, para ver se encontro a chave que me abrirá o cofre do professor Toscano. Preciso também de clarificar umas coisas sobre a origem de Colombo. Vou, por isso, precisar de fazer uma última viagem."

"Tudo bem. Temos fundos para isso, como você sabe."

Tomás parou junto a uma grande árvore, a alguns passos da capela. Abriu a pasta e retirou uma folha de papel.

"Este é um outro mistério sobre Colombo", disse, exibindo a folha.

"O que é isso?"

"É uma cópia de uma carta que foi encontrada no arquivo de Verágua."

O americano estendeu a mão e pegou na fotocópia.

"Que carta é essa?" Estudou o texto e abanou a cabeça, devolvendo a folha a Tomás. "Não estou entendendo nada, isso é português quatrocentista."

"Eu leio-lhe", ofereceu-se Tomás. "Esta é uma carta descoberta entre os papéis de Cristóvão Colombo depois da sua morte. É assinada, imagine, pelo grande D. João II, cognominado o Príncipe Perfeito, o rei português do Tratado de Tordesilhas, o homem que disse a Colombo, e com razão, que o caminho para a Índia era mais perto contornando a África do que navegando para ocidente, o monarca que..."

"Eu sei muito bem quem foi D. João II", cortou Moliarti, impaciente. "Ele escreveu a Colombo, é?"

"Sim." Fixou a sua atenção no verso da folha e apontou para umas linhas horizontais e verticais. "Está a ver estas linhas? São as pregas da carta." Começou a dobrá-la. "Se a dobrarmos conforme as pregas, ela forma um sobrescrito, onde se lê a identificação do destinatário." Exibiu a folha devidamente dobrada.

"A carta está endereçada «a xpovam collon noso espicial amigo en sevilla»." Voltou a desdobrar a folha para ler o texto, no verso. "E diz o seguinte: «Xpoval Cólón. Nós Dom Joham per graça de Deos Rey de Portugall e dos Algarves, daquem e dallem mar em África, Senhor de Guinee vos enviamos muito saudar. Vimos a carta que nos escreveste e a boa vontade e afeição que por ella mostraes teendes a nosso serviço. Vos agradecemos muito. E quanto a vossa vinda cá, certa, assy pouco que apontaes como por outros respeitos para que a vossa industria e bom engenho nos será necessário, nós a desejamos e prazer-nos-ha muito de virdes porque em o que vos toca nos dará tal forma de que vós devaades ser contente. E porque por ventura teedes algum receo das nossas justiçaes por razam dalgumas cousas a que sejaades obrigado. Nós por esta Carta vos seguramos polia vinda, estada, e tornada, que não sejaades preso, reteudo, acusado, citado, nem demandado por nenhuma cousa ora que seja civil ou crime, de qualquer qualidade. E pella mesma mandamos a todas vossas justiçaes que o cumpram assy. E portanto vos rogamos e encommendamos que vossa vinda seja logo e para isso non tenhaades pejo algum e agradecer-vos-lo-hemos e teremos muito em serviço. Scripta em Avis a vinte de Março de 1488. El-Rey.»"

"Carta estranha, hem?", comentou Moliarti, intrigado.

"Ainda bem que concorda."

"Então o rei português convidou Colombo a regressar a Portugal em 1488?"

"Não é bem isso o que está aqui."

"Não é?"

"O que está aqui a dizer é que Colombo enviou uma carta ao rei D. João II oferecendo-lhe novamente os seus serviços. Nessa carta, Colombo terá manifestado receios quanto à possibilidade de ter de enfrentar a justiça do rei português."

"Mas porquê?"

"Alguma coisa terá feito em Portugal. Não se esqueça de que Colombo saiu de Portugal, de uma forma precipitada, algures em 1484, quatro anos antes desta troca de correspondência. Algo se passou que forçou a fuga de Colombo e do seu filho Diogo para Espanha, mas não sabemos o quê. Um dos mistérios envolvendo o almirante é, justamente, a falta de documentos sobre a sua vida em Portugal. Aconteceram aí coisas muito importantes, e, no entanto, nada sobreviveu que nos elucide, é como se existisse um buraco negro neste período. Mas, por esta carta, se percebe que algo de facto sucedeu que obrigou à sua fuga."

"Essa carta de Colombo a D. João II, onde está ela?"

"Nunca foi encontrada nos arquivos portugueses."

"Pena."

"E há ainda outro pormenor curioso."

"Qual?"

"A forma quase íntima como D. João II se refere a Colombo antes de o navegador se tornar famoso: «noso espicial amigo en sevilla». Não é uma carta formal entre um soberano poderoso e um tecelão estrangeiro sem instrução, é uma carta entre pessoas que se conhecem bem."

Moliarti ergueu a sobancelha direita.

"Essa carta não parece ter qualquer relevância para o problema da origem de Colombo."

Tomás sorriu.

"Talvez não", admitiu. "Ou talvez tenha. Neste caso, demonstra pelo menos que ambos se conheciam muito melhor do que pensamos e que Colombo tinha frequentado a corte portuguesa, o que levanta a hipótese de se tratar de um nobre, possibilidade que bate certo com duas outras

coisas. A primeira é, como já vimos, o seu casamento com a nobre Dona Filipa Moniz, algo que naquele tempo era impensável para um plebeu. Mas, sendo ele também nobre, já faz sentido."

"Tem a certeza de que não era possível um plebeu casar com uma nobre?"

"Absoluta", confirmou Tomás com um aceno categórico da cabeça. "Falei com um colega meu da faculdade, perito em história dos Descobrimentos, que me disse não conhecer um caso, um único, de casamento de um plebeu com uma nobre no século xv. Conhecia dois casos no século xvii, envolvendo burgueses ricos a casarem com duas nobres, mas não no século xv. Era impossível nessa altura."

"Hmm", resmungou o americano. "E qual é a outra coisa que bate certo com a hipótese de Colombo ser um nobre?"

O historiador tirou da pasta mais um papel.

"A segunda é este documento, de que ainda não lhe falei. Trata-se da provisão de Isabel, a Católica, datada de 20 de Maio de 1493, a conceder o escudo de armas a Cólon, que diz o seguinte." Apontou para esse trecho na folha que tinha em mãos. "«Y en outro cuadro bajo a la mano izquierda las armas vuestras que sabiades tener.»" Mirou Moliarti com ar interrogativo. "«Las armas vuestras que sabiades tener?» Então Colombo já tinha brasão-de-armas? É que eu pensava que ele não passava de um mero tecelão de seda, humilde e sem instrução. Como é que um tecelão de Génova tinha brasão, hã?" Tirou mais uma folha da pasta e exibiu a face, mostrando uma imagem hieráldica do lado esquerdo. "Ora, repare, este é o escudo de Colombo. Como vê, está composto por quatro imagens. Em cima, um castelo e um leão a representarem os reinos de Castela e Leão, à esquerda, em baixo, umas ilhas no mar a representarem as descobertas de Cólon." Pousou o dedo sobre o último quartel do escudo. "E esta é a imagem que Isabel, a Católica, disse corresponder às armas vuestras que sabiades tener. E o que mostra ela?" Fez uma pausa antes de responder à sua própria pergunta. "Cinco ancoretes de ouro dispostos em sautór sobre um campo azul. Agora veja isto."

Exibiu uma imagem do escudo português, à direita.

"Como vê, a imagem dos cinco ancoretes de ouro do último quartel do brasão de Colombo, aqui à esquerda, é extraordinariamente parecida com as armas reais de Portugal, onde os cinco escudetes são compostos

por cinco besantes também dispostos em sautór, desenho que ainda hoje se pode encontrar na bandeira portuguesa."

"Holy cow!"

"Ou seja, o brasão de Colombo remete directamente para os símbolos de Leão, Castela e Portugal."

"Incrível..."

"O que bate certo com a declaração de Joan Lorosano."

"Quem é esse?"

"Joan Lorosano era um jurisconsulto espanhol contemporâneo de Colombo." Consultou as suas anotações. "Lorosano referiu-se ao almirante como sendo «um tal que afirmam ser lusitano»."

"Hmm", murmurou Moliarti, pensativo. "Afirmam, disse ele! Mas esse Lorosano não tem a certeza..."

"Ó Nelson, não se faça desentendido! Como é bom de ver, o relevante desta afirmação é que a origem portuguesa de Colombo era, pelos vistos, fonte de comentários."

"Mas há alguém naquela época que afirmasse textualmente que Colombo era português?"

Tomás sorriu.

"Por acaso, há. No Pleyto de la Prioridad, duas testemunhas, Hernán Camacho e Alonso Belas, referiram-se a Colombo como «o infante de Portugal»."

"Ah!", gemeu o americano, parecia que lhe tinham espetado uma faca no peito.

"E há ainda mais uma coisa que lhe quero contar", acrescentou Tomás, verificando ainda o bloco de notas. "No auge do confronto entre historiadores espanhóis e italianos sobre qual a verdadeira origem de Colombo, um dos espanhóis, o presidente da Real Sociedad de Geografia, Ricardo Beltrán y Rózpide, escreveu um texto que terminou com uma frase críptica. Disse ele: «el descubridor de América no nació en Génova y fué oriundo de algún lugar de la tierra hispana situado en la banda occidental de la Península entre os los cabos Ortegal y San Vicente»." Fitou Moliarti nos olhos. "Esta é uma observação extraordinária, considerando

que foi feita por um prestigiado académico espanhol num período de grande debate nacionalista espanhol sobre o almirante."

"Desculpe", disse o americano, "mas não vejo o que tenha isso de tão extraordinário..."

"Nelson, o cabo Ortegal está na Galiza..."

"Precisamente. É natural que, naquele período, um espanhol defendesse uma origem espanhola."

"... e o cabo de São Vicente encontra-se na ponta sul de Portugal."

Moliarti arregalou os olhos.

"Ah..."

"Como observou, é perfeitamente natural que, num ambiente de grande debate nacionalista, um historiador espanhol defendesse que Colombo viesse da Galiza. Mas que ele mencionasse explicitamente toda a costa portuguesa como sendo a origem do almirante é que, naquele contexto, já não parece normal." Ergueu o indicador. "A não ser que ele soubesse alguma coisa que não estava a revelar."

"E sabia?"

Tomás sorriu e balouçou a cabeça afirmativamente.

"Pelos vistos, sabia. Rózpide tinha um amigo português chamado Afonso de Dornelas, que era também amigo do célebre historiador Armando Cortesão. No leito da morte, o investigador espanhol revelou ao seu amigo português que entre os papéis de João da Nova, existentes num arquivo particular em Portugal, há um ou vários documentos que esclarecem por completo a origem de Cristóvão Colombo. Dornelas perguntou-lhe várias vezes qual era esse arquivo particular. Rózpide disse-lhe que, com a questão colombina a ser debatida de um modo tão emocional em Espanha, arriscar-se-ia a provocar um desacato se lhe revelasse onde poderia encontrar tal documento ou documentos. Pouco depois, o historiador espanhol morreu, guardando para sempre o seu segredo."

Virou-se e recomeçou a andar, dirigindo-se para a catedral em miniatura que era a capela, mais um local de mistério que a Quinta da Regaleira encerrava dentro dos seus muros, um novo capítulo naquele extraordinário livro escavado na pedra.

Foi com o coração a transbordar de esperança que Tomás compareceu no sábado seguinte no portão da casa de São João do Estoril. Levava nos braços um vistoso bouquet de zínias, umas brancas, outras escarlates, outras amarelas, as pétalas largas abertas à luz como se abraçassem o mundo, revelando pequenos canudos esbranquiçados no núcleo. Tinha lido no livro de Constança que as zínias significavam pensamentos em quem estava ausente, expressando mensagens melodramáticas, como "estou de luto pela tua ausência", ou, simplesmente, "tenho saudades de ti", sentimentos que ele considerou adequados para a ocasião. Mas a sogra, que o veio atender ao portão, contemplou as flores com desprezo e abanou a cabeça quando ele lhe perguntou se podia falar com a mulher.

"A Constança não está em casa", informou-o de modo seco.

"Ah", retorquiu Tomás, decepcionado. "Não posso mesmo falar com ela, não?"

"Já lhe disse que ela não está em casa", repetiu a sogra num tom brusco, quase soletrando as palavras, como se estivesse a falar para uma criança.

"E a Margarida?"

"Está lá dentro. Vou chamá-la."

Antes que dona Teresa se voltasse para ir buscar a neta, Tomás estendeu-lhe o bouquet.

"Pode, ao menos, entregar-lhe estas flores?"

A sogra hesitou, olhou-o de alto a baixo, como quem diz que ele já estava a abusar, e voltou a abanar a cabeça, intimamente satisfeita por mais uma vez lhe poder negar algo.

"Você não é flor que se cheire."

Margarida já veio almoçada, pelo que seguiram directamente para o sítio que ela queria visitar. O Jardim Zoológico. Passaram a tarde a deambular pelo parque e a comer pipocas e algodões doces. As cobras e demais répteis fizeram-na enroscar-se pelo pai acima, o mesmo acontecendo diante das jaulas das feras, mas já o espectáculo dos golfinhos foi diferente e a pequena não se cansava de pular e aplaudir as

habilidades na água. Tomás deu consigo a pensar em quão diferente era o Zoo quando comparado com a Quinta da Regaleira, um agitava-se num bulício alegre e colorido, a outra recolhia-se sob uma aura tenebrosa e taciturna. Tão diferentes e tão semelhantes, ambos parques temáticos, os dois criados pelo mesmo homem, Carvalho Monteiro, o milionário que, algures no princípio do século xx, reunira animais selvagens em Lisboa e mistérios esotéricos em Sintra.

O céu adquiriu uma tonalidade rubra e dourada, era o Sol que descia para beijar o horizonte. Sentindo o frio do crepúsculo a invadir a sombra crescente e a penetrar-lhes na roupa, saíram do Jardim Zoológico e refugiaram-se no calor do carro. Na viagem para casa, passaram pelo centro comercial de Oeiras e fizeram as compras para abastecer o frigorífico. Margarida quis uma cassette de desenhos animados e encheu o carrinho de chocolates. "É pa'a os meus amigos", explicou. Tomás já desistira de se opor a estes ataques de generosidade, a filha adorava adquirir presentes para oferecer a toda a gente e até ia ao ponto de dar o que era seu quando alguém o cobiçava. Saíram do hipermercado e foram a um restaurante de comida rápida encomendar duas refeições de hambúrgueres com batatas fritas e um refrigerante.

"Como te chamas?", perguntou Margarida, espreitando do balcão para o rapaz atarefado em empacotar a comida.

"Hã?", surpreendeu-se o empregado, levantando a cabeça para mirar aquela rapariga de ar estranho que lhe dirigira a palavra junto à caixa registradora.

"Como te chamas?"

"Pedro", respondeu, sempre apressado a despachar o serviço.

"És casado?"

O rapaz soltou uma gargalhada, divertido com a inesperada indiscrição da pequena.

"Eu? Não."

"Tens namo'ada?"

"Uh... sim."

"É gi'a?"

"Margarida", cortou Tomás, que já via o interrogatório ir por ali fora e o empregado a corar. "Deixa o senhor em paz, ele está a trabalhar."

A pequena calou-se um instante. Mas foi só mesmo um instante.

"Dás-lhe beijos na boca, é?"

"Margarida!"

Levaram as refeições empacotadas para casa. Jantaram na sala a ver televisão, os dedos sujos com o ketchup e a gordura da comida rápida. Pelas onze da noite foram-se deitar, mas Tomás viu-se ainda na obrigação de lhe ler, pela enésima vez, a história da "Cinde'ela", aquele era um ritual de que ela não prescindia.

"Então o que fizeste durante a semana?", perguntou-lhe o pai quando fechou o livro, já Cinderela vivia feliz com o seu príncipe no palácio.

"Fui à escola e ao douto' Olivei'a."

"Ah, sim? E o que disse ele?"

"Que tenho de faze' mais análises."

"A quê?"

"Ao sangue."

"Ao sangue? Essa é nova. Porquê?"

"Po'qu'ando muito pálida."

Tomás contemplou-a. Estava, de facto, com a pele muito branca, de uma alvura desmaiada, pouco saudável.

"Hmm", murmurou, enquanto a observava. "E que mais disse ele?"

"Que tenho de faze' dieta."

"Mas tu não estás gorda."

Margarida encolheu os ombros.

"Ele disse."

Tomás voltou-se para a mesinha de cabeceira e apagou a luz do candeeiro. Aconchegou-se à filha e cobriu-a melhor.

"E a mãe?", perguntou na escuridão. "Como está ela?"

"Está boa."

"Ainda chora?"

"Não."

"Não chora?"

"Não."

O pai calou-se por momentos, decepcionado.

"Achas que ela já não gosta do pai?", perguntou, para testar a situação.

"Não."

"Não gosta, é?"

"Não."

"Por que dizes isso, filha?"

"Po'que ela tem ago'a um amigo novo."

Tomás ergueu-se na cama, sobressaltado.

"Como?"

"A mãe tem um amigo novo."

"Um amigo? Que amigo?"

"Chama-se Ca'los e a vovó diz que ele é um pintas. É muito melho' pa'tido do que tu."

XIV

Suaves.

Como os passos de uma bailarina a deslizar graciosamente por um palco, como o arrulhar de um bebé consolado junto ao seio macio e acolhedor da mãe, começaram por ser suaves os movimentos das folhas que se erguiam do chão, esvoaçando em saltos intermitentes até se porem a rodopiar, girando e girando sobre um eixo invisível, sopradas por uma aragem quente que se foi tornando a pouco e pouco furiosa; a brisa transformou-se assim, desse modo gradual, quase imperceptível, num remoinho de poeira, um torvelinho de ar que arrastava as folhas amarelas

e acastanhadas pela calçada, rolando num estranho bailado de vida, a rota tão incerta que em breve o vórtice ventoso abandonou o passeio e invadiu a movimentada rua que bordejava as muralhas da Cidade Velha. Tomás evitou a afunilada coluna de ventos giratórios que errava sobre o alcatrão e aligeirou o passo, cruzando a Sultan Suleyman junto a Kikar Shaar Shkhem e mergulhando na multidão. Pedras antigas, milenares, espreitavam pelos cantos, guardando memórias que, naquela cidade, eram feitas de sangue e de dor e de esperança e de fé e de sofrimento. Pedras fortes como metais e macias como marfim.

Suaves.

O dia nascera fresco e seco, embora o sol se revelasse inclemente e insuportável para quem se lhe submetia sem protecção na cabeça. Uma massa de gente emergia de todos os lados e descia a vasta escadaria, convergindo para a grande porta num aperto crescente, como formigas gulosas a afluírem sobre uma gota de mel, cada vez mais e mais, concentradas diante do olhar atento e vigilante dos homens com fardas verde-azeitona e capacete, eram os soldados do Tsahal que paravam um transeunte aqui e interpelavam outro ali, sempre a pedirem os documentos e a revistarem os sacos com as M-16 a balouçarem a tiracolo, as armas pareciam negligenciadas, mas todos sabiam que isso não passava de pose. O movimento em torno da monumental Porta de Damasco era nervoso, compacto, com pessoas e pessoas a formigarem na direcção da grande entrada, contornando as bancadas ambulantes com frutas e verduras e pães doces, murmurando palavras imperceptíveis, praguejando, acotovelando-se umas contra as outras e Tomás ali no meio, encostado aos árabes que o cercavam com os odores transpirados de quem viera de longe para ir fazer compras ao souk ou rezar a Alá na grande Mesquita de Al Aqsa. Apertado pela mole humana que o arrastava para a grande entrada norte da Cidade Velha de Jerusalém, ergueu a cabeça e viu, lá em cima, dois soldados israelitas instalados no topo da Porta de Damasco, espreitando a multidão por entre as ameias da muralha, perscrutando cada figura humana, uma a uma, em busca de sinais que desencadeassem o alerta.

A corrente humana transportou-o pela grande porta, mas o caminho logo voltou a afunilar-se, mergulhando no casario baixo do Bairro Muçulmano. Tomás sentia-se como se estivesse a ser arrastado pelas águas, incapaz de resistir à sua tremenda força, seguindo a maré com abandono, deixando-se levar para uma rua estreita e buliçosa; via-se ali

uma loja de artesanato e, ao lado, bancas com frutas, reconheceu laranjas, bananas e tâmaras, e ainda frascos com amêndoas e azeitonas pretas.

Três caminhos abriram-se diante de si, escoando a multidão de modo a tornar menos denso o fluxo de gente que jorrava sem cessar pela Porta de Damasco. Procurou com o olhar o nome das ruas; a da direita era a Souk Khan El-Zeit, onde se vislumbravam pequenas padarias, pastelarias e mercearias, e a da esquerda tinha uma tabuleta a indicar o Hospício Indiano e a Porta das Flores. Consultou o mapa e tomou uma decisão; era a do centro que lhe interessava, pelo que seguiu em frente, para sul. Passou por baixo de um edifício em arco sobre a rua e, num ligeiro declive, foi dar a uma nova bifurcação. Na esquina erguia-se o complexo do Hospício Austríaco e a ruela que aí desaguava da esquerda ostentava numa parede, em hebraico, árabe e latim, um nome que o fez estacar.

Via Dolorosa.

Tomás não era um homem religioso, mas não pôde deixar de imaginar, naquele instante, a figura de Jesus curvada a arrastar-se por aquela rua estreita com uma cruz às costas, o condenado escoltado por legionários romanos e com fios de sangue a escorrerem-lhe da cabeça e a pingarem na pedra. A imagem era, naquele sítio, um reflexo condicionado, quase um cliché, tantas vezes viu reproduções daquele percurso fatídico que, uma vez ali chegado, confrontado com o nome da Via Dolorosa pregado numa parede da rua, os seus olhos foram inundados por sequências imaginadas dos acontecimentos aí ocorridos dois mil anos antes.

O mapa indicava-lhe que teria de atravessar toda a Cidade Velha pela longa ruela diante de si. Meteu pela El-Wad, por onde momentaneamente ziguezagueava a Via Dolorosa, passou pelo Yeshivat Torat Chaim e seguiu em frente, deixando para trás a rua que Cristo percorreu nas suas últimas horas de vida. Na primeira bifurcação à esquerda, soldados do Tsahal, o exército israelita, tinham montado um posto e controlavam o acesso ao Bar Kuk, a estreita rua que conduzia ao complexo sagrado de Haram El-Sharif e da Mesquita de Al Aqsa, vedando a passagem a todos os não muçulmanos; aparentemente decorria ali uma cerimónia religiosa islâmica que ninguém queria perturbar. Apertada pelos edifícios que a bordejavam e cruzando sucessivos túneis e arcos, a El-Wad estava protegida do sol; uma brisa fresca percorria-a de ponta a

ponta, fazendo Tomás arrepiar-se de frio enquanto calcorreava a sua sombra em passo rápido, ignorando as múltiplas lojas de todas as espécies, embora lançasse fugazes olhares curiosos aos estabelecimentos com louças de cobre e bronze amontoadas à entrada. Depois de passar por Hammam El-Ain meteu pela Rechov Hashalshet em direcção ao Bairro Arménio, a oeste, mas na esquina do edifício Tashtamuriyya virou à esquerda, entrando no Bairro Judeu.

O burburinho das ruelas árabes foi aqui substituído por algo bem diferente; os espaços eram mais abertos e tranquilos, quase bucólicos, e não se via vivalma, apenas se escutava o turturilhar alegre dos pássaros e o rumor plácido das árvores com as copas a abanarem ao vento. O visitante identificou a Rua Shonei Halakhot e procurou o número da porta. Junto à campainha brilhava uma placa dourada, escrita em hebraico e com o título em inglês por baixo, em letras mais pequenas. The Kabbalah Jewish Quarter Center. Carregou no botão negro e ouviu um eléctrico tzzzzzz a zumbir no interior. Escutou passos a aproximarem-se e a porta abriu-se; um rapaz novo, de óculos redondos e barba rala muito fina, olhou-o interrogativamente.

"Boker tov", saudou o rapaz, dando os bons dias em hebraico e querendo saber em que poderia ser útil. "Ma uchal laasot lemaancha?"

"Shalom", devolveu Tomás. Consultou o bloco de notas, em busca da frase que rabiscara no hotel a indicar que não sabia falar hebraico. "Uh... eineni yode'a ivrit." Olhou para o jovem judeu, tentando perceber se fora entendido. "Do you speak English?"

"Ani lo tnevin anglit", devolveu o rapaz, abanando a cabeça.

Era evidente que não entendia inglês. O português mirou-o com intensidade, estudando formas de resolver o problema.

"Uh... Solomon... uh...", gaguejou, tentando perguntar pelo rabino com o qual combinara o encontro. "Rabi Solomon Ben--Porat?"

"Ah, ken", assentiu o israelita, abrindo a porta e convidando-o a entrar. "Be'vakasha!"

O jovem anfitrião conduziu-o a uma salinha pequena, decorada com sobriedade, soltou um curto "slach li", fazendo-lhe sinal para esperar, curvou-se numa breve vénia e desapareceu pelo corredor. Tomás sentou-se num sofá escuro e examinou o compartimento. Os móveis eram de

madeira escura e as paredes encontravam-se repletas de quadros pintados com caracteres hebraicos, tratava-se certamente de citações do Velho Testamento; pairava no ar um certo cheiro a cânfora e a papel velho, misturado com o odor ácido da cera e do verniz. Uma janelinha dava para a rua, mas os cortinados apenas deixavam passar alguma luz difusa, suficiente para fazer brilhar os grãos de pó que flutuavam na sala.

Minutos depois ouviu vozes a aproximarem-se e um homem corpulento, robusto apesar de aparentar quase setenta anos, apareceu à porta da salinha. Vinha vestido com um talit de algodão branco, riscado por listas roxas e exibindo franjas brancas e azuis--celestes penduradas nos cantos, traje que, pelos vistos, não despira desde a shacharit matinal; ostentava uma farta barba grisalha, talmúdica, como se fosse o Pai Natal ou um rei assírio, e um solidéu de veludo negro no topo da cabeça calva.

"Shalom aleichem", saudou o recém-chegado, estendendo a mão com bonomia. "Sou o rabino Solomon Ben-Porat", disse num inglês arrastado, com pronunciado sotaque hebraico. "Com quem tenho o prazer de falar?"

"Sou o professor Tomás Noronha, de Lisboa."

"Ah, professor Noronha!", exclamou efusivamente. Apertaram as mãos com vigor. Tomás notou que o rabino tinha uma mão papuda, mas firme, quase esmagava a sua. "Na'im le'bakir otcha!"

"Como?"

"É um prazer conhecê-lo", repetiu, agora em inglês. "Fez boa viagem?"

"Sim, foi boa."

O rabino fez-lhe sinal para o acompanhar e levou-o pelo corredor em direcção a uma outra sala, tagarelando sobre a maravilha que eram os aviões hoje em dia, fantásticas invenções que permitiam viajar mais depressa do que a pomba de Noé. Caminhava com alguma dificuldade, balouçando o enorme corpo numa e noutra direcção, e a progressão revelou-se de tal modo lenta que o percurso se tornou longo. Ao fundo do corredor entrou no que parecia ser uma biblioteca com uma grande mesa de carvalho ao centro; convidou Tomás a sentar-se numa das cadeiras encostadas à mesa e ele próprio acomodou-se numa outra cadeira no lado oposto.

"Esta é a nossa sala de reuniões", explicou, a voz rouca e trovejante, com um sotaque gutural, arranhando os r no seu inglês hebraiquizado, a expressão tneeting room saiu-lhe meeting rrroom. "Quer tomar alguma coisa?"

"Não, obrigado."

"Nem água?"

"Bem... água ainda ia."

O rabino olhou para a entrada da sala.

"Chaim", vociferou. "Ma'im."

Em alguns instantes apareceu junto à porta um outro homem com um jarro de água e dois copos num pequeno tabuleiro. Aparentava ter uns trinta e poucos anos. Era magro, exibia uma longa barba escura e um cabelo castanho encaracolado e usava na cabeça um solidéu tricotado. Entrou na sala e depositou o jarro e os copos sobre a mesa.

"Este é Chaim Nassi", disse o rabino, apresentando o homem. Riu-se. "O rei dos judeus."

Tomás e Chaim trocaram sbaloms e um aperto de mão.

"Você é que é o professor de Lisboa?", perguntou Chaim em inglês.

"Sim."

"Ah...", exclamou. Percebia-se que tinha vontade de acrescentar mais alguma coisa, mas conteve-se. "Muito bem."

"Aqui o Chaim é de origem portuguesa", explicou o rabino. "Não é, Chaim?"

"Sim", disse, baixando a cabeça com modéstia.

"Ah, é?", admirou-se Tomás. "Judeu português?"

"Sim", confirmou Chaim. "A minha família é sefaradia."

"Sabe o que é um sefaradi?", perguntou o rabino.

"Não."

"É um judeu da Península Ibérica."

"Ah, sefardita."

"Sim. Sefarditas ou sefaradim, é a mesma coisa." Encolheu os ombros. "Pois os sefaradim foram expulsos da Península Ibérica algures por volta de 5250."

"De 5250?", interrogou-se Tomás, sem perceber.

"E, 5250, mais ano, menos ano." Fez uma pausa e os olhos arregalaram-se numa expressão de compreensão, como se tivesse sido iluminado naquele instante, entendera agora a admiração do português. "Ano judaico, claro."

"Ah, bom. É que, no calendário cristão, eles saíram no final do século xv."

"Talvez, mas nós fazemos sempre as contas no nosso calendário." Bebeu um gole de água. "Se não me engano, os sefaradim expulsos somavam, ao todo, cerca de um quarto de milhão de pessoas. Abandonaram a Península Ibérica e espalharam-se pelo Norte de África, pelo Império Otomano, pela América do Sul, pela Itália e pela Holanda."

"Olhe", interrompeu Tomás. "Espinosa era um judeu português, a sua família fugiu para a Holanda".

"Sim", assentiu o rabino. "Os sefaradim eram muitos cultos, talvez dos judeus com mais conhecimentos que então existiam. Foram os primeiros a irem viver para os Estados Unidos e ainda hoje se consideram a linhagem mais prestigiada do judaísmo."

O historiador português assentou o cotovelo esquerdo na mesa para apoiar a cara.

"Sabe, a expulsão dos judeus foi uma grande estupidez, possivelmente dos maiores disparates alguma vez cometidos em Portugal", exclamou, com ar melancólico. "E não apenas devido à questão humanitária. A sua saída está directamente relacionada com o declínio do país."

Solomon Ben-Porat pareceu interessar-se. "Ah, sim? Em que sentido?" Tomás mirou-o com atenção.

"Diga-me uma coisa. O que é que, na sua opinião, faz com que uma pessoa ou um país sejam ricos?"

"Uh... o dinheiro, suponho. Quem tem dinheiro é rico." "Parece lógico", assentiu o português. "Mas há uns anos foi publicado em Portugal

o livro de um professor de Harvard, intitulado A Riqueza e a Pobreza das Nações, que definia a riqueza de um modo diferente. Por exemplo, será a Arábia Saudita um país rico? Com base na sua definição, sim, uma vez que tem muito dinheiro. Mas, quando os sauditas precisam de construir uma ponte, o que fazem? Chamam uns engenheiros alemães. Quando querem comprar um carro, para onde se voltam? Para Detroit, nos Estados Unidos. Quando pretendem usar um telemóvel, vão adquiri-lo à Finlândia. E assim sucessivamente." Fez um gesto na direcção do rabino, interpelando-o. "Agora diga-me, o que acontecerá no dia em que o petróleo acabar?"

"Quando o petróleo acabar?"

"Sim. O que acontecerá à Arábia Saudita quando o petróleo acabar?"

"Sei lá", riu-se o rabino. "Voltam a ficar pobres, suponho." Tomás apontou-lhe o indicador com um gesto rápido. "Exactamente. Voltam a ficar pobres." Abriu as mãos, como se expusesse uma evidência. "Logo, o que faz a riqueza de um país não é o dinheiro. É o conhecimento. É graças ao conhecimento que eu gero dinheiro. Posso não ter petróleo, mas, se souber construir pontes e fazer automóveis e conceber telemóveis, sou capaz de gerar riqueza de uma forma duradoura. É isso que torna uma pessoa ou um país ricos." "Entendo."

"Ora, o que aconteceu em Portugal no tempo dos Descobrimentos? O país abriu-se ao conhecimento. O infante D. Henrique juntou grandes cérebros do seu tempo, portugueses e estrangeiros, que se puseram a inventar novos instrumentos de navegação, a criar um novo tipo de navios, a desenvolver armas mais sofisticadas, a avançar na cartografia, enfim, foi um período de grande riqueza intelectual. Muitos desses portugueses e estrangeiros eram cristãos, mas nem todos."

"Alguns eram judeus..."

"Precisamente. Havia judeus entre os cérebros que conceberam os Descobrimentos, e alguns foram muito importantes. Trouxeram novos conhecimentos ao país, abriram portas, estabeleceram contactos, encontraram financiamentos, apontaram direcções. Enquanto os castelhanos perseguiam os judeus, os portugueses abrigavam-nos. Mas, no final do século xv, as coisas começaram a mudar. Os Reis Católicos expulsaram os judeus de Espanha em 1492 e muitos procuraram refúgio em Portugal, sendo protegidos pelo rei D. João II. O problema é que o seu

sucessor, o rei D. Manuel I, começou, a certa altura, a alimentar o sonho de se tornar rei de toda a Península Ibérica, instituindo Lisboa como a capital, e lançou uma operação de sedução dos Reis Católicos. Um dos passos fundamentais desse plano era o casamento de D. Manuel com uma filha dos Reis Católicos, de modo a facilitar uma eventual união dinástica, mas a própria noiva, católica fanatizada, pôs uma condição para viabilizar o casamento."

"Queria a expulsão dos judeus", adivinhou o rabino.

"Nem mais. Não queria judeus em Portugal. Em condições normais, D. Manuel mandaria a noiva e os Reis Católicos darem uma volta. Mas aquelas não eram condições normais. O rei português queria ser rei de toda a Península Ibérica. Colocado perante a condição imposta pela noiva, e pressionado também pela Igreja portuguesa, o palerma do D. Manuel cedeu. Tentou ainda, no entanto, um subterfúgio. Em vez de expulsar os judeus, pensou em convertê-los à força. Numa gigantesca operação desencadeada em 1497, o rei batizou-os contra a sua vontade. Foram assim cristianizados setenta mil judeus portugueses, que passaram a chamar-se cristãos-novos. Mas a maioria continuou a professar a religião judaica em segredo. Em consequência, foi efectuada em 1506 a primeira matança de judeus em Lisboa, um pogront conduzido pela população que fez dois mil mortos. Essas acções eram comuns em Espanha, onde a intolerância há muito se tornara generalizada, mas não em Portugal. O resultado foi catastrófico. Os judeus começaram a fugir do país, levando consigo um precioso tesouro: os seus conhecimentos, a sua curiosidade, o seu espírito inventivo. Esse primeiro passo foi seguido na década de 1540 pela instalação da Inquisição em Portugal, e o desastre tornou-se completo quarenta anos depois, quando a união dinástica com a Espanha, sonhada por D. Manuel, finalmente se concretizou, mas com os espanhóis a dominarem. A Espanha trouxe consigo métodos obscurantistas ainda mais radicais. Portugal fechou-se às influências estrangeiras e ao conhecimento. Os textos científicos tornaram-se proibidos, a educação passou a ser controlada exclusivamente pela Igreja, o país mergulhou na ignorância fanatizada. Com a proibição do judaísmo, Portugal entrou num período de declínio que só pontualmente conseguiu inverter."

"Ora aí está uma maneira interessante de conhecer a história de um país", comentou o rabino com um sorriso. "Através das más decisões."

"Pequenas causas, grandes efeitos", observou Tomás.

O rabino colocou a mão sobre o ombro de Chaim, num gesto afectuoso, mas manteve o olhar no português.

"Pois aqui o rei dos judeus é descendente de uma das mais importantes famílias sefaradim de Portugal." Voltou o rosto para o seu protegido. "Não é, Chaim?"

Chaim balançou afirmativamente a cabeça, num gesto humilde.

"Sim, mestre."

"Como se chamavam os seus antepassados?", quis saber Tomás.

"Quer o nome português ou o hebraico?"

"Uh... os dois, acho eu."

"A minha família adoptou o nome Mendes, mas chamava-se, na verdade, Nassi. Anos depois de terem começado as perseguições em Lisboa, os meus antepassados fugiram para a Holanda e depois para a Turquia. A matriarca da família era Gracia Nassi, que recorreu à sua influência junto do sultão turco e aos seus múltiplos contactos comerciais para ajudar os cristãos-novos a fugirem de Portugal. Ela chegou ao ponto de tentar organizar um boicote comercial aos países que perseguiam os judeus."

"A senhora Gracia Nassi tornou-se famosa entre o nosso povo", acrescentou o rabino. "O poeta Samuel Usque dedicou-lhe um livro em português, Consolaçam às Tribulações de Ysrael, e consagrou-a como «o coração dos judeus»."

"O sobrinho de Gracia, José Nassi, também fugiu de Lisboa para Istambul", disse Chaim, retomando a narrativa. "José veio a ser um famoso banqueiro e estadista, tornando-se amigo de monarcas europeus e conselheiro do sultão, que o nomeou duque. Foram José e Gracia os judeus que assumiram o controlo de Tiberíades, aqui em Israel, incentivando os outros judeus a virem estabelecer-se por cá."

Tomás sorriu.

"Você está a insinuar que foram dois judeus portugueses, seus antepassados, que iniciaram o conflito do Médio Oriente?"

Os dois israelitas também esboçaram um sorriso.

"É uma maneira de ver as coisas", considerou Chaim, afagando a barba encaracolada. "Eu prefiro pensar que eles foram instrumentos de Deus para nos devolver a Terra Prometida."

"Mas você não sabe da melhor", indicou o rabino. "É que José Nassi tornou-se tão rico, tão rico que ainda hoje é conhecido como o rei dos judeus." Ergueu um dedo. "Era rei também porque a palavra nassi significa rei em hebraico." Acariciou o cabelo de Chaim. "É por isso, por ser descendente da família de José e por ter o nome Nassi, que eu chamo aqui ao Chaim o rei dos judeus."

"Ora aí está uma perda para o meu país", observou Tomás. "Imaginem o que faríamos nós se a família de Chaim tivesse ficado em Portugal?"

Solomon mirou o grande relógio de parede exposto na biblioteca.

"Essa e muitas outras famílias", comentou melancolicamente. Respirou fundo. "Mas estamos nós para aqui a falar, a falar, e ainda não tocámos no tema da nossa reunião, não é?"

Estava dada a deixa para Tomás pegar na sua velha pasta e tirar um maço de fotocópias.

"Muito bem", exclamou. "Como lhe disse ao telefone, preciso da sua ajuda para analisar estes documentos." Pôs o maço sobre a mesa e empurrou-o na direcção do rabino, destacando uma folha em especial. "Sobretudo intrigante é este aqui."

Solomon colocou uns pequenos óculos no rosto e inclinou-se sobre a fotocópia, analisando as letras e sinais aí reproduzidos.

"O que é isto?", perguntou o rabino, sem tirar os olhos da folha.

"A assinatura de Cristóvão Colombo."

O velho judeu acariciou a sua vasta barba branca, pensativo; tirou os óculos do rosto e fitou Tomás.

"Esta assinatura tem muito que se lhe diga", comentou.

O português balançou afirmativamente a cabeça.

"Foi o que me pareceu", disse. "Acha que é cabalística?"

Solomon voltou a colocar os óculos e estudou novamente a folha.

"É possível, é possível", assentiu ao fim de alguns instantes. Pousou a fotocópia na mesa, afagou os lábios finos com os dedos, considerando em silêncio as possibilidades encerradas naquela estrutura de letras e sinais, e suspirou. "Preciso que me dê algumas horas para consultar uns livros, falar com uns amigos e estudar melhor esta assinatura." Mirou o relógio de parede. "São onze da manhã... uh... deixe cá ver... vá dar um passeio e volte aí pelas... uh... pelas cinco da tarde, pode ser?"

"Com certeza."

Tomás levantou-se e o rabino fez um sinal a Chaim.

"O Chaim vai consigo. Ele é um bom guia e leva-o a passear pela Cidade Velha." Fez um gesto vago de despedida com a mão. "Lehitra'ot."

E, esquecendo-se de imediato dos dois homens que saíam da sala, como se não passassem de fantasmas que se volatilizavam no ar, o velho cabalista mergulhou na folha e embrenhou-se nos mistérios da assinatura de Cristóvão Colombo.

O ar permanecia fresco e seco na rua, apesar do sol forte que banhava o casario e as praticas do Bairro Judaico. Ao sair do edifício, Tomás correu o fecho do casaco e seguiu Chaim.

"O que gostaria de visitar?", perguntou o israelita.

"O habitual nestas ocasiões, creio. O Santo Sepulcro e o Muro das Lamentações."

"A qual quer ir primeiro?"

"Qual o mais próximo?"

"O Muro Ocidental", disse Chaim, apontando para o lado direito. "E a uns cinco minutos daqui."

Decidiram começar pelo muro sagrado do judaísmo. Viraram para sul, apanharam a Yeshivat Etz Chaim até à Praça Hurva. Este era o primeiro espaço amplo que Tomás encontrava na Cidade Velha; viam-se cafés, esplanadas, lojas de recordações e algumas árvores, numa praça dominada pelas quatro sinagogas sefarditas, construídas pelos judeus espanhóis e portugueses no século xvi, pelas ruínas da sinagoga Hurva e pelo esbelto minarete da desaparecida Mesquita Sidna Ornar. Os dois viraram para leste, metendo pelas passagens arqueadas da movimentada

Tiferet Yisrael, e zigzeguearam por entre um labirinto de ruelas repletas de lojas de recordações.

"Acha que o rabino vai conseguir decifrar a assinatura?", inquiriu Tomás, caminhando ao lado de Chaim, os olhos a deambularem pela calçada.

"Quem? O mestre Solomon?"

"Sim. Acha que ele vai extrair daquele documento o seu verdadeiro sentido cabalístico?"

"O mestre Solomon Ben-Porat é um dos melhores cabalistas do mundo. Vem gente de toda a parte consultá-lo para desvendar os segredos da Tora. Sabe, ele não é nenhum Chelmer chochem."

"Nenhum quê?"

"Chelmer chochem."

"O que é isso?"

"Chelmer chochem? Significa homem sábio de Chelm."

Tomás olhou para o seu companheiro com ar interrogativo.

"O rabino Solomon não é um homem sábio?"

"É, sim", disse Chaim. Riu-se. "Mas não é um sábio de Chelm."

O português não percebeu a graça.

"Não é um sábio de Chelm? O que quer dizer com isso?"

"Desculpe, é uma piada nossa", explicou o judeu, divertido. "Chelm é uma cidade da Polónia cujos habitantes são objecto de chacota entre os judeus. Não são os ingleses que contam anedotas sobre os irlandeses e os franceses que se divertem à custa dos belgas? Pois nós contamos anedotas sobre os sábios de Chelm. Dizemos que uma pessoa é um sábio de Chelm quando tem ideias tolas."

"Ah, sim? Como, por exemplo?"

"Olhe, um rabino de Chelm prometeu certa vez que iria acabar com a pobreza na cidade. Daí em diante, prometeu, os pobres encher-se-iam de carne e os ricos teriam de se contentar com pão. Como?, perguntaram os fiéis, admirados com tal projecto. Como fará o mestre tal milagre? O

rabino respondeu. Simples, disse ele. A partir de agora chamaremos carne ao pão e pão à carne."

Soltaram ambos uma gargalhada.

"Em Portugal chamamos a isso esperteza saloia", comentou Tomás. "Tem mais exemplos?"

"Oh, as histórias de Chelm são infinitas", observou Chaim. "Uma vez os sábios judeus reuniram-se para discutirem qual o astro mais importante, o Sol ou a Lua? O rabino de Chelm não teve dúvidas. A Lua, disse ele. Ah, sim?, admiraram-se os outros rabinos. Então e porquê? O rabino de Chelm foi peremptório. Quem precisa do Sol à luz do dia?, perguntou. Precisamos é da luz da Lua, à noite, quando está tudo escuro."

Novas gargalhadas.

"Vocês contam muitas anedotas?"

"Muitas, muitas."

"Sobre os sábios de Chelm?"

"Uh... sim, embora, vendo bem as coisas, nós contamos é anedotas sobre nós próprios. Adoramos gozar com os judeus, com as suas peculiaridades, com a sua mentalidade." Ergueu a mão, como se fizesse um aviso. "Mas, atenção, detestamos quando outros o fazem."

"É como os portugueses", riu-se Tomás. "Um português a falar mal de um português está bem. Um estrangeiro a falar mal de um português é uma chatice."

"Ah, não duvide de que vocês herdaram isso de nós", comentou Chaim. "Sabe, há sobretudo uma coisa de que gostamos de nos rir. É do chutspah dos judeus."

"O que é isso?"

"Chutspah? É... uh... não sei, é uma espécie de descaramento, uma insolência de que só os judeus são capazes. Por exemplo, um judeu foi a tribunal por ter assassinado o pai e a mãe. Como era judeu e, consequentemente, tinha muito chutspah, resolveu implorar a clemência do juiz, alegando ser órfão de pai e mãe."

Mais gargalhadas.

Passaram pela sinagoga Yeshivah e uma vasta praça abriu-se diante de ambos. Ao fundo erguia-se uma muralha alta, com enormes blocos de pedra calcária, e viam-se filas de judeus em baixo, com kipah na cabeça, balouçando o tronco para a frente e para trás, junto à gigantesca parede de aspecto rude e velho. A área das orações era protegida por uma vedação ornamental, formada por blocos de pedra com uma menor ah em ferro forjado no topo e com todas as estruturas metálicas ligadas umas às outras por uma corrente negra, separando o espaço de oração do resto da praça.

"O Kotel Hamaaravi", anunciou Chaim. "O Muro Ocidental."

Tomás permaneceu um instante a contemplar a cena, tantas vezes a vira na televisão ou em fotografias de revistas.

"Por que razão é este o lugar mais santo do judaísmo?", perguntou o português.

Chaim apontou para uma cúpula áurea, resplandecendo no monte por trás da muralha.

"Tudo começou ali, por baixo daquela cúpula dourada. A cúpula abriga a pedra sobre a qual o patriarca Abraão, obedecendo a uma ordem de Deus, se preparava para matar o filho Isaac. No derradeiro instante, porém, um anjo travou-lhe o braço. Essa rocha chama-se even hashetiah e é a pedra fundamental do mundo, a pedra primordial, foi nela que depois se apoiou a Arca da Aliança. Toda esta elevação, onde se situa a pedra de Abraão, é o Monte Moriah, o monte do Templo, uma vez que foi aqui que o rei Salomão ergueu o primeiro Templo. Mas, quando Salomão morreu, vários conflitos conduziram à divisão da nação judaica, a qual, depois de derrotada pelos assírios, foi escravizada pelos babilónios, que destruíram o Templo. Os babilónios acabaram por serem derrotados pelos persas e os judeus foram autorizados a regressarem às suas terras. Foi então construído o segundo Templo. A passagem por aqui de Alexandre, o Grande, deixou as sementes de um período de dominação grega no Médio Oriente, mais tarde substituída pela dominação romana. Embora controlando a situação, os romanos autorizaram que os judeus fossem governados por reis judeus. Foi assim que, pouco antes de Cristo nascer, o rei Herodes alargou o Templo e construiu uma grande muralha exterior, de que o Muro Ocidental é uma parte, a única que sobreviveu. Mas em 66 da vossa era cristã os judeus revoltaram-se contra a presença romana, iniciando as chamadas guerras judaicas. Em resposta, os romanos conquistaram Jerusalém e em 68 arrasaram o Templo, um acontecimento

que veio a revelar-se profundamente traumático para a nossa nação." Fez um gesto na direcção da grande muralha. "É por isso que o Muro Ocidental é também conhecido por Muro das Lamentações. Os judeus vêm para aqui lamentar a destruição do Templo."

Entraram na grande praça e caminharam na direcção do muro. Tomás observou a sua superfície rude, donde emergiam, aqui e ali, tufo verdes de meimendros e, no topo, por entre rachas nas rochas, vestígios de erva-bezerra. As pedras de baixo eram enormes, claramente pertencentes à muralha original, enquanto as do alto, bem mais pequenas, revelavam acrescentos posteriores. Nas calhas entre as pedras vislumbrou até dois ninhos, possivelmente das andorinhas ou pardais que sobrevoavam a praça, enchendo-a com um delicioso duelo de celestiais gorjeares e pipilares.

"Mas por que razão é este Templo tão importante para vós?", perguntou o visitante, estacando no meio da praça para apreciar a muralha.

"O Templo é sagrado."

"Mas porquê?"

"O Templo era o centro do universo espiritual, o local por onde a bondade entrava no mundo. Neste sítio havia respeito por Deus e pela sua Tora. Foi aqui que Abraão quase sacrificou Isaac e onde Jacob sonhou com uma escada que chegaria ao céu. Quando os romanos arrasaram o Templo, os anjos desceram à Terra, cobriram esta parte da muralha com as asas e protegeram-na, dizendo que ela nunca será destruída. É por isso que os profetas afirmam que a presença divina jamais abandonará os derradeiros vestígios do Templo, o Muro Ocidental. Jamais. Segundo eles, o muro nunca será destruído, ele é eternamente sagrado." Apontou para as enormes pedras na parte de baixo da muralha. "Está a ver estas pedras? A maior delas pesa quatrocentas toneladas. Quatrocentas. É a maior pedra alguma vez carregada pelo homem. Não existem pedras deste tamanho nos monumentos antigos da Grécia ou nas pirâmides do Egipto, nem sequer nos modernos edifícios de Nova Iorque ou Chicago. Não há nenhum guindaste moderno que tenha força para levantar essa pedra, veja só." Respirou fundo. "O Talmude ensina que, quando o Templo foi destruído, Deus encerrou todas as portas do céu. Todas, menos uma. A Porta das Lágrimas. O Muro Ocidental é o sítio onde os judeus vêm chorar, é aqui a Porta das Lágrimas, o sítio das lamentações. Todas as

orações feitas por judeus por todo o mundo convergem para o Muro Ocidental e é neste ponto, através da Porta das Lágrimas, que ascendem ao céu e chegam a Deus. O midrash revela que Deus nunca se afasta desta muralha. Os Cânticos dos Cânticos cantam a Sua presença, entoando: ei-Lo aí, atrás do nosso muro."

"Mas, se o Templo é assim tão importante, por que razão não o reconstroem?"

"A reconstrução vai começar quando o Messias vier. O terceiro Templo será edificado exactamente no local onde se ergueram o primeiro e o segundo Templos. O midrash diz que este Terceiro Templo já foi erigido no céu e está apenas a aguardar os seus preparativos na Terra. Tudo indica que esse tempo se aproxima. Um sinal muito forte é o regresso do povo judaico à Terra Prometida. O Messias irá construir o Templo no Monte Moriah, o monte do Templo."

"E como sabem vocês que o Messias é mesmo o Messias, e não um impostor?"

"Justamente pela reconstrução do Templo. Um sinal de que o Messias é o verdadeiro Messias é a sua responsabilidade pela reconstrução do Templo."

"Mas está ali a Mesquita de Al-Aqsa e a Cúpula da Pedra", disse, apontando para as abóbodas islâmicas detrás do muro. "Para vocês construírem o terceiro templo terão de arrasar as mesquitas, que são as terceiras mais sagradas do islão, e tudo o resto que se encontra ali. Ora, o Haram El-Sharif é um recinto venerado pelos muçulmanos. Como é que acha que eles vão reagir a isso?"

"O problema será resolvido por Deus e pelo seu emissário, o Messias."

O português fez uma careta céptica.

"Pago para ver", comentou. Mirou o Monte Moriah e fez um movimento na sua direcção. "Chaim, explique-me lá como é que, com tantos montes que há por aí, judeus e muçulmanos foram logo escolher precisamente o mesmo monte para local sagrado?"

"A resposta a essa pergunta está na história, claro. Os romanos expulsaram os judeus de Jerusalém e moveram também grandes perseguições aos cristãos. Até que, no século iv da vossa era cristã, o

imperador romano Constantino se converteu ao cristianismo. A mãe de Constantino, Helena, veio a Jerusalém e mandou construir as primeiras igrejas cristãs nas zonas relacionadas com a vida de Cristo. Jerusalém reconquistou a sua importância. Em 614, o exército persa invadiu esta região e, com o apoio dos judeus, massacraram os cristãos. Os romanos, que eram agora bizantinos, reconquistaram a Palestina em 628, o mesmo ano em que um exército chefiado pelo profeta Maomé tomou Meca e fez emergir no mundo uma nova força religiosa, o islão. Dez anos depois, já Maomé tinha morrido, o seu sucessor, o califa Ornar, derrotou os bizantinos e conquistou a Palestina. Como o islão reconhece Abraão e o Velho Testamento, os seus seguidores consideraram também que Jerusalém era um local sagrado. Ainda por cima, os muçulmanos acreditavam que Maomé teria, anos antes, subido ao céu a partir da even hashetiab, a pedra onde Abraão quase sacrificou o filho e sobre a qual os judeus tinham construído os seus dois templos. O entulho no Monte Moriah, deixado pelos romanos, foi retirado e os muçulmanos construíram aqui os seus dois santuários, a Cúpula da Pedra, em 691, e a Mesquita de Al Aqsa, em 705, integrados no recinto sagrado do Haram El-Sharif." Fez um movimento com o braço, abarcando toda a elevação por trás do Muro das Lamentações, incluindo a cúpula dourada que brilhava ao sol, à esquerda, como se fosse a coroa real da Cidade Velha. "Cristãos e judeus foram proibidos de entrarem neste recinto construído aqui no Monte Moriah, mas continuaram a viver em Jerusalém. Seguiu-se um período de convivência relativamente tolerante, até que, no século xi, os muçulmanos mudaram de política e interditaram o acesso dos cristãos e dos judeus a Jerusalém. Foi o começo dos problemas. A Europa cristã reagiu mal e lançou as cruzadas. Os cristãos reconquistaram Jerusalém e chegaram até a constituir uma ordem religiosa com o nome do Templo."

"A Ordem dos Pobres Cavaleiros de Cristo e do Templo do Rei Salomão."

"Exacto. Os cavaleiros da Ordem do Templo, também conhecidos por templários. Eles ficaram instalados aqui no Haram El-Sharif e puseram-se a fazer escavações. Sabe-se que encontraram relíquias importantes, mas desconhecem-se quais. Há quem fale na descoberta da Arca da Aliança e do cálice sagrado usado por Cristo para beber vinho na última ceia e onde foi recolhido o Seu sangue enquanto agonizava na cruz."

"O Santo Graal."

"Esse mesmo. E há quem diga até que o Santo Sudário, supostamente a manta usada para cobrir o corpo de Cristo depois da crucificação, foi igualmente aqui encontrado pelos templários. São mistérios que permanecem por desvendar e que contribuíram para transformar o Monte Moriah num local mítico também para os cristãos."

Os dois homens aproximaram-se da zona das orações. Ficaram a observar os fiéis a lavarem as mãos numa bacia, concentrados nas abluções para removerem impurezas antes de irem rezar junto ao muro, e a mechitzah, que separava a área masculina, à esquerda, da feminina. Diante da muralha, homens de um lado e mulheres do outro balouçavam a cabeça e o tronco numa prece ritmada, para trás e para a frente, por vezes segurando um pequeno livro nas mãos.

Deram depois meia volta e esgueiraram-se pelo canto norte da praça, apanhando a Hashalshélet na esquina da Biblioteca Khalidi, onde o brutal emir tártaro Barka Khan foi sepultado, e seguindo até à Rua David. Já passava das duas da tarde e sentiram fome. Chaim levou o seu convidado a um restaurante do tranquilo Bairro Judeu. Comeram uma entrada de houmous, feita com carne picada sobre pasta de grão e azeite, alho e limão, e tabuleh, uma mistura de trigo com pequenos pedaços de hortelã, salsa, cebola, tomate e pepino em óleo e limão; para prato principal pediram dois kebabs em pita, temperados com molho picante harif e que o israelita regou com um vinho tinto local, um Kibbutz Tsora vagamente pesado, enquanto Tomás preferiu experimentar a cerveja judaica mais consumida por aquelas bandas, a Maccabee. Chaim explicou-lhe que, ao contrário dos muçulmanos, os judeus eram encorajados a beberem vinho; na festa de Purim, por exemplo, recomendava-se que os judeus bebessem álcool até ficarem embriagados, estado que se considerava atingido quando já não conseguiam perceber quem era o herói e o bandido da história de Esther. Para sobremesa o português experimentou uma baklawa, uns pastéis finos recheados com nozes e pistachios mergulhados em mel, enquanto Chaim preferiu uma halvah, um doce feito com sementes de sésamo. A refeição foi rematada por um katzar, um café forte servido em tigelas de cobre.

Fizeram a digestão percorrendo tranquilamente a Rua David, que separa o Bairro Arménio do Bairro Cristão, admirando o seu ar de bazar alegre, atafulhado de lojas de roupas, tapetes, bugigangas e estatuetas religiosas esculpidas em madeira de oliveira, tudo o que se pudesse imaginar para atrair o interesse dos turistas e a devoção dos peregrinos.

Pouco antes da movimentada Porta de Jaffa e da Cidadela viraram à direita na Rua Muristan, povoada de lojas de cabedais, e entraram enfim no Bairro Cristão; passaram pela estrutura neo-romanesca da Igreja do Redentor e foram desembocar no Souk El-Dabbagha, onde voltaram à esquerda até darem de caras com a estrutura escura e sinistra da Igreja do Santo Sepulcro. Um árabe ofereceu-se para servir de guia, mas Tomás, pressentindo que havia ali negócio, recusou.

Cruzaram os degraus da entrada e passaram por baixo das portas arqueadas, sustentadas por pilares de mármore; viraram à direita e ascenderam ao Calvário, a grande pedra sobre a qual os romanos crucificaram Cristo. A estrutura das duas capelas escondia a pedra do Calvário. A capela latina, à direita, marcava a décima e a décima-primeira estação, o local onde os executores pregaram Jesus à cruz; um arco ao lado registava a Stabat Mater, onde Maria chorou aos pés da cruz; a capela ortodoxa, no outro lado, assinalava o sítio onde a cruz foi erguida; duas caixas de vidro, instaladas ao lado do altar ortodoxo, deixavam ver a superfície irregular do Calvário a emergir do chão.

"Impressionante!", comentou Tomás em voz baixa, inclinando-se para melhor observar a pedra onde foi efectuada a crucificação. "Este é o lugar exacto onde Jesus morreu."

"Não é necessariamente o lugar exacto", retorquiu Chaim, nada impressionado com aquele lugar de culto dos cristãos.

"Não?"

"Lembra-se de termos falado em Constantino, o imperador do Império Romano do Oriente que se converteu ao cristianismo?"

"Sim."

"Constantino convocou em 325 um concílio ecuménico para discutir a natureza da santa trindade. Presente nesse concílio estava o patriarca de Jerusalém, o bispo Macarius, que convenceu a mãe de Constantino, Helena, a vir à Terra Santa para localizar os negligenciados locais por onde Cristo passou. Helena veio cá e identificou, por aproximação, a gruta onde Jesus nasceu, em Belém, e a gruta do Monte das Oliveiras, na qual profetizou a destruição de Jerusalém. A mãe de Constantino chegou à conclusão de que o Gólgota, a grande rocha onde Cristo foi crucificado, se

encontrava por baixo dos templos pagãos construídos pelo imperador romano Adriano, duzentos anos antes, no noroeste da Cidade Velha."

"Gólgota?"

"É o nome hebraico da pedra, significa o lugar da caveira. Em latim diz-se Calvário." Hesitou. "Onde ia eu?"

"No ponto em que Helena descobriu que o Calvário se encontrava debaixo de templos romanos."

"Pois. Ela arrasou esses templos, destruiu parte da pedra que se encontrava por baixo e ergueu uma basílica neste lugar. Helena determinou, de forma arbitrária, quais os locais exactos onde Jesus se preparou para a execução, onde foi pregado à cruz e onde a cruz foi erguida, isto é, a décima, a décima-primeira e a décima--segunda estações. Mas isso foi feito por suposição e a verdade é que nem se tem a certeza absoluta de que esta pedra, que se situa por baixo da basílica, seja mesmo o Gólgota, embora tudo indique que sim. Sabe-se pelos Evangelhos que Cristo foi crucificado numa pedra localizada fora das antigas muralhas da cidade, ao pé de um pequeno monte com grutas usadas como catacumbas, e tudo o que se pode dizer é que as investigações arqueológicas revelam que este local corresponde exactamente a essa descrição."

Tiveram ainda tempo de se porem na fila para penetrarem no Santo Sepulcro, o pedaço da catacumba onde o corpo de Cristo foi supostamente depositado após a morte e que agora se ocultava dentro de um santuário erguido em pleno centro da Rotunda, o majestoso salão circular construído em estilo romano mesmo por baixo da grande cúpula branca e dourada da basílica, com as suas passagens arqueadas, no pátio e no primeiro andar, a rodearem a pequena estrutura fúnebre. Chaim, como bom judeu, não quis entrar, preferiu ficar a apreciar o Catholikon, a cúpula vizinha que cobria a nave central da igreja dos cruzados e que era considerada o centro do mundo pela Igreja Ortodoxa; quando chegou a sua vez na fila, Tomás baixou a cabeça, esgueirou-se pela pequena passagem e espreitou a câmara quente e húmida do Santo Sepulcro; observou com inesperado respeito a laje de mármore que cobria o sítio onde o corpo de Jesus alegadamente esteve estendido e contemplou os baixos-relevos que decoravam a claustrofóbica cripta mortuária, reproduzindo uma cena da Ressurreição. Apenas permaneceu ali alguns segundos, tão grande era a pressão para que vagasse o lugar de modo a deixar entrar os que se encontravam atrás, a aguardar na fila; à saída, o

israelita esperava-o com o pulso estendido, exibindo o relógio, e assinalou a hora. "São quatro e meia da tarde", disse. "Temos de voltar."

O corpo volumoso de Solomon Ben-Porat encontrava-se de costas para a porta, o solidéu bem visível na nuca calva, à conversa com um homem magro e ossudo, de olhos miúdos, barba negra longa e pontiaguda, vestido com um bekesh, um sombrio traje chassídico. O rabino sentiu a presença dos dois recém-chegados e voltou-se na cadeira, a farta barba grisalha a deixar entrever um sorriso de satisfação.

"Ah!", exclamou. "Ma shlomcha?"

"Tov", devolveu Chaim.

"Entrem, entrem", disse Solomon em inglês, chamando-os com os dedos a dançarem na mão esquerda. "Professor Noronha", vociferou, carregando muito nos erres, como sempre, de modo a soar Prrrrofessorrr Norronha. Voltou-se para o homem sentado à sua direita. "Deixe-me apresentar-lhe um amigo meu, o rabino Abraham Hurewitz."

O homem magro levantou-se e cumprimentou Tomás e Chaim.

"Yom tov", disse, dando as boas tardes.

"O rabino Hurewitz veio dar-me uma ajuda", explicou Solomon, enquanto afagava distraidamente a barba branca. "Sabe, estive a estudar os documentos que você me deu e fiz uns telefonemas a uns amigos meus. Descobri que o rabino Hurewitz tinha estudado, em tempos, os textos de Cristóvão Colombo, em particular o Libro de las Profecias e o seu diário, e, depois de o contactar, ele mostrou-se disponível para lhe prestar os esclarecimentos necessários."

"Ah, muito bem", afirmou Tomás com ar apreciativo, sem tirar os olhos de Hurewitz.

"Mas, primeiro, julgo ser muito importante fazer uma nota introdutória." Solomon Ben-Porat observou Tomás com curiosidade. "Professor Noronha, desculpe a pergunta, mas o que sabe o senhor da Cabala?"

"Uh... muito pouco, acho eu", balbuciou, enquanto preparava o seu velho bloco de notas para registar tudo o que iria ser-lhe dito. "Tenho umas noções gerais, mas nada de muito sólido, esta é a primeira vez que me cruzo com a Cabala numa investigação."

"Right", assentiu Solomon, pronunciando rrright com o seu habitual arranhar gutural. "Saiba, professor Noronha, que a Cabala encerra a codificação simbólica dos mistérios do universo com Deus no centro. A expressão Cabala deriva do verbo lecabel, ou receber. Estamos então perante um sistema de transmissão e de recepção, um método de interpretação, um instrumento para decifrar o mundo, a chave que permite aceder aos desígnios d'Aquele que não tem nome." Solomon falava com grande eloquência, a voz arrastada e profunda, como se fosse Moisés e estivesse a enunciar os Dez Mandamentos. "Há quem diga que a Cabala remonta ao primeiro homem, Adão. Outros vêem a sua origem no patriarca Abraão, embora existam muitos que apontem para Moisés, o presumível autor do Torat Mosheh, o Pentateuco, como tendo sido o primeiro cabalista. Mas, tanto quanto sabemos, este conhecimento místico só começou a ser sistematizado mais tarde." Baixou o tom de voz e assumiu uma postura de confiança, como se não quisesse que Deus escutasse a frase seguinte. "Para facilitar a sua compreensão, professor, farei todas as referências cronológicas na vossa era cristã." Endireitou-se. "Os primeiros vestígios sistematizados da Cabala surgiram no século i a. C, tendo este sistema conhecido, ao longo do tempo, um total de sete fases. A primeira foi a mais longa e prolongou-se até ao século x. Essa etapa inicial foi dominada pela meditação como meio para atingir o êxtase espiritual que permite aceder aos mistérios de Deus, e as obras cabalísticas deste período descrevem os planos superiores da existência. A segunda fase decorreu entre 1150 e 1250 na Alemanha, com a prática do ascetismo absoluto, em que o sábio renunciava às coisas mundanas e praticava um altruísmo extremo. A etapa seguinte prolongou-se até ao início do século xiv e marcou o nascimento da Cabala profética, graças sobretudo ao trabalho de Abraham Abulafia. Foi aqui que se desenvolveram os métodos de leitura e interpretação da natureza mística dos textos sagrados, com a introdução da combinação das letras hebraicas e dos nomes de Deus. A quarta fase decorreu durante todo o século xiv e esteve na origem da mais importante obra mística do cabalismo, o Sefer HaZohar, ou Livro do Esplendor. Este texto riquíssimo apareceu na Península Ibérica no final do século xiii e a sua autoria é atribuída a Moisés de León."

"Do que fala?"

"O Sefer HaZohar? É uma vasta obra sobre a Criação e a compreensão oculta dos mistérios do universo e de Deus." Afinou a

garganta, preparando-se para retomar a narrativa. "A quinta fase também começou na Península Ibérica, com a proibição do judaísmo em Espanha, em 1492, e em Portugal, em 1496. O seu maior intérprete foi Isaac Luria, o qual, num esforço para encontrar uma explicação mística para as perseguições, elaborou a teoria do exílio, aproximando a Cabala do messianismo, na esperança da redenção colectiva. É por isso que a sexta fase, entre os séculos xvii e xviii, foi marcada pelo pseudomessianismo, que promoveu muitos enganos e abriu caminho à sétima e última etapa, a do hassidismo, proveniente da Europa oriental e que surgiu como uma reacção ao messianismo. O movimento hassídico, encabeçado por Israel Baal Shem-Tov, permitiu popularizar a Cabala, tornando-a menos hermética e elitista e deixando que os seus conceitos ficassem mais acessíveis à compreensão comum."

"E aquilo da contagem das letras e da Árvore da Vida?", perguntou Tomás, enquanto rabiscava furiosamente no seu bloco. "Onde se insere?"

"Professor Noronha, está a falar de duas coisas diferentes", retorquiu Solomon. "Aquilo a que o senhor chama contagem das letras é, presumo eu, a guematria. Esta técnica consiste na obtenção do valor numérico das palavras após fazer a correspondência entre as letras do alfabeto hebraico e os algarismos. Na guematria, as nove primeiras letras associam-se às nove unidades, as nove letras seguintes estão ligadas às nove dezenas e as quatro restantes representam as quatro primeiras centenas." Abriu as mãos e girou-as em redor, como se nesse movimento conseguisse abarcar toda a Criação. "Deus criou o universo com números e cada número contém um mistério e uma revelação. Tudo o que existe no universo está encadeado por um sistema de causas e efeitos e forma uma unidade que se multiplica até ao infinito. Os matemáticos, hoje em dia, usam a teoria do caos para compreenderem esse complexo funcionamento das coisas, enquanto os físicos optam pelo princípio da incerteza para justificarem o estranho comportamento das micropartículas no estado quântico. Nós, os cabalistas, preferimos a guematria. Há mais de dois mil anos, algures entre os séculos II e vi da era cristã, apareceu uma pequena obra enigmática e metafísica intitulada Sefer Yetzirah, ou Livro da Criação, a descrever o modo como Deus fez o mundo usando números e palavras. Tal como os matemáticos e os físicos hoje em dia, o Sefer Yetzirah defendia que era possível penetrar no divino poder criador através da compreensão dos números. É isso, no fundo, a guematria. Este sistema atribui poder criador à palavra e aos números e parte do princípio de que

o hebraico foi o idioma usado por Deus no acto da Criação. Os números e o hebraico têm natureza divina. Através da guematria é possível transformar as letras em números e fazer descobertas muito interessantes." Pronunciou verrry interresting discoverrrries, o que emprestou um ar misterioso à frase. "Por exemplo, a palavra hebraica shanah, ano, soma 355, que é justamente o número de dias do ano lunar. E a palavra heraryon, gravidez, soma 271, ou seja, o equivalente, em dias, a nove meses, o período que dura a gravidez."

"Como se fosse um anagrama."

"Precisamente, um anagrama divino entre números e palavras. Vejamos outros exemplos. Na guematria, av, pai, soma 3, e em, mãe, soma 41. Ora, 3 mais 41 dá 44, que é justamente o número de ieled, filho. A soma do pai e da mãe dá o filho. Um dos nomes de Deus, Elohim, vale 86, e a palavra natureza, hateva, também vale 86. Ou seja, Deus equivale à natureza."

"Curioso."

"Mas mais curioso, professor Noronha, é o que resulta da aplicação da guematria às Sagradas Escrituras. Um dos outros nomes de Deus, Yhvh elohei Israel, soma 613. Pois Mosheh rabeinu, o nosso mestre Moisés, também soma 613. Ora, 613 é o número de preceitos da Tora. Isto significa que Deus transmitiu a Moisés as 613 leis da Tora." Esboçou um gesto circular com as mãos. "As Sagradas Escrituras têm uma complexidade holográfica, multiplicam-se dentro do seu texto vários sentidos. Outro exemplo. O Génesis diz que Abraão levou 318 servos para uma batalha. Mas os cabalistas, ao estudarem o valor numérico do nome do seu servo Eliezer, descobriram que este era de 318. Logo, presume-se que Abraão, na verdade, só levou consigo o seu único servo."

"Está a dizer que a Bíblia contém mensagens subliminares?"

"Se quiser chamar-lhes assim", sorriu Solomon. "Sabe qual é a primeira palavra das Sagradas Escrituras?"

"Não."

"Bereskitk. Quer dizer, no princípio. Se dividirmos bereshith em duas palavras, fica bere, ou criou, e shith, que significa seis. A Criação durou seis dias e Ele descansou ao sétimo. Toda a mensagem da Criação está assim contida numa única palavra, justamente a primeira das

Sagradas Escrituras. Bereshith. No princípio. Bere e shith. Criou e seis. O seis corresponde ao hexagrama, ao duplo triângulo do selo de Salomão, a que agora chamamos estrela de David e que hoje vemos ali na bandeira." Apontou para o pano branco com traços azuis da bandeira de Israel, colocada num canto do escritório. "Mas também se encontram anagramas nas Sagradas Escrituras. Por exemplo, Deus revelou no Êxodo: enviar-te-ei o meu anjo. A expressão o meu anjo diz-se, em hebraico, melakhi, um anagrama de Mikhael, o anjo protector dos judeus. Ou seja, Deus enviou o anjo Mikhael."

"E esse sistema de interpretação também se aplica à Árvore da Vida?"

"A Árvore da Vida é outra coisa", corrigiu o cabalista. "Durante muito tempo, duas questões dominaram a relação do homem com Deus. Se Deus fez o mundo, o que é o mundo senão Deus? E a segunda questão, decorrente da primeira, é saber por que motivo o mundo é tão imperfeito se o mundo é Deus? Foi, em parte, para dar resposta a essas duas perguntas que apareceu o Sefer Yetzirah, que mencionei há pouco como sendo o texto místico que descreve o modo como Deus criou o universo usando números e palavras. Esta obra foi originalmente atribuída a Abraão, embora tenha sido provavelmente escrita pelo rabino Akiva. O Sefer Yetzirah revela a natureza divina dos números e relaciona-os com os trinta e dois caminhos da sabedoria percorridos por Deus para criar o universo. Os trinta e dois caminhos são a soma dos dez números primordiais, as sephirot, com as vinte e duas letras do alfabeto hebraico. Cada letra e cada sephirah simboliza algo. Por exemplo, a primeira sephirah representa o espírito de Deus vivo, exprimindo-se pela voz, pelo sopro e pela fala. A segunda sephirah denota o ar emanado do espírito, a terceira sephirah expressa a água emanada do ar, e assim sucessivamente. As dez sephirot são emanções manifestadas por Deus no acto da Criação e estruturam-se na Árvore da Vida, que é a unidade elementar da Criação, a menor partícula indivisível contendo os elementos do todo. Naturalmente que este conceito evoluiu e o Sefer HaZohar, o grande livro cabalístico que apareceu na Península Ibérica no final do século xm, definiu as sephirot como sendo os dez atributos divinos. A primeira sephirah é keter, a coroa. A segunda é chochmah, a sabedoria. A terceira é binah, a compreensão. A quarta é chesed, a misericórdia. A quinta é guevurah, a bravura. A sexta é tiferet, a beleza. A sétima é netzach, a

eternidade. A oitava é hod, a glória. A nona é iesod, o fundamento. E a décima sephirah é malchut, o reino."

"Mais devagar", implorou o português, rabiscando num frenesim, num esforço para registar no bloco de notas toda esta informação. "Mais devagar."

Por esta altura, porém, já Tomás tinha perdido o fio à meada, extraviando-se nas malhas daquela sucessão de palavras hebraicas, mas Solomon manteve-se imperturbável na exposição dos princípios básicos da Cabala. Respeitou uma breve pausa, deixando o historiador estruturar a Árvore da Vida no papel, e retomou o raciocínio.

"O Sefer HaZohar estabeleceu múltiplas possibilidades de interpretação da Árvore da Vida, com leituras das sephirot nos sentidos horizontal, vertical, descendente e ascendente. Por exemplo, o sentido descendente constitui o trajecto do acto da Criação, em que a luz encheu a primeira sephirah, keter, e jorrou para baixo, até chegar à última, malbut. Já o sentido ascendente representa o acto evolutivo que conduz a criatura ao Criador, partindo da matéria para atingir a espiritualidade. Cada sephirah preenche um dos dez nomes de Deus. Keter, por exemplo, é Ehieh, e malchut é Adonai. Cada sephirah é governada por um arcanjo. A de keter é o arcanjo Metatron. A tudo a Árvore da Vida se aplica. Aos astros, às vibrações, ao corpo humano."

Logo que Solomon abandonou as herméticas expressões hebraicas, Tomás pareceu despertar para o raciocínio do cabalista.

"O corpo humano?"

"Sim, a Cabala sugere que o ser humano é um microcosmos, uma simulação em miniatura do universo, e integrou-o na Árvore da Vida. Keter é a cabeça, chochma, chesed e netzach são o lado direito do corpo, binah, guevurah e hod são o lado esquerdo, tiferet é o coração, iesod são os órgãos genitais e malchut os pés." Respirou fundo e ergueu as mãos, esboçando um gesto largo. "Muito, muito mais se poderá dizer sobre a Cabala. Acredite que o seu estudo leva uma vida inteira e não é possível, nesta breve resenha, exprimir todos os mistérios que a Cabala encerra, todos os enigmas místicos que ela oculta. Penso, no entanto, que, por ora, é melhor ficarmos por aqui, já lhe dei as pistas suficientes que lhe permitirão compreender a nossa interpretação dos documentos e da assinatura que me entregou esta manhã."

Tomás parou momentaneamente de tirar notas e inclinou-se na mesa, a conversa parecia-lhe ter chegado ao ponto crucial.

"Sim, vamos à interpretação da assinatura de Cristóvão Colombo. Na sua opinião, ela é cabalística?"

Solomon sorriu.

"Tenha calma", disse. "A paciência é uma virtude dos sábios, professor Noronha. Antes de nos debruçarmos sobre a questão específica da assinatura penso que existem algumas coisas que o senhor tem de saber sobre Colombo."

"Olhe que já sei alguma coisa", riu-se o português.

"Talvez", admitiu o velho cabalista. "Mas creio que gostará também de saber o que o rabino Abraham Hurewitz tem para lhe contar."

Ben-Porat voltou-se para a direita, fazendo sinal a Hurewitz para falar. O cabalista magro aguardou um instante, dançando com os seus olhinhos negros entre os três homens que o observavam, e encheu os pulmões de ar antes de tomar a palavra.

"Senhor professor Noronha", começou Hurewitz numa voz sussurrada, submissa, em absoluto contraste com o trovejar gutural de Solomon. "Ouvi-o afirmar que já sabe algumas coisas sobre o senhor Cristóvão Colombo. Será que teria a amabilidade de me elucidar quanto à data da partida do senhor Colombo para a primeira viagem até à América?"

"Uh... a primeira viagem? Aquela que levou à descoberta do Novo Mundo?"

"Sim, senhor professor. Em que dia partiu o senhor Colombo para essa viagem?"

"Ora... creio que ele largou do porto de Paços, em Cádiz, no dia 3 de Agosto de 1492."

Tomás sorriu, como se tivesse brilhado perante um examinador. Mas o cabalista manteve um ar impassível, fazia semblante de quem já tinha previsto aquela resposta.

"E agora, senhor professor, pode informar-me de qual a data limite dada pelo decreto dos Reis Católicos para que os judeus abandonassem a Espanha?"

"Uh...", atrapalhou-se o português. "Isso... isso já não sei. Foi algures em 1492."

"Sim, senhor professor, mas qual o dia exacto?"

"Não sei."

O rabino respeitou uma pausa teatral. Manteve os olhos fixos em Tomás, avaliando a sua reacção às palavras seguintes.

"E se eu lhe disser que os decretos reais ordenaram aos judeus sefaradim que saíssem de Espanha até ao dia 3 de Agosto de 1492?"

O português arregalou os olhos.

"Como? O dia 3 de Agosto? Quer dizer... quer dizer, o dia em que Colombo partiu para a sua primeira viagem?"

"Esse mesmo dia."

Tomás abanou a cabeça, surpreendido.

"Não fazia ideia", exclamou. "É... é uma coincidência curiosa."

Os lábios finos do rabino Hurewitz curvaram-se num sorriso sem humor.

"Acha?", perguntou, quase desdenhando da palavra escolhida por Tomás para definir a simultaneidade das datas. "O rabino Shimon Bar Iochay escreveu que todos os tesouros do Rei Supremo são guardados por uma só chave. Isso significa, senhor professor, que não existem coincidências. As coincidências são formas subtis escolhidas pelo Criador para transmitir as Suas mensagens. Será coincidência que o nome de Deus e o nome de Moisés tenham o mesmo número das leis da Tora? Será coincidência que Cristóvão Colombo partiu de Espanha exactamente no mesmo dia em que os judeus foram expulsos desse país? Então, se acha isso coincidência, senhor professor, explique-me mais esta coisa estranha." Consultou um livrinho depositado sobre a mesa com o rosto de Colombo na capa e um título em hebraico. "Estes são os diários da descoberta da América, escritos pelo próprio senhor Colombo. Ora oiça o que ele disse logo na primeira entrada do diário." Hurewitz leu em voz baixa o texto em hebraico e foi traduzindo para inglês. "«Assim que, depois de terem expulso todos os judeus de vossos reinos e domínios, no mesmo mês de Janeiro mandaram Vossas Altezas que eu me dirigisse, com suficiente

frota, às referidas regiões da Índia.» Levantou os olhos e voltou a fitar Tomás. "O que acha deste trecho do diário do senhor Colombo?"

O rabino respeitou uma pausa teatral. Manteve os olhos fixos em Tomás, avaliando a sua reacção às palavras seguintes.

"E se eu lhe disser que os decretos reais ordenaram aos judeus sefardim que saíssem de Espanha até ao dia 3 de Agosto de 1492?"

O português arregalou os olhos.

"Como? O dia 3 de Agosto? Quer dizer... quer dizer, o dia em que Colombo partiu para a sua primeira viagem?"

"Esse mesmo dia."

Tomás abanou a cabeça, surpreendido.

"Não fazia ideia", exclamou. "É... é uma coincidência curiosa."

Os lábios finos do rabino Hurewitz curvaram-se num sorriso sem humor.

"Acha?", perguntou, quase desdenhando da palavra escolhida por Tomás para definir a simultaneidade das datas. "O rabino Shimon Bar Iochay escreveu que todos os tesouros do Rei Supremo são guardados por uma só chave. Isso significa, senhor professor, que não existem coincidências. As coincidências são formas subtis escolhidas pelo Criador para transmitir as Suas mensagens. Será coincidência que o nome de Deus e o nome de Moisés tenham o mesmo número das leis da Tora? Será coincidência que Cristóvão Colombo partiu de Espanha exactamente no mesmo dia em que os judeus foram expulsos desse país? Então, se acha isso coincidência, senhor professor, explique-me mais esta coisa estranha." Consultou um livrinho depositado sobre a mesa com o rosto de Colombo na capa e um título em hebraico. "Estes são os diários da descoberta da América, escritos pelo próprio senhor Colombo. Ora oiça o que ele disse logo na primeira entrada do diário." Hurewitz leu em voz baixa o texto em hebraico e foi traduzindo para inglês. "«Assim que, depois de terem expulso todos os judeus de vossos reinos e domínios, no mesmo mês de Janeiro mandaram Vossas Altezas que eu me dirigisse, com suficiente frota, às referidas regiões da Índia.»" Levantou os olhos e voltou a fitar Tomás. "O que acha deste trecho do diário do senhor Colombo?"

O português, que retomara entretanto as anotações, mordeu o lábio inferior.

"Já li o diário, mas confesso que não tinha prestado grande atenção a essa frase."

"Encontra-se escrita perto do início do diário", localizou o rabino. "Na verdade, senhor professor, esta frase diz-nos várias coisas. A primeira é que a decisão de mandar o senhor Colombo para as índias foi tomada em Janeiro de 1492. A segunda é que a decisão de expulsar os judeus, consubstanciada no decreto de 30 de Março que deu aos sefardim até 3 de Agosto para abandonarem a Espanha, foi tomada no mesmo mês de Janeiro de 1492." Inclinou a cabeça. "Acha coincidência, senhor professor?"

"Não sei", retorquiu Tomás, meneando a cabeça sem tirar os olhos do bloco que rabiscava. "Sinceramente, não sei, nunca tinha notado que esses acontecimentos estavam a decorrer tão em simultâneo."

"Nada disto é coincidência", afirmou o cabalista com ar convicto. "É que há mais uma coisa revelada por esta frase que lhe li. Trata-se da intenção do senhor Colombo. Como escreveu o rabino Shimon Bar Iochay, não é a acção que gera recompensa aos homens, mas a intenção que a determinou. Qual a intenção do senhor Colombo ao mencionar a expulsão dos judeus no início do seu diário? Terá sido um mero capricho? Uma futilidade inconsequente? Uma vulgar referência mundana a um tema da sua actualidade?" Ergueu o sobrolho, como se desaprovasse tal interpretação. "Ou será que foi de propósito?" Levantou os dois indicadores e aproximou-os. "Não é claro que ele tentou relacionar os dois acontecimentos?"

"Acha que estão relacionados?"

"Sem dúvida alguma. O senhor professor sabia que, na véspera da partida para a primeira viagem, o senhor Colombo exigiu que todos os tripulantes estivessem a bordo dos seus navios até às vinte e três horas?"

"E então?"

"Isso era muito pouco comum, contrariava os hábitos dos marinheiros naquela época. Mas o senhor Colombo fez questão de que todos recolhessem aos navios até às vinte e três horas. E, uma hora depois, sabe o que aconteceu?"

"Não."

"Entrou em vigor o édito a expulsar os judeus." Sorriu. "Ou seja, os dois acontecimentos estão relacionados. Havia judeus na frota."

"O próprio Colombo, quer você dizer."

"Exacto." O cabalista folheou de novo o diário. "Repare no que o senhor Colombo escreveu na entrada do dia 23 de Setembro a propósito do aparecimento de ventos que puseram fim a uma perigosa acalmia." Começou a traduzir. "«De modo que me foi bem providencial o mar alto, que não aparecia, a não ser no tempo dos hebreus, quando fugiram do Egipto chefiados por Moisés, que os tirou do cativeiro.»" Olhou para Tomás. "Não acha estranho um católico citar deste modo o Pentateuco, ainda por cima recorrendo à descrição do Êxodo, um evento de diminuto interesse para os cristãos mas de suprema importância para os judeus? Além disso, senhor professor, este hábito de ilustrar uma situação da vida com uma citação bíblica constitui um inequívoco costume judaico. Isto é uma coisa que nós, os judeus, fazemos todos os dias e que, pelos vistos, o senhor Colombo também fazia." Consultou um grande caderno cheio de apontamentos em hebraico. "Na investigação que conduzi há alguns anos sobre o senhor Colombo encontrei ainda outras coisas curiosas. A primeira foi que, na antevéspera da partida para a primeira viagem, ele recebeu de Lisboa as Tábuas de Declinação do Sol, um instrumento de navegação feito pelo senhor Samuel Zacuto para o senhor rei de Portugal."

"D. João II."

"Sim. Esse instrumento, também designado Roteiro Calendário, está agora exposto no Museu Hebraico de Nova Iorque. Dei na altura um salto a Nova Iorque e fui lá vê-lo. Sabe o que descobri?"

"Não faço ideia."

"Descobri que as Tábuas de Declinação do Sol estão escritas em hebraico." Sorriu. "Percebeu? Em hebraico." Deixou a revelação assentar. "O que suscita uma pergunta. Onde aprendeu o senhor Colombo a ler hebraico?"

"Boa pergunta", comentou Tomás. Baixou o tom de voz e não resistiu a acrescentar um aparte solitário. "Sobretudo se considerarmos que ele era um humilde tecelão de seda."

"Perdão?"

"Não ligue, sou eu a falar com os meus botões", atalhou o português, enquanto registava no seu bloco tudo o que lhe era revelado. "Mas há ainda uma outra pergunta que essa história nos obriga a formular. Como é

possível que um instrumento de D. João II tivesse sido enviado para Colombo na antevéspera da partida para uma viagem que, supostamente, ia contra os interesses de Portugal?"

"Isso já não lhe sei responder, senhor professor", atrapalhou--se o cabalista.

"Nem precisa, senhor rabino. Nem precisa. Trata-se apenas de um mistério adicional, que indicia relações próximas entre o almirante e o rei português."

O rabino Hurewitz voltou a mergulhar os olhos no seu caderno.

"Há ainda mais coisas que me chamaram a atenção", disse, passando em revista os apontamentos rabiscados em hebraico. "Existe uma carta enviada à rainha Isabel, a Católica, pelo seu confessor, o senhor Hernando de Talavera, bastante curiosa. A carta está datada de 1492 e nela o senhor Talavera questiona a autorização dada pelos Reis Católicos para a expedição do senhor Colombo. Num trecho desse documento, o senhor Talavera pergunta: «como poderá a viagem criminosa de Colón dar a Terra Santa aos Judeus?»" Ergueu a cabeça e esboçou uma expressão intrigada. "«Dar a Terra Santa aos Judeus»? Por que razão o confessor da rainha ligou explicitamente o senhor Colombo aos judeus?" Deixou a pergunta pairar no ar por momentos. "Mas há mais. No seu Libro de las Profecias, o senhor Colombo baseou-se quase exclusivamente em profetas do Pentateuco, com profusas referências a Isaías, Ezequiel, Jeremias e muitos outros, comportamento que é igualmente característico dos judeus. E o seu filho Hernando Colón, na obra sobre o pai, chegou a afirmar ser o senhor Colombo de família «com sangue real de Jerusalém»." Voltou a olhar para o português. "«Sangue real de Jerusalém»? Riu-se de modo discreto, quase escondendo a boca. "Difícilmente se pode ser mais directo do que isto."

O rabino Hurewitz fechou o caderno, dando indicação de que tinha terminado a sua exposição. Solomon Ben-Porat pegou no maço de folhas que Tomás lhe entregara de manhã, afinou a garganta e retomou a conversa.

"Professor Noronha", rugiu, o seu inglês gutural a troar pela sala, contrastando brutalmente com as falas mansas de Hurewitz. "Estive a ler com muito interesse as fotocópias que me deu e detectei algumas coisas

igualmente muito reveladoras." Tirou uma folha e mostrou-a a Tomás. "O que é isto?"

O português parou de escrever, inclinou-se na mesa e estudou a fotocópia.

"Isso... isso é uma página da Historia rerum ubique gestarum, do papa Pio II, um dos livros que pertenceram a Cristóvão Colombo e que se encontra agora guardado na Biblioteca Colombina de Sevilha."

Solomon apontou para uma nota rabiscada na margem do texto.

"E quem escreveu isto?"

"Foi o próprio Colombo."

"Muito bem", exclamou o rabino. "Já reparou que ele converteu aqui a data cristã 1481 para o ano judaico 5241?" Inclinou a cabeça. "Diga-me, professor Noronha. É hábito os cristãos porem-se a converter datas cristãs em datas judaicas?"

"Não."

"O que nos leva a uma segunda pergunta. Quantos católicos são capazes de fazer essa conversão?"

Tomás riu-se.

"Nenhuns, que eu saiba. E muito menos os tecelões de seda."

"Como?"

"Nada", disse, enquanto garatujava furiosamente no bloco de notas. "Não ligue."

Solomon indicou com o dedo outra anotação marginal na Historia rerum.

"Repare ainda neste pormenor. Referindo-se à queda do segundo Templo de Salomão, Colombo fala aqui em «la destrucción de la segunda Casa» e, através de uma alusão implícita, estabelece que esse acontecimento ocorreu em 68 depois de Cristo."

O rabino mirou Tomás nos olhos e este, sem perceber onde o seu interlocutor queria chegar, encolheu os ombros.

"E então?"

"Esta anotação é muito reveladora", sentenciou Solomon. "Em primeiro lugar, só há um povo que se refere ao Templo de Salomão como sendo uma Casa. Sabe que povo é esse?"

"O judeu?"

"Nem mais. Por outro lado, naquele tempo os cristãos referiam-se sempre à destruição de Jerusalém, nunca do Templo e muito menos da Casa, coisa que apenas os judeus faziam. E, além disso, existe uma discrepância histórica quanto ao ano da destruição do Templo. Os judeus dizem sempre que foi em 68, mas os cristãos apontam antes para 70, aparentemente com maior rigor." Ergueu o sobrolho. "Agora diga-me, professor: que identidade nos revela Colombo ao referir-se ao Templo como sendo Casa, ao falar na destruição da Casa em vez da destruição de Jerusalém e ao estabelecer 68 como o ano em que ocorreu esse acontecimento?"

Tomás sorriu.

"Estou a ver..."

O velho cabalista retirou uma segunda folha do maço.

"E nesta outra fotocópia encontra-se mais uma estranha nota marginal."

O português observou a folha.

"Essa nota também foi manuscrita pela mão de Colombo", confirmou Tomás. "O que quer isso dizer?"

"Gog Magog."

"Hã?"

"Gog Magog. Ou, mais correctamente, Gog uMagog."

"Não entendo."

Solomon olhou de relance para os outros dois judeus. Chaim e Hurewitz observavam a folha com admiração, como se ela fosse uma relíquia, uma coisa de suscitar espanto.

"O rei dos judeus", disse o rabino, interpelando Chaim. "Tu que és um sefaradi de origem portuguesa, explica aqui ao nosso amigo de Lisboa o que quer dizer Gog uMagog."

"Gog uMagog é uma referência a uma profecia do profeta Ezequiel sobre Gog, da terra de Magog", indicou Chaim, quebrando o seu silêncio desde o início da reunião. "Essa profecia revela que no período que precede imediatamente a vinda do Messias haverá uma grande guerra de Gog e Magog contra Israel, que provocará uma grande destruição." Fitou Tomás. "O que é curioso é que, quando da expulsão dos judeus da Península Ibérica, os sefaradim viram nesse acto um sinal de que a profecia estava a cumprir-se no seu tempo. Os dois Reis Católicos assumiam o papel de Gog e Magog e os judeus eram Israel."

Solomon acenou com a fotocópia.

"A minha pergunta, professor Noronha, é como diabo foi um católico como Colombo invocar nesta nota marginal, e naquele tempo de perseguição aos judeus, os nomes Gog uMagog?"

Tomás escrevinhava com grande intensidade no seu bloco, o que levou Solomon a fazer uma pausa. Enquanto aguardava, pôs--se a localizar mais uma fotocópia. O português concluiu, por fim, as suas anotações e olhou para o rabino.

"E que mais?"

"Estive a ver aqui as cartas de Cristóvão Colombo para o seu filho Diogo e descobri uma coisa muito interessante."

Exibiu a folha, apontando para o que se encontrava escrito no topo.

"«Muy caro fijo?»", riu-se Tomás. "Isso é um portuguesismo. Os castelhanos dizem hijo e os portugueses filho. Colombo queria escrever em castelhano mas metia com frequência portuguesismos desse calibre. Em vez de escrever hijo, escreveu fijo." Encolheu os ombros. "Chamamos portunhol a essa linguagem."

"Professor Noronha", rosnou Solomon. "Para mim, o revelador não é a expressão muy caro fijo, ela não me diz nada. O que é surpreendente é o sinal que está em cima."

"O sinal?", admirou-se Tomás. "Qual sinal?"

"Este aqui", indicou, apontando para o gatafunho sobre o muy caro fijo.

"O que é isso?"

"É um monograma judaico."

"Um monograma judaico?"

"Sim, embora redigido de forma estranha, este é um rabisco que junta duas letras hebraicas, o hei e o beth. Como o hebraico se lê da direita para a esquerda, deve dizer-se beth hei. Ora, o beth hei é uma referência tradicional judaica, correspondente à saudação Baruch haschem, que significa louvado seja o Senhor. Está colocada sobre a primeira palavra do texto, como era hábito entre os judeus piedosos. No caso dos sefaradim convertidos à força ao cristianismo, constituía um apelo secreto, querendo dizer: não te esqueças das tuas origens. E é interessante que eu só tenha encontrado este monograma nas fotocópias das cartas de Cristóvão Colombo ao seu filho Diogo. Em nenhuma das outras cartas colocou Colombo o beth hei. Apenas nas do filho. Isto é, Colombo pedia a Diogo para não se esquecer das suas origens, recorrendo a um monograma hebraico." Inclinou a cabeça. "Não é difícil imaginar que origens seriam essas, pois não?"

Tomás escrevinhava com intensidade no bloco.

"E que mais?", perguntou, quando concluiu os rabiscos.

"Vamos então, finalmente, ao que mais suscitou a sua curiosidade", anunciou. "A assinatura de Colombo."

"Ah, sim!", exclamou o professor. "Finalmente. O que pode dizer-me sobre essa assinatura?"

"A primeira coisa é que sim, ela é cabalística."

O rosto de Tomás abriu-se num sorriso triunfal.

"Eu sabia."

"Mas é importante, professor Noronha, que o senhor compreenda que a Cabala é um sistema aberto de interpretação. As cifras e os códigos tradicionais, quando quebrados, revelam um texto preciso. A Cabala, porém, não funciona assim, ela remete antes para duplos sentidos, para significados subliminares, para mensagens subtilmente ocultas."

Pegou na fotocópia com a assinatura de Cristóvão Colombo e colocou-a sobre a mesa, diante do olhar de todos.

Tomás apontou para as letras.

"O que são essas iniciais?"

"Como uma boa mensagem cabalística, esta assinatura tem diversas leituras", considerou Solomon. "Neste caso parecem coexistir vários textos no mesmo espaço, misturando a tradição hebraica com inovações introduzidas pelos templários cristãos."

O português olhou-o com surpresa.

"Os templários?"

"Sim, pouca gente sabe, mas houve muitos místicos, mágicos e filósofos cristãos que se dedicaram ao estudo da Cabala. Entre eles conta-se a Ordem do Templo, que desenvolveu aqui em Jerusalém análises cabalísticas que foram incorporadas mais tarde nas correntes tradicionais judaicas. Colombo estava, pelos vistos, familiarizado com essas inovações." Apontou para os s do topo. "A leitura cristã, ou templária, deve ser feita em latim. Estes s, dispostos em triângulo, representam a trindade dos santos. Sanctus, Sanctus, Sanctus. O a é de Altissimus e viabiliza a leitura ascendente a partir da terceira linha, aquela que parte da matéria e ascende ao espírito. Assim, o x, o m e o y devem ler-se para cima. O x ligando-se ao s, o m ao a e ao 5 do topo e o y ao s da direita. Ou seja, XS é Xristus, MAS é Messias e YS é Yesus. Assim sendo, a interpretação templária, em latim, é Sanctus. Sanctus Altissimus Sanctus. Xristus Messias Yesus. Sobre isto não há dúvidas, é inequivocamente uma assinatura cristã."

"Cristã?", admirou-se o português. "Mas, afinal, ele não era judeu?"

"Já lá vamos", devolveu Solomon, fazendo sinal com a mão para Tomás ter paciência. "Lembra-se de lhe ter dito há pouco que a Cabala encara as Sagradas Escrituras como possuindo uma complexidade holográfica, onde se cruzam vários sentidos? Pois é precisamente isso o que acontece com esta assinatura de Colombo. A questão é que por baixo da assinatura cristã templária, em latim, emerge de facto uma subliminar mensagem cabalística judaica, concebida em hebraico. Um dos maiores cabalistas de sempre, o rabino Elazar, observou, certa vez, que existem dois mundos, um oculto e o outro revelado, mas ambos formam, na realidade, um só." Bateu com o indicador na fotocópia. "É o caso desta assinatura, que tem um sentido revelado, o cristão, e um oculto, o judaico. A interpretação cabalística começa justamente com a constatação de que estas iniciais da assinatura possuem correspondência com palavras

hebraicas. Se considerarmos que a letra a corresponde ao álefe hebraico de Adonai, um dos nomes de Deus, e o s é o shin hebraico de Shaday, outro nome de Deus, ou Senhor, ficamos com Shaday. Shaday Adonai Shaday. Isto tra-duz-se por: Senhor. Senhor Deus Senhor. E o que acontece se eu pegar na última linha, XMY, e a ler da direita para a esquerda, como é correcto fazer-se em hebraico? Fica YMX. Y de Yehovah, m de maleh e x de xessed. Yehovah maleh xessed. Deus cheio de piedade. Ou seja, temos, por baixo da oração cristã em latim, uma prece judaica em hebraico. Os dois mundos, o oculto e o revelado, formam um só."

"Engenhoso."

"Nem calcula quanto, professor Noronha", observou Solo-mon. "Nem calcula quanto. É que tudo isto se complica se eu ler o XMY da esquerda para a direita, considerando que o y corresponde à letra hebraica ain. Aí fica shema, ou ouve, a primeira palavra do versículo quatro do sexto capítulo do Deuteronomio, que diz: «ouve, ó Israel, o Senhor é nosso Deus, o Senhor é um». Entre os judeus, esta prece é conhecida por shema e é recitada toda a manhã e toda a tarde durante as orações do shacharit e do arvit, e ainda antes de dormir e antes de morrer. O shema é a oração que afirma o monoteísmo, a existência de um único Deus, e supõe-se que este verso esteve escrito no estandarte de batalha das dez tribos perdidas. Ao recitá-lo, cada judeu assume o domínio do Reino do Céu e dos Mandamentos. Pois é justamente esta a palavra hebraica colocada por Colombo na sua assinatura." Ergueu um dedo. "Mas repare agora no duplo sentido. Se o y corresponder ao yud hebraico, XMY passa a ler-se xmi, ou shmi, que significa: o meu nome. Presumivelmente, o nome do autor da assinatura, Colombo." O velho cabalista inclinou-se sobre a folha, como se ela se aprestasse a fazer uma grande revelação. "Preste atenção, professor Noronha, porque isto é muito importante. Vamos agora ler XMY da direita para a esquerda, à maneira hebraica. Como já vimos, fica YMX. Considerando ainda que o y é yud, emerge aqui uma nova palavra. Ymx. Ymach. Em conjugação com a leitura da esquerda para a direita, dá ymach shmo. Sabe o que isso quer dizer?"

"Ignoro."

"Significa: que o meu nome seja apagado."

Tomás abriu a boca de estupefacção.

"Como?"

"Que o meu nome seja apagado."

"Meu Deus!", exclamou, de olhar vidrado, o puzzle a completar-se na mente. "Colom, nomina sunt odiosa."

"Perdão?"

"Nomina sunt odiosa. Os nomes são inoportunos. É uma frase de Ovídio. Adaptada a esta situação, significa que o nome do descobridor da América é inoportuno. Ora, com base no que você está a dizer-me a partir da interpretação cabalística desta assinatura, torna-se claro que não foram só os contemporâneos do almirante que quiseram lançar a confusão quanto à sua identidade, foi o próprio Colombo que, por algum motivo, quis apagar o seu nome original." Coçou o queixo, pensativo. "Agora entendo. Colom não era o seu verdadeiro nome, mas apenas um apelido adoptivo, um... uh... disfarce. O nome original foi apagado por ele próprio."

"Porquê?"

"Não sei. Mas, pelos vistos, apagou-o. Nomina sunt odiosa. Os nomes são inoportunos."

"Ymach shmo. Que o meu nome seja apagado. Bate certo."

"O seu verdadeiro nome era inoportuno e, portanto, teve de ser apagado", recapitulou Tomás, sintetizando a expressão latina e a expressão hebraica. "Mas qual seria o verdadeiro apelido?"

"Isso não sei dizer-lhe", indicou o rabino. "Mas posso dar-lhe uma outra pista. Colombo apagou o seu apelido e não se ficou por aí. Ele renegou também o seu nome próprio."

"Qual deles? Cristóvão ou Cristoforo?"

"Os dois."

"Como assim, os dois?"

Solomon Ben-Porat pegou na fotocópia com a assinatura de Colombo e apontou para o triângulo de s.

"Está a ver estes pontinhos entre os sf"

"Sim."

"Eles não foram aqui colocados por acaso", declarou o cabalista. "Em hebraico, os pontos junto a letras podem significar várias coisas. Podem ser o sinal de que a letra se trata de uma inicial ou de que a letra pede uma vogal. Já vimos que os pontinhos indiciam letras que representam iniciais. O shin de Shaday e o álefe de Adonai. Mas nas línguas antigas os pontinhos serviam igualmente para mostrar a direcção e, mais importante, podiam ser um sinal de leitura de cima para baixo. Ora, a Cabala estabelece que tudo no universo está unido por um laço mágico e que as coisas inferiores trazem o sigilo das superiores. O rabino Shimon Bar Iochay, que era um grande cabalista, observou: o mundo inferior foi feito à imagem do mundo superior, o inferior não é senão o reflexo do superior. O rabino Yossef, outro grande cabalista, escreveu: para que se produzam as acções do alto é necessário começar por um movimento aqui em baixo. O Livro dos Mistérios Cabalísticos estabeleceu: o mundo que habitamos está invertido em relação ao mundo donde a alma se eleva. E o axioma gravado sobre a tábua de esmeralda de Hermes revelou: o que está em cima é como o que está em baixo. A verdade é que as palavras reflexo e invertido, em cima e em baixo, remetem-nos para a noção de espelho, muito cara à Cabala. Como os pontinhos indiciam a necessidade de se ler de cima para baixo, resolvi fazer a experiência de inverter as letras da assinatura, passando a vê-las como se elas fossem reflectidas por um espelho." Pegou numa folha que rabiscara à mão e exibiu-a a Tomás. "O resultado foi surpreendente."

y x

• • •

V

O português contemplou os sinais que se encontravam da parte de baixo do espelho.

"O que é isso?", perguntou. "A Árvore da Vida sem Cabeça."

"Isto é a Árvore da Vida?"

"Sim. Ora veja." Abriu um livro e mostrou uma figura estruturada em círculos. "Esta é a Árvore da Vida."

"Tem dez círculos", notou Tomás.

"Sim, são as dez sephirot. A representação tradicional da Árvore da Vida tem, como estamos a ver, dez sephirot. É esta a principal Árvore da

Vida. Mas a segunda mais importante é a das sete sephirot. Neste caso, eliminando a parte de cima da assinatura, fica uma Árvore da Vida sem Cabeça, também designada Homem Sentado." Cortou as três sephirot superiores, keter, chochmá e bina, e exibiu a Árvore da Vida sem Cabeça, colocando-a ao lado da reflexão da assinatura de Colombo.

X

"Ah!", exclamou o português, comparando as duas estruturas com ar embasbacado. "São... são parecidas."

"Sim", assentiu o cabalista. "A assinatura cabalística de Cristóvão Colombo reproduz a Árvore da Vida sem Cabeça. Cada letra da assinatura é uma sephirah. Como há sete letras, isso quer dizer sete sephirot."

"Mas a redução a sete sephirot não significa que a Árvore da Vida está incompleta?"

"Não. Até existem Árvores da Vida com cinco e quatro sephirot. Mas a dos sete é particularmente significativa, trata-se da mais relevante depois da Árvore da Vida das dez sephirot. O sete é um número cabalístico muito importante, é o algarismo que representa a natureza no seu estado original, intocado. Deus levou seis dias a criar o universo e ao sétimo descansou." Indicou com o dedo o reflexo da assinatura do navegador. "Olhando para a imagem reflectida pelo espelho, torna-se claro que foi esta a forma que Colombo usou para revelar a sua verdadeira identidade. É que a linha de cima, como vê, está ocupada por XWÀ. Ora, o X remete para o chet de chessed, a sephirah que significa braço direito e simboliza a bondade. O X remete para guímel, a primeira letra da sephirah gevurá, ou braço esquerdo, e simboliza a força. No meio das duas encontra-se W, que o alfabeto hebraico identifica com tete, a primeira letra da sephirah tiferet, a beleza, que representa a síntese entre a bondade e a força. Colombo retirou a cabeça da Árvore da Vida e estruturou-a a partir dos membros médios e inferiores. A intenção cabalística é inequívoca." Solomon voltou a apontar para a primeira linha da assinatura, XWk. "Agora veja bem isto, professor Noronha. Lendo esta linha da direita para a esquerda, como é correcto fazer em hebraico, fica ÀWX. Lê-se Yeshu." Mirou Tomás e carregou as sobranceiras. "Ah, isto é uma coisa terrível."

"Terrível?", perguntou o português. "Em que sentido? O que quer isso dizer?"

"Para lhe poder traduzir a palavra Yeshu, tenho primeiro de lhe fazer uma pergunta, se não se importa."

"Sim?"

"O que sabe o senhor da forma como os judeus vêem Jesus Cristo?"

"Bem... uh... não muito, acho eu." Riu-se. "Em boa verdade, não sei nada."

"Então deixe-me que o elucide", indicou Solomon. "Os judeus encaram Cristo de uma forma muito diferente dos cristãos." Fez um gesto com as mãos, como se pretendesse enfatizar a ideia. "Muito, mesmo. As lendas judaicas representam Jesus como um mamzer, uma criança resultante de uma relação adúltera entre uma judia e um legionário romano. Cristo foi excomungado por um rabino devido a um mal-entendido e decidiu prestar culto a ídolos, afastando-se da verdadeira fé. Estudou magia no Egito, mas acabou por ser derrotado pelos rabinos. Foi sentenciado à morte como feiticeiro e enforcado num pé de couve. A deificação de Jesus pelos cristãos é considerada idolatria pelos judeus."

"E essa a forma como os judeus contam a história de Jesus?"

"Sim, é isto o que dizem as lendas judaicas."

"Caramba!", exclamou em português.

"Eu contei-lhe esta história para lhe fazer ver quão mal os judeus encaram Cristo", explicou o cabalista. "O que nos remete para a leitura da linha ÅWX, que consta do reflexo da assinatura de Colombo. Em hebraico, o nome Jesus pronuncia-se Yeshua. Mas, como os judeus não gostavam desse nome, resolveram retirar-lhe o álefe final, de modo a ficar Yeshu. É essa justamente a forma como deve ser lida a linha XWX. Yeshu. Mas Yeshu não é um nome inocente. Trata-se de uma forma pejorativa e ofensiva de nomear Yeshua, Jesus. É que Yeshu é uma abreviatura muito usada pelos judeus. Significa ymach shmo vezichro. Isto é: que seja apagado o seu nome e a sua memória."

"Puxa!", comentou Tomás. "É forte, essa."

"Professor Noronha", disse Solomon. "O que estou a tentar dizer-lhe é que o cristão e católico Cristóvão Colombo colocou na sua assinatura

cabalística o nome hebraico Yeshu, fazendo assim votos para que seja apagado o nome e a memória de Jesus."

O português permaneceu um instante calado. Estava atônito.

"Mas... porquê?", balbuciou, por fim. "Como é possível que Colombo tivesse feito isso?"

"Não se esqueça de que ele viveu no final do século xv na Península Ibérica. Se era judeu, como tudo parece indicar, a vida naquele tempo e nessa região da Europa não devia ser fácil. Qualquer judeu sefardi tinha razões de sobra para odiar os cristãos, em geral, e Jesus, em particular. Ele não era exceção. O que nos conduz ao nome próprio de Colombo." Pegou na folha com a assinatura do almirante. "Na base da assinatura cabalística está o seu nome, Xpoferens. Sabe dizer-me o que significa este nome?"

"Xpoferens? Xpo, em grego, significa Cristo, enquanto ferens é uma forma do verbo latino fero, que quer dizer transportar. Xpoferens é Cristoferens. Aquele que transporta Cristo. Cristo está na raiz do nome Cristóvão e do nome Cristoforo."

"Ora aí está um nome que jamais algum judeu usaria", atalhou o rabino. "Cristo. Ninguém em Israel chama Cristo ao seu filho. Como é possível que Colombo, sendo judeu, usasse o nome cristão de Cristóvão e assinasse Cristoferens?" Ergueu o indicador direito. "Só há um tipo de judeu que era capaz de o fazer."

"Qual?"

"Um judeu desesperado por se fazer passar por cristão. Um homem que quisesse aparentar ser cristão, mas que continuasse a professar a fé judaica em segredo. Tal homem poderia assumir o nome de Cristo, mas para assegurar a paz com Deus incluiria na sua assinatura cabalística uma inequívoca rejeição do nome de Jesus, apagando esse nome e a sua memória. Yeshu. Quero com isto dizer, professor Noronha, que a expressão ymach sbmo, ou que o meu nome seja apagado, significa simultaneamente uma rejeição do nome Colombo e do nome Cristóvão. O descobridor da América apresentou-se ao mundo com esses nomes, Cristóvão Colombo." Apontou para Chaim, do outro lado da mesa. "Porém, tal como a família sefardia de Chaim não se chamava Mendes, mas Nassi, também Colombo não se chamava Colombo, tinha antes outro nome, um apelido que apagou e não nos revelou." Bateu com a palma da

mão na fotocópia da assinatura. "A crer em tudo o que vi aqui, posso dizer-lhe que o homem que hoje conhecemos como Cristóvão Colombo era, com toda a probabilidade, um judeu sefardi e possuía originalmente um nome que permanece oculto. Escondeu a sua verdadeira religião sob uma capa cristã, mas não se tornou um cristão-novo. Era um marrano."

Solomon Ben-Porat, considerado o maior cabalista de Jerusalém, pousou os cotovelos sobre a mesa de carvalho e calou-se. Tinha terminado a sua exposição. Um silêncio pesado abateu-se sobre o escritório, apenas riscado pelo som da caneta de Tomás a desenhar frenéticos rabiscos no seu bloco de notas, registando o extraordinário raciocínio do velho rabino. O professor rabiscou as ideias com traços apressados, corridos, aparentemente ininteligíveis, até que terminou as suas anotações com a derradeira palavra pronunciada por Solomon.

Marrano.

Ia fechar o bloco de notas, mas algo o fez deter-se. Era aquele marrano que lhe atraía o olhar, como se fosse um íman irresistível, um escolho incómodo, perturbador, um inquietante borrão de tinta que se atravessara na fluidez da escrita. Ficou a mirar a palavra, pensativo. Ergueu, enfim, a cabeça e mirou o cabalista.

"O que quer o senhor dizer com marrano?", perguntou.

"Marrano?", admirou-se Solomon. "Você devia saber. O que significa essa palavra em português?"

"Acho que é uma maneira antiga de dizer porco."

"Aí está. Pois marrano foi o nome dado em Portugal e em Espanha aos cristãos-novos que se mantiveram judeus em segredo. Chamavam-lhes marranos porque, como todos os bons judeus, eles recusavam-se a comer porco por se tratar de um animal impuro, não kasher, cujo consumo é proibido pelas leis dietéticas."

"Hmm", murmurou Tomás, embrenhado nos seus pensamentos. "Marrano era um judeu que fingia ser cristão?"

"Sim."

"E Colombo era marrano?"

"Sem dúvida."

"Poderia ser um marrano genovês?"

O rabino riu-se.

"A expressão marrano remete para um judeu ibérico", explicou. "De qualquer modo, e sendo judeu, Colombo jamais poderia ser genovês..."

"Ah, não? Então e porquê?"

"Porque desde o século xii que os judeus estavam proibidos de permanecerem em Génova mais de três dias. No século xv, no tempo de Colombo, essa proibição ainda se encontrava em vigor. Ou seja, se ele era genovês, não podia ser judeu. Se era judeu, não podia ser genovês."

"Estou a entender."

"Aliás, há uma coisa muito interessante que o senhor tem de saber. Existe uma curiosa tradição judaica segundo a qual, nos séculos xv e xvi, a palavra genovês era um eufemismo para judeu."

"Está a brincar..."

"Não estou, não. Sabe, era comum nesse tempo, quando alguém queria dizer aquele homem é judeu, dizer-se aquele homem é de nação. Nação judaica, bem entendido. Mas, ao que parece, naquela época de perseguições anti-semitas, muitos judeus, quando interrogados por cristãos, diziam-se também genoveses. Era por isso que por vezes se afirmava que tal pessoa era de nação geno-vesa, uma forma irónica ou discreta de indicar que ela era judia. Entendeu?"

"Mas há provas disso?"

"Isto é algo que se sabe a partir da tradição oral hebraica, não há documentos a afirmarem tal coisa textualmente. Mas existe uma confirmação implícita numa carta enviada em 1512 pelo padre António de Aspa, da Ordem dos Jerónimos, ao grande inquisidor de Castela. Nessa carta, Aspa escreveu que, na primeira expedição ao Novo Mundo, Colombo levou a bordo «quarenta genoveses». Ora, sabe-se hoje que quase todos os tripulantes da primeira expedição eram castelhanos, embora entre estes houvesse algumas dezenas que seriam de nação judaica, provavelmente marranos. Ou seja, António de Aspa estava de facto a informar a Inquisição de que tinham ido quarenta judeus a bordo. Mas, conforme alguns faziam naquele tempo, não lhes chamou judeus. Por ironia ou pudor, chamou-lhes genoveses."

"Hmm", voltou a murmurar o historiador, perdido num mundo só seu, revendo na memória uma pergunta mil vezes formulada e jamais respondida. "Qual o Eco de Foucault pendente a 545?"

"Como?"

Tomás agitou-se, subitamente abrasado.

"É uma pergunta que uma vez me fizeram. «Qual o Eco de Foucault pendente a 545?»" Ergueu-se da mesa, a excitação galopando dentro de si, já se mostrava totalmente incapaz de permanecer quieto. "Com base numa revelação de Umberto Eco, eu julgava que a resposta era judeu português ou cristão-novo. Mas, afinal, não. A resposta certa é outra. Sabe qual é?"

O rabino abanou a cabeça.

"Não faço a mínima ideia."

Tomás sorriu.

"É marrano."

XV

Os dedos agarraram o manipulo do cofre e fizeram-no girar lentamente; a caixa metálica respondia com um tic-tic tranquilo à medida que se rodavam os números do cofre e o manipulo circulava com precisão mecânica no sentido dos ponteiros do relógio, como se fosse uma máquina bem afinada. Madalena Toscano espreitava pelo ombro de Tomás, de olhos muito arregalados, expectantes, a contemplar a operação.

"Oiça", soprou. "Tem a certeza de que é essa a chave?" O professor consultou a folha onde rabiscara a solução.

M	A	R	R	A	N	O
12	1	17	17	1	13	14

"Já vamos ver", murmurou.

Os algarismos foram sendo inseridos, um a um, no cofre. O doze, o um, o dezassete, o dezassete novamente. Tic-tic-tic-tic. Apenas as respirações do professor e da viúva, que no silêncio rumorejavam arfadas e profundas, respondiam àquele frio som metálico, tão exacto e sereno, tão minúsculo e tão supremamente enervante. Aquele parecia-lhes o som de

uma caixa ciumenta, ansiosa por guardar o seu segredo com cioso zelo; era o barulho meditativo de uma máquina desconfiada, possessiva, confrontada com um desafio que a obrigava a ponderar a hipótese que mais temia, a de se abrir como uma flor e libertar, contrariada, o perfume do seu mistério. Afigurava-se-lhes que o cacifo preferia manter esquecido o seu tesouro, encerrado no silêncio, e era esse mudo duelo entre homem e cofre, entre chave e segredo, entre luz e trevas, que alimentava a tensão à meia-claridade naquele quarto bafoento. Tomás aproximou-se do final da sequência, aguardou um momento, ansioso por perceber se teria enfim acertado na chave, respirou fundo e colocou os derradeiros algarismos. O um, o treze, o catorze. Tic-tic-tic. Quem iria ceder? O homem ou o cofre?

Um clic final foi a resposta.

como a entrada da caverna dos quarenta ladrões quando entoado o abre-te sésamo milagroso, o cofre desabotoou-se diante da sequência mágica.

"Ah!", exclamou Tomás, cerrando o punho em sinal de vitória. "Conseguimos!"

"Graças a Deus!"

Inclinaram-se sobre o cofre finalmente vencido e tentaram enxergar o conteúdo. De início, porém, apenas lobrigaram uma sombra opaca, uma treva espessa e impenetrável; era como se a caixa de metal resistisse ainda, recalcitrante, em agonia, prolongando o enigma num derradeiro sopro de vida, ocultando-o sob o manto de um nevoeiro denso e carregado; parecia-lhes um moribundo teimosamente agarrado à vida, esperando contra a esperança, encobrendo num recanto obscuro das entranhas profundas o arcano tesouro que tão longamente abrigara do mundo, perdido no tempo, exilado da memória. Mas os olhos dos intrusos depressa se habituaram àquela densa sombra; a escuridão foi-se tornando mais tênue até que ambos lograram por fim vislumbrar umas folhas assentes na superfície do interior.

O professor mergulhou a mão pela boca escancarada do cofre e, timidamente, quase a medo, como um explorador diante da selva desconhecida, apalpou a face lisa e fria do papel ali escondido; segurou com delicadeza naquelas folhas que acreditava encerrarem um mistério antigo e retirou-as devagar, como se fossem uma relíquia esquecida,

pétalas delicadas, uma frágil concha fustigada pela tempestade do tempo, trazendo-as enfim de volta à luz do dia.

Eram três folhas.

As primeiras revelaram-se duas fotocópias, que estudou com atenção. Pareceu-lhe à primeira vista que se tratava das cópias de duas páginas de um documento quinhentista. Começou por percorrê-las com os olhos, como quem procura captar apenas a imagem geral de algo que não compreende; depois, com mais cuidado, recorreu à sua vasta experiência de paleógrafo e leu a partir da ornée, localizada na parte de baixo da primeira fotocópia, decifrando o aparentemente impenetrável conteúdo.

"«No ano seguinte de m...»", hesitou, não compreendeu a data, mas prosseguiu, "«e triiy estando elRei no lugar de Vale de parayso q he acima do mosteiro de Sancta ma das V.tudes, po caso da grande peste q nos lugares principaes da qla Cromarca abia a seis dias de março a Ribou a Restelo, em lixboa Xpova colo nbo y taliano qvinha do descobrimento das ylhas de Sypango, e dantilha que por mandado dos Reys de castelã tinha fecto...»"

"O que é isso?", perguntou Madalena.

O professor fitava as duas folhas com ar intrigado.

"Isto... uh...", balbuciou, "isto parece-me a Crónica de D. João II, de Ruy de Pina." Hesitou por um instante; depressa se convenceu, todavia, de que a sua avaliação era correcta e sentiu a confiança crescer-lhe no peito. "Este é, pelos vistos, o trecho em que o cronista português começa a relatar o encontro de Cristóvão Colombo com o rei D. João II, quando do regresso do almirante da primeira viagem, aquela em que descobriu a América."

"É importante?"

"Bom... uh... é importante, sem dúvida. Mas inesperado." Mirou a viúva com uma expressão desconcertada. "Por um lado, porque este texto já é conhecido há muito tempo, não constitui segredo nenhum. Por outro, porque esta crónica vai contra a tese defendida pelo seu marido." Apontou para a terceira e quarta linhas da segunda página. "Está a ver aqui? Diz «Xpova colonbo ytaliano». Ora, o seu marido defendia justamente o contrário, que Colombo não era italiano."

"Mas o Martinho disse-me que guardou aí no cofre a grande prova..."

"A grande prova? A grande prova de quê? De que Colombo era italiano?" Abanou a cabeça, num gesto de perplexidade. "Não entendo, não faz sentido."

Madalena Toscano segurou nas duas folhas e examinou-as com cuidado.

"E isto, o que é?", perguntou, apontando para uns rabiscos a lápis no verso da primeira folha.

O professor leu o apontamento.

"Coisa estranha", murmurou.

"O que é isso?"

Tomás encolheu os ombros, sem saber o que pensar.

"Não sei, não faço ideia." Esboçou um trejeito com a boca. "Codex 632?" Coçou o queixo, pensativo. "Deve ser a cota deste documento."

"A cota?"

"É o número de referência de um documento numa biblioteca. Os arquivistas têm uma cota para identificarem cada documento e cada livro que guardam nas bibliotecas. Através da cota, é mais fácil localizá-los nas..."

"Eu sei muito bem o que é uma cota", interrompeu Madalena.

Tomás olhou-a, embaraçado. O aspecto negligente e acabado de Madalena Toscano dava-lhe um ar de mulher humilde, mas a verdade é que aquele rosto envelhecido e aquele corpo engelhado escondiam uma senhora culta, antiga frequentadora dos meios académicos e habituada a viver com livros perto de si. O ar sujo e desarranjado da casa, meditou Tomás, não se devia apenas ao desleixo provocado pela morte do marido, mas ao facto de que aquela, na verdade, não era uma mulher acostumada às tarefas de limpeza doméstica.

"Desculpe", murmurou o visitante. "Sabe, acho que o seu marido deve ter tomado nota desta cota para efeitos de consulta bibliográfica."

Madalena Toscano voltou a analisar a cota.

"Mas não se diz códice}"

"Sim", sorriu Tomás. "Codex ou códice, é a mesma coisa. No fundo, não passa de um manuscrito composto de folhas de papiro, pergaminho ou papel, ligadas pelo mesmo lado, como se fossem um livro."

"E acha que isto é papel?"

"Talvez", opinou o professor. "Sendo um manuscrito do século xvi, no entanto, eu diria que provavelmente é pergaminho. Mas também pode ser papel, é possível."

Madalena pegou na terceira folha que se encontrava no cofre.

"E já viu isto?"

Era uma folha A4 branca, com um nome e um número rabiscado por baixo. Tomás ergueu o sobrolho ao ver o nome.

"Conde João Nuno Vilarigues", leu o historiador.

"Conhece?"

"Nunca ouvi falar." Tomás passou os olhos pelos algarismos que se encontravam por baixo daquele nome. "Isto parece um número de telefone."

A viúva inclinou-se sobre a folha.

"Deixe ver", disse. Reflectiu por um instante. "Tem piada, estou a reconhecer este indicativo. Nos últimos tempos, o Martinho ligava muito para lá."

"Para este número?"

"Não sei, talvez. Mas o indicativo era esse."

"E donde é este indicativo?"

Madalena ergueu-se sem uma palavra, saiu do quarto e voltou momentos mais tarde com um volumoso livro debaixo do braço. Tomás reconheceu a Lista Telefónica. A viúva consultou as primeiras páginas, procurando os indicativos nacionais. O dedo deslizou pelos algarismos até se imobilizar num deles.

"Ah, cá está!", exclamou. O indicador percorreu a linha até ao nome referente àquele indicativo. "Tomar."

O permanente arrulhar dos pombos enchia a Praça da República de uma musicalidade gorgulhante; eram pássaros gordos, bem alimentados, a debicarem pela calçada e a esvoaçarem em saltos, adejando de um lado para o outro, enchendo os telhados, cobrindo as pequenas saliências nas fachadas, pendurando-se na estátua de D. Gualdim Pais, a enorme figura de bronze erguida no ponto central do largo.

Alguns pombos passeavam junto aos pés de Tomás, ronronando, indiferentes ao homem sentado no banco de madeira, apenas preocupados em detectarem mais umas saborosas migalhas pelo empedrado negro e branco que cobria quase toda a praça, mais pareciam minúsculos peões pardos a deambularem por um gigantesco tabuleiro de xadrez. O visitante olhou em redor, apreciando o elegante edifício dos Paços do Concelho de Tomar e todo o terreiro central até prender a sua atenção na original igreja gótica à direita, era a Igreja de São João Baptista; a fachada branca de cal desgastada do santuário ostentava um elegante portal manuelino, muito trabalhado, rematado por um coruchéu octogonal; sobre a igreja impunha-se a vizinha torre sineira amarelo-torrada, um imponente campanário cor de terra que ostentava com orgulho um trio simbólico por baixo dos sinos, reconheciam-se ali o brasão real, a esfera armilar e a cruz da Ordem de Cristo.

Um homem de fato cinzento-escuro, com colete e laço prateado, aproximou-se, o olhar fixo no forasteiro, interrogativo.

"Professor Noronha?", perguntou, hesitante.

Tomás sorriu.

"Sou eu mesmo", assentiu. "É o senhor conde, presumo?"

"João Nuno Vilarigues", apresentou-se o homem, pondo-se muito hirtos e batendo com os calcanhares um no outro, como se fosse militar. Inclinou a cabeça, numa vénia cerimoniosa. "Um seu criado."

O conde era magro e de estatura mediana, o aspecto enigmático. O cabelo preto e grisalho nas têmporas apresentava-se puxado para trás, com entradas no topo da testa alta. Mas o que nele mais se destacava era o bigode fino, a pêra pontiaguda e, sobretudo, os olhos negros e penetrantes, quase hipnóticos; parecia um viajante no tempo, um homem da Renascença italiana, um Francesco Colonna que abandonara a grande Florença dos Medici e voara directamente para o crepúsculo do século xx.

"Muito obrigado por ter comparecido a este encontro", agradeceu Tomás. "Embora, devo confessá-lo, não saiba sobre o que vamos falar."

"Segundo depreendi da nossa breve conversa ao telefone, o senhor conseguiu o meu contacto através de notas deixadas pelo falecido professor Toscano."

"Justamente."

"E esse contacto encontrava-se entre documentos relacionados com Cristovam Colom."

"Exacto."

O conde suspirou e permaneceu um instante a mirar o historiador, como se estivesse embrenhado num debate interno, pesando os prós e os contras, tentando decidir o que revelar.

"O senhor está familiarizado com a investigação em que o professor Toscano se empenhava?", perguntou, claramente a tactear o terreno, procurando testar Tomás.

"Sem dúvida", confirmou o historiador. O conde permaneceu calado, como se aguardasse mais, e Tomás percebeu que teria de lhe demonstrar que estava realmente dentro do assunto. "O professor Toscano acreditava que Colombo não era genovês, mas sim um marrano, um judeu português."

"E para que quer o senhor reconstituir essa investigação?"

Não eram perguntas inocentes, pressentiu Tomás. Era um teste. Teria de proceder com cautela se quisesse obter informações desta enigmática personagem; qualquer resposta errada significaria que esta porta se fecharia.

"Sou professor de História na Universidade Nova de Lisboa e estive em casa da viúva a ver os documentos deixados pelo professor Toscano. Acho que pode dar um texto de investigação excepcional, capaz de revolucionar tudo o que sabemos sobre os Descobrimentos."

O conde deixou prolongar-se uma pausa, taciturno; de olhos fixos em Tomás, como se quisesse perscrutar-lhe a alma, formulou a pergunta seguinte.

"Já ouviu falar na fundação dos americanos?" O modo como a pergunta foi formulada colocou Tomás de sobreaviso. Esta era, por algum

motivo que não conseguia descortinar, a mais importante pergunta de todas, aquela que determinaria a cooperação do conde ou o calaria sem apelo. Sustentado na reacção da viúva ao nome da fundação que financiava a investigação, o historiador pressentiu que seria bom a sua ligação a Moliarti permanecer na sombra. Pelo menos por enquanto.

"Qual fundação?", ouviu-se a si próprio perguntar.

O conde permaneceu de olhos fixos em si; Tomás devolveu-lhe o olhar, procurando parecer sincero.

"Não interessa", acabou o seu interlocutor por dizer, aparentemente satisfeito com a resposta. Rodou a cabeça pela praça, ergueu os olhos para o monte e sorriu, descontraindo-se. "O senhor já alguma vez visitou o castelo e o convento de Tomar?"

Tomás seguiu-lhe o olhar e observou as muralhas recortadas por cima da verdura, no topo do monte sobranceiro à cidade.

"O castelo e o... uh... convento? Sim, claro, já lá fui, mas foi há muito tempo."

"Então venha daí", convidou o conde, indicando-lhe que o seguisse.

Atravessaram a praça e meteram pelas pitorescas ruelas laterais de chão empedrado, decoradas com vasos coloridos pendurados nas varandas. Convergiram para um enorme Mercedes negro, encostado a um muro branco que se prolongava até à velha sinagoga. O conde Vilarigues assumiu o volante e, com Tomás sentado ao lado, pôs o automóvel em movimento, deslizando pelas pacatas ruas de Tomar.

"O senhor já ouviu falar na Ordo Militaris Christi?", perguntou o conde, olhando de relance para o seu passageiro.

"A Ordem Militar de Cristo?"

"Não, a Ordo Militaris Christi."

"Não, dessa nunca ouvi falar."

"Eu sou o grão-mestre da Ordo Militaris Christi, a instituição herdeira da Ordem Militar de Cristo."

Tomás cerrou as sobrancelhas, intrigado.

"Herdeira da Ordem Militar de Cristo? Mas a Ordem de Cristo já não existe..."

"É justamente por isso que a Ordo Militaris Christi é sua herdeira. Na verdade, quando a Ordem Militar de Cristo foi extinta, alguns cavaleiros, inconformados com a decisão, decidiram perpetuá-la em sigilo e formaram a Ordo Militaris Christi, uma organização secreta, com regras próprias, cuja existência é apenas conhecida por alguns. Um punhado de nobres, descendentes dos velhos cavaleiros da Ordem Militar de Cristo, reúne-se todas as primaveras aqui em Tomar, sob o meu comando, para renovar os antigos costumes e registar a tradição oral dos segredos nunca revelados. Sabe, somos nós os guardiães dos derradeiros mistérios da Ordem de Cristo."

"Olhe, desconhecia..."

"E o que sabe o senhor sobre a Ordem de Cristo?"

"Algumas coisas, mas não muito. Repare, eu sou historiador, mas a minha área de especialidade é a criptanálise e as línguas antigas, não a Idade Média nem os Descobrimentos. Digamos que vim parar a esta investigação... uh... por acaso... uh... por conhecer o professor Toscano, não porque esta seja a minha área natural de interesse."

O carro chegou a uma pequena bifurcação, ornada com uma estátua do infante D. Henrique ao centro, virou à direita e abandonou as artérias da cidade, mergulhando nos caminhos verdes e ascendentes da Mata dos Sete Montes, a estrada que serpenteava pela encosta, à sombra das alamedas viçosas, em direcção às velhas muralhas.

"Então deixe-me contar-lhe a história desde o princípio", propôs o conde Vilarigues. "Quando os muçulmanos vedaram aos cristãos o acesso à cidade santa de Jerusalém, soou um grito de revolta por toda a Europa e foram lançadas as cruzadas. Jerusalém foi conquistada em 1099 e a cristandade impôs-se na Terra Santa. O problema é que, com o regresso de muitos cruzados à Europa, as deslocações dos peregrinos cristãos a Jerusalém tornaram-se muito perigosas, não havia ninguém para os defender. Foi nessa altura que apareceram duas novas ordens militares. A Ordem dos Hospitalários, vocacionada para ajudar os doentes e os feridos, e uma milícia criada por apenas nove cavaleiros e que se pôs a patrulhar as rotas usadas pelos peregrinos. Embora fossem apenas nove, estes homens conseguiram, de facto, tornar os caminhos muito mais seguros. Em recompensa, foi-lhes oferecida, como pouso permanente, a Mesquita de Al Aqsa, situada no topo do Monte Moriah, em Jerusalém, justamente o sítio onde antes se ergueu o lendário Templo de Salomão."

Nasceu assim a Ordem dos Cavaleiros do Templo de Salomão." Fez uma pausa. "Os templários."

"História mil vezes contada."

"Sem dúvida. É uma história tão extraordinária que captou a imaginação de toda a Europa. Diz-se que, vasculhando nos vestígios abandonados do Templo de Salomão, os templários terão encontrado relíquias preciosas, segredos eternos, objectos divinos. O Santo Graal. Seja devido a esses mistérios, ou simplesmente graças ao seu engenho e persistência, a verdade é que os templários cresceram e se espalharam pela Europa."

"E chegaram a Portugal."

"Sim. A Ordem foi formalmente instituída em 1119 e, poucos anos depois, já cá andavam. Esta cidade de Tomar, conquistada aos mouros em 1147, foi doada em 1159 pelo primeiro rei de Portugal, D. Afonso Henriques, aos templários, os quais, liderados por D. Gualdim Pais, construíram o castelo no ano seguinte."

O Mercedes negociou a última curva e foi desembocar num pequeno parque de estacionamento; tratava-se de um espaço abrigado por entre árvores e dominado pela maciça Torre de Menagem, que se destacava por trás das altas muralhas do castelo templário, enormes muros de pedra recortados no céu azul pelo rendilhado das ameias. Deixaram o automóvel à sombra de uns pinheiros altos e seguiram pelo chão empedrado que circundava as muralhas da torre, a Alcáçova, em direcção à imponente Porta do Sol; deu-lhes, por momentos, a impressão de terem retornado à Idade Média, a um tempo rústico, simples, perdido na memória dos séculos e do qual só restavam aquelas orgulhosas ruínas. Um rude muro denteado por sólidas ameias estendia-se à esquerda, bordejando o caminho e delimitando a floresta densa; as folhas das árvores agitavam-se ao vento pela encosta do monte, os galhos pareciam dançar ao ritmo de uma suave melodia natural, embalados talvez pelo animado zinzilular das recém-chegadas andorinhas e pelo permanente trinar dos alegres rouxinóis, aos quais respondiam as cigarras com agudos ziziares e as abelhas com um azoinar laborioso, gulosas em torno das flores coloridas que espreitavam pela verdura. O lado direito do caminho quedava-se num silêncio seco, vazio, por essa banda apenas se elevava uma árida encosta de pedras, no topo das quais imperava o castelo, qual senhor feudal, altivo e arrogante.

"É então este o castelo dos templários", comentou Tomás, contemplando as velhas muralhas.

"Nem mais. Aos templários foram oferecidas muitas terras em Portugal por serviços prestados em combate, incluindo nas conquistas de Santarém e Lisboa, mas em sítio nenhum ficou a sua presença mais marcada do que aqui, no castelo de Tomar, a sua sede. A existência da Ordem, porém, conheceu um fim abrupto com as perseguições em França, desencadeadas em 1307, e com a bula papal *Vox in excelso*, que a extinguiu em 1312. O papa solicitou aos monarcas europeus a prisão de todos os templários, mas o rei D. Dinis, em Portugal, recusou-se a obedecer. O papa declarou a Ordem dos Hospitalários como a herdeira dos bens dos templários, mas, também aqui, D. Dinis desobedeceu. O rei português recorreu a uma engenhosa interpretação jurídica da questão, alegando que os templários eram meros usufrutuários das propriedades da coroa. Se os templários deixavam de existir, então a coroa retomava o usufruto das suas terras. A postura do rei de Portugal atraiu a atenção dos templários franceses, que estavam a ser impiedosamente perseguidos na sua terra. Muitos vieram para Portugal, em busca de refúgio. D. Dinis deixou, entretanto, as coisas em banho-maria até que propôs a criação de uma nova ordem militar, com sede no Algarve, para defender Portugal do perigo muçulmano. O Vaticano acedeu e em 1319 oficializou a criação da Ordem Militar de Cristo. D. Dinis entregou a esta nova organização todos os bens da Ordem do Templo, incluindo dez cidades. Mais importante ainda, os seus elementos eram os templários. Ou seja, a Ordem de Cristo tornou-se, na realidade, a Ordem do Templo com outro nome. O ressuscitar dos templários em Portugal ficou completo em 1357, quando a Ordem de Cristo transferiu a sua sede aqui para o castelo de Tomar, o antigo santuário da supostamente extinta Ordem do Templo."

Cruzaram a magnífica Porta do Sol e desembocaram na Praça de Armas, um vasto espaço com um belo jardim geométrico à esquerda, sobranceiro ao vale. Viam-se por ali sebes moldadas em meias-esferas, arbustos por aparar, ciprestes altos e esguios, plátanos, canteiros de flores.

"Mas para que está a contar-me tudo isso?", indagou Tomás.

O conde Vilarigues riu-se e indicou com a mão as muralhas à direita e as estruturas medievais em frente, dominadas pela escadaria e pelo enorme bloco cilíndrico da magnífica Charola, com o seu ar de fortaleza românica, a fachada marcada pelos maciços contrafortes dos vértices que

alcançavam os telhados, a cobertura rematada por merlões quinhentistas e a torre sineira a coroar toda a estrutura; do outro lado do complexo destacavam-se as compactas paredes exteriores do Grande Claustro e, por trás de um gigantesco plátano que sobre o convento lançava a sua protectora sombra, as ruínas incompletas da Casa do Capítulo.

"Meu caro senhor, é para que compreenda melhor este maravilhoso lugar onde nos encontramos. Afinal de contas, vive em Tomar, no alto destas misteriosas muralhas medievais, o espírito puro do Santo Graal, a enigmática alma esotérica que encarnou a formação de Portugal e orientou a gesta dos Descobrimentos." Piscou o olho. "E também, já agora, conto-lhe tudo isto porque estes elementos são pertinentes para a extraordinária história que tenho para lhe revelar."

"Ah, sim? E que história é essa?"

"Mas, meu caro senhor, será possível que ainda não tenha compreendido? O que eu tenho para lhe desvendar é a verdadeira história de Cristóvam Colom, o navegador que entregou a América aos castelhanos."

"A... a verdadeira história de Colombo? O senhor conhece-a?"

Meteram pelo jardim geométrico, passando por baixo de um arbusto erguido em ponte, e foram sentar-se num banco de azulejos azuis e laranja talhado no muro.

"É uma história cujo prólogo remonta aos templários e à sua Ordem Militar de Cristo." O conde observou as muralhas lá em baixo, reconhecia-se à esquerda a Torre de Dona Catarina e ao meio a Porta de Sangue. "Diga-me, meu caro senhor, alguma vez reparou nas cruzes que ornamentavam as velas das caravelas portuguesas envolvidas nos Descobrimentos?"

"As cruzes das caravelas? Eram vermelhas, se bem me lembro."

"Cruzes vermelhas sobre panos brancos. Isso não lhe diz nada?"

"Uh... não."

"As cruzes dos cruzados eram vermelhas sobre fundo branco. As cruzes dos templários portugueses eram orbiculares vermelhas sobre fundo branco. As cruzes da Ordem de Cristo eram vermelhas sobre fundo branco. Ora, também as caravelas portuguesas ostentavam cruzes vermelhas sobre as velas brancas. Eram as cruzes da Ordem de Cristo, as

cruzes dos templários, içadas pelos mares em demanda do Santo Graal." Inclinou-se sobre o professor, os olhos fixos em si como se quisesse penetrar-lhe na alma. "Meu caro senhor, será que vossa excelência porventura sabe o que era o Santo Graal?"

"Uh... o Santo Graal? Era o... o cálice de Cristo. Diz-se que foi através desse cálice que Jesus bebeu na última ceia e que José de Arimateia recebeu nele o sangue do filho de Deus quando Cristo agonizava na cruz."

"Superstições, meu caro senhor! O Santo Graal só é um cálice no sentido figurado, metafórico se quiser." Apontou na direcção da cidade de Tomar, cujo casario espreitava para além das árvores e das muralhas, no sopé do monte. "Se o senhor for à capela baptismal da Igreja de São João Baptista, ali em Tomar, irá ver um tríptico onde consta uma representação de São João Baptista com o cálice sagrado na mão. Dentro do cálice está um dragão alado, animal mítico mencionado na lenda dos Cavaleiros da Távola Redonda. Nessa lenda, o mago Merlin relatou um combate num lago subterrâneo entre dois dragões, um alado e o outro não, um representando as forças do bem e o outro personificando as forças do mal, um simbolizando a luz e o outro interpretando as trevas. Esse combate de dragões encontra-se também figurado no capitel da Igreja de São João Baptista de Tomar, facto que confere um incontornável valor iniciático a esse santuário."

"Está a referir-se à igreja que se situa na Praça da República, onde nos encontrámos há pouco?"

"Essa mesmo."

"Hmm", murmurou Tomás, trazendo à mente a imagem da fachada alva da igreja com a sua imponente torre sineira de pedra torrada. "Mas por que me conta tudo isso?"

"Meu caro senhor, esta é a resposta à pergunta que vossa excelência há momentos não me soube responder. É que o dragão é o símbolo templário da sabedoria, é o Thot egípcio e o Hermes grego. O mesmo Hermes que deu origem ao hermetismo. Isto significa que o dragão dentro do cálice sagrado, como consta na igreja de Tomar, representa a sabedoria hermética. O Santo Graal." Fez uma pausa. "O que é então o Santo Graal? E o conhecimento. E o que é o conhecimento senão poder? Isso foi algo que os templários rapidamente perceberam. Quando vieram para Portugal, fugindo às perseguições decretadas contra si pela Europa, os

templários trouxeram consigo o cálice e o dragão, o Santo Graal, uma sabedoria, em parte científica e em parte esotérica, acumulada em dois séculos de explorações na Terra Santa. Possuíam conhecimentos de navegação, artes de invenção, espírito de descoberta, erudição hermética. Portugal foi o seu destino, mas também o ponto de partida para a revelação do mundo, para a nova demanda do conhecimento. Porque este país chama-se Portugal. É um nome que vem de Portucalem, mas que, deste modo, poderá também ser ligado ao cálice sagrado. Portugal. Porto Graal. O porto do Graal. Foi através deste imenso porto que se partiu na demanda do novo Graal. O Santo Graal da sabedoria. O cálice do conhecimento. A descoberta do mundo."

"Está a insinuar que os Descobrimentos foram concretizados pelos templários para concretizarem a busca do Santo Graal?"

"Em parte, sim. Os templários e os judeus, com os seus segredos esotéricos e as suas misteriosas práticas cabalísticas, uns abertamente à procura do Santo Graal e outros em discreta busca da Terra Prometida, ambos unidos pela nostalgia de Jerusalém e do sagrado Templo de Salomão, formaram com os portugueses uma mistura explosiva, um cocktail reunido no início do século xv por um dos maiores estadistas da história de Portugal e um dos maiores visionários da humanidade, o infante D. Henrique, o cérebro por trás do movimento planetário a que hoje chamamos globalização. Sendo o terceiro filho do rei D. João I, Henrique tornou-se, em 1420, governador da Ordem Militar de Cristo e veio mais tarde a ser conhecido por Navegador. O infante reuniu homens de ciência, entre eles portugueses, templários, judeus e outros, e delineou um ambicioso plano para concretizar a demanda do Graal." Ergueu a mão e começou a recitar de cor. "«Que Portugal tome consciência de si mesmo», escreveu o poeta Fernando Pessoa. «Entregue-se à sua própria alma. Nela encontrará a tradição dos romances de cavalaria, onde passa, próxima ou remota, a Tradição Secreta do Cristianismo, a Sucessão Super-Apostólica, a Demanda do Santo Graal»." Terminada a recitação, alterou o tom declamativo de voz, tornando-a mais natural. "O grandioso plano de Henrique, o Navegador, previa a conquista dos mares desconhecidos e a descoberta do mundo e foi executado pelos portugueses ao longo de décadas sucessivas. Os cavaleiros tornaram-se navegadores e os Descobrimentos as novas cruzadas."

"Portugal foi, portanto, o porto donde se partiu à procura do Graal."

"Nem mais. Portugal tornou-se um país de navegadores e descobridores, cavaleiros do mar na nova demanda do Santo Graal. Gil Eanes, Gonçalves Baldaia, Nuno Tristão, Antão Gonçalves, Dinis Dias, Álvaro Fernandes, Diogo Gomes, Pedro de Sintra, Diogo Cão, Pacheco Pereira, Bartolomeu Dias, Vasco da Gama, Fernão de Magalhães, Pedro Álvares Cabral, a lista desses homens é infindável, o país estava cheio de novos cruzados. Muitos conhecemo-los nós. Mas outros envolveram-se em navegações secretas, fazendo descobertas jamais reveladas e mantendo o seu nome oculto na sombra da história."

"E diz o senhor que Colombo era um deles?"

"Já lá vamos. Deixemos agora os grandes desígnios místicos dos Descobrimentos e concentremo-nos antes nos eventos prosaicos do quotidiano do reino de Portugal no final do século xv. Quando Henrique, o Navegador, e mais tarde o rei Afonso V morreram, outro homem assumiu o controlo do processo de expansão marítima. Foi o filho de Afonso, o novo rei D. João II, chamado o Príncipe Perfeito. Pouco tempo depois de este monarca ascender ao trono ocorreu um acontecimento que traçaria o destino de Cristóvam Colom."

"A descoberta do cabo da Boa Esperança por Bartolomeu Dias."

O conde riu-se.

"Não, meu caro senhor, isso foi depois." Abandonaram o banco de azulejos e atravessaram a Praça de Armas, passando por entre as pequenas laranjeiras. Vilarigues aproximou-se das ruínas dos Paços Mestrais, os antigos aposentos reais do castelo, agora já sem telhado, e pousou a mão na parede nua e áspera, como se a acariciasse. "Não sei se sabe, mas por entre estas paredes viveu o infante D. Henrique, o homem que tudo planeou antes do Príncipe Perfeito. E viveu também aqui outro estadista, alguém cuja vida seria mudada por esse acontecimento que marcou Colom. Trata-se do rei D. Manuel I, chamado o Venturoso, que sucedeu a D. João II."

"E que acontecimento é esse?"

O conde inclinou a cabeça e olhou para Tomás de um modo estranho.

"A conspiração para assassinar o rei D. João II."

O historiador franziu as sobrancelhas.

"Como disse?"

"A maquinação contra D. João II. Nunca ouviu falar?"

"Uh... vagamente."

"Preste vossa excelência atenção a esta história", indicou o conde Vilarigues, erguendo as mãos, como se lhe pedisse para ter paciência. "Em 1482, o conselho régio, encabeçado pelo recentemente coroado rei D. João II, determinou que os corregedores reais pudessem entrar nas terras dos donatários, de modo a efectuarem inspecções para verificarem como a lei era aí aplicada e para confirmarem privilégios e doações. Esta decisão constituiu um ataque directo ao poder dos fidalgos, até aí donos e senhores dos seus domínios. O mais poderoso dos fidalgos era D. Fernando II, duque de Bragança e primo afastado do rei. Pois o duque lembrou-se de apresentar perante a justiça as escrituras de doação e privilégios que foram concedidos a si e aos seus antepassados. Encarregou o seu responsável das finanças, o bacharel João Afonso, de ir a um determinado cofre procurar tais escrituras. Mas João Afonso, em vez de ir ele próprio, mandou o filho, rapaz jovem e inexperiente. Quando o filho se encontrava no cofre a vasculhar os documentos, apareceu um escrivão, chamado Lopo de Figueiredo, que de imediato o foi ajudar. Durante a pesquisa, porém, Lopo de Figueiredo descobriu uma estranha correspondência trocada entre o duque de Bragança e os Reis Católicos de Castela e Aragão. Intrigado com tão insólitos documentos, escondeu-os consigo e, uma vez cá fora, conseguiu uma audiência secreta com o rei e mostrou-lhe as cartas. D. João II examinou os manuscritos, alguns com emendas efectuadas pelo punho do duque, e logo percebeu que eles revelavam uma conspiração contra a coroa. O duque de Bragança era um aliado secreto dos Reis Católicos em Portugal e comprometia-se a ajudar os castelhanos a invadirem o país." Baixou a voz, como se fosse pronunciar uma palavra maldita. "Um traidor." Retomou o tom normal. "As cartas mostravam que também o duque de Viseu, irmão da rainha, estava envolvido na conspiração, tal como a própria mãe da rainha. D. João II mandou copiar aqueles documentos e disse a Lopo de Figueiredo para os devolver ao cofre donde os tinha tirado. O monarca passou mais de um ano, por entre os assuntos de governação e as decisões relativas aos Descobrimentos, a reunir dados para avaliar a extensão do conluio e a preparar-se para o desmontar. Descobriu até os pormenores sobre a forma como os conspiradores planeavam executá-lo. Até que, num dia de Maio de 1483, mandou prender e julgar o duque de Bragança. Condenado por

traição, D. Fernando II foi degolado dias depois em Évora. A conjura, no entanto, prosseguiu, desta feita encabeçada pelo duque de Viseu. Até que, em 1484, D. João II decidiu pôr um termo definitivo ao problema. Mandou chamar o duque, irmão da rainha, e, após trocar algumas palavras com ele, o próprio rei o apunhalou até à morte. Outros fidalgos envolvidos na maquinação foram degolados, envenenados ou fugiram para Castela. No meio de tudo isto, porém, houve uma coisa estranha. D. João II chamou à corte o irmão do duque de Viseu, D. Manuel. Este compareceu, receando pela vida, afinal de contas o seu irmão tinha sido executado pelo rei naquele mesmo lugar depois de uma convocatória semelhante. Mas o desfecho foi bem diferente. D. João II doou a D. Manuel todos os bens do irmão que executara e, facto notável, comunicou-lhe que, se o seu filho D. Afonso viesse a morrer sem deixar descendência, seria D. Manuel a herdar a coroa. O que veio, de facto, a acontecer."

"Estranha história essa", comentou Tomás, impressionado com os pormenores da intriga palaciana em plena fase dos Descobrimentos. "Mas não entendo por que razão me está a contá-la."

O conde Vilarigues cruzou os braços diante do peito, em posição de domínio, e arrebitou a sobrelanceira esquerda.

"Meu caro senhor", exclamou de modo condescendente. "Então está vossa excelência a conduzir uma investigação sobre Cristóvam Colom e a data em que culminou esta grande operação de limpeza real nada lhe diz?"

"Em que data diz o senhor que isso aconteceu?"

"Foi em 1484."

Tomás coçou o queixo, pensativo.

"Isso foi o ano em que Colombo deixou Portugal e foi para Castela."

"Bingo!", sorriu o conde, um brilhozinho a dançar-lhe nos olhos. O historiador permaneceu um longo instante imóvel, matutando sobre o assunto, considerando as implicações, ajustando as peças do puzzle. Inclinou-se sobre o conde e fitou-o inquisi-ti vamente.

"O senhor estará porventura a insinuar que Colombo fez parte da maquinação contra D. João II?" "Touché."

Tomás abriu a boca, perplexo.

"Ah...", balbuciou, incapaz de ordenar o turbilhão de ideias que lhe aflorou à mente. "Ah..."

Vendo-o sem fala, o conde deu-lhe uma ajuda. "Diga-me uma coisa, meu caro senhor. Já reparou vossa excelência que existem toneladas de documentos sobre a passagem de Cristóvam Colom por Espanha, mas, no que diz respeito à sua presença em Portugal, apenas existe um enormíssimo vazio? Não há nada de nada! Nem um único documento para amostra! O pouco que se sabe resume-se a breves referências deixadas por Las Casas, por Hernando Colón e pelo próprio Cristóvam Colom. Mais nada." Encolheu os ombros, simulando perplexidade. "Então o homem fartou-se de passear pelo país, esfalfou-se a navegar nas nossas caravelas, casou com uma nobre portuguesa, deambulou pela corte, teve vários encontros com o rei e não ficaram registos nem testemunhos? Hã? Por que será?"

"Uh... foi tudo apagado?"

"É possível, meu caro. Mas talvez a verdade seja ainda mais simples do que isso. Colom tinha outro nome. Nós andamos à procura de documentos com o nome de Colom, quando, afinal, eles existem, mas relativos a uma pessoa que era conhecida por outro nome."

"Que... que nome?"

"Nomina sunt odiosa."

Tomás arregalou os olhos.

"Como?"

"Nomina sunt odiosa."

"Os nomes são inoportunos", traduziu Tomás, quase maquinalmente. "Ovídio."

O conde devolveu-lhe o olhar, surpreendido.

"Ena!", exclamou. "Isso foi rápido."

"O professor Toscano deixou-me essa citação de As Heróides como primeira pista para chegar ao mistério de Colombo."

"Ah", compreendeu o seu interlocutor. "Pois fui eu quem lhe falou nisso, sabe? Suponho que ele tenha tomado nota." Encolheu os ombros. "Não interessa. Para todos os efeitos, o verdadeiro nome de Colom é algo

que permanece obscuro. Nomina sunt odiosa. De qualquer modo, interessa dizer que Colom tinha outro nome. O nome de um fidalgo."

"Como sabe isso?"

"Colom era um nobre que também integrava a Ordem Militar de Cristo. A sua verdadeira história faz parte da nossa tradição oral, enquanto templários, e é confirmada por múltiplos indícios. Já reparou que ele casou com Dona Filipa Moniz Perestrelo, filha do capitão donatário de Porto Santo, descendente de Egas Moniz e parente de D. Nuno Álvares Pereira, o homem que derrotou os castelhanos na Batalha de Aljubarrota? Uma mulher destas, aparentada com a própria família real, nunca casaria naquela época com um plebeu, ainda por cima um paisano estrangeiro. Jamais! Mais facilmente recolheria ao convento! Uma mulher destas, meu caro senhor, só casaria com um nobre."

"Já tinha pensado nisso", atalhou Tomás. "É realmente impensável que Dona Filipa Moniz Perestrelo casasse com um humilde tecelão de seda. Impensável."

"E vossa excelência já leu a carta que D. João II enviou a Colom em 1488?"

"Então não li?"

"O que me diz daquele trecho em que o rei menciona os problemas de Colom com a sua justiça?"

Tomás abriu o seu bloco de notas, procurando as anotações dessa carta.

"Espere, tenho isso aqui", disse, localizando o excerto. "Escreveu o rei: «e porque por ventura terees algum reço das nossas justiças por razam de algumas cousas a que sejaaes obrigado. Nós por esta nossa Carta vos seguramos polia vinda, estada, e tornada, que não sejaaes preso, reteudo, acusado, citado, nem demandado por nenhuma cousa ora que seja civil ou crime, de qualquer qualidade»." Mirou o conde. "É isto."

"E então? Que crimes seriam esses que em 1484 levaram Colom a fugir precipitadamente para Castela com o filho?"

"A conspiração."

"Nem mais. A conspiração desmantelada em 1484. Como lhe disse, muitos fidalgos escaparam nesse ano para Castela com as famílias. D.

Álvaro de Ataíde, por exemplo. Ou D. Fernando da Sylveira. Há ainda o caso de D. Lopo de Albuquerque ou do influente judeu Isaac Abravanel. Foi uma debandada por parte de todos aqueles que se relacionavam com as tramas dos duques de Bragança e de Viseu. Colom foi um entre muitos."

O historiador arregalou os olhos, tinha acabado de lhe ocorrer algo; agarrou na sua inseparável pasta, tacteou o interior, tirou um livro escrito em espanhol, intitulado *Historia del Almirante*, e folheou-o apressadamente.

"Espere aí, espere aí", disse, como se receasse que aquela ideia lhe fugisse. "Se bem me lembro, o filho espanhol de Colombo, Hernando Colón, escreveu a mesma coisa numa breve referência que fez à entrada do pai em Castela. Deixe cá ver... deixe cá ver... ah, aqui está!" Localizou o excerto que procurava. "Ora veja: «nos finais do ano de 1484, com seu filho Diogo, partiu secretamente de Portugal, por medo que o rei o detivesse»."

"Colom partiu secretamente de Portugal?", interrogou-se o conde, com ironia. "Tinha medo de que o rei o detivesse?" Sorriu e abriu as mãos, como se a verdade estivesse contida nas suas palmas e a acabasse de revelar. "É difícil ser mais claro do que isso, não é?"

"Mas acha natural o rei perdoar a Colombo caso ele tivesse estado mesmo envolvido na conspiração?"

"Depende das circunstâncias, mas, considerando o que sabemos, isso é perfeitamente verosímil. Repare que Colom não era um cabecilha, mas um mero peão na conjura, uma figura de segundo plano. Por outro lado, o perdão foi concedido quatro anos depois dos eventos, numa altura em que já ninguém constituía uma ameaça para o rei. Não foi, afinal, D. João II que nomeou o próprio irmão de um dos conspiradores como herdeiro da coroa? Com muito maior facilidade perdoaria um elemento menor, um figurante secundário, uma personagem como Colom, caso achasse que poderia ser-lhe útil." Apontou para o bloco que Tomás mantinha nas mãos, junto ao livro que tirara da pasta. "E reparou no modo como o rei se dirigiu a Colom na carta que lhe escreveu em 1488?"

O historiador leu as anotações.

"«A xpovam collon, noso espicial amigo en sevilla»."

"Especial amigo? Mas que intimidades são estas, meu Deus, entre o grande rei de Portugal e um minúsculo tecelão de seda estrangeiro, na altura ainda desconhecido?" O conde abanou a cabeça, condescendente. "Não, meu caro. Essa é a carta de um monarca a um fidalgo que conhece bem, um nobre que frequentou a sua corte. Mais importante, essa é uma carta de reconciliação."

"Então quem era realmente Colombo?"

O conde retomou a marcha, dirigindo-se para o complexo de escadas ao fundo da Praça de Armas do castelo.

"Já lhe disse, meu caro senhor", enfatizou. "Cristóvam Colom era um fidalgo português, eventualmente de origem judaica, ligado à família do duque de Viseu, que desempenhou um papel menor na trama contra o rei D. João II. Desmascarada a maquinação, os conspiradores fugiram para Espanha. Os mais importantes foram primeiro, os cúmplices menores escaparam depois. Colom foi um deles. Abandonou o seu nome antigo e reconstituiu a vida em Sevilha, onde deu bom uso aos conhecimentos marítimos que adquirira em Portugal. Passou a chamar-se Cristóbal Cólon e decidiu ocultar o seu passado, ainda para mais considerando o clima antijudaico prevalecente em Castela. Depois da descoberta da América, autores italianos insinuaram que ele seria genovês. Era uma insinuação conveniente, que Colom alimentou, sem a confirmar, mas também sem a desmentir, dava-lhe jeito afastar as suspeitas sobre a sua verdadeira origem, distraíndo-a com algo bem mais inofensivo." Inclinou a cabeça. "Já reparou vossa excelência que nem o filho castelhano conhecia a origem do pai?"

"Hernando?"

"Sim. Hernando Colón até foi a Itália verificar se era verdade aquilo que diziam, que o pai viera de Génova." Esboçou uma expressão interrogativa. "Já viu isto? Nem ao próprio filho Colom revelou a sua origem! Imagine só até que ponto foi o almirante para manter o grande segredo, levando o filho a perder-se em infundáveis conjecturas sobre uma questão tão simples como essa de determinar o sítio onde o pai nasceu. É evidente que Hernando não encontrou nada em Génova, conforme o próprio revelou no seu livro, o que o levou ao cúmulo de pôr a hipótese de o pai ter nascido antes em Piacenza, confundindo assim as suas origens com a de alguns antepassados paternos da mulher portuguesa do

almirante, Dona Filipa Moniz Perestrelo, que vieram efectivamente dessa cidade italiana."

"Nem os Reis Católicos sabiam quem Colombo era?"

"Não, esses sabiam, esses sabiam." Balançou afirmativamente a cabeça. "Colom era um elemento integrante da conspiração do duques de Bragança e de Viseu contra a coroa portuguesa. Ora, essa conjura baseava-se numa aliança dos conspiradores com a coroa de Castela. Entre os documentos encontrados no cofre do duque de Bragança contavam-se cartas dos Reis Católicos. Como Colom fazia parte da trama, forçosamente os monarcas conheciam-no, embora de uma forma remota. Aliás, só assim se explica que lhe tivessem dado crédito." Esticou o braço para a Historia dei Almirante, de Hernando Colón, que Tomás pousara no regaço. "Mostre-me lá esse livro." O conde pegou no volume e folheou-o, procurando uma referência. "Há aqui... deixe cá ver... há aqui uma referência reveladora, é o trecho de uma carta de Colom ao príncipe Juan, inserida no livro por Hernando. Está... está aqui, ora oiça: «yo no soy el primer Almirante de mi família»." Fitou Tomás, a cabeça tombada de lado numa expressão de zombaria. "Colom disse que não era o primeiro almirante da sua família? Mas não era suposto ser ele um tecelão genovês sem instrução?" Riu-se. "Ou seja, o próprio almirante salientou indirectamente a ^ua origem nobre, algo que a monarquia castelhana de resto já sabia, como se prova pelo facto de em Abril de 1492, ainda antes da grande viagem à América, ter reconhecido em documento que o navegador era aristocrata. Aliás, se Colom fosse realmente um humilde tecelão genovês, como pretende a caricata versão oficial genovesa, os Reis Católicos rir-se-iam do seu pedido de audiência. Sendo quem era, no entanto, o caso mudava de figura. Mas, dada a rivalidade entre Portugal e Castela, seria pouco conveniente tornarem público que o almirante da frota castelhana era um português, ainda por cima com uma possível origem judaica. Isso era inaceitável. De modo que a verdadeira identidade de Colom permaneceu secreta. Repare que os esforços para manter em segredo a proveniência do almirante foram tão grandes que a própria carta de naturalização castelhana do seu irmão mais novo, Diego Colom, omitiu a sua nacionalidade de origem. Ora, era regra do direito público castelhano que essas cartas referiam sempre a nacionalidade de origem do cidadão a naturalizar, facto que se encontra em todas as cartas de naturalização guardadas no Registro de Sello dei Archivo de Simancas referentes a este período. Apenas a de Diego Colom é a excepção. Isto

mostra quão longe foram os cuidados da coroa para que não viesse a ser revelada a origem do almirante. Se ele fosse realmente genovês, não se vê o motivo para ocultar a nacionalidade de proveniência. Sendo, no entanto, um português, e talvez judeu, o caso muda de figura. Daí que os posteriores boatos da origem genovesa acabassem por se revelar providenciais, ao ajudarem a baralhar as coisas. Aos próprios Reis Católicos convinha deixarem correr essa insinuação italiana, bem mais prestigiante para as tripulações e populações. De modo que, através desta conspiração de silêncios e subentendidos, alimentada pelo navegador e pelos seus protectores, a origem de Colom permaneceu difusa, envolta numa densa neblina de mistério."

Passaram entre um gigantesco plátano e uma nogueira desconsolada, verdadeiras sentinelas imóveis e testemunhas silenciosas de séculos de vida naquele estranho mosteiro, e começaram a escalar a vasta escadaria de pedra do complexo templário.

"Mas, se Colombo esteve envolvido na conspiração, por que razão D. João II o chamou a Lisboa em 1488?"

O conde Vilarigues acariciou a sua barbicha pontiaguda.

"Por razões de Estado, meu caro senhor. Por razões de Estado. Cristóvam Colom defendia a viagem para a Índia por ocidente, mas os Reis Católicos não se mostravam convencidos. Ora, D. João II sabia que essa viagem dificilmente seria possível, por duas razões. A primeira é que o mundo era consideravelmente maior do que Colom supunha. A segunda é que o rei português já conhecia a existência de terra a meio caminho."

Calcorreavam o adro conventual do Terreiro da Entrada e dirigiam-se ambos à Porta Sul do mosteiro, passando ao lado da estrutura cilíndrica da Charola templária, quando Tomás parou, fitando o seu interlocutor.

"Ah! Então D. João II sempre sabia da existência da América..."

O conde riu-se.

"Ó meu caro, claro que sabia. Aliás, isso não constituía feito nenhum. Que eu saiba, a América foi descoberta há milhares de anos pelos asiáticos, que colonizaram o continente de uma ponta à outra. Os vikings, e em particular Erik, o Ruivo, foram os primeiros europeus a lá chegarem. Esse conhecimento foi preservado pelos templários nórdicos,

alguns dos quais vieram para Portugal. E os portugueses andaram, sem dúvida, a explorar aquelas zonas durante o século xv, sempre em segredo. O almirante Gago Coutinho, o primeiro homem a cruzar o Atlântico Sul de avião, concluiu que os navegadores quatrocentistas tinham a experiência de navegarem até à costa americana antes de 1472 e suspeitava de que foi o português Corte-Real o primeiro europeu pós-vikings a lá chegar. Outros historiadores de nomeada pensavam o mesmo, incluindo Joaquim Bensaúde. Aliás, no processo do Pleyto de la Prioridad, desencadeado em 1532 pelo filhos do capitão Pinzón, que serviu às ordens de Colom, com a curiosa tese de que o almirante tinha descoberto uma terra cuja existência já era conhecida, foram ouvidas em tribunal várias testemunhas que estiveram em contacto com o grande navegador. Um deles, um tal Alonso Gallego, referiu-se a Colom como «pessoa que tinha sido criado do Rei de Portugal e tinha notícia das ditas terras das ditas índias». O que é confirmado pelo biógrafo contemporâneo de Colom, Bartolomé de las Casas, o qual mencionou que o almirante tinha ouvido de um marinheiro português a informação de que existia terra a oeste dos Açores. O mesmo Las Casas viajou naquele tempo pelas Antilhas e referiu que os indígenas de Cuba lhe revelaram que, antes da chegada dos castelhanos, já outros navegadores, brancos e barbudos, por ali tinham andado." Fez um gesto largo com a mão. "E vossa excelência já viu o Planisfério de Cantino?"

"Claro que já."

"E reparou que consta lá a costa da Florida?"

"Sim."

"Ora aí está uma coisa estranha. O Planisfério de Cantino foi executado por um cartógrafo português o mais tardar em 1502, mas a Florida só foi descoberta em 1513. Curioso, hein?"

"É evidente que os portugueses sabiam mais do que diziam..."

"Claro que sabiam! E o que me diz vossa excelência do estranho facto de, na sua primeira viagem, Colom ter levado moedas portuguesas para o Novo Mundo, hã? Porquê moedas portuguesas? Por que não moedas castelhanas? Essa decisão só faz sentido se o almirante estivesse convencido de que os povos locais já conheciam o dinheiro de Portugal, não é?"

A Porta Sul, ricamente decorada ao estilo manuelino e rematada por uma fina platibanda, apresentava-se encerrada. Contornaram então a Charola pela direita, sempre no Terreiro da Entrada, e, a um canto estreito, logo depois da torre sineira, cruzaram a pequena porta da sacristia e penetraram na penumbra do santuário. Pagaram dois bilhetes, entraram pelo Claustro do Cemitério, com as suas pequenas laranjeiras a decorarem o pátio erguido em gótico flamejante, e meteram pelos corredores sombrios até invadirem por fim o coração do convento. A Charola templária.

A velha rotunda exalava aquele odor mofo de coisa antiga, uma espécie de bafio seco, o cheiro que Tomás associava aos museus. A estrutura era constituída por um tambor de dezasseis faces com um octógono no centro, a abrigar o altar-mor; as paredes mostravam-se repletas de frescos e as colunas ostentavam estátuas douradas, fechando-se numa nave redonda coberta por uma cúpula bizantina. Erguia-se aqui o oratório dos templários de Tomar, construído segundo o desenho da Rotunda da Igreja do Santo Sepulcro, em Jerusalém. A Charola revelava-se a jóia do mosteiro, com a sua arquitectura solene, imponente, remanescente dos grandes santuários da Terra Santa. A Porta Sul, vista do interior, mostrava-se ladeada por duas colunas torsas, como as que, segundo as Escrituras, protegiam o Templo de Salomão, mas os dois homens embrenharam-se de tal modo na discussão que, após uma mirada rápida pelo deambulatório da Charola, logo tudo ignoraram.

"Desculpe, mas há aqui coisas que não estou a entender", indicou Tomás, abanando a cabeça junto ao octógono central. "Se os portugueses já sabiam da existência da América, por que não foram lá explorá-la?"

"Pela simples razão de que não havia lá nada para explorar", retorquiu o conde, com ar de quem expunha uma evidência. "Meu caro, os portugueses queriam era chegar ao Oriente. No plano esotérico, acreditavam que o Santo Graal se encontrava na terra do mítico reino cristão de Preste João, conforme defendia a mais importante obra graalica alemã, o Parzival, de Wolfram von Eschenbach, cujo conhecimento deve ter chegado cá através dos templários germânicos. No plano económico, o que eles pretendiam era atingir a Índia, de modo a tornarem o comércio exclusivo de Veneza e do Império Otomano e irem buscar à origem as especiarias, a um preço muito mais acessível. Repare que a demanda do Santo Graal do conhecimento fora a motivação de Henrique, o Navegador, mais a sua equipa de templários, mas os interesses comerciais foram-se

gradualmente sobrepondo à esfera mística. Ora, na América só havia selvagens e árvores, como logo perceberam os portugueses quando lá puseram os pés." Levantou o indicador esquerdo, sublinhando a importância do que iria dizer a seguir. "Daí o interesse que D. João II começou a mostrar pelos planos de Colom."

"Interesse?", admirou-se Tomás, com ar confundido. "Não estou a entender. Você mesmo acabou de dizer que lá só havia selvagens e árvores..."

"Meu caro senhor", suspirou o conde Vilarigues. "Mas será que tenho de lhe explicar tudo?"

"Receio bem que sim."

O conde sentou-se num banco de madeira junto ao grande arco de entrada na Charola, virado para o púlpito esculpido em mármore e cravado no intradorso da arcada. Tomás acomodou--se ao seu lado.

"Pois seja", exclamou Vilarigues, intimamente satisfeito por prosseguir a sua prelecção. "Veja então se segue o meu raciocínio. Cristovam Colom sabia que havia terras a ocidente dos Açores. Era português e a informação já circulava na corte de Lisboa, que ele frequentava, e entre as tripulações das caravelas, com as quais ele contactava. Colom pensava, julgo eu, que aquela terra era a Ásia, de que falara Marco Pólo nas suas viagens, e não dispunha da informação de que se tratava, afinal, de uma outra terra. Tentou convencer o rei português a fazer a exploração por ocidente, mas D. João II já sabia que a terra ali existente não era a Ásia e que a verdadeira Ásia se situava muito mais longe, pelo que foi rejeitando as sugestões do jovem fidalgo. Em 1484, na sequência do desmantelar da conspiração contra o rei, Colom fugiu para Castela e foi vender a sua teoria aos Reis Católicos, consideravelmente mais ignorantes e obscurantistas. Tão ignorantes eram os castelhanos que ainda pensavam que a Terra era plana, veja lá!

Mas é importante notar que esta evolução era da conveniência de D. João II. O rei português dispunha de uma visão estratégica assente no bom senso e depressa concluiu que, mais cedo ou mais tarde, Castela ir-se-ia tornar um importante empecilho nos planos expansionistas de Portugal. Os castelhanos podiam ser ignorantes, mas de parvos não tinham nada. Logo que vissem os portugueses a facturar milhões com o negócio das índias, iriam querer o seu quinhão. Seguir-se-ia a guerra. D. João II

percebeu que Castela era uma evidente ameaça potencial aos seus planos. Era preciso manobrá-la, lançá-la noutras direcções, distraí-la com algo aparentemente muito valioso mas que não valesse coisa alguma."

"A América", observou Tomás.

"Nem mais! Está a ver como vossa excelência começa a entender?" Piscou o olho. "A América correspondia a esses requisitos, era o brinquedo perfeito. Enquanto estivessem convencidos de que a primitiva América era a rica Ásia, os castelhanos ficariam entretidos com esse continente e deixariam os portugueses em paz, entregues ao lucrativo comércio com a verdadeira Ásia. Daí que os esforços de Colom em convencer a corte castelhana fossem convenientes a Lisboa. O problema é que, justamente devido ao seu excesso de ignorância, e também por estarem entretidos com os mouros, que ainda ocupavam o Sul da Península Ibérica, os castelhanos rejeitaram as propostas do fidalgo português. Desanimado e atacado pelas saudades, Colom quis regressar à sua pátria, mas mantinha-se o velho problema do envolvimento na conspiração contra o rei. Escreveu então a D. João II, corria o ano de 1488, clamando a sua inocência e pedindo perdão por qualquer eventual ofensa. O rei agarrou a oportunidade e respondeu, enviando-lhe a carta de reconciliação que o senhor já leu, incluindo a garantia de que não seria preso pelos crimes cometidos. Na verdade, o monarca tinha todo o interesse em falar com a ovelha tresmalhada. Com o salvo-conduto nas mãos, Colom foi a Portugal insistir no seu plano. Para sua surpresa, porém, verificou que D. João II não tencionava montar nenhuma expedição para ocidente, mas desejava antes que o fidalgo insistisse nos seus esforços para convencer os Reis Católicos a aceitarem tal viagem. O rei português prometeu mesmo ajudar Colom, em segredo, no que fosse necessário, tudo fazendo para que ele tivesse sucesso na sua iniciativa. Quando se encontrava em Lisboa, Colom assistiu ao regresso de Bartolomeu Dias com a notícia de que tinha descoberto a passagem para o oceano Índico e tomou consciência de que D. João II possuía realmente bons motivos para não seguir a sua sugestão. Resignado, aceitou a oferta de ajuda secreta e regressou a Castela, com renovada esperança de convencer os Reis católicos."

"Esse regresso de Bartolomeu Dias é justamente um ponto nportante", realçou Tomás. "Sempre se presumiu que D. João II desistiu da

viagem até à Índia por ocidente porque, quando se encontrava em Lisboa a negociar com Colombo tal expedição, o aparecimento de Dias com a notícia da descoberta do cabo da Boa esperança fez-lhe ver que era esse o verdadeiro caminho a seguir." "Disparate!", exclamou o conde com um gesto de enfado. "D. João II tinha concluído isso há muito tempo! Repare, ele já conhecia a existência de terras a oeste dos Açores. E sabia, sobretudo, que elas não eram a Ásia." Tocou no peito de Tomás. "Ó meu caro senhor, pense bem. Se D. João II estivesse mesmo a considerar a hipótese de navegar para ocidente, acha que ele iria chamar de Sevilha um navegador genovês, como pretende a tese oficial? Então não tinha ele nas suas fileiras homens bem mais experientes, navegadores de topo, como Vasco da Gama, Bartolomeu Dias, Pacheco Pereira, Diogo Cão e muitos outros, todos eles dando mais garantias de serem capazes de desempenhar com sucesso tal missão? Para que precisaria o rei de chamar Colom para essa expedição, hã? Quem achar que D. João II deixou Colom ir a Lisboa para analisar com ele a viagem por ocidente só pode estar a brincar!" Bateu repetidamente com o indicador na testa, emitindo um surdo toc-toc-toc. "Para isso tinha ele navegadores suficientes, da sua confiança pessoal e superiormente qualificados." Abanou a cabeça. "Não, meu caro, D. João II não queria falar com Colom para discutir a ida à Índia por ocidente. E a principal razão é que ele já sabia da existência de um outro continente nessa parte do mundo. Convença-se do seguinte: o interesse do rei português pela América residia essencialmente no potencial que aí via de afastar os castelhanos do verdadeiro caminho para a Índia." Vilarigues passou a mão pelo cabelo liso e negro. "Repare numa coisa, caro senhor. Vossa excelência não acha estranho que Bartolomeu Dias tenha descoberto a passagem para o oceano Índico em 1488 e só quase dez anos depois é que Portugal enviou Vasco da Gama para explorar tal passagem?" Afectou um ar siderado. "Dez anos depois? Para quê esperar dez anos?"

"Bem, julgo que era para preparar a viagem..."

"Dez anos para preparar uma viagem? Ora, ora! Se os portugueses fossem uns caloiros nas coisas de navegação, bem, ainda vá que não vá, dava para acreditar. Mas eles faziam navegações com regularidade, aquilo já era uma coisa rotineira, o pão-nosso de cada dia, pelo que esse prazo é inverosímil." Inclinou-se na direcção do historiador. "Veja bem, caro senhor. Depois de uma sistemática e prolongada busca do caminho marítimo para a Índia, quando se descobre a almejada passagem e as

portas ficam enfim abertas, estabelece-se, de repente, um hiato de dez anos. São dez inexplicáveis anos aqueles que separam as viagens de Dias e de Gama." Elevou os ombros, numa expressão interrogativa. "Porquê? Porquê esta pausa de dez anos? O que os levou a atrasarem a tão ansiada viagem para a Índia? Este, meu caro, tem sido um dos maiores mistérios dos Descobrimentos, objecto de imensas especulações entre os historiadores." Apontou para Tomás. "E, de alguma forma, vossa excelência acertou na explicação que deu. Os portugueses estavam, de facto, a preparar as coisas. Mas não era a preparar navios para a expedição de Vasco da Gama. Eles estavam antes a preparar os castelhanos."

"A preparar os castelhanos?"

"A coroa portuguesa sabia que só poderia concretizar a aventura da Índia quando tivesse resolvido o problema castelhano. Se Portugal descobrisse o caminho para a Índia deixando Castela de mãos a abanar, a guerra tornar-se-ia, mais cedo ou mais tarde, uma inevitabilidade. O Tratado de Toledo, celebrado em 1480 com Castela na sequência do Tratado de Alcáçovas, conferia a Portugal a exploração da costa africana, «até os índios inclusivamente», mas D. João II desconfiava de que, no momento da verdade, os castelhanos iriam dar o dito por não dito. Não estavam afinal os Reis Católicos, no mesmo momento em que assinavam o Tratado de Alcáçovas/Toledo, a conspirar com nobres portugueses para matarem o monarca de Portugal? Nessas condições, como poderia D. João II confiar neles? Aliás, a sua desconfiança veio até a provar-se fundamentada, uma vez que os Reis Católicos tentaram mesmo chegar à Índia, procurando assim ficar com aquilo que o tratado lhes negava. Ora, o rei português teve justamente a premonição de que seria assim, de que, na hora da verdade, os Reis Católicos ignorariam um tratado que dava tanto ao pequeno Portugal e tão pouco à grande Castela-Aragão. Era preciso, pois, primeiro, resolver o problema castelhano. E Cristóvam Colom revelou-se a chave. Tornava-se necessário que Colom convencesse os castelhanos a lançarem uma expedição por ocidente e era fundamental que os castelhanos se convencessem de que a América era de facto a Ásia. Foi por isso que os portugueses aguardaram dez anos. Estiveram à espera da viagem de Colom e dos consequentes reacertos geopolíticos."

"Viagem que ocorreu em 1492."

"Sim. E com a ajuda secreta de D. João II."

"Como assim?"

"Em primeiro lugar, através de um financiamento sigiloso", indicou, erguendo o polegar. "Isabel, a Católica, participou com um milhão de maravedis para pagar a expedição. Mas essa quantia não chegava e Colom avançou com um quarto de milhão. Diga-me, onde diabo foi o depauperado fidalgo buscar tanto dinheiro? Os genóvitas pretendem que esse dinheiro lhe foi entregue por banqueiros italianos, mas, a ser verdade, eles teriam depois aparecido para recolherem os dividendos, nenhum privado dá tanto dinheiro para ficar sem ele, não é? E, no entanto, quem quer que tenha adiantado esse dinheiro não apareceu depois a reclamar a sua fatia na exploração do negócio das índias ocidentais. E não apareceu porquê? Porque não podia aparecer, porque tinha de permanecer na sombra, porque os verdadeiros dividendos desse investimento não eram em dinheiro, mas antes em ganhos geoestratégicos. Em suma, porque o financiador oculto era o rei de Portugal." Juntou o indicador ao polegar. "E, em segundo lugar, D. João II envolveu-se no fornecimento de instrumentos de navegação. Dias antes de partir, Colom recebeu de Lisboa as Tábuas de Declinação do Sol, escritas em hebraico e imprescindíveis para a correcção de desvios no uso do astrolábio. Quem as enviou?" Sorriu. "A coroa portuguesa, como é evidente. D. João II esmerou-se por fazer daquela viagem um sucesso." Simulou o gesto de quem tem um bebé nos braços. "Levou os castelhanos ao colo até à América."

"Tudo isso é verdade, mas, repare, a viagem de Colombo ocorreu em 1492 e Vasco da Gama só chegou à Índia em 1498. Porquê esperar ainda mais seis anos?"

"Porque se tornou necessário clarificar a evolução geopolítica entretanto ocorrida, amarrando os castelhanos a um novo tratado, firmado com o aval do Vaticano e que cristalizasse a situação mais conveniente para Lisboa. Isso veio a acontecer em 1494, quando Portugal e Castela assinaram o Tratado de Tordesilhas, dividindo o mundo em duas partes, uma para cada um dos reinos ibéricos. Os castelhanos acreditaram terem ficado com a melhor parte, uma vez que a sua fatia do planeta incluía o que eles pensavam ser a Índia, ou seja, as terras recém-descobertas por Colom." Ergueu a mão. "Ora preste atenção, meu caro senhor. Vossa excelência acha mesmo que D. João II assinaria este tratado se pensasse que a Índia ficava na fatia castelhana? Se o rei português acreditasse que Colom tinha de facto descoberto a Índia, não acha que ele se agarraria ao Tratado de Alcáçovas/Toledo, que lhe conferia direitos exclusivos sobre

«os índios»? Por que razão deu ele de mão beijada aos castelhanos a fatia onde supostamente se encontrava a índia de Colom? A única resposta plausível é que D. João II aceitou esta divisão do mundo porque já sabia que a fatia castelhana não incluía a verdadeira índia. O que os portugueses •fizeram foi entregar a «índia» americana aos seus rivais e guardar a verdadeira índia para si. Ficaram então criadas as condições que D. João II considerava adequadas, uma vez que os castelhanos já tinham a sua «índia» para se entreterem por muitos anos. O risco de uma guerra a prazo fora eliminado e os portugueses começaram, enfim, a planear a grande viagem de Vasco da Gama."

"Mesmo assim passaram-se três anos entre a assinatura do tratado e a partida de Vasco da Gama..."

"Sim", reconheceu o conde. "O Príncipe Perfeito morreu em 1495, atrasando o processo, e a frota acabou por zarpar apenas em 1497, já no tempo de D. Manuel."

"Mas como é possível afirmar assim com tanta certeza que Colombo foi a peça intencionalmente usada por D. João II para afastar os castelhanos da verdadeira índia?"

"Olhe, basta observar os resultados práticos da expedição de 1492. Colom convenceu os Reis Católicos de que tinha chegado à Ásia, levando-os a assinarem um tratado que, na prática, significava que iriam gastar muitos anos no continente errado, entregando a verdadeira Ásia aos portugueses."

"Sem dúvida que esse foi o resultado prático da viagem de 1492, ninguém o discute. O que me parece especulativo, todavia, é dizer que Colombo esteve articulado com D. João II para atingir esse fim."

"Não, meu caro senhor, nada há de especulativo nisso", negou o conde Vilarigues. "Esta informação sobre a articulação entre Colom e D. João II faz parte do espólio secreto da Ordo Militaris Christi e é corroborada por múltiplos indícios e algumas provas."

"Quais provas?"

O conde sorriu.

"Já lá vamos", disse. "Começemos pelos indícios. Vossa excelência conhece os documentos em que assenta a tese do Colom genovês?"

"Sim, claro."

"Acha porventura que são sólidos?"

"Não, são frágeis. Estão cheios de contradições e incongruências."

"Acredita então que Colom era um português?" "Há fortes indícios nesse sentido, sim. Mas deixe que lhe diga, falta uma prova final."

"De que prova está a falar?" Adoptou um tom irónico. "Quer uma cassete de vídeo com imagens de Colom a olhar para a câmara e a cantar o hino nacional, é?"

"Não, mas quero provas sólidas. Repare, com todas as suas inconsistências e absurdos, a tese genovesa é a única que confere uma identidade a Colombo. Atribui-lhe uma família, dá-lhe uma casa, apresenta documentos. Tudo o resto falha, é certo, mas, ao menos, tem isso. A tese do português é o contrário. Por mais que faça sentido e que resolva os mistérios do almirante, carece de um documento que o identifique com clareza."

"Muito bem, já lá vamos às provas", devolveu o conde, fazendo um gesto com a mão a pedir que o seu interlocutor tivesse paciência. "Para já, analisemos os indícios. Perante os indícios que existem, a história que lhe contei faz sentido?"

"Uh... eu diria que sim, as coisas parecem encaixar." "Então analisemos agora os indícios seguintes." "Mais indícios?"

"Sim", sorriu o conde novamente. "Concentremo-nos nos estranhos acontecimentos que ocorreram durante a primeira e crucial viagem, a de 1492. Como sabe, Colom chegou às Antilhas e estabeleceu contacto com os indígenas, a quem chamou índios, por pensar que se encontrava na Índia. Chegou até a obrigar a sua tripulação a jurar que aquela terra era a Índia, tão firme se revelava a sua intenção de convencer os Reis Católicos de tal facto. Mas é no momento de voltar que começam as decisões mais estranhas da viagem. Em vez de regressar pelo caminho donde viera, navegando para leste na direcção das ilhas Canárias, como fez entretanto o capitão da Pinta, o almirante rumou a norte na Nina, em direcção ao Ártico. Em boa verdade, sabemos hoje nós, este era o melhor caminho, a rota mais eficaz, uma vez que naquela estação do ano sopravam por ali os ventos alísios, mais favoráveis. Mas se nunca ninguém tinha antes navegado por tais águas, como pretende a tese oficial, como raio saberia Colom disso? É evidente que tinha sido informado, ou por marinheiros portugueses, que por aquelas paragens marearam em segredo, ou, mais

provavelmente, pelo seu «especial amigo» D. João II, que possuía os relatórios dessas explorações sigilosas. Colom navegou duas semanas para norte e nordeste, até que virou para leste, na zona dos ventos variáveis, dirigindo-se para os Açores. Las Casas refere que o almirante não corrigiu o rumo por não ter chegado ainda ao arquipélago português, o que mostra a sua intenção de ali se dirigir. Apanhou uma tempestade e velejou até à ilha de Santa Maria, onde lançou a âncora. Ocorreu então um episódio estranho. A caravela castelhana foi bem acolhida pelos portugueses, que até lhe enviaram um bote com mantimentos. O responsável interino da ilha, um tal João Castanheira, disse conhecer bem Colom. O almirante mandou parte da sua tripulação a terra, para rezar numa capela, mas os homens tardaram em voltar. Colom apercebeu-se de que eles tinham sido detidos pelos portugueses. Os homens de Santa Maria enviaram então um barco de encontro a Colom, exigindo que ele se rendesse, dado que tinham ordens do rei para o prender. O almirante não cedeu e tentou rumar à ilha de São Miguel, mas, com tão poucos tripulantes e a aproximação de uma nova tempestade, essa viagem revelou-se impossível e Colom desistiu, regressando a Santa Maria. No dia seguinte, os portugueses libertaram a tripulação. Ao regressarem à Nina, os tripulantes disseram terem ouvido Castanheira afirmar que só queria prender Colom, devido às ordens do rei nesse sentido, e que os castelhanos não lhe interessavam para nada. Não tendo podido deter o almirante, libertava a tripulação." O conde fez uma careta céptica. "Ora, tudo isto, como é bom de ver, se afigura muito misterioso. Então Colom andou a passear-se pelos Açores em vez de ir direito a Castela? Que história é esta de João Castanheira conhecer Colom muito bem? E o que dizer da decisão do almirante quando foi informado da ordem do rei para o deter? Em vez de se fazer ao mar e escapar ao inimigo, como faria qualquer pessoa com um mínimo de bom senso, resolveu, pasme-se!, dirigir-se à ilha de São Miguel, onde, presumivelmente, tal ordem seria executada com igual eficácia. Não é isso um comportamento estranho?"

"De facto", reconheceu Tomás. "Qual é a explicação?"

"Não havia, naquela altura, nenhuma ordem real para prender Colom. Castanheira apenas sabia que o fidalgo, que conhecia pelo menos de reputação, se tinha passado para os castelhanos e, ignorando os pormenores da geo-estratégia política de D. João II, pre-sumi que ainda estivesse em vigor a anterior ordem do rei para deter o traidor. É preciso não esquecer que Colom esteve envolvido numa conspiração contra a vida

de D. João II e que, quando a conjura foi desmontada, passou a ser procurado pela justiça. Ou seja, Castanheira conhecia essa antiga ordem de prisão e, estando ele isolado numa ilha remota, não sabia que ela tinha sido entretanto revogada. Por seu turno, o almirante, presumivelmente, não levou consigo na viagem o salvo-conduto que o monarca lhe entregara em 1488, passando uma esponja sobre os acontecimentos de 1484. O comportamento seguinte de Colom, aliás, corrobora esta explicação. Em vez de fugir para Castela, como seria normal para quem era assim acossado pelo rei português, resolveu dirigir-se a São Miguel. Por que o faria, se a sua cabeça estava a prêmio? A resposta é simples. Colom tinha razões secretas para acreditar que essa informação era falsa e sabia que em São Miguel se encontravam responsáveis que conheciam a verdade." Fez um gesto brusco com a mão, como se quisesse varrer este assunto. "Bem, adiante. Terminado o bizarro périplo açoriano, o que acha que seria normal Colom fazer a seguir?"

"Voltar para Castela?"

"Nem mais! Parece-me que seria lógico que Colom se dirigisse finalmente a Castela, ansioso por cair nos braços dos Reis Católicos e colher a doce glória da grande descoberta." Abanou a cabeça, a voz carregada de ironia. "Novo engano." Tapou os olhos com as costas da mão esquerda, simulando sofrimento e pesar. "Oh, cruel destino! Mais uma tempestade tê-lo-á atirado, imagine-se, para Lisboa!" Deitou as mãos à cabeça, sempre num exagerado gesto teatral. "Nem mais! Os ventos conspiraram para o lançarem na boca do lobo, no covil do inimigo!" Piscou o olho, divertido, e riu-se. "Ou seja, o nosso amigo acostou no Restelo a 4 de Março de 1493, junto à grande nau que pertencia ao próprio rei. O capitão dessa nau real foi até à Nina perguntar a Colom o que estava ele a fazer em Lisboa. O almirante respondeu que só falaria com o seu «especial amigo», o rei de Portugal. No dia 9, Colom foi levado para o palácio real na Azambuja, onde se encontrou com D. João II. Beijou-lhe a mão num quarto e ambos trocaram em privado algumas palavras. Depois, o rei levou o almirante para uma sala onde se encontravam várias figuras ilustres da sua corte. Os relatos dos cronistas diferem quanto ao que aqui se passou. Hernando Colón, citando o pai, diz que o monarca português ouviu com semblante alegre o relato da viagem, apenas notando que, pelo Tratado de Alcáçovas/Toledo, aquelas terras agora descobertas lhe pertenciam. Já Ruy de Pina, que provavelmente assistiu ao encontro, refere que o rei ouviu contristado o relato das façanhas do seu antigo

súbdito e que Colom se dirigiu a ele de forma exaltada, acusando-o de negligência por não lhe ter dado crédito em devido tempo. Os termos usados terão sido de tal modo ofensivos que Pina revelou terem os fidalgos presentes decidido matar Colom, até porque, com a sua morte, ficaria Castela privada da sensacional descoberta. Mas, conta o cronista, não só D. João II impediu o assassinato, como, espanto dos espantos, tratou o agressivo e incauto visitante com muita honra e cerimónia. Mais ainda, o rei diligenciou para que fosse fornecido à caravela castelhana tudo o que ela precisasse. No dia seguinte, dia 10, Colom e D. João II voltaram a conversar, com o rei a prometer-lhe ajuda no que necessitasse e a mandá-lo sentar-se na sua presença, sempre muito cerimonioso e cobrindo-o de honrarias. Despediram-se no dia 11 e os fidalgos portugueses acompanharam-no, fazendo questão em honrá-lo." O conde mirou o historiador. "Então o que acha disto tudo?"

"Bem... uh... à luz do que me revelou, é uma história surpreendente..."

"Muito, não é? A começar pelas tempestades. Logo que entrou em águas territoriais portuguesas, vieram os temporais uns atrás dos outros, aquilo é que foi um faltar vilanagem de tempestades! Houve uma à entrada no arquipélago, outra entre as ilhas de Santa Maria e São Miguel e uma terceira perto de Lisboa." Inclinou a cabeça, assumindo uma expressão maliciosa. "Tempestades convenientes, não acha?"

"O que está a insinuar?"

"Que a terceira tempestade não passou de uma chuvada mais forte, suficiente para Colom ter um pretexto para parar em Lisboa. Aliás, no célebre Pleyto con la Corona, em que testemunharam todos os participantes nesta viagem, os marinheiros castelhanos lembravam-se vivamente da tempestade açoriana, mas não há nenhuma referência a qualquer temporal perto de Lisboa. Por outro lado, vale a pena sublinhar que quase toda a viagem de regresso da América é efectuada em águas portuguesas, o que me parece assaz estranho. Ou seja, Colom foi a Lisboa, não porque a tempestade a isso o tivesse obrigado, mas porque ele assim o queria. Conforme comunicou ao capitão da nau real fundeada no Tejo, desejava falar com o rei." Arqueou as sobrancelhas. "Está a ver a coisa? Colom foi informado em Santa Maria de que o rei queria a sua detenção e a primeira coisa que fez ao abandonar os Açores foi justamente dirigir-se a Lisboa e solicitar um encontro com D. João II! Acha isso normal? Não lhe

parece que, tendo sido informado do desejo do rei em prendê-lo, o que seria de esperar era que evitasse Lisboa a todo o custo? Mesmo que tivesse o navio danificado por uma tempestade, não seria razoável que ele, nessas circunstâncias, tentasse por todos os meios dirigir-se directamente a Castela? Afinal de contas, se conseguiu navegar do local da suposta tempestade até Lisboa, certamente conseguiria ir um pouco mais adiante. Por que razão então se encaminhou com tanta tranquilidade para a boca do lobo?"

"Realmente...", admitiu Tomás. "Mas é estranho que, uma vez em Lisboa, tenham sido precisos quatro dias para o rei o receber, não acha?"

"Seria, se não se desse o caso de, naquela mesma altura, grassar a peste em Lisboa. O rei refugiara-se na Azambuja para fugir à epidemia e foi preciso tratar dos pormenores da deslocação do almirante até ele. De qualquer modo, lá se encontraram no dia 9. Tiveram uma primeira troca de palavras em privado. Ninguém sabe o teor dessa conversa, mas parece lógico que tenham combinado um teatrinho."

"Um teatrinho?"

"Las Casas descreve Colom como um homem cortês, sóbrio, incapaz de expressões rudes. Ao que parece, as suas manifestações mais violentas eram: ide com Deus! Ora, como é que um homem assim tão cortês se pôs a ofender o poderoso rei de Portugal diante dos seus súbditos? Como é possível que ele falasse ao monarca de um modo tão brutal que os fidalgos o tenham querido matar? E o que dizer da reacção do grande e implacável D. João II? Este era o rei que mandara degolar e envenenar os maiores nobres de Portugal, alguns deles ligados a si por laços familiares. Este era o rei que, ele próprio, tinha apunhalado até à morte o irmão da rainha, o duque de Viseu. Este era o rei que via diante de si um tecelão de seda estrangeiro a ofendê-lo na sua própria casa e diante dos seus súbditos. Este era o rei que tinha à sua mercê o homem que desfizera o seu sonho de chegar primeiro à Índia, entregando a façanha a Castela. Com as ofensas a que se sujeitara, D. João II dispunha do pretexto adequado para matar Colom, vingando os insultos e, mais importante, fechando aos castelhanos as portas da Índia. Pois o que fez este rei impiedoso e calculista, o primeiro monarca absolutista de Portugal?" Deixou a pergunta suspensa durante um momento. "Impediu os fidalgos de matarem Colom e cobriu o almirante de honrarias. Chegou ao ponto de o mandar sentar-se na sua presença, dignidade que naquela época só era reservada a pessoas de

elevadíssima condição. Além disso, ajudou-o a aparelhar a Nina para a viagem de regresso a Castela, recomendando ao navegador que enviasse aos Reis Católicos os seus cumprimentos, e pôs até os seus fidalgos, que antes quiseram matar Colom, a despedirem-se do navegador com grandes distinções!" Ergueu o dedo, como se discursasse perante uma plateia. "Este, meu caro senhor, não é o comportamento de um estrangeiro que se vê forçado a ir a casa do seu maior inimigo. E este, sobretudo, não é o comportamento de um rei que é ofendido por aquele que, ainda por cima, acabou de destruir a sua grande ambição. Este, meu caro, é antes o comportamento de dois homens que estavam em conluio e que desempenharam uma peça de teatro para castelhana ver. A verdade, a verdadinha, é que a descoberta da América pelos castelhanos era do interesse do rei de Portugal. Com os castelhanos entretidos na América, D. João II ficava com as mãos livres para preparar, enfim, a grande viagem de Vasco da Gama à Índia, esse sim o grande feito dos Descobrimentos."

Tomás suspirou.

"Faz sentido", murmurou.

"Claro que faz!", exclamou o conde Vilarigues. "Sobretudo se acompanharmos o procedimento seguinte de Colom. Sabe o que ele fez depois de se despedir de D. João II?"

"Bem... foi para Castela."

"Não, meu caro senhor. Não foi nada."

"Não foi?"

"Não. Foi dar mais um passeio por Portugal."

"Como assim?"

"É como lhe digo. O homem despediu-se do rei na Azambuja e, em vez de voltar para a sua caravela, presumivelmente ansioso por chegar a Castela, resolveu dar um salto a Vila Franca de Xira."

"A Vila Franca de Xira? Mas o que diabo foi ele lá fazer?"

"Conversar com a rainha, que se encontrava num mosteiro. Las Casas relatou que Colom foi lá beijar-lhe as mãos e que a rainha estava acompanhada do duque e do marquês. Não acha isto estranho?"

"Claro que acho! Falaram sobre o quê?"

"Assuntos de família, presumo."

"Que assuntos de família?"

"Ó meu caro senhor, faça o favor de reconstituir o trajecto de Colom. Eis um fidalgo português forçado a fugir para Castela com o filho por causa do seu papel na conspiração contra o rei. Quem eram as figuras de proa dessa conspiração? A mãe da rainha e o irmão da rainha, o duque de Viseu, apunhalado até à morte pelo próprio rei. Ou seja, Colom estava relacionado com a mãe e com o irmão da rainha. Consequentemente, tinha relações com a própria rainha. Com toda a probabilidade, relações de sangue. Poderá vossa excelência imaginar que seria um sobrinho, ou um primo, ou coisa assim, não sei dizer-lhe exactamente quem ele era, mas posso garantir-lhe que se tratava de alguém chegado à rainha." Ergueu o dedo, como o fazia quando queria sublinhar um ponto importante. "Repare bem, meu caro. Este encontro entre Colom e a rainha, que se prolongou até à noite, só se explica se existir um grande conhecimento entre os dois, talvez até cumplicidade. De outro modo, como entender tal reunião? Se Colom fosse um humilde tecelão de seda estrangeiro, como entender que se encontrasse com a rainha? E, mais importante, como entender que ela, a rainha, o quisesse receber? E como entender que conversassem ambos até à noite? E como entender que o novo duque de Viseu, que era nem mais nem menos o futuro rei D. Manuel, irmão da rainha, estivesse presente nessa conversa?" Fez um gesto resignado. "A única explicação, meu caro senhor, é que aquele foi um reencontro de familiares que há anos não se viam." Fixou os olhos em Tomás, com ar peremptório. "Terá vossa excelência porventura outra explicação?"

O professor ouvia-o boquiaberto. Abanou a cabeça com lentidão.

"Não", admitiu. "Nenhuma explicação faz tanto sentido como essa."

"Colom foi nessa noite do dia 11 dormir a Alhandra", disse o conde, retomando a narrativa. "Na manhã seguinte apareceu um escudeiro do rei a oferecer-se para, caso Colom assim o quisesse, o conduzir a Castela por terra, arranjando-lhe aposentos e animais para a viagem." Piscou o olho. "Simpático, o rei, hã? A ajudar Colom a levar para Castela o segredo da viagem até à Índia. A empenhar-se na sua própria derrota." Abanou a cabeça, numa expressão céptica. "Seja como for, Colom preferiu voltar à Nina, tendo levantado âncora de Lisboa no dia 13." Fixou Tomás de novo. "Sabe dizer-me qual o destino seguinte de Colom?"

"Bem, agora foi mesmo para Castela, não é?"

O conde riu-se.

"Isso é que era bom!", exclamou.

Tomás arregalou os olhos.

"Não vai dizer-me que foi visitar mais outro sítio em Portugal..."

"Vou, vou. O homem foi a Faro!"

Riram-se os dois. A história da viagem de regresso de Colombo estava a tornar-se caricata.

"A Faro?", perguntou Tomás, depois das gargalhadas. "O que foi ele fazer a Faro?"

"Sei lá", devolveu o conde, encolhendo os ombros. "Que eu saiba, na altura ainda não existia a marina de Vilamoura nem a Quinta do Lago! Não havia bifas nem discotecas!" Riram-se mais um pouco, a galhofa a ecoar pela Charola templária. "Colom chegou a Faro no dia 14 e ficou lá quase um dia inteiro, só partindo à noite. Ninguém sabe o que foi ali fazer. Sendo um fidalgo português, no entanto, é natural que tenha ido visitar alguém das suas relações. Só isso explica mais esta paragem portuguesa." Ergueu as mãos para o céu, como quem diz aleluia. "Até que, finalmente, no dia 15 chegou a Castela." Alisou o bigode. "Agora repare. Colom tinha a tripulação castelhana em pulgas para regressar a casa. Ele próprio deveria estar ansioso por se apresentar diante dos Reis Católicos com o relato da grande descoberta da Índia. E, no entanto, eis que o homem, inexplicavelmente se ele fosse um tecelão de seda genovês, se pôs a passear por Portugal inteiro, dos Açores ao Algarve, de Lisboa a Vila Franca de Xira, da Azambuja a Alhandra, com toda a tranquilidade deste mundo, conversando com o rei e com a rainha, visitando este e aquele, passeando aqui e indo ali, até parecia que estava de férias o diabo do homem. Será este o comportamento normal de um almirante ao serviço de Castela na terra do seu inimigo?" O conde esboçou uma careta céptica. "Não me parece. Colom não se portou como um estrangeiro em terra hostil, mas como um português em sua casa, mostrando até relutância em sair. Cristóvam Colom, meu caro senhor, era um fidalgo português que prestou um grande serviço ao seu país ao afastar Castela do caminho da Índia."

O historiador passou a mão pela cara, massajando o rosto.

"Seja", aceitou. "Mas diga-me uma coisa. A tripulação castelhana não achou tudo isso muito estranho?"

"Claro que achou." Apontou para a pasta de Tomás. "Oíça, o senhor tem aí cópias das cartas de Colom?"

"Cópias das... uh...", hesitou, procurando dentro da malinha. "Sim, sim, acho que tenho."

"Tem aquela que ele escreveu em 1500, durante o cativeiro, à Dona Juana de la Torre?"

Tomás retirou um maço de fotocópias, folheou-as com presteza e localizou o documento referenciado, estendendo-o a Vilarigues.

"Está aqui."

O conde passou os olhos pelo fac-símile da carta.

"Ora preste atenção a esta frase", pediu. "«Yo creo que se acordará vuestra merced, quando la tormenta sin velas me echó en Lisbona, que fui acusado falsamente que avia yo ido allá ai Rey para darle las Índias.»" Fitou o seu interlocutor. "Ou seja, a tripulação também achou todo este comportamento muito estranho, tendo desconfiado sobretudo das conversas entre Colom e D. João II. Como é evidente, os tripulantes castelhanos pensaram que o almirante tinha ido oferecer a descoberta ao rei português, mas a verdade, sabemos nós, era ainda mais extraordinária. Colom tornara-se, desde 1488, um agente do Príncipe Perfeito. A reunião de Lisboa, em 1493, não ocorreu para o descobridor oferecer a América a D. João II, mas antes para ambos fazerem um ponto da situação e planearem a estratégia seguinte, a que iria conduzir ao Tratado de Tordesilhas."

"Seja", concluiu Tomás. "Independentemente de haver pormenores que podem ou não estar certos, a verdade é que a história encaixa globalmente nesse relato. Ficam resolvidos assim os mistérios de Colombo. Os indícios são fortes e apontam nesse sentido. Mas, que raio, onde está a prova final? Onde se encontra o documento que tudo corrobora?"

"O senhor não está à espera de que exista um documento a confirmar que Colom era agente secreto português, pois não? É que, como

é bom de ver, tal informação era confidencial e, consequentemente, não havia papéis a registar esse segredo."

"É evidente que, sendo um agente secreto, a informação permaneceu secreta, pelo que nunca iremos encontrar provas. Mas o que eu quero é provas de que Colombo era português."

Vilarigues acariciou a barba pontiaguda no queixo.

"Bem", exclamou. "Sabe, o antigo presidente da Real Sociedad de Geografia espanhola, Beltrán y Rózpide, revelou existir a prova num arquivo privado português..."

"Sim", cortou o historiador. "Já sei disso, essa história é contada por Armando Cortesão. Mas o facto é que tal documento nunca foi encontrado, uma vez que Rózpide morreu sem indicar onde pára esse arquivo privado. O que significa que esta tese carece ainda de uma prova final."

O conde Vilarigues respirou fundo. Olhou em redor, como se examinasse os grandes arcos da Charola e a enorme mesa de pedra branca do altar-mor no centro, mais o tambor central octogonal e o arranque das abóbodas; virou a cabeça para cima e observou os grandes baldaquinos góticos em talha dourada apontados para o vértice da cúpula, decorada com símbolos heráldicos de D. Manuel e da Ordem Militar de Cristo, o esplendor templário atingia ali a sua máxima expressão. Voltou os olhos enfim para Tomás.

"O senhor já ouviu falar no Codex 632?"

O historiador arregalou os olhos, surpreendido.

"Uh... o Codex 632?"

"Sim. Já ouviu falar nele?"

Tomás passou a mão pelo rosto.

"É curioso que me fale nisso", disse. "Encontrei uma referência a esse codex no cofre do professor Toscano, no verso de umas fotocópias que se encontravam junto a um papel com o seu número de telefone."

"Ah, sim? E onde param essas fotocópias?"

O professor inclinou-se sobre a sua inseparável pasta castanha. Vasculhou o conteúdo e tirou por fim duas folhas.

"Aqui estão", declarou, mostrando-as ao conde.

Vilarigues pegou nas fotocópias, estudou-as num relance e voltou a mirar Tomás.

"O senhor sabe o que é isto?"

"Isso é a Crónica de D. João II, de Ruy de Pina. É o trecho onde Pina começa a relatar o famoso encontro de Colombo com o rei."

O conde suspirou de novo.

"É evidente que esta é a crónica de Ruy de Pina. Mas é mais do que isso. Sabe o que é isto?"

Tomás olhou-o, sem perceber onde o seu interlocutor queria chegar.

"Bem... uh... não."

"Isto, meu caro, é um extracto do Codex 632."

O historiador fitou as duas cópias nas mãos do conde.

"Isso? A Crónica de D. João II é o Codex 632?"

"Não, meu caro. A Crónica de D. João II não é o Codex 632, mas o Codex 632 é uma Crónica de D. João II."

Tomás abanou a cabeça, baralhado.

"Não percebo."

"É simples, meu caro", disse Vilarigues. "Algures no início do século xvi, o rei D. Manuel mandou Ruy de Pina escrever a Crónica de D. João II. Pina era amigo pessoal do falecido rei e conhecia muitos pormenores da sua vida. O cronista pegou na pena e rabiscou uma biografia do Príncipe Perfeito. Esse manuscrito foi visto pelos copistas, que elaboraram cópias em pergaminho ou papel. O manuscrito original perdeu-se, mas existem três cópias principais, todas do século xvi. A mais bela encontra-se guardada na casa-forte da Torre do Tombo, onde se concentra o grande tesouro bibliográfico de Portugal. Trata-se do Pergaminho 9, redigido com letras góticas e repleto de iluminuras coloridas. As outras duas cópias estão na Biblioteca Nacional. É o Códice Alcobacense, assim chamado porque foi encontrado no Mosteiro de Alcobaça, e o Codex 632. Todas estas três cópias contam a mesma história, embora com caligrafias diferentes. Mas há um pormenor, um pequenino pormenor, que trai a versão uniforme." Pegou nas fotocópias e exibiu-as a Tomás. "Esse

pormenor localiza-se no Codex 632 e consta do extracto em que Pina descreve o encontro de Colom com D. João II." Aproximou as fotocópias dos olhos do historiador. "Não nota neste texto nada de anormal?"

Tomás pegou nas folhas e analisou a parte de baixo da primeira fotocópia e a parte de cima da segunda.

"Não, não noto", desabafou por fim. "Isso é a descrição da chegada de Colombo a Lisboa, proveniente da América. Parece--me normal."

O conde ergueu ligeiramente a sobrançelha esquerda, como se fosse um professor e Tomás um aluno que dera a resposta errada.

"Acha que sim?"

"Bem... sim, não vejo nada de anormal."

"Repare bem nos espaços entre as palavras. Todos eles têm uma dimensão uniforme. Mas há um momento em que o copista alterou o seu padrão. Já reparou?"

Tomás voltou a inclinar-se sobre as duas folhas, olhando fixamente para o texto. Primeiro captou o conjunto, depois os pormenores.

"Realmente, agora que fala nisto, há aqui uma coisa estranha..."

"Então?"

"Há um espaço em branco a seguir à palavra «Capítulo», no fundo da primeira página..."

"O que significa que o copista não preencheu o número do capítulo, à espera de instruções superiores. E que mais?"

"E... e há um espaço anormalmente grande antes e depois da palavra «y taliano». É uma coisa mínima, mas muito visível quando comparada com os espaços entre as restantes palavras."

"Pois é, meu caro. E o que significa isso?"

Tomás mirou o seu interlocutor com ar perplexo.

"Bem... uh... é bizarro..."

"Que é bizarro já eu sei. Mas diga-me o que significa isto. Vá, não tenha medo, arrisque!"

"Assim à primeira vista... dá a impressão... uh... dá a impressão de que o copista deixou primeiro o espaço em branco quando se referiu à origem de Colombo. Escreveu tudo de carreirinha, mas deixou essa parte em branco. É... é um pouco como se estivesse à espera de instruções superiores sobre o que lá deveria meter..."

"Bingo!", exclamou o conde. "Até que vieram instruções."

"Exacto. Instruções para escrever «y taliano»."

"Como todos os cronistas, Ruy de Pina só escrevia o que lhe diziam para escrever ou o que lhe deixavam escrever. Muita coisa ficava oculta. Por exemplo, Pina jamais relatou o mais importante feito de navegação do reinado de D. João II, a descoberta da passagem para o Índico por Bartolomeu Dias. Esse grande feito, que viabilizou a posterior viagem de Vasco da Gama, foi pura e simplesmente ignorado por este cronista."

"Sim", concordou Tomás. "Não há dúvida de que os cronistas apenas registavam o que era do interesse da coroa."

O conde Vilarigues apontou para a terceira e quarta linhas da segunda página.

"E já reparou que, neste trecho, o nome «colombo» se encontra dividido ao meio? Na terceira linha está «colo» e na quarta «nbo». É como se o espaço deixado em branco fosse ainda maior, tendo o copista recebido instruções posteriores para escrever, no espaço em branco do início da quarta linha, «nbo y taliano» em vez de outra coisa qualquer." Ergueu o dedo e abriu muito os olhos negros. "Em vez da verdade." Baixou o tom de voz, quase soprando. "Em vez do segredo."

Tomás coçava o queixo enquanto mirava aquela linha estranha.

"É do caracas!", observou, de olhos presos no trecho fatídico. "De facto, dá mesmo a sensação de que o copista acrescentou este «nbo y taliano» a posteriori."

O conde remexeu-se sobre a rija tábua do assento, desconfortável, sentia-se cansado de permanecer tão longamente naquela posição.

"Mas devo dizer-lhe uma coisa", indicou. "Quando conversei com o professor Toscano sobre o Codex 632, pouco tempo antes de ele ir para o Brasil e morrer, houve uma outra hipótese que ele colocou. Sempre me pareceu que estes espaços anormais em redor do «y taliano» indicavam que, no momento da primeira redacção, se tinha deixado

propositadamente um espaço em branco para depois acrescentar o que mais conviesse. Mas o professor Toscano tinha outra teoria. Achava ele que estes espaços eram indícios de rasuras. Ou seja, ele pensava que o copista copiou do manuscrito original de Pina, já desaparecido, a informação sobre a verdadeira identidade de Colom. Mas como havia todo o interesse em manter tal identidade secreta, essa informação foi apagada e «nbo y taliano» acabou por ser escrito por cima, substituindo a informação original. Ele ficou de verificar isso, mas nunca mais me disse nada." Encolheu os ombros. "Suponho que esta se tivesse revelado uma conjectura infundada."

"Talvez", admitiu Tomás. Acenou com as duas folhas. "Sabe se estas fotocópias foram tiradas do documento original?"

"Como assim?"

"O que eu estou a perguntar é se o professor Toscano tirou estas fotocópias do documento original ou se foi de um fac--símileV

"Ah, não. Essa fotocópia foi tirada do microfilme disponibilizado pela Biblioteca Nacional. Como sabe, não temos acesso aos originais. O manuscrito do Codex 632 é uma raridade e encontra--se guardado no cofre, não se pode consultá-lo assim sem mais nem menos."

Tomás ergueu-se do banco e contorceu o tronco, dorido pela imobilidade.

"É o que eu queria saber", disse.

O conde levantou-se também.

"O que vai agora vossa excelência fazer?"

"Uma coisa muito simples, senhor conde", disse, ajeitando a roupa. "Vou fazer aquilo que já devia ter sido feito."

"O quê?"

Tomás dirigiu-se para uma pequena porta aberta diante do banco onde se tinham sentado. Preparava-se já para abandonar a Charola e descer para o Grande Claustro quando parou, voltou a cabeça e mirou o conde, as feições do rosto ocultadas pela penumbra.

"Vou à Biblioteca Nacional ver o original do Codex 632."

A porta do elevador abriu-se com um zumbido aspirado e Tomás saiu para o átrio. O pátio do terceiro andar da Biblioteca Nacional, em Lisboa, era um local sombrio, taciturno, vazio; a penumbra insinuava-se pelos cantos, emergindo dos corredores desertos, instalando-se ao longo das paredes nuas, apenas expulsa pela claridade que jorrava das largas janelas, abertas para o terraço e para as copas das árvores que ondulavam à distância. Com os passos a ecoarem pelo átrio, reverberando metalicamente no mármore polido do chão, o historiador cruzou aquele espaço despojado e empurrou as portas envidraçadas de alumínio, entrando na sala de leitura.

A área dos reservados concentrava-se num compartimento estreito e curto, consideravelmente mais pequeno do que o salão de leitura do rés-do-chão. Enormes janelas rasgavam a parede exterior de uma ponta à outra, enchendo a sala de luminosidade e decorando-a com a verdura contígua ao edifício. As paredes apresentavam-se cobertas de estantes, repletas de catálogos e volumes diversos, velhas preciosidades arrumadas lado a lado e exibindo lombadas de pano. Debruçados sobre as mesas, dispostas como numa sala de aulas, vários leitores consultavam antigos manuscritos; aqui um pergaminho gasto, ali um elegante livro de iluminuras, por toda a parte estafados tesouros bibliográficos a que só os académicos tinham acesso facilitado. O recém-chegado reconheceu alguns rostos familiares; lá ao fundo sentava-se um velho catedrático da Universidade Clássica, homem magro e irritadiço, de barbas brancas pontiagudas, inclinado sobre um códice medieval; acolá, na esquina, um jovem e ambicioso professor auxiliar da Universidade de Coimbra, de bigode farfalhudo e face bolachuda, às voltas com um causticado Livro de Horas conventual; aqui, na primeira fila, uma rapariga magra e nervosa, com o cabelo mal arranjado e roupas descuidadas, certamente uma estudante marrona, folheava um bloco de farrapos, era um velho catálogo, gasto pelo uso e pelo tempo.

"Boa tarde, senhor professor", cumprimentou a funcionária ao balcão, uma senhora de meia-idade com óculos de tartaruga, velha conhecida dos fregueses habituais daqueles arquivos.

"Olá, Odete", devolveu Tomás. "Tudo bem?"

"Tudo." A funcionária levantou-se. "Vou ali buscar o seu pedido."

Tomás tinha submetido uma requisição na véspera, tratava-se de um preceito imprescindível para a consulta directa de manuscritos raros e valiosos. Sentou-se num lugar vago junto à janela e ficou a aguardar, incerto sobre o que iria encontrar. Abriu o bloco de notas e passou os olhos pela informação que recolhera sobre o autor do documento que viera pesquisar. Ruy de Pina, verificara ele, era um alto funcionário da corte que gozava da plena confiança de D. João II. Acompanhou como diplomata as grandes disputas com Castela e foi o enviado da coroa portuguesa a Barcelona, em 1493, para tratar com os Reis Católicos da situação criada pela viagem de Cristóvão Colombo à "Ásia". Participou nos preparativos para as negociações que conduziram no ano seguinte ao Tratado de Tordesilhas, o célebre documento que dividiu o mundo entre Portugal e Castela. Depois da morte do Príncipe Perfeito, de quem foi testamenteiro, tornou-se cronista da corte, escrevendo a Crónica de D. João II o mais tardar no início do século xvi, em pleno reinado de D. Manuel.

O som de passos a aproximarem-se intrometeu-se na cadeia de pensamentos e no desfilar de informações compiladas, arrancando Tomás das suas notas como um ruído que invade um sonho e o dissolve para o despertar na realidade. Era Odete que vinha com um volume nos braços; a funcionária da biblioteca largou pesadamente o manuscrito sobre a mesa e esboçou um esgar de alívio.

"Aqui está!", exclamou, quase ofegante. "Trate-o bem."

"Fique descansada", sorriu Tomás, sem tirar os olhos da obra.

O compacto volume ostentava uma capa de pele castanha e a referência da cota na lombada. Codex 632. Abriu o manuscrito e sentiu o cheiro adocicado do papel velho a libertar-se do interior, era o perfume aprisionado pelo tempo que se soltava enfim do longo cativeiro. Folheou o documento com cuidado, deferente até, segurando cada página com delicadeza, voltando-a com a ponta dos dedos, extremoso, como se acariciasse uma relíquia. As folhas apresentavam-se amareladas, com manchas, as iniciais ornadas à pena, a tinta revelava-se de um amarelo-torrado que contrastava com os traços negros exibidos pelas fotocópias deixadas por Toscano no seu cofre. A primeira página assinalava o título da obra. *Chronica de El Rey D. Joam II*. Tomás foi folheando o códice devagar, percorrendo cada página, lendo palavra a palavra, por vezes saltando parágrafos, folhas inteiras, sempre em busca do enigmático

extracto referenciado pelas fotocópias. Como as cópias mostravam que o capítulo que procurava não se encontrava numerado, e não havia menção ao número das páginas, viu-se forçado a prosseguir com lentidão na sua busca, atalhando pela difícil ortografia do português quinhentista.

Parou na folha setenta e seis. Lá figurava o n ornado, lançando a frase "no ano seguinte de m... e triiy estando elRei no lugar de Vali de parayso...". Virou a folha e estudou o topo da página, sempre à procura da parte dos espaços em branco junto à referência a Cristóvão Colombo. Encontrou-a. Acto contínuo, sentiu um baque no coração; escancarou a boca, os olhos vidrados naquele trecho, vendo e recusando-se a acreditar. No início da quarta linha, à esquerda, uma mancha esbranquiçada sob as palavras "nbo y taliano" traía uma emenda. Era uma rasura.

A rasura.

Tomás puxou o colarinho, afogueado, parecia que buscava ar, e olhou em redor, como se estivesse a afogar-se e procurasse quem o salvasse. Queria gritar a descoberta, ansiava por berrar pela fraude por fim desmascarada, mas a sala parecia alheia àquele instante de revelação, mergulhada na modorra da tarde cinzenta, entregue a uma pasmaceira de estudo preguiçoso.

Voltou a concentrar-se na folha do manuscrito, receando que tivesse desaparecido aquilo que ali vira. Mas não, a rasura ainda lá estava, subtil mas indisfarçável, parecia rir-se-lhe na cara; o historiador abanou a cabeça, repetindo mentalmente a inescapável conclusão a que ela o conduzia. Alguém andara a emendar a Crónica de D. João II. O trecho que identificava a nacionalidade de Colombo tinha sido remexido; mão desconhecida apagara o fragmento original e substituíra-o por "nbo y taliano", de modo a ficar "Xpova colo nbo y taliano." Quem o teria feito? Por que o teria feito? Mais importante ainda, o que dizia o texto original? Sim, o que dizia o texto original? Esta última pergunta começou a martelar-lhe a mente, insistente, teimosa, insidiosa. Qual o segredo que a emenda apagara? Quem era, afinal, Colombo? Ergueu o codex e voltou-o para a janela, colocando a folha a contra-luz para tentar perceber se conseguia vislumbrar algo por baixo da emenda. Mas a rasura não traiu o seu segredo; manteve--se opaca e densa.

Impenetrável.

Após despender mais de dez minutos a tentar ver o invisível, Tomás decidiu mudar de tática. Teria de ir falar com um perito em equipamentos de imagem electrónica avançada para avaliar a possibilidade de aceder a eventuais vestígios do texto rasurado. Pegou no volume e ergueu-se do lugar; aproximou-se da recepção e depositou a obra sobre o balcão de madeira.

"Já está?", admirou-se a funcionária, erguendo os olhos de um romance barato que lia debruçada sobre a secretária.

"Sim, Odete. Vou andando."

A empregada pegou no código para o levar de regresso ao depósito.

"Este manuscrito anda com muita procura", comentou, enquanto colocava o volume debaixo do braço.

Tomás já ia na porta quando escutou a observação.

"Como?"

"O Codex 632 anda com muita procura", repetiu Odete.

"Procura? Por parte de quem?"

"Olhe, ainda há coisa de três meses o professor Toscano andou às voltas com ele."

"Ah", compreendeu Tomás. "Sim, o professor Toscano deve ter andado a pesquisar o código, lá isso deve..."

"Coitado do professor. Morrer assim no Brasil, tão longe da família."

Tomás fez uma interjeição com a língua e suspirou, com um apropriado ar resignado.

"É a vida, o que quer?"

"Pois é", confirmou Odete. "E lá fiquei eu aqui com a resposta ao pedido que ele me fez. Não sei agora o que lhe faça."

"Qual pedido?"

A funcionária balançou o manuscrito, exibindo-o.

"Aqui o código", disse. "O professor pediu uma imagem de raios X aos nossos laboratórios. A resposta chegou-me há duas semanas, mais coisa menos coisa, e não sei o que lhe faça."

Tomás voltou a aproximar-se do balcão, uma expressão intrigada fixa nos olhos.

"Deixe-me ver se entendi. O professor Toscano pediu para tirar raios X ao manuscrito?"

Odete riu-se.

"Não, professor. Ele pediu raios X apenas de uma folha do códice." Ergueu o indicador. "Uma única."

Podiam ser raios X da folha rasurada. onde está isso?"

Aqui", apontou, indicando um pequeno armário por baixo e encostado à parede. "Na minha gaveta." . O historiador inclinou-se sobre o balcão e espreitou a gaveta. Odete, faça-me um favor. Mostre-me lá isso." A funcionária voltou a depositar o volume sobre o balcão e ~ colocou-se junto ao seu lugar. Abriu a gaveta, remexeu o interior e retirou de lá um envelope gigante.

Está aqui", disse, estendendo-lhe o grande sobrescrito branco com um logotipo da Biblioteca Nacional de Lisboa no canto. "Ora veja..."

Tomás rasgou o envelope por um canto e retirou o que parecia :na imagem de raios X, quase semelhante àqueles que se tira aos ossos. Mas, em vez de revelar uma qualquer parte do corpo, a fotografia registava a página de um texto. Com uma olhadela superficial, o historiador logo percebeu tratar-se efectivamente da página rasurada do Codex 632. Como um íman, os olhos foram atraídos para o lado esquerdo da quarta linha, o trecho onde a emenda tinha sido efectuada. Ainda se reconheciam os símbolos do "nbo y taliano" adicionado sobre a rasura. Mas, misturados com estes, emergiam outros traços no mesmo extracto; semiapagados, as linhas envolvendo-se umas nas outras, Tomás aproximou os olhos daquele pedaço de texto e concentrou-no formato das letras e na maneira como elas se associavam a fazerem palavras; tentou discernir as linhas originais, distinguindo-as daquelas acrescentadas posteriormente. Contorceu a cabeça para acompanhar a evolução dos traços misteriosos, seguindo-os nas suas curvas, procurando decifrar o sentido que as palavras rasuradas encobriam.

De repente, quase que por encanto, como se tivesse sido tocado por um génio mágico ou iluminado por uma inspiração divina, o texto original tornou-se-lhe claro. Tomás percebeu, enfim, o que Ruy de Pina

tinha de facto escrito na primeira versão; a verdade emergiu do texto e encheu-lhe a alma. O mistério estava desvendado.

A estrutura de cantaria alva erguia-se acima do lençol resplandecente e esverdeado da água, com um vigor frio sob a energia quente do sol do meio-dia; era como se um castelo medieval tivesse sido construído em pleno rio, soberbo e orgulhoso, um monumento gótico à memória de tempos grandiosos; elevava-se como uma espécie de nau de pedra, firme por entre a ondulação líquida das vagas, verdadeira sentinela a vigiar a entrada do Tejo e a guardar Lisboa do manto sombrio do desconhecido, daquele Adamastor difuso que permanecia oculto para além da linha do horizonte, um fantasma imerso na imensidão infinita do oceano.

Tomás percorreu o pontão e deslizou sobre as águas brandas da margem do rio, os olhos fixos na obra de joalharia de pedra para a qual se dirigia. A Torre de Belém crescia diante de si com um requinte imponente, a torre alta e recuada a mirar a plataforma larga, como se a torre fosse a ponte e o baluarte a proa de uma rija caravela quinhentista, ambos unidos por um grosso calibre de pedra rematado por graciosos nós; as guaritas eram coroadas por cúpulas aos gomos, como as das mesquitas almóadas; as varandas exibiam ajimezes e os varandins apresentavam-se rendilhados; por todo o lado era ostentada a cruz da Ordem Militar de Cristo, o símbolo templário português visível sobretudo nos merlões dos parapeitos, e orgulhosas esferas armilares, esculpidas na pedra e exibidas com altivez.

O historiador mergulhou na fortaleza e convergiu para o ponto de encontro, intimamente divertido com a obsessão que o seu interlocutor revelava pelos monumentos mais emblemáticos dos Descobrimentos. Nelson Moliarti aguardava-o encostado às ameias do baluarte, junto a uma das guaritas dianteiras, a mastigar uma pastilha elástica.

"Tenho boas notícias", soltou Tomás, com mal contida euforia, enquanto estendia a mão ao americano para o cumprimentar.

"Ah, é?"

"Sim." Ergueu a mala castanha, exibindo-a ao seu interlocutor. "Concluí a investigação."

Moliarti sorriu.

"É mesmo?"

"Pode acreditar."

"Ainda bem, ainda bem. Então me conte."

Apoiado nas ameias que bordejavam o monumento, Tomás reproduziu as revelações resultantes das suas deslocações a Jerusalém e a Tomar. Falou com tamanha intensidade que de tudo se alheou. As gaivotas adejavam ruidosamente em redor, grasnando melancolicamente, algumas a roçarem a cúpula bolbosa das guaritas com os seus voos rasantes; a brisa salgada do mar perfumava o ar, era o hálito profundo do oceano que emergia das águas e enchia o vento com o seu bafo fresco e revigorante; as ondas desfaziam-se de mansinho sobre a base da Torre de Belém, acariciando a pedra, abraçando-a, como se lhe beijassem os pés. Mas a toda esta ópera de cor e som e fragrância permaneceu Tomás .indiferente, apenas preocupado em desvendar o mistério que o perseguia nos últimos três meses. Moliarti escutou-o com ar impassível, impenetrável, quase sem surpresa; o semblante apenas se alterou na parte final, quando o historiador revelou o que se passara na véspera na Biblioteca Nacional.

"Onde estão esses raios X?", quis saber o americano, subitamente ansioso.

"Estão aqui", revelou Tomás, indicando a pasta com um gesto. "Me mostre."

O português acorrou-se junto à base das ameias, abriu a malinha castanha e tirou um envelope largo com o logotipo da

Biblioteca Nacional. Endireitou-se e abriu o sobrescrito, retirando do interior a folha plastificada dos raios X, que estendeu a Moliarti.

"Aqui tem."

O americano passou os olhos pelos raios X com mal disfarçada ansiedade e depressa mirou Tomás, esboçando uma expressão interrogativa.

"Ué! Não estou entendendo. Onde se encontra a revelação?"

O historiador espreitou para a folha e apontou para o lado esquerdo da quarta linha.

"Está a ver isto?"

Moliarti esforçou-se por destrinçar o que observava.

"Sim...", disse, titubeante, incerto quanto ao que ali se achava.

"Consegue perceber o que está aí escrito?"

"Bem... uh... nem por isso."

"É natural", sorriu Tomás. "Há aqui uma sobreposição de textos, o rasurado e o rasurante. Repare que o rasurante se encontra mais escuro. Diz «nbo y taliano». Mas é nas linhas acinzentadas, mais claras, que você se deve concentrar. Ora veja."

Moliarti aproximou os olhos da quarta linha, quase como se fosse míope.

"É", constatou. "Tem aí alguma coisa, tem."

"Consegue perceber?"

"É... uh... é um n e... e um a..."

"Isso. E a seguir?"

"Parece... um ir

"E um d. E que mais?"

"E um o."

"Exacto. Então o que fica?"

"Nado."

"Muito bem. E as palavras seguintes?"

"Bem... uh... parece estar ali um e e um n, não é?"

"Pois."

"O que dá en."

"E o que está por baixo do final do ytaliano? Preste atenção, que é difícil..."

"Bem", abalançou-se Moliarti. "Começa por um c e depois... depois é um n?"

"Um u."

"Ah, sim. Um c e um u. E vem... vem um b. É um b, não é?"

"Sim."

"E um a."

"Muito bem. Então leia a frase toda, se faz favor."

"Nado en cuba."

Tomás observou o americano com um sorriso sabedor.

"Percebeu?"

Moliarti releu a frase, inseguro.

"Não."

"Então vamos à última palavra da terceira linha", indicou Tomás, apontando para o local. "Está aqui escrito colo, que, no texto rasurado, permite dar a leitura «colo nbo y taliano»."

"Sim..."

"A palavra colo não foi rasurada, conforme pode constatar nos raios X. Mas há duas letras, originalmente adicionadas a essa palavra, que foram apagadas e que os raios X revelam. Ora quais são?"

O americano concentrou-se naquele trecho.

"São... são um n e um a."

"Então como se deve ler?"

"Na?"

"Sim. Mas, como se deve ler essa sílaba quando adicionada a color

"Colomz?"

O historiador aguardou um instante, esperando que se fizesse luz na mente de Moliarti.

"Então diga-me lá. Qual é a frase original?"

"Uh... não estou entendendo."

"Leia-me a frase tal como Ruy de Pina originalmente a escreveu. Leia-me."

"Bem... fica «colona nado en cuba»."

"Percebeu?"

"Não inteiramente."

Tomás passou a mão pelo cabelo, já ligeiramente impaciente.

"O Nelson, preste atenção ao que vou dizer-lhe. Ruy de Pina, no início do século xvi, escreveu a Crónica de D. João II. Quando chegou o momento de relatar o famoso encontro entre Colombo e o rei de Portugal no regresso da viagem da América, o cronista pensou que a informação confidencial já se tornara obsoleta e revelou o segredo. Esse texto primordial foi entregue a um copista, que começou a trabalhá-lo no manuscrito que hoje conhecemos como Codex 632. Quando o copista terminou, alguém que o leu, presumivelmente o próprio rei D. Manuel, ficou horrorizado com a revelação da identidade de Colombo e mandou alterar a informação. No final da terceira linha, onde estava escrito colona, foi apagado o na final e ficou colo. Na quarta linha, onde se lia nado en cuba, o texto foi apagado e escreveu-se nbo ytaliano por cima da rasura. Como esta última frase é ligeiramente mais pequena do que a original, o copista viu-se forçado a esticar a palavra ytaliano, ficando y taliano. Mesmo assim sobrou espaço. O manuscrito original de Pina acabou destruído e as restantes cópias, designadas Pergaminho 9 e Códice Alcobacense, foram feitas a partir do Codex 632. Foi assim que, onde antes se lia «a Ribou a Restelo, em lixboa Xpova colona nado en cuba», passou a ler--se «a Ribou a Restelo, em lixboa Xpova colo nbo y taliano»." Fez uma pausa. "Percebeu?"

"Sim", retorquiu Moliarti, ainda hesitante. "Mas me diga. O que quer dizer «colona nado en cuba»? Não entendo."

"Comecemos por «nado en cuba». «Nado en» significa nascido em. «Cuba» é o local onde ele nasceu. «Nado en cuba». Nascido em Cuba."

"Nascido em Cuba? Mas como é isso possível? Quando ele nasceu, que eu saiba, Cuba ainda não tinha sido descoberta..."

Tomás riu-se.

"Ó Nelson, ele não nasceu na ilha de Cuba."

"Ah! Então nasceu onde?"

"Nasceu na vila de Cuba."

"Na vila de Cuba? Qual vila de Cuba?"

"No Sul de Portugal existe uma vila chamada Cuba. Percebeu agora?"

Moliarti abriu a boca, embasbacado. Tinha, enfim, compreendido.

"Aaaahhh!", exclamou. "Colombo nasceu numa vila chamada Cuba..."

"Exacto", confirmou Tomás. "É o que realmente escreveu Ruy de Pina no manuscrito original. O navegador nasceu em Cuba. Esta informação, aliás, bate certo com as ligações familiares de Colombo. Lembra-se de eu lhe dizer que ele fugiu para Castela em 1484 para escapar ao rei?"

"Sim."

"Por que razão fugia ele do rei?"

"Por envolvimento na conspiração para matar D. João II."

"E em 1484 quem liderava essa conspiração?"

"O duque de Viseu."

"Justamente. O tal que era irmão da rainha e que D. João II esfaqueou até à morte nesse mesmo ano. Agora vou dar-lhe uma informação adicional. O duque de Viseu era também duque de Beja. Percebeu?"

"Uh... não."

"Beja é uma importante cidade do Sul de Portugal. Encontra-se perto da vila de Cuba. O duque de Viseu e Beja tinha, como é natural, familiares e amigos nas regiões de Viseu e Beja. Colombo, nascido em Cuba, próximo de Beja, era um deles."

O americano arregalou os olhos, como se tivesse acabado de ter uma ideia.

"Acha que... acha que existe alguma relação entre Cuba, a ilha, e... e..."

"Estava a ver que você não fazia a relação", cortou Tomás, impaciente. "É evidente que existe uma relação entre os nomes da ilha das Caraíbas e da vila portuguesa onde Colombo nasceu." Fixou o seu interlocutor. "Oíça, quando o almirante chegou àquela ilha das Caraíbas baptizou-a de Juana. No entanto, pouco tempo depois decidiu alterar-lhe

o nome e passou a chamar-lhe Cuba. Durante anos pensou-se que isso se devia à forma como alguns indígenas se referiam à sua terra: Coíba. Mas essa explicação, Nelson, é curta. Por exemplo, os indígenas da grande ilha vizinha também tinham um nome para a sua terra e, no entanto, Colombo manteve a designação que lhe dera originalmente, His-paniola. O mesmo aconteceu com muitas outras ilhas, onde, apesar de já existirem nomes indígenas, o almirante optou sempre por manter o nome que lhes dera quando as descobriu. A exceção foi Juana." Esboçou uma expressão interrogativa. «Porquê? Por que foi ele mudar o nome só a esta ilha? O que tinha ela de especial? Por que não fez o mesmo às outras ilhas? Só há uma explicação. Ao ouvir a palavra Coíba na boca dos nativos, Colombo, verificando haver uma certa semelhança entre essa designação e o nome da sua terra natal em Portugal, decidiu rebaptizar a ilha. Mas, em vez de lhe chamar Coíba, como faziam os indígenas, chamou-lhe Cuba. Cuba, a terra onde ele verdadeiramente nasceu." Piscou o olho." "Foi, digamos assim, uma homenagem privada às suas raízes."

"Entendi", murmurou Moliarti. "E o que quer dizer colona?"

"Era, pelos vistos, o verdadeiro nome cristão de Cristóvão Colombo. Colona."

"No shit."

"Estive a verificar as cartas genealógicas daquela época. Existia realmente naquele tempo uma família portuguesa chamada Colona, cujo nome aparecia por vezes com um n, por vezes com dois. Tratava-se dos Sciarra Colona, ou Colonna. Sciarra remete para Guiarra. Ou Guerra. E Colonna remete para Cólón. O que enlaça as pontas penduradas do mistério. Lembra-se da confusão de nomes do almirante, aparecendo em toda a parte, e alterna-damente, Cólón, Colom, Colomo, Colonus, Guiarra e Guerra? A sua origem comum não era, como é evidente, Colombo, nome que o navegador nunca usou, mas Sciarra Colonna. E lembra-se de Hernando Colón revelar que foi a Piacenza e descobriu os túmulos dos seus antepassados? É que os Colonna eram, justamente, oriundos de Piacenza, tal como os antepassados paternos da primeira mulher de Colombo, os Palestrellos, nome que se aportuguesou para Perestrelo."

"Você me está dizendo que Colombo era um português de origem italiana?"

"Cristóvam Colonna era um fidalgo português de origem italiana e portuguesa, eventualmente com uma costela judaica. Os Sciarra Colonna, quando vieram de Piacenza, misturaram-se com a nobreza portuguesa, algo muito normal naquela época. Não foi, assim, por acaso que Hernando Colón revelou que o verdadeiro nome do pai remetia para o latim Christophorus Colonus. Colonus de Colonna, e não de Colombo, porque senão seria Columbus. E, como também se chamava Sciarra, assim se explica que diversas fontes, incluindo Anghiera e testemunhas que depuseram no Pleyto de la Prioridad, afirmassem que o verdadeiro nome do descobridor da América era Guiarra ou Guerra. Cristóvam Sciarra Colonna. Cristóvam Guiarra Colón. Cristóvam Guerra Colom."

"E donde lhe vem a origem judaica?"

"Naquele tempo havia muitos judeus em Portugal. Eram protegidos pelos nobres, que frequentavam. É natural que ocorressem misturas de sangue. Aliás, quase todos os portugueses têm sangue judeu nas veias, só que não o sabem."

Nelson Moliarti passou os olhos pelo espelho alisado da água. Sentiu a brisa levantar-se e respirou fundo, enchendo os pulmões com o ar revigorante do vasto estuário, saboreando o aroma libertado pelo encontro do rio com o mar.

"Parabéns, Tom", disse, enfim, num tom monocórdico e sem tirar os olhos do Tejo. "Você desvendou o mistério."

"Penso que sim."

"Merece o prémio." Desviou a atenção da superfície líquida e reluzente que rodeava a torre e cravou o olhar em Tomás. "Meio milhão de dólares." Piscou o olho e esboçou um sorriso sem humor, enigmático. "É muito dinheiro, uh?"

"Uh... sim", admitiu o português.

Tomás sentia-se embaraçado por falar no prémio prometido pela fundação, mas, ao mesmo tempo, essa tornara-se agora a sua preocupação principal. Meio milhão de dólares era realmente muito dinheiro. Talvez não servisse para reconquistar Constança, mas seria, sem dúvida, útil para ajudar Margarida. Era muito, muito dinheiro.

"Okay, Tom", exclamou Moliarti, pousando-lhe a mão sobre o ombro, quase paternal. "Vou falar para Nova Iorque e apresentar o meu

report. Eu depois ligo para acertarmos as coisas e combinarmos a entrega do cheque. Está legal?"

"Sim, claro."

O americano colocou a folha plastificada dos raios X no envelope gigante e ergueu o sobrescrito, como se acenasse com ele.

"Esta é a única cópia, right?"

"Sim."

"Não há outra?"

"Não."

"Eu fico com ela", disse.

Voltou as costas e atravessou o baluarte do monumento com ar de quem seguia com urgência, desaparecendo pela boca escura da pequena porta de acesso à torre, por baixo do elegante varandim saliente na fachada e rasgado em arcos e colunas que tanto embelezava a fachada sul da Torre de Belém.

Nelson Moliarti ficou quatro dias sem dar novidades. Até que, na noite do quinto dia, ligou para Tomás a combinar um encontro na manhã seguinte. Após o telefonema, o historiador deixou-se ficar na sala, a televisão ligada num concurso, até se sentir mortalmente aborrecido. Cansado do tédio sem sentido, Tomás decidiu que não aguentava permanecer mais tempo em casa, a solidão oprimia-o, sufocava-o já; levantou-se num impulso, impaciente, e, como se estivesse com pressa, vestiu um casaco e saiu à rua.

Deambulou pela marginal com as janelas do carro abertas, ansiando pelas carícias frias da brisa marítima, perdido algures no labirinto da sua complicada vida, buscando um rumo, uma saída qualquer, um poiso onde encontrar conforto. Sentia-se terrivelmente só. Passava as noites em angustiante solidão e combatia-a com patéticas tentativas de se afogar em trabalho, preparando aulas, corrigindo testes, lendo e examinando os últimos estudos de paleografia que lhe caíam nas mãos. Constança parecia ter cortado todas as ligações consigo, resumindo-as apenas às entregas de Margarida para os passeios quinzenais de pai separado; mas mesmo esses passeios vinham ultimamente a ser interrompidos por acessos de febre da filha, que a obrigavam a passar os fins de semana na cama. Num momento de desespero, de crise de solidão, chegara a procurar Lena, mas

a sueca não viera mais às aulas e tinha o telemóvel com uma gravação a dizer que o número não estava atribuído; possivelmente, concluiu, desistira do curso e abandonara o país.

Virou na rotunda diante da praia de Carcavelos, percorreu a rua de vivendas que bordejava a Quinta dos Ingleses e estacionou junto à estação de comboios. Atravessou o apeadeiro e dirigiu-se ao centro comercial. Aquele era um local carregado de recordações, ponto de visita obrigatória nos seus tempos de estudante; para ali ia com Constança quando não existiam os grandes shoppings de agora e o centro comercial de Carcavelos era o lugar da moda, o ancoradouro das matinés frias e dos engates escaldantes, dos romances doces e da alegre vadiagem. Um profundo sentimento de nostalgia abateu-se sobre si, inundando-lhe os sentidos, entorpecendo-lhe a vontade. Tudo em redor respirava um ar impregnado com o cheiro de Constança, com as memórias do seu namoro, com o perfume da juventude desaparecida; cada esquina, cada sombra, cada loja, trazia-lhe lembranças de tempos despreocupados, felizes, quando ambos passeavam agarrados um ao outro, abraçando-se a si e ao futuro, ingénuos e sonhadores, partilhando fantasias e projectos, vivendo a vida contentes com o que ela lhes dava, como garotos num estado de folgada inconsciência; esse aroma esquecido pairava ainda sobre o centro comercial, apenas visível para quem o conhecia, era uma bruma perdida que exalava a indefinível reminiscência das emoções esgotadas no tempo. Aquele local parecia-lhe assombrado pela sua juventude, como se ele e Constança fossem outros, um ca;alinho retido no passado; via agora o par a passar por baixo daquele candeeiro, ali, ambos recortados pela luz amarelada, dois fantasmas de vinte anos que se assenhoraram deste lugar familiar embrenhados na paixão pura de quem está a começar a vida, alheios ao mirone que os espiava algures do futuro; espreitando esses espectros enclausurados no tempo, um imenso mar de nostalgia encheu Tomás, os sentidos martirizados pela maré dos anos, sofrendo com aquele doloroso e inefável sentimento de quem sente a felicidade para sempre perdida.

Entrou num café do centro comercial e pediu uma tosta mista. Olhou em redor e notou as mudanças; as mesas eram diferentes, mas o local permanecia o mesmo; ali estava a janela junto à qual ambos tinham lanchado numa das primeiras tardes em que saíram juntos, a estação visível do outro lado da rua; Tomás lembrava-se daquele dia, daquelas sensações, daquela conversa de descoberta mútua, daquela exploração de

sublime encantamento; era um fim de semana solarengo e tinham falado sobre a família, sobre o irmão de Constança maluco por motas e sobre os sonhos que a moviam, a ideia de se tornar uma grande pintora e um dia expor quadros na Tate Gallery, projectos de fantasia que tinha a vaga certeza de um dia vir a concretizar.

Tomás terminou a tosta mista e concluiu que precisava urgentemente de se distrair. Saiu do café, passou pela loja dos chocolates e desceu até à cave, em direcção ao cinema. Os cartazes anunciavam dois filmes em exibição, o *Fight Club*, com Edward Norton e Brad Pitt, e o *The Thomas Crown Affair*, na nova versão com Pierce Brosnan e Rene Russo. Em condições normais escolheria este último; mas, sentindo-se só e melancólico, optou pelo filme mais violento, achou que era a melhor maneira de quebrar aquele torpor nostálgico em que mergulhara. Adquiriu um bilhete e, como as sessões só começavam daí a quinze minutos, dirigiu-se ao bar para comprar umas guloseimas. O bar era uma novidade do cinema de Carcavelos, nos seus tempos de estudante aquele espaço não existia, tratava-se afinal de uma resposta da velha sala à oferta "gastronómica" dos novos shoppings, um sinal triste de que os tempos efectivamente mudaram, aquele era o mesmo sítio mas tornara-se diferente. Enquanto aguardava uns momentos junto ao balcão sentiu saudades do cinema tal como ele era antigamente, sempre cheio, com um longo intervalo a meio do filme e onde assistia às fitas de mão dada à namorada; quando chegou a sua vez na fila, pediu umas pipocas doces e pagou; a empregada entregou-lhe as pipocas numa pequena embalagem de papel reciclado e Tomás deu meia volta para se dirigir para a sala.

Foi à porta do bar que deu com ela. Constança entrava no local; tinha um ar fresco, limpo, arranjado, bonita como aos vinte anos, apenas um pouco mais madura; trazia um vestido branco, às flores vermelhas e amarelas, apertado à cintura e abrindo-se numa saia alegre, como se usava nos anos 50. Tomás sentiu um baque no coração e estacou, o olhar preso nela. Constança viu-o e hesitou; ficaram os dois parados à entrada do bar, como duas crianças apanhadas em falta.

"Olá", disse ele, por fim, com ar embasbacado.

"Olá, Tomás", devolveu Constança, recuperando da surpresa inicial. Virou-se para o lado e tocou no braço de um homem. "Quero apresentar-te o meu amigo Carlos."

Tomás tomou nesse instante consciência de que a fronteira entre o sonho e o pesadelo é tão tênue como um fio de seda, de que a transição entre a esperança e o desespero é tão delicada como uma pétala atirada ao vento. Sentindo-se a viver aquele embaraçoso instante em câmara lenta, a terrível cena reproduzindo-se com interminável vagar na mente, os seus olhos flutuaram do rosto belo com aspecto comprometido de Constança para a face de um homem magro, de barba rala e fato e gravata, pairando ao lado da mulher. O homem mirou Tomás com expressão interrogativa, que depressa virou fria, e estendeu a mão.

"Muito prazer", saudou, obviamente pouco sincero. "Carlos Rosa."

Como um autômato, quase sentindo o corpo separado da mente, Tomás esticou a mão e cumprimentou-o.

"Então?" Era a voz de Constança. "Está tudo bem contigo?"

Tomás olhou-a com ar perplexo. Descobriu-se subitamente anestesiado por dentro, atordoados, o coração a reprimir uma fúria cega que lhe nascia das entranhas.

"Uh... está tudo bem, sim. E tu?"

"Maravilha. Vieste ao cinema, é?"

"Sim."

"Vais ver o quê?"

"O Fight Club."

"Ah."

Pausa incómoda, desconfortável. A conversa era tensa, oca, absurda, como todas as conversas de circunstância embaraçada, tropeçando nas palavras, atrapalhando-se pelo momento inconveniente que o indesejado encontro suscitara. Tomás sentiu uma vontade enorme de desaparecer, fugir dali, deixar de existir.

"E tu?"

Constança olhou para o companheiro.

"Nós viemos ver o Thomas Crown."

Aquele "nós viemos ver" constituiu mais um soco brutal que foi desferido no estômago de Tomás, uma dura facada no que lhe restava das suas derradeiras ilusões. Constança já não dizia eu. Dizia nós.

Nós.

Não era ela e Tomás. Nós. Não era ela sozinha. Eu. Era ela e o outro. Nós. Ela e o seu rival, o homem que o substituíra, aquele que a roubara. Nós.

"Bem... uh... vou andando", balbuciou Tomás, fazendo um desajeitado adeus com a mão.

"Bom filme", disse ela, os olhos muito abertos, era impossível perceber se estava feliz ou triste, incomodada ou indiferente.

Tomás fugiu do bar, mas não virou na sala de cinema. Continuou em frente e saiu do centro comercial, quase em desespero, ofegante, foi à rua respirar ar puro e enfrentar a dura ressaca do amor que sabia agora perdido para sempre.

A multidão formigava pelo passeio largo do Rossio, afadigan-do-se num movimento desordenado, quase caótico; as pessoas cruzavam-se com expressões variadas, umas apressadas, de olhos presos na calçada, outras a vaguear, mirando o infinito, algumas observando a massa humana que desfilava diante de si naquela azáfama nervosa e impaciente. Entre estes mirones incluía-se Tomás, sentado na esplanada do Café Nicola, de perna cruzada, a saborear de olhar ausente uma bica fumegante.

Daquela mole difusa de gente emergiu, como se se tivesse materializado do nada, Nelson Moliarti; vestia fato e gravata e vinha quarenta minutos depois da hora combinada.

"Sorry", desculpou-se o americano. Puxou uma cadeira e acomodou-se. "Estive falando com o John Savigliano, para Nova Iorque, e me atrasei."

"Não faz mal", comentou Tomás, esforçando-se por sorrir. "Para variar, desta vez fui eu quem esperou. É justo."

"Sim, mas não gosto de chegar atrasado."

"O que quer tomar?"

"Uh... um chá de jasmin e um pastel de nata, se houver."

Tomás chamou o empregado e comunicou-lhe o pedido. O homem tomou nota, deu meia volta e desapareceu dentro do Nicola.

"Como está o Savigliano?"

"Oh, bem", devolveu Moliarti, os olhos dançando algures para além de Tomás, como se não quisesse encará-lo. "O John está bem."

"Você parece preocupado..."

"Não, não", negou o americano. "Só que... temos de acertar as coisas, não é?"

"Sim, claro."

Moliarti assentou os cotovelos sobre a mesa e pela primeira vez fixou os olhos em Tomás.

"Tom, as minhas instruções são para lhe pagar os dois mil dólares por semana de salário e o meio milhão de dólares de prémio, como combinámos em Nova Iorque." Pigarreou. "Quando quer a grana?"

"Bem... uh... por acaso dava-me jeito agora..."

O homem da fundação tirou um livro de cheques do bolso interior e aprontou a caneta, mas manteve o olhar cravado no historiador.

"Eu lhe passo agora o cheque, Tom, mas há uma condição adicional."

"Sim?"

"Tem a ver com confidencialidade."

"Confidencialidade?", admirou-se Tomás. "Não percebo..."

"Todo o trabalho que você fez para nós é confidencial. Entendeu?"

"O trabalho é confidencial?"

"Sim. Nem uma palavra sobre essas descobertas."

Tomás coçou o queixo, intrigado.

"Isso é alguma estratégia comercial?"

"É uma estratégia nossa."

"Sim, mas qual é a ideia? Estarmos muito caladinhos agora para depois fazermos um grande estardalhaço no momento da publicação, é?"

Moliarti olhou em redor da esplanada, como se temesse estar a ser escutado, e voltou a prender a atenção no português.

"Tom", disse, baixando o tom de voz. "Não vai haver publicação."

O historiador arregalou os olhos, estupefacto.

"Como?"

"Essas descobertas não vão ser publicadas. Nem agora, nem nunca."

Tomás ficou um longo instante com a boca entreaberta, incapaz de articular o espanto que sentia com esta revelação.

"Mas... uh...", balbuciou. "Isso... uh... não faz sentido."

"É uma decisão tomada em Nova Iorque."

"Mas porquê? Não confiam no material, é?"

"Não é isso."

"As provas são sólidas, Nelson. O assunto é polémico, é verdade. Vai haver uma reacção negativa da parte do establishment, há historiadores que vão ficar doidos por se contestar a versão oficial, dirão que é tudo uma fantasia, um disparate, uma aldrá-bice..."

"Tom."

"... já estou a vê-los, histéricos e fora de si, lançando insultos, bradando aos céus. Mas, feitas as contas, as provas que temos são seguras. Seguras, ouviu? Eu respondo por elas."

"Tom, não é isso, já lhe disse."

"Então é o quê?"

"Não vamos publicar a investigação. Ponto final."

Tomás inclinou-se sobre a mesa, aproximando-se o mais possível do americano.

"Nelson, nós fizemos uma descoberta extraordinária. Desenterrámos um segredo com quinhentos anos. Desfizemos um enigma que há séculos intriga os historiadores. Iluminámos uma treva no conhecimento. Com estes dados novos vamos mudar totalmente a abordagem sobre a descoberta da América e revelar coisas importantes sobre os

Descobrimentos. Que história é essa de não publicarmos nada, hã? Qual é a ideia?"

Moliarti suspirou.

"Tom, eu não gosto disto mais do que você. Mas a fundação quer assim. As ordens do John foram muito claras. Não pode haver divulgação destas descobertas."

"Mas porquê?"

"Porque os responsáveis pela fundação assim o entendem."

"Desculpe, Nelson, mas isso não é resposta. Por que razão entendem eles que estas descobertas não podem ser reveladas?"

Moliarti manteve-se um instante calado, debatendo o que poderia ou não dizer. Quase instintivamente, voltou a observar de relance as pessoas em redor da sua mesa e, respirando fundo, inclinou-se mais uma vez na direcção do seu interlocutor.

"Tom", murmurou, a voz já quase transformada num sussurro. "O que sabe você sobre a American History Foundation?"

"Bem... uh... é uma instituição para fomentar os... os estudos americanos", gaguejou. "Você faz parte da fundação, deve saber."

"Eu sou um mero empregado da American History Foundation", disse Moliarti, colocando a palma da mão no peito. "Não sou o dono. O patrão é o John Savigliano, é ele o presidente do executive board. Conhece as outras pessoas do board?"

"Não."

"O Jack Mordenti é o vice-presidente. Há ainda o Paul Morelli e o Mário Ghirotto. Estes nomes não lhe dizem nada?"

"Não."

"Repare, Tom." Ergueu um dedo para assinalar cada nome. "Savigliano, Mordenti, Morelli, Ghirotto. Até a secretária do John, a senhora Racca, aquela mulher carrancuda que você conheceu em Nova Iorque. Que nomes são estes, uh?"

"Que nomes são esses? Desculpe, mas não percebo a pergunta..."

"Qual a sua origem étnica?"

"Uh... italianos?"

"Sim, mas donde?"

Tomás esboçou uma expressão intrigada.

"Uh... donde? De Itália, suponho..."

"De Génova, Tom. Italianos de Génova. A American History Foundation é uma instituição financiada por capitais genoveses ou americanos de origem genovesa. O Savigliano nasceu com o nome Giovanni, que mudou para John quando saiu de Génova aos doze anos e foi viver para a América. O Mordenti nasceu em Brooklyn e, apesar de baptizado Joseph, Jack na escola, em casa sempre foi conhecido por Giuseppe. O pai de Paul Morelli era Paolo Morelli, proveniente de Nervi, uma terriola ao lado de Génova. E o Mário Ghirotto ainda hoje vive em Génova, tem um belo apartamento na Piazza Campetto." Cerrou os dentes. "Estes, meu amigo, são caras muito orgulhosos por serem concidadãos do descobridor da América, o homem mais famoso da história depois de Jesus Cristo. Você acha mesmo que eles aceitariam publicar um estudo que prove que Colombo, afinal, não era genovês, mas sim um português?" Bateu com o indicador na testa. "Nunca na vida! Nem pensar!"

Tomás permanecia paralisado, os olhos muito abertos, a expressão vidrada naquela revelação, tudo entendendo e em nada querendo acreditar.

"Vocês... são genoveses?"

"Eles são genoveses", disse, sublinhando o eles. Forçou um sorriso. "Eu não. Eu nasci em Boston e a minha família é de Brindisi, lá no Sul de Itália."

"Seja como for, Nelson, qual a relevância da nacionalidade? Que eu saiba, os italianos são honestos. Não é Umberto Eco que reconhece que Colombo era português?

"Umberto Eco não é genovês", lembrou Moliarti.

"Mas é italiano."

O americano suspirou.

"Não sejamos ingênuos, Tom", disse, num tom paciente. "Repare, se a fundação estivesse nas mãos de americanos oriundos de Piacenza, pode

crer que as descobertas seriam imediatamente publicadas. Mesmo outros italianos ou ítalo-americanos, embora talvez a contragosto, aceitariam divulgar essas revelações. Mas você tem de compreender que pedir isso aos genoveses é de mais, afinal de contas eles têm orgulho no seu Cristoforo Colombo e não se pode esperar que acolham tudo isto com satisfação, não é?"

"Mas a verdade é a verdade."

"Lamento muito, Tom. A sua investigação não poderá ser conhecida."

"Isso é que era bom!"

"Tom", disse Moliarti, erguendo a mão para lhe pedir que o escutasse. "O prêmio só será entregue com o compromisso de confidencialidade."

"Como?"

Moliarti colocou na mesa umas folhas com um texto legal previamente preparado.

"Você só receberá o meio milhão de dólares se assinar este contrato de confidencialidade."

"Vocês não podem fazer isso."

"As ordens do John são muito claras. Você assina e recebe o meio milhão de dólares."

"E se não assinar?" "Não recebe nada."

"Não foi esta a combinação feita em Nova Iorque, Nelson. Foi-me prometido um prêmio caso desvendasse a investigação secreta do professor Toscano. Eu cumpro a minha parte, façam o favor de cumprirem a vossa."

"Cumpriremos, Tom. Mas, primeiro, você tem de se comprometer a manter a confidencialidade sobre estas descobertas." "Vocês querem comprar-me por meio milhão de dólares?" "Não diga isso..."

"Você acha que eu estou à venda? Hã? Você acredita mesmo que é possível calar-me com dinheiro, seja ele quanto for?"

"Tom, a fundação não aceitará a publicação destas descobertas. Toda a investigação que você fez foi para a fundação. As descobertas resultantes

dessa investigação pertencem à fundação e é ela que decidirá o que fazer dessas revelações."

"Esta investigação, caro Nelson, pertence ao professor Toscano. Eu limitei-me a seguir as pistas que ele deixou." "O professor Toscano trabalhava para a fundação." "Trabalhava para a fundação no que diz respeito às investigações sobre o Brasil, não aos trabalhos sobre Colombo."

"Nós explicámos-lhe, na devida altura, que todo o seu trabalho era para a fundação. Ele usou financiamentos da fundação para pesquisar as origens de Colombo, por isso o seu trabalho pertence à fundação."

"Ah, agora percebo por que razão a viúva de Toscano anda tão escaldada convosco..."

"Isso não interessa. O que interessa é que a sua investigação e o trabalho de Toscano são propriedade da fundação."

"São propriedade da humanidade."

"Não foi a humanidade quem pagou as contas, Tom. Foi a American History Foundation. Tudo isso explicámos também ao professor Toscano."

"E ele?"

"Havia o problema da prova." Precisávamos de a descobrir, a fundação não se podia dar ao luxo de a deixar por aí, à solta, arriscando-se a que viesse a ser encontrada por outros. Você foi o instrumento que nos permitiu chegar a ela. "

"Está a referir-se ao Codex 632?" "Sim."

Tomás coçou a cabeça, num gesto intrigado. "Desculpe, Nelson, mas não estou a entender. Graças à vossa iniciativa, eu cheguei ao Codex 632, um documento que prova justamente aquilo que a fundação não queria que se provasse. Mesmo que eu me comprometa a ficar calado, recebendo assim o meio milhão de dólares com que vocês querem subornar-me, que garantia tem a fundação de que eu não sopro o segredo a um colega meu e o mando consultar o Codex 632, hã?" Moliarti sorriu.

"Isso não lhe serviria de nada."

"Ah, não? E quando ele der com a parte rasurada na terceira e quarta linhas, a seguir ao «colo» e sobre o «nbo y taliano»? E quando ele pedir raios X dessa folha? Hã? O que é que acontece?"

O americano recostou-se na cadeira, estranhamente confiante

"Você reparou, Tom, que eu cheguei atrasado a este nosso encontro?"

«uh Sim. E depois?»

Já ouviu hoje as notícias?

"Quais notícias?"

"As notícias do assalto, cara. O assalto da noite passada à Biblioteca Nacional."

Um operário tinha os pés assentes sobre uma mesa, tentando equilibrar-se para colocar um largo vidro na janela, quando Tomás entrou de rompante na sala de leitura da área dos reservados. Uma mulher da limpeza varria alguns estilhaços luzidios espalhados pelo soalho, eram vidrinhos fragmentados, e ouviam-se marteladas lá atrás, sem dúvida trabalho de carpintaria.

"Estamos fechados, senhor professor", anunciou uma voz.

Era Odete por trás do balcão, muito corada e torcendo nervosamente os dedos.

"O que aconteceu?", perguntou Tomás.

"Houve um assalto."

"Isso já eu sei. Mas o que aconteceu?"

"Quando cheguei ao serviço esta manhã dei com aquele vidro partido, ali, e a porta para a sala dos manuscritos arrombada." Odete sacudiu a mão à frente da cara, como um leque. "Ai, valha--me Deus, que ainda me sinto afogueada..." Suspirou. "Desculpe, senhor professor. Estou muito ralada."

"O que é que eles roubaram?"

"Roubaram-me a tranquilidade, senhor professor. Roubaram--me a tranquilidade." Pôs a mão no peito. "Ai, Virgem Santíssima, que susto que apanhei! Que susto!"

"Mas o que roubaram eles?"

"Ainda não percebemos, senhor professor. Estamos agora a inventariar os manuscritos para ver se falta algum." Soprou forte, como se tivesse vapor encurralado no corpo. "Mas olhe, ainda há pouco dizia ali à polícia que, cá para mim, isto foi obra dos drogados. Sabe, andam para aí uns rapazolas com um aspecto só visto, assim barbudos e piolhosos. Não são universitários, não senhor, que a esses eu bem os conheço. É mandriagem da pesada, está a ver?" Levou os dedos à boca, simulando que tinha um cigarro. "Pessoal da passa, dos charros e sabe lá Deus que mais.

Andam à cata de computadores para os venderem aí por tuta e meia. De maneira que..."

"Deixe-me ver o Codex 632", cortou Tomás, impaciente e alarmado.

"Como?"

"Vá buscar o Codex 632, se faz favor. Preciso de o ver."

"Mas, senhor professor, estamos fechados. Terá de..."

"Traga-me o Codex 632." Abriu muito os olhos, com ar de quem não admitia discussões. "Agora."

Odete hesitou, surpreendida com aquele ar veemente, mas acabou por não discutir o pedido e desapareceu na direcção da sala onde eram guardados os manuscritos antigos. Tomás sentou-se numa cadeira da primeira fila e ficou a tamborilar os dedos na mesa, nervoso, preparando-se para o pior.

Instantes mais tarde, Odete reapareceu na sala de leitura.

"Então?"

"Está aqui", disse ela.

Trazia nas mãos um volume de capa de pele castanha. Ao ver a obra ali, em segurança, Tomás suspirou de alívio e sentiu um peso opressor libertar-se-lhe do peito. Que susto que o Moliarti me pregou, pensou.

"Cabrão, que me acagaçou", desabafou em voz baixa.

Odete entregou-lhe o manuscrito e o historiador sentiu-lhe o peso. Depois analisou a capa e a contracapa. Tudo impecável. A cota Codex 632 permanecia colada à lombada. Abriu o volume e estudou o título em

português quinhentista. Chronica de El Rey D. Joam II. Folheou as páginas amareladas, manchadas pelo tempo, até chegar à folha setenta e seis. Procurou a quarta linha e fixou o olhar nas primeiras palavras. "Nbo y taliano". Lá estavam os espaços suspeitos entre estas palavras. Passou a ponta do indicador sobre a linha, para sentir a rasura, mas a superfície revelava-se limpa. Cerrou o sobrolho, surpreendido. Passou novamente o dedo.

Tudo liso.

Aproximou os olhos, quase sem acreditar. Não havia vestígios da rasura. Nada de nada. Era como se ela nunca tivesse existido. Pôs a mão na boca, estupefacto, sentindo o coração cair-lhe aos pés. Não sabia o que pensar. Olhou para toda a folha, procurando vestígios de cortes, indícios de ranhuras, sinais de colagens, diferenças no papel, uma pequena imperfeição, qualquer coisa, por minúscula que fosse. Mas nada. A folha parecia impecável, imaculada, genuína. Apenas a rasura desaparecera. Trabalho de profissionais, considerou, quase com vontade de chorar. Abanou a cabeça, profundamente desanimado, a conclusão era inescapável, final. Falsificadores profissionais. Copiaram a folha original e substituíram-na por outra, sem deixarem marcas, tapando vestígios, ocultando pistas. Profissionais.

"Filhos da puta."

XVII

O telemóvel tocou quando Tomás se preparava para sair de casa. O historiador planeava ir à Torre do Tombo vasculhar documentos que lhe permitissem localizar referências aos Colonas; o Codex 632 tinha sido neutralizado, mas, raciocinou, agora que conhecia o verdadeiro nome de Colombo certamente que seria mais fácil encontrar-lhe o rasto. A absoluta inexistência de documentos sobre a vida de Colombo em Portugal era um enigma finalmente explicado, afinal de contas o navegador viveu no país com outro nome, o genuíno, pelo que, entendida e superada por fim essa dificuldade, sentia-se agora confiante de que alguma coisa haveria de achar por entre os velhos manuscritos, recibos, facturas, certificados, missivas e tudo o mais que estivesse amontoado por baixo da poeira do maior arquivo português de documentos quinhentistas.

"Está? Tomás?"

Era a voz de Constança no telemóvel.

"Ah, olá", saudou Tomás num tom controlado; sentia-se ao mesmo tempo surpreendido e feliz por aquele telefonema, mas permanecia ferido por dentro e não queria exhibir o alívio por, finalmente, receber uma chamada da mulher. "Tudo bem?"

"Não sei", hesitou Constança. "O doutor Oliveira quer falar connosco esta manhã."

"Esta manhã? Não posso, tenho de ir agora à Torre do Tombo..."

"Ele diz que é urgente. Temos de estar no Hospital de Santa Marta às onze."

Tomás consultou automaticamente o relógio. Eram nove e meia da manhã.

"Mas porquê essa pressa?"

"Não sei. Ontem levei a Margarida ao hospital para fazer análises e ele não me falou em nada."

"E qual o resultado dessas análises?"

"Ficaram de me dar hoje."

"Hmm", murmurou Tomás, esfregando os olhos, subitamente cansado.

"Achas que as análises revelaram alguma coisa chata, é?", perguntou Constança com mal disfarçada apreensão.

"Não sei. Vamos ver."

Encontraram-se na rampa das consultas externas hora e meia mais tarde. Constança vinha com um tailleur cinzento justo que lhe realçava as curvas do corpo e lhe conferia um certo ar de executiva. Subiram a rampa e, no topo, meteram por uma porta à esquerda, desembocando nos claustros do antigo convento, agora transformado em hospital para doenças cardíacas; ignoraram os antigos e belos azulejos azuis que decoravam o claustro, embrenhados na preocupação que os dominava, e meteram pelo longo corredor que os levou ao bloco seguinte.

Pelo caminho, Constança foi explicando que na véspera tinha trazido a filha ao hospital para uma análise de rotina que o médico pedira havia já algum tempo; o clínico estranhara a palidez e relativa prostração

que Margarida manifestava desde a sua febre, pelo Natal, e queria certificar-se de que estava tudo bem. Como a pequena não tinha a pele azulada, que seria indicativo de um agravamento da situação cardíaca, o médico não mostrou grande urgência, embora tivesse insistido na necessidade de se fazerem análises ao sangue e à urina, o que veio a concretizar-se na véspera.

Apanharam o elevador e subiram ao terceiro andar, onde se situava a cardiologia pediátrica. Encontraram o médico junto aos cuidados intensivos; Oliveira fez sinal para que o seguissem e levou-os ao seu gabinete, no sótão, um espaço soalheiro e arejado.

"Tenho aqui as análises efectuadas à Margarida", disse Oliveira, entrando directamente na questão que o levava a convocar os pais da criança.

"E então?"

O médico torceu-se na cadeira, como se estivesse desconfortável, e remexeu nervosamente numa folha branca.

"As notícias não são boas", avisou o médico com ar sombrio. "Os resultados estão francamente alterados e... uh... estamos perante um quadro sugestivo de... uh... de leucemia."

Fez-se um silêncio pasmado no gabinete, Tomás e Constança a tentarem absorver a notícia.

"Leucemia?", admirou-se Tomás.

Oliveira abanou a cabeça afirmativamente.

"Sim."

"Mas isso tem alguma coisa a ver com o problema do septo?"

"Não, nada. Não é um problema do foro cardíaco. É um problema de hematologia."

"Um problema de quê?"

"Hematologia. Tem a ver com o sangue." Mostrou a folha com os dados fornecidos pelo laboratório que efectuou as análises. "Estão a ver aqui estes resultados? As análises mostram mais de duzentos e cinquenta mil glóbulos brancos por milímetro cúbico."

"E então?"

"O normal não excede os dez mil. A Margarida está com um grande excesso de glóbulos brancos." Apontou para outro algarismo. "E aqui é a hemoglobina. Ela tem sete gramas, quando o normal seriam doze. Isto é um sinal de anemia."

"A leucemia é o cancro do sangue", observou Constança com a voz trémula, reprimindo os soluços com dificuldade. "Isso é... é grave, não é?"

"Muito grave. Em boa verdade, este tipo de leucemia é designado por leucemia aguda, cuja taxa de incidência é maior em crianças com a síndrome de Down do que em crianças normais."

"Mas tem tratamento?", perguntou Tomás, sentindo o pânico tomar conta de si.

"Sim, claro."

"Então o que temos de fazer?"

"Sabe, este é um problema fora da minha área de especialidade. A leucemia aguda só pode ser tratada no IPO, mas fiquem descansados que conheço excelentes profissionais que poderão resolver esta situação. Depois de ver estes resultados, tomei a liberdade de consultar uma colega minha no instituto e estivemos a ponderar o que fazer a seguir." Fixou os olhos em Constança. "Por onde anda a Margarida agora?"

"A Margarida? Está na escola, claro."

"Muito bem. Vocês agora vão lá buscá-la e levá-la ao IPO para ser imediatamente internada."

Tomás e Constança entreolharam-se, abalados.

"Vamos buscá-la agora?"

"Agora", insistiu o médico, arregalando os olhos para sublinhar a urgência. "Já." Rabiscou um nome no bloco de notas. "Quando chegarem ao IPO perguntem pela doutora Tulipa, com quem já falei. Ela está a tratar de tudo e vai pegar no caso."

"Mas a Margarida vai ficar boa, não vai?"

"Como vos disse, esta não é a minha especialidade, mas estou certo de que vai ser dada uma resposta eficaz ao problema", retorquiu o médico, tentando buscar palavras de conforto. Entregou aos pais a folha com o nome da médica. "De qualquer modo, terá de ser a doutora Tulipa a

fazer o diagnóstico, a explicar-vos a doença e a apresentar as soluções mais adequadas."

Foi como se o mundo tivesse desabado novamente. Constança chorou durante toda a viagem até à escola, assoando-se a um lenço rendilhado; ao lado, agarrado fixamente ao volante, Tomás ia calado, quebrado pelo desânimo, vencido pelo desalento.

Ambos percebiam que aquele era apenas o início de um processo que já conheciam, uma terrível experiência que seriam ambos obrigados a viver outra vez, um carrossel de devastadoras emoções, e não sabiam se seriam capazes de sobreviver. Depois do pesadelo em que se transformou o conturbado período após o nascimento da filha julgavam-se preparados para tudo; mas agora descobriam que não estavam, eram afinal apenas duas pessoas desorientadas, perdidas num labirinto de angústias sem fim, pais desesperados com a partida que o destino lhes pregava de novo, a revolta a remoer-lhes as entranhas, interrogando-se mil vezes sobre o que raio tinham feito para merecerem tal sorte.

Ao chegarem à escola, Tomás fez Constança prometer que não derramaria uma lágrima diante da filha e foi com o coração apertado pela ansiedade, sorrindo com um nó na garganta, que ambos lhe explicaram que teria de ir para o hospital.

"É po' causa do co'ação, é?", perguntou a filha, o olhar a exprimir uma súplica de medo, adivinhando novas torturas às mãos dos médicos. "'Tou doentinha out'a vez?"

A viagem até ao Instituto de Oncologia foi penosa, com Margarida a berrar que não queria ir; depressa se cansou, porém, e a parte final do percurso foi feita quase em silêncio, apenas quebrado com um gemido ocasional da pequena e o turturilhar mimoso da mãe; Constança envolvia a filha num abraço protector, ambas fundindo-se no banco de trás, fechando-se numa concha de afectos.

A criança foi entregue aos cuidados da doutora Tulipa, uma mulher de meia-idade, de óculos fortemente graduados e os cabelos grisalhos, magra e enérgica. A médica deu as suas ordens e levou a menina para o que parecia ser uma pequena sala de operações, o que assustou os pais.

"Calma, não vamos operá-la já", disse-lhes Tulipa. "O que se passa é que estive a analisar o resultado das análises ao sangue que me mandou o Oliveira e já vi que temos de lhe fazer um mielograma".

"O que é isso?"

"Vamos aspirar-lhe células da medula óssea, neste caso da bacia, para confirmação do diagnóstico e determinação exacta do tipo de problema que tem a vossa filha."

O mielograma foi efectuado com anestesia local e na presença dos pais, que não pararam de confortar e encorajar a pequena. Quando o exame terminou, foram depositados extractos da medula óssea em lâminas de vidro e levados para o laboratório. A médica questionou Constança e Tomás sobre os problemas manifestados pela filha no último mês, incluindo as descrições da sua palidez, fadiga, febres e até hemorragias do nariz, mas evitou dar explicações pormenorizadas sobre o que se passava, alegando que só o mielograma poderia fornecer certezas.

Horas depois, Tulipa chamou os pais ao seu austero gabinete.

"Já vieram os resultados do mielograma", anunciou. "A Margarida tem uma leucemia mieloblástica aguda."

"O que é isso, doutora?"

"É um grupo de neoplasias malignas da medula óssea dos precursores mielóides dos leucócitos."

Tomás e Constança mantiveram o olhar preso na médica, ambos ansiosos e angustiados.

"Desculpe, doutora", cortou Constança, no limite da paciência. "Escusa de estar com essa linguagem da treta connosco. Explique-nos o que se passa em língua de gente, se faz favor."

A médica suspirou.

"Sabem com certeza o que é uma leucemia..."

"É o cancro do sangue."

"É uma maneira de a definir." Ergueu-se na cadeira e mostrou um mapa do corpo humano num placar colado à parede. "No centro do problema está a medula óssea, que se encontra na cavidade dos ossos e tem a função de formar as células sanguíneas. O que se passa é que apareceram células blásticas anormais no corpo da menina e invadiram-lhe a medula, que deixou de formar células sãs. O ataque das células cancerígenas aos glóbulos vermelhos provocou anemia e é responsável pela palidez da Margarida. Por seu turno, o ataque aos glóbulos brancos

causou as infecções que ela sofreu, uma vez que o corpo perdeu resistência, enquanto o ataque às plaquetas suscitou as hemorragias no nariz, dado que são as plaquetas que fazem as coagulações e sem plaquetas não há coagulação. Como são os glóbulos vermelhos quem transporta oxigénio para as células e retira o dióxido de carbono dos tecidos para os levar para os pulmões, onde são expelidos, a sua carência implica que as células não recebem oxigénio suficiente e que retêm o dióxido de carbono demasiado tempo, o que é muito perigoso."

"E diz a senhora que a Margarida tem uma leucemia aguda", interveio Tomás.

"Uma leucemia mieloblástica aguda", precisou. "Sabe, há vários géneros de leucemia. Há as crónicas, que se estendem no tempo graças ao amadurecimento parcial das células, e as agudas, que são repentinas e muito perigosas devido ao facto de as células permanecerem imaturas. A vossa filha tem uma leucemia aguda." Ergueu dois dedos. "A aguda é caracterizada por dois tipos dominantes, o linfóide e o mielóide. Entre as crianças, o mais comum é a leucemia linfóide aguda, enquanto os adultos tendem a ter leucemia mielóide aguda. Esta mielóide, que é a que nos preocupa, inclui vários subtipos. Há a promielocítica, a mielomonocítica, a monocítica, a eritrocítica, a megacariocítica e a mieloblástica. A Margarida tem a mieloblástica, que é relativamente comum entre as crianças com trissomia 21 e que envolve o crescimento descontrolado dos mieloblastos, células imaturas que antecedem os glóbulos brancos." Consultou a folha com os resultados do mielograma. "Repare, a Margarida possui duzentos e cinquenta mil mieloblastos por milímetro cúbico, quando só devia ter um máximo de dez mil."

"A senhora disse que esta leucemia é perigosa. Quão perigosa?"

"Pode provocar a morte."

"Em quanto tempo?"

"Alguns dias."

Os dois pais olharam fixamente a médica; ouviram e não queriam acreditar.

"Alguns dias?"

"Sim."

Constança levou a mão à boca, os olhos humedecendo.

"Mas não há nada que possamos fazer?", perguntou Tomás, estarecido.

"Claro que há. Vamos começar de imediato a quimioterapia para tentarmos estabilizar a situação."

Tomás e Constança sentiram uma sensação de esperança percorrer-lhes o corpo.

"E... e isso cura-a?"

"Com um pouco de sorte..."

"O que quer a senhora dizer com isso?"

"É meu dever esclarecer-vos quanto à real situação da vossa filha. Não posso, por isso, esconder-vos o facto de que existe uma elevada taxa de mortalidade nestes casos."

Os pais entreolharam-se; o pesadelo era bem mais tenebroso do que haviam antecipado. Ambos tinham plena consciência de que a filha, com os problemas cardíacos que a afectavam desde nascença, vivia à beira do precipício, mas não estavam, de modo nenhum, preparados para a possibilidade de a perderem de um modo tão súbito, ainda por cima por causa de uma doença que não possuía qualquer relação com as dificuldades a que se tinham habituado. Tudo lhes parecia agora arbitrário e injusto, a vida da filha entregue a um cruel capricho do acaso, como se o destino fosse um jogo de dados, prepotente e aleatório. A possibilidade de morte tornara-se surrealisticamente real, palpável, ameaçadora.

"Quão elevada é a taxa de mortalidade, doutora?", murmurou Tomás, horrorizado com a pergunta e receando a resposta, temendo-a, como nunca temera as palavras de alguém.

"A taxa global de sobrevivência a uma leucemia mieloblástica aguda anda, receio bem, entre os trinta e cinco e os sessenta por cento." Suspirou de novo, deprimida pelas más notícias que se via obrigada a dar. "Vocês têm de ser fortes e de estar preparados para o pior. É preciso que saibam que apenas uma em cada duas pessoas sobrevive a uma leucemia destas."

Constança e Tomás ficaram devastados com a informação, a situação da filha era bem mais grave do que alguma vez tinham imaginado. Diante de Margarida, contudo, mantiveram um ar positivo,

tentando encorajá-la a enfrentar o tratamento violento a que a pequena foi submetida de imediato.

Os médicos aplicaram-lhe uma agressiva poliquimioterapia, associando vários medicamentos a uma acção de controlo das complicações infecciosas e hemorrágicas. Foi efectuada uma punção lombar a Margarida para aspiração de líquido destinado a exame citológico e injeção de medicamentos directamente na espinal medula. A ideia era destruir por completo as células cancerígenas, numa tentativa de obrigar a medula óssea a produzir novamente células normais. Foi-lhe ainda implantado um ca-teter venoso central numa veia profunda, de modo a evitar o recurso a novas dolorosas punções lombares para aplicação de medicamentos, e efectuadas várias transfusões sanguíneas.

Ao fim de algum tempo, Margarida perdeu todo o cabelo e pareceu definhar. Porém, a poliquimioterapia começou a dar resultado. À medida que os exames de controlo eram efectuados, verificou-se que o número de mieloblastos estava a sofrer uma dramática redução. Quando se tornou claro que a situação iria estabilizar em breve, a doutora Tulipa voltou a reunir-se com Constança e Tomás.

"Prevejo que a Margarida entre em remissão na próxima semana", anunciou.

Os pais olharam-na, desconfiados, receando que aquela nova palavra prenunciasse mais uma catástrofe.

"O que quer dizer com isso, doutora?"

"Que o número de mieloblastos vai ficar normal", explicou. "Mas, pela minha análise, a situação permanecerá instável e a remissão será temporária. Por isso, só vejo uma maneira de salvar a vossa filha."

"Qual?"

"Com um transplante da medula óssea."

"E é possível fazer isso?"

"Sim."

"Em Portugal?"

"Sim."

Constança e Tomás entreolharam-se, como se buscassem mútuo consentimento, e voltaram a fixar a médica.

"Então do que estamos nós à espera? Vamos a isso."

Tulipa tirou os óculos e esfregou os olhos com a ponta dos dedos. Sentia-se cansada.

"Temos um problema."

Fez-se silêncio.

"Que problema, doutora?", sussurrou, por fim, Tomás.

"As nossas unidades de transplante estão congestionadas de trabalho. Só daqui a um mês será possível operar a Margarida."

"E então?"

"Não sei se ela resistirá um mês. Os meus colegas acham que sim, mas eu tenho dúvidas."

"Acha que a Margarida não pode esperar um mês, é?"

"Poder, pode. Mas é arriscado." Colocou os óculos e mirou Tomás.
"O senhor quer arriscar ainda mais a vida da sua filha?"

"Não. De modo nenhum."

"Então só há uma opção. A Margarida tem de ser operada no estrangeiro."

"Vamos a isso, doutora."

"Mas é uma operação cara."

"Sempre ouvi dizer que o Estado pagava."

"Sim, é verdade. Mas não neste caso. Havendo possibilidade de fazer a operação em Portugal e não estando comprovada a urgência, o Estado entende que não é obrigado a pagar operações no estrangeiro."

"Mas não está comprovada a urgência desta operação?"

"Na minha opinião, está. Mas não na opinião dos meus colegas. Infelizmente, essa é a opinião que prevalece para o Estado, de modo que nada será pago."

"Eu vou falar com eles."

"Pode falar à vontade, mas vai perder tempo precioso. Por entre troca de recursos e requerimentos, o tempo vai-se esgotando. E tempo é um luxo de que a sua filha neste momento não goza."

"Então pagamos nós."

"É caro."

"Quanto?"

"Fiz agora uma prospecção e encontrei um hospital pediátrico de Londres que está pronto a operar a Margarida na próxima semana. Enviei-lhes as referências genéticas do cromossoma seis da Margarida e eles efectuaram exames de histocompatibilidade que lhes permitiram detectar um doador compatível. Logo que a menina entre em remissão, o que prevejo venha a acontecer na próxima semana, estará em condições de ser transferida para Londres e operada de imediato."

"Mas quanto custa isso?", insistiu Tomás.

"Os custos do transplante, mais a estada no hospital, as viagens e os hotéis para os pais, tudo isso deverá rondar os cinquenta mil dólares."

"Quanto?"

"Dez mil contos."

Tomás baixou a cabeça, abatido, impotente.

"Não temos esse dinheiro."

A médica recostou-se na cadeira e pareceu desinchar.

"Então só nos resta rezar", concluiu. "Rezar para que os meus colegas tenham razão e a Margarida aguento um mês."

O azul-turquesa da piscina reluzia ao sol, sereno e convidativo, temperando a verdura que rodeava a esplanada do Pavilhão, o restaurante ao ar livre do Hotel da Lapa. O céu abria-se de luz, esplendoroso e acolhedor, com aquele anil profundo característico da Primavera; o dia nascera tão radioso que Nelson Moliarti escolheu a esplanada para o encontro urgente solicitado por Tomás. O historiador atravessou o jardim e deu com o americano vestido com calças cremes imaculadamente passadas e um pólo amarelo, a pele tisonada pelo sol, sentado numa mesa, por baixo de uma sombrinha branca, a saborear um sumo de laranja natural.

"Você não está com ar legal, não", comentou Moliarti, apreciando-lhe a palidez na face e as olheiras que marcavam os olhos. "Anda doente?"

"É a minha filha", explicou Tomás. Sentou-se ao lado do americano e mirou o infinito. "Tem um problema muito sério."

"Ah", exclamou Moliarti, baixando os olhos. "Lamento muito. É mesmo grave?"

"É, é grave."

Um empregado aproximou-se da mesa com um bloco de notas na mão.

"O cavalheiro deseja alguma coisa?"

"Tem chá verde?"

"Naturalmente que sim. Qual é o que deseja?"

"Sei lá. Um qualquer."

"Se não se opuser, vou trazer um Ding Gu Da Fang chinês. É um chá claro e vaporizado."

"Esse serve."

O empregado afastou-se e os dois homens ficaram sós na mesa, por baixo da sombrinha. Nenhum deles queria retomar a conversa, pelo que permaneceram um longo instante a observar uma rapariga magra, de cabelos pretos e pele trigueira, pernas compridas e largos óculos de sol no rosto fino, a passar de bikini encarnado pela borda da piscina com uma toalha ao ombro; lançou a toalha sobre uma espreguiçadeira, tirou os óculos e deitou-se languidamente ao comprido, virada para o sol, a barriga para cima, entregue ao prazer ocioso de quem vive sem preocupações.

"Preciso de dinheiro", disse finalmente Tomás, quebrando o silêncio.

Moliarti bebeu um trago de sumo.

"Quanto?"

"Muito."

"Quando?"

"Agora. A minha filha tem um problema muito, muito grave. Tem de ser operada de urgência no estrangeiro. Preciso de dinheiro."

Moliarti suspirou.

"Como sabe, temos meio milhão de dólares a pagar-lhe. Mas há uma condição."

"Eu sei."

"Está disposto a assinar o contrato de confidencialidade?"

Tomás cravou os olhos em Moliarti, furioso e resignado.

"Que alternativas tenho eu? Hã? Que alternativas?"

O americano encolheu os ombros.

"Você é que sabe."

"Então mostre-me aí a porra desse contrato e vamos lá acabar com esta fantochada."

Moliarti inclinou-se na cadeira e apanhou uma pequena pasta pousada no chão. Colocou-a sobre a mesa e abriu-a, revelando um documento jurídico.

"Quando você me ligou, calculei que queria assinar", observou o americano. "Está aqui o contrato."

"Leia-me lá isso."

O texto estava redigido em inglês e Moliarti leu-o de uma ponta à outra em voz alta. Era um contrato entre Tomás Noronha e a American History Foundation no qual a fundação se comprometia a pagar quinhentos mil dólares ao historiador em troca da promessa de sigilo quanto às investigações que o académico levou a cabo ao serviço da instituição. O documento era de tal modo pormenorizado que até mencionava as diversas formas de publicação. Ficava proibida a difusão das descobertas em artigos, ensaios, entrevistas e até conferências de imprensa e jamais poderia ser revelado o nome dos intervenientes no processo. O contrato previa ainda uma cláusula de penalização em caso de violação do estipulado num valor a dobrar aquele que a fundação pagava pelo sigilo. Ou seja, a fundação entregava meio milhão de dólares a Tomás como prémio pelos seus serviços. Se, porém, o historiador revelasse as conclusões da investigação pelos meios proibidos pelo contrato, teria de

devolver esse montante e pagar o mesmo valor como penalidade. Seria, ao todo, um milhão de dólares. Era um documento blindado.

"Onde é que assino?"

"Aqui", indicou Moliarti, apontando para os espaços em branco.

O americano emprestou-lhe uma caneta e Tomás assinou em duas cópias, uma para a fundação e outra para si. Devolveu a caneta e guardou a sua cópia na mala.

"Falta o cheque."

Moliarti tirou um livro de cheques da carteira e começou a preenchê-lo.

"Meio milhão de dólares, uh? Vai ficar rico", sorriu. "Vai poder tratar da sua filha e reconquistar a sua mulher..."

Tomás ficou a mirá-lo com ar interrogativo.

"A minha mulher?"

"Sim, vai poder reconquistá-la, não é? Com toda essa grana..."

"Como é que você sabe que eu estou separado da minha mulher?"

Moliarti parou de escrever, suspendeu a caneta e olhou-o, embaraçado.

"Uh... você me contou."

"Não contei, não." O tom de voz tornou-se mais agressivo. "Como é que você soube?"

"Uh... me devem ter contado..."

"Quem? Quem é que lhe contou?"

"Não... não me lembro. Puxa, vida, não precisa ficar bravo..."

"Não me venha com merdas, Nelson. Como é que você soube que eu estou separado da minha mulher?"

"Ué... ouvi por aí."

"Você está a mentir, Nelson. Mas eu não saio daqui enquanto você não explicar tudo muito direitinho. Como é que você soube que eu me separei da minha mulher?"

"Ah, não sei. Não importa, não é?"

"Nelson. Vocês andam a espiar-me?"

"Puxa, vida! Espiar é palavra forte para caramba! Digamos que nos mantivemos informados."

"Como?"

"Não interessa."

"Como?", quase gritou Tomás.

As pessoas em redor voltaram a cara, a atenção atraída pela agressividade da discussão. Moliarti apercebeu-se e fez um gesto a Tomás para se acalmar.

"Tom, não es quente."

"Não es quente, o caraças! Não saio daqui sem saber."

O americano suspirou. Tomás estava à beira do descontrolo e não via modo de o acalmar. Só havia uma saída.

"Okay, okay. Eu lhe conto tudo, mas você tem de me fazer uma promessa, está legal?"

"Que promessa?"

"De que você não vai esquentar quando eu lhe contar a verdade. Okayr

"Depende."

"Depende, não. Eu só lhe conto para você não esquentar. Se esquentar, eu não conto. Entendeu?"

"Muito bem."

"Não vai esquentar?"

"Não."

"Nem vai depois pôr a boca no trombone e dizer a todo o mundo que fui eu que contei?"

"Não."

"Promete?"

"Sim. Diga lá."

Moliarti voltou a respirar fundo. Bebeu mais um trago de sumo de laranja, justamente na altura em que o empregado reapareceu com o chá verde. Colocou o bule na mesa e uma chávena de porcelana, despejando nela o líquido claro e fumegante.

"Chá Ding Gu Da Fang", anunciou, antes de desaparecer.

Tomás engoliu um gole quente. A tisana tinha um sabor ligeiramente picante e frutado, muito agradável.

"Esta operação era muito importante para nós", começou Moliarti por explicar. "A investigação do professor Toscano, inicialmente dirigida à descoberta pré-cabralina do Brasil, tropeçou por acaso num documento desconhecido."

"Qual documento?"

"Presumivelmente, o que você encontrou."

"O Codex 632?"

"Isso."

"Aquele que vocês, no outro dia, adulteraram, quando assaltaram a Biblioteca Nacional?"

"Não sei do que você está falando."

"Sabe, sim. Não se arme em anjinho comigo."

"Você quer ouvir a história ou não quer?"

"Conte lá."

"Mas não esquentas, uh?"

"Já estou por tudo."

"Bem... uh... então, por causa desse achado, que o professor não nos identificou, ele se pôs a investigar justamente aquilo que jamais a fundação queria que ele investigasse. A verdadeira origem de Cristóvão Colombo. Tentámos corrigir o caminho, reencaminhando-o para a pesquisa sobre o Brasil, mas ele se obstinou e passou a fazer tudo em segredo. Foi o pânico na fundação. O cara estava fora de controlo. Ainda considerámos a possibilidade de o dispensarmos, mas isso não impediria que ele prosseguisse a investigação, aquela descoberta era demasiado escaldante. E, além do mais, havia o problema do documento, que não

sabíamos qual era nem em que sítio se encontrava arquivado. Quando o professor morreu, em circunstâncias estranhamente providenciais na minha opinião, tentámos perceber onde se escondia a prova que ele tinha descoberto. Vasculhámos os documentos que o professor guardava, mas apenas nos deparámos com algumas cifras incompreensíveis. Foi aí que veio a ideia de contratar você. Precisávamos de alguém que fosse simultaneamente português, historiador e criptanalista, de modo a melhor penetrar na mente do professor e desvendar o segredo, e você era o único que reunia essas três condições. Mas, como eu disse, esta era uma operação muito importante para nós. Ao reconstituir toda a investigação, tornou-se evidente que você também iria concluir que Colombo não era genovês e não podíamos correr o risco de se repetir aquilo que aconteceu com o professor Toscano. Foi aí que o John teve uma ideia. Ele tinha amigos das companhias petrolíferas americanas que operam em Angola e lhes perguntou se conheciam alguma prostituta de luxo que falasse bem português. Eles lhe apresentaram uma moça estonteante e o John contratou-a na hora."

Tomás abriu a boca, estupefacto. Nem queria acreditar no que estava a ouvir.

"Lena."

"O nome verdadeiro é Emma."

"Filhos da puta!"

"Você prometeu não esquentar." Fez uma pausa, mirando o seu indignado interlocutor. "Vai esquentar?"

Tomás fez um esforço para controlar a fúria. Respirou fundo e tentou descontrair-se.

"Não. Continue."

"Você tem de compreender que para a fundação era muito importante que as coisas não voltassem a correr mal. Muito importante mesmo. Para isso era fundamental que tivéssemos inside information. Entendeu? Você me fazia os relatórios regulares, mas que garantias tínhamos nós de que você nos estava contando tudo?" Deixou esta interrogação assentar. "Emma era a nossa garantia. Ela viveu vários anos em Angola, onde se relacionava com os big shots estrangeiros da indústria petrolífera, pessoal com muita grana que passava a vida em Luanda e

Cabinda. Era uma hooker de luxo, coisa fina, recusava clientes quando não gostava deles, fossem eles quem fossem. Emma vivia com o nome artístico de Rebecca e fingia ser americana, mas na verdade nasceu na Suécia. Era uma ninfomaníaca e, por isso, fazia de hooker por prazer, não por necessidade. Mostrámo-lhe uma fotografia sua, ela gostou e aceitou o negócio. Andou uma semana a estudar a matéria para se tornar uma estudante credível e seguiu para Lisboa antes mesmo de nós o contactarmos. Caçou você e passou a acompanhar a investigação, fazendo-me relatórios semanais do progresso."

"Mas eu acabei com ela."

"Sim, isso foi um problemão", observou Moliarti, balouçando afirmativamente a cabeça. "Puxa, cara! É preciso ter big balls para mandar embora uma gatona daquelas! Eu fiquei admirando você, entendeu? Andam milhões de homens a salivar por uma boneca assim, uma verdadeira bombshell, e você a despachou sem pensar duas vezes." Pôs dois dedos na testa. "É obra!" Fez um gesto largo com as mãos. "E nos trouxe uma dor de cabeça desse tamanho, uma vez que perdemos a nossa fonte mais fiável de informação. Foi aí que o John veio com a ideia de ela se apresentar perante a sua mulher. Podia ser que, com a sua mulher dando o fora, você chamasse Emma de novo. Ela não gostou da ideia e se opôs, mas as coisas são como são, não é? O John lhe explicou certas realidades e ela lá aceitou revelar tudo à sua mulher. Como previsto, sua mulher pegou nas coisas e sumiu e nós ficámos aguardando que você aceitasse a Emma de volta. Lhe demos ordem para aparecer nas aulas, mas, pelo jeito, você não reconsiderou."

"Onde está ela agora?"

"Mandámo-la embora, não sei por onde pára nesse momento. Nem interessa."

Tomás respirou fundo, agastado e enojado com toda aquela história.

"Isso foi uma grande sujeira, hã? Coisa mesmo baixa..."

Moliarti baixou a cabeça e recomeçou a escrever no cheque.

"É", admitiu. "Não foi a nossa melhor hora, não. Mas o que quer? É a vida."

Terminou de preencher o cheque e entregou-o a Tomás. Rabiscados a tinta azul, viam-se oito algarismos, um cinco e sete zeros. Meio milhão de dólares.

O preço do silêncio.

XVIII

A fachada neoclássica do British Museum desfilou à esquerda, imponente, majestosa, como se aquele fosse o mais imperial de todos os museus. O espaçoso táxi negro percorreu a estreita e acolhedora Great Russell Street e dobrou a esquina em Montague, aproximando-se do seu destino. Margarida tinha a cara encostada à janela e o nariz esborrachado no vidro, formando manchas embaciadas; permanecia alheia ao enorme barrete azul que lhe cobria a cabeça e escondia a calvice, era como se tivesse optado por ignorar o que lhe estava a acontecer e preferisse antes o grandioso espectáculo do mundo; mirava com interesse aquelas ruas estranhas, que lhe pareciam de um exotismo frio, cinzento e branco, mas sentia que havia algo de hospitaleiro naquela cidade, com os seus espaços arrumados, a traça elegante dos edifícios, as árvores bem arranjadas com tapetes de folhas pelo chão, as pessoas de ar altivo a cruzarem os passeios embrulhadas em gabar-dinas cor de creme e hasteando sombrios guarda-chuvas.

O céu pingava gotas minúsculas quando Tomás abriu a porta do táxi e contemplou o enorme edifício diante de si. O Russell Square NHS Hospital for Children era um vasto complexo com mais de cem anos, cheio de enfermarias espalhadas pelos quatro andares das suas várias alas. Margarida saiu pelos próprios pés e Constança deu-lhe a mão, enquanto Tomás pagava o táxi e transportava as malas. Cruzaram a porta de entrada e dirigiram-se à recepção, onde a funcionária verificou no computador a reserva que fora feita em Lisboa. Enquanto Constança preenchia a folha de registo da filha, Tomás assinou o formulário intitulado Undertaking to Pay e passou um cheque para depósito no valor de quarenta e cinco mil dólares, correspondente à previsão de custos do tratamento.

"Se os gastos excederem esta previsão, terá ainda de pagar a diferença", avisou a funcionária com ar muito profissional, como se

trabalhasse numa agência de seguros e tudo aquilo não passasse de uma simples transacção comercial. "Entendeu?"

"Sim."

"Três dias depois de o tratamento terminar receberá uma conta final que terá de saldar no prazo de vinte e oito dias."

Assumindo-se agora como uma recepcionista de hotel, a inglesa deu-lhes as direcções, indicando-lhes a enfermaria e o quarto onde Margarida iria ficar. Apanharam o elevador e subiram ao segundo andar; saíram num pequeno átrio e viram uma tabuleta a apontar em três direcções; seguiram a que indicava o Grail Ward, onde a filha seria internada. Tomás não pôde deixar de sorrir perante o nome da enfermaria, invocando o Graal, a taça que recolheu o sangue de Cristo e cujo conteúdo daria vida eterna a quem o bebesse; que nome tão perfeito para uma unidade de doenças de sangue dedicada a renovar a esperança de vida, pensou. O Grail Ward era um corredor tranquilo na área da hematologia com portas abrindo-se de ambos os lados para quartos individuais. Dirigiram-se à enfermeira de serviço e ela conduziu-os ao seu destino. O quarto de Margarida tinha duas camas, uma para a paciente e outra para a mãe, separadas por uma mesinha com um candeeiro e um vaso de flores a exhibir abundantes pétalas roxas mergulhadas em água.

"O que é isto, mamã?", quis saber Margarida, apontando para as flores.

"São violetas."

"Conta a histó'ia", pediu a pequena, acomodando-se na cama com ar expectante.

Tomás pousou as malas e Constança sentou-se ao lado da filha.

"Era uma vez uma linda menina chamada Io. Ela era tão bonita que o grande deus dos gregos, Zeus, ficou apaixonado por ela. Mas a mulher de Zeus, que se chamava Hera, é que não gostou da brincadeira e, cheia de ciúmes, perguntou a Zeus por que razão estava ele a prestar tanta atenção àquela rapariga. Zeus disse que era tudo mentira e, para disfarçar as coisas, transformou a bela Io numa bezerra e deu-lhe um campo de deliciosas violetas púrpura para pastar. Mas Hera permaneceu desconfiada e mandou um animal atormentá-la. Desesperada, Io atirou-se ao mar, hoje conhecido por mar Jónico, em homenagem a Io. Hera

convenceu Io a nunca mais ver Zeus e, em troca, fez dela novamente uma rapariga."

"Ah", murmurou Margarida. "E as flo'es que'em dize' o quê?"

"A palavra violeta vem de Io. Estas flores representam o amor inocente."

"Po'quê?"

"Porque a Io era inocente. Ela não tinha culpa de que Zeus gostasse dela, não achas?"

"Hmm-hmm", confirmou a pequena, abanando a cabeça afirmativamente.

A enfermeira, que tinha saído à procura de um formulário, regressou ao quarto para efectuar o questionário preliminar. Era uma senhora de meia-idade, com os cabelos puxados para trás e vestida com uma bata branca e azul-clara. Chamava-se Margaret, mas pediu para a tratarem por Maggy. A enfermeira encostou-se à cabeceira da cama de Margarida e fez perguntas sobre os hábitos e a rotina da criança, os seus gostos alimentares e história clínica; mandou a pequena colocar-se sobre uma balança, onde registou o peso, e mediu-lhe a altura junto à parede; tirou-lhe ainda a temperatura, o pulso e o ritmo respiratório e avaliou-lhe a pressão sanguínea. Levou-a depois ao quarto de banho e não descansou enquanto não lhe extraiu amostras de urina e fezes, às quais juntou ainda extractos de corrimento nasal e saliva, que de imediato levou ao laboratório para análise.

O casal ficou a arrumar as coisas. Margarida trouxera pouca roupa; apenas três camisas, um par de calças, uma sweater, uma saia e dois pijamas, mais a roupa interior. Os objectos de higiene foram colocados no quarto de banho e a sua boneca favorita, uma ruivinha que chorava quando era inclinada, ficou pousada sobre a cama. Também as roupas de Constança foram distribuídas pelas gavetas, afinal de contas a mãe iria dormir duas noites na cama ao lado, até ao dia da operação.

Um homem com uma bata branca, calvo no topo da cabeça e uma barriga que denunciava o seu gosto pela cerveja, entrou no quarto.

"Hello!", saudou, estendendo a mão. "Sou o doutor Stephen Penrose e serei eu quem vai operar a vossa filha."

Cumprimentaram-se e o médico efectuou de imediato um novo exame a Margarida. Fez mais perguntas sobre a sua história clínica e chamou a enfermeira, pedindo-lhe para efectuar um mielograma à menina; queria confirmar todos os dados que lhe foram remetidos de Lisboa. Maggy levou Margarida pela mão e Constança preparou-se para as acompanhar, mas o médico fez um sinal com a mão, pedindo-lhe para ficar no quarto.

"Penso que este é o momento adequado para esclarecerem todas as dúvidas que eventualmente tenham", explicou. "Presumo que conheçam os pormenores da operação..."

"Não muito bem", admitiu Tomás.

O médico sentou-se na cama de Margarida.

"O que vamos fazer é substituir a medula óssea doente, eliminando todas as células que ela contém e injectando-lhe células normais, de modo a formar uma nova medula. Este é um transplante alogénico, uma vez que as células normais provêm de um doador cuja compatibilidade está verificada."

"Quem é ele?"

"É um chap qualquer que vai ganhar uns dinheiros para que lhe aspiremos dez por cento da medula", sorriu. "Não tem implicações para a sua saúde e vai ficar com mais umas libras disponíveis para gastar no pub."

"E são esses dez por cento de medula que vão para a nossa Margarida?"

"Sim. A medula da vossa filha será totalmente destruída e ela vai receber a nova medula como quem recebe uma simples transfusão sanguínea. A nova medula está cheia de umas células a que chamamos progenitoras e que, uma vez colocadas na circulação sanguínea, vão alojar-se nos ossos e desenvolver uma nova medula."

"É tão simples como isso?"

"O procedimento é simples, mas todo o processo é tremendamente complicado e há riscos elevados. É que o processo de desenvolvimento da nova medula leva aí umas duas semanas, no mínimo, e é este o período crítico." Mudou o tom de voz, como quem quer sublinhar a importância do que vai dizer. "Durante estas duas semanas, a medula da Margarida

não vai desenvolver glóbulos brancos, glóbulos vermelhos nem plaquetas em quantidade adequada. Isso significa que ela está muito sujeita a hemorragias e a infecções. Se as bactérias a atacarem, o corpo dela não produzirá glóbulos brancos suficientes para neutralizarem esse ataque." Ergueu o sobrolho, acentuando este ponto. "Entenderam isso? Ela vai ficar muito vulnerável."

Tomás esfregou a testa, digerindo o problema.

"Mas como é que se consegue impedir que uma bactéria entre no corpo dela?"

"Colocando a menina em isolamento num quarto esterilizado. E a única coisa que podemos fazer."

"E se, mesmo assim, ela apanhar uma infecção?"

"Não terá defesas."

"Isso significa o quê?"

"Significa que poderá não sobreviver."

Tomás e Constança sentiram um peso abater-se sobre os ombros. Vinham avisados de Lisboa quanto aos riscos da operação, embora tivessem consciência de que não fazer o transplante constituía uma opção ainda mais arriscada. Mas isso não os consolava; por mais que a razão lhes indicasse que aquele era o caminho certo, o coração duvidava, preferia tudo adiar, esquecer o problema, fingir que ele não existia, atirá-lo para um recanto perdido da existência.

"Mas há uma boa notícia", acrescentou o médico, percebendo a necessidade de introduzir uma nota positiva, de esperança. "A boa notícia é que, passadas essas duas semanas críticas, a nova medula começará a produzir células normais e em grande quantidade, de modo que a Margarida ficará presumivelmente curada da leucemia. Claro que será depois necessário um trabalho de acompanhamento e vigilância, mas isso é algo a ver mais tarde."

A perspectiva da cura reanimou os pais, que se sentiam orgulhados numa montanha-russa de emoções, ora lá em baixo, ora cá em cima, sentindo a esperança substituída pelo desespero e depois pela esperança, numa sucessão infernal, quase tudo no mesmo fôlego, forçados a viverem com os dois sentimentos contraditórios em simultâneo.

Esperança e desespero.

As sete e meia da manhã do terceiro dia, Maggy entrou no quarto de Margarida e deu-lhe um tranquilizante. Constança e Tomás tinham passado a noite sem pregarem olho, sentados na cama ao lado a contemplarem a filha no seu sono tranquilo. Quem dormia assim não podia morrer, sentiram, esperando contra a esperança.

A chegada da enfermeira trouxe-os à realidade; Constança olhou para Maggy e pensou, quase sem querer, por associação de ideias, num condenado à morte a quem os guardas vêm buscar para o fuzilamento. Quase teve de se beliscar para impor a si mesma a ideia de que a enfermeira não vinha à procura da filha para a matar, mas antes para a salvar. É para a salvar, repetiu Constança a si mesma, procurando conforto nesse pensamento redentor.

É para a salvar.

Deitaram Margarida numa maca e levaram-na pelos corredores do Grail Ward até à sala de operações. A pequena ia consciente, mas sonolenta.

"Vou sonhar, mamã?", murmurou, estremunhada.

"Sim, filha. Sonhos cor-de-rosa."

"Co'-de-'osa", repetiu, quase cantarolando.

Encontraram o doutor Penrose à porta da sala. Tiveram dificuldade em reconhecê-lo porque vinha com uma máscara na cara e a cabeça tapada.

"Não se preocupem", disse Penrose com a voz abafada pela máscara. "Vai correr tudo bem."

As portas abriram-se em duas e a maca perdeu-se no interior da sala, empurrada por Maggy e com Penrose ao lado. As portas fecharam-se e o casal permaneceu um longo momento a mirá-las, como se Margarida lhes tivesse sido roubada. Tomás e Constança voltaram depois ao quarto e entreteram-se a fazer as malas, a filha já ali não voltaria depois da operação. Esforçaram-se por serem lentos, de modo a prolongarem a distração, mas mais lento era o tempo e depressa se viram sentados na cama, as malas prontas, sem nada para fazerem, ansiosos e angustiados, a mente a deambular pela sala de operações, imaginando o transplante que decorria naquele momento.

A tortura terminou duas horas depois. Penrose apareceu-lhes à frente já sem máscara, exibindo um sorriso confiante que de imediato os aliviou.

"Correu tudo bem", anunciou. "O transplante foi completado e tudo se desenrolou como previsto, não houve complicações."

A montanha-russa das emoções estava de volta, onde um minuto antes reinava a angústia imperava agora a alegria.

"Onde está a minha filha?", quis Constança saber, depois de reprimir uma quase irresistível vontade de beijar o médico.

"Foi transferida para um quarto de isolamento no outro lado da ala."

"Podemos ir vê-la?"

Penrose fez um gesto com as mãos, como se pedisse calma.

"Para já não. Ela encontra-se a dormir e é melhor deixá-la estar sossegada."

"Mas vamos poder vê-la ainda esta semana?"

O médico riu-se.

"Vão poder vê-la esta tarde, fiquem descansados. Se eu fosse a vocês ia dar uma volta, almoçava por aí e aparecia às três da tarde. Por essa altura ela já acordou e poderão visitá-la."

Saíram do hospital invadidos por uma agradável sensação de esperança, como se estivessem suspensos no ar, transportados por uma suave brisa primaveril. Correu tudo bem, dissera o médico. Correu tudo bem. Que palavras tão maravilhosas, tão benignas, tão retemperadoras. Nunca imaginaram que uma simples frase tivesse tanto poder, era como se aquelas três palavras fossem mágicas, capazes, por si só, de alterarem a realidade, de imporem um final feliz.

Correu tudo bem.

Deambularam pelas ruas quase aos saltos, rindo-se de coisa nenhuma, as cores brilhavam mais fortes, o ar parecia-lhes mais puro. Meteram pela Southampton Row até Holborn e viraram à direita, apanhando New Oxford Street. Atravessaram o grande cruzamento com Tottenham Court Road e Charing Cross e mergulharam na confusão agitada de Oxford Street, distraíndo-se a mirar as montras e a observar o

fluxo incessante da multidão que enchia o passeio. Sentiram fome por alturas de Wardour Street e viraram para o Soho, indo almoçar um teriyaki a um restaurante coreano que acenava com preços acessíveis. Fizeram a digestão a percorrer o Soho até Leicester Square, onde viraram na direcção de Covent Garden até apanharem a Kingsway mais à frente e voltarem para Southampton Row e Russell Square, eram já quase três da tarde.

A enfermeira Maggy anunciou-lhes que ia levá-los ao quarto onde se encontrava Margarida. Tomás mostrava-se preocupado com a possibilidade de transportar micróbios para o local, mas a inglesa sorriu. Mandou o casal lavar as mãos e a cara e entregou a ambos batas, luvas e máscaras, que tiveram de vestir antes de seguirem para a visita.

"Devem manter alguma distância em relação à menina", aconselhou Maggy enquanto caminhava à frente, a mostrar o caminho.

"Mas, quando a porta se abrir, não há o risco de entrarem bactérias?", perguntou Constança, ansiosa com a possibilidade de a visita representar um perigo para a filha.

"Não há problema. O ar do quarto está esterilizado e é mantido a uma pressão atmosférica superior ao normal, de tal modo que, quando as portas se abrem, o ar exterior não consegue entrar."

"E como é que ela come?"

"Com a boca, claro."

"Mas... não há perigo de infecções na comida?"

"A refeição também é esterilizada."

Chegaram à área de isolamento do pós-operatório da unidade de hematologia e Maggy abriu a porta de um quarto.

"É aqui", anunciou.

O ar era fresco e tinha um odor asséptico. Deitada na cama, encostada a uma almofada, Margarida tagarelava com a sua boneca ruiva. Olhou para a entrada e sorriu ao ver os pais.

"Olá, malta", saudou.

A enfermeira fez sinal para manterem a distância e o casal ficou junto aos pés da cama.

"Então, filha, estás bem?", perguntou Constança.

"Não."

"O que se passa? Dói-te alguma coisa?"

"Não."

"Então?"

"Tenho la'ica."

Constança e Tomás riram-se.

"Tens larica, é? Ainda não almoçaste?"

"Almocei."

"E ficaste com fome?"

"Fiquei. De'am-me Pango co' espa'guete."

"Era bom?"

"Uma po'ca'ia."

"Não comeste tudo, não?"

"Papei tudo. Mas que'o mais, 'tou co' fome."

"O pai já vai falar com o doutor para trazerem mais comida", interveio Tomás. "Mas tu também és uma gulipanas, não és? Se trouxermos um camião cheio de comida, aposto que limpas tudo e ainda ficas a queixar-te de estares com fome."

A pequena arrumou a boneca na mesinha de cabeceira e esticou os braços na direcção dos pais.

"Dêem-me uma beija'ocada, seus ma'otos."

"Eu queria, filha, mas o doutor diz que não posso", argumentou a mãe.

"Po'quê?"

"Porque tenho uns bichinhos dentro de mim e, se te der um beijinho, eles podem passar para ti."

"Ah, é?", admirou-se Margarida. "Tens bichinhos dent'o de ti?"

"Sim."

"Ugh!", exclamou a filha, esboçando uma careta de nojo. "Po'ca'ia."

Ficaram no quarto à conversa com Margarida. Mas Maggy voltou uma hora depois e pediu-lhes para saírem. Combinaram uma hora certa para as visitas diárias e despediram-se da filha com muitos acenos e beijos soprados das pontas dos dedos.

Tomás sentia o coração disparar sempre que se aproximava a hora das visitas. Aparecia no hospital meia hora antes e sentava-se nervosamente no sofá da sala de espera, os olhos atentos a qualquer movimento, contendo com dificuldade a ansiedade que o afogueava. Esse permanente desassossego, temperado por um leve travo doce que não conseguia definir, só abrandava quando Constança cruzava a porta, geralmente dez minutos antes da hora da visita. A inquietação era então substituída por uma tensão latente, incômoda mas estranhamente desejada, aquele tornara-se mesmo o ponto alto do dia, o momento para o qual vivia. Acompanhou assim a evolução da convalescença da filha, sempre expansiva e bem-disposta, mesmo quando atacada por sucessivos acessos de febre, que Penrose revelou serem normais. Mas tornava-se indesmentível que não era apenas por causa de Margarida que aquele se tornara o melhor instante do dia.

Havia Constança.

As conversas na sala de espera entre o casal revelavam-se, porém, tensas, aos repelões, cheias de embaraçados silêncios e atrapalhados subentendidos, alusões subtis, gestos ambíguos. Ao terceiro dia, Tomás deu consigo a planear antecipadamente os temas a abordar; enquanto tomava banho ou engolia o pequeno--almoço, estabelecia uma espécie de guião, tomando nota mental dos assuntos a abordar durante a espera para ir ver a filha. Quando Constança aparecia na sala para a visita do dia, desbo-binava aquela lista de temas como um aluno a recitar matéria durante uma oral; ao esgotar-se um assunto logo saltava para o seguinte, e assim sucessivamente; falavam sobre filmes, sobre livros que viram na Charing Cross, sobre uma exposição de pintura na Tate, sobre as flores à venda em Covent Garden, sobre o estado do ensino em Portugal, sobre o caminho que o país levava, sobre poemas e sobre amigos, sobre histórias do seu passado comum. Deixou de haver silêncios.

Ao sexto dia reuniu coragem e decidiu levantar a questão que mais o atormentava.

"Então e o teu amiguinho?", perguntou ele, esforçando-se por assumir o ar mais casual possível.

Constança levantou os olhos e esboçou um sorriso discreto. Havia já muito tempo que aguardava que a conversa fosse dar a este ponto e era importante que analisasse o rosto do marido quando a questão fosse levantada. Estaria nervoso? O assunto perturbava-o? Teria ciúmes? Perscrutou com discrição a expressão aparentemente impassível de Tomás, analisou-lhe o olhar e o jeito do corpo, reviu a forma como ele tinha formulado a pergunta e sentiu uma excitação a formigar-lhe no peito. Ele está danado, pensou, satisfeita. Bem tenta disfarçar, mas já o topo à distância. Até se rói.

"Quem? O Carlos?"

"Pois, esse tipo", disse Tomás, os olhos vagueando pela sala. "Vai tudo bem com ele?"

Morde-se de ciúmes, confirmou ela, mal disfarçando o sorriso.

"O Carlos vai indo. A minha mãe gosta muito dele. Diz que é feito para mim."

"Ah, muito bem", rosnou Tomás, reprimindo mal a irritação. "Muito bem."

"Porquê? O que te interessa isso?"

"Nada, nada. Perguntei por perguntar."

O silêncio instalou-se nesse dia na salinha de espera, pesado, ensurdecador. Permaneceram longamente calados, olhando para as paredes, jogando um jogo de nervos, de paciência, de amores--próprios magoados, nenhum queria ser o primeiro a esboçar o gesto inicial, a dar parte de fraco, a vencer o orgulho, a cauterizar as feridas abertas, a pegar nos cacos e a compor o que ainda podia ser remendado.

Chegou a hora da visita e fingiram nada terem notado, permaneceram sentados no sofá à espera de que o outro cedesse. Até que um deles tomou consciência de que alguém teria de recuar, alguém teria de dar o primeiro sinal, afinal de contas Margarida esperava--os do outro lado do corredor.

"A opinião da minha mãe não é necessariamente a minha", murmurou por fim Constança, antes de se levantar para ir ter com a filha.

A manhã do dia seguinte foi passada nas compras. Tomás saiu à rua com um sentimento de crescente confiança, tornava-se claro que as coisas se iam compondo a pouco e pouco. Apesar das febres intermitentes, Margarida resistia aos efeitos do transplante; e Constança, embora mantendo-se orgulhosamente distante, parecia-lhe disponível a uma aproximação; sabia que teria de agir com tacto, é certo, mas estava agora convencido de que, se jogasse bem as suas cartas, a reconciliação seria possível.

A recuperação da filha tornara-se a sua única preocupação. Para distrair a mente decidiu percorrer a pitoresca Charing Cross, saltando de livraria em livraria a espreitar pelas secções de história; andou pela Foyle's, pela Waterstones e pelos alfarrabistas à procura de textos antigos sobre o Médio Oriente, alimentando assim o velho projecto de estudar hebraico e aramaico para abrir novos horizontes à sua pesquisa.

Foi almoçar um caril de camarões a um restaurante indiano no fundo da rua, no enfiamento de Leicester Square, e regressou por Covent Garden. Ainda passeou pelo mercado e adquiriu numa banca de florista um ramo verde de salva-brava; Constança tinha--lhe dito que esta flor devia o seu nome ao latim salvare, salvar, e significava desejos de saúde e longa vida, um voto tão apropriado para Margarida. Ficou depois a observar um palhaço a efectuar acrobacias no meio de uma multidão ociosa, mas, impaciente por ver a filha e a mulher, acabou por meter por Neal Street e depois por Coptic Street, em direcção ao hospital. Desembocou diante do Museu Britânico e, como faltava ainda hora e meia para a visita, decidiu dar uma espreitadela lá dentro.

Cruzou a entrada principal, em Great Russell Street, e escalou a escadaria exterior; o museu estava em obras na área da antiga biblioteca, arrasada para se erguer uma ala central de linhas modernas e arrojadas, mas Tomás, após pedir direcções, virou logo à esquerda. Passou pelo salão das esculturas assírias e entrou no corredor da arte egípcia, uma das jóias do museu. As múmias encontravam-se no primeiro andar, despertando um fascínio mórbido nos visitantes, mas Tomás procurava outro tesouro. Deambulando pelos obeliscos e pelas estranhas estátuas de ísis e Ámon, só parou quando viu a rocha escura e luzidia exposta diante de si, exibindo três séries de misteriosos símbolos esculpidos na face lisa, eram mensagens remetidas por civilizações há muito desaparecidas e que viajaram pelo tempo até chegarem ali, levando a Tomás, naquele local e

naquele instante, notícias de um mundo que já não existia. A pedra de Roseta.

Saiu do museu quando faltavam vinte minutos para a hora da visita e pouco depois apresentou-se com o ramo de salva-brava diante da enfermeira de serviço na área de isolamento de hematologia e pediu para ver Margarida. A inglesa aparentava ser uma rapariga nova, com um cabelo loiro bonito mas uma pele muito gordurosa, ao peito um crachá a apresentá-la como Candace Temple. A enfermeira consultou o computador e, após uma hesitação, levantou-se do lugar e veio até à porta.

"Siga-me, por favor", disse, metendo pelo corredor. "O doutor Penrose quer falar consigo."

Tomás acompanhou a inglesa rumo ao gabinete do médico. Candace era pequena e caminhava com um passo curto e rápido, algo deselegante. A enfermeira estacou diante do gabinete, bateu à porta e abriu-a.

"Doctor, mister Thomas Norona is here."

Tomás sorriu ao ouvir o seu nome ser assim pronunciado.

"Come in", disse uma voz lá dentro.

Candace afastou-se e Tomás entrou no gabinete, sorridente, ainda a pensar no "Thomas Norona" pronunciado pela enfermeira. Viu Penrose erguer-se da secretária, um vulto pesado, lento, de rosto fechado e os olhos carregados.

"Queria falar comigo, doutor?"

O médico fez um gesto em direcção ao sofá e sentou-se ao lado de Tomás. Manteve o corpo inclinado para a frente, como se tencionasse levantar-se a todo o momento, e respirou fundo.

"Receio ter más notícias para si."

A expressão toldada no rosto do clínico parecia dizer tudo. Tomás abriu a boca, horrorizado, as pernas a fraquejarem, o coração saltitando desordenadamente.

"A minha filha...", balbuciou.

"Lamento dizer-lhe, mas o pior cenário, aquele que mais temíamos, acabou mesmo por acontecer", anunciou Penrose. "Ela apanhou uma bactéria qualquer e encontra-se neste momento em estado muito crítico."

Colada ao vidro que se abria para o quarto de Margarida, Constança tinha os olhos embaciados, o nariz vermelho, uma mão na boca, e soluçava baixinho. Tomás abraçou-a e ficaram ambos a observar a filha deitada na cama para lá da janela, a cabeça luzidia, calva, dormindo um sono agitado, a lutar entre a vida e a morte. As enfermeiras circulavam num corrupio e Penrose apareceu um pouco mais tarde para orientar o trabalho. Depois de analisar Margarida e dar novas instruções, foi ter com o aterrorizado casal.

"Ela salva-se, doutor?", disparou Constança, submersa em ansiedade.

"Estamos a fazer o que podemos", indicou o médico com ar sombrio.

"Mas ela salva-se, doutor?"

Penrose suspirou.

"Estamos a fazer o que podemos", repetiu. "Mas a situação é muito grave, a nova medula ainda não amadureceu e ela não tem meios de defesa. Vocês têm de se preparar para o pior."

Os pais da menina não conseguiram abandonar a janela que lhes mostrava o que se passava no quarto. Se Margarida tinha de morrer, decidiram, não morreria sozinha, os pais estariam o mais próximo possível de si. Ficaram a tarde e depois a noite inteira pregados ao vidro; uma enfermeira trouxe-lhes duas cadeiras e ali se sentaram, colados à janela, os olhos fixos na filha em agonia.

Pelas quatro da manhã notaram uma súbita agitação no quarto e ergueram-se da cadeira, ansiosos. A menina, que durante tanto tempo se agitara num sono febril, mostrava-se agora imobilizada, o rosto já sereno, e uma enfermeira apressou-se a chamar o médico de serviço. Do lado de cá da janela tudo se passava em silêncio, era como se Tomás e Constança estivessem a ver um filme mudo, mas um filme de terror, tão assustador que tremiam ambos de medo, sentiam que tinha chegado o momento mais terrível das suas vidas.

O médico apareceu instantes mais tarde, estremunhado, como se tivesse acabado de acordar; era um homem gordo, com uma grande

papada sob o queixo e o nome assinalado ao peito, Hackett. O clínico debruçou-se sobre a paciente, sentiu-lhe a temperatura, mediu-lhe a pulsação, ergueu-lhe uma pálpebra para observar o olho, consultou o registo de uma máquina e conferenciou durante alguns momentos com as enfermeiras. Quando se preparava para sair, uma das enfermeiras indicou-lhe com um gesto a janela onde se encontravam os pais, como se lhe dissesse que teria de lhes comunicar a notícia, e o médico, após uma ligeira hesitação, foi ter com eles.

"Boa noite, sou o doutor Hackett", apresentou-se, constrangido.

Tomás apertou a mulher com mais força, preparando-se mentalmente para o pior.

"Lamento muito..."

Tomás abriu a boca e fechou-a, sem emitir um som, um único que fosse. Horrorizado, paralisado, incapaz de pronunciar uma palavra, tão atordoado que não sentia ainda a dor que lhe embaciava já o olhar, as pernas a fraquejarem, o coração saltitando desordenadamente, captou nesse instante a expressão de compaixão que bailava nos olhos do médico e compreendeu, enfim, que aquela expressão encerrava uma notícia brutal, que o pesadelo que mais receava se tornara real, que a vida não passava mesmo de um frágil suspiro, um fugaz instante de luz na eterna treva do tempo, que o seu pequeno mundo ficara insuportavelmente pobre, que se perdera para sempre aquele ar puro e honesto que tanto o encantava no rosto ingénuo de Margarida. E naquele momento de perplexidade, naquela suprema fracção de agonia entre o choque da notícia e a explosão de sofrimento, espantou-se por não ver brotar dentro de si uma justa revolta pela cruel traição do destino, mas antes, e apenas, uma medonha mágoa, uma tremenda saudade pela sua menina perdida, a nostalgia dolorosa e profunda de um pai que sabe jamais ter havido filha tão bela como a sua, que nunca um cardo assim se pareceu tanto com a mais bonita flor do prado.

"Sonhos cor-de-rosa, minha querida."

XIX

Não há dor maior do que a de alguém que perdeu um filho. Tomás e Constança passaram meses atordoados pela morte de Margarida, era como se se tivessem desinteressado das coisas, alheado da vida,

entregando-se com abandono a uma indiferença doentia. Fecharam-se sobre si mesmos e procuraram consolo um no outro, buscando memórias comuns, partilhando afectos resgatados do esquecimento, e nesse processo de mútuo conforto, em que se dobraram num casulo só seu, acabaram por se aproximarem. Quase sem darem por isso, como se a infidelidade de Tomás se tivesse tornado agora uma absurda irrelevância, um longínquo acontecimento do qual restava apenas uma difusa e insignificante lembrança, começaram a viver juntos.

Foram difíceis os momentos passados a dois no pequeno apartamento. Cada canto encerrava uma memória, cada espaço uma história, cada objecto um instante. Levaram muitas semanas a rondar o quarto da filha, passavam pela porta sem se atreverem a cruzá-la; tratava-se de algo que se situava para lá das suas forças, limitavam-se antes a mirar aquela entrada e a temer o que se encontrava para além dela. Era como se ali estivesse erguida uma barreira intransponível, a passagem para um mundo perdido, um lugar mágico suspenso no tempo e cujo encantamento recebiam desfazer. A verdade é que não queriam enfrentar a realidade do compartimento deserto, agora transformado no símbolo da filha desaparecida.

Quando, finalmente, franquearam a porta e depararam com as bonecas deitadas na cama, os livros alinhados nas prateleiras e as roupinhas guardadas nas gavetas, como se tudo tivesse acabado de ser arrumado, sentiram-se como viajantes no tempo, de volta à montanha-russa das emoções; no ar ainda pairava qualquer coisa de indefinido, um cheiro, um jeito, um ambiente, algo intocado e dolorosamente remanescente da essência juvenil de Margarida. Vencidos pela emoção, vergados pelo sofrimento, depressa fugiram do quarto e voltaram a manter-se afastados. Como era terrível viver desse modo, naquela atmosfera carregada de nostalgia e assombrada pela penosa recordação da menina. Sofriam quando circulavam pela casa, sofriam quando se afastavam dela.

Ao fim de alguns meses concluíram que não podiam continuar assim. Os dias sucediam-se sem rumo, a existência revelava-se oca, a vida parecia-lhes não ter sentido. Ganharam gradualmente consciência de que era preciso fazer algo, mudar o rumo das coisas, parar a queda no abismo. Um dia, sentados no sofá, em silêncio, deprimidos até à loucura, confrontados com o beco sem saída a que as circunstâncias os atiraram, tomaram uma decisão. Iam romper com o passado. Mas para isso

precisavam de um projecto, de uma direcção, de uma luz que os orientasse, e depressa perceberam que só havia um caminho, que o destino da salvação passava por duas coisas.

Um novo filho e uma nova casa.

Com o dinheiro entregue pela fundação adquiriram uma pequena vivenda em Santo Amaro de Oeiras, perto do mar, e ficaram à espera da criança que lhes viesse encher a casa. O mais estranho é que descobriram que ambos desejavam um filho igual a Margarida, com os mesmos defeitos, mesmo os genéticos, se necessário fosse, desde que viesse com idênticas qualidades, aquela alegria e generosidade com que a menina deficiente os conquistara; queriam um bebé como quem deseja apagar um sonho mau, como se através dele a filha perdida pudesse, enfim, regressar para junto dos seus.

A morte de Margarida levou Tomás a reflectir também sobre o sentido da sua integridade profissional. Vendera a honra a troco de dinheiro para salvar a filha, mas tudo se passou depois como se tivesse sido punido pela vergonhosa cedência que se vira obrigado a fazer, como se tudo aquilo não passasse de uma severa lição divina, um teste à sua seriedade, uma simples prova moral à qual desastrosamente reprovara. Esta conclusão remeteu-o de volta à investigação que tinha efectuado para a fundação. Inquieto, perturbado com a ideia de que não estivera à altura dos seus deveres, andou a matutar longamente no assunto. Deu consigo a ler o contrato vezes sem conta, para a frente e para trás, estudando cada cláusula à lupa, pesando as palavras, analisando as opções, procurando buracos, testando fragilidades. Chegou até a falar com o Daniel, um primo de Constança que se formara em Direito, para avaliar o documento com mais pormenor.

A verdade é que Tomás não conseguia agora suportar a decisão que se vira forçado a tomar quando assinara o contrato de confidencialidade a troco do meio milhão de dólares que supostamente iria salvar Margarida. O facto é que não a salvou e ninguém lhe tirava agora da cabeça a ideia de que a morte da filha tinha sido uma punição pelo miserável negócio em que se metera. O problema tornou-se, a pouco e pouco, uma obsessão. As descobertas foram enclausuradas, é certo, mas sentia-as vivas, inconformadas, revoltadas, prontas a rebentarem-lhe no peito, a rasgarem-lhe os ossos, a despedaçarem-lhe a carne e a irromperem pelo mundo numa erupção incandescente. Porém, por mais que procurasse formas de

soltar a verdade silenciada, de libertar o seu grito reprimido, a derradeira cláusula do contrato tolhia-lhe os movimentos. A quebra do sigilo custar-lhe-ia um milhão de dólares e esse era dinheiro de que não dispunha.

Havia duas verdades que se via obrigado a calar. Uma era a verdade objectiva, a verdade ontológica, a verdade histórica em si, a verdade para além da qual tudo era falso. O facto de que o homem que descobriu a América se chamava Colonna, era um fidalgo português com sangue parcialmente judeu e italiano e desempenhara uma missão secreta ao serviço de D. João II. Essa verdade permanecia na sombra há cinco séculos e parecia destinada a lá continuar. A segunda era a verdade moral, a verdade subjectiva, a verdade de quem só se sente bem com a verdade, a verdade para além da qual tudo era mentira. Este era o campo da ética, dos princípios que o guiavam na vida, dos valores que dão corpo à honestidade, à integridade, à ideia de que a verdade tem de triunfar, custe o que custar, que há uma relação intrínseca entre a verdade, a honestidade e a integridade. Amordaçar esta verdade moral era o que mais lhe doía, sentia a mentira como uma facada em tudo o que acreditara, o desmoronar da ética em torno da qual estruturara a sua vida. O que mais o atormentava era, sem dúvida, essa traição à sua consciência, era ela o monstro que o martirizava nos pesadelos mais sombrios, a adaga que trazia cravada no coração, o cancro que lhe envenenava as entranhas, o ácido que lhe corroía a alma e lhe quebrava a vontade de voltar a acreditar em si mesmo.

Sentia-se um vendido. Miserável, conspurcado, indigno. Pela primeira vez tomou consciência de que a verdade tinha um preço, de que ele próprio a podia sacrificar em nome de um outro valor. De certo modo, identificou-se com o dilema vivido quinhentos anos antes por D. João II. Imaginou por instantes o Príncipe Perfeito sentado nas muralhas do Castelo de São Jorge, junto às oliveiras plantadas diante do paço real, Lisboa a seus pés, confrontado com o seu próprio dilema. Havia terras a ocidente e a Ásia a oriente. Gostaria de ter as duas, mas sabia que só poderia possuir uma. Qual escolher? Qual sacrificar? Também ele foi colocado perante um dilema e se viu forçado a tomar uma opção. E tomou-a. Deu aos castelhanos a descoberta do Novo Mundo para poder ficar com a Ásia. Colombo foi o seu contrato de confidencialidade, a Ásia a sua Margarida. D. João II teve de escolher e escolheu; bem ou mal, escolheu. Foi isso, afinal, o que ele próprio, Tomás, também fizera. Escolhera.

Mas não se conformava.

D. João II apenas comprometeu a verdade enquanto a mentira lhe era necessária para ficar com a Ásia. O seu homem de maior confiança, Ruy de Pina, encarregara-se depois de repor os factos quando considerou que a verdade já não colocava em perigo a sobrevivência da estratégia portuguesa; e, não fora a intervenção de D. Manuel, ou de alguém por ele, outra história contaria a Crónica de D. João II. Mas Tomás não dispunha de nenhum Ruy de Pina que o pudesse ajudar, não tinha ninguém que lhe escrevesse um Codex 632 onde a verdade fosse insinuada por baixo das rasuras da mentira. Sentia-se atado, amarrado pelos grilhões da impostura, vergado pelo peso do compromisso que aceitara, conformado com o destino a que a sua opção irremediavelmente o remetera. Feitas as contas, a mentira vencera, a verdade jazia morta.

Foi nesse instante, sem saber bem porquê, mas foi nesse instante

que primeiro compromisso a que Moliarti o obrigara, da primeira indignidade que aceitara. Sentado numa bancada do Claustro Real do Mosteiro dos Jerónimos, o americano forçara-o, contra a sua vontade, a ir a casa de Toscano mentir à viúva para obter a informação de que precisavam de maneira a fazer avançar a pesquisa. Era uma pequena mentira, coisa insignificante, minúscula mesmo, mas, de todo o modo, o primeiro passo na direcção que inexoravelmente tomou, a primeira inclinação de um terreno que depressa se abriu num precipício, um abismo escuro e profundo onde enterrou o que lhe restava da consciência. Comprometeu a verdade uma vez, dizendo a si próprio que era uma excepção, que não tinha tanta importância como isso, afinal de contas vezes não são vezes, a vida é mesmo assim, o que é uma mentirinha perante o grande bem final? Mas a excepção logo se tornou regra; e ali estava ele, envergonhado, inapelavelmente enredado no emaranhado traiçoeiro das teias da impostura.

Lembrou-se também de uma chama que no Claustro Real fugazmente o iluminara, um grito que por momentos lhe reverberou na consciência, violento, audaz, tempestuoso; mas, ao mesmo tempo, fugidio, efémero, foi um instante de lucidez logo silenciado pela voz da ganância, um fogacho de luz que a sinistra treva depressa apagara.

Era um poema.

Um poema de Fernando Pessoa. Encontrava-se inscrito no túmulo do grande poeta, nos Jerónimos, cravado na pedra para durar até à eternidade. Fez um esforço de memória e as letras tornaram-se palavras e as palavras fizeram-se ideias e assumiram sentido e ganharam esplendor:

PARA SER GRANDE, sê inteiro: nada

Teu exagera ou exclui.

Sê todo em cada coisa. Põe quanto és

No mínimo que fazes.

Assim em cada lago a lua toda

Brilha, porque alta vive.

Repetiu o poema vezes sem conta, baixinho; sentiu aquela chama perdida reacender-se, primeiro ténue, frágil, hesitante, bem distante, mas logo dilatando-se, iluminando-lhe o coração, ateando-se à medida que a voz crescia, espalhando-se, incendiando-lhe a alma, era já fogo que ardia no tumulto da sua consciência, um incêndio infernal que lhe forjava o ferro da determinação.

Gritou.

Sê inteiro. Serei. Sê todo em cada coisa. Serei. Põe quanto és no mínimo que fazes. Porei. Nada teu exagera ou exclui. Nada excluirei. A lua toda brilha porque alta vive. Brilhará.

A decisão estava tomada.

Tomás sentou-se diante do computador e olhou para o ecrã vazio. Preciso de outro nome, foi o primeiro pensamento que lhe ocorreu. Talvez um pseudónimo. Não, um pseudónimo não é boa ideia. Preciso antes de alguém que esteja acima de tudo, alguém que os outros escutem. Alguém que aceite ser o meu Ruy de Pina. Hmm... mas quem? Um historiador famoso, inevitavelmente. Não, vendo bem, um historiador não, seria demasiado arriscado, a ligação acabaria por ser facilmente estabelecida. Preciso antes de alguém diferente, de fora do sistema, alguém que aceite dar o nome pela verdade que tenho para revelar. Sim, é isso. Mas quem? Hmm... bem, depois vejo quem. A minha prioridade agora é estabelecer o modo enunciativo que irei adotar. O contrato proíbe--me de escrever ensaios, fazer artigos, conceder entrevistas, dar conferências de imprensa. Mas, e se eu contar tudo em forma de romance, hã? Não era má ideia, pois

não? Em bom rigor, o contrato não o proíbe. É ficção, tenho sempre essa defesa.

É ficção. Além do mais, não serei eu quem dará a cara, não é? Será outro. O meu Ruy de Pina. Um romancista ou coisa assim. É boa essa, um romancista. Ou, nova ideia, por que não um jornalista? Não era mal pensado, um jornalista, esses gajos lidam diariamente com a fábrica do real. Hmm... ideal mesmo era um jornalista romancista, há para aí uns quantos, pode ser que convença algum. Bem, depois penso nisso, há tempo. Para já vou concentrar-me no que tenho para contar, na realidade que transformarei em romance, na ficção que usarei para repor a verdade. Através da história escreverei a História. Mudarei os nomes dos intervenientes, é evidente, e apenas relatarei aquilo que vi, vivi e descobri. Apenas isso. Bem... talvez com excepção de um capítulo introdutório, afinal de contas tudo isto começou com a morte do professor Toscano e eu não assisti a ela, não é? Aí vou usar a imaginação, que remédio! Terei de imaginar como ele morreu. Ora bem, sei que o professor faleceu a beber um sumo de manga e que estava no seu quarto de hotel no Rio de Janeiro. Esses são os factos. O resto, o modo como as coisas aconteceram, é uma questão de imaginação. Só preciso mesmo é de um ponto para começar. Deixem-me cá ver por onde. E que tal começar com ele a beber o sumo e a cair morto, hã? Hmm... não, isso é directo de mais. Tenho de começar a acção antes de ele morrer, para aí uns três ou quatro minutos antes, de modo a preparar o leitor. Até posso anunciar logo à cabeça que ele vai morrer, uma espécie de... de premonição, de agoiro. Olha, é isso. Talvez seja melhor começar por um agoiro. Hmm... e depois fazia a coisa em contagem decrescente, assim para criar uma certa tensão. Boa, é uma ideia porreira, vamos a isso.

Tudo isto pensou Tomás Noronha nos longos instantes em que ficou pregado na cadeira a contemplar o ecrã do computador, como se estivesse mergulhado num transe, embriagado pela doce perspectiva de libertar aquela fúria que lhe encarcerava a alma. Ergueu depois os dedos e, guiado por uma redentora pulsão de verdade, como um maestro diante da orquestra a arrancar dos violinos e dos trombones uma grandiosa sinfonia, atacou, enfim, o teclado e deixou desfilar no ecrã a melodia da história.

"Quatro. O velho historiador não sabia, não podia saber, que só lhe restavam quatro minutos de vida."

FIM

Nota final

A origem de Cristóvão Colombo encontra-se envolta em obscuros véus de mistério, enlaçados em intrincados nós que apenas deixam transparecer os contornos desfocados de uma personagem muito complexa. A emaranhada teia de segredos parece ter sido urdida pelo próprio grande navegador, o qual, de forma deliberada e planeada, ocultou muita informação sobre o seu passado, envolvendo-o num manto de silêncios e charadas sussurradas e deixando atrás de si um longo rasto de pistas contraditórias e frases ambíguas. Os motivos por que o fez não são ainda claros e constituem fonte de intensa especulação entre historiadores e leigos.

Para tornar mais difusos os traços nebulosos deste homem, cujo rosto ninguém conhece, muitos documentos eventualmente esclarecedores acabaram por se perder nos percursos labirínticos do tempo, facto agravado pela constatação de que a maioria dos textos que sobreviveram não são originais, mas cópias que poderão ou não ter sido adulteradas. Como se isso não bastasse, houve documentos que se revelaram falsificações habilidosas, ao mesmo tempo que perduram dúvidas no que diz respeito à autenticidade de mais uns quantos. Sobre numerosos pormenores do percurso de Colombo encontram-se, por isso, poucas certezas, inúmeras contradições e diversos enigmas, terreno fértil para abundantes especulações sobre quem foi verdadeiramente o descobridor da América.

Para que não restem dúvidas é importante sublinhar que, embora inspirado em factos reais e recorrendo a documentos autênticos, que podem ser encontrados em várias bibliotecas, este é um trabalho de ficção. Foram muitas as fontes para os diversos temas de que é feito este romance, a começar pelas bibliográficas. O rol das obras consultadas é de tal modo extenso e variado que não o exporei aqui, sob pena de abusar desnecessariamente da paciência dos leitores. Referência apenas para os autores que se revelaram relevantes para obter elementos relativos aos

aspectos mais controversos e polémicos sobre a origem e a vida de Colombo, uma lista que inclui Patrocínio Ribeiro, Pestana Júnior, Santos Ferreira, Ferreira de Serpa, Arthur d'Ávila, Alexandre Gaspar da Naia, Mascarenhas Barreto, Armando Cortesão, Jorge Gomes Fernandes, Vasco Graça Moura, Alfredo Pinheiro Marques, Luís de Albuquerque, Luiz de Lencastre e Távora, Simon Wiesenthal, Maurizio Tagliattini, Moses Bensabat Amzalak, Jane Francês Almer, Sarah Leibovici, Salvador de Madariaga, Ramón Menéndez Pidal, Luciano Rey Sánchez, Gabriel Verd Martorell e Enrique Bayerri y Bertomeu.

Muitos amigos estiveram, directa ou indirectamente, por trás deste romance, embora, e como é natural, permaneçam alheios à intriga ficcional. Agradeço penhoradamente os valiosos contributos de João Paulo Oliveira e Costa, professor de História dos Descobrimentos da Universidade Nova de Lisboa; Diogo Pires Aurélio, director da Biblioteca Nacional de Lisboa; Paola Caroli, directora do Archivio di Stato di Génova; Pedro Corrêa do Lago, presidente da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e um dos mais importantes coleccionadores mundiais de manuscritos autógrafos; António Gomes da Costa, presidente do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro; o embaixador António Tanger, que me abriu as portas do palácio de São Clemente, no Rio de Janeiro; António da Graça, pai e filho, e Paulino Bastos, ciclerones pelo Rio de Janeiro; Helena Cordeiro, que me deixou espreitar por uma janela sobre Jerusalém; o rabino Boaz Pash, o último cabalista de Lisboa; Roberto Bachmann, presidente da Associação Portuguesa de Estudos Judaicos; Alberto Sismondini, professor de Italiano na Universidade de Coimbra, conhecedor das línguas da Ligúria e um valioso auxiliar para o dialecto genovês; Doris Fabris-Bucheli, preciosa guia pelo Hotel da Lapa, em Lisboa; João Cruz Alves e António Silvestre, os guardiães dos portões que ocultam os mistérios da Quinta da Regaleira, em Sintra; Mário Oliveira e Conceição Trigo, médicos cardiologistas do Hospital de Santa Marta, em Lisboa; Miguel Palha, médico e fundador da Associação Portuguesa de Portadores de Trissomia 21, e a sua Teresa; e ainda Diná, Francisco e Rosa Gomes, que comigo partilharam as suas experiências.

Mas foi a Florbela, como sempre, a primeira leitora e mais importante crítica, o farol que me guiou pelo intrincado labirinto da narrativa.